

ARQVIVO

DO DISTRITO DE

AVEIRO

Vol. 37/38

biblioteca

VOLUME XXXVII

AVEIRO

1971

TOFERTA

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

FUNDADA EM 1935 POR ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADALIL,
FRANCISCO FERREIRA NEVES E JOSÉ PEREIRA TAVARES

DIRECÇÃO DE

FRANCISCO FERREIRA NEVES
JOSÉ PEREIRA TAVARES
EDUARDO ALA CERQUEIRA

DIRECTOR DELEGADO

FRANCISCO FERREIRA NEVES

PROPRIEDADE DE

ALBERTO DE SOUSA MACHADO FERREIRA NEVES
FRANCISCO FERREIRA NEVES
JOSÉ PEREIRA TAVARES

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO FREIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

NOTA

Em alguns exemplares do n.º 145 do «Arquivo do Distrito de Aveiro» estão trocadas entre si as duas folhas com as páginas 69/70 e 79/80.

NO SIGNO DOS «ESTRANGEIRADOS»

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES

NATURAL DE AVEIRO

SÓCIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE PARIS
E DA REAL SOCIEDADE DE LONDRES

(1722-1790)

«This man / Is of no common order,
as his port / And presence here denote
[...] his aspirations / Have been beyond
the dwellers of the earth.»

(BYRON, *Manfred*, acto 11).

1 — NO SIGNO DOS «ESTRANGEIRADOS»

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES foi um «estrangeirado». Falemos, pois, dos «estrangeirados», para começar.

Há quem faça ascender ao reinado de D. DINIS a história progressa dos «estrangeirados», antes do séc. XVIII, porventura o século em que mais nitida foi a influência dos «estrangeirados» em Portugal. D. DINIS — diz-se — não teria feito o que fez, em matéria cultural, se para aí não tivesse sido alertado pelo AIMERIC D'EBRARD. Seria, pois, D. DINIS o primeiro «estrangeirado», não por ter estado «lá fora», mas por ter acusado o toque da presença de um estrangeiro na sua cultura.

* * *

No séc. XVI, muitos foram os estudantes portugueses que frequentaram Universidades estrangeiras e que, mercê do seu prestígio intelectual, uma vez doutorados, vieram, depois, a ser professores nessas mesmas Universidades — em Espanha, Itália, Alemanha e França.

Porque teria emigrado toda esta gente para o estrangeiro? Fácil a resposta. A nossa Universidade era de fraco nível. E, sendo assim, os que pretendiam uma séria preparação escolar demandavam as Universidades estrangeiras de prestígio: Salamanca, Alcalá de Henares, Pádua, Lovaina e, sobretudo, Paris.

Os primeiros «estrangeirados» portugueses foram precisamente esses que, não encontrando na sua terra a cultura que apeteçiam, a procuraram «lá fora», vindo, depois, colocar os seus méritos ao serviço da Pátria — no mundo da ciência e da expressão literária. Numerosos foram os que frequentaram as citadas Universidades estrangeiras. Indicaremos apenas alguns nomes cimeiros: ANDRÉ DE RESENDE, AIRES BARBOSA, DIOGO MENDES DE VASCONCELOS, JERÓNIMO OSÓRIO, D. ANTÓNIO PINHEIRO, PEDRO NUNES, MIGUEL CABEDO, GARCIA DE ORTA, D. TEOTÓNIO DE BRAGANÇA, e tantos outros, porquanto não temos aqui o propósito de apresentar uma lista exaustiva.

Das Universidades mencionadas, a mais categorizada, aquela que mais estudantes portugueses atraiu, aquela que formou maior número de «estrangeirados», foi porventura, a de Paris, foco de todas as ciências de então, *celebre illud Parisiense omnium scientiarum domicilium*, se quisermos empregar a frase de DIOGO MENDES DE VASCONCELOS (1). A fina flor dos Gouveias aí desabrochou — ANTÓNIO DE GOUVEIA na linha da frente. Tão notável foi essa plêiade dos Gouveias, que conseguiu lugares de excepcional relevo, no movimento pedagógico renascentista francês. Foram os Gouveias que presidiram aos destinos culturais do Colégio de Santa Bárbara, em Paris, e do de Guiana, em Bordéus (2). Estrangeiros em terra francesa, honraram o nome português.

Dissemos, mais atrás, que muitos estudantes portugueses demandaram as Universidades estrangeiras, por a nossa estar em manifesta crise. Mas estudantes houve também que emigraram, por serem cristãos novos. De uma só vez, procuravam a cultura a que aspiravam (sobretudo no campo da medicina), e fugiam à perseguição que lhes era movida na sua terra. Formados em

(1) Segundo PEDRO RAMO, a Universidade de Paris, não era então apenas «a Universidade duma cidade, mas de todo o mundo». (Em D. M. GONÇALVES CEREJEIRA, *Clenardo*, nova edição refundida, pág. 36, Coimbra, 1926).

(2) «D. JOÃO III tinha sob a sua protecção o afamado colégio de Santa Bárbara — uma espécie de *residência de estudantes portugueses* em Paris — onde ensinava a dinastia intelectual dos Gouveias: Diogo o Velho, que fora reitor da Universidade parisiense, segundo rezava o seu epitáfio, e que elevou Santa Bárbara à mais alta prosperidade; ANDRÉ DE GOUVEIA, então o principal do colégio que depois abandonou, a convite da cidade de Bordéus, pelo colégio de Guiana, donde D. JOÃO III, o chamou para lhe entregar o colégio das Artes, em Coimbra, no ano de 1547, — homem eminente, que mereceu de MONTAIGNE o sabido elogio «qu'il fut, sans comparaison, le plus grand principal de France» (*Essais*, l. I, ch. XXV). (D. M. GONÇALVES CEREJEIRA, *Clenardo*, nova edição refundida, pág. 37, Coimbra, 1926).

medicina, e não lhes sendo permitido exercer aqui a sua profissão (medicina só a retintamente... católica, porque outra poderia ser prejudicial ao corpo e ao espírito do doente... — oh! estupidez humana!), tinham que forçosamente fixar-se no estrangeiro, procurando, todavia, bem servir, lá de longe, a pátria que lhes era madrastra. Madrastíssima.

D. JOÃO III (honra lhe seja!) subsidiou muito estudantes portugueses lá fora. Eram os bolseiros de el-rei, pagos através de uma contabilidade exercida pelo nosso agente na feitoria da Flandres.

* * *

Na altura em que a Universidade portuguesa foi reformada e transferida de Lisboa para Coimbra, foram chamados a Portugal muitos dos nossos compatriotas que se tinham licenciado ou doutorado lá fora, e que, portanto, eram «estrangeirados», trazendo a sua mensagem de novidade cultural à sua terra. De mistura com esses Portugueses, vieram também muitos sábios estrangeiros, que só não se demoraram, aqui, no magistério, porque, suspeitos de heresia (a heresia constituía a obsessão no mundo ortodoxo), logo a *Inquisição* lançou sobre eles o labéu de indesejáveis e subversivos.

Os estudantes que frequentavam a Universidade de Paris — bolseiros de el-rei — tinham ido por dez anos. A pensão que lhes fora arbitrada era da casa dos trinta cruzados. Querendo eles, porém, continuar os estudos, rogaram a D. JOÃO III que lhes prorrogasse a provisão, mandando que lhes cotinuassem a pagar o subsídio por intermédio do nosso feitor na Flandres. A tratar da sua pretensão mandaram eles a Lisboa o mestre LUÍS ALVAREZ, também bolseiro, que ao soberano apresentou uma carta, assinada por onze bacharéis e mestres em artes. E não assinaram mais, porque os outros estudantes não tinham grau. Segue a carta:

«Senhor: — Vossa Alteza por nos fazer merce e esmola nos mandou a esta uniuersidade de Paris pera nela estudarmos como sempre fazemos com ordenado de trinta cruzados por espaço de dez annos paguos no feitor de Frandes e no fim dos ditos dez annos Jorge de Barros que ao presente era feitor nos mandou dizer como a nosa prouisam se acabaua que escreuesemos a V. A. que nos fizese merce de mais tempo porquanto elle nos nam podia mais pagar nos mandamos a V. A. Mestre Luis Alvarez bolseiro sobre iso V. A. nos fez mercee e esmola de nos acrecentar o tempo e mandou ao dito Jorge de Barros que nos paguase e asy a todos os outros feitores que socedesem ate mandar o contrairo o que elle e Manuel Cirne ate guora fizeram por vertude do alvara de V. A. aguora Joham Rabelo feitor de V. A. diz que este alvara nom he sufficiente pera por ell pagar a mercee e

esmola que nos fez e que auemos mester outra prouisam noua de V. A. e por estarmos em necessidade como sempre os pobres estudantes tem nos deu hum quartell como emprestado por nos socorrer e nos escreueo que nam nos paguaria mais ate nam termos outra prouisam Beijaremos as mãos de V. A. mandar ao dito feitor que nos pague alem dos dez anos como os outros feitores fizeram ate V. A. mandar o contrairo como mandou a Jorge de de Barros no que nos fará singular esmola e merce. Nos Senhor acrecente a uida e real estado de V. A. a seu santo serviço. De Paris oje dez dias deste outubro de mill e 540.

Asinámos aqui os bachareis e os mestres em artes por que os mais nam tem ahinda grao. — *Paio Rodriguez* — *Antonio Rodriguez daraujo* — *Diego de Contreyras* — *Pero hanriquez* — *Francisco botelho* — *Manuel cerueira* — *Sebastião Rodriguez* — *Joham Rabello* — *Christouam Fernandez* — *Yoham Gonçalvez* — *Alvaro da fonseca* (1).

* * *

Todos estes Portugueses, regressados à sua Pátria, dariam evidentemente a nota de «estrangeirados».

Com efeito, no séc XVI, D. JOÃO III manteve, na situação de bolseiros, muitos estudantes, lá fora. E não foi em vão que eles saíram, por exemplo, para a França e para a Itália. Viram, estudaram, sentiram o estrangeiro e, mais ou menos, se deixaram contagiar, apeteendo que Portugal, em certos aspectos, adoptasse o que se fazia em países mais adiantados que o nosso. Por outro lado, D. JOÃO III atraiu a Portugal humanistas de polpa. E esse intercâmbio de Portugueses que saíam (os Teives, os Gouveias...) e de Estrangeiros que até nós vinham, motivou certa estrangeirização do nosso País. Se a influência dos humanistas estrangeiros chamados a Portugal pelo PIEDOSO não foi profunda, o facto se deveu ao estabelecimento da *Inquisição* que, a partir de 1536, assumiu um papel de severíssima vigilância sobre quantas ideias vinham de fora, e que cheirassem a Reforma. DAMIÃO DE GÓIS, um dos nossos primeiros «estrangeirados», pelas viagens que fez na Europa, e pela intimidade que teve com alguns suspeitos de heresia—ERASMO, por exemplo—pagou caro o ter-se deixado contagiar por influências de além-fronteiras. A *Inquisição* não lhe perdoou a renúncia que ele fizera ao casticismo, em favor das marcas estrangeiras. DAMIÃO DE GÓIS, mais do que Português, teve um tanto a pretensão de ser Europeu, tal como ANDRÉ DE RESENDE. Sob certo aspecto, já advogava a cidadania do mundo, possuído por um espírito de tolerância e largueza, que o Tribunal

(1) Torre do Tombo — *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 68, doc. 50, em SOUSA VITERBO, *Curiosidades históricas e arlisticas*, págs. 68-69, Coimbra, 1919.

do Santo Officio negava redondamente, apesar de estar ao serviço do ideal *católico*, palavra que, etimologicamente, significa universal, ou ecuménico.

* * *

A *Inquisição* foi, com efeito, uma autêntica muralha da China, relativamente às correntes estrangeiras, em Portugal. Bateu-se pelo isolacionismo peninsular. Sofreu de xenofobia aguda. Fora da sua estreitíssima ortodoxia (que considerava paradigmática), todos os ventos que soprassem «de fora» os tinha por subversivos. Críticas à Igreja vigente na Península, ela as não permitia, ou severamente as castigava. Se GIL VICENTE foi erasmista, foi-o antes de a *Inquisição* deitar a sua sombra negra sobre as criações literárias, e, afinal, sobre todas as manifestações do pensamento livre. A soma de ideias criadoras que ela abafou, por força das suas atrozes perseguições, foi incalculável! Quem ficasse em Portugal, e não lhe quisesse sofrer a vigilância e a perseguição, tinha que se coibir de qualquer livre-pensamento.

A *Inquisição*, levada pela sua fobia das liberdades em matéria religiosa e dos ataques aos (maus) servidores da Igreja, lançou à fogueira quantos livros lhe pareceram heréticos. A *Rópica Pnema* de JOÃO DE BARROS, em 1581, era metida no *Index*. Por um triz que a edição inteirinha não foi reduzida a pó, cinza e nada... Por milagre escaparam dois ou três exemplares. Mercê do estúpido clima que a *Inquisição* criou, muitos espíritos se temeram de publicar, e até mesmo de manuscrever coisa em que os esbirros da ortodoxia farejassem corpo de delito, para torturas e partes adjacentes.

Quem não quisesse curvar-se aos ditames da *Inquisição*, tinha de emigrar, e aí começava a sua «estrangeirização», o seu enfraquecimento, no respeitante ao casticismo.

Até 1650, porém, os Portugueses que emigraram, e, portanto, se estrangeiraram, foram poucos. No século XVI, muitos estudantes frequentaram Universidades estrangeiras, persuadidos de que a Universidade portuguesa estava em franca decadência. Depois, porém, não faltou quem elogiasse a Universidade caseira, insinuando que não valia a pena ir procurar, lá fora, o ensino que poderia receber, cá dentro. Na primeira metade do séc. XVII, SEVERIM DE FARIA fazia-se eco do optimismo da nossa Universidade: «sendo o lugar em que as letras se professam, perto, se escusa de buscar o apartado e longe».

O isolacionismo português, eis a política que o nosso homem preconizava. Nada de intimidades com a «estranja»! Costumes

estrangeiros que manchassem a nossa pureza vestalina, nem pintados! Ele quem dizia que, por força de contactos peregrinos, «vimos acabada a temperança e inteireza antiga dos Portugueses e com ela o valor e o Império padeceram também grande naufrágio».

* * *

Falámos, mais atrás, em muralhas da China, estabelecidas pela *Inquisição*, relativamente à entrada de ideias estrangeiras em Portugal. Pois muito bem: SEVERIM DE FARIA preconizava, precisamente, que imitássemos a China: «O grande império dos chinsas se sustentou por mais de dois mil anos, não admitindo Estrangeiros no Reino, nem se permitir aos naturais sair da província senão com estreitíssima licença».

Declarada xenofobia. Puro casticismo. Sistemático isolacionismo. Esparta fechada, sim! Atenas aberta, não!

* * *

Durante o cativo filipino, não tendo nós representantes diplomáticos na Europa, ficámos tolhidos de contactos com o estrangeiro. Só depois da Restauração reencetámos a nossa política de europeização. Para obtermos alianças, que nos tornassem fortes diante da Espanha, voltámos a frequentar Cortes estrangeiras. As idas dos nossos emissários, aos países da Europa situados para lá da cordilheira pirenaica, alertaram os Portugueses relativamente ao atraso em que viviam, se comparado com o progresso dos países visitados. Esses emissários saíram portugueses, mas regressaram «estrangeirados». Muitos judeus portugueses, fugidos às garras da *Inquisição*, foram também conquistados para a política anti-isolacionista. *Una voce*, eram de parecer que Portugal tudo tinha a lucrar com a abertura de janelas para o mundo dos países vanguardistas. Cá dentro, abafava-se. A supina ignorância e a supina estupidez davam-se as mãos. Era forçoso sair, para colher, *in loco*, o avanço que esses tais países cimeiros levavam sobre Portugal.

Muitos dos «estrangeirados» foram realmente o que foram, por obra e desgraça da asfixia cultural da sua terra. Sentiam-se com envergadura para voos de águia e, afinal, na própria terra sentiam-se em capoeira de galinhas... Sofriam como que da nostalgia dos horizontes largos — horizontes que nunca tinham visto, mas de que tinham a intuição... Era-lhes, pois, forçoso que saíssem, que fossem arejar o espírito, para depois voltarem à sua terra com uma mensagem de progresso. «Estrangeirados», sim; não, porém, para denegrir Portugal, mas para o ajudarem a sair do seu escandaloso atraso. Honra lhes seja!

* * *

Um DUARTE RIBEIRO DE MACEDO — «estrangeirado» — advogava, para Portugal, a criação de indústrias, à imagem e semelhança do que vira em França. O 3.º Conde da Ericeira navegava nas mesmas águas — as da política económica de COLBERT.

BLUTEAU — estrangeiro — recomendava, a D. PEDRO II, as vantagens da criação da bicho da seda. D. JOÃO V não se temeu de receber Estrangeiros ilustres, e de enviar Portugueses lá fora. Era, manifestamente, pela europeização de Portugal. Em Roma, chegou a fundar a Academia de Portugal, justamente para apoiar a cultura procurada pelos Portugueses na Itália.

(Entre parêntesis se diga, todavia, que D. JOÃO V, tendo começado a animar os «estrangeirados» — gente que tinha no seu programa a actualização de Portugal em cultura científica —, acabou por desinteressar-se dessas vistas longas. Um estrangeiro, o padre DELAUNAY, refere-se ao caso, nestes versos:

*Mais quel sombre tableau frappe ici ma paupière?
Le souverain lui-même évite la lumière!
Ce roi, né pour goûter la paix des immortels,
Est réduit à gémir à l'ombre des autels...*

Para o estrangeiramento contribuiu também, e largamente, a imprensa periódica, dando ressonância, a notícias vindas de fora, motivando comparações, permitindo ilações que, em muitos casos, eram pelas ideias estrangeiras, adiantadas, em desfavor das nacionais, atrasadas.

* * *

O conhecimento das línguas vivas que, até ao séc. XVIII, foi esporádico, tornou-se, então, mais intenso, com a publicação de *Gramáticas* e *Dicionários* dessas línguas. Atenção à informação erudita que, a seguir, transcrevemos, do *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por JOEL SERRÃO, e que se encontra no artigo *Estrangeirados*, cuja leitura aconselhamos:

«A nossa primeira *Gramática Francesa* saíra em 1679. Seguem-se as de 1700 (Debruillard Coursan), de 1705 (Jozué Rousseau) e de 1710 (Caetano de Lima). O autor desta última, muito viajado, escreve também a sua *Gramática Italiana* (1734), oportuna até porque, em Lisboa, se dão por esse tempo, serenatas e melodramas em italiano: os de Metastasio são publicados e dedicados à *fidalgua portuguesa*, em versão bilingue luso-italiana. À mesma época pertencem o primeiro *Dicionário Inglês-Português* e a nossa primeira *Gramática Holandesa*. Quando morre um fidalgo, invariavelmente se diz, no seu elogio fúnebre, que ele falara às mil maravilhas, além do espanhol, o francês e o italiano. Em

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Lisboa acontecia com frequência estabelecerem-se estrangeiros como mestres de línguas.»

O Marquês de Valença, todo ele pelo casticismo, lamentava que a Nobreza, em vez de aprender o latim, desse primazia ao francês. Com efeito, em 1738, perguntava: «Não se aprende hoje entre os meninos fidalgos, primeiro a língua francesa que a latina, sem se advertir que o domínio das línguas é sinal do domínio das nações?»

O ensino das línguas vivas foi introduzido no Colégio dos Nobres, com o que se dava satisfação a sugestões apresentadas, anteriormente, por dois estrangeirados: VERNEY, no *Verdadeiro Método de Estudar* (1747) e RIBEIRO SANCHES, o grande médico, nas *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (1759).

* * *

Na primeira metade do séc. XVIII, ainda Portugal jazia na obscuridade, no respeitante ao progresso científico, que, lá fora, sobretudo na Inglaterra, depois dos trabalhos de NEWTON, assumira notável brilho.

Um certo fermento começou, entretanto, a levedar, na nossa terra, em favor da contemporização científica a nível europeu — a Inglaterra, sobretudo, tomada como paradigma. D. JOÃO V chegou a mandar convidar a sumidade médica que foi BOERHAVE, para vir ensinar medicina na nossa Universidade. O convite, porém, não foi aceite. JACOB DE CASTRO SARMENTO, residente em Londres, e médico de excepcional reputação, foi consultado sobre os meios a empregar para reformar os estudos de medicina, em Portugal. E a ele foi pedida a tradução da obra de FRANCISCO BACON, da sua simpatia. Essa tradução só não foi avante por falta de subsídios financeiros.

O estrangeirado que foi CASTRO SARMENTO sugeriu, a quem de direito, que fossem, como bolseiros, ao estrangeiro, os estudantes JOSÉ JOAQUIM SOARES DE BARROS e MANUEL DE AZEVEDO FORTES.

* * *

Em 1748, na iminência de um acordo com a Espanha sobre os limites na América entre as duas Coroas, D. JOÃO V enviou JOSÉ JOAQUIM SOARES DE BARROS a Londres, com rápido trânsito por Paris, para aí estudar e praticar a astronomia, aplicada às necessidades cartográficas.

Em Paris, para onde partira com 27 anos, SOARES DE BARROS tornou-se discípulo dilecto de JOSEPH NICHOLAS DELISLE, geógrafo e astrónomo francês, em cuja casa morava e com quem trabalhou no Observatório de Cluny. Foram muito rápidos os seus progressos. Em 5 de Junho de 1750 era autorizado a con-

tinuar em Paris para se aperfeiçoar nos estudos matemáticos. A ideia de enviar SOARES DE BARROS aperfeiçoar os seus estudos no estrangeiro deve ter sido sugerida por ALEXANDRE DE GUSMÃO, visto que, por 1747, já D. JOÃO V estava pouco menos que moribundo. Também VERNEY deve ter partido para o estrangeiro por sugestão de ALEXANDRE DE GUSMÃO.

SOARES DE BARROS dedicou-se com afinco e proveito ao aperfeiçoamento dos métodos para a determinação das longitudes. Em 1755 publicara *Nouvelles équations pour la perfection de la théorie des satellites de Jupiter et pour la correction des longitudes terrestres*. A Academia de Ciências de Berlim, em cujas *Memórias* foi publicado o trabalho de SOARES DE BARROS, fã-lo seu sócio, nesse mesmo ano. Em 57 será, por sua vez, feito sócio da Academia Real das Ciências de Paris ⁽¹⁾.

SOARES DE BARROS viveu principalmente em Paris, e veio acabar seus dias em Cezimbra.

* * *

MANUEL DE AZEVEDO FORTES era filho de pai francês — Monsieur Leblancour, que o teve de mulher portuguesa bem reputada. Coursou, em Madrid, o Colégio Imperial e veio depois a formar-se em Filosofia na Universidade de Alcalá. Daí se foi a Paris, onde continuou os seus estudos no Colégio de Plessis, dedicando particular atenção à Filosofia, «moderna e experimental, e, com mais aplicação à matemática». No concurso à cadeira de Filosofia, na Universidade de Siena, então uma das mais célebres da Europa, ganhou o primeiro lugar, em competição com um candidato francês e um navarro. Na regência da cadeira se manteve por seis anos. Vindo para Portugal, aqui serviu, de 1695 a 1701, como professor de matemática na Aula militar de fortificação. Foi prestigioso oficial de engenharia, tomando parte nas operações e trabalhos da guerra da Sucessão. Foi nomeado Engenheiro-mor do reino, e, em 1720, era escolhido para membro da Academia Real de História e encarregado de se ocupar da geografia e cartografia de Portugal e das suas províncias ultramarinas. Nos seus escritos, que são numerosos, deu provas de ser um admirável técnico da cartografia e da engenharia. Fez escola. Os seus discípulos foram cartógrafos e engenheiros de renome. Ainda antes de Verney, diz JAIME CORTESÃO, «ele iniciava muitos dos homens do seu tempo no espírito científico moderno, — racionalista, matemático e experimentalista» ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Cfr. JAIME CORTESÃO, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, Parte I, tomo I, (1695-1735), págs. 313-315, Rio, 1952.

⁽²⁾ JAIME CORTESÃO, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, Parte I, tomo I (1695-1735), pág. 98, Rio, 1952. Aí se pode ler a biografia minuciosa de AZEVEDO FORTES.

* * *

Figura notabilíssima de estrangeirado foi também MARTINHO DE MENDONÇA DE PINA E DE PROENÇA, natural da Guarda, largamente viajado pela Europa, o que podia fazer com à-vontade, por dominar perfeitamente o francês, o inglês, o espanhol, o italiano, sendo, aliás, e também, muito versado e conversado no latim e no grego. Foi membro da Academia Real de História, e pelos trabalhos apresentados, sobretudo no respeitante à arqueologia, revelou-se dotado de espírito crítico, segundo os cânones da moderna metodologia científica. E não se ficou pelas arqueologias. Dele é também o livro *Apontamentos para a educação de um menino nobre que para seu uso particular fazia...* (Lisboa, 1734). Pedagogia desempoeirada. Desenho. Ciências exactas. Línguas vivas. Matemática. Física experimental. História natural. Geografia. História. Dança. Caça. Ginástica. Esgrima. Agricultura. Recomendava a leitura de DESCARTES, NEWTON e LOCKE. Tudo inovações de bradar aos céus, sabendo nós da oposição que a Igreja levantava a esses autores — tidos por subversivos de uma ortodoxia *ne varietur*. E apesar de tudo — e contra tudo — D. JOÃO V nunca deixou de lhe confiar altas missões diplomáticas e científicas. A propósito, escreve JAIME CORTESÃO:

«Fundidos e na mesma época o homem de ciência e pedagogo revolucionário do Paço [foi Bibliotecário da Biblioteca Real, colecção riquíssima em certas ciências, e a que o Rei votava particular carinho] e da maior confiança do monarca, começava a compreender com que largueza e segurança de critério D. João V escolhia os seus auxiliares, ainda quando fossem tão estrangeirados como estes» (1).

O livro de MARTINHO DE MENDONÇA teve segunda edição, em 1761, já depois da morte do autor (1743).

* * *

Notabilíssimo estrangeirado foi LUÍS ANTÓNIO VERNEY, o autor do *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), que fez a sua vida cultural principalmente em Roma. Esse livro representa uma ousadia revolucionária no campo do ensino. Mas VERNEY tinha as costas quentes. Do Rei teria partido a indicação para que ele não se temesse de dizer verdades que acordassem Portugal

(1) *Op. cit.*, pág. 100.

do marasmo cultural em que jazia: «Tive ao princípio particular ordem da corte em iluminar a nossa Nação em tudo que pudesse...» Que a conivência do monarca anda aqui perdida e achada é o que se conclui do facto de o Rei—*sponte sua*, ou por sugestão do grande estrangeirado ALEXANDRE DE GUSMÃO, Secretário e conselheiro privado do Rei—ter mandado aumentar a VERNEY os benefícios já anteriormente recebidos (1).

ALEXANDRE DE GUSMÃO merecia, como estrangeirado, uma larga referência. Remetemos, porém, o leitor para a obra monumental de JAIME CORTESÃO: *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Aí terá o que nós, neste momento, não lhe podemos dar.

* * *

Presenças notáveis foram as dos estrangeirados na cultura portuguesa, embora exercidas, principalmente, a distância, e mais notável foi ainda a acção do grande médico RIBEIRO SANCHES, também um *estrangeirado* de retumbante categoria. Não chegaram, porém, para nos alertar o bastante, em condições de temporizarmos com o que, de progressivo, ocorria lá fora. Foi necessária a chicotada de ANTÓNIO LUÍS VERNEY, dada com o seu *Verdadeiro Método de Estudar*, para que os meios pseudo-intelectuais portugueses acordassem da sua escandalosa sonolência.

* * *

Em Portugal, nessa primeira metade do séc. XVIII, a asfixia, no respeitante à liberdade de expressão científica, era impressionante. Os espíritos animados de uma viva curiosidade intelectual sentiam que Portugal não era o *clima* de que precisavam, pelo que se resolveram a ir respirar, no estrangeiro, os novos ares do saber. Na sua terra, tudo cheirava a bafio, a escolástica rançosa, a magisterdixitismo. Toda uma leva de «forçados» *sui generis* abandonou os ares pátrios e se passou para o exílio, onde poderia respirar o ambiente cultural que a sua ávida inteligência lhes requeria. Emigrara CASTRO SARMENTO, emigrara RIBEIRO SANCHES. E muitos outros espíritos sedentos do novo se passaram para o estrangeiro culto. Nessa falange de emigrados (uns espontaneamente, outros no temor de implacáveis perseguições, motivadas por heresia religiosa ou política) entram figuras como as do CAVALEIRO DE OLIVEIRA, FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO (Filinto Elísio), FÉLIX DE AVELAR BROTERO, CORREIA DA SERRA,

(1) Cfr. JAIME CORTESÃO, *op. cit.*, pág. 105.

D. JOÃO CARLOS DE BRAGANÇA ⁽¹⁾, o compositor MARCOS PORTUGAL, os pintores VIEIRA PORTUENSE e SEQUEIRA, os pedagogos JACOB RODRIGUES PEREIRA, o general GOMES FREIRE, LUÍS ANTÓNIO VERNEY, *et j'en passe*.

2— AINDA OS «ESTRANGEIRADOS»

Difícilmente os Portuguezes podem fugir ao contributo recebido do estrangeiro. Mesmo aqueles autores que nós reputamos mais castiços, mais *sui juris*, mesmo esses devem muito do que foram, cultural e ideologicamente, às influências vindas de além-fronteiras. Aprofundando as raízes do que nos deixaram, vamos dar sempre (ou quase sempre, para não estarmos a discutir) a fontes estrangeiras. HERCULANO, por exemplo, passa por ser um dos nossos autores mais castiços. Pois muito bem: no fundo, a sua ideologia, e respectiva fundamentação, vai beber em fontes estrangeiras. GARRETT—aquele que dizia que toda a educação deve ser nacional, para não ser falsa, ressentiu-se, outrossim, de influências estrangeiras. Aliás, tendo vivido, por força das circunstâncias, no estrangeiro, e não olhando eles a cultura estrangeira na atitude do cão de loiça, forçoso é incluí-los na categoria dos «estrangeirados». E dessa estirpe foram também—esses já muito próximos de nós, no tempo—um OLIVEIRA MARTINS, um ANTERO, um EÇA. Este confessou o seu estrangeiramento, no memorável artigo sobre o Francesismo: «Tenho sido acusado com azedume de ser um estrangeirado, *afrancesado*, e de concorrer, pela pena e pelo exemplo, para desaportuguesar Portugal».

* * *

A dívida dos Portuguezes ao estrangeiro é enorme. E justifica-se que o seja. Mesmo aqueles que presumem (em matéria de presunção cada qual toma a dose que lhe apetece...) de muito tradicionalistas-integralistas, e outros *-istas*, mesmo esses, quando nos pretendem fazer crer que estão sendo Portuguezes lídimos, sem nada deverem ao estrangeiro, mesmo esses só podem iludir os papalvos, porque ainda aí estão macaqueando o que se faz «lá

⁽¹⁾ Passou a ser duque de Lafões, depois da morte do irmão mais velho—D. PEDRO HENRIQUES DE BRAGANÇA. Nasceu em Lisboa a 6-III-1719, e aí veio a falecer em 6-XI-1806. Esteve exilado durante todo o reinado de D. José, desde 1750 a 1777, tendo residido principalmente na Alemanha. Foi amigo pessoal de VOLTAIRE. Com o abade CORREIA DA SERRA, fundou a Academia Real das Ciências de Lisboa.

A sua estadia na Alemanha, em Londres, em Viena e noutros centros culturais de relevo, fez dele o homem indicado para dar sugestões fundamentais em matéria de progresso científico.

fora» — um «lá fora» de costas largas. País pouco original como é o nosso — exceptuada a época dos Descobrimentos em que nos mostrámos com risca específica —, temos prosseguido a nossa caminhada (*volens nolens*) no signo das influências peregrinas. E por mais paradoxal que possa parecer, tem sido, por obra e graça dos *estrangeirados*, dos francamente simpatizantes com as novidades de além fronteiras, que Portugal conseguiu progredir. Não é que eles tenham pretendido, à toa, enxertar as *ideias de fora*, na nossa terra. Não senhores. Seria isso — se tal pensássemos — praticar um acto de injustiça contra a sua maleável e arguta inteligência. É ver GARRETT. Será que ele passou por França e pela Inglaterra como sabujo por vinha vindimada? Quem poderá admitir essa calúnia? Viu muito. Viu bem. Mas, depois, procurou adaptar as originalidades estrangeiras à nossa psique, para que esta se arejasse.

Diz um velho aforismo gnosiológico: «nada chega à inteligência, sem primeiro passar pelos sentidos». Pois, por outras palavras, poderíamos nós dizer que nada chegou ao cerne do progresso nacional, sem ter passado, previamente, pela inteligência dos «estrangeirados», quer daqueles que fizeram larga permanência «lá fora», quer daqueles que, na própria terra, viveram alertados para as ideias mestras, originais, renovadoras, vinculadas pelos livros de cultura estrangeira. Só os parvinhos do isolacionismo sem rei nem roque, do casticismo aberrativo, se batem pela insustentável tese de que devemos ser como a aranha — o tal bicharoco que tira toda a teia de si mesmo. Nisto das ideias tidas por absolutamente, retintamente portuguesas, já cada um de nós vai muito adiantado, quando tem de concluir que, mais ou menos, estivemos plagiando ideias dos países vanguardistas...

E será que só Portugal tem lucrado com abrir janelas para o estrangeiro? Todos os países lucram, desde que o não façam ao acaso. E, valha a verdade, Portugal algumas vezes as adoptou ao acaso e à sobreposse. Sempre, porém, que as adoptou (e adaptou) com inteligência, nunca teve que se arrepender.

O ideal — se acaso vemos bem! — seria a fusão do castiço com o «estrangeirado», este dando a nota original, construtiva, da última hora, em países progressivos, aquele tudo fazendo para que Portugal não perdesse o seu cunho próprio, no sentido de constituir um aspecto inconfundível na unidade ecuménica polifacetada. Supomos que nada se lucra com o rasoimento cosmopolita — todos iguais, em toda a parte. Que cada qual progrida dentro da sua *vis* vocacional. Castiços dobrados de estrangeirados foram, por exemplo, um MARTINHO DE MENDONÇA DE PINA E DE PROENÇA e um D. LUÍS DA CUNHA. Mas talvez já não possamos afirmar outro tanto de RIBEIRO SANCHES que, ao escrever as suas Cartas, em 1759, o fazia depois de trinta anos de ausência (forçada) na Inglaterra, na Rússia, na Holanda, na Itália, em França, onde veio a morrer. Com tão longa ausência dos pátrios lares, muito

perdeu do seu inicial casticismo e, por isso mesmo, às vezes, foi um tanto quimérico, nas suas sugestões, se bem que o balanço das suas influências, na terra portuguesa, se deva, quase sempre, coeficientizar positivamente.

* * *

Aqui nos parece oportuna uma longa página de JAIME CORTESÃO, relativa ao aproveitamento que D. João v fez, em Portugal, de estrangeiros e estrangeirados:

«D. JOÃO v buscou a colaboração dos estrangeiros e estrangeirados, por ser radicalmente português. Procurou adquirir ele próprio e difundir no reino a cultura científica estrangeira e as técnicas do seu tempo, como instrumento indispensável da expansão e da soberania política nas províncias ultramarinas. [...] A ele se deve, em grande parte, a introdução, em Portugal, dos métodos astronómicos para observar as longitudes; a renovação da escola portuguesa de cartografia; e o impulso dado ao estudo da geografia e à formação, em bases científicas, dum novo Atlas do Brasil — guiado sempre pela previsão, a largo prazo, e a necessidade de resolver os problemas da delimitação de territórios com a Espanha, na América do Sul. Não se viu, mas previu, a grande importância que a ciência da posição exacta, e da geografia em geral, como a aplicação do novo direito, podiam assumir na solução desses problemas.

Com mão larga e escolha segura, soube pôr estrangeiros e estrangeirados ao serviço das suas grandes preocupações de senhor dum grande império.

Não foram poucos os estrangeiros que chamou a Portugal para saciar a sua sede de fausto e de teatro: architectos, músicos, pintores e gravadores, empresários de ópera e cantores sacros e profanos. [...] Observemos [...] que não foram em número menor os engenheiros, os militares, os geógrafos, astrónomos, cartógrafos e matemáticos que contratou no estrangeiro e subsidiou com mão régia para os utilizar na renovação da cultura portuguesa e na aplicação das técnicas necessárias à expansão.

... Mais nítida e predominante foi, todavia, a sua tendência a aproveitar os estrangeirados na defesa diplomática, na administração e solução dos problemas na soberania portuguesa no além-mar e, em particular, no Brasil.

Muitos, e bem mais do que em geral se pensa, foram os estrangeirados em Portugal. Estrangeirados uns pelo sangue, outros pela educação no estrangeiro ou pelos dois motivos, ainda que em menor grau, e diversa tendência, os maiores diplomatas, que serviram D. João v: D. Luís da Cunha e o Conde de Tarouca, José da Cunha Brochado, os Condes da Ribeira Grande e o das Galveias,

Sebastião José de Carvalho e Melo e o Visconde de Vila Nova de Cerveira. Estrangeirados eram, para esgotarmos os grandes nomes da nobreza, o Marquês de Alegrete e os dois Condes de Ericeira, o segundo dos quais mais tarde Marquês do Lourical.

Estrangeirados, é certo, mas sem deixarem de ser, por isso, portugueses. De todos esses diplomatas o mais estrangeirado foi seguramente D. LUÍS DA CUNHA. Se algum dia se publicar a sua volumosa correspondência inédita, certamente se concluirá que teve uma grande influência no governo do reino, enviando de longe sugestões que só um estrangeirado podia dar. [...] Todavia, ele permanece português, com a marca indelével da genuidade de origem» (1).

* * *

A estadia dos estrangeirados, em países que seguiam na vanguarda da civilização europeia, deu-lhes perspectivas de largos horizontes, que eles, amantes da pátria distante, logo ambicionaram fossem imitadas em Portugal. Lá de fora, precisamente, é que eles se apercebiam da nossa curteza de vistas, do nosso atraso, e de como era, realmente, imperioso sair, para não sermos uma «ilha» de selvajaria num mundo europeu vivamente alertado para todos os progressos — os das ciências experimentais na linha da frente. Lá fora — na Inglaterra, na França, na Holanda, na Itália e na Alemanha — as ciências da Natureza iam em maré alta. Nós, pelo contrário, continuávamos a mascar a escolástica, no signo ultrapassadíssimo de ARISTÓTELES. O *magister dixit* do Estagirita ainda tinha curso do alto das cátedras universitárias. Na Europa de então, constituímos um lamentável e ridículo anacronismo, de que era urgente sair, sob pena de nos dessintonizarmos do clima cultural europeu.

Ora, foram os «estrangeirados» que, impressionados pela disparidade entre o avanço de fora e o atraso caseiro, advogaram uma franca entrada nos processos científicos (experimentais-matemáticos) correntes nos países observados, em flagrante, pelos seus olhos perspicazes. O primado da razão científica, articulada à metodologia de laboratório, de observação directa dos fenómenos, no pólo oposto do *flatus vocis* dos comentários aos textos aristotélicos, eis o que um D. LUÍS DA CUNHA e um ALEXANDRE DE GUSMÃO, espíritos desempoeirados, propunham para a sua pátria, atrasadíssima em matéria cultural, a nível universitário.

Mas a inteligência arguta dos estrangeirados não preconizava só o desanuviamento nos sectores do saber matemático-experimental; apetecia, também, a introdução de uma lufada de

(1) J. CORTESÃO, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, Parte I, tomo I (1695-1735), págs. 92-93, Rio de Janeiro, 1952.

modernismo nos processos políticos, na vida social. JAIME CORTESÃO, dando uma sùmula das *Instruções* de D. Luís da Cunha a Marco António, escreve:

Nessas *Instruções*, «insurge-se contra o despotismo do Rei, que não tinha e não ouvia um Conselho de Estado; contra a *seita*, como lhe chama da nobreza puritana; contra o fanatismo da Inquisição, que despoeva o reino; contra a cumplicidade da nobreza, que aceita, como honra, «certas cartas familiares do Santo Officio, que vale o mesmo que serem seus esbirros»; contra a desmedida ambição dos jesuítas, «a que se devia opor algum limite», e a sua teologia meramente acomodaticia, «para adaptarem as opiniões que possam agradar ao confessado, se for príncipe e não pobre lavrador; contra a multiplicação das Ordens religiosas, tão grande, que uma terça parte do reino pertencia à Igreja; e, enfim, contra o abandono da agricultura e das indústrias que fazia de Portugal, à sombra nefasta do *Tratado de Metwen*, a melhor e mais rendosa colónia da Inglaterra» (1).

Escusado será dizer que a essa corrente renovadora da cultura universitária, e apologista de uma radical reforma nos processos políticos, arejando-os, humanizando-os, emprestando-lhes uma atenção demófila, se opunha a corrente estupidamente tradicionalista da monarquia absoluta — *et pour cause*... É que, com a modernização de processos, tudo tinham a perder. Aos interesses da comunidade, sobrepunham o seu egoísmo — o egoísmo dos interesses criados, e dos quais não queriam ceder um milímetro.

* * *

Como era natural, pois, os estrangeirados, coorte de filoneístas, eram tidos por herejes da quinta casa, subversivos da pior espécie, a pedir masmorra e outros suplicios, designadamente a fogueira, se o Rei D. João V, pelo menos enquanto manteve a sua plena lucidez, não os protegesse.

Então se estremaram os campos: de um lado os progressistas, os inovadores, os preconizadores das janelas abertas para a Europa culta, e, do outro, os que faziam finca-pé na monarquia absoluta, amparada pelo Santo Officio (obsessionado pela pureza da fé), na *Companhia de Jesus*, considerada, pelos rançosos tradicionalistas, como depositária de processos de ensino inultrapassáveis; na Censura, que tanto vigiava a integridade da doutrina religiosa (heréticos, nem pintados!), como se intrometia na estética e ética da literatura e artes profanas. O papão, para esses tradicionalistas ronceiros, eram as filosofias dos estrangeiros (abrenúncio!), sobretudo as sopradas dos países que eles tinham como

(1) *Instruções inéditas e testamento político*, passim.

pestíferos da pior espécie: a França e a Inglaterra. Destas paragens é que vinha a perdição da genuidade portuguesa, a reclamar, da parte dos conservadores, o *noli me tangere!*

Baldadamente, os advogados do *statu quo* pretenderam sustar a maré das inovações. Perderam o seu tempo e o seu latim. Não houve perseguições capazes de impedir a lufada das novas ideologias. As ideias estrangeiras eram subtis demais, para que os lorpas lhes levantassem dique intransponível. O imobilismo foi vencido pela fome de renovação — e os estrangeirados foram os grandes fomentadores da viragem portuguesa que se situa nos fins do século XVIII, princípios do XIX.

D. João V, honra lhe seja, não foi apenas o rei freirático, que a tradição nos comunicou. Foi — em relação à sua época — uma inteligência arejada, ouvindo o conselho sagaz dos estrangeirados. A vida política, administrativa, científica, artística e literária, no Portugal do Magnânimo, começou francamente a esboçar um cariz moderno, europeu.

Só já no fim o Rei cedeu — e muito — à corrente tradicionalista.

* * *

A época de D. João V foi uma época de transição — de castiços, por um lado, e de estrangeirados, por outro. JAIME CORTESÃO, que muito bem estudou esta época, deixou-nos as considerações seguintes:

«Dentro do círculo mais vasto da tradição castiça, move-se o núcleo muito activo dos estrangeirados, fiel, na sua maior parte, a um ideal universalista de nação, de povo criador de outros povos e assimilador de outras culturas, e *a latere*, entre portugueses e estrangeiros, descentrado, aberrante, apontado já a outros destinos, o grupo dos luso-brasileiros, que evoluem, como os astros em formação, na nebulosa espiritual.

Época cheia de contradições e incoerências; de fanatismo e tolerância amável; de fidalga casticidade dando-se as mãos a um cosmopolitismo igualitário; de intransigência exterior, mas cedência íntima, como a daqueles majestosos organismos, a que uma doença oculta mina os fundamentos, e estremecem com a excitação voluptuosa, que antecede a febre e a morte.

O representante mais perfeito dessa ambiguidade colectiva é o próprio monarca D. João V, cultivando e servindo-se das ciências exactas, fermento universalista de importação estrangeira, e dos estrangeirados para fins técnico-práticos; introduzia um factor revolucionário dentro do regime que encarnava. Acarretava por suas próprias mãos para o âmagô das muralhas, que o cercavam e defendiam, o *cavalo de Tróia*; e, dentro do bicho irresistível,

o mais perigoso dos gregos, o seu Secretário, ALEXANDRE DE GUSMÃO» (1) — que nascera em Santos, em 1695, nono dos doze filhos do português Francisco Lourenço, e de Maria Álvares, santista.

* * *

Aos 19 anos, depois de ter frequentado o Seminário de Belém, da Cachoeira, o Colégio das Artes da Bafa e ainda Coimbra, têm-lo em Paris, como Secretário do Conde da Ribeira Grande, Embaixador Extraordinário à Corte de Luís XIV. Começava então a sua iniciação de «estrangeirado».

A propósito, escreve JAIME CORTEÃO: «Paris era então a melhor janela aberta sobre o mundo das ideias novas. Viver alguns anos em Paris era tornar-se cosmopolita. Abrir os olhos a novas realidades que ali, melhor que em nenhures, se deixavam ver. Palpar o movimento irresistível das correntes do espírito. Ainda que às vezes perdendo contacto com as forças salutares do meio ancestral e originário.

... Podemos dar como averiguado que ALEXANDRE DE GUSMÃO, durante os cinco anos que residiu em Paris, frequentou a Sorbonne, onde alcançou o título de bacharel em leis. Isto significa que não se limitou, desde o princípio, às actividades burocráticas e ao ambiente limitado da Secretaria da Embaixada. Pelo contrário, por este só testemunho [*uma provisão de D. João V, de 12 de Julho de 1719, que declara ter-se ele bacharelado na Universidade de Paris*], ficamos sabendo que o moço aspirante a diplomata se imiscuiu intimamente ao meio universitário de Paris, àquele onde se reflectiam as mais vivas inquietações do seu tempo e onde se debatiam constantemente todas e as mais temerárias ideias novas» (2).

* * *

JAIME CORTEÃO traça desta maneira brilhante a marca de «estrangeirado» em Alexandre de Gusmão:

«Em Paris e na Sorbonne, numa Universidade, onde se professava obrigatoriamente o galicanismo, e de tendências jansenistas, dominada pela forte personalidade de ROLLIN, bebeu ele os princípios regalistas e aprendeu a condenar a intrusão da Santa-Sé e da *Companhia de Jesus* na política dos Estados.

Em Paris e na proximidade da Inglaterra deve ter igualmente firmado o seu gosto pelas ciências exactas e naturais, pelo experi-

(1) JAIME CORTEÃO, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, Parte I, tomo I, pág. 119, Rio, 1952.

(2) J. CORTEÃO, *op. cit.*, págs. 165 e 190.

mentalismo científico, que o leva a escrever uma obra segundo o seu biógrafo Martins de Araújo, sobre a filosofia de NEWTON.

De Paris e da política francesa lhe vieram as tendências mercantilistas, manifestadas nos seus *Apointamentos discursivos sobre a extracção da moeda para os reinos estrangeiros*; e daquelas preferências científicas, a paixão pelo estudo das leis da Natureza e da geografia em particular, que, ele, com antecipação aos fisiocratas, considerava a base da política.

Mas, sobretudo, Paris moldou, em ALEXANDRE DE GUSMÃO, com o barro das suas qualidades inatas, pelo modelo ideal e conforme a expressão do tempo, o *homme d'esprit*. Homem difícil em sociedade, esse tipo representativo pende para a crítica, tanto mais sarcástica ou mordaz, quando ele sinta a distância que o separa dos criticados. Desdenhoso, disfarça mal a consciência da sua superioridade. Amigos poucos. Mas, como se aborrece facilmente na companhia dos vulgares, aos quais mal esconde o seu enfado, inimigos não lhe faltam. Seu olhar agudo prevê os acontecimentos a distância; por isso os que têm a vista curta riem-se dos seus descortinos e vaticínios. Inconformado e estranho pelo pensamento ao meio em que se debate, tem a visão cómica da sociedade que o rodeia. Adora a caricatura, o panfleto, a sátira. É impiedoso na pintura dos homens e dos costumes.

Vence, porque deslumbra. Os que o estimam reconhecem-lhe a maioridade esmagadora. Mas caminha entre admirações que se rendem, e que o suspeitam, ou invejosos que o denigrem e estão sempre de cilada, à espreita da ocasião oportuna para derrubá-lo.

Os homens deste tipo, já anunciado pelas *Lettres Persannes*, levam consigo um mundo novo, de que às vezes não têm a consciência perfeita, mas cujo advento predizem e preparam. As tradições obsoletas e os interesses criados repelem-nos. Entre esses *hommes d'esprit*, no Paris de 1719, contam-se já alguns futuros enciclopedistas. MONTESQUIEU e VOLTAIRE, mais velhos respectivamente seis e um ano que ALEXANDRE, começavam a forjar as armas, que iam derrubar a monarquia absoluta em França e abalar a Europa.

Estes *hommes d'esprit* frequentavam os cafés, que já então abundavam em Paris, os salões mundanos, as casas de jogo e as festas das embaixadas. Eram apontados e temidos.

Assim foi e se formou ALEXANDRE DE GUSMÃO. Na cepa original, marcada já pela inquietação e o inconformismo, a enxertia francesa vingou à maravilha» (1).

ALEXANDRE DE GUSMÃO entrava luso-português em Paris. Voltava «estrangeirado», e é nesta qualidade que ele vai marcar presença em Portugal.

(1) *Op. cit.*, págs. 208-209.

* * *

Todos os «estrangeirados», confrontando os efeitos da Contra-Reforma na mentalidade portuguesa com a Europa culta do seu tempo, se sentiram mal na sua terra. Sair — espontâneamente, ou no receio de que a implacável Inquisição lhes deitasse a garra — constituiu para eles problema fundamental. Portugal, parasitando econômicamente sobre os seus territórios ultramarinos — o Brasil na linha da frente —, permitia-se a atitude pouco inteligente de se desinteressar do movimento cultural europeu que, pelo seu progresso, fazia profundo contraste com o nosso escandaloso atraso.

Escusado dizer que os Portugueses instalados no parasitismo colonial, olhavam de soslaio para os emigrados que lá fora tinham alcançado uma mentalidade desempoeirada, e que preconizavam, para o seu país, uma franca abertura às ideias estrangeiras. E daí os castiços chamarem-lhes, desdenhosamente, «estrangeirados», insinuando a ideia de que eram estes que atraíam Portugal, ao passo que eles, ao serviço de uma tradição ultrapassada, lhe estavam firmando os créditos...

Quem diz «estrangeirados», diz «iluministas». Representante político da modernidade estrangeirada e iluminista em Portugal, foi o MARQUÊS DE POMBAL. Para ser, porém, um «estrangeirado» ou «iluminista», no superior sentido destas palavras, faltou-lhe largueza de espírito, tolerância, humanidade, isenção, capacidade para sofrer a crítica aos seus actos governativos. Foi homem de pêlos no coração, segundo o juízo de D. João v.

Por falarmos em D. João v, diremos que foi precisamente este monarca o mais interessado em fazer participar o seu país dos benefícios da Europa culta, como noutra lugar o dizemos, com mais pormenor ⁽¹⁾.

POMBAL, por virtude das suas missões diplomáticas na Áustria e na Inglaterra, ganhou mentalidade «estrangeirada», vendo quanto Portugal estava atrasado sobre a Europa culta, e como era urgente fazer que o seu país se sintonizasse com os progressos lá de fora».

(1) D. João v tem passado por soberano devasso e que gastou sem conta peso nem medida no luxo da sua corte. A propósito, escreve JAIME CORTESÃO: «Tudo isto é, em parte, verdade e, em parte, falso. É certo que D. João v confundiu o espírito religioso com a grandiosidade espectacular do culto. Resta apenas saber se, nas suas dissipações de *Roi-Prêtre*, à maneira de Luís XIV, malbaratou as somas enormes, que se contam, e se não haveria, por compensação, dispendido outras quantias em actos e medidas úteis.

E, ainda concedendo que seja verdadeira a acusação, devemos descontar nos seus pecados que ele pecava com a nação inteira e obedecia aos vícios de educação e herança recebidos» (JAIME CORTESÃO, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, Parte I, tomo I, pág. 48, Rio, 1952).

De facto, chamado ao Governo por D. José, recomendado por D. Luís da Cunha, propôs-se concretizar o ideário da elite «estrangeirada». Mas, como já o dissemos, mais atrás, para realizar o programa da europeização de Portugal, careceu de maleabilidade, rigidez, dogmatismo, narcisismo, durezas de coração ao perseguir ferozmente quantos se permitiam divergir — ao de leve que fosse — das suas ideias, que tinha por intangíveis.

* * *

O programa dos estrangeirados não era, manifestamente, fazer que Portugal perdesse as suas características de raiz (o mundo lucra com a diversidade na unidade), mas antes fazer que se europeizasse ao nível dos países vanguardistas, no respeitante a cultura e civilização. Queriam um Portugal português, sim, mas progressivo, actualizado no que de bom se fazia «lá fora». Queriam um Portugal com a coragem de atirar com o immobilismo às urtigas, abrindo francamente as janelas às lufadas de arejada cultura soprada dos quadrantes onde se cultivava a ciência, onde os direitos do homem não eram letra morta, onde a liberdade em matéria religiosa e filosófica era uma realidade nas conversas e nos livros. Queriam — sem nisto ir sombra de paradoxo — um casticismo temperado de estrangeirismo (= progresso científico e abertura de espírito no plano religioso, filosófico e político), e um estrangeirismo temperado de casticismo (= genuíno portuguesismo, com inconfundíveis dons de afabilidade, de tolerância e de amor).

«Estrangeirados» (no sentido construtivo desta palavra) se não existissem, seria preciso inventá-los!

E dos estrangeirados aqui nos interessa particularmente JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES, ao qual vamos passar.

(*Continua*)

CRUZ MALPIQUE

PAÇOS DO CURVAL

(MAIS UMA ACHEGA PARA A HISTÓRIA
DA FREGUESIA DO PINHEIRO DA BEMPOSTA)

POR ser muito curiosa a notícia que vou transmitir aos prezados leitores do Arquivo do Distrito de Aveiro, tanto mais que não vi ainda em qualquer publicação referente à história do meu concelho um estudo do facto que vou expor, resolvi, confesso, com um certo entusiasmo, iniciar com ela, uma série de pequenos trabalhos que constituirão uma humilde mas honesta colaboração para o mesmo Arquivo e implicitamente para a minha região.

Muito contribuíram para esta resolução as palavras amigas e de estímulo sincero que me foram directamente dirigidas pelo Ex.^{mo} Senhor Dr. José Tavares — a quem apresento nesta ocasião, bem como ao Ex.^{mo} Senhor Dr. Francisco Ferreira Neves, Digníssimos Directores do Arquivo do Distrito de Aveiro, o preito da minha homenagem e os melhores testemunhos de admiração pelo trabalho insano e digno dos melhores louvores que vêm realizando—desde 1935—com a superior orientação do mesmo Arquivo que tanto honra o Distrito e o nosso País. Aos Ilustres Directores transmito, nesta ocasião, os meus cumprimentos respeitosos e curvo-me, reverente, perante a memória do falecido Dr. António Gomes da Rocha Madahil, o saudoso Director que brilhantemente ilustrou o Arquivo, pela espantosa colaboração e actividade como arqueólogo, etnógrafo e historiador.

LOCALIZAÇÃO

Para um melhor esclarecimento do local onde existiram os «Paços» que servem de título à minha narrativa, direi que o lugar do Curval fica situado no extremo sul da freguesia do Pinheiro da Bemposta (de que faz parte integrante) e poderemos considerá-lo constituído por dois aglomerados populacionais — o Curval de Cima, alcandorado num outeiro situado a leste da estrada nacional Porto-Lisboa e o Curval de Baixo, ou simplesmente Curval, que é precisamente atravessado pela mesma rodovia.

PAÇOS DO CURVAL

Confina este lugar a sul com a freguesia da Branca, do vizinho concelho de Albergaria-a-Velha.

Tive, pela primeira vez, conhecimento da estadia do rei D. João I nos Paços do Curval, ao ler, já há anos, «As Memórias do Congresso do Mundo Português» — Volume II — 1940, num dos meus serões de inverno. E, confesso, procurei logo mais esclarecimentos sobre tão insólito como surpreendente facto...

A segunda referência que encontrei sobre o «CASO» foi-me revelada pelo Monsenhor MIGUEL DE OLIVEIRA, notável jornalista, escritor e orador sagrado e historiador de alta valia a quem, também, neste momento presto a minha humilde mas sincera homenagem póstuma.

Esta referência vem no *Arquivo do Distrito de Aveiro* e, no seu trabalho «De Talábriga a Lancóbriga pela Via Militar Romana» — a pág. 51 — Volume IX — (1943) — e rezava assim:

«Supomos que os «paços do Curval» em que D. João I esteve uns quinze dias retido por doença, em Julho de 1387, ao regressar da sua peregrinação a Santa Maria de Oliveira, eram precisamente no lugar do Curval, do Pinheiro da Bemposta».

E, assim, continuei o meu estudo, lendo a «Crónica de D. João I» de Fernão Lopes e calcurreando os ditos lugares do Curval com o intuito de localizar os tão famosos «Paços».

Por indicação de pessoa amiga e ainda em virtude de no Curval de Baixo não existir qualquer indício ou informação das pessoas mais idosas do lugar, sobre tal acontecimento, percorri o lugar do Curval de Cima e, aí, sim, é voz corrente dos seus habitantes que em *determinada casa* «dormira o Rei» em tempos muito remotos e que existira uma capela que há muito teria sido demolida, por ameaçar ruína.

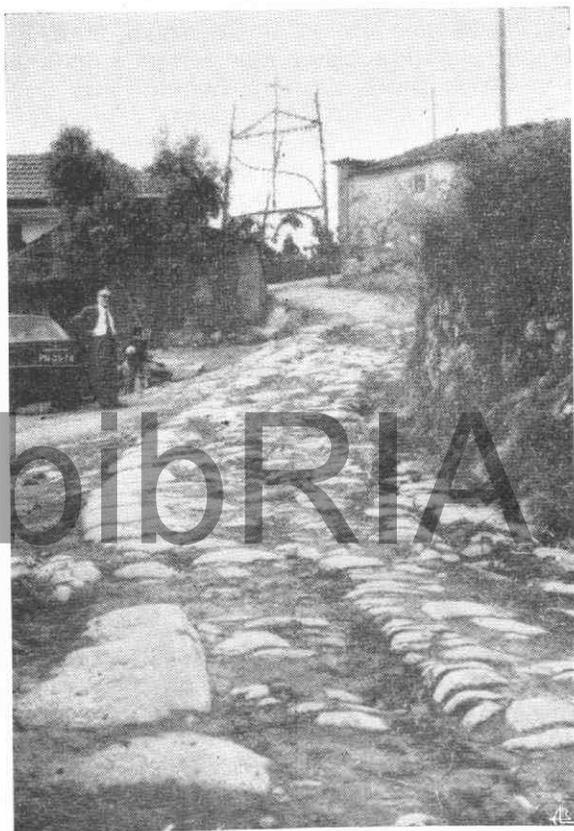
De facto, examinei o dito lugar, e dentro da *Quinta do Curval* há um conjunto de casas de construção antiga, entregues a caseiros e pertencentes à Ex.^{ma} Senhora D. Zélia Ribeiro e outros, que as herdaram de Manuel Ribeiro. Disseram aqueles que há tempos morreu um velhote, de nome João de Sá, que aí vivia, e que se lembrava ainda de, junto das casas existir uma capela, chamada de Santo Amaro, com vários santos *muito antigos* no interior, e que foi demolida. O mesmo João de Sá afirmava que sempre ouvira dizer que «lá tinha vivido um rei». As casas, sem grande aspecto, são do tipo rural.

O lugar fica a nascente da *antiga estrada romana* que, vinda do Sul, passava por Souto da Branca, seguia pelo Curval e Bemposta, continuando para o Norte, até ao Porto (Foto n.º 1). Os nossos reis e personagens importantes necessitavam de, em certas localidades, durante as suas deslocações, possuírem Paços ou Pousadas onde pernoitavam, descansavam ou faziam as suas refeições. E assim:

Para reforço da localização dos ditos Paços do Curval, extraí dos *Anais do Município de Oliveira de Azeméis* as seguintes notas

(págs. 223 224) e que também nos ajudam no estudo da famosa Quinta do Curval.

A *Quinta do Curval* pertenceu, segundo reza a tradição, aos nossos Reis. *El-Rei D. Fernando* doou-a ao Bispo de Coimbra e Arcebispo de Braga, D. João Galvão, primeiro Conde de Arganil, que, por sua vez, a doou a João Sá de Miranda, 1.º Senhor do



Trecho do acesso da «Estrada Romana»
que ligava esta aos Paços do Curval

prazo do Curval que, do segundo casamento com D. Filipa Pereira, teve um filho, Ruy de Sá Pereira, Comendador de S. Mamede e Fidalgo da Casa Real, casado que foi com D. Brites Mendes de Castelo-Branco, vivia em Coimbra e foi senhor das Terras de Santa Maria. Com o decorrer dos tempos, foi a Mitra de Aveiro a directa senhoria; mas o domínio útil passou para o Marquês de Penalva, por contrato que fez com o Bispo de Coimbra. Mais tarde, foi

comprada aos Marquêses de Penalva por António José Marques, do Curval. Passou a ser dividida por vários donos. Hoje pertence a D. Zélia Ribeiro (herdeira de Manuel Ribeiro).

Segundo a tradição, esta Quinta e casas nela existentes vêm do tempo dos «mouros»: lembram-se ainda algumas pessoas idosas das ruínas que existiram num sítio próximo, chamado o *Santo* e que, apesar de se dizer serem duma capela, parece, pela antiguidade e curiosa descrição que delas faziam, *terem sido de alguma outra construção*.

As casas da Quinta, de que ainda hoje existe uma parte, tendo sido a outra parte reconstruída, deixava *também supor, pela vetustez das suas paredes e pelo seu formato*, ser de antiquíssima construção. Infelizmente, a parte que mais interessante era pela sua antiguidade e curiosa construção, perdeu já o seu primitivo carácter.

No ano de 1553, aos sete de Abril, na cidade de Coimbra e paço episcopal de D. João Soares de Albergaria, Bispo da dita cidade e Conde de Arganil, apresentou António Vellez de Castel-Branco, Fidalgo da Casa d'ElRei, uma pública procuração de Brites Mendes de Castel-Branco, sua irmã, mulher que foi de Ruy de Sá Pereira, Fidalgo da Casa Real, para que passasse a dita Quinta do Curval a seu filho Artur de Sá, também Fidalgo da Casa Real, pai de Ruy de Sá. Este João de Sá ⁽¹⁾ fez na Quinta do Curval grandes benfeitorias, como casas, pomares e grandes aposentos.

Isto 166 anos depois da permanência de D. João I nos Paços, que ficavam na *posteriormente Quinta do Curval*.

Estes factos vêm em favor de «possivelmente» serem aqui localizados os Paços, tanto mais que, naqueles recuados tempos, a via que do Porto conduzia a Coimbra passava junto deles e não existe entre as duas cidades outro local, com este ou outro topónimo semelhante, ficando precisamente localizados, a meio do caminho, como afirma Fernão Lopes na sua admirável Crónica.

As fotografias n.ºs 3 e 4 que acompanham este trabalho mostram alguns aspectos das casas que não são certamente coevas da época de D. João I. Reconstruções e alterações várias teriam sido realizadas em diferentes épocas, mas um facto não parece merecer dúvidas—o local onde existiram os ditos Paços—e até, para reforço do que afirmo, notamos ainda um resto de calçada muito antiga que lhes dava acesso, partindo da via romana (Ver foto n.º 2) do lugar do Curval de Baixo.

(1) De anotar o nome que é precisamente o do velhote de que falo no início deste trabalho. Tratar-se-ia de algum descendente... Tudo é possível.

Dividirei o *trabalho* em três partes distintas, a saber:

- 1.º — *Reprodução da Crónica de Fernão Lopes* sobre a doença de D. João I nos Paços do Curval «ipsis litteris», para não lhe roubar o sabor do português medievo, anotando apenas o significado de alguns termos antigos.



Portal antigo que dava entrada ao local
em que existiram os Paços do Curval

- 2.º — *Títulos e respectivas datas dos seis diplomas do rei D. João I*, «saídos» dos Paços do Curval em Julho de 1387.
- 3.º — *Considerações finais*, com a descrição do 3.º diploma, ou seja o referente ao Mosteiro de S. Martinho, da freguesia de Cucujães, deste concelho de Oliveira de Azeméis.

PRIMEIRA PARTE

«COMO EL REI PARTIO CAMINHO DE COIMBRA
E ADOECEO NO CURVALL (1)

Partio el Rei de Guimarães pera o Porto, e dahi caminho de Coimbra homde estava a Rainha sua mulher, que eram dezoito leguoas de hũa cidade a outra. E ele nos Paços do Curvall, que sam em meio do caminho, adoeceo de grande dor de quemtura a que nã podiam poer cobro; e era esto na fim do mês de Junho (2) Ha Rainha, como (3) taes novas ouvio do seu muito amado marido que ella tanto prezava, triguosamente (4) partio pera aquel loguar, e o Duque seu padre com ella. E quãdo chegaram e o viram tam ffraco e sem esforço que adur (5) lhe pode fallar, ficaram tam nojosos (6) e tristes, espicialmête a Rainha, quamto se dizer nã pode, de guisa (7) que logo moveo (8) (de) hũa criança e não sem rezaom, caa (9) se via em terra estranha casada de pouco (10), posta em tanta homra e grande acatamento, e ffalecerlhe loguo asy cedo, bem se tinha por malaventurada amtre as molheres do mudo. E cuidando esto em sua alma e espirito, nã cesava de chorar, pedindo a morte que ha levase. El Rei mãdara chamar o Comdeestabre e isso mesmo (11) alguis fidalgos. E feito o seu testamento e repartidas suas coussas, era o desmaio (12) tam grande em todos que, atemdendo por sua saude, tall esperança emtemdiã ser vaam, e nã falavam em nenhũ cobro que ao Regno poer podesem, sallvo nos caminhos claros e abertos, como Purtuguall per sua morte de todo ponto era perdido. A muito nojosa Rainha chegavase a el Rei pelo comsolar, nã tirãdo os olhos delle, e nã sabia como reter as lagrimas que embarguavam a sua doce falla. E atemdendo por sua saude, viam no cada vez mais fraco;

(1) Extracto da «Crónica de D. João I», de Fernão Lopes — Edição Livraria Civilização, vol. II, Cap. cxv, págs. 256 e 257.

(2) Erro de cópia, pois trata-se de «Junho», como adiante demonstraremos.

(3) «quando»

(4) «apressadamente»

(5) «mal», «com dificuldade»

(6) «desgostosos»

(7) «de maneira»

(8) «deu à luz, abortando»

(9) «que», «porque»

(10) O casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre realizou-se na Sé Catedral do Porto, em 2 de Fevereiro de 1387.

(11) «bem como»

(12) «desânimo»

e oulhamdo como se todos apuridavam (1) hūs com outros, esto a punha em mor desesperaçã, asy que a seu nojo sobre tall guissa nã sabia conselho que poer, senam tornavase ao mui alto Deos e a sua preciosa Madre, roguamdo ameude em suas devotas orações que se quisesse amercear (2) do seu desemparo, e asy como Mestra da Misericordia provese (3) de saude ao seu desejado marido, aa quall aprouve (4) por sua merce impetrar tamta graça do seu Bemto Filho que el Rei começou de comvalecer e melhorar pera saude, cousa que nam foi em menos comta theuda (5) como se resuscitara da morte a vida. Aproveitamdo el Rei em sua boa melhoramça, cheguou se ho Duque hū dia a cama, e dise que lhe pedia por merce que perdoase ao Comde dom Guomçallo e a Aires Guomçallves de Figueiredo algū erro se lho feito tinham, e os mādase soltar e seu filho cō elles. *Em verdade*, dise el Rei, *eu nūca os mādai premder por cousa que entemdesse que contra mim obrasem; mas fizeo por me nã fazerem desserviço (6) que me pareceo que quieriam ffazer, e porem os relive ata ora; amte mādava daar mantimento a elles e a suas molheres, como saberees por verdade. Mas pois a vos, Senhor, asy apraz, eu sam (7) ledto (8) que os soltem loguo.*

E asy era de feito como el Rei dise, caa o Conde avia (9) por mees quinhentas libras, que eram vinte dobras (10) e Aires Guomçallvez avia seis. (dobras). O Duque mostrou que lho agradeia muito, e fez geito de lhe beijar a mão, segundo custume de Purtuguall, mas el-Rei nã lho quis consentir.

Prougue (11) ao Senhor Deus daar boa saude a el Rei. E partiram daquel lugar e vieramse todos a Coimbra».

Por achar curiosa e directamente fazer alusão ao Curval, reproduzo duas estâncias (por sugestão feliz do Dr. José Tavares, que teve a amabilidade de me lembrar incluí-las no meu trabalho)

(1) «segredavam»

(2) «compadecer»

(3) «desse», «acudisse», «fornecesse»

(4) «consentiu» ou «conseguiu»

(5) o mesmo que «tida»

(6) «mau serviço»

(7) «estou»

(8) (do latim — laetus) — «alegre», «satisfeito»

(9) «recebia», de avença

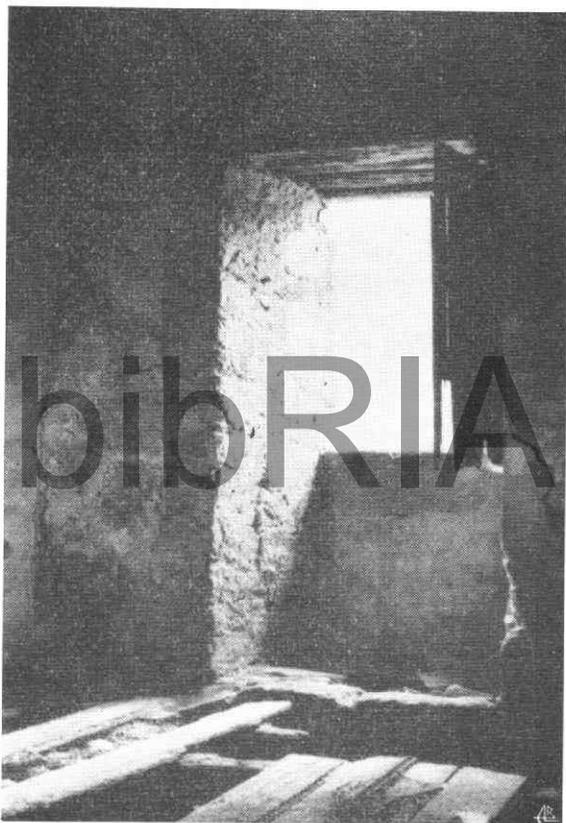
(10) Dobra — Moeda de ouro que antigamente correu em Portugal. Chamavam-lhe «portuguesa» ou «cruzada» e foi lavrada por D. Dinis, com a valia de 270 reis (Eluc. de Viterbo). A dobra (cruzada de ouro) valia 4 libras, segundo documentos de 1437.

(11) Do verbo antigo Prouguer (Elud. de Viterbo). — «Ter por bem», «agradar-se de alguma coisa».

PAÇOS DO CURVAL

do Poema heróico, em vinte cantos, de Francisco Rodrigues Lobo
— *O Condestabre de Portugal* — D. Nuno Alvares Pereira:

«Para a fresca Coimbra o Rey se parte,
Aonde estaua a Rainha, e seu desejo,
E o Duque que por huma e outra parte
Tratava de concertos neste ensejo,



Interior da casa em ruínas que devia fazer parte
dos «Paços».

Notar a espessura das paredes.

O Conde valeroso os seus reparte,
E vai-se às fertes terras de Alemtejo,
Fazendo antes deuota romaria,
A Guimaraens ao templo de Maria.

Entre o dourado Tejo e Guadiana
Vsava o seu governo celebrado
Exercitando a gente Transtagana
No militar concerto acostumado:
Mas de huma enfermidade deshumana
Sabendo que o seu Rey era auexado
Parte ao Corval a vello aonde esteue
Té deixallo melhor seguro, e leve.»

(Canto xvi, estâncias 70 e 71)

SEGUNDA PARTE

DIPLOMAS DE D. JOÃO I, DATADOS DO CURVAL:

(TÍTULOS E RESPECTIVAS DATAS
DOS SEIS DIPLOMAS)

3-VII-1387: Curval — Doação da Terra de Aguiar de Sousa a Pero Lourenço de Távora (L.^o 2.^o D. João I, fl. 4).

7-VII-1387: Curval — Devolução ao Conde D. Gonçalo das terras que tivera em tempo de El-Rei D. Fernando (L.^o 2.^o D. João I, fl. 3). O registo diz, erradamente, «Paços do curval em Castela».

10-VII-1387: Curval — Carta de guarda e «encomenda» ao abade e mosteiro de Cucujães (L.^o 2.^o D. João I, fls. 2 e v. 2).

12-VII-1387: Curualhe, i. é, Curval — Apresentação de certo clérigo na igreja de S. Salvador de Regufe (L.^o 2.^o D. João I, fl. 3). O registo tem, erradamente, Junho.

15-VII-1387: Curval — Apresentação dum clérigo na igreja de S. Pedro de Penalva (L.^o 2.^o D. João I, fl. 3 v.).

17-VII-1387: Curualhi — apresentação dum clérigo na igreja de Sta. Maria de Ferreira (L.^o 2.^o D. João I, fl. 2 v.).

TERCEIRA PARTE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações a fazer são de ordem vária:

Em razão do exposto por Fernão Lopes, esse admirável cronista dos séculos XIV e XV⁽¹⁾ podemos tirar a conclusão que D. João I esteve de facto gravemente doente, a ponto de fazer as suas *últimas disposições*, teve a rodeá-lo, além da inconsolável D. Filipa de Lencastre (que bem demonstrou a sua fervorosa crença religiosa), o sogro, Duque de Lencastre, o Condestável D. Nuno Alvares Pereira e parte da Côrte, que veio apressadamente de Coimbra para os Paços do Curval.

No meio da aflicção da Rainha, perdeu-se, possivelmente, o primeiro filho de D. João I...

Depois, podemos considerar (embora por mero e triste episódio) que o Curval, foi, durante 15 a 20 dias, a capital de Portugal (seis decretos saídos dos Paços do Curval).

A faceta bondosa de D. João I — perdoando as possíveis «faltas» de três dos seus fidalgos.

O perigo para a Pátria (pela constante ameaça de Castela), se D. João I não resistisse à doença que o atingiu.

Levantando conjecturas clínicas, a dor de quentura poderia ter correspondido a uma cólica renal ou hepática ou a uma pneumonia grave. É o termo «dor de quentura» indicativo de *dores com febre*.

Continuando a formular considerações, teremos de afirmar que a doença de D. João I não começou no (fim do mês de Julho de 1387) (como diz Fernão Lopes), mas sim no *princípio do mesmo mês*. E, senão, vejamos:

A vinda de D. João I do Porto para Coimbra, em 1387, fez-se depois da Campanha de Leão e em que o Rei partiu de Almeida, a pé, para Santa Maria de Oliveira (Guimarães), *por promessa* e por volta do dia 6 de Junho do mesmo ano. Chegado a Trancoso, aí se demorou alguns dias, pois, efectivamente, temos vários diplomas datados desta praça forte, em 8-10 e 11 de Junho. Poderia, pois, ter feito o trajecto a pé de Trancoso a Guimarães — (140 quilómetros aproximadamente) — (e na hipótese de andar

(1) Fernão Lopes, considerado o maior cronista português, como historiador, foi cronista probo, amigo da verdade e que apenas se servia de informações e documentos rigorosamente exactos, levando o seu escrúpulo ao ponto de visitar e examinar os locais onde os acontecimentos se tinham dado. Como escritor, foi um dos maiores prosadores da língua portuguesa e o seu estilo ficou célebre pelo colorido, espírito vivo, nitidez e pitoresco das descrições.

apenas 15 quilómetros por dia) — no espaço de 10 dias, pouco mais ou menos. Estaria, pois, em Santa Maria de Oliveira por volta do dia 22 de Junho. Teremos agora que calcular 2 ou 3 dias de repouso em Guimarães, a sua viagem para o Porto, que possivelmente foi feita a cavalo ou em liteira, 3 ou 4 dias de permanência nesta cidade e a sua caminhada para Coimbra nos mesmos meios de locomoção, o que, *na totalidade*, não somaria certamente mais de oito dias até ao Curval, local onde adoeceu ou onde se veio acolher, período que pode, pois, levar-nos a 29 ou 30 de Junho ou 1 ou 2 de Julho.

Por outro lado, conhecemos um diploma já do Curval, com data de 3 de Julho, que no dia 7 parece estar já em convalescença, e sabe-se que já se encontrava em Coimbra a 4 de Agosto.

Em segundo lugar, é pouco crível que D. João I se demorasse no Curval de 3 a 17 de Julho, se nessa altura não estivesse já enfermo. Mas há mais, como é comentado, e muito bem, por A. Botelho da Costa Veiga, no volume II das «Memórias do Congresso do Mundo Português — (1940) — e no seu trabalho «Fernão Lopes» — «Alguns elementos para o estudo de seus processos de investigação histórica», págs. 282, 283 e 284, em que afirma:

«Fernão Lopes diz que a Rainha e o Duque, sabendo em Coimbra da doença do Rei, foram para junto deste, e mais tarde, quando ele entrou em convalescença, *lhes pediram* que restituísse ao Conde D. Gonçalo e a Aires Gonçalves de Figueiredo os bens que, tempos antes, lhes haviam sido confiscados, pedido a que D. João I acedeu. Não informa o cronista sobre a data dos diplomas da restituição; *ela foi, porém, 7 de Julho, segundo da chancelaria consta*. Claro que daqui resulta *incompatibilidade com a referência ao final de Julho, feita por Fernão Lopes*. Terá havido erro na cópia dos dois diplomas? É possível, porque se trata de traslados, e não de originais — traslados, além disso, pouco seguros, como por via de regra, são os das ementas da chamada reforma de Azurara, segundo várias vezes verifiquei». No caso presente, há erro mesmo no local, que inexplicavelmente se coloca fora de Portugal: «Paços do Curval em Castela». Contudo, não é provável que estejam erradas todas as datas dos registos de 3 a 17 de Julho, e tanto basta para induzirmos que a doença de D. João I não começou em fins de Julho, como parece dizer Fernão Lopes, mas sim por princípios do mesmo mês».

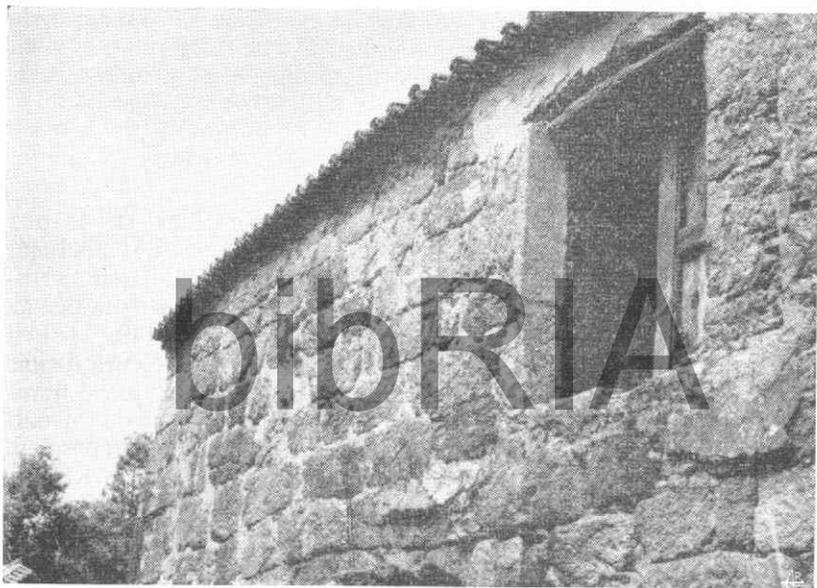
E para terminar, e como para mim apenas um diploma dos que foram dimanados do Curval tem especial interesse, por directamente dizer respeito ao Mosteiro de Cucujães, passo a transmiti-lo, segundo narração da *Benedictina Lusitana* de Frei Leão de S. Thomaz (tomo I — Trat. 1 — parte IV, págs. 277 e segs.), o qual vem provar que D. João I, seguindo, aliás, o critério já adoptado

PAÇOS DO CURVAL

por D. Afonso Henriques, muito protegeu e prodigalizou várias mercês a Igrejas e Mosteiros, entre eles o de S. Martinho de Cucujães, concelho de Oliveira de Azeméis. E assim vamos reproduzir o diploma do Mestre de Aviz, de 10-VII-1387, do Curval:

Carta de guarda e «encomenda» ao abade e mosteiro de Cucujães:

«Este Mosteyro perseuerou largos annos na obseruancia regular, & foy sempre fauorecido dos Reys, & especialmente del Rey Dom João, o primeyro do nome o qual por fazer merce



Casa de aspecto primitivo, de parede arredondada que deve ter feito parte dos «Paços do Curval»

ao Abbade, & Couento (diz) que os toma a elles, & a seu Mosteyro, & todas suas herdades quintas, & bens em sua guarda, & defenção. E manda debayxo de grandes penas que nenhua pessoa de qualquer calidade q seja, poue no dito Mosteyro, nem em quintas, & lugares delle, nem lhe tomem pão, & vinho, gados, caualgaduras, roupa, nem outra cousa algua sem vontade, & consentimento do Abbade, & Couento». Mandoulhes passar carta disto em Carualhal a *des de Julho da era de 1425, que são de Christo 1387*, anno em que o mesmo Rey casou com Dona Phellippa, filha de D. João, Duque de Lancastro, filho del Rey Duarte de Inglaterra,

VI deste nome, que veyo a Portugal pera tomar o Reyno de Castella, dizendo ser seu, por via da Rainha Dona Constança sua molher filha del Rey de Castella D. Pédro o Cruêl».

Este diploma vem também mencionado numa das obras do falecido e muito considerado Abade de Cucujães — Padre JOÃO DOMINGUES AREDE — mas estou certo, este historiador na sua monografia «Cucujães» (pág. 150) não relacionou o local onde foi decretado — Carualhal — com o lugar do Curval, pois dele não faz qualquer menção. Não se chegou, pois, a apercerber que foi ditado bem perto da terra que muito estudou e tantos anos parouquiou (Cucujães), pois «*Carualhal*», como vem escrito, tem grafia diferente de «*Curval*», lugar da vizinha freguesia do Pinheiro de Bemposta, terra cheia de pergaminhos e com história que bem merece ser estudada desde os seus primórdios, e, com todo o carinho, pelos seus naturais.

APÊNDICE

Referindo-se, embora sucintamente à doença de D. João I nos Paços do Curval, «Crónica do Condestável de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereyra», de autor desconhecido, mas certamente coevo de Nuno Álvares, com revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios — Coimbra 191 —, a págs. 149, lê-se o seguinte: «E estando o Condestabre em descanso em Évora depois de guarnecer as fronteiras, recebeu recado de El-Rei que o mandava chamar porque jazia muito doente nos seus «paços do Curval» com o qual recado o Condestabre foi muito triste e apreensivo. E partiu logo com grande pressa para lá. E esteve com o Rei até que ficou são e refeito. E daí voltou para Ourem e de Ourem se foi a Évora».

Contudo, a páginas 217 no final do livro e fazendo parte do *Vocabulário*, vem uma nota que não é exacta, em virtude da sua confusão com outro topónimo de «corval», pois à guisa de elucidação diz, baseando-se em Pinho Leal «Portugal Antigo e Moderno II-407 — «Corval» é uma freguesia do Alentejo, da comarca e concelho de Monsaraz até 1855 e desde esse ano do concelho Reguengos, comarca do Redondo a 40 quilómetros de Évora...».

Oliveira Martins na sua admirável obra, a «Vida de Nun'Álvares» (4.^a edição de 1923), a páginas 340, refere-se à doença de D. João I depois da campanha de Leão-Castela em que este foi logrado pelo sogro, Duque de Lencastre, com a sua defecção; regressou desolado a Portugal com o Condestável, entrando em Almeida e partindo depois para Trancoso; e o Condestável de Almeida para o seu posto no Alentejo. Diz assim:

«e o Rei, depois de uma romaria a Guimarães, recolhia a Coimbra, onde tinha a esposa. A meia jornada do Porto, no Curval,

adoeceu com febres e trouxeram-no a *Coimbra quase morto*; mandaram chamar o «Condestável», que veio correndo. Terminaria assim estupidamente a empresa de longos e duros anos de combates e sacrifícios? A pobre Rainha já se considerava na viuvez. Debulhada em lágrimas foi provavelmente ela que pediu ao pai para vir a Coimbra, de Castela, onde rematava a expedição, negociando o casamento da segunda filha, com o herdeiro da Coroa D. Henrique.

D. João I salvou-se; o Duque partiu para o Porto embarcar mas galés do Furtado com proa a Bayona; o Condestável regressou por Ourem ao Alentejo».

Apreciando o relato, vê-se que Oliveira Martins *não foi exacto ao afirmar que trouxeram o Rei quase morto para Coimbra. Veio sim, mas já convallescente.*

Não parece saber que D. João I esteve cerca de 17 dias no Curval, realmente às portas da morte... e diz que o Duque veio apenas a Coimbra. Poderia ser verdade, mas a sua viagem terminaria no Curval...

Agora outro erro — a páginas 465 em apêndices, — A — Cronologia — lê-se «Junho»(?). Restabelecimento das negociações para o casamento de D. Catarina de Lencastre com o herdeiro de Castela. Separação dos aliados. As tropas inglesas regressam através de Castela com salvo-conduto. Lencastre vai a Coimbra ver a Rainha D. Filipa, sua filha, e de lá para o Porto onde embarca para Bayona. D. João I fixa-se em Coimbra. Nun'Álvares regressa ao Alentejo.

«Agosto» (?): *doença grave de D. João I em Coimbra. Vinda de Nun'Álvares a vê-lo. Regresso a Évora por Ourém.*

Erros de datas — «Julho» e não Junho.

A doença grave não foi em Agosto, mas em *Julho* e não em *Coimbra mas no Curval*, concelho de Oliveira de Azeméis.

Oliveira de Azeméis, Setembro de 1970

MIGUEL ELÍSIO DE CASTRO

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA ECONÓMICA DE AVEIRO NO SÉCULO XVII

DOIS ARANZÉIS DAS SISAS
E TAXAS COBRADAS PELA CÂMARA

O Livro dos Registos da Câmara de Aveiro é uma colectânea de traslados de documentos oficiais dos anos de 1581 a 1792, feitos desde 26 de Abril de 1603 a 29 de Fevereiro de 1792.

Estes documentos são em grande parte provisões reais dirigidas à Câmara de Aveiro, e os seus traslados foram feitos pelos escrivães da Câmara e conferidos com um dos tabeliães de Aveiro. Mas entre os referidos traslados aparecem dois aranzéis, um das sisas que a Câmara cobrava pelas transacções comerciais de mercadorias em Aveiro na segunda metade do século XVII, ou pelas importâncias que os rendeiros da então vila recebiam ⁽¹⁾; outro das taxas que a Câmara cobrava pela medida ou pesagem de certas mercadorias destinadas à venda.

Estes dois aranzéis são produto da iniciativa de dois escrivães da Câmara. Não estão datados nem deles consta a época em que foram escritos no dito Livro dos Registos, mas estão assinados pelo escrivão, e por isso fácil é estabelecer com grande aproximação os anos em que foram escritos.

O primeiro aranzel foi escrito no Livro dos Registos a fl. 97 e 98, pelo escrivão ANTÓNIO CARDOSO DA FONSECA. Este escrivão trasladou documentos desde 8 de Dezembro de 1667 até 21 de Outubro de 1671. Este aranzel está situado entre um traslado feito em 16 de Dezembro de 1667 e outro feito em 22 de Junho

(1) Aveiro foi elevada de vila a cidade por alvará do rei D. José, de 11 de Abril de 1759 e carta régia de 25 de Julho de 1759.

de 1668. Terá sido lançado, portanto, no Livro dos Registos no ano de 1668. É intitulado:

Notícia que aqui fez do aranzel do que nesta vila costumam pagar as correntes, etc., do que se paga, o que e como.

O segundo aranzel foi lançado no citado Livro a fl. 122 pelo escrivão da Câmara JORGE BOTELHO DE EÇA. Este aranzel está lançado entre um traslado de 3 de Julho de 1675 e outro de 15 de Setembro de 1678. Este escrivão começou a fazer traslados em 4 de Novembro de 1673. Podemos, portanto, admitir que o segundo aranzel foi escrito no ano de 1676. Intitula-se:

Aranzel da renda dos búzios e toneladas e ver do peso desta nobre e notável vila de Aveiro.

Estes aranzéis têm actualmente interesse porque contêm elementos para a história económica de Aveiro no século XVII. Assim eles indicam-nos as principais mercadorias que então se transaccionavam na vila de Aveiro e a proveniência de algumas delas.

O comércio marítimo de Aveiro era feito por intermédio do seu porto, mas na época dos ditos aranzéis já este comércio estava em grande decadência como vamos ver numa breve notícia retrospectiva.

*

O comércio de Aveiro teve um notável incremento a partir dos princípios do século XVI, em consequência da descoberta da Terra Nova, na América, pelos portugueses no ano de 1501. Com efeito, os aveirenses logo começaram a fazer ali a pesca do bacalhau, para o que tiveram de construir muitos navios e de preparar mestres e pilotos para eles.

No ano de 1552 o porto de Aveiro já tinha setenta navios (*naus, navios e caravelas*), com a tonelagem total de 5.100 tonéis.

Muitos deles iam para a Terra Nova à pesca do bacalhau, e outros ocupavam-se no comércio externo com a Irlanda, Inglaterra, Flandres e Ilhas portuguesas; e ainda com a Galiza.

Este movimento marítimo era facilitado por uma barra boa e próxima de Aveiro.

Esta vila já tinha no ano de 1550 *mil e trezentos e tantos fogos* (1).

(1) Livro dos Registos da Câmara de Aveiro, fl. 130.

A população e o comércio interno e externo de Aveiro foi aumentando com o decorrer dos anos. Em 1572 atingiu o auge. A vila já tinha dois mil fogos e para a pesca do bacalhau havia 50 a 60 navios e para o comércio do sal tinha o número de navios aumentado muito.

A maior parte do bacalhau era vendido para a Inglaterra porque ela tinha feito um contrato para este fim com os pescadores aveirenses e mantinha em Aveiro agentes comerciais ingleses.

No Livro dos Registos da Câmara de Aveiro a fl. 138 v. encontra-se a seguinte declaração (doc. de 1636):

«A Terra Nova e sua pescaria era Vassallo do Reino, por cuja razão, e contrato que esta dita vila de Aveiro tinha com o pescado da dita Terra Nova havia nesta dita vila cinquenta e sessenta navios que todos os anos iam à dita pescaria da qual Sua Magestade tinha os proes e precalços que lhe tocavam mui acrescidos com o dito comércio que se continuou anos com grande zelo do lucro do dito Senhor.»

O DECLÍNIO

A prosperidade do comércio marítimo e terrestre de Aveiro iam declinar. A perda da independência de Portugal em 1580 em favor da Espanha, trouxe-nos graves e gerais prejuízos em virtude da hostilidade de certas nações contra a Espanha e portanto contra Portugal.

Por outro lado, a barra de Aveiro passou a deslocar-se para o sul, abrindo-se sempre no cordão litoral de areias, e a entrada e saída dos navios do porto tornou-se difícil.

Em 1598 a barra já estava alguns quilómetros ao sul do local onde actualmente está a povoação da Costa Nova do Prado.

Com efeito, numa carta de 27 de Maio de 1598 dirigida ao Rei, declaravam os vereadores que iam com vinte ou mais homens, três ou mais vezes por ano, mudar os paus dos sinais da barra por esta se mudar muitas vezes, e que os paus da barra estavam a duas léguas da vila de Aveiro ⁽¹⁾.

E assim, a barra se foi deslocando progressivamente para o sul, até que em 1726 atingiu a costa de Mira, e tornou-se imprópria para a navegação.

Em 1611 a praça de Aveiro já não tinha navios ⁽²⁾ e o porto de Aveiro passou a ser frequentado por navios ingleses, franceses, flamengos e espanhóis, mas em pequena quantidade. Os navios que mais frequentavam este porto eram os ingleses.

(1) Livro dos Registos, fl. 119 v.

(2) Livro dos Registos, fl. 119 v.

*

Em virtude da ruína da marinha mercante de Aveiro, os ingleses já não podiam receber daqui o bacalhau de que necessitavam, e por isso apoderaram-se da Terra Nova e estabeleceram eles a pesca e o comércio do bacalbau, passando Aveiro a ser abastecido por eles.

A população de Aveiro continuou a diminuir durante o século XVII. No ano de 1684 a vila já só tinha 1610 fogos, como constava do rol dos párocos.

* * *

Postas estas notas prévias, vamos ver as indicações que nos fornecem os dois aranzéis acerca do comércio da vila de Aveiro nos anos de 1667 e 1676.

O primeiro aranzel foi feito para «memória» das sisas que a Câmara cobrava nas vendas de mercadorias efectuadas na vila, e das sisas também cobradas sobre certas rendas da vila. Este aranzel indica-nos também as mercadorias correntes e outras negociadas em Aveiro.

Assim, no aranzel de 1667 mencionam-se além de outras, as seguintes mercadorias:

pescado fresco, sardinha salgada e bacalhau vindos do Porto; frutas várias, cebolas, queijos, mel, caça, azeite, açúcar, vinho, sal; carvão, lenhas, cera, tecidos, tomento, cabedais (cordovão e carneiras); louça de Castela, da Beira e de Coimbra, tejolo, telha, vidro; esteiras, palões, gamelas, taboleiros, peneiras, joeiras; lã para sombreireiros, ferro, breu, etc.

Algumas destas mercadorias pagavam a sisa de venda ou de entrada por arroba, mas a maior parte delas pagava por *carga maior* ou por *carga menor*.

Carga maior era a carga de uma besta muar ou cavalari (besta maior).

Carga menor era a carga de um asno (besta menor).

Pelo referido aranzel ficamos a saber que por esta época de 1667 se construiam em Aveiro naus, navios, barcas e vari-

nas (1), e que deste porto iam alguns navios pescar bacalhau na Terra Nova, e pescar atum na Terra Alta, na costa ocidental da África.

* * *

O segundo aranzel — o de 1676 —, contém as taxas que a Câmara de Aveiro cobrava por medir ou pesar mercadorias (ver de peso), fornecendo ela as medidas e os pesos.

As principais unidades de peso eram a arroba e o quintal, e as de capacidade ou volume eram a tonelada e o alqueire; e especialmente para o sal, o búzio e o milheiro.

A tonelada equivalia a um tonel de duas pipas, o búzio tinha três alqueires e o milheiro tinha setecentos e cinquenta alqueires ou duzentos e cinquenta búzios (2).

Era pesado, por quintais, o bacalhau, atum, ferro, aço, breu e chumbo.

O sal que saísse em navios era medido em milheiros.

A madeira que se carregasse na foz da vila, pagava por barca (3).

A louça que fosse carregada no cais de Aveiro pagava por barca ou barco (4).

Pagavam por tonelada o peixe, vinho e vinagre, e por moio o pão (em cereal), que saíssem pela Barra.

Postos os esclarecimentos precedentes, publicamos a seguir os dois referidos aranzéis.

FRANCISCO FERREIRA NEVES

(1) Pequenas embarcações de remos.

(2) Até os fins do século xv o búzio (com rasa) levava quatro das antigas medidas chamadas *moios*; e o *milheiro* tinha mil moios. O rei D. João II determinou que o sal por miudo fosse medido por alqueires, e então o búzio ficou equivalente a três alqueires, e o milheiro equivalente a 750 alqueires.

No concelho de Águeda usava-se o *búzio do sal* que tinha 57 litros. (Veja-se *Mapa das medidas do novo sistema legal*. Lisboa, 1868).

(3) A barca era uma embarcação com doze homens de tripulação.

(4) É de crer que grande parte desta louça fosse feita nas olarias de Aveiro.

DOCUMENTOS

I

Memória que aqui fiz do aranzel do que nesta vila costumam pagar as correntes, etc., do que se paga, o quê e como.

Item	A carga de azeite quer seja maior quer menor paga dez reis por alqueire	010
Item	Ameixa passada paga dez reis por alqueire	010
Item	Arroba de amêndoa paga cem reis	100
Item	A carga maior de azeitona paga oitenta reis	080
Item	A menor cinquenta reis	050
Item	Arroba de alcaparra cinquenta reis	050
Item	A carga maior de aros paga duzentos reis	200
Item	E não sendo carga paga arroba a esse respeito	
Item	O arrátel de açafão pagará cento e cinquenta reis	150
Item	A carga maior de burel e pano de linho pagará trezentos reis	300
Item	A menor do mesmo género duzentos reis	200
Item	Todo o burel e pano de linho de qualquer parte que seja e lâ que vier a vender pelas ruas à cabeça nas mãos não paga nada	nada
Item	Não pagam outrossim cobertores, saias, sacos e mantas	nada
Item	A carga de castanha pilada paga oitenta reis	080
Item	A menor trinta reis	030
Item	A carga maior de castanha verde paga quarenta reis	040
Item	A menor um vintem	020
Item	A carga maior de cordovão paga quatrocentos reis	400
Item	E a menor duzentos reis	200
Item	A carga maior de carneiras paga duzentos reis	200
Item	A menor cem reis	100
Item	Paga o cordovão que vier em carga, cento e sessenta reis	160
Item	E as carneiras oitenta reis não vindo tudo nas cargas por dúzia	080

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Carvão

Item Paga o barco de carvão cinquenta reis . . . 050

Carvão

Item Todo o carvão que vier em cargas ou à cabeça não paga nada

Carvão

Item O carvão que vier em carros paga cada um vinte reis 020

Caça

Item A caça não pagará nada

De lenha e cepa

Item Paga todo o barco de chamiça, lenha e cepa e madeira de vinhas que vier de fora vinte e cinco reis 025

Esteiras e outras coisas

Item Das esteiras de bunho, tabua, junco e palões que se venderem à cabeça não paga nada, e vindo em cargas paga dez reis 010

Figo passado

Item Figo passado paga arroba quinze reis 015

Fruta à cabeça

Item Figos, uvas, peras, maçãs, e qualquer outra fruta que seja que vier vender à cabeça, não paga nada

Gamelas, etc.

Item A carga de gamelas e taboleiros a maior quarenta reis 040

Item A menor vinte reis 020

Item Vindo à cabeça não paga nada

Item Toda a carga de lã para sombreireiros, e a outro de toda a sorte um cruzado 400

Item A menor paga duzentos reis 200

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA ECONÓMICA

Item	A carga de louça de Castela a maior paga cento e sessenta reis	160
Item	A menor paga cem reis	100
Item	Paga a carga de louça da Beira a maior vinte reis	20
Item	A menor dez reis	10
Item	O carro de louça de Coimbra paga duzentos reis	200

Mel

Item	A carga maior de mel paga duzentos reis	200
Item	A carga maior de nozes paga cinquenta reis	50
Item	A menor trinta reis	30
Item	Arroba de passas vinte reis	20
Item	Peneiras, joeiras nada	nada
Item	Porém vindo em cargas a maior quarenta reis	40
Item	A menor vinte reis	20

Pescado

Item	Os pescadores desta vila não pagam mais que meia sisa o pescado que na praça venderem, e assim os pescadores de quaisquer outras partes que com seus barcos vierem à Ribeira e assim os de Angeja	meia sisa
Item	Vendendo os pescados no Rio pagam deles sisa direita E o que vier de Esgueira à cabeça paga meia sisa	sisa direita meia sisa
Item	Toda a pessoa desta vila que for à terra da Feira comprar frutas em canastras, madeira e outras coisas para tornar a vender, paga meia sisa porquanto a geral é forra, e não ficam avenções	meia sisa

Queijos

Item	A carga maior de queijos paga cento e sessenta reis	160
Item	A menor do mesmo paga cem reis	100
Item	Os sáveis, lampreias, enguias e mais pescado que vier à cabeça assim de Ilhavo, como Angeja, vendendo-se na Ribeira paga meia sisa	meia sisa

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Item	E vendendo-se fora da Ribeira, o sobredito paga sisa direita	sisa direita
Item	Toda a sardinha salgada e bacalhau que vier da cidade do Porto assim por terra como por mar paga sisa direita posto que seja dos moradores desta vila.	sisa direita
Item	Os sáveis, lampreias, ruivos, pescada e sardinha fresca que vier da cidade do Porto não paga mais que meia sisa, ou de qualquer outra parte que venha, vindo por mar	meia sisa
Item	A carga maior de ameixas, cerejas, peras, pêsegos, paga quarenta reis	40
Item	A menor do mesmo um vintem	20
Item	Arroba de sumagre paga oito reis	8
Item	A carga maior de cera paga quinhentos reis	500
Item	A menor trezentos	300
Item	Toda a cera que se vender pelas ruas nas mãos que não passar de meia arroba, não paga nada	nada
Item	E a que passar da dita meia arroba que se traga nas mãos, paga cem reis	100
Item	Cada carro de cebolas quarenta reis a esse respeito pagam os barcos	40
Item	Carro de sal paga vinte reis	20
Item	O carro de cepa paga seis reis	6
Item	Sebo a carga maior paga duzentos reis.	200
Item	A menor do mesmo cem reis	100
Item	A carga maior de tomento paga cem reis	100
Item	A menor cinquenta reis	50
Item	O carro de tegelo (<i>tejolo</i>) paga quinze reis	15
Item	O carro de telha um vintem	20
Item	Vidro a carga maior duzentos reis	200
Item	A menor do mesmo cem reis	100
Item	A carga de verdeais, peras, e mais fruta do tarde, a maior paga oitenta reis	80
Item	E a menor do mesmo paga quarenta reis	40

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA ECONÓMICA

Item Todas as mais coisas que pertencerem à venda das correntes que aqui não vão declaradas não pagam mais que meia sisa dos preços por que as venderem meia sisa

* * *

Item A renda da dízima da imposição do sal paga o que sempre pagou.

Item A renda das entradas paga sisa direita conforme a pauta da alfândega; aquelas coisas que tiverem pauta estará o rendeiro pela pauta; e as que a não tiverem, não querendo o rendeiro estar pela avaliação da alfândega e peso, poderá com as partes fazer outra nova avaliação e peso na forma do regimento . . . sisa direita

Item A renda do ferro e breu paga a sisa direita, e assim o que vier da cidade do Porto em barcos ou de outra qualquer parte e rio posto que seja dos moradores desta vila . . . sisa direita

Item A renda do bacalhau e sardinha que vier pela barra paga sisa direita . . . sisa direita

Item Do mesuo que o bacalhau e sardinha pagam os azeites e na mesma espécie sisa direita . . . sisa direita

Item As naus dos moradores desta vila que forem à Terra Nova e Terra Alta e outras quaisquer partes não pagam por marinhagem mais que trezentos reis e os mestres serão obrigados a arrecadar as marinhagens de suas naus e navios, e responderão com o direito delas aos rendeiros sob pena de as pagarem de suas casas . . . 300

Item E os que não forem desta vila dos mesmos pagam sisa direita de toda a pescaria . . . sisa direita

Item O açúcar que vier pela barra paga a caixa do branco quatrocentos reis . . . 400

Item A caixa do que não for branco duzentos reis . . . 200

Item Os moradores desta vila que mandarem vir do Brasil e de quaisquer outras partes duas arrobas de açúcar e de conserva, queijos ou manteiga para suas casas, não pagam nada de sisa . . . nada

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Item	E assim mesmo não pagam nada de uma dúzia de peles, de um escritório, de um leito, de uma dúzia de cadeiras e couros para elas . . .	nada
Item	Os queijos, manteigas, frascos, e outros brincos dos estrangeiros que eles trouxeram a esta vila por mar para nela venderem, não pagam nada de sisa	nada
*		
Item	A renda do sal dos alqueires paga como sempre pagou.	
Item	A renda do pão será forra assim do que vier por mar como por terra de qualquer parte que venha e assim a cevada e todos os legumes .	nada
Item	A renda do vinho paga toda a pessoa, aquartilhado duzentos e cinquenta reis a pipa . . . E vendendo aos almudes, ou pipas paga sisa direita	250 sisa direita
Item	Os moradores desta vila não pagarão sisa dos vinhos de sua layra quer os vendam aquartilhados quer ás pipas ou almudes	nada
Item	O vinho que vier em cargas paga dez reis por almude	10
Item	A renda das carnes será forra assim a que se cortar no assougue como a que se vender em pé e assim os miudos e toda a caça de aves, cabritos, cordeiros. E todo o mais género de carnes posto que seja seca	nada
Item	A renda geral não se fintará em nada mas paga o rendeiro aos officiaes seu salário como se fora fintada	nada
*		
Item	Toda a pessoa de fora desta vila que nela fizer e mandar fazer naus, navios, barcas, varinas, paga sisa direita e assim do que nela comprarem	sisa direita
Item	A renda das erdades paga meia siza	meia siza

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA ECONÓMICA

Item	Os moradores desta vila não pagam nada de sisa assim de naus, navios, barcas, como das mais coisas sobreditas, e o mesmo do que com- prarem	nada
Item	Toda a regateira será forra	forra
*		
Item	A renda do Duque pague quatro mil reis	4000
Item	A renda de Pedro Tavares pague oito mil reis por andar arrendada em mais	8000
Item	A renda da Comenda dois mil reis	2000
Item	E ao dito respeito os benefícios que se arren- darem.	

Fim do aranzel

António Cardoso de Affonseca
bibRIA II

*Aranzel da renda dos búzios e toneladas e ver de peso desta
nobre e notável vila de Aveiro.*

Bacalhau

De cada quintal de bacalhau que se vender nesta vila pagará de peso quatro reis e de repeso três reis e quem o contrário fizer destas duas coisas acima ditas pagará seis mil reis a metade para a Câmara e a outra para o rendeiro.

Ferro, aço, breu, chumbo

De cada quintal de ferro, aço, breu e chumbo pagará de peso quatro reis e de repeso dois reis que paga logo à porta da Alfândega e quem o contrário fizer incorrerá na mesma pena acima dita.

Sal

Sal de cada milheiro que sair pela Barra desta vila pagará dez reis e onze e meio de búzio que faz soma tudo de vinte e um real e meio.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Prancha

Meio tostão de prancha aquele que a tomar ou medir sal sem ela com a mesma pena acima dita.

Arcos

De cada milheiro de arcos que se embarcar na foz desta vila pagará oitenta reis.

Madeira

De cada barca de madeira que se embarcar na foz desta vila pagará oitenta reis.

Louça

De cada barca de louça que se carregar no cais desta vila pagará oitenta reis e meio tostão de prancha ainda que a não tome.

De cada barco de louça pagará quarenta reis e de batel vinte reis tudo sobre a mesma pena acima dita.

Botijas

De cada botija que for pela Barra fora ou para qualquer outra parte fora desta vila pagará um real.

Pipas de peixe, vinho, vinagre

De cada pipa digo de cada duas pipas que saírem pela Barra desta vila pagarão onze reis e meio por tonelada.

Açúcar

De cada caixa de açúcar que entrar pela Barra desta vila pagará trinta reis e sendo fecho pagará quinze reis e o mesmo pagará por saída com a mesma pena declarada.

Pão

De cada moio de pão que sair pela Barra desta vila pagará dez reis.

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA ECONÓMICA

Lã

De cada carga de lã se pagará quarenta reis e de cada saca vinte reis o qual terá obrigação de ir ao ver de peso sobre a mesma pena.

Amêndoa e passa, figo, queijo, sumagre, cera, sebo, estanho, gergelim, pargo.

Pagará de cada arroba um real e as tais coisas terão obrigação de ir ao ver de peso com a pena sobredita.

Atum

De cada quintal de atum que entrar pela Barra desta vila pagará de peso quatro reis e de repeso três reis.

Embarcações

De cada embarcação que entrar pela Barra desta vila com alguma coisa de carga pagará meio tostão de prancha ainda que a não peça.

Sal

De cada milheiro de sal que se medir para as lojas desta vila ou para Águeda, ou Ovar ou para outra qualquer parte que seja pagará dez reis por milheiro.

E todas as coisas aqui não nomeadas que pertencerem a peso houverem de ser pesadas pagarão um real por arroba tudo com pena de seis mil reis a metade para esta Câmara a metade para o rendeiro.

Fim do aranzel

Jorge Botelho de Eça

O «CLUBE DOS GALITOS»

NOTÁVEL AGREMIACÃO AVEIRENSE

DEPOIS da festiva inauguração da sede definitiva desta benemérita e admirada agremiação a eirense, justo se tornava que o Arquivo do Distrito de Aveiro sobre ela se pronunciasse.

Os artigos que se seguem falam-nos da origem do Club; e das suas actividades de puro desportivismo, da sua acção teatral, recreativa e cultural, e relatam as cerimónias da inauguração do edificio.

Sobre este acto publicou a Direcção um elegante opúsculo —Clube dos Galitos— Nova Sede — Programa — 29-XI-70, no qual se registam os galardões recebidos, oficiais e não oficiais; as actividades cívicas e benemerentes, bem como as culturais e recreativas; as actividades desportivas; o programa comemorativo da inauguração da nova sede (Nov.º e Dez.º de 1970, Jan.º e Fev.º de 1971), e ainda o de Colóquios — Aveiro — Rumo ao Futuro — «cujo objectivo é o de equacionar e discutir os problemas de carácter local que mais interessam ao desenvolvimento de Aveiro e valorização dos Aveirenses, e de para aqueles procurar soluções, a apresentar a quem de direito».

O «CLUBE DOS GALITOS» E A SUA NOTÁVEL ACÇÃO NO DESPORTO

VOLTA a moda do velocípede a reinar com força nesta cidade, por cujas ruas andam velocipedando vários mancebos e adultos — noticiava, tal-qualmente, em 1 de Maio de 1886, «O Campeão das Províncias», bissemanário aveirense de grande formato. Na realidade, Aveiro seria das primeiras terras do país a sentir irresistível atracção pela bicicleta. E foi exactamente por mor da bicicleta, da velocipedia, ou do ciclismo, como passou mais tarde a dizer-se, que surgiu uma insanável divergência no seio da numerosa massa associativa da *Sociedade Recreio Artístico*.

Corria o ano de 1903 e era descompassada a rivalidade existente em redor de Manuel Ferreira Canha e João de Sousa Gomes, dois ídolos de então. A fim de as dúvidas serem tiradas, programou-se uma corrida da Barra até Aveiro. Entretanto, os mais jovens afirmavam ardorosamente que Gomes era o melhor. Que não, que o melhor era o Canha, contestavam, com análoga veemência, os sócios mais idosos. Palavras, miríades de palavras, tantas delas quiçá ditas a esmo, constituiriam um rastilho chamejante para as eleições que se avizinhavam...

No termo da assembleia geral, em que os jovens perderam as eleições, alguém, insólitamente, destemperadamente, exclamou: — Onde há galos de fama que vêm *galitos* cá fazer?!

A reacção foi imediata, instantânea, e o apodo, imbuído de desdouro como todos os apodos, logo adoptado com orgulho, com ufania. O nome de uma nova colectividade aveirense — *Clube dos Galitos* — havia sido encontrado...

Seguiu-se uma reunião dos cisionistas, no sótão do prédio onde, ao tempo, funcionava o Clube de Mário Duarte, junto da Ponte das Almas, na antiga Praça de Luís Cipriano, sendo lavrada a competente acta. Reza assim o já histórico documento, vera certidão das origens do novo Clube:

«Aos vinte e cinco dias do mês de Janeiro de mil novecentos e quatro, achando-se reunidos, no andar superior ao ocupado pelo Clube Mário Duarte, no edificio situado na Praça de Luís Cipriano, para cima de setenta individuos sem distincção de classe, pelo

sr. Augusto Carvalho dos Reis foi dito que, tendo os acontecimentos recentemente passados na Sociedade do Recreio Artístico feito nascer no ânimo de muitos a ideia simpática da fundação de um novo Clube recreativo, como protesto veemente contra o desleal, arbitrário e vexatório procedimento havido contra grande número de sócios daquela agremiação no uso pleno de todos os seus direitos e regalias, — convidara todos os presentes a comparecerem nesta sala para que se pronunciassem sobre a conveniência e oportunidade de fundar em Aveiro um novo clube recreativo. Que o seu apelo tinha sido aceite com o mesmo entusiasmo com que brotara tão simpática ideia, bem o provava o considerável número dos que ao seu convite haviam accedido. Por tal motivo a todos protestava o seu reconhecimento; feita a exposição do fim que ali os reunira propunha para presidir aos trabalhos preparatórios o sr. Manuel Gonçalves Moreira, cujo elogio se abstinha de fazer, por desnecessário. E sendo esta proposta aprovada por aclamação unânime, occupou o sr. Manuel Gonçalves Moreira o lugar da presidência, convidando para secretários Francisco Ferreira da Encarnação e António Augusto de Sousa, o que foi aceite pela Assembleia..... Usando seguidamente da palavra, agradeceu o sr. Presidente da Assembleia a honra com que acabaram de o distinguir e a prova de confiança que lhe davam, escolhendo-o para presidir à reunião que se ia celebrar. Pela sua parte fazia declaração categórica e sincera de que encontrariam sempre em si a vontade mais decidida e incondicional em favor de tudo quanto fosse justo para o progredimento e triunfo das deliberações definitivas que a Assembleia houvesse por melhor tomar. Dito isto, e visto que a Assembleia já estava orientada sobre o fim que ali os reunira, punha à discussão o primeiro ponto a tratar, que era a conveniência e oportunidade da fundação de um novo clube de recreio, dando para tal fim a palavra a quem a pedisse. E como a Assembleia se pronunciasse unânime pela fundação, pelo mesmo sr. Presidente foi dito que era opinião sua, e que sem embargo de melhor juízo submetta à consideração dos presentes, que o novo clube funcionasse sob a denominação de Clube dos Galitos. De Galitos, disse o sr. Presidente, nos haviam apodado os nossos desleais adversários do Recreio Artístico, pretendendo assim lançar sobre o nosso nome uma nota de desprestígio e rebaixante desconsideração; a melhor resposta, porém, a dar a tão inofensivo apodo, em que pese aos que nos são adversos, é, no seu entender, adoptar, como nome de guerra, para a nova agremiação o nome de Clube dos Galitos. O que posta à aprovação foi aprovado por unanimidade. Entrando-se em seguida na discussão da bandeira a adoptar como distintivo deste Clube, propôs mais o sr. Presidente que a bandeira tivesse por emblema em campo raso e branco um galo vermelho em attitude de cantar, apoiado numa das patas e mantendo segura na outra uma rolha: o que igualmente foi aprovado por aclamação e sem divergência de opiniões. Mais se deliberou que os sócios do Clube dos Galitos fossem de duas categorias: ordinários e anuais, devendo esta última categoria compreender

apenas indivíduos estranhos à cidade ou que vivam fora do seu perímetro, sendo a jóia dos primeiros de seiscentos réis e a sua mensalidade de cento e sessenta réis; e a anuidade dos segundos de seiscentos réis sem pagamento de jóia. Passando-se em seguida à discussão dos nomes dos cavalheiros que haviam de constituir a comissão instaladora do Clube com atribuições plenas para provisoriamente administrar, dirigir e empregar todos os meios para o mais rápido engrandecimento do Clube dos Galitos, ficou assente depois de várias propostas unânimes na sua essência, que a aludida comissão ficasse constituída:—Manuel Gonçalves Moreira, Presidente da Assembleia Geral; António Maria Ferreira, Vice-presidente da Assembleia Geral; Francisco Ferreira da Encarnação, Primeiro Secretário; António Augusto de Sousa, Segundo Secretário; Manuel Lopes da Silva Guimarães, Presidente da Direcção; Eugénio Ferreira da Costa, Vice-presidente da Direcção; Augusto Carvalho dos Reis, Tesoureiro; Paulo Gonçalves Moreira, Primeiro Secretário; Alfredo Gaspar de Oliveira, Segundo Secretário; José de Pinho, Vogal; Francisco Maria dos Santos Freire, Vogal; Manuel Fernandes Lopes, Vogal; Pompeu da Costa Pereira, Vogal; Comissão Fiscal:—João da Cruz Bento, João Maria da Naia Graça e Domingos Martins Vilaça. E não tendo mais ninguém pedido a palavra, pelo Presidente foi agradecido à Assembleia, em nome de todos os eleitos, a honra que lhes dera, escolhendo-os para a Direcção provisória de todos os negócios do Clube dos Galitos, em seguida ao que levantou a sessão, da qual se lavrou a presente acta, que vai ser assinada pelo Presidente eleito da Assembleia Geral, pelo Segundo Secretário e por mim, Primeiro Secretário, Francisco Ferreira da Encarnação, que a escrevi. Ass.) Manuel Gonçalves Moreira, António Augusto de Sousa, Francisco Ferreira da Encarnação».

Impunha-se, obviamente, a existência de uma verdadeira sede social, e ela, na verdade, apareceu sem delongas. Vagara a casa onde actualmente funciona o Banco Nacional Ultramarino, na rua do Cais, mais tarde denominada de João Mendonça, e fez-se o arrendamento. O «Galitos» deparara com o seu fundamental e razoável «poleiro».

* * *

Nos primeiros anos, a actividade do clube desdobrou-se, como aliás se desdobraria pelos tempos fora, ininterruptamente, em marcantes manifestações de índole cívica, cultural, recreativa e desportiva. Destas últimas procuraremos dar, e isso exclusivamente nos cumpre, uma breve resenha, aludindo apenas, como é intuitivo, aos mais relevantes acontecimentos. De resto, tornar-se-ia impossível enumerar tudo quanto operou, digno de realce, uma agremiação que singra de vento em popa para as «Bodas de Diamante».



A COMISSÃO INSTALADORA DO CLUBE DOS GALITOS

Da esquerda para a direita :

1.^a fila — Paulo Gonçalves Moreira, António Maria Ferreira, Manuel Gonçalves Moreira, Manuel Lopes da Silva Guimarães e Eugénio Ferreira da Costa

2.^a fila — Manuel Fernandes Lopes, Francisco Maria dos Santos Freire, Francisco Ferreira da Encarnação, Alfredo Gaspar de Oliveira, Augusto Carvalho dos Reis, João da Cruz Bento, António Augusto de Sousa, José de Pinho, João Maria da Naja Graça, Domingos Martins Vilaça e Pom-

No ciclismo, meia dúzia de meses após a fundação, o Clube dos Galitos concretizou logo uma iniciativa que deu brado, qual a de erguer, no Ilhote do Cojo, onde existe actualmente o Mercado, um funcional se não magnífico velódromo. A inauguração, abrilhantada pela Banda Amizade, decorreu em 31 de Julho, competindo «ases do pedal» portuenses e cidadãos — Eduardo Trindade, José dos Santos Alexandre, Alfredo da Silva Gouveia, António da Cruz Bento (o Balão), Francisco Pereira de Melo (o Bailica), Manuel Ferreira Canha, João da Cruz Pericão, Raul Pinheiro, António dos Santos Capela, Pompílio Ratola, ...

Na época imediata, o Velódromo do Clube dos Galitos funcionaria de novo, pequenas multidões fascinadas agora pelo valor de Cruz Bento, Canha, Pereira de Melo e António Capela. À acesa mas já esfumada rivalidade de outrora, entre Gomes e Canha, sucedera a de Canha-Cruz Bento, com vantagem, em certo e famoso despique, para este último. Meia cidade delirou. Estralejaram dúzias de foguetes e saiu mesmo a música para a rua. António da Cruz Bento, ás do ciclismo para a gente moça, competira entrementes na Capital. O povo «inventou» cantigas e uns tantos velocipedistas como que entrariam nos domínios da Lenda...

*O Balão foi a Lisboa,
teve a sorte de ganhar;
ganhou o primeiro prémio,
mas não lho quiseram dar.*

*O Balão foi às corridas
com sapatos de pelica;
quem perdeu foi o Capela,
quem ganhou foi o Bailica.*

Num assomo de vitalidade, um grupo de sócios não se dispensou, também em 1905, de fundar um semanário, «O Galito», que, embora oficiosamente, reflectiria a vida e os anseios do Clube. Dirigia-o Francisco Ferreira da Encarnação, enformando Alfredo Gaspar, Ernesto António de Freitas e Francisco Maria dos Santos Freire o corpo redactorial. Cerca de cem edições, a segunda incluindo já o nome do dr. ALBERTO SOUTO no cabeçalho e um texto primoroso do dr. JOAQUIM DE MELO FREITAS, viram sucessivamente a luz da publicidade. No entanto, e para além de tudo, importará considerar o aveirense «Galito» como um pioneiro das publicações congêneres, ou seja, de todos os órgãos oficiais ou oficiosos dos clubes portugueses.

* * *

Depois da primeira grande conflagração europeia, começou a flamejar o entusiasmo em torno do futebol e a colectividade «alvi-rubra» não quedaria indiferente. Na década de vinte, as suas equipas tiveram luzido comportamento. De 21 a 24, conquistaram a famigerada, por disputadíssima, «Taça Aveiro», que caberia em definitivo ao clube vencedor três anos consecutivos. Tardes que espreitaram, que buliram com a cidade de lés-a-lés, uma cidade onde então proliferavam as turmas de futebol, sem esquecer a do jovem Beira-Mar, tardes ainda hoje rememoradas com resquícios de paixão. Numa das finais, o dr. Mário Duarte nas balizas do Galitos; nas do lado oposto, do Académico, outro seu irmão, o malogrado Carlos Júlio. Reforçando ainda mais as equipas, e entre outros, Artur José Pereira, uma das sumas glórias do futebol português de todos os tempos, Chico Marinho, Joaquim Rio, Azevedo (o Peras). Venceu o Galitos pela tangente e, na sede, que era já então no edifício onde demora presentemente a Capitania do Porto de Aveiro, houve festa rija, e não era caso para menos. Nessa década de ouro, a equipa, dispondo uma ou outra vez do concurso do dr. Augusto da Fonseca e de Boaventura da Silva, que, decorridos tempos, se celebrizariam no Benfica, o primeiro na qualidade de presidente da Direcção e o segundo como jogador, chegou a dar «show», passe o estrangeirismo, em vários campos nortenhos, inclusive no Porto.

Pela repercussão que alcançaram em Portugal e na Galiza, são outrossim de relembrar as partidas efectuadas, graças à acção do dr. Mário Duarte, com o Desportivo Guardéz. Numa delas, não fossem os aveirenses originar uma surpresa, alinhou Polo, do Celta, ultrafamoso «internacional» espanhol.

Ser-nos-ia grato, caso pudéssemos alargar, que não é, as fronteiras do espaço reservado a estas linhas, referir diversos nomes de futebolistas que envergaram, em tal ciclo, a camisola branca, com gola e punhos vermelhos, do «Galitos». Mereciam-no amplamente, sem dúvida, como de citação igual eram merecedores outros notáveis atletas das restantes modalidades.

Na bola ao cesto, ou basquetebol, a persistência do clube avulta sobremodo. Inclusivamente, quando tudo ameaçava sosso-brar no Distrito, a bandeira do «Galitos» ficaria sempre de pé. Mas nem só isso, porque soube contagiar outras flâmulas, inoculando vivas seivas no espírito dos descrentes, dos desalentados. Como corolário de trinta e dois anos sucessivos de infatigáveis canseiras, êxitos e mais êxitos. Sobre a modelação de incontáveis praticantes, uma dúzia de títulos regionais na categoria superior, diversas permanências na Divisão cimeira portuguesa, uma

rútula vitória no «Nacional» de Juvenis e outra, ainda bem recente, indiscutível, bonita, na II Divisão. Para cúmulo, e o pormenor não é de somenos, um jogador internacional «fabricado» no «viveiro».

A par do basquetebol, movimentação assinalável, intermitente ou contínua, no hóquei em patins, no atletismo, no badminton, na natação, na pesca desportiva, no andebol de sete, no campismo. Milhares de cultores, dinamismo, juventude, alguns campeões masculinos e femininos, que rapazes e raparigas são feitos do mesmo humano e frágil barro.

É justo afirmar-se, porém, que foi no desporto do remo que o Clube mais se impôs, chegando a fulgurar à escala mundial, mercê de uma plêiade de valores autênticos, muitos dos quais ganhariam o prémio da internacionalização. Coleccionador de uma centena, para mais que nanja para menos, de campeonatos nacionais, as suas tripulações arrancaram, entre 1942 e 1950, seis vitórias nos «Peninsulares», quatro delas em «shell» de 8 e as restantes em «shell» de 4. Independentemente da realçante presença nos Jogos Luso-Brasileiros, não isenta de vitórias, um «shell» de 4 com timoneiro arrancaria o triunfo principal nas grandes regatas da Figueira da Foz, em 1958, superiorizando-se a todos os adversários, portugueses e estrangeiros — da França, Irlanda, Espanha, Bélgica e Inglaterra. A glória, todavia, nimbou sobretudo as extraordinárias tripulações do Clube dos Galitos nos Jogos Olímpicos de Londres e, em especial, nos Campeonatos da Europa disputados em Milão (1950), imediatamente seguidos da clássica regata de Castelgandolfo.

Em Henley, aros da metrópole inglesa, os remadores do Clube dos Galitos — e de Portugal — atingiram as meias-finais, depois de baterem as representações do Eire, da Argentina e da Jugoslávia. No hidroscaleo milanês, alcançaram mesmo as finais, para o que tiveram de dominar equipas de diversos países. Na regata decisiva, ganhou a Itália, à frente da Dinamarca, Grã-Bretanha, Áustria, Portugal e Holanda. Contudo, não poucos estrangeiros afirmariam que os portugueses se anteciparam ligeiramente aos austríacos, transpondo de facto a meta em quarto lugar. Mas a desforra, retumbante, escassos dias demorou. Com efeito, em Roma, na «concha» esmeraldina de Castelgandolfo, o «Galitos» (6 m. 19,2 s.) subjugou os transalpinos, campeões da Europa (6 m. 22,2 s.), a Áustria (6 m. 23 s.) e a França (6 m. 28,9 s.), conquistando a Taça «Presidente da República». A façanha da tripulação do clube português teve automática repercussão mundial — e Aveiro recebeu em apoteose os seus remadores. Na sede, que há muito fora instalada na rua de 5 de Outubro, posteriormente denominada do Clube dos Galitos, choraram-se lágrimas de intensa alegria. A vitória fabulosa dos atletas, redoiçada com o comportamento nos Campeonatos da Europa, transcendendo o



A antepenúltima instalação do Clube, em edifício da Empresa de Pesca de Aveiro, há anos demolido

âmbito meramente clubista, era também da cidade inteira e do próprio desporto português.

Perfilhando e incentivando, fiel a tradicional linha de rumo, um estreme amadorismo, o Galitos, embora aqui e ali defronte equipas, profissionais ou não, logra, consegue obter, invejáveis triunfos nas modalidades que adopta. Milhares e milhares de praticantes, dirigidos por centenas de devotados técnicos e mentores, representaram até aos nossos dias o clube de cerne aveirense. Sacrifícios sem conta, peso e medida, dedicações singulares, esforço atlético, relâmpagos de valor, triunfos de glória desportiva. Muitos caules, ceifados pela gadanha da morte, já desapareceram, embora prossigam vivos em saudade. Realmente, a vida, e o desporto é vida em plenitude, continua.

Depois de transitória instalação da sede social num outro prédio da rua de João Mendonça, o «Galitos» fixou-se agora, 1970, definitivamente, em belo, vistoso e condigno «poleiro». No desporto nacional, irá cantar mais alto do que nunca em favor das suas cores, das cores da cidade e, eminentemente, em favor do Homem.

JOÃO SARABANDO

bibRIA

ALGUMAS «ACHEGAS» PARA A HISTÓRIA DO «CLUBE DOS GALITOS», DE AVEIRO

UMA EFEMÉRIDE GLORIOSA

FALAR do «Clube dos Galitos», de Aveiro, é sempre grato ao meu espírito, pois trata-se duma colectividade de incontestável prestígio e alta fama, que não se circunscrevem apenas à cidade e região: o nome dos *Galitos* ultrapassou, de há muito, as fronteiras da sua urbe, a impor-se ao país inteiro, para honra própria e da terra de Aveiro, onde firmou suas raízes, vai para sessenta e tantos anos.

Desde a sua nascença, mercê do entusiasmo e dedicação sem limites de quantos lhe insuflaram vida, e ânimo e coragem, — pléiade gloriosa de incomensurável bairrismo e amor à sua terra —, foi sempre uma força estuante e um baluarte valioso pelo progresso e engrandecimento da própria «Capoeira», e, principalmente, por tudo quanto representasse defesa e engrandecimento da sua querida Aveiro.

Em todas as manifestações de bairrismo, festas locais, comemorações patrióticas, iniciativas tendentes a elevar e difundir o prestígio e bom nome da sua terra — demonstrando a toda a hora a galhardia e entusiasmo do *seu Clube*, — sempre os «Galitos» tomaram posição de meritório destaque, ocupando, sem desprimor, o lugar cimeiro na colaboração prestada em prol da sua cidade.

E, quer nas suas iniciativas de toda a ordem — manifestações culturais, pugnas desportivas, organizações de diversões e cometimentos capazes de chamar para Aveiro as atenções dos estrangeiros —; quer ainda na realização de passeios e excursões, que carilavam para a nossa terra a estima e respeito e admiração das gentes de outras terras, — os «Galitos» firmaram o seu nome numa aura de prestígio e fama, a irmanar-se e confundir-se com o prestígio e fama da cidade. E de tal maneira, que, em qualquer parte, — como dizia o saudoso Dr. ALBERTO SOUTO, grande figura da terra e do País, no seu indesmentível aveirismo — «falar dos

HISTÓRIA DO «CLUBE DOS GALITOS», DE AVEIRO

«Galitos» de Aveiro era o mesmo que falar da cidade, e citava-se a cidade de Aveiro, aliada ao nome famigerado dos «Galitos».

E a sua maior fama proveio da criação e actividade dos seus grupos teatrais, — o famoso *Grupo Cénico do Clube dos Galitos*, ou grupo «*Tricanas e Galitos*», — que, pelas suas actuações, com arte requintada, honrou e elevou o nome da colectividade e de Aveiro através de todo o país.

Pois bem. Desde a fundação deste Clube em 1904 até hoje decorreram sessenta e seis anos em que o nome prestigioso dos «Galitos» se firmou e caminhou avante dentro e fora das fronteiras da sua estremecida cidade; mas faltava-lhe aqui «base de sustentação» capaz de manter a sua perenidade: uma *sede própria* — aquele «*Poleiro*» que firmasse, para o futuro, a vivência de tão prestigiosa colectividade.

É esta a sua última realização.

Mercê da dedicação, e pertinácia e esforços sobreumanos duma Direcção a que preside o dinâmico Dr. MÁRIO GAIOSO HENRIQUES — um nome que o Clube registará em letras de ouro —, os «Galitos» têm agora a sua sede própria, acabada de construir, — o «*Poleiro*» há tanto almejado, onde os «Galos» e «Galitos», e até «Frangões» e «Frangas» *cantarão cada vez mais alto*, para honra e glória da sua terra. O encargo foi pesado e muito além das próprias forças; mas caminhou-se em frente, que nunca os «Galitos» conheceram o desânimo, e confiantes em que não seria vã a estima que a população aveirense sempre tributou ao «Clube dos Galitos».

E nesta hora da inauguração da nova sede — a *sede própria* —, o júbilo extravasa em todos os peitos, numa onda de euforia que toda a cidade acompanha. É como que o recomeço de uma vida — uma nova vida —, confiando ao futuro a perenidade do Clube de maior projecção local e regional e, até certo ponto, nacional.

E então, nesta quadra de júbilo intenso e colectivo, perpassam no meu espírito tantos fastos e sucessos a que durante mais de 50 anos de clubismo me foi dado assistir, e até colaborar, em que o Clube dos Galitos punha ao dispor da grei a sua colaboração ou esforços, ou iniciativas, em quaisquer momentos, ou casos mercedores de consagração: acontecimentos que fizessem vibrar o bairrismo local, e, até, sucessos em que o brio nacional e o amor da Pátria agitavam a alma lusitana.

Ocorre-me agora um desses acontecimentos, que o «Clube dos Galitos» soube realçar condignamente: um feito heróico de dois Portugueses, para honra e glória da Raça Portuguesa.

* * *

Decorria o mês de Junho de 1924, e o «*Grupo Cénico do Clube dos Galitos*» mantinha em cena, no Teatro Aveirense, a célebre

revista local — *A Caldeirada* —, da autoria de LUÍS COUCEIRO DA COSTA, com música admirável do sempre lembrado Dr. VASCO ROCHA, compositor de sublime inspiração, — revista ensaiada por mim e pelo saudoso MANUEL MOREIRA, a qual atingiu mais de uma dezena de representações quase seguidas nesta sua primeira fase.

A Caldeirada, com as representações iniciadas em 7, 8 e 9 de Junho, e nas exhibições seguintes, foi um successo extraordinário em Aveiro, e um marco de verdadeira glória para o Clube dos Galitos, por intermédio do seu «Grupo Cênico», de que fazia parte o «escol» dos *Amadores dramáticos* de Aveiro e do Clube, a par de um corpo coral de grande envergadura, em que sobressaía um grupo destacado das mais gentis «Tricaninhas» de Aveiro.

Os espectáculos sucediam-se com pequenos interregnos, num entusiasmo crescente, e sempre com as lotações do teatro esgotadas. Pode dizer-se afoitamente que *A Caldeirada* marcou uma época nos anais da cidade e do Clube dos Galitos; e era tal a euforia, que, em todos os recantos da cidade, e a qualquer hora, se ouviam «trautear» as canções e músicas da Revista, que entraram, de bom grado, no ouvido de toda a gente. Um verdadeiro successo regional, e que, logo no ano seguinte, viria a ser ruidosamente confirmado noutras cidades — Coimbra e Porto — onde foi representada a «Revista», entre aplausos delirantes da assistência, a premiar a arte de aprumo dos *Amadores do Grupo Cênico dos Galitos*, que nobremente honraram o nome da sua terra de Aveiro.

Os jornais da época, das duas cidades, são o testemunho do que se afirma.

* * *

Já se tinha efectuado em Aveiro mais de meia dúzia de representações, quando se deu um notável acontecimento no País, que ecoou em todo o Mundo, e encheu de júbilo o Portugal inteiro, fazendo vibrar em unísono a Alma Lusitana: — *A Viagem aérea de Lisboa a Macau*, levada a efeito pelos heróicos aviadores SARMENTO DE BEIRES e BRITO PAIS.

Mais uma página brilhante a inscrever na História Pátria, apenas cerca de dois anos após a extraordinária travessia aérea do Oceano Atlântico — o «Raide» Lisboa-Rio de Janeiro —, arrojado sem par dos grandes Portugueses, oficiais da Marinha de Guerra, *Gago Coutinho e Sacadura Cabral*. E, se o nome glorioso de Portugal foi cantado em todo o mundo por tão arrojada façanha, ante o pasmo e admiração das gentes, de novo se ergueram honrarias ao heroísmo da Raça Lusa, com o novo cometimento, onde sobressaía a ciência, o arrojo e valentia dos seus executores — o «Raide» Lisboa-Macau.

* * *

Logo que se conheceu a notícia em Aveiro, foi grande o entusiasmo da população, os corações a vibrar intensamente de orgulho e amor pátrio.

E então POMPEU ALVARENGA, Presidente da Direcção do Clube dos Galitos e um dos Directores do Grupo Cénico, juntamente com outros elementos destacados do mesmo «Grupo», encontrando-se comigo, todos, à uma, concluímos e assentámos em que na próxima récita da «Caldeirada» se incluísse um «Quadro» de *apoteose* aos dois heróicos aviadores.

Aceite a ideia com todo o fervor e entusiasmo, imediatamente se delineou o *Quadro de apoteose*: simples embora, que o tempourgia, pois o espectáculo estava marcado para dois dias depois.

Construía-se um modelo de avião, de madeira (ripas) e papelão, com uma hélice em movimento e suspenso no ar sobre o palco, e em fundo os retratos, em ponto grande, dos dois aviadores, desenhados a «crayon» por artistas aveirenses, pintores na Fábrica das Olarias, e tudo enquadrado num cenário de fundo azul celeste e trechos de mar.

Eu prontifiquei-me a, nessa mesma tarde, escrever uma alocução, em verso, alusiva ao feito, e que recitaria à frente do palco, enquanto a orquestra executaria a «Portuguesa», em surdina, e a culminar com o «Coro da Revista» a entoar o Hino Nacional.

Mãos à obra, e, no dia imediato, véspera da récita, fez-se o ensaio do «Quadro», já com o recitativo, depois de a «orquestra» e «Coro» terem ensaiado a *Portuguesa*, que se ouviria, em fundo, durante a alocução.

Tudo assim preparado, no dia imediato, e na altura própria do espectáculo—final do 2.º acto da «Revista»—com todo o Grupo em cena aberta, vim eu à frente do palco, com trajo de cota e malha, à guisa de guerreiro da Idade Média, proferindo a seguinte alocução da minha autoria, enquanto a orquestra executava, em surdina, os acordes do Hino Nacional, que o Coro, com todo o entusiasmo, no final secundou.

* * *

ASAS GLORIOSAS

(apoteose)

*Gritos de apoteose rendam preito à glória,
em hossanas de fé, de crença e de orações!
Ouvi o «Mensageiro», porque a Lusa História
de novo se ilumina de imortais clarões.*

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

*Dos confins lá do Oriente, um rumor altaneiro
vem correndo até nós, envolto em mil clamores;
exalta a nossa grei, mostrando ao mundo inteiro
que a Raça Portuguesa é grande entre os maiores.*

*Lisboa até Macau! Da Terra Portuguesa
intrépidos varões, em voo de aventura,
cobrem terras e mar, com integral certeza,
— em «tempo calculado» e «rota bem segura».*

*Sarmento Beires, Brito Pais, — nomes lendários
que a Terra Portuguesa canta em devoção;
tendo na alma de heróis o arrojo de corsários,
como os nautas de lei dos tempos que lá vão.*

*Em «frágil aparelho», heróicos mareantes,
— «marinheiros do ar», voando em céu aberto, —
avistam «lá do alto» as plagas tão distantes
que os nautas de outras eras tinham descoberto.*

*Escalas a cumprir, marcadas hora a hora,
lá foram pelo ar, num rasgo de aventura,
tê às lendárias terras donde rompe a aurora:
— Ormuz e Malabar, Malaca e Singapura.*

*O risco da façanha, que assombrou o mundo,
não quebranta o valor da Alma Lusitana;
e em pleno azul do céu, por sobre o mar profundo,
foram passar de novo «além da Taprobana».*

*Pousaram em Macau, — a demandada «aurora»,
impondo às mais nações a glória sem rival!...
E no «canto da Europa», pequenino embora,
subiu, cresceu em fama o **Nobre Portugal**.*

*Ó Pátria de Camões, escuta as nossas almas
em coro de vitória de imortal grandeza!
Concede aos dois Heróis as merecidas «Palmas»:
— São ínclitos barões da Raça Portuguesa.*

*«Ó Terra Lusitana, abre o seio fecundo
a novas criações de sonho e alta glória;
e que o teu nome vá encher o céu e o mundo,
sob o voo imortal das asas da vitória.»*

HISTÓRIA DO «CLUBE DOS GALITOS», DE AVEIRO

* * *

Finda a alocução, ouvida no maior silêncio, irrompe o coro, em voz altissonante, com as estrofes da *Portuguesa*. Foi um delírio. Toda a assistência, de pé, cantou em coro o *Hino Nacional*, estrugindo os vivas a Portugal, à Pátria e aos dois heróicos aviadores.

Noite memorável nos anais do «Grupo Cénico dos Galitos» e do Clube, seu Patrono.

E assim, o famigerado «Clube dos Galitos», como foi sempre o seu lema, ligou o seu nome a esta gesta de elevado valor pátrio e de grandeza nacional.

E nesta quadra festiva que os «Galitos» hoje vivem, plena de justificada euforia, que a cidade tão galhardamente acompanha, pela inauguração da *sua própria casa*, que o mesmo é dizer: agora que os «Galitos e Galos» estão senhores do seu «**Poleiro**», não será fora de propósito recordar fastos e acontecimentos passados, que lhe granjearam nome e fama, extensiva à sua querida Aveiro. E, se recordar é viver, vive na nossa recordação a *Efeméride gloriosa* que trouxe à luz do Presente, para honra e Glória do *Nobre Clube dos Galitos*.

Aveiro, Dezembro de 1970

bibRIA

JOSÉ DUARTE SIMÃO

«TRICANAS E GALITOS EM COIMBRA»

QUANDO, em Abril de 1925, o grupo cénico das «Tricanas e Galitos» foi a Coimbra representar «A Filha da Caldeirada», resolvi juntar-me aos acompanhantes e, no regresso, redigi as minhas impressões, que publiquei, anònimamente, em o n.º 145 do jornal aveirense «O Debate», de 30 daquele mês. Aqui se reproduzem integralmente:

«Não era bem vista por muitos aveirenses, mesmo entre os amantéticos do grupo cénico das «Tricanas e Galitos», a ida da «Filha da Caldeirada» ao palco do Teatro Avenida, de Coimbra. O Simão (1), o Paula Graça e o Marques Soares, porém, teimosos e destemidos, venceram todas as dificuldades e atritos, e o grupo e seu numeroso séquito lá foi, impávido, à Lusa-Atenas, disposto a viver ou a morrer.

Dia 25, sábado, comboio das 13 e um quarto. Entusiasmo, pouco. Havia em todos, perfeitamente definida, a consciência da tremenda responsabilidade que essa facção dos «Galitos» assumira. Um dos maiores amigos do grupo, dando um tom cómico às suas palavras, segredava para os companheiros de viagem: — «Levo o meu coração muito negrinho!»

*

A chegada a Coimbra, muito modesta. Os dirigentes da excursão tinham tido o cuidado de não fazer grande propaganda do grupo e de não deitar foguetes antes do tempo. Da estação segue-se para o teatro, através das ruas que mais encurtam o caminho. Um ar de reserva desenha-se em todos os rostos. Os conimbricenses sorriem e comentam às portas. Sente-se uma expectativa benévola e bonacheirona.

No teatro, o Simão, no palco, a suar em bica, sentado a uma pequena mesa, copia em cartões os nomes das pessoas que hão-de

(1) Professor José Duarte Simão, colaborador deste número.

ir ocupar os diferentes quartos dos três hotéis por onde a *sua companhia* se tinha de aquartelar. As tricaninhas, no entretanto, vão vendo os camarins e notam que o calçado não gosta da *calçada* de Coimbra... Estão cansadas, da caminhada. Há uma azáfama enorme. Carpinteiros de Aveiro, carpinteiros de Coimbra, numa colaboração amiga, dispõem panos, arrumam bastidores, soltam sua praga quando alguém os estorva.

Mas todos vão debandando. O trabalho, por enquanto, pertence sòmente aos dirigentes. Quem quer festa, sua-lhe a testa.

*

Depois de jantar, tudo se dirige para o teatro. Quando os *adventícios* chegam, a casa já tem bastantes espectadores: geral à cunha, meia dúzia de «fauteuils» e uma dúzia de cadeiras estão ocupadas. No palco trabalha-se afanosamente. Nota-se animação em todo o grupo, mesmo nas tricaninhas mais tímidas e medrosas. Os *amantéticos* vão distribuindo palavras de entusiasmo, mas talvez o coração de muitos não estivesse pouco negrinho...

O teatro vai-se enchendo: apenas alguns camarotes de lado, poucos, estão vazios. É interessante o aspecto da plateia. Pessoas de Aveiro conversam com estudantes que aqui frequentaram o Liceu e que ali iam na ânsia de retemperar os nervos com uma boa ducha de bairrismo. São 9 e 20 minutos. A orquestra está a postos.

Ouvem-se no palco as três clássicas pancadas. O pano não tardará a subir. Batem mais apressadamente os corações dos aveirenses, numa ansiedade. Dentro em pouco, o Vasco Rocha, pequenino, saltitante, nervoso, surge e toma o seu lugar. Acaba o sussurro da sala, e rompe a orquestra. Não se ouve uma mosca (nem seria possível, porque as não havia...).

Sobe o pano, rompem-se as cortinas cujos *galitos* o Zé de Pinho pintara e que já tinham figurado nas récitas de Aveiro, e as tricanas e os galitos entoam, com superior entusiasmo e correcção, o majestoso coro de abertura. Fartos e quentes aplausos. Nota-se a satisfação. Trocam-se os olhares alegres dos aveirenses. A assistência começa a interessar-se. O coro dos regionalistas é bisado. Mas, depois da entrada das fonteiras e do concertante final do 1.º quadro, são tão entusiásticos os aplausos, que todos têm a certeza do êxito. O final do quadro tem honras de *bis*.

E a representação decorre no meio do maior entusiasmo. Celeste Freitas e Sebastião do Amaral, vitoriadíssimos. Os principais números — Ponte da Gafanha, Salineiras, Tricanas, Barcarola, Serrana, Fado, valsa do «Moleiro de Alcalá» — são repetidos. Um autêntico sucesso.

No fim do primeiro acto, já a pessoa que dissera levar o coração muito negrinho nos declarava: — «O meu coração vai-se desanuviando, graças a Deus!»

*

Mas a récita do dia seguinte, dia 26, foi verdadeiramente apoteótica. Não havia um lugar vago. No fim do 1.º acto, o «Grupo Dramático Beneficente de Coimbra» foi ao palco oferecer aos «Galitos» uma artística pasta -- exposta há dias ali nos Arcos --, a qual continha uma entusiástica mensagem, que foi lida pelo presidente. Respondeu, agradecendo, Duarte Simão, cujas palavras, simples mas comovidas e sinceras, arrancaram gerais aplausos. Havia lágrimas de alegria em muitos olhos dos da Beira-Mar. Cruzam-se do palco para a plateia e desta para aquele os «vivas» a Coimbra e os «vivas» a Aveiro.

S  visto!

Ao acabar o último acto, o pano não tinha descanso. São vitoriosos o autor da música, o autor da peça e os intérpretes, que realmente se tinham esmerado. Muito maior entusiasmo do que durante a primeira representa o da «Caldeirada».

*

Foi uma viagem triunfal, que só honrou a nossa terra, tornando conhecidas dos estranhos as notabil ssimas aptidões desta gente da Beira-Mar, e divulgando os costumes da terra dos ovos-moles. Não há louvores que bastem para premiar o espantoso trabalho desses rapazes de f  que levaram a Coimbra um bocadinho da sua terra. Aveiro deixou na cidade do Mondego uma grat ssima recorda o que se não apagar  tão cedo.

Damos, pois, os parabéns aos que a Coimbra levaram,   custa de enormes esforços, o grupo das «Tricanas e Galitos». Dentre eles   justo que se destaquem o Simão, o Paula Graça, o Marques Soares, o José de Pinho, o Henrique Rato e o Abreu. Os louros colhidos -- aplausos no teatro, receita avultada, mensagem, despedida afectuosa na ocasião da retirada de Coimbra -- devem compensá-los, fartamente, da ma ada que tiveram. Felicitamo-los e felicitamos a cidade e o Clube dos Galitos, por esta estrondosa vitória, que tanto nos honra a todos »

JOSÉ TAVARES

A INAUGURAÇÃO DA SEDE DO CLUBE DOS GALITOS

PASSADOS mais de 66 anos após a fundação é que o Clube dos Galitos teve sede própria, festivamente inaugurada no dia 29 de Novembro de 1970.

Às 11 horas, houve na igreja de Jesus missa de sufrágio pelos sócios falecidos, no fim da qual se seguiram duas romagens de homenagem aos mártires da Liberdade de Aveiro, a primeira até junto do monumento existente a meio do cemitério central, e a segunda até junto do obelisco erigido pelo Clube em 1909 na Praça do Dr. Joaquim de Melo Freitas, — terminadas, cada uma delas, pela deposição de ramo de flores.

Pelas 15 horas, procedeu-se às cerimónias da inauguração do edifício da sede, com banda de música e grande afluência de público.

Descerrada no átrio a lápide comemorativa, as entidades oficiais—Ministro das Obras Públicas, Ministro da Justiça, Subsecretário da Administração Escolar e Governador Civil—, acompanhadas de elementos da Direcção, percorreram as esplêndidas instalações do Clube, e o Ministro da Justiça—Dr. Mário de Almeida Costa—, na varanda superior do edifício, hasteou a bandeira branca e rubra dos «Galitos», saudada em baixo pela multidão com vivas e palmas.

Pouco depois das 15^h 30^m, organizou-se novo cortejo, que seguiu para o Jardim de D. Afonso v, a fim de ali se efectuar o descerramento da estátua de ALBERTO SOUTO, esse notável escritor e estudioso, que fora Presidente da Assembleia Geral do Clube e ocupara os lugares de Director do Museu e de Presidente da Câmara Municipal.

Na sessão solene que seguidamente se realizou no Teatro Aveirense, celebraram-se os dois acontecimentos. Presidiu o Ministro das Obras Públicas, ladeado pelo Subsecretário da Administração Escolar; Governador Civil; Presidente da Junta Distrital e da Câmara Municipal; Director-Geral dos Desportos; Governador Civil de Braga; Presidente da Comissão Distrital da A. N. P.; Juiz Corregedor; Comandantes Militar, do Porto de Aveiro e da Base Aérea; Presidente da Assembleia Geral dos «Galitos»; Deputados e Procurador à Câmara Corporativa; Delegado do I. N. T. P.; Dr. Camilo Cimourdin de Oliveira, a representar a família do



O Ministro das Obras Públicas, o Ministro da Justiça e o Subsecretário da Administração Escolar, ladeados pelo Governador Civil e pelo Presidente da Câmara, no cortejo cívico após a inauguração da nova sede dos «Galitos», que se vê ao fundo.

A INAUGURAÇÃO DO CLUBE DOS GALITOS

Dr. Alberto Souto, e Vigário-Geral da Diocese, em representação do Prelado.

O Ministro da Justiça quis assistir à sessão como simples cidadão aveirense, pelo que ficou no meio do povo.

Falaram o Dr. Mário Gaioso Henriques, Presidente da Direcção do Clube, que em certa altura foi condecorado; o Dr. David Cristo; o Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara; o Governador Civil; o Dr. Justino Mendes de Almeida, Subsecretário da Administração Escolar, e o Dr. Camilo Cimourdin de Oliveira, a agradecer a homenagem prestada pela cidade à memória de seu sogro.

Sem desprimor para os restantes oradores, aqui se reproduzem sòmente as palavras do Dr. Mário Gaioso Henriques e do Subsecretário da Administração Escolar.

I — PALAVRAS DO DR. MÁRIO GAIOSO HENRIQUES

Decorridos que foram nove anos sobre o início de uma batalha em que se jogava a própria sobrevivência da Agremiação — daí que nela se empenhassem todos os esforços, dedicações e recursos —, a bandeira do Clube subiu finalmente no mastro de honra da nova sede.

Quando, lá bem no alto, o garboso agalo vermelho, em atitude de cantar, apoiado numa das patas e tendo debaixo da outra uma rolha», ficou a esvoaçar ao vento, um sentimento de profunda gratidão dominou todos aqueles que mais de perto viveram e lutaram pela obra inaugurada, e aos lábios de cada um aflorou uma palavra, dita então num simples murmúrio, repetida agora vibrantemente, porque ela brota do fundo do nosso coração. Essa palavra é — *Obrigado!*

Sim,

Obrigado, Senhor Ministro das Obras Públicas, porque boa vontade e persistência nunca teriam sido bastantes para concretizar aquele velho sonho da sede própria, de impossível materialização sem as valiosíssimas participações que Vossa Excelência se dignou conceder.

Obrigado ao Senhor Ministro da Educação Nacional, — e rogo a Vossa Excelência, Senhor Subsecretário de Estado, que transmita a Sua Excelência, com os nossos respetos, a expressão do reconhecimento sincero pelo generoso e importantíssimo auxílio oferecido através do Fundo de Fomento do Desporto, a cujo ilustre presidente, o Ex.^{mo} Senhor Dr. Armando Rocha — para honra nossa antigo praticante do Clube dos Galitos —, igualmente agradeço o interesse que a obra sempre lhe mereceu.

Obrigado também a Vossa Excelência, Senhor Ministro da Justiça, cuja presença nesta sessão desde logo lhe imprime um carácter de ainda maior solenidade e de mais ampla consagração

do que nela se celebra e que é, não apenas os incontáveis merecimentos de um Homem que foi dos mais insignes aveirenses de todo o sempre, o Dr. ALBERTO SOUTO, nem somente um acontecimento histórico da vida de uma prestante Instituição de Utilidade Pública; para além disso e acima de tudo, consagra-se hoje aqui o *aveirismo*, de que o Dr. ALBERTO SOUTO e o Clube dos Galitos podem ser apresentados como verdadeiros paradigmas.

Obrigado dizemos também a Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor D. MANUEL, a quem o Clube, a crescer a tantas atenções e gentilezas recebidas, fica a dever um gesto que não mais poderá esquecer — o da oferta espontânea de um donativo para a nova sede, atitude que nos sensibilizou profundamente, pela especial simpatia que traduz por uma colectividade que, estatutariamente, não pode participar em manifestações de carácter religioso.

Igualmente obrigado à Ex.^{ma} Câmara Municipal de Aveiro e ao Ex.^{mo} Presidente, pelo contributo de excepcional valia oferecido para a segunda sala de visitas da cidade, que assim, e ao longo dos anos, se têm designado as sedes do Clube.

Obrigado também ao Ex.^{mo} Senhor Governador Civil de Aveiro, ou melhor, ao aveirense Dr. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES, já que é nesta qualidade que ele se esforça e luta por tudo quanto valorize a sua terra e o seu distrito, e por uma e outro se empenha sempre, quer esteja ou não no exercício de funções oficiais.

Senhor Dr. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES, o Clube dos Galitos deve-lhe a sua sede própria, porque os maiores e decisivos auxílios aqui chegaram, pela acção pessoal, directa e exclusiva de Vossa Excelência! Nada mais acrescento, mas o que fica dito basta, sabendo-se que na colectividade a que tenho a honra de presidir não se cultiva a lisonja, nem se usa de hipocrisi, nem se aceitam posições servis, mas também se não é ingrato!

Obrigado ainda a todas as demais pessoas e entidades que nos ajudaram, e que me é impossível individualizar, porque foram muitas e muitas centenas. Aveiro e os Aveirenses estiveram com o Clube dos Galitos, e nem se estranha o facto, uma vez que, como alguém lapidarmente afirmou, *«o Clube dos Galitos não é uma agremiação da cidade, mas, rigorosamente, a cidade numa agremiação»*. No entanto, que ninguém me leve a mal por, neste momento, relevar a colaboração inestimável dos meios de informação, com merecido destaque para os semanários «Correio do Vouga» e «Litoral», e para os ilustres representantes locais da Imprensa diária e desportiva; por realçar, com especial carinho, os significativos auxílios recebidos do Sport Lisboa e Benfica, do Sport Clube Beira-Mar e Tertúlia Beiramarense e do Sporting Clube de Aveiro, da indústria citadina produtora de materiais de construção e, no plano interno, e pelo valor das verbas oferecidas ou angariadas, o Grupo Cénico, a Comissão Pro-Sede e a Secção Náutica.

A INAUGURAÇÃO DO CLUBE DOS GALITOS

Todos foram admiráveis de compreensão e generosidade; a todos o Clube dos Galitos se confessa eternamente grato.

* * *

A sede própria sempre foi um objectivo do Clube, um sonho que cada sócio albergava no mais íntimo da sua alma. Para o tornar realidade, chegaram a fazer-se algumas tentativas, em tempos recuados, que não resultaram, porque o condicionalismo do momento não era propício.

Os anos correram, e em fins de 1960, o Clube foi posto perante um problema angustiante — o prédio onde estava radicado há mais de três décadas ia ser demolido, sacrificado às necessidades urbanísticas da cidade. Havia, pois, que providenciar a transferência das instalações e uma certeza antecipada existia — o afastamento da zona central citadina ocasionaria, a curto prazo, a extinção da colectividade, como sucedera aliás a outras, nomeadamente o Clube de Mário Duarte, que chegou a ocupar em Aveiro posição de grande relevo. Porque ninguém aceitava que à nossa Agremiação viesse a suceder o mesmo, pensou-se em conseguir um imóvel que, reunindo os requisitos indispensáveis, se localizasse próximo do que vínhamos ocupando. Mas para além das dificuldades em encontrar o que se pretendia, mesmo que o conseguíssemos, nunca o Clube disporia de meios materiais para o pagamento da renda que lhe viriam a exigir, e que seria necessariamente elevadíssima.

Restava assim uma única hipótese, e essa era a da construção de uma sede própria, empreendimento que antevíamos extremamente difícil, como de facto o foi, mas possível, como se demonstrou.

Desta maneira, e contra o que se possa supor, o caminho porque enveredámos foi-nos imposto pelas circunstâncias, e não voluntariamente escolhido, para satisfação de vaidades pessoais.

Estudou-se o problema nos aspectos técnico, económico e financeiro, e procurou-se solucioná-lo, dando à construção da sede o carácter de investimento, que não de mera imobilização de capitais. Por isso mesmo, aqui não hesitámos em quebrar o rígido equilíbrio orçamental em que sempre temos vivido, porque a rentabilidade do edifício a construir nos assegurava os meios de amortização da dívida que para ele houvesse de ser contraída.

Precisávamos de crédito, mas o Clube dispunha dele, já que ao longo de quase sete décadas, sempre cumprira religiosamente todos os seus compromissos; por outro lado, a aplicação dos meios de financiamento assegurava aos credores o reembolso dos seus empréstimos, pela garantia real que, através deles, se ia concretizando. Por inteiramente justo, deixa-se aqui expresso o nosso reconhecimento ao Banco Fonsecas & Burnay e também à Orga-

nização Bancária Pinto de Magalhães, entidades que confiaram em nós e cuja confiança esperamos honrar, como nos compete.

Carecíamos de auxílio, mas os serviços prestados pelo Clube dos Galitos ao longo de toda a sua existência, dava-nos a certeza de, na altura própria, ninguém escusar o seu contributo, que não era uma esmola, mas simplesmente o pagamento de uma dívida de gratidão, um indeclinável dever de todos, porque a todos o Clube tem servido e sido útil.

Necessitávamos de gente para os trabalhos imensos que se sabia irem surgir; mas quem aceita voluntariamente um cargo, contrai responsabilidades e fica obrigado a sacrifícios a que não tem o direito de se furtar. Ora, no Clube dos Galitos, sempre houve Homens e dedicações.

Que faltava, pois? Dar o passo em frente, e todos os elementos responsáveis do Clube o deram, conscientes da magnitude da obra em que se iam envolver, e fizeram-no sem tibiezas nem sobrançarias e com a noção exacta de que cumpriam apenas um dever.

E porque responsáveis, não hesitaram em suspender a construção, quando verificaram ter possibilidades de conseguir uma solução mais consentânea com os superiores interesses do Clube, ainda que mais trabalhosa e difícil, como não titubearam em suspender perto de trezentos mil escudos mais que o necessário para a execução das fundações, somente porque, tal como foram construídas, a todo o tempo é possível o aumento da cêrcea do edificio, o que não sucederia, se tivessem optado pela fórmula momentaneamente mais económica. Do mesmo modo, entenderam os dirigentes que o Clube era demasiado pobre para construir barato ou se apetrechar por pouco dinheiro; preocupou-os, sim, e sempre, a qualidade e duração do que adquiriam, porque foi norma de que nunca se afastaram, olhar o futuro, e não viver apenas o presente.

Por tudo isto, o custo da obra ascende a cinco milhões e quatrocentos mil escudos, assim discriminados: mil e trezentos contos de terrenos, dois mil e oitocentos contos das empreitadas, quatrocentos e cinquenta mil escudos de encargos técnicos e administrativos, trezentos e cinquenta mil escudos de apetrechamento e quinhentos mil escudos de encargos financeiros.

Mau grado todas as participações, subsídios e donativos recebidos, o Clube ficará a dever cerca de dois milhões e quinhentos mil escudos, facto que se julga conveniente divulgar, mesmo nesta ocasião festiva, porque todos devem conhecer a verdade. De resto, o número em causa cabe dentro das previsões feitas.

Esqueçamos, pois, dificuldades e desilusões que já pertencem ao passado, mas preparemo-nos para a segunda fase da batalha, que é a do rápido e completo pagamento da dívida em referência. A todos se vão exigir mais sacrifícios e pedir mais auxílios; mas com uns e outros e o rendimento já assegurado do prédio, *que é*

A INAUGURAÇÃO DO CLUBE DOS GALITOS

superior à receita anual do Clube—o que evidencia a rentabilidade do investimento feito—, também os obstáculos que restam serão superados.

A nova sede é uma realidade, e já pouco importa que as limitações de ordem urbanística tenham prejudicado o seu aspecto exterior, porque ela não é uma obra de fachada, mas de fundo, para todos e para sempre.

Agora, há que transformar aquelas «pedras mortas» num corpo vivo, com sangue novo e novas ideias; impõe-se-nos manter em permanente e válida actividade as magníficas instalações de que dispomos, e para tanto já se programaram algumas iniciativas que, para além de sérias, se nos afiguram úteis—o colóquio «Aveiro—rumo ao futuro», a «Exposição bio-bibliográfica de escritores aveirenses», o «I Congresso Nacional do Desporto Amador» e a criação de um Pelouro Juvenil, que após um amplo inquérito a toda a juventude de Aveiro, e de acordo com os dados por ele fornecidos, organizará os centros de interesse que se mostrem necessários e começará um trabalho de divulgação cultural, artística e cívica, de que muito se espera.

Estas e outras realizações do género, que se venham a efectivar, constituem, segundo pensamos, a forma mais positiva—quase diria e única—de se agradecer a quantos nos ajudaram, e de justificar todos os sacrifícios feitos para que a sede própria fosse algo mais que uma quimera.

29 de Novembro de 1970 é uma data que ficará indelévelmente gravada a letras de ouro na história do Clube—nela se inaugurou a sua sede própria, marco imperecível na existência da colectividade, início de uma nova era com mais dilatados horizontes; nela se inaugurou também o monumento ao Dr. ALBERTO SOUTO, figura inesquecível do Clube e da Cidade, que a um e a outra honrou e prestigiou, como poucos.

Partiu do Clube a iniciativa da construção desse monumento, que é homenagem inteiramente justa, que era dívida de gratidão queurgia saldar.

O Dr. ALBERTO SOUTO deu-se inteiramente ao Clube dos Galitos, de quem foi porta-voz qualificadíssimo, promotor das mais variadas realizações culturais e recreativas—a tradicional amizade Aveiro-Viana do Castelo e Aveiro-Coimbra teve origem no intercâmbio que fomentou, através da agremiação a que pertencia—, foi elemento de grande destaque do famoso Grupo Cénico, entusiasta da Secção Náutica e presidente da Assmbleia Geral, cargo que exerceu durante largos anos e até à sua morte, com a dedicação de um verdadeiro amigo e a cintilância do seu espírito superior.

Do que representava o Clube para o Dr. ALBERTO SOUTO, di-lo ele próprio, em expressiva inscrição no livro d'Honra, datada de 16-4-938—«Galitos!—quase minha família».



Inauguração da estátua do Dr. Alberto Souto, no Jardim de D. Afonso V, em 29-XI-1970.

A INAUGURAÇÃO DO CLUBE DOS GALITOS

O que era o Dr. Alberto Souto para o Clube, avalia-se através das duas grandes homenagens que este lhe prestou—a última em vida, poucos dias após a sua saída da presidência da Câmara Municipal de Aveiro, e em que neste mesmo palco, depois de eu ter tido a honra de lhe dirigir algumas palavras de desagravo, ele recebeu a mais quente, carinhosa e prolongada ovação que até hoje ouvi em Aveiro; e a primeira depois de morto, no dia do seu funeral, que deu causa a impressionante manifestação de pesar do Clube.

Galitos e Dr. Alberto Souto—unidos por uma amizade indestrutível e uma admiração recíproca, alicerçadas num sentimento comum que a coincidência das inaugurações de hoje e a unificação das respectivas cerimónias quis precisamente realçar—o do *aveirismo*.

Ambos tinham o culto de liberdade, responsávelmente exercida; ambos respeitavam a maneira de ser e as ideias de cada um, mesmo que opostas às suas; ambos dedicavam um entranhado amor a esta terra, procurando em tudo e por tudo prestigiá-la e engrandecê-la; ambos eram, afinal, exemplos vivos de *aveirismo* puro.

Não se estranhará, por isso, que o Clube dos Galitos tivesse querido perpetuar em bronze a memória de alguém que foi da sua família, e que dela sobressaiu por um conjunto de qualidades e méritos invulgares, que dentro em pouco irão ser relevados por um orador, também invulgar—o meu distinto Colega e Amigo, dr. DAVID CRISTO.

Dr. Alberto Souto e Galitos—nem a morte conseguiu destruir os laços que os uniu, nem o tempo jamais conseguirá fazer desaparecer o monumento e a obra que hoje os eternizou.

Galitos e Dr. Alberto Souto—eis um tema inesgotável, que irá ser tratado por individualidades altamente qualificadas, o que desde logo me dispensa de o abordar. De resto, e para além do mais, sobre o Dr. Alberto Souto e o Clube dos Galitos, eu não poderia pronunciar-me com uma isenção total, porque de um e outro, parafraseando o primeiro e com inteira verdade, eu teria de começar por dizer:

Clube dos Galitos e Dr. Alberto Souto,
quase minha família!

As portas da nova sede abrem-se hoje de par em par, e assim ficarão para sempre e franqueadas a todos, mesmo àqueles que ignoraram ou criticaram com intenções reservadas aquela obra, porque também a esses temos, afinal, que agradecer.

Cada atitude malévola ou crítica injusta constitui para nós um forte estímulo, tão forte que nos levou a vencer crises terríveis de desânimo ou de descrença.

A sede própria do Clube dos Galitos é para Aveiro e para

todos os Aveirenses, e pertence-lhes, de direito e pelo nosso coração.

Para terminar, e correndo mesmo o risco de infringir o protocolo desta sessão, permitam-me V. Ex.^{as} que faça duas breves referências, na qualidade que represento, mas endereçadas apenas à família dos Galitos.

Neste momento ímpar da história do Clube, dirijo-me a toda a Massa Associativa, desde os ilustres sócios honorários ao mais modesto associado e a todos os Praticantes e Seccionistas, para, muito sentidamente, lhes agradecer o apoio que sempre me deram e a confiança com que me honraram, e a que honestamente procurei corresponder.

A todos peço que se mantenham intransigentemente fiéis àqueles princípios que desde sempre têm norteado o nosso Clube — espírito de independência, verticalidade, coerência e desejo de bem servir.

Com eles, tornamo-nos muito grandes, dentro de uma pequenez que, longe de nos diminuir, só nos engrandece; não importa, pois, sermos melhores ou maiores que os outros, porque nos basta continuarmos iguais ao que sempre fomos, para nos mantermos dignos de nós mesmos e da nossa terra.

Por último, e aos Colegas da Direcção, àqueles sócios dedicadíssimos, colaboradores extraordinários, amigos indefectíveis, com quem tive a honra de, durante anos, compartilhar canseiras e dificuldades e de viver horas amargas e momentos de euforia, eu só quero dizer-lhes — valeu a pena e contem com a minha gratidão perene.

Todos juntos — sócios e dirigentes — levemos o Clube dos Galitos a, no seu novo poleiro,

*cantar ainda mais alto,
para se fazer ouvir, cada vez mais longe!*

II — PALAVRAS DO DR. JUSTINO MENDES DE ALMEIDA

Uma vez mais me desloco a Aveiro e volto ao convívio das suas terras e da sua gente, gente estuante de fé, de patriotismo e de capacidade realizadora. Que a cada passo nos dá exemplos das virtualidades ancestrais do Povo Português, nas suas iniciativas, nas suas aspirações e, sobretudo, nas suas realizações. De há muito que me sinto identificado com a gente de Aveiro. Talvez por ter iniciado nesta cidade a minha actividade docente, por ter aprendido aqui muito, de que depois me servi no decurso dos anos, ao enfrentar nesta cidade os primeiros embates da dura realidade que é a vida, talvez por aqui ter feito amizades autênticas, das que se mantêm pela vida fora, enfim, por me ter sido dado participar, mais de uma vez, na ânsia de realizar e até na realiza-

ção, de algumas aspirações do Distrito, talvez por tudo isto eu me sinta, sinceramente, um de vós e esteja aqui neste dia de consagração do Aveirismo, para exaltar convosco as virtudes daqueles homens que, pelo seu exemplo ou lição de civismo, pelo fulgor da sua inteligência, pela sua actividade diversa, engrandeceram o Distrito e se tornaram credores do respeito e da admiração de contemporâneos e vindouros.

Muitas são as personalidades a enaltecer, muitos os espíritos dignos de louvor. A uns consagra-os o bronze ou o mármore duradouro, a outros immortaliza-os as páginas imorredoiras que, actuando nos espíritos, se prolongam pelas idades, tornando-os assim, aos seus autores, não menos duradouros que os primeiros.

Quem há que desconheça ao menos algumas figuras da série inesgotável de vultos aveirenses, grandes nas letras, nas artes, na política, e que não só fizeram grande a sua terra, mas que, e sobretudo, tanto contribuíram para engrandecer Portugal?

Homens há que são ornamento da História Pátria, são pertença e orgulho do Povo Português e andam, assim, no conhecimento de todos. Outros são relembrados conforme a tendência do espírito dos que os exaltam. Assim, os historiadores, os críticos da arte ou da literatura, os cultores da oratória, os políticos. Por mim, não deixando de reconhecer o merecimento dos demais e de confessar a lição que de alguns deles tenho recebido, pela leitura ou pelo exemplo, não poderia, contudo, deixar de dar relevo aos humanistas, a quem pertence a modelação dos espíritos, e hão-de V. Ex.^{as} perdoar-me se recordo aqui, repito, neste dia de exaltação do Aveirismo, dois nomes porventura já um tanto esquecidos: AIRES BARBOSA e FERNANDO OLIVEIRA.

Faço-o não apenas como estudioso do Humanismo Português, mas acima de tudo como responsável no sector da Educação e, portanto, atento à evolução dos métodos pedagógicos. Pode Aveiro orgulhar-se de ter sido berço e de ter acolhido em seu seio dois dos primeiros e mais notáveis vultos da História da Educação em Portugal. Sabem-no bem melhor do que eu algumas das pessoas presentes nesta sala, pois que na qualidade de aveirenses, se têm ocupado em estudos, mais ou menos extensos, dessas figuras gradas da Cultura Nacional.

AIRES BARBOSA foi dos primeiros mestres universitários portugueses, se não o primeiro, de projecção internacional. Ouviam-no discípulos portugueses, mas escutou-lhe, sobretudo, as lições que os contemporâneos tinham por magistrais, a Universidade Salmanticense, onde entrara por direito próprio, com aplauso unânime do claustro universitário, vencendo as oposições de naturais.

Eis uma página, nem sempre recordada, da contribuição aveirenses para a história não apenas da Universidade Portuguesa, mas ainda da Universidade Peninsular.

De FERNANDO OLIVEIRA, «espírito irrequieto e eclético, precursor em vários ramos do saber», é conhecida a actividade mul-

tímida. Dele apenas quero recordar neste momento que foi, cronologicamente, autor da primeira *Gramática da linguagem portuguesa*. Pode, assim, Aveiro orgulhar-se de ter sido berço do primeiro gramático português e reivindicar a primazia da didáctica da Língua Portuguesa.

Citei apenas dois nomes, talvez mais por inclinação do espírito, quando devera antes referir uma lista infindável de homens e instituições que, desde sempre e até os nossos dias, contribuíram decisivamente para o Aveirismo que neste momento exaltamos. E é nesta contextura que devem integrar-se as cerimónias a que hoje nos foi dado não apenas assistir, mas também participar intimamente e que representam dois monumentos altos nos fastos da cidade de Aveiro.

Assistimos à concretização do sonho, da aspiração de uma colectividade que não é orgulho de Aveiro, porque o é já do País inteiro. O Clube dos Galitos, instituição de utilidade pública, cavaleiro da Ordem de Benemerência, medalha de prata da cidade de Aveiro, viveu hoje uma das mais altas horas, senão a mais alta, dos seus 66 anos de existência. Sessenta anos, que pouco são na história de um povo mais que milenário, representam muito, muitíssimo, na vida duma instituição. Que de alegrias, mas por vezes também, quantos amargores e recordações dolorosas! Mas as instituições só são grandes e os homens que as dirigem dignos deste nome, se conseguem sobrepujar as dificuldades, vencer mil e um obstáculos de toda a ordem e, ao fim, ver realizada a obra que Deus quer e o homem sonha. Como devem sentir-se orgulhosos quantos, ontem e hoje, trabalharam por que o Clube concretizasse uma realização que é orgulho do mesmo Clube e da própria cidade!

O Ministro da Educação Nacional, ao conceder ao Dr. MÁRIO GAIOSO HENRIQUES a Medalha de Bons Serviços Desportivos, quis testemunhar o reconhecimento do Ministério ao infatigável e animoso dirigente de um Clube que, orgulhoso do seu passado, não deixa de trabalhar activamente no presente, olhos postos no futuro. A atribuição desta distinção significa ainda o reiterar da confiança que em V. Ex.^a depositamos, para que, à frente dos destinos dos *Galitos*, se esforce por que o Clube possa no futuro em nada desmerecer do passado, antes consiga sobrelevá-lo. Para tal, posso assegurar-lhe a continuidade daquele apoio que, por mais de uma vez, tem sido concedido pelo Ministério da Educação Nacional ao *Clube dos Galitos*, para o que poderão contar os seus dirigentes com o melhor acolhimento por parte da Direcção-Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar.

«Galitos é fama, prestígio e glória desta cidadezinha risonha e cantante, onde nem as almas petrificam com o tempo, nem os anos encanecem as gerações».

Estas são palavras do Dr. ALBERTO SOUTO, ao tempo presidente da Câmara Municipal de Aveiro, hoje homenageado no bronze

A INAUGURAÇÃO DO CLUBE DOS GALITOS

perene, e sempre presente no nosso espírito, através da obra tão diversa, mas toda ela de tamanho interesse, que nos legou. São dezenas e dezenas de trabalhos, entre os quais não sabemos quais deles devemos salientar: se os de natureza histórica e etnográfica, se os que consagrou à arqueologia da região — mormente a aspectos da romanização do Baixo-Vouga —, se os de índole literária, se os de feição política, pois que em política podia orgulhar-se de



O Dr. Mário Gaioso Henriques recebendo das mãos do Dr. Justino Mendes de Almeida a Medalha de mérito desportivo.

um passado singular que começou a viver em plena juventude. Que direi dos estudos artísticos, nos quais saliento a contribuição para a interpretação do grande enigma da história da arte portuguesa, que são os painéis chamados de S. Vicente?

Seria um não mais terminar a enumeração dos estudos que fizeram do Dr. Alberto Souto um dos maiores eruditos do seu tempo. Há sete anos, quem lhe sucedeu na Direcção do Museu de Aveiro pôde caracterizar, em síntese, mas de forma feliz, o espírito fulgurante do Dr. Alberto Souto: «...abnegado director do Museu de Aveiro... o animador mais entusiasta, o apoio mais esclarecido, a amizade mais franca e leal, a compreensão generosa de um nobre e superior espírito... Que figura digna e gentil!...

Que singular fulgurância de talentos! Que forte vivência dos problemas de Aveiro e da sua região, a contagiarem-nos pelo seu verbo empolgante! As «coisas» aveirenses sabia vê-las em grande e rasgadamente projectadas no futuro, com espírito de juvenil audácia, como experimentado conhecedor e o mais autorizado sabedor dum passado amorosamente cultivado, perscrutado, reconstituído. A mim, é-me grato enaltecer em termos de reconhecimento nunca demasiado, a acção notável pelo Dr. Alberto Souto empreendida, na preservação de boa parte do património artístico português, ao longo de mais de 30 anos de direcção da «Casa de Santa Joana Princesa».

Eis, em breves palavras, alguns aspectos da personalidade do Dr. Alberto Souto, que para nós há-de permanecer como exemplo dos mais expressivos e que melhor encarnam essa força espiritual que entendemos por *Aveirismo*.

Senhor Governador Civil:

Agradeço-lhe, muito sensibilizado, esta oportunidade que me concedeu de participar, como um de vós, em cerimónias de tão profunda significação. Depois deste dia, sinto-me ainda mais ligado a Aveiro. Porque aqui, sim — há que dizê-lo sem tibieza —, estão homens que, como V. Ex.^a, são bem dignos desta hora de acção, homens decididos, dos que mais poderão contribuir para o Estado Social, o Estado dos nossos dias, a cuja construção o Governo firmemente se consagra.

UA/LE

N.º	957
Data	12/1/1982

OFERTA

NO SIGNO DOS «ESTRANGEIRADOS»

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES

NATURAL DE AVEIRO

SÓCIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE PARIS
E DA REAL SOCIEDADE DE LONDRES

(1722-1790)

(Continuado de pág. 23)

3— JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES,
NATURAL DE AVEIRO

A BRA o leitor *A Medicina Contemporânea*, vol. XIII, de 1910, e veja, na pág. 3, o que RICARDO JORGE diz, ao estudar os amigos de RIBEIRO SANCHES:

«Apegado ao Sanches [...] aparece-nos um De *Magellan*, por nome todo *Jean Hyacinthe de Magellan*. Quem seria este *monsieur*? Sai-se-nos um Português dos quatro costados, em língua cristenga JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES.

Este nome pátrio cobre uma verdadeira celebridade notabilizada e autenticada no mais alto meio científico do seu tempo. É mais um dos maiores enfeitados desta nação sem entranhas e o mais esquecido de todos.»

* * *

Na segunda metade do século XVIII, há vários nomes portugueses que se voltaram para as aplicações das Ciências exactas e experimentais. Nesse campo, poderíamos citar numerosos «estran-

geirados». Todavia, neste trabalho, só faremos referência mais pormenorizada a JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES.

INOCÊNCIO, no seu *Dicionário Bibliográfico*, dá JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES como natural de Lisboa. Não é verdade. João Jacinto é de Aveiro. «Como prová-lo?», pergunta RICARDO JORGE, para logo responder: «Encontro a prova na testada da *Mineralogy* da autoria de A. FREDERIC CRONSTEDT [adiante faremos referência a este livro], onde ele se intitula *Talabrico-Lusitanus*; Talábrica passa pelo nome latino de Aveiro. Achei graça à *Biographie Universelle*, de Michaud, que também fala em *Talábrica*, tomando-a por *Talaveira*» (1).

Adiante voltaremos ao *talabrico-lusitanus*.

Foi ANÍBAL FERNANDES TOMÁS quem informou RICARDO JORGE de ter encontrado o assento de baptismo de JOÃO JACINTO num lote perdido de livros paroquiais. Pois aí se diz ter nascido em Aveiro a 4 de Novembro de 1722, sendo baptizado na igreja de S. Miguel, a 22.

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES, nasceu, com efeito, em Aveiro. Era filho de CLEMENTE DE MAGALHÃES LEITÃO e de D. JOANA LOURENÇO SOARES.

O assento de baptismo assim o diz, mas outros elementos existem, que confirmam a naturalidade aveirense de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES, e que nos revelam, outrossim, estar ele integrado na família Castel-Branco, da qual havia muitos componentes em Aveiro e Coimbra. Duas cartas nos ajudam a iluminar este ponto: uma de JOSÉ DE MAGALHÃES CASTEL-BRANCO, outra do próprio JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES.

Vamos transcrever a primeira dessas cartas, tal como foi publicada no semanário aveirense *Litoral*, n.º 362, de 30 de Setembro de 1961 e no n.º 363, de 7 de Outubro do mesmo ano.

Antes, porém, diremos que a publicação dessas duas cartas no *Litoral* é precedida das seguintes considerações pelo Dr. ANTÓNIO CRISTO:

«O saudoso professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra DOUTOR JOAQUIM DE CARVALHO publicou, em 1952, uma contribuição preciosa para o epistolário do insigne aveirense JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES — o português da segunda metade do século XVIII que alcançou maior renome, espalhado por todo o mundo, no desenvolvimento e aplicação das Ciências exactas.

Intitulou o seu trabalho *Correspondência científica dirigida a JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES* e referiu-se nele a uma carta de 16 de Outubro de 1787 que o ilustre aveirense escreveu a seu

(1) *A Medicina Contemporânea*, 2.ª série, vol. XIII, pág. 4, de 1910.

primo JOSÉ DE MAGALHÃES CASTEL-BRANCO, em resposta a outra dele recebida, anunciando que a publicaria num estudo que preparava sobre *Aveiro burgo e Aveiro sitio do globo observados por um astrónomo francês em 1753*.

O eminente catedrático tinha toda a documentação fundamental para este estudo e chegou a iniciá-lo, redigindo algumas páginas: mas não lhe foi possível, infelizmente, concluí-lo.

Em 1 de Maio de 1957, quis distinguir-me colocando à minha disposição as cópias daquelas preciosas cartas, ambas inéditas, cujos originais se guardam na Biblioteca Blodeiana de Oxford.

Tive relutância em aceitá-las; mas o ilustre mestre coimbrão, reiterando o seu amabilíssimo oferecimento, persistiu em confiar-mas e exortou-me a que as publicasse, levando a sua gentileza ao extremo de confessar que teria muito gosto em reproduzi-las no seu trabalho com as minhas anotações.

As cartas são na realidade curiosíssimas e fornecem algumas achegas sobre Aveiro e sobre os bens que o famoso e desafortunado cientista possuía na sua terra natal. A de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES, em resposta à do seu enfatuadíssimo primo, revela-nos ainda uma faceta pouco conhecida do seu aprimorado espírito: é admirável de simplicidade e ironia.

Não sei quando me será possível anotá-las como importa; mas não quero retardar por mais tempo, em homenagem à memória do eminente professor, a publicação que generosamente me confiou.»

A carta de JOSÉ DE MAGALHÃES DE CASTEL-BRANCO é a seguinte:

«Ill.^{mo} Snr. Dom João Jacinto de Magalhães, meu estimadíssimo Primo, Amigo e Senhor do meu coração:

O affecto com que eu sempre respeitei V. S.^a, com que a minha casa lhe deveu, fez que eu não perdesse jamais de vista a gostosa esperança de o ver neste Reino para me congratular na sua presença, novamente lhe tributar os meus fiéis respeitos e lhe oferecer tudo quanto possuo, posso e valho. Hoje, porém, que me seguram do seu estabelecimento em Londres, e a satisfação com que V. S.^a vive nesse País, segundo o que não será fácil que volte à Pátria, me delibero ir por este modo a seus pés renovar os meus votos, render-lhe nesta distância a minha constante obediência e segurar-lhe o desvanecimento que tenho quando ouço proferir o seu Nome e a estimação que dele se pôs em todas as Cortes da Europa pelos seus grandes talentos e raras qualidades.

O perfeito conhecimento que eu tenho do muito que V. S.^a me estimava e das fortunas que me desejava, faz que eu lhe par-

ticipa hoje os Azares e as Sortes que por mim têm passado desde a última vez que a minha casa desta cidade recebeu a honra de hospedar V. S.^a

Penso que já então eram as minhas Irmãs falecidas; depois sofreu minha Mãe o mesmo golpe, no ano de 1768; o mesmo aconteceu a meu Irmão passados dez anos; e no de 1779, pagou meu Pai igual tributo, ficando eu o resto da família e em suma perturbação.

Já nesse tempo tinha eu servido dois lugares de Letras, quais eram Juiz de fora da Certã e Ouvidor de Linhares, dos Estados da Sereníssima Casa do Infante administrada pelo Sr. Rei Dom Pedro, de gloriosa memória, que pelos serviços que lhe havia feito naqueles lugares se dignou prestar-me a sua alta protecção, a fim de que a Rainha, Nossa Senhora, me despachasse Provedor da Guarda e, seis meses antes de acabar este lugar, para Corregedor de Aveiro com o predicamento de primeiro banco.

Quando passei da Guarda para Lisboa a fim de me encartar na carreira sobredita, tendo notícia de um casamento de bastantes vantagens, intentei, e com efeito, consegui, casar-me com a Snr.^a D. Teresa Marcelina Úrsula Pereira de Carvalho e Faria, filha do Sr. Desembargador Ventura Luís Pereira de Carvalho e da Ex.^{ma} Snr.^a D. Paula Jerónima Caetano de Faria, que era filha do Sr. Xavier de Faria, Marechal e Sevadeiro-Mor da Casa Real.

É minha mulher Senhora de um coração apartado um pouco do comum das mais Senhoras da Corte; ela tem uma sólida e bem conhecida virtude; é de um claro juízo e tem uma grande instrução, com a qual faz brilhar as suas conversações, que igualmente atraem pela docilidade e candura do seu génio; é herdeira de uma casa que constitui o fundo de bons 80.000 cruzados em bens vinculados em dois morgados, dos quais administramos o melhor proveniente de seu defunto Pai e administramos o outro pela morte de sua Mãe, que ainda vive para nosso gosto.

Em Lisboa mesmo me recebi na capela das casas de minha mulher, sendo o Ex.^{mo} Bispo de Aveiro, que lá se achava, quem ministrou este sacramento. Logo depois passei àquella cidade com minha mulher, onde descobri que sendo muito o dote com que casei, ele é coisa insignificante em comparação da fortuna que tenho com a sua companhia e com o terníssimo e virtuoso affecto com que nos amamos.

Como seja impossível haver neste Mundo felicidades sem contrapeso, eu sofri por ocasião de um perigo que minha mulher teve alguns meses depois de casados; mas como o poder de Deus não seja limitado, ele se dignou dar-me depois uma menina, de quem El-Rei, por me honrar, foi padrinho, mandando ao Ex.^{mo} João Rodrigues de Sá e Melo, hoje Visconde da Anadia, que passasse e no seu Real Nome tocasse em minha filha quando se baptizasse;

cuja função foi nas casas e capela em que residia, com todo o esplendor e assistência de toda a Nobreza da Cidade e ainda da Comarca, não só por ser o meu primeiro filho, mas em reverência de tão alto Padrinho e distinto Comissário.

Passei em Aveiro quatro anos, gostoso, com minha mulher e filha, pois que o país é grato e não maus os seus habitantes; mas sofri grande trabalho com o peso do despacho e seu expediente, ainda que ele se me tornava grato e suave por ser consequência da vida a que me propus. Passados eles, recolhi a esta cidade a residir na Quinta da Várzea, por se acharem as minhas casas da Portagem ocupadas com um sobrinho do Ex.^{mo} Snr. Martinho de Melo, e aqui vim esperar outro bom sucesso de minha mulher, que Deus foi servido conferir-lhe em 6 de Abril próximo passado dando-me outra menina, à qual se dignou honrar o Sereníssimo Príncipe do Brasil com ser seu Padrinho da pia, para o que foi servido enviar-me um Aviso da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, dirigido ao Principal Castro, Reitor-Reformador desta Universidade, porque constava haver Sua Majestade benignamente prometido que o Príncipe, Nosso Senhor, fosse Padrinho do filho ou filha que eu esperava desse à luz minha mulher D. F. ... e era servido que, quando por mim fosse avisado do dia e hora em que se havia de conferir aquele Sacramento, a ele fosse assistir em nome de Sua Alteza e fizesse as funções de Padrinho como representativo do mesmo Senhor (formais palavras do Aviso).

Em sua consequência veio o Ex.^{mo} Principal a esta Quinta no dia 25 do mesmo mês de Abril, pelas 5 horas, tempo em que a capela e casas se achavam ricamente armadas; e estava junto um luzido concurso de todos os Ministros de Coimbra, sua Nobreza e muitos Snrs. do Cabido e corpo académico mais respeitável.

Então se celebrou o Sacramento do Baptismo, ministrado por Manuel Pais Trigo de Magalhães, cónego da Sé de Viseu e lente de Cânones nesta Universidade, preenchendo o Principal as farsas da sua comissão, fazendo-me muitas honras públicas em concurso do Ill.^{mo} Sr. Visconde de Vila Nova de Cerveira, que tocou também em minha filha com a coroa da Rainha Santa Isabel, sua Madrinha.

Acabada esta função, passaram imediatamente estes dois Senhores a cumprimentar minha mulher e, depois, com todos os mais convidados, os conduzi a uma sala destinada com um bom púcaro de água, em cuja mesa se dignaram os Ex.^{mos} Padrinhos Comissários abrir exemplo, comendo alguns deles, que seguiram todos os mais que me quiseram fazer essa mercê. Dali voltou o Ex.^{mo} Principal a despedir-se de minha mulher; e acabando os mais de merendar, foram gozar de um excelente concerto de música em uma sala próxima do camarim de minha mulher, onde alguns se entretiveram em jogos nas diferentes mesas que

se haviam aprontado, e todos eram socorridos prontamente com variedade de bebidas, próprias daquela estação, até perto da meia-noite, em que gradualmente se foram retirando.

É certo que esta luzida função me custou bastantes moedas; mas que eu dou por bem empregadas, sempre que dela me resulta a verdade de se dizer geralmente que ela fora a mais decente, luzida e igual que até hoje tem visto Coimbra.

Se El-Rei fosse ainda vivo, estaria eu há muito tempo reconduzido em Aveiro, fazendo o lugar de Desembargador do Porto, para o que se tinha eficazmente interessado com a Rainha até ao ponto de mandar Sua Majestade lavrar o Decreto daquele despacho; porém, como immediato a esta determinação adoeceesse El-Rei e morresse, com ele expirou aquella decisão, pois que em poucos meses me deram sucessor e me têm entretido na esperança de que eu vivo na lembrança de Sua Majestade, como afilhado e compadre de seu marido, e que o meu despacho será infalível na primeira promoção do Porto.

Esta é uma fiel narração do que por mim tem passado, desde que V. S.^a se ausentou deste Reino.»

António Cristo, que está transcrevendo a carta, interrompe a transcrição, para comentar:

«Deus me perdoe se peço; mas está a parecer-me que esta longa descrição de riquezas e pompas se destinava apenas a abrir caminho... para o que vai seguir-se:

«Resta agora passar a coisas relativas a V. S.^a

Entre os bens que possuo de meu Pai, de quem fui herdeiro em benefício de inventário, há um prazo de vidas, que ele com outros me nomeara, das casas do Alboi, sitas em Aveiro, onde julgo que V. S.^a nasceu e se criou e benignamente foi servido nomear por doação em meu Pai.

Esta propriedade se foi arruinando na sua vida, sem embargo de ir ele anualmente applicando quase todo o rendimento para seu reparo, que não excedia de 2400. cativos ao pagamento de 3200. de foro, e de 2000. e tantos réis de décima.

No tempo em que estive naquela cidade, fiz uma grossa despesa no concerto delas, sem embargo de ser feita à minha vista, depois do que foi assistir nelas o Juiz de fora; porém como este padecesse nas mesmas em todo o ano passado muitas maleitas, a sua família as largou e até hoje apenas estão alugados os armazéns; e como não sei se V. S.^a haverá por boa a nomeação que das mesmas casas me fez meu Pai, e desejo saber o destino que quer que eu faça do rendimento liquido daquele prédio, lhe dou de tudo parte, para V. S.^a me determinar em que lhe deva obedecer.

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES

Ouvi dizer que os Rev.^{os} Crúzios não têm contribuído, ao depois que saiu deste Reino, com os seus respectivos alimentos; quando assim seja, e V. S.^a queira que eu [para] a sua cobrança dê alguns passos, sirva-se de me mandar essa ordem e procuração, na certeza de que ninguém com mais eficácia lhe há-de tratar esta dependência. E não só nela, mas em todas as mais do seu gosto e interesse, me tem V. S.^a sempre pronto, com a maior vontade, para me interessar em o servir com o maior affecto, por ser com muita verdade minha

De V. S.^a

primo e amigo affectuosíssimo e servo obrigadíssimo.

Coimbra, 23 de Julho de 1787.

José de Magalhães de Castel-Branco.»

*

A carta de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES ⁽¹⁾ em resposta à anterior, foi escrita de Londres, com a data de 16 de Outubro de 1787, para Coimbra, e foi igualmente publicada no *Litoral*, n.º 364, de 14 de Outubro de 1961. Textualmente, diz:

Ill.^{mo} Snr. José de Magalhães de Castel-Branco, Meu Primo e Snr., muito da minha veneração:

Vou responder pelo mesmo estilo de V. S.^a à muita honra que me fez de suas letras, em data de 23 de Julho passado, as quais aqui recebi há poucos dias.

Fiquei atônito com as brilhantes cenas da fortuna de V. S.^a! Parece que toda a opulência do seu feliz casamento não bastaria para suportar tanta despesa e profusão, sem algum milagroso influxo da mesma deusa cujo attributo principal foi quase sempre o da inconstância. Porém, lisongeia-me que V. S.^a nunca se submeterá inconsideradamente ao destino arbitrário do Acaso (ou Fado), sem embargo de que por ele se governa grande parte dos que vivem, enquanto a maior não cessa de padecer e lamentar-se pela cegueira e protervidade das suas injustiças.

Bem me lembro que fiz com muito gosto, há mais de trinta anos, a «doação» ou «nomeação» dos prazos das casas do Alboi e da Quinta da Graciosa, na pessoa do meu Primo e Pai de V. S.^a; e que ele

(1) Dom JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES era cónego regular da Congregação de Santo Agostinho do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e vivia há muitos anos na Inglaterra, onde faleceu em 7 de Fevereiro de 1790.

prometeu dar-me pontualmente, enquanto eu vivesse, todos os rendimentos anuais; porém, eu nunca recebi um só real deste produto até este momento.

Se V. S.^a tem alguma parte que mandar-me, bastará que a remeta por letra de câmbio a Pedro Roiz Ferreira & Filhos, mercadores bem reputados em Lisboa, avisando-os de fazerem passar o seu valor a esta terra, pois eles correspondem comigo sobre semelhantes objectos.

Digne-se V. S.^a apresentar os meus obsequiosos respeitos à Snr.^a D. Teresa Marcelina de Faria, minha Senhora; e sirva-se de continuar-me o gosto de informar-me dos seus próprios progressos e prosperidades.

Ser-me-á também muito agradável o saber se ainda vivem alguns dos filhos e filhas da Snr.^a sua Tia e minha Prima, a Snr.^a D. Jacinta de Magalhães, e quais são os nomes dos sobreviventes; pois soffro muito mais com as tristes apreensões sobre o que se passa pelas pessoas que conheci com affecto, do que sobre tudo quanto por mim próprio tem passado e vai passando.

Quanto às minhas côngruas da Congregação de Santa Cruz, passaram muitos anos sem me serem pagas; porém, a prudência e justiça dos que sucederam no governo da mesma Congregação, já me pagaram todo o valor dos caídos e têm continuado a pagar-me annualmente a dita côngrua no termo do seu vencimento.

Goze V. S.^a de todas as felicidades e conceda-me o crédito de ser, como sou,

*De V. S.^a
Primo e Servo m.^{to} Ven.^{or}*

Londres, Nevils Court, Fetter Lane, 16 de 8. bro - 87.

João Jacinto de Magalhães. »

O leitor reparou na loquacidade do Snr. de CASTEL-BRANCO, no seu acacianismo (os *Acácios* vêm de longe...), no seu escandaloso narcisismo, na sua vaidade de genealogias illustres e na babada ênfase com que se refere aos Padrinhos de suas filhas e dos ajuntamentos illustres que os baptizados das pequerruchas provocaram. Tudo em estilo de upa!, upa! Pavão da quinta casa aquele parente do cônego D. JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES! Quanto este não teria que contar ao Snr. DE CASTEL-BRANCO, se fosse da laia deste! Felizmente que o não era. Limitou-se, na resposta, a uma ironiazinha discreta, que talvez o senhor seu primo não alcançasse, e, muito praticamente, aceitou aquilo que lhe era devido.

Na carta do Dr. JOSÉ DE MAGALHÃES DE CASTEL-BRANCO, que reproduzimos, declara o signatário ter recebido de seu pai o prazo de umas casas situadas em Aveiro, no sítio do Alboi,

prazo que João Jacinto tinha doado ao Dr. João de Magalhães, pai do Dr. José de Castelo Branco mediante certas condições. Assim, diz:

«Entre os bens que possuo de meu Pai, de quem fui herdeiro só a beneficio de inventário, há um prazo de vida, que ele com outros me nomeara, das casas do Alboi, sitas em Aveiro, onde julgo que V. S.^a nasceu e se criou e benignamente foi servido nomear por doação em meu Pai.»

JOÃO JACINTO era, pois, natural de Aveiro, e JOSÉ DE MAGALHÃES julga que ele nasceu e se criou nas referidas casas do Alboi (1), que teriam pertencido a CLEMENTE DE MAGALHÃES LEITÃO, pai de João Jacinto.

É inteiramente verosímil que assim tenha acontecido. JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES é, pois, sem dúvida, aveirense de origem, e aveirense para sempre!

* * *

É aqui a altura de voltarmos à *Mineralogy*, publicada em Londres, no ano de 1788, com este longo título:

An Essay Towards a System of Mineralogy, by Axel Frederic Cronstedt, mine-master or superintendant of mines in Sweden. Translated from the original swedish, with annotations, and an additional treatise on the blow-pipe, By Gustav Von Engestrom, counsellor of the College of mines in Sweden. The second edition greatly enlarged and improved, by the addition of the modern discoveries; and by a new arrangement of the articles, by John Hyacinth de Magellan, talabrico-lusitanus, et Reg. Soc. London, Academiae Imp. Scientiar. Petropolit. et Bruxell. Reg. Ulissipon, Madrit. et Berelin. Societ. Philos. Philadel. Harl. et Manchest. Socius; et Acad. Reg. Paris Scientiar. Correspondens. In two volumes, London... MDCCLXXXVIII, 8.º

A dedicatória da *Mineralogy*, reza assim: *To Count Louis De Barbiano de Belgioioso, Knight of the Order of Malta, Actual Chamberlain and privy counsellor of State, to his imperial and royal Majesty, Lieutenant general of his armies, and proprietor of a regiment of infantry in the imperial troops, etc., etc., etc., this improved essay, towards a system of Mineralogy, is, with the greatest respect and gratitude, inscribed, by his much obliged, and very humble servant,*

J. H. De Magellan.

(1) Antigo prazo que deu origem ao bairro com o mesmo nome situado ao sul da Ribeira de Aveiro, actualmente o Canal Central.

Na edição a que nos estamos referindo, consta, em letra manuscrita, no roda-pé do frontispício, a legenda: *Ex munere votivo Editoris*. Será letra do próprio punho de João Jacinto? A legenda vem nos dois volumes da obra. O 1.º vol. vai até à pág. 432. O 2.º até à pág. 1040, rematada por 2 folhas de gravuras.

No frontispício da *Mineralogia* de Cronstedt, JOÃO JACINTO apelida-se *Talabrico-Lusitanus*. Alguém estranhou isso. Mas diz BRUNO: «Não há que estranhar, porquanto *Talabrico-Lusitanus* quer dizer simplesmente português de Aveiro. PINHO LEAL, no seu *Portugal Antigo e Moderno* (vol. IX) traz: «TALÁBRICA — cidade. Vide Aveiro» (1).

*

De quanto aí fica largamente transcrito (e para o caso muito aproveitámos da erudição do Dr. Francisco Ferreira Neves sobre a história aveirense) conclui-se que, realmente, JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES era natural de Aveiro, e não de Lisboa, como o afirmou, levanamente, INOCÊNCIO, no seu *Dicionário Bibliográfico*.

4 — FRADE CRÚZIO E CÓNEGO REGULAR

A família de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES, parece deitar orgulhosas raízes para o excelso navegador Fernão de Magalhães. Nesses tempos, rara era a família que não dava rebento seu à Igreja.

Pois muito bem: JOÃO JACINTO com onze anos de idade, entrava, em 1733, para o Colégio da Sapiência da Congregação dos cônegos regulares de Santo Agostinho, em Santa Cruz de Coimbra, aí fez os seus estudos e aí veio a professar, passando de simples frade a cônego, com o nome de Dom João de Nossa Senhora do Desterro. Foi isso em 31 de Julho de 1743.

A propósito, escreveu MARQUES GOMES no *Campeão das Províncias*, de 1923:

«No Colégio de Santo Agostinho, em Coimbra, dependência do seu convento, que desde meados do século XVI era um grande centro de cultura, aonde os escolares eram obrigados a falar o latim e o grego, estudou João Jacinto de Magalhães humanidades. Descontente, porém, ao que parece «com o estado que abraçara

(1) *Talábrica* — diz BLUTEAU no seu *Vocabulário* — foi uma antiga cidade da Lusitania, agora Cacia, vila no rio Vouga, junto de Aveiro. Confirma o seu dito com a autoridade de D. Frei Amador Arrais, no *Diálogo 4*, fol. 108, col. 2, edição de 1604. (Cfr. BRUNO, *Porto Culto*, págs. 488-489, Porto, 1912).

e não podendo com o seu espírito livre e amante da ciência submeter-se às regras de uma ordem monástica, obteve um breve de secularização.

Nascido, escreve um seu biógrafo, com gosto muito inclinado à observação e com disposição pouco vulgares para a física e para a mecânica, applicou-se muito a estas especialidades e conseguiu realizar muitas experiências interessantes e introduzir em vários instrumentos físicos e astronómicos aperfeiçoamentos de valor.»

O começo destes trabalhos iniciá-lo-ia João Jacinto de Magalhães em Portugal, antes da sua partida para o estrangeiro, e esta deve ter ocorrido em 1756.

* * *

Foi com o hábito de crúzio que o oficial de marinha e astrónomo GABRIEL DE BORY (1720-1801) conheceu João Jacinto de Magalhães em Coimbra, quando veio «expressamente — informá-nos JOAQUIM DE CARVALHO, bem documentado como era seu jeito — para observar o eclipse solar de 26 de Outubro de 1753, que, em França calcularam seria total em Aveiro e cuja observação fora inicialmente planeada por LE MONNIER, da Academia das Ciências de Paris, na esperança de confirmar a opinião que colhera no eclipse total de 1724, de que a Lua não tinha atmosfera sensível. Substituído por DE BORY, que em 1751 estivera na Galiza para determinar a posição dos cabos de Finisterra e Ortegá, deu-nos este ilustre marinheiro o relato da observação do eclipse de Aveiro, das suas impressões do nosso país e da determinação da posição de alguns pontos das costas de Portugal e da Madeira» (1).

Feita a observação em Aveiro, DE BORY, de regresso a Lisboa, deteve-se em Coimbra (Novembro de 1753). Constatou-lhe que os cônegos regulares de Santa Cruz eram versados e conversados nas ciências, e liam NEWTON — «ils cultivent les Sciences avec succès; ils lisent les ouvrages de Newton» — e a eles se dirigiu. E quem, nessa emergência, lhe serviu de guia para ver as curiosidades do Mosteiro e da Biblioteca da Universidade, foi precisamente JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES. Daí datam as relações de amizade entre os dois — relações que perduraram pela vida adiante. O astrónomo francês ter-se-ia deixado cativar pelo frade e cônego crúzio, por duas ponderosas razões: ele lhe foi cicerone particularmente amável, e, para além disso, deu-lhe provas de inteligente e culto, mais voltado para as coisas das ciências exactas e experimentais, do que para as congeminções da teologia.

(1) JOAQUIM DE CARVALHO, *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, vol XX, págs. 93-94, Coimbra, 1952.

O astrónomo ficou gratíssimo ao cónego e quando, mais tarde, este se ausentou para Paris, não foi parco em louvar-lhe os méritos científicos, e patrocinou-lhe a eleição de sócio correspondente da Academia das Ciências de Paris, em 4 de Setembro de 1771, vivendo já então Magalhães em Inglaterra. E sócio foi que não se limitou a ser meramente decorativo, mas antes um sócio eficiente, porque, nessa qualidade, trocou com a Academia opiniões e observações científicas muito valiosas.

*
* * *

Em 1750, faleceu o rei D. João V, e sucedeu-lhe no trono D. José. Este nomeou novos ministros, entre eles figurando SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO, que seria, mais tarde, Marquês de Pombal.

Este faria mudar toda a estrutura política e administrativa, económica e educativa de Portugal, como primeiro ministro de D. José.

O espantoso terramoto de 1 de Novembro de 1755, que destruiu grande parte da cidade de Lisboa, deu motivo a que se revelassem e realçassem as altas qualidades governativas do ministro Sebastião de Carvalho e Melo. A ordem foi mantida e a cidade foi reconstruída.

J. J. de Magalhães, desejoso de ampliar os seus conhecimentos, e conhecer o nível do progresso literário, científico e industrial das nações estrangeiras, obteve, em 1754, do Papa Bento XIV, autorização para se ausentar de Portugal, sem perda dos seus direitos eclesiásticos.

Nestas condições, partiu para França, nos princípios de 1756, com 33 anos de idade, tendo assistido ainda, em Lisboa, ao terramoto, em 1 de Novembro de 1755, quando andava tratando de prestar um grande favor ao seu amigo Dr. RIBEIRO SANCHES, que se encontrava emigrado em Paris.

J. J. de Magalhães tinha já planeado um programa de trabalho a realizar em França.

Por esta altura já ia muito acesa a luta em Portugal entre a *Companhia de Jesus* e o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, que não permitia aos jesuítas a actividade destes no domínio temporal. A alta nobreza também contrariava o governo de D. José.

O cónego D. João Jacinto de Magalhães estava, porém, em boas relações com o ministro Sebastião José, e partiu para Paris, recomendado ao embaixador de Portugal nesta cidade, Pedro Maria de Correa Salema.

MAGALHÃES saiu para França, e dirigiu-se a Paris, onde visitou os indivíduos notáveis das suas relações, em especial o seu

grande amigo Dr. Ribeiro Sanches, e frequentava a embaixada portuguesa.

Em Paris planeará uma digressão filosófica (*tour philosophique*) por alguns países da Europa, para se instruir e colher elementos destinados a trabalhos literários que desejava publicar, entre os quais uma gramática da língua grega, no estilo da usada na abadia de Port-Royal, dos Jansenistas.

Essa digressão ele a realizou antes do ano de 1760 — entre 1756 e 1760.

Entretanto, verificaram-se em Portugal acontecimentos de altíssima importância, designadamente o atentado de 3 de Setembro de 1758 contra a vida de D. José, chefiado pelo Marquês de Távora e pelo Duque de Aveiro, os quais, com outros cúmplices, foram condenados à morte em 1759.

Os jesuítas foram dados como perdidos e achados neste atentado, e, por carta régia de 19 de Janeiro de 1759, foram sequestrados os seus bens, em todo o reino.

Por lei de 3 de Setembro de 1759, vieram os jesuítas a ser expulsos de Portugal, fechados os seus colégios e proibidos os seus livros didácticos.

Na sequência deste acontecimento, SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO, já Conde de Oeiras, criou, em muitas terras do reino, escolas destinadas principalmente ao ensino da língua latina e da língua grega.

5 — EM PARIS. — UMA MISSÃO DE ESTUDO

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES deixou Coimbra no ano de 1756, e ter-se-ia dirigido directamente a Paris, talvez para aí aliciado pelo seu amigo DE BORY, e pelo nosso compatriota e notável médico e também seu amigo que foi ANTÓNIO NUNES RIBEIRO SANCHES (1699-1783).

Mas podia também ter ido para França para aqui ampliar os seus conhecimentos e tratar de outros assuntos que lhe interessavam.

A saída de João Jacinto para França ocorreu pouco tempo depois do terramoto de Lisboa, de 1 de Novembro de 1755, tendo ele ainda, como confessor, colaborado nos remédios que foram procurados para reparar em Lisboa as terríveis consequências daquela catástrofe. Provavelmente saiu de Portugal nos princípios do ano de 1756, e instalou-se na cidade de Paris.

Em seguida, mas anteriormente a 1760, fez algumas viagens de estudo a vários países da Europa, as quais ele em 1760 denominou de «*tour philosophique de l'Europe*».

Em 1760, JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES marca a sua presença nas gazetas literárias e científicas de Paris, onde é conhecido por *l'abbé* Magalhães.

O nome de MAGELLAN o adoptará depois na Inglaterra, em regime de paridade com o do navegador «que presque toute l'Europe appelle Magellan, à cause de la difficulté de bien prononcer ce nom bien portugais».

* * *

Em Paris, para conseguir meios de subsistência, encostou-se à embaixada portuguesa, que, então, tinha à sua frente PEDRO MARIA DA COSTA SALEMA, «acólito da Santa Igreja patriarcal de Lisboa e Ministro de Sua Majestade Fidelíssima, na corte de França». Ao senhor embaixador fez vénias, dedicatórias e trabalhos, que foram pagos, não diremos principescamente, para poder viver. Era naturalíssimo que os Portugueses ilustres emigrados em França procurassem a embaixada do seu país, para aí matarem saudades da língua que seus pais lhes ensinaram, e para que ela lhes resolvesse alguns problemas e lhes aproveitasse prêmios remunerados. O Marquês de Pombal muito aproveitou desses «estrangeirados», gente que via longe, e que o ajudaria a dar a nota da modernidade a Portugal, nalguns aspectos, sobretudo no que dizia respeito à reforma dos estudos universitários.

Aliás, JOÃO JACINTO encarregou-se de incensar o Marquês, no respeitante às providências que este — e toda a Corte — tomara depois do terramoto. Fez isso no *Journal Étranger* (1760). A propósito, escreve RICARDO JORGE:

«Magalhães traça as fases gerais da catástrofe e narra com louvor as medidas salvadoras de POMBAL, entre elas as de ordem sanitária e profilática. Testemunha ocular do desastre, de que mais tarde, o veremos contar a ROUSSEAU episódios dilacerantes, dá-se também como colaborador um pouco dos «cuidados paternais, salutareis providências e disposições benfazejas do soberano». D. José tirava da boca as galinhas e outras virtualhas para mimosar os enfermos; a rainha e as infantas cosiam roupa e faziam pensos para os feridos; e Magalhães viu os grandes titulares a servir de ajudantes aos cirurgiões» (1).

* * *

Em Paris, a vida não correu fácil a JOÃO JACINTO, nos primeiros tempos. Recebia a sua cóngrua de cônego, mas dos bens que deixara em Portugal, «notadamente — diz JOAQUIM DE CARVALHO — uma propriedade rústica, que designa de «Quinta da

(1) *A Medicina Contemporânea*, 2.^a série, vol. XIII, de 1910, pág. 5.

Graciosa», e umas casas em Aveiro, no bairro do Alboi», nunca recebeu qualquer rendimento.

Os primeiros e magros proventos de JOÃO JACINTO, em Paris, vieram-lhe da publicação — nessa cidade — da *Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*, de FREI LUÍS DE SOUSA (1), e em 1760 do *Novo Epítome da Gramática Grega de Porto-Real, composto na língua portuguesa para uso das novas escolas portuguesas*.

[No respeitante a esse *Epítome de Gramática Grega* (Paris, Ambr. Didot, 1760), diz RICARDO JORGE que é precedido duma carta ofertória ao Salema (Pedro Maria da Costa Salema, «acólito da Santa Igreja patriarcal de Lisboa e ministro de Sua Majestade Fidelíssima na corte de França), livro de ensino para uso das novas escolas de Portugal. Pelos modos tinham-lhe incumbido uma tradução do célebre método de Port-Royal, mas ele, consciencioso e pedagogo, fez uma adaptação tão clara e singela quanto possível. A maior curiosidade da gramática são as regras versejadas para mnemónica, segundo o costume didascálico do tempo — umas linhas côrneas dísticamente rimadas, que o Magalhães tem o despejo de chamar versos endecassílabos. Rompe por esta lampejante quadra:

Sete as vogaes que os gregos tem
Longo omega será, é também
Breve omicron mais epsilon julgai
E alpha, ypsilon aos comuns dai

E por aí fora, neste e em pior gosto, até aos mistérios do dual e do aoristo. Não sei se a rude côdea escolar dos patricios se deixou trespassar por estas finas helenidades; por mim direi que há anos, desde que a troco de um pataco pesquei um exemplar no chão da Feira da Ladra, por ali busco catar alguma esquirola de grego com pouco proveito, ou por culpa do epitomista ou do seródio discípulo. Certo é que, apesar de prometer Raízes gregas, Diálogos de Luciano, etc., nada mais veio a lume que eu saiba — sinal que cá do reino pelo que quer que fosse, não mais lhe deram obra grega encomendada» (2).]

(1) A *Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*, antepõe uma biografia do autor, e daí constam as palavras em que se insurge contra a precipitação dos votos religiosos, «causa de tantas vítimas da inconsideração e da cegueira, ligadas sem remédio numa idade em que não dispõem ainda da capacidade de decidir irrevogavelmente da sua sorte». — (Em RICARDO JORGE, *op. cit.*).

(2) *A Medicina Contemporânea*, 2.ª série, vol. XII, pág. 5.

SAMPAIO BRUNO, em *O Porto Culto*, Porto, 1912, pág. 460, anota, com INOCÊNCIO, que apareceram exemplares do *Epítome*, nos quais foram cortados a dedicatória e o frontespício, substituído este pelos seguintes dizeres: *Novo Epítome de Gramática grega de Porto-Real, acomodado na língua por-*

* * *

A preparação do Novo Epítome da Gramática Grega de Porto-Real para uso das novas escolas portuguesas, impresso em Paris em 1760, foi sem dúvida um dos motivos que levou João Jacinto a sair de Portugal para França, com a concordância do rei D. José e do seu ministro Sebastião de Carvalho e Melo.

Com efeito, tendo sido expulsos os jesuítas de Portugal (decreto de 3 de Setembro de 1759) e encerrados os seus colégios, o Marquês de Pombal criou novas escolas para substituir estes, e nelas seriam ensinadas as línguas latina e grega.

Magalhães tinha em vista a aprovação oficial da sua Gramática Grega de Port-Royal adaptada por ele em língua portuguesa para as novas escolas, o que veio a suceder, «*por mandado de Sua Magestade Fidelíssima el-rei D. José I*».

O Marquês de Pombal andava tratando da reforma do ensino nas escolas menores e na Universidade, e JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES seria um dos seus bons colaboradores. A sua ida a França deve ter servido também para ele recolher elementos para as reformas do ensino em Portugal, e agora se compreende a razão das suas viagens por alguns países da Europa que ele designou por *tour philosophique de l'Europe*.

De tudo isto se pode concluir que JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES seria professor, no Colégio de Santo Agostinho do convento de Santa Cruz, das línguas grega e latina, e que era dotado de uma vasta cultura literária e científica.

A colaboração de Magalhães com o Marquês de Pombal havia de trazer-lhe a inveja, a má vontade e o ódio dos adversários de Pombal, pelo que viria a sofrer graves incómodos e ofensas quando regressasse a Portugal depois de concluir os seus trabalhos em França.

* * *

Em 1762 ou 1763, o cónego D. JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES regressou de Paris a Portugal e apresentou-se na sua Congregação de Coimbra.

Encontrou tudo mudado em Portugal, quer no campo polí-

tuguesa para uso das novas escolas, por mandado de Sua Magestade Fidelíssima el-rei D. José I nosso Senhor. Lisboa, sem nome de impressor.

Diz MAXIMIANO LEMOS: «As duas edições são idênticas, à parte esta modificação e a substituição das folhas 9-10, para introduzir algumas modificações». (*Estudos de História da Medicina Peninsular*, pág. 240, Porto, 1916).

tico, quer no religioso, por virtude dos importantes acontecimentos que já mencionámos.

Os jesuítas procuravam, porém, infiltrar-se novamente em Portugal, contrariando a política de D. José e do seu primeiro ministro SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO, futuro Marquês de Pombal (nomeação de 15 de Junho de 1769), e impondo regras restritivas para a comunicação intelectual, ou convivência. Faziam censura aos livros publicados, autorizados e aprovados pela *Real Mesa Censória*, e perseguiram os indivíduos que mantinham relações literárias ou científicas com estrangeiros considerados portadores de ideias reformistas avançadas.

O cônego Magalhães encontrou o bispo de Coimbra, D. MIGUEL DA ANUNCIAÇÃO, chefe do movimento de opposição (na sua diocese) ao governo de D. José, em inteiro apoio às pretensões dos jesuítas. Este bispo impunha-se aos seus diocesanos, e à Congregação de Santo Agostinho — à qual JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES pertencia ⁽¹⁾.

MAGALHÃES foi mal recebido pelo bispo e seus familiares que, em Coimbra, exerciam *despotismo ministerial*. Magalhães era considerado subversivo e como tal era cerceado e tolhido nas liberdades física e intelectual, pelo bispo.

Aborrecido e desgostoso com as desconsiderações e dificuldades de que era alvo em Portugal, deliberou sair de Portugal, «resolvido a não mais viver senão sob um governo em que a liberdade pessoal esteja ao abrigo do despotismo ministerial» ⁽²⁾ (o do bispo D. Miguel da Anunciação, ao qual já nos referimos).

6 — NA INGLATERRA

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES resolveu expatriar-se para Londres em 1764, passando, porém, por Paris, para visitar e conversar com os seus amigos, especialmente o Dr. Sanches.

Saiu do seu país natal, para Inglaterra, com saudades, mas pouco abonado de recursos para viver. Demais, o governo da sua Congregação tinha deixado de lhe pagar a còngrua.

Teria de trabalhar na Inglaterra para viver.

⁽¹⁾ D. MIGUEL DA ANUNCIAÇÃO, bispo-conde de Coimbra, desde 1741, fora também cônego regular da Congregação de Santa Cruz.

⁽²⁾ A nota em que João Jacinto se declara «disposto a não mais viver no país onde a liberdade individual está à mercê do despotismo ministerial» é do seu próprio punho, no exemplar da biografia de Ribeiro Sanches por ANDRY, existente na Bib. Munic. do Porto.

As notas manuscritas de J. H. de Magellan à biografia de Sanches por Andry, as encontra o leitor transcritas por Max. Lemos, em *Estudos de História da Medicina Peninsular*, Porto, 1916, nas págs. 290-295. São datadas de Londres (28-2-1784).

*

Chegou a Paris. Procurou o Dr. Sanches e expôs-lhe os seus projectos de vida na Inglaterra e a sua precária situação. O Dr. Sanches interessou-se por João Jacinto.

Ribeiro Sanches era amigo dos seus amigos. Deu bastas provas disso. Para com JOÃO JACINTO sentia-se particularmente grato, porquanto este, tratando-lhe de assunto de particular interesse em Lisboa, por ocasião do terramoto de 1755, esteve na iminência de correr um sério risco. Ao caso se refere João Jacinto, nas notas manuscritas que atrás citamos. Ribeiro Sanches era mãos rotas para os amigos necessitados. Não suportava que tivessem privações, enquanto ele pudesse valer-lhes. O próprio João Jacinto de Magalhães o diz:

«Il ne pouvait les voir, ni même les supçonner [refere-se às dificuldades dos amigos pobres], sans y apporter du secours. Par conséquent une grande partie de son revenu était destinée à concourir pour la subsistance des pauvres et des amis qu'il jugeait en avoir besoin, quelsque fussent les pays où ils se trouvaissent, et cela avec une générosité si ferme, et pour ainsi dire si obstinée, qu'il n'était point possible de lui résister, sans lui redoubler une affliction la plus sensible avec le refus. Je me trouvai moi-même dans ce cas vis-à-vis de lui, lorsque je passai par Paris, après avoir quitté mon pays, résolu à ne plus vivre que sous un gouvernement, ou la liberté personnelle soit à l'abri du despotisme ministériel. Le Dr. Sanches avait bien vu la sincérité de mon attachement dans un service réel que je lui rendis à Lisbonne, pour lequel je fus obligé de retarder mon départ au risque de ma personne [refere-se ao terramoto de 1755]. Il me reçut à bras ouverts; il me jura que notre mal et notre bien seraient dès lors communs à tous deux; il me força à accepter de l'argent pour venir à Londres; il ne manqua pas de m'envoyer une somme annuelle avec une régularité aussi remarquable comme scrupuleuse, ne voulant jamais accepter quelques livres que je lui envoyais sans en payer séparément la valeur. Et enfin, ce ne fut qu'un on deux ans avant la mort que j'obtins de lui de ne plus m'envoyer cette somme dont il avait plus de besoin par la plus grande dépense de l'aggravation de ses infirmités» (1).

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES chegou a Londres em 1764. Ali é que ele estava bem. Homem de excepcional perícia de mãos, imaginativo e construtor de instrumentos de precisão, com

(1) Em MAX. LEMOS, *op. cit.*, págs. 293-294.

o gosto das experiências laboratoriais, mecânico ou técnico por temperamento, Londres é que lhe estava a convir.

JOÃO JACINTO chegou a Londres ⁽¹⁾, precisamente numa época em que se registava a febre da construção de instrumentos de precisão — o que, aliás, diz perfeitamente com uma das dimensões do espírito inglês — a feição prática que empresta a tudo. Aí, os sábios não enfeitavam os mecânicos. Antes lhes davam a melhor aceitação e os atraíam para o seu grémio. DOLLOND, ADAMS e JOSÉ RAMSDEN foram peritos na mecânica de precisão. Este último foi admitido na *Royal Society* (1786), precisamente pelas suas excepcionais qualidades nesse sector. Em 1773 executava perfeitamente a construção que JOÃO JACINTO inventara para os oitantes e sextantes.

A *Royal Society*, ao contrário da *Academia das Ciências de Paris*, dava guarida a mecânicos hábeis, entendendo que a ciência só poderia progredir pela aliança da técnica instrumental e da experiência flagrante, com a teoria. Isso no pólo contrário da Academia de Paris, mais propensa às congeminações teóricas, e olhando por cima do ombro os mecânicos.

Ricardo Jorge admite que JOÃO JACINTO tenha saído para Londres, enojado das invejas e intrigas surgidas à sua volta. Homem superior, teria a morder-lhe às canelas a cainçada dos mediócrs, que nunca suportaram que alguém lhes fizesse sombra ⁽²⁾.

Noutro passo, escreveu ainda Ricardo Jorge, a propósito do exílio de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES, que morreu na Inglaterra em 1790, celebrado como preclara inteligência nas ciências expe-

⁽¹⁾ Aí por volta de 1764 passou-se, efectivamente, para Londres, talvez por inteligente conselho de Ribeiro Sanches, mas certamente com o auxílio deste. MAGALHÃES o diz: «Forçou-me a aceitar dinheiro para vir para Londres; nunca deixou de me enviar uma quantia anual com uma regularidade tão notável como escrupulosa, não querendo nunca aceitar alguns livros que lhe mandava sem pagar separadamente o seu valor». (Cfr. MAXIMIANO LEMOS, *Estudos de História da Medicina Peninsular*, pág. 241, Porto, 1916).

⁽²⁾ Referindo-se ao seu presumível e glorioso antepassado, escrevia J. J. de Magalhães: «Mais ce fut au service du roi d'Espagne que Fernando de Magalhães fit la découverte de ce détroit [o Estreito de Magalhães], après avoir abandonné, par choix, comme l'auteur [J. J. de M.] l'a fait aussi son pays natal, à cause de quelques désagréments qu'il y essuya de la part des envieux de son mérite».

Sempre a inveja lusitana diante dos reais méritos, assim advogando, afinal, o triunfo dos mediócrs!

rimentais, o que lhe garantiu ser sócio correspondente da Academia das Ciências de Paris, da *Royal Society* de Londres e das outras principais Academias europeias:

«Fora na esteira do parente [Fernão de Magalhães que por intrigas e invejas saiu de Portugal para Espanha], repudiando a pátria onde as torpezas da inveja o perseguiram. Sempre a conhecida e nunca finda miséria deste país; no homem em que se divise alguma superioridade, malha-se, até desterrá-lo, encurrálá-lo, ou matá-lo aos poucos. E no cabo, esta jolda de pasquineiros e de magarefes dá upas de contente por lhe ficar desassombrado o terceiro» (1).

É de presumir que, se o ambiente intelectual português fosse arejado, se, acaso, estivesse sintonizado com o progresso «lá de fora», toda essa gente se deixaria ficar na sua terra. Sentindo, porém, à sua volta uma atmosfera mefítica, intolerante, estúpida, os que emigraram saíram para satisfazer os anseios de liberdade e de largueza espiritual que a sua terra, cruelmente, abafava, como se tivesse atingido um *nec plus ultra*, em matéria religiosa, política, cultural.

Não andaremos também muito longe de encontrar as razões da saída de João Jacinto para a Inglaterra, na circunstância de ele não oferecer garantias de austera ortodoxia religiosa. E, então, e à cautela, antes que a Inquisição o metesse na masmorra, foi-se, prudentemente, passando para onde ficasse a coberto de percalços dessa ordem. O Seguro morreu de velho...

7—UMA ESPÉCIE DE RECOVEIRO CIENTÍFICO, A PARTIR DE LONDRES

JOÃO JACINTO, em 1774, dez anos depois de desembarcar em terra britânica, era feito sócio da *Royal Society*, de Londres, gozando a partir de então, de prestígio tal e tanto, que LUÍS PINTO DE SOUSA COUTINHO, primeiro visconde de Balsemão, agente diplomático em Londres, informava, em 1779, o secretário de Estado, AIRES DE SÁ E MELO, reinando já D. Maria I, desde 1777 (2) de que «Magalhães tem todos os conhecimentos necessários e uma correspondência em Londres com a maior parte das Academias da Europa, sendo Membro e Correspondente de algumas. Estas circunstâncias, e o seu génio natural para as coisas

(1) *A Medicina Contemporânea*, 2.^a série, vol. XIII, de 1910, pág. 4.

(2) O rei D. José faleceu a 24 de Fevereiro de 1777 e o Marquês de Pombal foi então afastado do governo.

mecânicas o tem feito conhecido de todos os artistas; e por isso pode ser igualmente útil para o progresso das Artes e Manufaturas desse Reino» (1).

* * *

A verdadeira vocação de JOÃO JACINTO não eram as coisas literárias. Por aí não faria o seu nome carreira no mundo. Onde ele ganharia fama seria no campo das ciências experimentais, designadamente da física, da química, da astronomia e da fisiologia. Como investigador absolutamente original, fazendo de marco milário, ao longo da história da ciência? Mais devagar. À tanto não chegou o seu génio. Mas que figurou entre os espíritos realmente talentosos, no sector das referidas ciências, isso é que ninguém se permite pôr em dúvida. Possuía uma extraordinária intuição no respeitante a instrumentos científicos, inventando alguns, *de toutes pièces*, modificando outros de maneira a aumentar-lhes a funcionalidade.

Salvo seja!, JOÃO JACINTO foi, até certo ponto, uma espécie de recoveiro científico entre os vários centros culturais da Europa, e, sobretudo, entre Londres e Paris. A correspondência dele — a pouca que conhecemos — o atesta. Não havia, então, celebridade científica inglesa ou francesa — e, afinal, europeia —, com quem não se cartesse! Muitas das cartas que lhe foram dirigidas as publicou o Doutor JOAQUIM DE CARVALHO na *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra* (vol. xx, págs. 114-283), e por elas se pode verificar a lista das sumidades que se lhe dirigiram, agradecendo sugestões suas, aproveitando das suas invenções e das alterações que ele propunha a uns quantos instrumentos científicos. Noutras se faz referência a livros que lhe foram oferecidos, como prova de especial deferência pelo seu invulgar valor como homem que se tratava por tu com as ciências fisico-matemáticas e outras afins. As observações astronómicas constituem assíduo tema dessa correspondência a alto nível científico.

* * *

Sempre que, no nosso país e na Espanha, os laboratórios nascentes (antes do séc. XVIII não existiam — em matéria de física e química tudo era glosar o texto aristotélico, e daí não se passava, o que seria considerado subversivo!) precisaram de se apetrechar, o homem consultado, em Londres, para se desobrigar

(1) Em MAXIMIANO LEMOS, *Estudos de História da Medicina*, págs. 276-277. Ofício de 2-x-1779.

dessa tarefa carregada de responsabilidades era J. J. DE MAGALHÃES. Cinco colecções de instrumentos científicos lhe encomendou Portugal, e a Espanha seis. Informa o Prof. H. Teixeira Bastos que, no *Laboratório de Física* da Universidade de Coimbra, existe uma colecção de memórias de J. J. DE MAGALHÃES, com o título: *Collection de différens traités sur des instruments d'astronomie, physique, etc.*

Nessa colecção, vem o extracto duma carta a RIBEIRO SANCHES (de 4-XI-1778), relativa a um novo remédio para a tosse, e, sobretudo, dela consta:

1. «Descrição dos novos instrumentos circulares de reflexão e da modificação feita nos sextantes ordinários»:

2. «Descrição e usos dos instrumentos de astronomia e física encomendados em Londres pela corte de Portugal, em 1778, dirigida numa carta a S. Ex.^a o Sr. Luís Pinto de Sousa Coutinho, enviado extraordinário à corte de Londres, etc.»

3. «Descrição e usos dos novos barómetros para medir a altura das montanhas e profundidade das minas pertencentes às colecções de instrumentos de astronomia e física, encomendados em Londres, em 1778 e 1779, pela Corte de Espanha, com um resumo dos barómetros de grande escala e dum meteorógrafo constante»;

4. «Ensaio sobre a nova teoria do fogo elementar e do calor dos corpos, com a descrição dos novos termómetros destinados particularmente às observações sobre este assunto (dedicado a s. ex.^a Dimitri, príncipe de Gallitzin)»;

5. «Notícia dos instrumentos de astronomia, geodesia, física, etc., feitos últimamente em Londres por ordem da corte de Espanha.»

Diz o nosso informador que estas memórias são escritas em francês, e saíram em Londres, da Imprensa Richardson, do Strand, em 1779 e 1780.

*

Na notícia relativa à encomenda que lhe fez a Corte de Espanha, JOÃO JACINTO diz ter-se desobrigado dela com o maior prazer, porquanto ele contava, entre os seus antepassados, FERNÃO DE MAGALHÃES, que morrera ao serviço de Espanha.

A notícia da encomenda feita pelo governo espanhol, JOÃO JACINTO a termina com estas palavras, assim traduzidas do francês, para português, por H. TEIXEIRA BASTOS:

«Por menos que valha o meu trabalho, resta-me sempre a satisfação de ter servido o público, de boa vontade, e o melhor

que pude, particularmente o público das duas nações espanhola e portuguesa, a que sou dedicado do coração. Únicamente ao meu zelo devo coragem para vencer as dificuldades que naturalmente se encontram numa situação como a minha, residindo num país estranho, sem fortuna, com recursos que não vão além do estritamente necessário, exprimindo-me numa língua que não é a minha, sem saúde e já velho.

Às almas sensíveis que lerem estas linhas, não deixará de ser grato o meu sacrifício. Só a elas me dirijo, e só o seu juízo me importa» (1).

Com efeito, sempre que Portugal fez, em Londres, encomendas de instrumentos científicos (por exemplo instrumentos astronómicos, náuticos, geodésicos, e aparelhagem de física e de química), no tempo em que JOÃO JACINTO ali viveu, era este o intermediário a quem o Governo português confiava a vigilância de tais encomendas. E da incumbência se desobrigava com excepcional proficiência. Alguns desses instrumentos eram invenção dele (o caso dos sextantes), outros eram por ele modificados, de maneira a tornarem-se mais expeditos, e, por via de regra, fazia acompanhar, a remessa dos instrumentos, das explicações (impresas à sua custa...) necessárias para o seu fácil manejo. Se houve Português que possuísse excepcional talento de *homo faber* aliado ao de *homo sapiens*, esse homem foi o aveirense JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES.

Nas explicações que dava sobre o instrumental remetido para Portugal, empregava a língua francesa, não por presunção (nunca presumiu de escrever ou falar a primor as línguas estrangeiras), mas porque a língua portuguesa o obrigaria a circunlóquios, onde o que convinha era empregar a palavra única, na designação dos instrumentos e seu funcionamento. Ao ministro português que lhe fizera a encomenda dos instrumentos científicos (Luís Pinto de Sousa Coutinho) desculpava-se de empregar «la langue française, à cause des termes techniques dont une grande partie ne sont encore adoptés dans cette langue et auxquels je serais obligé de suppléer dans ce cas par circonlocutions ou par des définitions».

* * *

Os instrumentos encomendados pela Corte portuguesa são acompanhados da explicação, relativa ao funcionamento, da maneira como devem ser instalados, de modo a obviar a todas as

(1) *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, págs. 180-181.

dificuldades. O pequeno manual de técnica experimental que acompanha a remessa dos instrumentos é assim designado:

Description et usage des Instruments d'Astronomie et de Physique, faits à Londres, par ordre de la Cour du Portugal en 1778 et 1779, adressée dans une lettre, à son Excellence M. Luis Pinto de Sousa Coutinho, seigneur de Balcemam, chevalier des Ordres de Malthe et de Christ, du Conseil de Sa Magesté Très Fidelle et son Envoyé Extraordinaire à la Cour de Londres, etc., etc., etc., par J. H. de Magellan, gentilhomme portugais, membre de la Société Royale de Londres, de l'Académie Impériale des Sciences de Peterbourg, de la Royale de Madrid et correspondant de l'Académie Royale des Sciences de Paris. À Londres, chez B. White, Libraire à Fleet Street, etc. MDCCLXXIX.

* * *

A encomenda de instrumentos feita pela Corte de Espanha compreende instrumentos e aparelhos como o dinamómetro de mola, quadrantes astronómicos, pêndulos astronómicos para viajar, relógios de bolso para os astrónomos, luneta astronómica e respectivo micrómetro, barras magnéticas para reforço das agulhas das bússolas de mar, barras magnéticas para garantir os navios contra o raio e, outrossim, os edificios na terra, teodolitos e uma nova régua para tirar paralelas. Na encomenda seguia, também, da invenção de JOÃO JACINTO, um pêndulo inalterável.

As instruções relativas ao uso desses instrumentos e aparelhos são dadas com a perícia de um homem para quem toda essa aparelhagem não tinha segredos. As referidas instruções são dadas na *Notice des instruments d'Astronomie, de Geodésie, de Physique, etc., faits dernièrement à Londres par ordre de la Cour d'Espagne: avec le précis de leur construction, qualités et perfectionnements nouveaux, par J. H. de Magellan, gentilhomme portugais, etc. À Londres, etc. MDCCLXXX.*

Relativamente a outras encomendas de barómetros que a Corte de Espanha lhe fez para medir a altura das montanhas e a profundidade das minas, também JOÃO JACINTO dá as explicações necessárias, sempre com a habitual perícia de homem dotado de específica vocação para as actividades da aparelhagem laboratorial. E não se fica por aí: introduz, quando isso é preciso, as modificações que lhe parecem tornar mais funcionais os instrumentos.

Nessas instruções, diz como se devem empregar os barómetros no mar, e salienta o valor das observações e previsões meteorológicas. No remate da descrição que acompanha os novos

barómetros encomendados pela Corte espanhola, em 1779, vem a descrição dum meteorógrafo, que automaticamente inscrevia a pressão e a humidade. É dos primeiros aparelhos que então apareceram para dar o registo gráfico — aparelhos, hoje, triviais nos observatórios meteorológicos.

* * *

Em 1780, o *Journal des Savans*, apreciando as instruções de MAGALHÃES (refere A. de Sousa Pinto), diz que não faltam aí ideias novas, de real interesse para a física. Acrescenta o mesmo *Journal* que MAGALHÃES «já tão útil aos sábios pelas canseiras que se impõe para favorecer a sua correspondência e as suas observações, se torna ainda mais útil por ideias engenhosas que lhes fornece para o progresso da física» (1).

(Continua)

CRUZ MALPIQUE

bibRIA

(1) Em A. SOUSA PINTO, Prof. de Física da Univ. do Porto, *A Vida e a Obra de João Jacinto de Magalhães*, opúsculo de 27 páginas, Porto, 1931. A citação feita é da pág. 16.

UM VIAJANTE QUINHENTISTA NO DISTRITO DE AVEIRO

UM acontecimento importantíssimo do mundo católico se passa no ano corrente de 1971. Referimo-nos ao *Ano Santo* de Sant'Iago de Compostela que, conforme o costume, decorre com a maior solenidade e atracção de grandes multidões que aí se deslocam; assim acontece em todos os anos em que o dia de Sant'Iago (25 de Julho) coincide com um domingo.

Embora se verifique que é através do chamado *caminho francês* que tanta influência exerceu na Idade Média, permitindo através dele a difusão no norte de Espanha da cultura que em França tão alto grau atinge com o importante e pouco duradouro renascimento carolíngio, a verdade é que também de Portugal são muito importantes as peregrinações que à cidade compostelana se dirigem.

Assim se continua a tradição dos velhos tempos em que figuras reais, como D. Diniz, Santa Isabel e D. Manuel I, príncipes e princesas, como Santa Mafalda de Arouca ou D. Luís que se fez acompanhar do grande desenhista FRANCISCO DE HOLANDA, e altas figuras da Sociedade portuguesa de todos os tempos fizeram com a maior devoção; tradição que se fez transportar, já no séc. XVI, para novas paragens onde os portugueses chegaram, pois muito do interior de África se iniciavam peregrinações jacobitas à velha cidade galega.

Ora dentre os muitos peregrinos notáveis que de Portugal foram a Sant'Iago, há notícia da viagem de Monsenhor FABIO BIANDO DE MONTALTO, Patriarca de Jerusalém e que em Portugal exerceu funções de Colector do Papa Clemente VIII. Mgr. FABIO DE MONTALTO trouxe para Portugal, como seu secretário, um jovem sacerdote, de nome JUAN BAUTISTA CONFALONIERI que

gostava muito de escrever sobre o que via e que por isso mesmo deixou abundantes escritos que se conservam no Arquivo do Vaticano.

Entre estes, conta-se a relação da viagem que fez a Lisboa, acompanhando o Patriarca de Jerusalém e a peregrinação que de Lisboa fez a Sant'Iago.

*

Essa relação está hoje publicada, e dela se encontra uma versão nos *Cuadernos de Estudios Gallegos* (1964).

A viagem foi feita em 1594 e na convicção de que bastante interesse tem a passagem pelo distrito de Aveiro, dela deixamos o relato correspondente.

Depois da *Mealhada*, aldeia de mais de 300 almas, CONFALONIERI cita Avelãs, vila de umas oitenta casas, *Azinha* (Asigna, diz o texto) de oito casas e *Aguada*, de poucas e espalhadas habitações, para falar depois de *Águeda*, onde os nossos peregrinos pararam para almoçar. Águeda impressionou o cronista como boa e das principais aldeias de Portugal, constituída por muitas casas e com uma ponte sobre o rio Alcochel. Ai se encontram os mais formosos carvalhos que se podem ver. O terreno é negro e tão duro que o lavram com dez e doze bois; e é preciso lavrar fundo. À frente vai um homem com dois bois para abrir o terreno, arrancar a erva e fazer o sulco e atrás seguem-o o arado puxado por seis juntas de bois. Os homens cantam-lhes, chamam-lhes pelo nome, porque de outra forma os bois não lavram. Os arados têm rodas pequenas.

De Tomar até Águeda, na sua maior parte, os terrenos são estéreis, diz o memorialista.

O priorado de Águeda é de 500 escudos, acrescenta.

*

Terminado o almoço, seguiram por *Mourisca* (assim chamada porque a começou a edificar um mouro, diz CONFALONIERI); são vinte ou trinta pequenas casas, ou melhor, pobríssimas cabanas, com uma igreja ou capela em que só cabe o altar.

Segue-se *Vendas de Marmem*; *Vouga*, de 50 ou 60 fogos, onde se passa por uma ponte tão comprida como a de Santo Ângelo, em Roma, sobre um rio baixo. Logo a seguir, *Vendas de Damero*.

Os viajantes passaram a noite em *Albergaria-a-Nova*, aldeia de umas cem casas, pequenas e pobres.

Fizeram assim, seis léguas.

No dia seguinte, 26 de Abril, passaram a *Albergaria-a-Velha* de quatro casas; *Pinheiro*, da mesma força; *Bemposta*, vila; *Oliveira de Azeméis*, onde sofreram muito fumo, tendo Mgr. almoçado em casa do cura. Depois da refeição, *Venda de Pica*, *Arrifana*, vila; *Souto Redondo* pequeno lugar, *Vendas de Carvalhos* e foram ficar ao Mosteiro de *Grijó*.

*

Aqui, em *Grijó* de que se faz rasgado elogio, voltaram os peregrinos a pernoitar no regresso de Sant'Iago, em 11 de Maio. A vila de *Arrifana* merece-lhes atenção por ter boas casas e os ter mimoseado com um toque dos sinos de uma igreja, deante da qual havia uma cruz de mármore.

Torna a referir *Pica*, que é uma venda.

Em *Oliveira de Azeméis*, vila ampla, começou um mau caminho a subir por uma encosta, e sempre caminho mau por espaço de uma légua até *Bemposta*, vila de cem casas aproximadamente, onde comeram. E segue-se *Pinheiro*, de quatro casas. *Albergaria-a-Velha* e *Albergaria-a-Nova* que é um bairro de 50 ou 60 casas. Logo a *Venda de Damero*.

A seguir uma ponte, tão extensa como a de Santo Ângelo, mas estreita e mal feita, sobre o rio Vouga. Uma outra pequena ponte baixa e sobre uns brenhais. *Vouga*, pequeno lugar, e noite passada em *Mourisca*. Oito léguas; choveu todo o dia. Este último lugar, diz o memorialista, é todo de raça de mouros. Tem umas 40 casas.

Sexta, 13 de Maio, às 8 horas: chegada a *Águeda*, que é das maiores aldeias do reino, rica, com boas casas, campos formosos, e férteis, com boa ponte e uma igreja de 100 escudos, ainda que mal tratada. Depois *Esperise*, de cinco casas pequenas. *Aguada*, aldeia, *Azinha*, de oito casas, *Avelãs*, vila de sessenta e oito casas, com um freixo, o maior que CONFALONIERI viu em sua vida, que até parece uma azinheira. Almoço na *Mealhada*, lugar de mais de 300 almas de comunhão.

*

Infelizmente não são tão abundantes quanto gostaríamos os elementos que ficam nesta pequena nota, mas nem por isso deixam de merecer o nosso interesse.

Parece-nos, porém, que CONFALONIERI se equivocou ao chamar Alcochel, ao rio que passa em *Águeda*, a menos que tenha

UM VIAJANTE QUINHENTISTA

havido erro da parte de quem copiou o manuscrito para o dar à imprensa. E também nos parece que as Albergarias não são bem como as aponta, pois ao norte fica a Nova, ao contrário do que se deduz da descrição de CONFALONIERI. Outras palavras pode-as CONFALONIERI ter deturpado. Assim *Azinha*, não será Azenha? *Marmem* não será Marnel?

Seja como fôr, tendo em atenção a importância que se atribue ao relato dos peregrinos italianos que evocamos, é de ver o que nele se diz sobre o distrito de Aveiro, o que assim fica feito.

ANTÓNIO DE SOUSA MACHADO

bibRIA

HOMENS E FACTOS DE AVEIRO

RELANCE SOBRE UMA
PRESTIMOSA COLECTIVIDADE
OITOCENTISTA

E SCASSEIAM os documentos para um relance retrospectivo que permita estabelecer, com algum rigor, o panorama intelectual de Aveiro, nos seus primeiros séculos de existência.

A primitiva povoação, ainda alavariense, desabrolhamento da actual cidade em expansão, era de salinzeiros e pescadores, práticos do seu mister, que não letrados.

Concelho duocentista, medra a então vila, lançando-se às fainas marítimas. Já pelo século XIV se institui a confraria dos pescadores e mareantes, com sede na capela de Santa Maria — quase uma ermida soerguida a meio da deminuta povoação de Sá, suburbana de Aveiro e irridenta do núcleo principal, por motivo de arranjos administrativos hoje de difícil compreensão, durante largas centúrias.

Formam-se pilotos, para a cabotagem e para colaborar nas navegações e descobertas ultramarinas, ao que parece; gera-se uma burguesia de modestos ou medianos cabedais; o INFANTE D. PEDRO, o mais «claro» dos ínclitos príncipes de Avis, estimula as actividades, obtém a providência régia que institui a feira anual — ainda subsistente, numa terra em que a generalidade das obras materiais desses tempos desapareceram — e enobrece-a com sua cintura de muralhas. Quando, porém, em 1472, sua neta, que criaria jus à veneração dos aveirenses e viria a ser escolhida como sua padroeira religiosa — a, depois, *Santa Joana Princesa* — chega a Aveiro, encontra ainda uma desoladora vila «pobre e refece».

Por esses tempos, labuta-se mais que se cultiva o espírito, salvo, claro está, no que respeitava às obrigações do culto. Luta-se

pelo pão de cada dia e para algum escasso aforro, mais do que se cuida do estudo.

Só pouco antes, aliás, se fundam os primeiros conventos locais, de regra severamente rigorosa e, de certo, com deminuta penetração no exterior, e, assim, na massa da população, no aspecto intelectual.

Conhecem-se nomes de aveirenses ilustres, desses tempos recuados. São-no pelo nascimento e não pròpriamente por se integrarem no ambiente natal, e quer os que o foram na sucessão de gerações radicadas, quer os descendentes de progenitores fortuitamente estanciados na vila, que, com a prosperidade crescente se tornava um pequeno polo de aliciações.

Os maiores vultos, aqueles que deixaram nome, e obra, e ecos perduráveis, desapegaram-se de Aveiro. Não renunciámos ao prestígio que das repercussões da sua nomeada de alguma forma em nós revertem, como aveirenses que também somos. Mas, a verdade é que saíram e se desintegraram da comunidade de nascimento, e cintilaram lá pelo largo, aquém ou além fronteiras, na metrópole ou além-mar, transplantados a climas mais propícios às suas potencialidades intelectuais ou de quaisquer outras mais dilectas actividades ou mesmo às eventuais irrequietudes de temperamento.

No século de quatrocentos, nasceu, por exemplo, em Aveiro, Aires Barbosa, o «Mestre-Grego», humanista e catedrático de nomeada, cuja vida se prolonga quatro decénios na centúria imediata. Mas fez fora a sua formação, ganhou irradiação na Universidade de Salamanca, e manteve posição de realce, como receptor de príncipes, em Lisboa. As suas faculdades afirmaram-se e cintilaram no âmbito estimulador de focos culturais de projecção.

Só no ocaso regressou à terra natal, alquebrado, com meios bastantes para uma reforma sem preocupações económicas, a pensar na morte e para morrer. Desse fim de vida nada se conhece da sua lavra que não seja o testamento. Haverá talvez alguma razão sintomática para ter feito erguer, em Esgueira, a capela de Nossa Senhora do Desterro e nela se ter feito sepultar o anti-erasmiano lente salamantino. Um intelectual da sua estirpe — que, apesar de tudo quis, com fidelidade ao berço, nele acabar os seus dias — considerar-se-ia, com justificação, e flagrante propriedade, na vila de então, de estreitos horizontes culturais, um desterrado.

*

No século XVI, quando Aveiro caminha para ombrear em população e importância económica com cidades que depois largamente a sobrelevaram, na vila de acentuada feição comercial — marítima nasceu igualmente o Padre Fernando Oliveira — ou

FERNÃO DE OLIVEIRA, como simultâneamente, e, talvez, com maior frequência o denominam. Ele próprio se atesta aveirense nado, ao abonar-se com essa qualidade para conferir mais convincente certificação — ele, o primeiro gramático da nossa língua — à fantasiosa etimologia que atribuiu ao topónimo do berço natal, um pretenso vendedor de aves, com especial notoriedade num meio em que naturalmente predominavam salineiros e pescadores, desde a origem.

De Aveiro era, mas não ficaria de Aveiro. Não se apegara. Teria levado, contudo, o gosto das coisas da água, o assíduo contacto juvenil com os cais e os estaleiros, e a atracção pela aventura marítima, que dele fizeram o primeiro nautógrafo nacional e o nosso primeiro tratadista da construção naval. E, porventura, já então não deixaria o ambiente onde iniciou a agitada vida de ser influente na sua patenteada independência de feitio, irrequieta versatilidade de ocupações e na propensão vagamundeante, que acabaram por levá-lo aos cárceres e devassas inquisitoriais, e o fizeram comparsa de proesas de pirataria, o qualificaram para tarefas diplomáticas mais ou menos sigilosas e, verosimilmente, o habilitaram a autênticas práticas de espionagem.

Setecentista é outra destacada figura aveirense, que empareceira com os mais notáveis «estrangeirados» — JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES. Também esse saiu de Aveiro ainda muito jovem. As bases da sua cultura adquiri-las-á, em Coimbra, na Congregação dos cônegos regulares de Santo Agostinho, desde os onze anos. Lá professara, depois, com o nome de D. João de Nossa Senhora do Desterro. É, assim, o segundo dos aveirenses de evidência que vêm a afastar-se de Aveiro e por esta invocação da Virgem mostram uma predilecção reveladora. Em Inglaterra, e transitóriamente em França, buscará depois o ambiente adequado e estimulador para aplicar fecunda e eminentemente as suas faculdades e propensões científicas, e ganhará prestígio internacional entre os sábios seus contemporâneos de maior renome. Aveiro será para ele uma reminiscência, ainda que persistente e não desdenhável.

Os próprios vultos aveirenses que mais se notabilizaram na Igreja exerceram, a acção que lhes deu notoriedade e pela qual bem mereceram perdurar na vindoura memória, em terras distantes, mencionadamente, em paragens do Oriente onde se ençetavam as obras de cristianização. D. FREI DUARTE NUNES foi «espelho de virtudes», mas, principalmente, como prelado do Oriente que primeiro deu ordens aos povos da Índia», conforme se insculpiu no epitáfio da sua campa rasa da igreja dominicana do mosteiro de Nossa Senhora da Misericórdia, de Aveiro, onde professara e, gastas as energias em exemplares trabalhos apostólicos, quis vir morrer. D. FREI JORGE DE SANTA LUZIA, bispo de Malaca, em 1557, e por algum tempo governador da arquidiocese de Goa, a esta

regressou, resignatário do bispado de que fora titular, para morrer no convento de S. Domingos daquela cidade indiana, no hábito que na sua Ordem tomara, no convento dominico da sua terra.

Contam-se, é certo, nesses tempos em que as actividades culturais se concentravam nos meios eclesiásticos, alguns sacerdotes, do clero regular e secular, quer no século de seiscentos quer no seguinte, de inegáveis méritos, como FREI PANTALEÃO DE AVEIRO, o Padre SEBASTIÃO PACHECO VARELA — «agudíssimo», lhe chamava Margarida Pinheiro na sua «Crónica do Mosteiro de Jesus» —, FRANCISCO DE PAULA DE FIGUEIREDO, o Padre ANTÓNIO DA SILVA e outros mais. Há mesmo notícia de um doutor em leis e reitor da Universidade de Coimbra, na primeira metade do século XVII. Mas, quanto ao comum da população, as classes dominantes, quer da nobreza, quer da burguesia, não deixaram rasto que permanecesse na história local, nem ecos que denotassem qualquer significado e revertesse ao âmbito colectivo, do ponto de vista intelectual.

* * *

A instrução, entretanto, laicizou-se. E, se bem que nos primórdios do século XIX os professores das aulas públicas pertencessem à classe sacerdotal, só nele se constitui um núcleo intelectual significativo, de apreciável relevo, em número e qualidade, com expressão que possa considerar-se, pela radicação e permanência, e pelos seus reflexos, como lidamente aveirense.

Terá influído decisivamente para que o nível cultural citadino tomasse uma evidência até então nunca verificada, segundo supomos, a criação do Liceu, em 1852. É, aliás, desse ano, que constituiria, a bem dizer, o marco primordial para a segunda metade da centúria, a publicação que possa efectivamente considerar-se o primeiro órgão da imprensa local, o «Campeão do Vouga».

Fundam-no um homem mais dotado para a acção pública que para a arte da escrita, auto-didacta, MANUEL FIRMINO DE ALMEIDA MAIA, e um moço, a findar o curso jurídico e já a ensaiar os primeiros passos da advocacia, e seria uma das mais eminentes figuras políticas do país — JOSÉ LUCIANO DE CASTRO. Andava este, na altura, seduzido pelas letras, que depois seriam preteridas pelos temas de direito e pela acção pública, na qual se deixou absorver e também o afastaria do meio natal. O semanário, que que buscara para redactor principal um vate festejado, JOSÉ DE ALMEIDA TEIXEIRA DE QUEIRÓS — pai do futuro romancista EÇA DE QUEIRÓS, e meio aveirense — seria um foco de agregação e estímulo de vocações.

Sê-lo-ia, posteriormente, também, o «Distrito de Aveiro», que JOSÉ ESTÊVÃO fundou, anos depois, como seu órgão e dos artistas seus apaniguados mais fiéis.

Aliás, já da geração do arrebatador tribuno liberal e prestimosíssimo paladino das causas aveirenses se haviam evidenciado figuras como MENDES LEITE, sempre apegado a Aveiro, o próprio poeta e dramaturgo COSTA CASCAIS, que a carreira militar deslocou para Lisboa mas se manteria inalteravelmente preso à recordação da infância, e, para não alongar a lista, ainda, BENTO DE MAGALHÃES, por exemplo, já nascido no segundo quartel do século, mas que os secundou, quer na Imprensa, quer na orientação doutrinária, e foi, sem dúvida, uma personalidade de relevo e com penetração no meio local.

Há um fermento em levedação, catalisadores poderosos na persuasão e no incentivo, grãos que se disseminam e germinam numa massa receptiva e previamente tornada úbere. Há um manifesto renovo de energias e um desabrolhar de propósitos de aglutinação comunitária.

*
* *
*

Nas décadas de cinquenta e sessenta deste século em tantos aspectos excepcional, em Aveiro tão fértil de valores activos e benfazejos, fundam-se a Sociedade Humanitária, a Caixa Económica, a Associação Comercial, a Associação de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas e o Asilo. E brota para a vida uma geração que cremos ímpar em toda a existência de Aveiro, se infunde no espírito colectivo e nos problemas, e os estuda e lhes propõe soluções, serve a terra e a prestígia, e intrínseca e escoreitamente se «aveiriza».

O esclarecido e benemérito investigador e exegeta do passado aveirense que foi o saudoso Dr. ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL, quando se debruçou incidentalmente sobre esse grupo de individualidades, acentuou-lhe devidamente o merecimento e a representativa expressão. Classificou, com justa propriedade, de «extraordinária (essa) geração de aveirenses — aveirenses de nascimento, mas aveirenses também pela sua total integração no meio que inteligente e devotadamente serviram — vinda do penúltimo quartel do século XIX até aos nossos dias» (1).

E observa, pertinentemente, quando salienta o reflexo que viemos a usufruir subsequentemente do seu esforço de lúcidos e ilustrados pioneiros, consignando uma opinião que inteiramente perfilhamos: ... «falta por completo o estudo de conjunto dessa obra invulgar e notabilíssima onde avultam aspectos sociais e culturais de primeira categoria em qualquer meio onde surgissem, e que na história de Aveiro constitui, nitidamente, uma época distinta, um período aparte».

(1) *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XIII, pág. 245.

Assim se nos afigura também o significado e a importância desse punhado de aveirenses distintos e operosos. Entre os naturais, agrega-se uma pléiade de valores de várias formações, tendências e mesmo de diversas estaturas mentais, alguns com projecção para muito além do aro da urbe provinciana e outros que não a adquiriram apenas porque se enconcharam, por modéstia ou falta de audácia, na macieza cariciosa do berço, e se lhe prenderam por adesão insolúvel. Entre os de alienígena proveniência, que o ambiente local cativou e assimilou, contaram-se figuras prestantísimas, mormente entre os mais altos magistrados distritais e os engenheiros que superintendiam nas obras públicas e nas da barra, e que se confundiam, no fervor de servir Aveiro, com os naturais mais lúcidos, operosos e dedicados — quando não os sobreexcediam.

Numa terra, todavia, que por muito sossegada e tolerante — após as cruentas lutas pela liberdade em que se empenhou e nas quais perdeu alguns dos seus filhos — não deixava de algum modo de opor uma a outra duas freguesias e de acusar uma tendência manifesta para em cada iniciativa criar a duplicata de emulação e divisão, era necessário reunir.

Numa cidade em que a Ria é um denominador comum, mas separa com os mesmos canais com que a enfeita e singulariza; e se não extinguiu ainda a diferenciação do núcleo populacional estabelecido ao redor da desaparecida torre da matriz de S. Miguel e do campanário dos Paços do Concelho, e do da gente mais modesta da outra metade do burgo excrescente das muralhas para a margem oposta e a que se chamou Vila Nova; e havia, mesmo neste, o grupo da Praça e o da Vera Cruz, e chefes políticos a combater-se com afinco e correspondentes clãs degladiantes, era conveniente aglutinar os dispersos e congraçá-los no convívio estreito, constante e cooperador.

*

Aveiro vivia, ronseira, numa rotina. Mas despertava com inquietações de espírito e acção. Renovavam-se os tentames para o ressurgimento do porto de mar, para o qual a abertura da barra nova, de LUÍS GOMES DE CARVALHO não eliminara as contingências entorpecedoras. Para o reavivar de esforços surgira redobrado motivo de incentivo com a passagem do caminho de ferro à beira da porta, mercê do benemérito patrocínio estevaniano. Passava junto à porta, a aliciar o burguês sedentário, e do porto, fator primordial de aviventação, que com ele se conjugava, na intenção de quem lhe advogara a deslocação do traçado para Aveiro, e efectivamente.

O silvo da locomotiva, numa terra sem ruidos que não fossem os dos sinos temperados para timbres eufónicos, o despique da lota e o praguedo da gente nela participante, e, ao longe, quando

o vento soprava da sua banda, o marulho das ondas na Costa de S. Jacinto, constituia um sinal de progresso e como que um despertador e um desafio para a promoção de ideias e realizações actualizadas.

*
* *
*

JOSÉ ESTÊVÃO aderira à Regeneração, de 1854, com as reservas próprias do seu espírito e da isenção e independência, mas com todo o seu convicto entusiasmo. Em Aveiro, tocando a sensível corda do bairrismo, apelando para um sentimento de potencialidades latentes, e ateando-o, facilmente terá criado prosélitos, fiéis e hábeis, para uma nova fase de luta pela prosperidade local. Está por prospectar também a influência que teria a sua palavra ardorosa e convincente, a sua confiada antevisão dos resultados das obras de fomento e a contagiante magia da sua presença comunicativa e atraente na geração de aveirenses que se lhe seguiu.

Quando, embora por períodos irregulares e breves, o grande orador estanciava em Aveiro, se, como supomos, a tradição corresponde à verdade, frequentava o único centro de reunião então existente, o *Clube Aveirense* — ou um seu antecessor cujo nome com ele se confunde. E lá faria roda, satelizando os admiradores de forma idêntica ao que viria a suceder, nos anos trinta deste nosso século, com HOMEM CRISTO, na extinta Associação Comercial e Industrial, a que presidiu e reaviventou.

Esse clube — «onde diàriamente se reunia a maioria das pessoas que compunham a sociedade aveirense» (1) — é a mais antiga agremiação de que concretamente temos conhecimento na cidade, e terá sido um agente congregador, social e intelectualmente.

Os estatutos haviam sido aprovados em assembleia geral do dia primeiro do ano de 1861, e o clube instalara-se no prédio da Rua de José Estêvão onde estivera precedentemente instalado o Governo Civil e pertencera a José Maria Branco de Melo. Ocupava uma larga parcela da área em que se ergue o palacete de que foi proprietário o Visconde de Vale de Mouro, descendente daquele, e hoje é sede de diversos serviços diocesanos.

Fundara-se, segundo os próprios termos estatutários, com a finalidade de «fomentar a civilização e o recreio pela convivência, proporcionando um passatempo honesto aos associados, por meio de reuniões diárias para leitura, conversação e jogo lícito, e de bailes, ou reuniões de famílias...»

Para assegurar a frequência, e, assim, a vida associativa, adoptou-se um aliciante processo de que não encontramos notícia em qualquer colectividade posterior. Habilitara-se, aliás, para

(1) MARQUES GOMES, *Memórias de Aveiro*, 1875, pág. 110.

suportar a despesa quotidiana que essa estipulação dos estatutos lhe impunha, estabelecendo uma quota suficientemente elevada. Esse atraente chamariz, tão fora dos hábitos de hoje, fora expresso taxativamente do diploma constitutivo da agremiação: «Todas as noites serão os sócios servidos de chá a uma hora fixa».

Marcavam-se as oito horas para os meses de dias maiores, e para os restantes as sete. Passada uma hora, os retardatários perdiam o direito a essa regalia, de requinte burguês e de propiciação de digestões calmas e plácida cavaqueira.

Da primeira direcção, que a figura prestigiosa de Manuel José Mendes Leite encabeçava na presidência, faziam parte também Francisco José Barbosa, Agostinho Duarte Pinheiro e Silva — outra figura de evidência no meio local —, Luís Pereira do Vale, Sebastião de Sá Pinto e José Antunes de Azevedo.

*
* *
*

Quaisquer motivos de desentendimento antecedente ou dissenção recém-surgida, levam a criar a segunda associação congénere de que temos notícia em Aveiro. Os pares que não empareceiram constituíram até aos tempos mais recentes como que uma propensão irremovível do aveirense de gema. E, neste caso, já que a anterior era nada e criada na freguesia da Vera Cruz, para que os «cagaréis» não pudessem blasonar de exclusiva primazia sobre os «ceboleiros» o novo clube foi fundado na freguesia da Glória. Inaugurado em 1875, no mês de Outubro, teve a denominação de *Assembleia Aveirense* e veio a ser instalado na, ao tempo, chamada Praça da Fruta — que sucessivamente teve os nomes de Praça da Princesa D. Amélia, Largo de Luís Cipriano e, hoje, Praça do Engenheiro Frederico Ulrich. No prédio que ocupou estivera precedentemente o Hotel Vouga, a hospedaria mais qualificada da época.

A *Assembleia Aveirense* perdurava ainda em 1877, mas pouco mais sobreviveria.

Finada esta agremiação, por comodismo ou retraimento dos pouco persistentes associados, tornou-se patente a falta que causava no meio de escassas diversões e onde as relações sociais se circunscriviam a rodas de pequeno raio, desde que se não dispunha desse elemento gregarizador. Voltava-se à dispersão desagregadora e aos seres domésticos, mornos, monótonos, e estéreis. Tão certo é que não há vida colectiva sem reunião de indivíduos, nem empreendimentos de tomo, no âmbito da comunidade, sem que as boas disposições e os esforços se tornem parcelas de uma adição fecunda, logo, na cidade lagunar, crescentemente se evidenciaria a reaparecida lacuna.

*
* *
*

Estiolavam-se as ideias isoladas, carecidas de eco e apoio. Como talvez nenhum outro habitante da cidade, MARQUES GOMES, que congemitava valiosas iniciativas, de dimensão e exigências superiores aos hábitos da parranice monocórdica em que se vinha a recair conformadamente, deu o primeiro impulso para um novo e mais largo arranque. Apaixonado pelas artes e pela história, empenhado no estudo e na divulgação dos valores aveirenses e dos seus mais representativos expoentes de feição cultural e mesmo económica e técnica, perder-se-ia toda a potencialidade das ideias que concebera, se não houvesse quem lhe prestasse a colaboração indispensável e se não dispusesse de um centro de reunião de capacidade e energias, um verdadeiro núcleo de possíveis acções eficientes.

Ele próprio recorda algures ⁽¹⁾ como se gerou a ideia da constituição da sociedade que se impunha para possibilitar as realizações almejadas:

«De uma palestra que tivemos sobre coisas locais, pelo Natal de 1880, com o distinto oficial da Armada e ilustre filho de Aveiro sr. FRANCISCO AUGUSTO DA PONSECA REGALA, nasceu a ideia de se fundar nesta cidade uma sociedade de instrução e recreio, mas com vistas um pouco mais largas que de ordinário costumam ser no país as das suas congéneres...».

E, ambos se atafigando em obter adesões e dar efectivação a essa ideia, que tão evidentemente correspondia a uma necessidade geralmente sentida, logo no mês seguinte, a 19 de Janeiro de 1881, foi constituída essa colectividade, sob a denominação de «Grémio Moderno».

Não teve muito longa existência essa agremiação, mas ia vincar rasto fundo nos anais aveirenses desse período de cintilação singular na cultura local.

* * *

O «Grémio Moderno» surgia, na verdade, com animosos propósitos novos, mais amplos e ambiciosos do que todas as organizações similares antecedentes. Não lograria, com suas escassas receitas, realizar todo o programa enunciado, que abarcava diversos domínios, exigia um erário abastado e requeria uma constância que, numa época de reduzidas suscitações, como a de então,

⁽¹⁾ MARQUES GOMES, *Conselheiro António Ferreira de Araújo e Silva*, 1906, pág. 14.

não era viável dispensar às gratuitas tarefas da devoção associativa. Duas realizações, pelo menos, são sobejas, todavia, para que o Grémio se inscreva indelévelmente na história desse período citadino, excepcional, como vimos dizendo, nos aspectos social e cultural. A eles aludiremos em altura mais adequada.

Relanceemos, entretanto, os intentos que visava a nova colectividade, tais como os menciona o próprio co-instigador da sua instituição, e que vimos citando. Ao outro, Francisco Regala, oficial da Marinha de Guerra, por algum tempo reitor do Liceu, elemento preponderante nas corporações de bombeiros voluntários da sua terra e de Caminha, homem culto e com manifesto gosto pela letra de forma, e talvez, sem o declarar abertamente, de tendências republicanas, qualificava o primeiro de o «grande impulsor». Ter-se-á relegado ao segundo plano por modéstia, que, na letra das finalidades do Grémio se denunciavam as predilecções mais evidentes e persistentes do infatigável pesquisador e historiógrafo aveirense.

Trasladaremos, assim, os objectivos que atribui à colectividade:

Grémio Moderno — escreve ⁽¹⁾ — *tinha por fim concorrer para o progresso material e moral do distrito de Aveiro, por todos os meios ao seu alcance, e principalmente:*

1.º *Promovendo o aumento da riqueza pública do mesmo distrito, estudando as condições dos seus factores e procedendo a investigações estatísticas.*

2.º *Promovendo e encaminhando a iniciativa das corporações públicas para a realização de todas as obras tendentes ao embelezamento das suas povoações e melhoramento das condições higiénicas delas.*

3.º *Procurando levantar o nível moral dos seus habitantes pela fundação de escolas de instrução primária e profissional e de bibliotecas populares; pela realização de conferências que se relacionem principalmente com o fim da sociedade; por investigações sobre a história do distrito; e pela publicação de um boletim destinado a tornar conhecidos os seus estudos.*

4.º *Tomando conhecimento dos monumentos e objectos de arte existentes no distrito, e velando pela sua guarda e conservação.*

5.º *Buscando melhorar as condições de vida das classes pobres, pela fundação de associações de socorros mútuos, cooperativas e de beneficência e pelo aperfeiçoamento das já existentes, de modo a criar-lhes meios que as habilitem a preencher cabalmente os seus fins e a aumentar a sua área de acção.*

6.º *Velando pela conservação e engrandecimento da autonomia administrativa e eclesiástica de Aveiro, etc.*

(1) *Idem, idem.*

Realizou-se, na data referida, a primeira reunião da assembleia geral, destinada, simultâneamente, à leitura e discussão dos estatutos, elaborados de acordo com as bases atrás citadas, e à eleição dos corpos gerentes.

Registou-se apenas uma objecção, de Carlos de Faria e Melo, o futuro Barão de Cadoro, que então militava, numa fase de aberto anti-clericalismo, ao lado dos republicanos fundadores de «O Povo de Aveiro», e declarou votar contra a parte alusiva à autonomia eclesiástica. Fez mesmo questão de que a sua intervenção ficasse exarada na acta. Ostensivamente, contrapôs-lhe o seu voto favorável à mencionada referênciã estatutária — que afinal foi aprovada sem maior opposição — o sócio José Maria Pereira do Couto Brandão.

Presidiu, até ser proclamada a comissão executiva eleita, João Honorato da Fonseca Regala, que se fez secretariar por João Augusto Marques Gomes e Manuel Fernandes Tomás.

*

O primeiro elenco directivo do Grémio Moderno, por proposta do Dr. José Maria Barbosa de Magalhães eleito por aclamação, ficou constituído da seguinte forma: Francisco Regala, presidente; Carlos Faria, vice-presidente; José Maria Barbosa de Magalhães, 1.º secretário; Marques Gomes, 2.º secretário; Francisco de Pinho Guedes, tesoureiro; Dr. Agostinho Barbosa Sotto-Maior e Dr. António Barreto Ferraz Sachetti, vogais; e Dr. Manuel Maria da Rocha Madail, Carlos de Melo Guimarães, José da Maia Romão e Manuel Fernandes Tomás, directores do clube.

Além dos mencionados, estiveram presentes na assembleia os seguintes sócios fundadores: Amadeu Faria de Magalhães, Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro, Jorge de Faria e Melo, Francisco Vitorino Barbosa de Magalhães, Fernando de Vilhena e Dr. José Crispiniano da Fonseca e Brito.

*

A primeira reunião do órgão executivo cuja constituição fora designada naquela sessão oficializadora da fundação da colectividade, effectuou-se logo no dia immediato. Como factos primordiais nela ocorridos devem apontar-se: a resolução de, sem mais delongas, contratar com a direcção do nòvel Teatro Aveirense «o arrendamento do salão e anexos do mesmo teatro, para sede do «Grémio Moderno» e casa das suas sessões»; e a fixação de uma data para a solene inauguração official da colectividade — já a 23 seguinte, se não surgisse qualquer impedimento. E, efectivamente, por muito grande que fosse o anseio e afã desenvolvido, não foi possível realizar esse acto em tão curto prazo. A cerimónia inaugural veio, assim, a efectivar-se em 6 de Fevereiro de 1882, com uma sessão

solene, que registou a inscrição como oradores, de algumas das mais fluentes e cultas vozes aveirenses, tais como as de Barbosa de Magalhães, Barbosa Sottomaior, Carlos Faria, César de Sá, Melo Freitas, Fernando de Vilhena, Tancredo Casal Ribeiro, Marques Gomes e José Reinaldo de Quadros Oudinot, os dois últimos os mais prestimosos e constantes aveirógrafos não só da época, mas até aos dias que correm. A solenidade contou com a participação de uma filarmónica local e compreendeu ainda a inauguração de um busto de JOSÉ ESTÉVÃO, oferecido por Sebastião de Carvalho Lima, que, entretanto, ingressara no quadro associativo, como muitas outras figuras proeminentes nos vários ramos da sociedade.

Para se poder avaliar do relevo destas no meio aveirense, e, desse modo, verificar como o *Grémio Moderno* reunia não só o categorizado escol cidadão, mas, incluídas neste, algumas personalidades de confirmados méritos, indicaremos algumas das de maior evidência, nesse período excepcional. Topamos, na verdade, a engrossar o rol dos iniciadores, quanto Aveiro possuía de mais qualificado: o venerando Manuel José Mendes Leite, Martinho Pinto de Miranda Montenegro, o Dr. Elias Fernandes Pereira — o exigente professor do liceu que deu magníficas provas de metodização em todas as tarefas de que se incumbiu —; o Engenheiro Gustavo Ferreira Pinto Basto, esforçado propulsor do progresso local, como presidente da municipalidade e na criação e administração dos organismos portuários; o Visconde da Azinhreira, que deixou rasto pela sua simpatia e pelas suas produções literárias; o cônego José Cândido Gomes de Oliveira Vidal, que na Igreja aveirense foi vulto de destaque na última fase da primeira diocese.

Os médicos estavam quase todos inscritos. Além do Dr. José Crispiano, mais entregue às suas funções da direcção dos correios do que a trabalhos clínicos, que só fazia graciosamente, a amigos ou a necessitados, a lista abrange os Drs. Luís e João Maria Regala, Manuel Gonçalves de Figueiredo, Artur Ravara — que teria depois justa notoriedade em Lisboa e foi médico da Casa Real —, Edmundo de Magalhães Machado — que, pouco a pouco, foi trocando a clínica por estudos de agricultura, biologia marítima e outros de natureza económica — e Marques da Costa.

Salvo raras excepções de algum significado é toda a elite aveirense, pois se incluem ainda no quadro associativo dois famosos engenheiros, Silvério Augusto Pereira da Silva e António Ferreira de Araújo e Silva, que prestaram a Aveiro assinalados serviços, o pensador e escritor Jaime de Magalhães Lima, Manuel Firmino de Almeida Maia, Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, a quem dos negócios sobejava tempo para as lides do jornalismo e apreciável obra de escritor, e José Antunes de Azevedo e Norberto Ferreira Vidal, comerciantes respeitadas.

*
* *
*

Nada era indiferente ao Grémio na vida cidadina. Dedicava a sua atenção aos grandes e pequenos assuntos. Citaremos, entre estes, a representação, redigida por Marques Gomes, a solicitar à Câmara Municipal, logo em Fevereiro do ano da fundação, que se suprimisse o já anacrónico e inútil «sino da ronda» — que do alto da torre dos Paços do Concelho anunciava, como que imposi-tivamente, a hora do morigerado recolher. Uma agremiação que tinha a meia noite como hora normal de encerramento, coerente-mente, não podia aceitar uma indicação, que ficara residualmente de tempos e costumes ultrapassados e já ninguém se julgava na obrigação de atender.

O propósito de promover uma conferência literária mensal, correspondente às enunciadas finalidades associativas e que havia sido decidida em reunião posterior, não pôde vingar. As ocupações mais ou menos absorventes dos mais capazes e a menor bagagem cultural da outra parcela de associados terão impedido esse aspecto da acção prevista.

A única conferência de que ficou notícia efectuou-a, em 14 de Fevereiro de 1882, o inspector escolar José Maria da Graça Afreixo, sobre um tema da sua especialidade. «O Povo de Aveiro», desde pouco antes a circular (1), e já denotando aquele tom de fran-queza que veio a caracterizá-lo, numa curra local, acompanha a notícia abusiva de um breve comentário: «O sr. Afreixo não é orador, nem tão pouco argumentador hábil; no entanto, podemos asseverar sem lisonja que gostámos de o ouvir, e que foi sincero e verdadeiro em tudo o que disse».

Realizaram-se, no entanto, «amiudadas sessões, em que se apresentavam e discutiam trabalhos, propostas e comunicações dos sócios» (2).

*
* *
*

Numa dessas sessões, a 28 de Janeiro de 1882, apresentou Marques Gomes uma proposta para que o «Grémio Moderno» realizasse uma exposição retrospectiva de objectos de arte decora-tiva e das indústrias modernas do distrito, exposição que deveria realizar-se em 8 de Maio», data do primeiro centenário da morte do Marquês de Pombal, «a quem Aveiro devia os seus foros de cidade e o seu báculo de diocese».

(1) N.º 4, de 19-2-1882.

(2) MARQUES GOMES, *Conselheiro António F. de Araújo e Silva*,
pág. 16.

A ideia mereceu plena simpatia e aprovação e de pronto foi designada a comissão que sobre ela desse parecer. Formaram-na: MENDES LEITE, governador civil do distrito; AGOSTINHO PINHEIRO, presidente da Associação Commercial e redactor do «Distrito de Aveiro»; BARBOSA DE MAGALHÃES, advogado e redactor do «Campeão das Províncias»; MARQUES GOMES e o Engenheiro ARAÚJO E SILVA, sobre quem recaiu a escolha para relator e que veio a apresentar um trabalho onde amplamente reafirmava os meritórios dotes geralmente apreciados, quer em judiciosas considerações preliminares, quer no gizamento de um minucioso programa e respectivo orçamento para o preconizado certame distrital.

Veio este a constituir a coroa de glória do «Grémio». Mantém-se na recordação actual esse notável empreendimento, cujo interesse e merecimento tiveram dilatado eco através do país, prolongando-se através do excelente catálogo devido às penas proficientes de JOAQUIM DE VASCONCELOS e MARQUES GOMES (1).

A exposição foi instalada na escola primária da Vera Cruz. Nela se registava o segundo acontecimento de relevo. O primeiro fora a própria inauguração, comemorando, havia dois anos, o centenário de Camões. Agora era ocupada com o certame comemorativo de Pombal, cujo nome lhe foi dado, então, como patrono.

bib*RIA

Na mesma data, aliás, foi solenemente colocada a primeira pedra para o monumento que os aveirenses se haviam proposto erigir à memória de JOSÉ ESTÊVÃO. Por essa circunstância «O Povo de Aveiro» rejubilava (2): «Acaba Aveiro de render um preito de homenagem, simpatia e gratidão a dois nomes de heróis, ambos gloriosos e dignos da consagração popular e da apoteose nacional [...]/ Pombal e José Estêvão».

O cortejo cívico, organizado para as referidas cerimónias, pertencendo a iniciativa ao «Grémio Moderno», saiu, como era curial, de junto da sede da colectividade, com numerosa representação de sócios, tendo à frente o presidente, Francisco Regala, que sempre ocupou lugar entre as autoridades mais qualificadas.

* * *

Anda abundantemente referido o que foi a exposição. EDUARDO COELHO, director do *Diário de Notícias*, deslocou-se propositadamente a Aveiro para a visitar. Dedicou-lhe, no jornal de 20 de

(1) *Catálogo da Exposição Distrital de Aveiro, promovida pelo Grémio Moderno em 1882*. Porto, Imprensa Commercial, 1883.

(2) N.º 16, de 14-5-1882.

Maior, n.º 5855 — uma extensa e encomiástica apreciação, e nela escrevia; expandindo as suas impressões: «constitui um facto de tal significação e importância, que desde logo se sente o desejo de felicitar e animar o pequeno e ilustradíssimo grupo de cavalleiros que a promoveram e instalaram com tanto gosto, critério entusiasmo, honrando a sua terra e estabelecendo um exemplo que deve ter seguidores em outros distritos».

O que foi talvez o menos lisonjeiro de quantos jornais se publicaram no país (1), a seu turno, observava que «ali se podia observar uma variedade esmerada de valiosos e riquíssimos objectos, notáveis já pelo seu valor artístico já pela sua antiguidade ou ainda pela raridade única. Para um distrito não se pode exigir mais. E, mencionando aqueles que tiveram principal participação no êxito do relevante empreendimento, conclui: «... merecem o aplauso unânime de todos os filhos desta terra, e em especial da imprensa democrática, que vê nas exposições um meio persuasivo e consentâneo para encaminhar as sociedades para o seu bem estar e para o aperfeiçoamento pela senda da democracia».

*

Mencionemos uma outra realização, aliás, ligada com a anterior, que atesta perduravelmente a capacidade empreendedora da conceituada colectividade. No seu circunstanciado relatório sobre a então proposta Exposição Distrital, o culto, activo e dinamizador engenheiro Araújo e Silva sugeriu a publicação pela associação aveirense, que mais por essa forma se prestigiaria, de um número único, para celebrar igualmente o centenário do Marquês de Pombal.

Exclusivamente colaborado por naturais do distrito, de maior ou menor projecção, esse número único, posto a circular na exacta data centenária, intitulou-se «Ao Marquês de Pombal» — «Homenagem do Grémio Moderno». Espécime dos mais interessantes das edições que na altura foram consagradas a preitear a memória do notável estadista e grande protector de Aveiro, mereceu um pormenorizado e interessante estudo do Sr. Dr. José Tavares (2).

*

Entrementes, a prestante e prestigiosa agremiação não escolhia formas de servir aos seus fins e a Aveiro. Ocorrendo, algumas vezes, a qualquer omissão das autarquias ou outras entidades em circunstâncias que estas julgassem despiciendas, assegurou a hon-

(1) *O Povo de Aveiro*, n.º 17, de 21-5-1882.

(2) *Arquivo do Distrito de Aveiro* — «Primeiro Centenário do Falecimento do Marquês de Pombal — Homenagem de Aveiro». Vol. XXIX, pág. 263.

rosa presença de Aveiro, substituindo-as, sem lhes usurpar as prerrogativas, em organizações de âmbito geral, em localidades estranhas. Nessa intenção custearia, por exemplo, com o auxílio da liberalidade sempre larga — e mais tarde caudalosa e ruínosa — do seu associado Carlos Faria, as fotografias que apresentavam aspectos regionais de paisagens, tipos, costumes e assuntos artísticos da região da Ria numa Exposição do Bazar de Belas Artes, no Porto, ainda no decorrer do seu primeiro ano de existência.

Organiza e, pouco a pouco, enriquece, ora com ofertas, ora com aquisições, a sua biblioteca. Elias Pereira, regulamenta-a com o criterioso cuidado e a minúcia que sempre punha no desempenho das tarefas de que se incumbia, e estabelece a leitura domiciliária, com estritas regras, que de livros até os mais probos, às vezes se esquecem.

Como observará Francisco Regala, o «Grémio» não só proporcionava aos sócios as diversões que haveriam encontrado nas anteriores sociedades congéneres aveirenses, mas ainda lhes facultava uma sala de armas, que em nenhuma outra tinha existido, e, assim, dava uma nota de modernidade e um motivo de ufania.

bib*^{*}RIA

As «soirées» proporcionadas às famílias dos associados eram «tão brilhantes como as que deram nos seus tempos de prosperidade os melhores clubes que existiram em Aveiro». Os semanários locais, especialmente o «Campeão» e o «Distrito» — a cujos directores, António Augusto de Sousa Maia e Manuel Firmino seria expressamente significado o reconhecimento da associação, numa assembleia geral — com maior ou menor extensão e realce estilístico, alambicado e galante, registam essas reuniões mundanas. O próprio «O Povo de Aveiro» lhes não omite uma sucinta alusão que é própria da sua feição doutrinária e de combate, restringindo-a, órgão democrático que se presa de ser, a anotar a concorrência e a animação. O luzimento, as galas e a ostentação de tecidos caros e jóias, os requintes de adornos e serviço, deixava-os para realçar pelos cronistas de bajuladora clave nos colegas mais interessados nos aspectos noticiário e mundano.

*
* *
*

As realizações de monta e repercussão a que aludimos, terão causado fadiga, mesmo nos homens em que nunca as energias deixam de se renovar. Porque eram uma minoria e quase inva-

riavelmente os mesmos. Terão causado, subreptícia como caruncho, uma emulação negativista, que nem a todos cabia aquela «parcela de glória na fecunda organização da nossa primeira exposição distrital», que a desagrilhoada folha republicana, com isento espírito de justiça, afirmara competir a uns tantos (1).

Com o tempo, subterrâneo a princípio, e depois às claras, fervilha o espírito de dissensão. Começara a malquerença no exterior, mas dentro do próprio «Grémio» chegavam o dito, a apreciação inamistosa, e havia quem se tornasse, de algum modo, intérprete dos que de fora procuravam minar o reduto e nele tomar posição, instalados como os veteranos que haviam corajosamente ganho os seus loiros.

A agremiação constituía, de alguma maneira, um clã quase fechado, de acesso muito condicionado, sujeito a uma peneira da mais fina rede e a uma aferição muito exigente de vária sorte de requisitos.

Ter-se-ia começado a considerar pretensiosas as preferidas actividades culturais, em detrimento das recreativas, mais amenas e mais ao alcance da massa associativa.

Em 4 de Novembro de 1883, esboçou-se no seio da colectividade, a crise que latentamente a vinha minando. Gustavo Ferreira Pinto Basto, em nome de uma comissão a que presidia, e era composta ainda por Barbosa de Magalhães, António Augusto Duarte Silva e Norberto Ferreira Vidal, expôs, em assembleia geral, que fora incumbido por um grupo de cavalheiros, sócios e não sócios desta casa, de apresentar a proposta de que os sócios do Grémio, juntamente com outros indivíduos que o não são, constituam uma só sociedade de recreio, com estatutos aprovados por uma assembleia geral composta por uns e outros...».

Francisco Regala, que cedera a presidência a José Eduardo de Almeida Vilhena — jornalista que se evidenciara não só em Aveiro, mas em Lisboa, na Imprensa diária — replicou. Considerava desnecessário dissolver a associação que tão notórias provas tinha dado da sua capacidade, uma vez que já possuía mesmo um sector dedicado aos aspectos recreativos. Bastaria, portanto, reformar alguns pormenores dos estatutos, introduzindo-lhe quaisquer inovações julgadas convenientes e oportunas.

A intervenção do Dr. José Pereira, considerando a discussão desviada do rumo próprio, pois o assunto «urgente, era operar a mudança da agremiação para o novo edifício da Caixa Económica, na Rua Larga» — já alugada e que reunia muito melhores condições para a vida associativa — não conseguiu a trégua no debate.

(1) *O Povo de Aveiro*, N.º 18, de 28-5-1882.

* * *

O problema da revisão dos estatutos, ou, como alguns mais ou menos transparentemente pretendiam, da criação de um nova sociedade, mais aberta e com maior poder de aliciação de sócios, tornou-se candente. Reuniram-se, assim, sucessivas assembleias gerais, nada menos de três, com animada e prolongada controvérsia. E, em 27 do referido mês, limadas as arestas mais ásperas, foram, por fim, aprovados os estatutos da nova sociedade de instrução e recreio — ao tempo o desporto ainda não atingira foros para o tomar em consideração — a que foi dado o nome de «Grémio Aveirense» e que, como se julgou imprescindível acentuar, resultava da reorganização do «Grémio Moderno».

A nova colectividade — pois, com efeito, viria a ser outra e não a primitiva rejuvenescida — ficou dividida em duas secções distintas, quanto a fins, meios e administração: uma, de recreio, para «proporcionar o maior número de distrações admitidas em sociedade»; e a segunda destinada «a promover o desenvolvimento e derramamento da instrução, pelos meios ao seu alcance».

Como era de presumir, o predomínio veio a caber à primeira. Presentia-se já que assim sucedesse. A Imprensa já se fizera eco das divergências surgidas e agoirava mal do futuro da benemérita associação. Numa local subscrita com o pseudónimo de Quinto Cúrsio — Carlos Faria, Egberto Mesquita, qualquer deles redactor efectivo do semanário que *HOMEM CRISTO* fundara e quase já inteiramente dominava? — «O Povo de Aveiro» ⁽¹⁾ aborda o tema com ironia mordente:

«Porque súbitos e inopinados baldões ele (o Grémio) nestes últimos tempo tem passado!».

E prossegue, transferindo para mau sestro da própria cidade, o que estava acontecendo: «Parece incrível, mas é verdade! Tudo o que em Aveiro se organiza de alevantado e grandioso, em tempo é logo derribado; umas vezes pela incúria ou indiferentismo, outras, por vagas e mesquinhas sugestões»...

Junta aos louvores à pretérita actividade da agremiação os acres lamentos pelo inglório destino que parecia estar preparando: «O «Grémio Moderno» foi, e por ora é, sem receio de contestação alguma, um dos mais arrojados empreendimentos que Aveiro conseguiu fazer triunfar. Não é isto opinião puramente individual. Atesta-o sobremaneira a brilhante Exposição de Arte Ornamental

(1) N.º 97, de 2-12-1883.

de 1882, por ele concebida e realizada com um êxito imponente, com uma aclamação uníssona, que fez eco por toda a parte».

Observa que, apesar de uma modorra letárgica que parecia paralisá-lo «a constância e denodo de um punhado de corajosos lá o socorreu na melindrosa saída da sua última crise». E, satiricamente, acrescenta ainda, pessimista: «As outras associações que Aveiro tem fundado já também foram atacadas do mesmo achaque, e a origem disto, afinal, é bem conhecida e simples de definir: onde na estrutura dos estatutos não entra um artigozinho em que se planeie galhardamente um oferecimento aos associados de biscoutininhos açucarados com a competente chávena de chá para os afogar numa fleumática pacatez provinciana, está tudo decididamente revirado, tudo perdido sem remissão». Era clara a alusão ao chá que, por disposição dos estatutos, como referimos, o extinto *Clube Aveirense* servia diariamente aos associados, e que teria permitido à colectividade mais de uma década de vida.

*
* *
*

Entretanto, em 2 de Dezembro de 1883, em assembleia geral presidida pelo Engenheiro Araújo e Silva e já realizada no edificio da Caixa Económica, procedeu-se à eleição dos corpos gerentes do já então «Grémio Aveirense».

Para constituir a mesa da assembleia geral a escolha recaiu nos seguintes associados: Presidente, Manuel José Mendes Leite; vice-presidente, José Eduardo de Almeida Vilhena; secretários, Manuel Pereira da Cruz e Alfredo Pinto de Gouveia Osório.

A direcção, a seu turno, ficou com a seguinte constituição: Presidente, Sebastião de Carvalho Lima; directores, José Antunes de Azevedo, António Augusto Duarte Silva e Manuel Maria da Rocha Madail; secretário, João Maria Garcia; e tesoureiro, Norberto Ferreira Vidal.

A Comissão de Instrução tinha como presidente Francisco de Almeida Lourenço Medeiros e como vogais José Maria Barbosa de Magalhães, Carlos de Faria e Melo, e Jaime de Magalhães Lima, enquanto o Conselho fiscal seria presidido por Silvério Augusto Pereira da Silva, o engenheiro que tão alto nome deixou como director de Obras Públicas e das Obras da Barra.

Os elementos mais vincadamente intellectuais foram relegados para o pelouro da Instrução, facto que flagrantemente prenunciava o predomínio dos aspectos recreativos no futuro da colectividade.

Aliás, o mesmo «O Povo de Aveiro», que já pouco se arreciava de dizer verdades desagradáveis, pela pena do mesmo articulista

mordaz punha o facto em evidência, logo no mês seguinte ⁽¹⁾: «... poderia, se quisesse, falar-vos, com miudeza, de uns bailaricos maçadores e enjoativos que o renascido Grémio oferece todas as semanas, com o aplauso entusiástico de uma dúzia de criançolas imberbes, apaixonados amantes de um apurado tom aristocrata». E rematava a sua crítica caricatural e contundente, acrescentando mais adiante: «Eu já ouvi em certa banda denominar o Grémio com o espiritoso e apropriado título: *Colégio de Meninos Imberbes*. E é uma pura verdade».

Há na mordaz e galhofeira apreciação um exagero evidente. No elenco directivo escolhido contam-se pessoas que na mais estricte significação do termo devemos considerar da maior respeitabilidade no meio, mais propensas, de certo, à circunspecção convencionalista de uma convivência em ambiente de amenidade do que às iniciativas exigentes de um cabedal de saber, de uma capacidade de concepção e de disponibilidades de energia realizadora, mas garantes de uma impecável seriedade de actuação, dentro do programa que as preferências do maior número haviam estabelecido.

Não voltou o «Grémio Aveirense», com efeito, a desempenhar a função prestigiosa e prestante do seu antecessor. Ficou-lhe muito aquém da craveira. Cingiu-se às organizações de feição mundana, mas manteve-lhes um nível que não desmerecia — ainda que, por vezes, fosse quadro da «bisbilhoteira malícia», como pretendia insinuar o cronista ⁽²⁾.

Algumas das suas festas conquistaram-lhe nomeada de distinção e relativo fausto. Ficou, entre elas, com mais duradoura recordação, a que promoveu em honra da oficialidade do Regimento de Cavalaria n.º 10, recebida com demonstrações de regozijo, quando essa unidade militar se instalou em Aveiro, a 18 de Janeiro de 1885.

E, sem as realizações do merecimento e da projecção, que, para o meio aveirense, conferiram ao «Grémio Moderno» uma aura excepcional, cumpriu, ainda, ao longo de vários anos, uma função merecedora de apreço e realce.

No ano de 1894, todavia, estimulada pelo desbordante entusiasmo de Mario Duarte, pioneiro ardoroso que a tentava como modelo, já a mocidade era atraída para as recém-surgidas práticas desportivas. A gente moça, animosa e com capacidade realizadora, desinteressara-se do «Grémio», modorrento, e agrupára-se no Ginásio Aveirense, viçoso e empreendedor.

À falta de sangue novo vai definhando de ano para ano. Arrasta-se penosamente e cada vez menos capaz de cumprir capazmente a sua função, até 19 de Março de 1902.

(1) N.º 103, de 13-1-1884.

(2) CARLOS FARIA, no seu romance «Um Conto de Reis», pág. 61, faz-lhe alusão.

Nessa data dá-se a fusão das duas colectividades, ou antes a absorção da mais velha pela mais recente e mais vigorosa. «Reorganizam-se em Aveiro — diziam os estatutos que a ambas englobavam — os dois clubes, Grémio e Ginásio, constituindo uma nova sociedade de educação física, instrução e recreio denominada Grémio-Ginásio». Assim, a já moribunda associação fenece, e se entra em Aveiro, definitivamente, na era do desporto.

O Grémio Moderno, teve, pois, um papel mais restrito e apagado que a colectividade predecessora, mas na vida social de Aveiro marcou um lugar de representativo destaque e foi, na época, mais rica de inteligência do que de potencialidades económicas e práticos actos de dinamização, um fautor de convivência necessária.

Não nos parece essa circunstância despicienda, e antes merecedora de ser também apontada pelo que significou num período da história de Aveiro, em que a cidadezinha modesta tentava sair de uma prolongada estagnação.

Aveiro, Abril de 1971

EDUARDO CERQUFIRA

bibRIA

MEMÓRIAS PAROQUIAIS DO SÉC. XVIII

VIII

AROUCA

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Dicionário Geográfico*, vol. 5, n.º 4, pág. 575)

bibRIA
Arouca — Lamego

Excelentissimo, e Reverendissimo Senhor

Obedecendo as ordens de Vossa Exçelencia e de Sua Magestade, que Deos goarde me informei nesta Freguezia de Arouca, e nas mais partes nesecarias para responder a interrogatorios, que Vossa Exçelencia me ordenou, e achei o seguinte:

Ao primeiro — Respondo, que Arouca he uma villa, e esta na Provincia da Beira Bispado, e comarqua de Lamego, Termo, e concelho da dita villa, e freguezia de Arouca, e tem des freguezias o dito concelho de Arouca, e seu termo.

Ao segundo — Respondo que he de Donataria a qual he a Madre Abbadesa deste Real Convento cito, e fundado nesta dita villa de Arouca o qual he da ordem de Sam Bernardo e a dita Madre Abbadesa he a que apresenta as justissas deste concelho.

Ao terceiro — Respondo que tem trezentos e vinte oito fogos esta freguezia entre os que viuem dentro da villa, e dos lugares de fora dela pertencentes a mesma freguezia, e tera entre maiores e menores mil, e coatrosentos, e vinte, e sete pessoas.

Ao quarto — Respondo que esta cituada em hum valle do qual se nam descobre terra nem povoassam alguma porque fica em hum baixo.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Ao quinto — Respondo, que he termo da dita villa de Arouca e esta freguezia tem os lugares seguintes, a villa, Aborrida; e as aldeias que sam as seguintes; Lage, Corredora, crasto, Preiro, villar, Manga, Boco, cabreiro, Lapa, Outeiral, Boca da villa, Valdasna, Penso, Granja, cham de Espinho, Espinho, Adaufe, Espinheiro, Bustello, Fuste, Pedrogam, Souto da Povoaa, Povoaa, Friaens, Santo Estevam, Siara, Outeiro, Moldes, Ribeiro, Outeiro Miam de Sima, Outeiro Miam de Bayxo, Passos; Bayrro; Fundo de villa, Sella, Boucedeguim, e Lonho; E tem cada hum dos lugares os vezinhos que em cada hum declaro; A villa tem em si cento, e vinte e seis, Aborrida tem coatro — a Lage tem coatro, e os mais lugares tem os seguintes a Corredoura tem hum so labrador, Cansello tem dous Crasto tem honze, Preiro tem hum; Manga tem dois, Boco tem hum, Cabreiro tem sinco; Lapa tem dous; outeiral tem hum, Bocadavilla tem houtro; Valdasna tem coatro, Pensso tem seis — granja tem coatro — cham de Espinho, e espinho tem coatro — Adaufe tem sinco, Espinheiro tem tres, Bustello tem nove; Fuste tem doze — Pedrogam tem tres — Souto da povoaa tem sinco — Povoaa tem sete — Friaens tem vinte e hum, Santo Esteuão tem tres — Siara tem hum — outeiro mião de sima tem noue — outeiro miam de Bayxo tem sinco, Passos tem treze; Bayrro tem honze — Fundo de villa tem quinze Bouce de gim seis, Sella tem tres — Lonho tem hum; e estes são os lugares, e numero de freguezes, que tem esta freguezia tanto na villa como nos sobre-ditos lugares, que ficam declarados que fazem por todos trezentos e vinte oito fogos.

Ao seissto — Respondo que, a Parochia esta dentro da dita villa.

Ao setimo — Respondo, o orago he Sam Bartholomeu tem tres Altares o Mor onde esta o Padroeiro, e tem o Sacrario; os dois colaterais hum da mão direita, que he do santo christo, e o da parte esquerda he de Nossa Senhora; ha nesta freguezia a Irmandade dos sacerdotes, que tem por padroeira Nossa Senhora da Conceição; ha mais a Irmandade das Almas, ha tambem a Irmandade de Sam Bartholomeu, ha tambem a Irmandade de Santhiago, e a de Nossa Senhora dos Prazeres de Moldes.

Ao hoitauo — Respondo, que he cura o Parocho desta freguezia, e he Apresentado pella Abbadessa deste Real Mosteiro de Arouca, e so lhe da o Convento corenta almudes de vinho de congroa.

Ao nono — Nam tenho nada que dizer.

Ao desimo — Respondo, que tem hum conuento de Freiras da ordem de Sam Bernardo, e o Padroeiro do Convento he Santa Maria da villa de Arouca, e tem cento, e vinte, e oito religiosas Professas, e sinco Religiozos assistem cada trieno para o regimen da comonidade a saber, confessor, feilor; capelam; Aleuiador, e carturario.

A honze — Nam tenho que dizer pois não ha nada.

A doze — Respondo, que nesta villa ha Mizericordia a qual foi feita por deuotos no Anno de mil, e seiscentos e dose e nam tem Rendas nenhuma so alguns legados pios.

A treze — Respondo que tem algumas ermidas como he a de Sam Goncalo no Adro desta villa; a do espirito Santo, ó simo da Rua darca desta villa; a de Santo Antonio o simo da Rua dos Corraes desta dita villa; tem mais, a de Sam Pedro, no lugar chamado Sam Pedro, a de Sam Sebastiam na quinta de Sam Pedro a de Santa Losia em hum Monte, e de Nossa Senhora da Mó, em hum alto outeiro, de Monte, a de Santo Esteuão no valle de Moldes, a de Santa Catherina no lugar de Fuste de Moldes, e a de Santhiago no lugar de Crasto e todas nesta freguezia, e sam de Confraria, e se pede huma ves cada anno para cada huma destas confrarias pellas portas dos freguezes esmolas para conservação das ditas capellas.

A catorze — Respondo, que a nenhuma dellas vai concurso de romage em tempo nenhum so no dia das ladainhas de Mayo vai a porsição das ladainhas no primeiro dia à capella de Sam Pedro; no segundo a capella de Sam Sebastião; e no terseiro a Santa Luzia, e estas mesmas, e todas as mais que ficam nomiadas no capitulo, ou interrogatorios supra se festeião em o dia do santo, ou Santa de cada huma.

Ao quinze — Respondo, que os frutos com abundança he do Pam. e trigo ainda, que muito pouco, senteio Painso feijam azeite, em parte da freguezia; e vinho de emforcado com abundança mais que nenhum dos sobreditos frutos.

Ao dezasseis — Respondo que tem juiz; variadores mais velho, e mais novo, e dous Procuradores, Almotases Meirinho, e Porteiro, he a dita justisa eleita em camera por pautas e elegem justissa duplicada, entre os quaes a Madre Abbadesa escolhe os mais sufesientes, e de tres juizes que escolhe entre nove que se elegem para ella escolher; os tres, que escolhe os mete em pelouros; para, por sorte se tirar o pelouro para saber os que handem pegar nas varas os quaes as vam reseber em dia de Janeiro a Missa do Dia a porta do Real convento da mam da dita madre Abbadesa, e ahi esta o ouuidor da terra, que tambem he apresentado pella dita Abbadessa; e esta dá logo o juramento ao juiz apenas recebe a vara da mão da dita Abbadessa; e não entra nesta terra ministro de vara Branca a devasar das justissas, e nem estas estam sugeitas ao governo das justissas de outra terra.

Ao dezasete — Respondo que esta freguezia he cabeça de concellho.

Ao dezoito — Respondo, que desta villa sahiu hum homem grande em armas chamado Rodrigo Malafaia; o qual mataram com hum tiro na cidade de Lisboa.

Ao dezanove — Digo que não ha feiras nesta minha freguezia so aos vinte, e tres de cada mes huma de bois nesta villa que só dura meio dia, ou menos.

Ao vinte — Emformo, que ha nesta villa Correio Mor manda hum homem com a bolsa das Cartas desta villa a cesta feira de cada

semana leualas o Correio Mor do Porto, entregalhas na mesma cesta feira, e delle recebe no sabado à noute as que tras para esta villa e concelho, e mais partes destas terras de Arouca.

Ao vinte, e hum — Respondo que de Arouca a Lamego distam oito legoas que he a cabesa da comarqua, e de Arouca a Lisboa distam corenta e nove legoas pouco mais ou menos.

Ao vinte e dois — Nam tenho que dizer.

Ao vinte e tres — Nam tenho, que emformar.

Ao vinte e coatro — Respondo, que a este interrogatorio não tenho que dizer.

Ao vinte e sinco — Nam tenho que dizer nada.

Ao vinte e seis — Digo que esta freguezia nam padeseu ruina nenhuma este terremoto do Anno de mil, e setesentos, e sincoenta e sinco, so botou duas piramides do mirante do convento de Arouca abaixo, e nam fes outro damno algum Bendito Deus.

Ao vinte e sete — Nam tenho mais nada digno de memoria que emforme.

Serra

Ao primeiro — Respondo que se chama Arouca, e hé cabesa de Conselho.

Ao segundo — Respondo que este concelho tem sinco legoas de Comprido, e tres de largo principia em chape, e acaba em cabreiros.

Ao terceiro — Respondo que esta entre o Bispado de Coimbra Porto e Vizeu.

Ao quarto — Respondo, que na serra da freita nasce o Rio de Moldes, e fenese no Rio Payvo; corre sempre desde onde nasce athe onde recolhe no paivo por esta freguezia, e do Payvo com elle se mete no Rio Payva, e estes se recolhem ao Douro.

Ao quarto — Respondo, que tambem na Ribeira de Boco desta freguezia nasce hum reguato, que entra por esta villa abaixo, e corre meia legoa donde nasce athe onde se ajunta na freguezia de Salvador em outro, e estes vam pelo vale abaixo metendose em outros, e faz hum rio, que he ordinario, e caudelozo com chuvas corre do nascente para o poente por este vale abaixo e corre tres para coatro legoas ate o Douro aonde se recolhe.

Ao quinto — Respondo que ha neste valle, e concelho huma villa chamada a villa de Arouca; e há houtra villa chamada villa Miam do Burgo na qual ha justissa juis ordinario, variador, Procurador, e todos estes elleitos em Camera, e escolhidos, e apprezentados pella Madre Abadesa deste Real Convento de Arouca, os lugares que estam na serra desta freguezia sam todos os numiados a principio no quinto interrogatorio, e so a dita villa he no valle, e todos os lugares sam pouoados em serra à vezinhança do dito valle, e villa.

Ao sexto — Respondo que na Ribeira do Gondim atras de huma capella de Nossa Senhora da Ouvida, nasce huma fontinha de agoa,

que he boua para obestrusoens, e algumas pessoas, que a tem bebido se tem achado bouas de tal queixa.

Ao setimo — Nam tenho nada que emformar em tal interrogatorio.

Ao oitauo — Respondo que esta serra he composta de todo o genero de matos; e se cultiva em varios lugares, e o fruto da sua cultura he sam, e vinho, e em algumas partes Azeite.

Ao nono — Respondo, que não ha mais mosteiros neste concelho, e suas vezinhanças do que o dito Real Mosteiro de Arouca, no qual tem hũa Imagem da Santa Raynha Mafalda à qual o Real Convento quer Beatificar, que ainda o nam esta, e vem inumeravel pouo fazer romage, e deprecasoens a esta santa, por todo o discurso do anuo. e tem feito inumeraveis milagres a dita santa a muita gente, que invoca com deuocam.

Ao desimo — Respondo que esta serra he de seu temperamento muito frigidissima de Inverno pois todas as serras antão se coalhão de codos e neves que custam a desgastar, e priuão as jornadas muitas vezes por se não poderem cortar as allas neves que tem.

Ao honze — Respondo que ha criasão de bois; sevados, cabras; ovelhas; Bestas; Aves; e cassas do monte como sam Perdizes; coelhos; lebres, javalizes, rapozas e lobos.

A doze — Não tenho a este nada que emformar, nem coiza digna de memoria aqui mais diga.

BIBLIA

Rio

Ao primeiro — Respondo que so nesta freguezia tem hum rio, que chamam o Rio de Moldes, e o sitio, onde Nasce se chama a Freita, que he huma cerra muito alta, que esta prosima deste valle de Arouca, que tem de comprida duas legoas coaze; e de larga meia; nasce este Rio, de Moldes nesta cerra da Freita, e dentro desta freguezia, e corre por ella abaixo desde onde nasce athe onde se passa o Rio Payvo.

Ao segundo — Respondo que nasse em varios reguatinhos na cerra da Freita e se conserva todo o anno, ainda que de veram leua pouca agoa porem nunca secou nem tal consta.

Ao terceiro — Respondo que não entra nelle rio nenhum athe o Paivo onde este de Moldes se vai meter, e este Rio do Payvo nasce em Couello, Bisgado de Vizeu passa no lonho pelo fim da minha freguezia onde o tal rio se ajunta com o de Moldes, que vai da Freita, e dahi se vão na Paradinha meter juntos no rrio Payva.

Ao quarto — Emformo que nem he navegavel, e nem capas de navegaçam alguma tanto por ser piqueno o rio como por correr por arebalados pinhascos, em partes.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Ao quinto — Respondo que he de curso arrebatado por todo e nam tem em parte nenhuma onde corra brando, exçeto, em algumas leuadas nos seus asudes onde fica a agoa do dito Rio reprezada.

Ao sexto e setimo — Respondo que cria este Rio chamado de Moldes peixes chamados Escalos, e trutas, muitas demaziadamente, e não cria, outra nenhuma qualidade de peixe.

E corre este Rio do Sul para Nascente, e dahi volta para o Norte no Rio Payva onde se vai recolher em o Rio payvo juntamente.

Ao oitavo — respondo que de veram pesca nelle quem quer que nam he, nem tem coutado algum e de inverno não se pesca nelle por ser tão fria a agoa delle; que he tam fria que nam se atura de verão, que fara de inverno, por cuja cauza so na forsa da calma, he que se pesca nelle.

Ao nono — Respondo que os pescadores sam livres en todo o Rio o qual nunca teve senhorio particular he liure para pescar quem quizer.

Ao des — Respondo, que se culliuam varias terras à beira delle que dam graudo senteio, Painsso, e trigo em partes, e em outras partes Azeite e muita abundancia de vinho à beira do Rio nas mesmas terras, que se fabricam; mas nam tem mais arvores nenhuma de fruta nenhuma.

A onze — Respondo, que nam tem virtude nenhuma as suas agoas.

A doze — Respondo que sempre se chamou antiquissimamente o Rio de Moldes; e ainda, assim se chama nunca teve nem tem outro nome, nem em todo nem em parte sempre se chamou, e chama o Rio de Moldes por todo elle tem o nome do Rio de Moldes.

A treze — Respondo, que morre no Rio Payvo, e deste vai com elle ambos morrer a Payva, e o citio em que entra no Payvo hé no lonho, no hultimo fim desta freguezia, e vam ambos estes meterse na Paiva à Paradinha freguezia de Santa Cruz de Alvarenga.

A catorze — Respondo que o Rio de Moldes tem corenta levadas, e sam destas duas de dois Pizoêns de fizuar Burel, e trinta e oito levadas sam de munhos todos de moer Broa, e so em dois munhos se moi (hum acazo) trigo; porque sam de labradores, que so gastam broa e os mais asudes sam de tomar agoas de rega porem entre todos sam corenta somente.

A quinze — Respondo que tem algumas pontes que direi por seus nomes a primeira para bayxo donde o tal Rio de Moldes nase, e se chama a ponte de Adaufe he de pé; e tem tres traves onidas; a segunda, asima do lugar da Povia esta he de pau, e he de carro; a terceira he o pé do lugar da Povia, e he tambem de pau, e de carro; a quarta he a ponte chamada de Agrocham he de pé e tambem de pau. A quinta he a da Fragoda o direito de Outeiro Miam de outeiro miam de Baixo chamada a Ponte da Fragoda, e esta he de carro; a sexta he a ponte de Passos cita no lugar de Passos e

esta he de Pedra, de Arco; e he de carro; a setima he a ponte de Telhe; e esta he tambem de carro, e he de pau, esta cita por baixo, e o direito do lugar de Fundo de villa; a hoitaua he a ponte da sella, que esta o direito do lugar da Sella, e nam tem esta pasaje de carro, he so de pe, e he de pau de duas traves, e nam tem mais ponte nenhuma o dito rio de Moldes.

Tambem ha hum riacho, que passa por esta villa que tem duas pontes de pe, e de pau huma o fundo da rua da Lavandeira chama-se a ponte de sima, e outra hindo para a Ribeira sita o direito da Cadeia desta villa, e tem houtra ponte de carro o campo do Mosteiro por baixo da Borrida desta villa este riacho he piqueno não tem mais pontes, e nem cria peixe nenhum e nem tenho mais que emformar deste riacho que he muito piquenino, e nase logo asima desta villa.

A dezaseis — Respondo, que tem o Rio de Moldes trinta e oito munhos, entre os quais sam dois de trigo, e os mais sam todos de moer broa e tem tambem dois pizoens nos quais se pizoa Boreis tesidos, e nam tem mais munhos do que estes, que declarei e nam tem mais engenho de coalidade nenhuma.

A dezasete — Informo que nunca constou em tempo algum nem consta ao prezente que neste rio, e suas areias se tirase ouro, nem que ouvesse minas de qualidade nenhuma.

A dezoito — Respondo, que os pouos do valle de Moldes, e dos lugares que estão ao pe do Rio de Moldes uzão da agoa do Rio de Moldes para regar suas fazendas onde a agoa do dito rio pode chegar, e sem pagarem della pençam alguma regem quando muito quer.

A dezenove — Respondo que este Rio tem desde onde nasce athe ao Payuo onde se recolhe huma grande legoa, e pasa pelos lugares, de pouoasam que declaro nase na freita, e passa logo no primeiro lugar chamado o lugar de Adaufe, e dipois vai pelo lugar do Souto, dipois vai o lugar da Pouoa, dahi o lugar de Friaens, dai vai a Villa Coua; dahi vay a Fragoda; dahi a Oyteiro miam dahi vai a Passos; dahi vai ao lugar de Fundo de villa; dahi vai o lugar da sella; e dahi vai o lonho onde acaba, e ahi se mete o Rio de Moldes no Payuo.

A vinte — Nam tenho mais que de satisfaçam fora dos Interrogatorios, e nem couza alguma digna de memoria; que eu emforme, e só o que emformo he que sei, e achei na exacta deligencia que fiz por varias partes.

Villa de Arouca quinze do mes de Mayo de 1758 de mil, e setesentos e sincoenta e oito annos.

De Vossa Excelencia Reverendissima
Subdito muito humilde

O Cura João dos Santos Reis.

*

NOTA

Dentro do proposto plano de publicação, das referentes a freguesias do norte do Distrito, de «informações» paroquiais do séc. XVIII que se acham arquivadas na Torre do Tombo, compondo o chamado *Dicionário Geográfico*, por as supormos capazes de oferecer qualquer motivo de interesse a um ou outro curioso de antigualhas, e considerarmos esta, como as outras, ainda inédita, damos hoje à estampa a que integra as respostas do cura de Arouca ao inquérito de 1758.

Estarreja

EDUARDO COSTA

bibRIA

O DISTRITO DE AVEIRO NAS HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

(Continuado do vol. XXXVI, pág. 240)

ÍNDICES

a) ANTROPONÍMICO

(PELO ÚLTIMO APELIDO)

bibliA

LETRA J

- Abreu (Ana Joaquina de Sá) —
— Avanca, Estarreja — 179
- Abreu (João de Resende Valente de)** — Avanca, Estarreja — 179
- Abreu (José de)** — 284
- Abreu (Manuel Pais de) — Loureiro, Oliveira de Azemeis — 140
- Abreu (Maria de Azevedo de) —
— Arouca — 317
- Adrião (João)** — Aveiro — 19
- Adrião (João), Familiar do S.^{to} Ofício — Aveiro — 20
- Adrião (Manuel Fernandes) —
— S. Lourenço do Bairro, Anadia — 486
- Afenseca (Heitor de Carvalho de), cavaleiro professo da Ordem de Santiago — Aveiro — 142
- Afonseca (Maria de Oliveira de) —
— Aveiro — 226 e 227; Ilhavo — 226 e 227
- Afonso (André) — Aveiro — 19 e 20
- Afonso (Catarina) — Pardelhas, Murtoza — 98
- Afonso (Domingos) — Pardelhas, Murtoza — 98
- Afonso (Isabel) — Aguada de Baixo, Águeda — 16; Águeda — 16; Sangalhos, Anadia — 93
- Afonso (João) — Arões, Vale de Cambra — 242; Macinhata do Vouga, Águeda — 558
- Afonso (Manuel) — Valongo, Águeda — 285
- Afonso (Manuel Francisco) — Anadia — 499; Tamengos, Anadia — 499
- Afonso (Maria) — Eixo, Aveiro — 22
- Afonso (Sebastião) — Valongo, Águeda — 114
- Aguiar (Ana Ferreira de) — Sobrado, Castelo de Paiva — 35
- Aguiar (Eusébio de Azevedo e) — Paços de Brandão, Feira — 532; S. João de Ver, Feira — 532
- Aguiar (João Teixeira de)**, mestre confeitiro em Lisboa — 231
- Agular (Joaquim Teixeira de)**, homem de negócio na rua da Confeitaria em Lisboa — 278
- Aguiar (Leonarda de) — Paços do Brandão, Feira — 532

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Aires (Isabel) — Real, Castelo de Paiva — 343
- Aires (Jerónima)—Rossas, Arouca — 286
- Aires (Sebastião)—Castelões, Vale de Cambra — 445
- Alarcão (Francisco José Xavier Cardoso de), fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} e donatário do Conc.^o de Fervedo, Arouca, e Préstimo da Marinha, Agueda — 467
- Albergaria (Egas Cardoso)—Aveiro — 175
- Albergaria (Francisco Cardoso de) — Aveiro — 13
- Albergaria (Jerónimo Soeiro de)** — Aveiro — 18
- Albergaria (Manuel Soares de) — Aveiro — 323
- Albuquerque (José Barbosa Ferreira de)**, negociante no Porto — 315
- Albuquerque (P.^o José da Costa de)**, presbítero do hábito de S. Pedro, professo da Ordem de Cristo e beneficiado colado na Real Colegiada de Sant'Iago da vila de Santarém — 359
- Albuquerque (Mafalda Bernarda de Araújo de) — Silva Escura, Sever do Vouga — 230
- Albuquerque (Manuel de Araújo de), Familiar do S.^o Offício—Pitneiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 230
- Alfaiate (Manuel João) — S. Lourenço do Bairro, Anadia—486
- Almas (André Soares das)—Codal, Vale de Cambra — 347
- Almeida (Ana de) — Aveiro — 91; Avelãs do Caminho, Anadia—492
- Almeida (D. Ana Micaela de) — Agueda — 28
- Almeida (Antónia) — Arcos, Anadia — 126; Aveiro — 43; Avelãs do Caminho, Anadia — 421; Burgo, Arouca — 288; Esgueira, Aveiro — 126
- Almeida (Antónia Francisca de) — Ventosa do Bairro, Mealhada — 101
- Almeida (Antónia Maria de)—Anadia — 492; Mealhada — 492; Mouta, Anadia — 160
- Almeida (António de)—Mansores, Arouca — 132
- Almeida (António de), capitão—Lamas do Vouga, Agueda—233
- Almeida (P.^o António de)—Agueda — 481; Sangalhos, Anadia — 102
- Almeida (Beatriz de) — Esgueira, Aveiro — 188; Rio Meão, Feira — 140; S. João da Madeira — 140
- Almeida (Belchior de) — Burgo, Arouca — 288
- Almeida (D. Brites Pinto de)—Espinhel, Agueda — 504; Macinhata do Vouga, Agueda — 504
- Almeida (Domingas de)—Aveiro — 48
- Almeida (Domingos de)—Oliveira de Azeméis — 437
- Almeida (Florência de) — Barró, Agueda — 143
- Almeida (D. Francisca Bernarda Pinto de) — Espinhel, Agueda — 504
- Almeida (D. Francisca da Silveira d'Eça e)—Esgueira, Aveiro—318
- Almeida (Francisco de)—Agueda — 290
- Almeida (Francisco Pinto de) — Espinhel, Agueda — 504
- Almeida (Gabriel Luís de) — Valongo, Agueda — 131
- Almeida (Helena de) — Aguada de Cima, Agueda—300; Castanheira do Vouga, Agueda — 300
- Almeida (Isabel de) — Agueda — 152; Valongo, Agueda — 159, 771 e 543
- Almeida (Jerónima de)—Valongo, Agueda — 131
- Almeida (Joana de) — Arouca — 288; Aveiro—280; Burgo, Arouca — 288; Macinhata do Vouga—223; Vagos — 280; Valongo, Agueda—171 e 233
- Almeida (D. Joana de) — Soza, Vagos — 280
- Almeida (D. Joana Teresa de)—Arcos, Anadia — 126
- Almeida (João de)—Arouca—146; Aveiro—91; Burgo, Arouca—288; Fermelã, Estarreja — 21; Roge, Vale de Cambra — 91; Santiago da Riba d'Ul; Oliveira de Azeméis — 437
- Almeida (João de)** — Fermelã, Estarreja — 21 e 22
- Almeida (João de)**, sapateiro em Coimbra — 23
- Almeida (João de), o «Velho» — Fermelã, Estarreja — 21 e 22
- Almeida (João de Araújo)**, homem de negócio na Baía — 38
- Almeida (João Barbosa de)** — Aveiro — 48
- Almeida (João de Figueiredo e)**,

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- bacharel formado na Faculdade de Cânones — Aveiro — 91
- Almeida (João Francisco Castelão Rodrigues de)**, boticário aprovado — Ventosa do Bairro — Mealhada — 101
- Almeida (P.^o João Joaquim de)**, presbítero do hábito de S. Pedro e mestre em Artes na Universidade de Évora — 119
- Almeida (João Luís de)**—Valongo, Agueda — 131
- Almeida (B.^o João Quaresma de)**, Juiz de fora na vila de Aveiro—171; Valongo, Agueda — 171
- Almeida (João Rebelo de)** — Salreu, Estarreja — 174
- Almeida (João Rebelo de)**, Familiar do S.^o ofício — Salreu, Estarreja — 220 e 329
- Almeida (João Rodrigues de)**, escrivão proprietário da Alfândega da vila de Castelo Branco—Esgueira, Aveiro — 188
- Almeida (João Teixeira Rebelo de)** — Valongo, Agueda — 233
- Almeida (Joaquim Machado de)**, escrivão proprietário de um dos officios do Juizo de Fora do Geral da cidade do Porto — 260
- Almeida (José de Araújo e)**, homem de negócio no Porto — 311
- Almeida (José Caetano de)** — Salreu, Estarreja — 329
- Almeida (José da Costa de)**, ajudante da Armada Real — Aveiro — 358
- Almeida (José Fernandes de)**, homem de negócio no Porto — 384
- Almeida (José Gomes de)**, mercador em Coimbra—Ois do Bairro, Anadia — 422
- Almeida (Lic.^o José Gomes de)**—Arcos, Anadia — 421; Esgueira, Aveiro — 421
- Almeida (Lic.^o José Gomes de)**, Familiar do S.^o Ofício—Arcos, Anadia — 126
- Almeida (José Joaquim de)**, homem de negócio — Oliveira de Azeméis — 437
- Almeida (Luís de)** — Sangalhos, Anadia — 9
- Almeida (Mafalda de)** — Arouca — 287
- Almeida (Manuel de)** — Agueda — 290; Fermelã, Estarreja — 21 e 184; Valongo, Agueda — 119
- Almeida (Manuel de)**, barbeiro — Agueda — 411
- Almeida (P.^o Manuel de)**, cónego da Sé de Leiria — Valongo, Agueda — 52
- Almeida (Manuel da Cunha de)**, Familiar do S.^o Ofício — Aveiro — 48
- Almeida (Manuel Nunes de)**, capitão, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e Familiar do S.^o Ofício — Agueda — 28; Valongo, Agueda — 28
- Almeida (Lic.^o Manuel da Silva de)**, Familiar do S.^o Ofício—Fermelã, Estarreja — 184
- Almeida (Marcela Soares de)** — Valongo, Agueda — 22
- Almeida (Maria de)** — Agueda de Cima, Agueda — 300; Aveiro — 289; Burgo, Arouca — 288; Castellos, Vale de Cambra — 22; Fermelã, Estarreja — 22; Valongo, Agueda — 28, 37, 52 e 519
- Almeida (D. Maria de)**—Soza, Vagos — 230; Vagos — 280
- Almeida (D. Maria Coutinho de)** — Feira — 281
- Almeida (Maria da Esperança de)** — Aveiro — 36
- Almeida (Maria de Magalhães de)** — Valongo, Agueda — 233
- Almeida (Maria Rebelo de)** — Agueda — 152
- Almeida (Maria Rodrigues de)** — Ventosa do Bairro, Mealhada — 101
- Almeida (Maria da Silva de)**—Fermelã, Estarreja — 184
- Almeida (Paula de)** — Valongo, Agueda — 194
- Almeida (Pedro de)** — Castanheira do Vouga, Agueda — 300
- Almeida (Pedro Fernandes de)** — Agueda — 411
- Almeida (Simão Pinto de)**—Macinhata do Vouga, Agueda — 28 e 504
- Alpendre (Manuel da Rocha do)** — Aradas, Aveiro — 554
- Alvares (Ana)** — Madail, Oliveira de Azeméis — 30
- Alvares (António)** — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Alvares (António da Cruz)** — Esmoriz, Ovar — 548
- Alvares (Cipriano)** — Milheirós de Poiares, Feira — 383
- Alvares (Domingos)**—Lamas, Feira — 100; Madail, Oliveira de Azeméis — 30; Romariz, Feira—100
- Alvares (Francisco)** — Arcos, Ana-

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- dia — 397; Real, Castelo de Paiva — 517
- Alvares (Gonçalo) — Real, Castelo de Paiva — 164 e 498
- Alvares (João)—Aveiro—25; Real, Castelo de Paiva — 39; Romariz, Feira — 39 e 100; Sardoura (S. Martinho), Castelo de Paiva — 292; Vacariça, Mealhada — 25
- Alvares (Josefa Maria)—Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Alvares (Manuel) — Arcos, Anadia — 101; Avelãs de Caminho, Anadia — 131
- Alvares (Maria) — Milheirós de Poiães, Feira — 333; Oiã, Oliveira do Bairro — 240; Sanfins, Feira — 512
- Alvares (Miguel) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Alvares (Pedro)—Mouta, Anadia— — 516
- Alvares (Pedro Simões) — Ancas, Anadia — 544; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 544
- Alvares (Simão) — Sanfins, Feira — 512
- Alves (António)—Barro, Agueda— — 284; S. João de Ver, Feira—331
- Alves (Domingos) — Feira — 319 e 384; S. Jorge, Feira — 319 e 384
- Alves (Domingos) — Eixo, Aveiro — 185
- Alves (Domingos), lavrador — Silvade, Espinho — 295
- Alves (João) — Fiães, Feira — 531; Oleiros, Feira — 531
- Alves (Manuel) — Cesar, Oliveira de Azeméis — 43
- Alves (Manuel), o «Estudante» — Anta, Espinho — 461
- Alves (Margarida) — Lobão, Feira — 351
- Alves (Maria) — Raiva, Castelo de Paiva — 373; Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 373; Silvalde, Espinho — 295
- Amador (João) — Monte, Murtosa — 49
- Amador (Maria) — Murtosa — 212
- Amaral (Francisco da Fonseca do) — Agueda — 174; Travanca, Oliveira de Azeméis — 174
- Amaral (João Lobo Osório do)** — 126
- Amaral (Lourenço do) — Tamen-
gos, Anadia — 10
- Amaral (Paula Rebelo do)—Águeda — 174 e 329; Salreu, Estarreja—
174 e 329
- Amor de Deus (Frei António do), religioso da Província de S.^{to} António de Portugal e Qualificador do S.^{to} Ofício de Coimbra—Ovar — 528
- André (Águeda)—Gião, Feira—390
- André (Ana) — Aveiro — 554
- André (Antónia) — Aveiro — 150 e 358; Ul, Oliveira de Azeméis — 150
- André (António) — Aveiro — 97
- André (Beatriz) — Ovar — 184
- André (Catarina) — Agueda — 219; Esgueira, Aveiro — 366; Murtosa — 49; Ovar — 539; Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha—556
- André (Domingas) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 387; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 166
- André (Domingos) — Aguada de Cima, Agueda — 377; Avelãs do Caminho, Anadia — 462; Ihavo — 225 e 227; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 166; Sever do Vouga — 419; Tamen-
gos, Anadia — 462
- André (P.^o Inácio) — Ihavo — 413
- André (Isabel) — Aveiro — 98, 205, 277, 441 e 549; Bunheiro, Murtosa — 212; Eixo, Aveiro — 429; Maceda, Ovar — 416; Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 289; Murtosa — 212; Oiã, Oliveira do Bairro — 240; Pardelhas, Murtosa — 98; Silva Escura; Sever do Vouga — 7
- André (Isabel), a «Gata» — Silva Escura, Sever do Vouga — 376
- André (João) — Albergaria-a-Velha — 197; Ihavo — 85
- André (João), o «Tangarino»—Rocas, Sever do Vouga — 276
- André (Manuel) — Aveiro — 159 e 113; Fermentelos, Agueda—452; Louredo, Feira—159; Luso, Mealhada — 551; Ovar — 155 e 539; Palmaz, Oliveira de Azeméis—220
- André (Manuel), capitão — Sangalhos, Anadia — 185
- André (Manuel), o «Pirre»—Aveiro — 150
- André (Margarida) — Vilar de Andorinho, Feira — 365
- André (Maria) — Aveiro — 156; Bunheiro, Murtosa — 49 e 212; Cacia, Aveiro — 127 e 537; Eixo, Aveiro — 537; Esgueira, Aveiro—

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- 91, 358, 421 e 537; Fiães, Feira — 266; Lobão, Feira—228; Loure — Albergaria-a-Velha — 282; Mealhada — 160; Murtosa — 212; Préstimo, Águeda — 117 e 477; Rocas, Sever do Vouga — 276; Roge, Vale de Cambra — 217; Santiago de Beduído, Estarreja — 89
- André (Martim) — Aveiro — 289; Vagos — 289
- André (Mateus)—Esgueira, Aveiro — 22; Fermelã, Estarreja — 423
- André (Miguel)—Esgueira, Aveiro — 358; Préstimo, Águeda — 117 e 477
- André (Pedro) — Bunheiro, Murtosa — 212; Madail, Oliveira de Azeméis — 30; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 220
- André (Rocha) — Aveiro — 19 e 20
- Anes (Amaro) — Valongo, Águeda — 194
- Anes (Branca) — Barcouço, Mealhada — 478; Casal Comba, Mealhada — 478
- Anes (Isabel), lavradora—Válega, Ovar — 63
- Anes (Pedro)—Casal Comba, Mealhada — 478; Salreu, Estarreja — 91
- Anjos (Catarina) — Mozelos, Feira — 352
- Anjos (João Soares dos) — Oliveira de Azeméis — 437
- Anjos (P.^o José dos)**, vigário da freg. de N. S.^a da Ajuda de Vestiária, termo de Alcobaça — 298
- Anjos (José Soares dos)—Madail, Oliveira de Azeméis — 437; Oliveira de Azeméis — 437
- Anjos (Josefa Soares dos) — Madail, Oliveira de Azeméis — 437; Oliveira de Azeméis — 437
- Anjos (Maria) — Oliveira de Azeméis — 166
- Antão (Domingas) — Avanca, Estarreja — 89; Murtosa — 212; Veiros, Estarreja — 212
- Antão (João) — Murtosa — 212
- Antão (João), o «Cerra Olhos» — Cacia, Aveiro—515; Fermelã, Estarreja — 515
- Antão (José da Rocha)**, homem de negócio na vila do Corgo do Rio das Mortes — Esgueira, Aveiro — 515
- Antão (Manuel)—Cacia, Aveiro—515; Esgueira, Aveiro — 515
- Antónia (Ana) — Arcos, Anadia—216; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 163
- Antónia (Bernarda)—Macieira de Alcoba, Águeda — 165
- Antónia (Catalina)—Canedo, Feira — 26; Cucujães, Oliveira de Azeméis—330; Louredo, Feira — 26; Oleiros, Feira — 531; Paramos, Espinho — 497
- Antónia (Domingas)—Arada, Ovar — 447; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis—262; S. João da Madeira — 262
- Antónia (Francisca) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 95
- Antónia (Helena) — Oiã, Oliveira do Bairro — 82; Oliveira do Bairro — 82
- Antónia (Isabel) — Aveiro — 19 e 20; Mafamude, Feira* — 118; Mealhada — 160, 405; Mogofores, Anadia — 101; Oliveira do Bairro — 104; S.^{ta} Eulália, Arouca—14 e 431; Vacarica, Mealhada — 405; Vale Maior, Albergaria-a-Velha — 267
- Antónia (Lourença)—Aveiro—289
- Antónia (Luzia) — Aveiro — 91
- Antónia (Maria) — Amoreira da Gandra, Anadia — 34; Avelãs do Caminho, Anadia — 202; Canedo, Feira — 149; Cucujães, Oliveira de Azeméis — 95; Eixo, Aveiro—413; Esmoriz, Ovar — 27; Fermentelos, Águeda — 59 e 218; Ilhavo — 133; Macinhata do Vouga, Águeda — 558; Mouta, Anadia — 356 e 516; Oiã, Oliveira do Bairro—59 e 218; Oliveira do Bairro—34; Pampilhosa do Botão, Mealhada — 116; S. João de Loure, Albergaria-a-Velha — 299; S. Lourenço do Bairro, Anadia—486; Tamengos, Anadia — 99; Vagos — 514
- Antónia (Marta)—Aveiro—289
- António (Domingos)—Anta, Espinho — 388; Cucujães, Oliveira de Azeméis — 330; Sangalhos, Anadia — 409; Sanguedo, Feira—389; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 330; S. João da Madeira — 461; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 409

* Actualmente do conc. de V. N. de Gaia).

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- António (Domingos), o «Carreira» — Anta, Espinho — 415
- António (Domingos), o «Novo» — Oiã, Oliveira do Bairro — 59
- António (Domingos), o «Quatro-réis» — Canedo, Feira — 149
- António (Fernando), dos Montenegros — Real, Castelo de Paiva — 321; Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 321
- António (Francisco) — Esmoriz, Ovar — 548
- António (João) — Oiã, Oliveira do Bairro — 240
- António (João), hortelão — Oliveira do Bairro — 34
- António (José)**, morador em Lisboa — 299.
- António (P.^o Luís) — Oliveirinha, Aveiro — 413
- António (Manuel) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 95; Eixo, Aveiro — 413; Fermelã, Estarreja — 184; Ilhavo — 133; Oliveira do Bairro — 104; Vagos — 514
- António (Manuel), o «Novo» — Pampilhosa do Botão, Mealhada — 116
- António (Manuel), o «Velho» — Casal Comba, Mealhada — 116; Pampilhosa do Botão, Mealhada — 116
- António (Miguel) — Oiã, Oliveira do Bairro — 240
- António (Silvestre) — Aveiro — 554; Ilhavo — 554
- António (Simão) — Segadães, Agueda — 303 e 305
- Antunes (Francisco) — Eixo, Aveiro — 21 e 22; Esgueira, Aveiro — 21 e 22
- Antunes (Helena) — Esgueira, Aveiro — 21 e 22; Fermelã, Estarreja — 21 e 22
- Antunes (Isabel) — Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 166
- Antunes (João)**, impressor e mercador de livros em Coimbra — 37
- Antunes (Manuel) — Carregosa, Oliveira de Azeméis — 404
- Anunciação (Frei Manuel da), religioso professo da Real Congregação dos Agostinhos Descalços de Portugal, executor de Teologia nos Colégios de S.^{ta} Rita de Lisboa e Coimbra, graduado bacharel na Universidade de Évora e definidor-geral da mesma congregação e Qualificador do S.^{to} Ofício — Aveiro — 204
- Aparício (Gaspar) — Arouca — 501
- Aranha (Beatriz) — Ovar — 140 e 457
- Aranha (Brites) — Burgo, Arouca — 128
- Aranha (João de Matos) — Ovar — 457
- Araújo (João Martins de)**, homem de negócio no Porto — 138
- Araújo (José de Carvalho de)**, homem de negócio — 347
- Araújo (José Monteiro de)** — 473
- Araújo (Luís Correia de) — Sardoura, Castelo de Paiva — 38
- Araújo (P.^o Manuel Nogueira de), reitor da freg. de S.^a Eulália de Pedorido, Castelo de Paiva — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 56
- Arede (Francisca Gomes de) — Valongo, Agueda — 114
- Arede (Manuel de) — Valongo, Agueda — 114
- Arede (Pedro de) — Valongo, Agueda — 233
- Arede (Sebastião de) — Valongo, Agueda — 233
- Arouca (João) — Rossas, Arouca — 286
- Arouca (João Tavares) — Rossas, Arouca — 286
- Arouca (Manuel Gomes), homem de negócio e Familiar do S.^{to} Ofício — Burgo, Arouca — 420
- Ascensão (Maria da) — Agueda — 28
- Assunção (Catarina Angélica da) — Aveiro — 490
- Ataqueiro (Manuel João) — Aveiro — 204
- Athá (João Dias), capitão — Esgueira, Aveiro — 91
- Athá (Manuel João) — Esgueira — Aveiro — 91
- Avandano (João Baptista)**, negociante em Paraíba do Norte — 42
- Aveiro (Duque de) — 272
- Aveiro (2.^o Duque de), D. Jorge de Lencastre — Aveiro — 125
- Aveiro (3.^o Duque de), D. Álvaro de Lencastre — Aveiro — 125
- Aveiro (4.^o Duque de), D. Raimundo de Lencastre — Aveiro — 125
- Aveiro (João de), barqueiro da barca do moinho — Válega, Ovar — 63
- Azedo (Manuel da Silva) — Cesar, Oliveira de Azeméis — 336
- Azeredo (Helena) — Arouca — 501

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Azevedo (André Ferreira de)—Carregosa, Oliveira de Azeméis—404
- Azevedo (Francisco Lopes de) — Santiago de Beduído, Estarreja — 315
- Azevedo (Gregório de Barros de) — Arouca—317; Esgueira, Aveiro — 317
- Azevedo (João de) — Aveiro—554
- Azevedo (João de)**, lavrador—Real, Castelo de Paiva — 39
- Azevedo (Dr. João Garcês de)** — 108
- Azevedo (Joaquim Gomes da Silva)**, negociante em Pernambuco — 252
- Azevedo (P.^o José Carlos de)**, bacharel formado em cânones na Universidade de Coimbra e abade da freg. de S. Pedro de S. Roque de Vila Chã — Oliveira de Azeméis — 342; Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 342
- Azevedo (Lic.^o José Pereira de)**, formado nos Sagrados Cânones — 488
- Azevedo (José Pereira de)**, homem de negócio no Rio de Janeiro — 489
- Azevedo (José Vieira de)**, homem de negócio — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 562
- Azevedo (Manuel)** — Oliveira de Azeméis—342; Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 562
- Azevedo (Maria de)** — Arouca—7; Carregosa, Oliveira de Azeméis — 404; Real, Castelo de Paiva — 39
- Azevedo (Maria de Barros de)** — Esgueira, Aveiro — 318
- Azevedo (Mariana de)** — Aveiro — 554
- Azevedo (Teodora Joaquina de)** — Escapães, Feira — 294
- Azevedo (Teresa Soares de)**—Oleiros, Feira — 252
- Azevedo (Vicência da Costa)** — Oleiros, Feira — 252
- Bacelar (Dr. António de Sampaio)**—Barcouço, Mealhada—518
- Bacelar (Dr. José Fernandes Nunes Correia)**, opositorologista na Universidade de Coimbra e clérigo in-minoribus — 388
- Baeta (Manuel Ferreira)** — Ois da Ribeira, Águeda — 452
- Baharem (Jerónimo Correia)**—11
- Bairrão (João Fernandes)**—S. João de Loure, Albergaria-a-Velha—74
- Baldaia (D. Lourença Clara da Silva e)** — Sobrado, Castelo de Paiva — 341
- Bandeira (Antónia da Silva)** — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 440
- Banhos (José Rodrigues)** — 517
- Baptista (Domingos)** — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 359
- Baptista (João)**—Espinhel, Águeda — 82; Oliveira do Bairro—82; Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 72; S. João de Loure, Albergaria-a-Velha—299; Valongo Águeda — 171
- Baptista (João)**, cirurgião em Lisboa — 41
- Baptista (P.^o Frei João)**, religioso da Ordem dos Pregadores e lente de prima no Convento de Évora — 40
- Baptista (João Ferreira)** — Espinhel, Águeda — 82; Recardães, Águeda — 82
- Baptista (Maria)** — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 258
- Baptista (José Gomes)**, cavaleiro fidalgo da Casa de S. Mag.^o, professo da Ordem de Cristo e escrivão proprietário do Tribunal dos Contos do Reino e da Contadoria Real da Fazenda — 423
- Baptista (Luís Rodrigues)** — Vila Nova de Monsarros, Anadia—258
- Baralha (Domingos Rodrigues)** — Esmoriz, Ovar — 523
- Baralha (José Rodrigues Pereira)**, proprietário do ofício de solicitador das justiças Eclesiásticas da cidade e bispado do Porto — 523
- Barbosa (Ana)** — Águeda — 109 e 314
- Barbosa (Ângela)** — Oliveira de Azeméis — 313
- Barbosa (António)**—Sobrado, Castelo de Paiva — 35
- Barbosa (António Alvares)**—Real, Castelo de Paiva — 157
- Barbosa (Catarina)**—Bairros, Castelo de Paiva — 506
- Barbosa (Domingos)** — Águeda — 314
- Barbosa (Domingos André)**—Bunheiro, Murtosa — 49
- Barbosa (Francisco Soares)**, ta-

- nociro — Castelo de Paiva—180;
Real, Castelo de Paiva—241
- Barbosa** (P.^o Francisco Soares), abade da freg. de S.^{ta} Maria de Sobrado, Castelo de Paiva—241
- Barbosa** (Joana) — Arouca—209; Burgo, Arouca—209
- Barbosa** (João), Oliveira de Azeméis — 313
- Barbosa** (João Simões), mercador na Rua Nova, Lisboa — 217
- Barbosa** (João Soares), cirurgião — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva—225; Sobrado, Castelo de Paiva—225
- Barbosa** (João Tibúrcio), escrivão do registo da Chancelaria-mor do Reino — 235
- Barbosa** (José), mercador em Évora — Oliveira de Azeméis — 313
- Barbosa** (Dr. José), juiz da Legacia em Lisboa—Agueda — 314
- Barbosa** (P.^o José), prior da igreja de Cuba, termo de Beja—Agueda — 314
- Barbosa** (P.^o José), prior da igreja de Cuba e Comissário do S.^o Officio — Agueda — 109
- Barbosa** (D. Josefa Maria de Figueiredo) — Aveiro — 142
- Barbosa** (Manuel Fernandes) — Aveiro — 48
- Barbosa** (Maria) — Agueda — 314; Real, Castelo de Paiva—241; Sobrado, Castelo de Paiva—180 e 241
- Barbosa** (Maria Moreira)—Arouca — 317
- Barbosa** (Paulo da Costa) — Sobrado, Castelo de Paiva — 35
- Barredo** (D. Maria Josefa de)—Oliveira de Azeméis — 338
- Barreto** (João Nunes) — Frossos, Albergaria-a-Velha — 194
- Barreto** (D. Vicência Maria de Oliveira) — Mogofores, Anadia—467
- Barros** (António da Costa) — Oleiros, Feira — 252
- Barros** (António Pessoa de), capitão — Tamengos, Anadia — 499
- Barros** (José Cardoso de), homem de negócio no Rio de Janeiro — 340
- Barros** (Lic.^o José Pessoa de)—Tamengos, Anadia — 499
- Barroso** (João Crisóstomo)—mercador com loja a Mata Porcos — 71
- Basto** (Domingos de) — Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 168
- Basto** (Francisco)—Castelões, Vale de Cambra — 53 e 275
- Basto** (João de)—Familiar de S.^o Officio — Castelões, Vale de Cambra — 275
- Basto** (João de), negociante na vila de Alagoas, Pernambuco — Castelões, Vale de Cambra — 53
- Basto** (Joaquim Tavares de), negociante na vila de Alagoas, Pernambuco — Castelões, Vale de Cambra — 275
- Basto** (Manuel de) — Castelões, Vale de Cambra — 53 e 275
- Bastos** (Ana de)—Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 556;
- Bastos** (Ana Joaquina de)—Aveiro — 369
- Bastos** (António de)—Arões, Vale de Cambra — 242; Rocas, Sever do Vouga—561; Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 85
- Bastos** (Lic.^o António) — Aveiro — 316
- Bastos** (Domingos) — Aveiro—316
- Bastos** (Gerald de)—Aveiro—482
- Bastos** (Joaquim de)—Arões, Vale de Cambra — 242
- Bastos** (P.^o José de Santiago e Oliveira Coelho de) — Aveiro — 369
- Bastos** (Manuel de) — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha—556
- Bastos** (Manuel de Sousa) — Esigueira, Aveiro — 117 e 477; Préstimo, Agueda — 117 e 477
- Bastos** (Maria de) — Arões, Vale de Cambra — 242; Salreu, Estarreja — 137; Soza, Vagos—103; Vila Chã, Vale de Cambra — 487
- Bastos** (Simão de) — Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 85
- Bastos** (Teresa de) — Vacariça, Mealhada — 57
- Benevides** (João Monteiro da França de) — Barrô, Agueda—42
- Bernarda** (Jerónima) — Avanca, Estarreja — 179
- Bernardes** (Maria) — Tropeço, Arouca — 103
- Berredo** (Manuel Pereira de), cavaleiro professo da Ordem de Cristo e Familiar do S.^o Officio — Feira — 446
- Berredo** (D. Mécia de) — Arouca — 446

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Bicalho (João da Cunha)**, mercador em Massarelos, Porto — 73
- Beirete (Domingos João)**—Aguada de Baixo, Agueda — 476; Sanga-lhos, Anadia — 476
- Bizarra (Maria Dias)** — Angeja, Albergaria-a-Velha — 110
- Bolho (Jorge Nunes)**, escrivão da Câmara da vila de Tentúgal—282
- Borges (Gonçalo de Pinho)**—Castelões, Vale de Cambra — 488
- Borges (Jerónima)** — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 326
- Borges (João Pinto)**, mercador no Recife, Pernambuco — 167
- Borrallho (Francisco Ferreira)** — Mealhada — 160
- Botelha (Violante)** — Esgueira, Aveiro — 318
- Botelho (P.^o António)**, prior da freg. de S. Miguel de Vila Nova de Monsarros, Anadia — 57
- Botelho (Francisco)** — Loureiro, Oliveira de Azeméis—140; Ovar — 140
- Botelho (Lic.^o João)**, médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e médico de partido em Vila do Conde—Vacariça, Mealhada—57
- Botelho (João Gomes)**—Vacariça, Mealhada — 121
- Boto (João)**—Vacariça, Mealhada — 540
- Bouça (João Gonçalves da)** — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 540
- Branca (Catarina Barbosa)**—Trofa, Agueda — 109
- Branca (Maria Barbosa)**—Águeda — 109; Trofa, Agueda — 109
- Branco (João Rodrigues)** — Aveiro — 189
- Branco (Luís Rodrigues)** — Aveiro — 189
- Branco (Manuel Simões)**—Águeda — 109 e 314
- Branco (Maria Francisca)**—Ilhavo — 33
- Brandão (Antónia)** — Carregosa, Oliveira de Azeméis — 338; Oliveira de Azeméis — 338
- Brandão (António)**, capitão—Frosos, Albergaria-a-Velha — 194
- Brandão (Bento de Figueiredo)**—Águeda — 28
- Brandão (Domingos)** — Burgo, Arouca — 288; Rossas, Arouca — 360
- Brandão (Domingos Gomes)**—Fajões, Oliveira de Azeméis—206; Ovar — 206
- Brandão (João Alvares de Figueiredo)**, juiz de fora em Lamego—Águeda — 28
- Brandão (José de Almeida)**, cirurgião anatómico aprovado — Arouca — 287
- Brandão (P.^o José de Almeida)**, vigário da igreja do SS. Sacramento da Vila de Alcobaca — Burgo, Arouca — 288
- Brandão (P.^o José da Costa)**, presbítero do hábito de S. Pedro, formado em Cânones pela Universidade de Coimbra e cônego prebendado da Colegiada de Cedofoeita — 360
- Brandão (José de Sá Pereira)**—Lamas, Feira — 532; Paços de Brandão, Feira — 532
- Brandão (Luís Manuel Ribeiro)**, Familiar do S.^{to} ofício — Aveiro — 226 e 227
- Brandoa (Maria)** — Loureiro, Oliveira de Azeméis — 351
- Bravo (José)**, vestimenteiro de S. Mag.^{de} — 327
- Brito (Joaquim Bernardo de)**, fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} — vide S. Bernardo (P.^o Frei Joaquim de),...
- Bulhão (Joana da Silveira)**—Arouca — 317; Esgueira, Aveiro — 317
- Bulhão (Nicolau da Silveira)** — Arouca — 317
- Burgos (Manuel Ferreira)**—Burgo, Arouca — 250
- Butler (José Frederico Geraldo Ellerpeck)**, secretário do gabinete do Bispo do Porto — 106
- Cabral (Domingos)**—Arouca—287
- Cabral (Francisco de Almeida)**, cirurgião — Feira — 238
- Cabral (Lic.^o Gaspar Leite)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo — Feira — 446
- Cação (Baltasar Dias)** — Aveiro — 158; Milheirós de Poiães, Feira — 158
- Cação (João Pereira)**, ourives — Aveiro — 158
- Cação (Manuel Dias)** — Aveiro — 158
- Cacheta (Dr. Joaquim Pereira)**, lente de Teologia e cônego da Sé do Porto — 265

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Caeiro (João Manuel)**, ajudante de ordenanças — 134
- Caetana (Maria Josefa) — Ovar — 385
- Caetana (D. Tomásia) — Palmaz, Oliveira de Azeméis — 113
- Caiaido (Manuel António)—Vagos — 514
- Calão (Manuel Simões) — Ilhavo — 399
- Calão (Teodoro Simões) — Ilhavo — 399
- Caldeira (P.º João de Sousa)**, prior da igreja de S. Miguel de Vila Nova de Monsarros, Anadia—223
- Camelo (António da Costa)—Eixo, Aveiro — 362
- Campo (Frei José de Figueiredo)**, religioso da Província da Soledade, leitor de Teologia no Convento de S.º António de Aveiro — 92
- Campos (P.º António Fernandes de), vigário de Fermelã, Estarreja — 22; Eixo, Aveiro — 22
- Campos (Francisco Pereira de) — Ovar — 385
- Campos (João Ferreira de)**, mercador em Coimbra — Rio Meão, Feira — 83
- Cancela (João Alves)—Cortegaça, Ovar — 293
- Cangão (Alvaro Dias) — Fermelã, Estarreja — 423
- Cardosa (Francisca)—Aveiro — 18
- Cardosa (Helena) — Esgueira, Aveiro — 317 e 318
- Cardosa (Maria) — Aveiro — 175
- Cardosa (Maria da Silveira) — Aveiro — 226 e 227
- Cardosa (Mécia Nunes) — Aveiro — 18
- Cardoso (António) — Aveiro — 18; Lourosa, Feira — 100
- Cardoso (Bernardo Coutinho) — Pessegueiro, Sever do Vouga — 7; Sever do Vouga — 7
- Cardoso (Francisco) — Esgueira, Aveiro — 317
- Cardoso (João Francisco)** — Lourosa, Feira — 100
- Cardoso (P.º João José)**, bacharel formado nos Sagrados Cânones pela Universidade de Coimbra e abade colado da igreja de Salvador de Castelões, Tondela — 122
- Cardoso (João Nunes) — S. João da Madeira — 140
- Cardoso (José)** — Águeda — 339;
- Castanheira do Vouga, Águeda — 339
- Cardoso (Manuel)—Lourosa, Feira — 100
- Careto (André Fernandes) — Esgueira, Aveiro — 537
- Carneira (Maria)—Fornos, Feira — 62
- Carneira (Maria Mendes) — Sardoura (S. Martinho), Castelo de Paiva — 292
- Carneiro (António da Silva)—Sardoura (S.ª Maria), Castelo de Paiva — 440; Sardoura (S. Martinho), Castelo de Paiva — 440
- Carneiro (Geraldo da Costa) — Eixo, Aveiro — 362
- Carneiro (Henrique da Silva), proprietário de officio do crime — Sardoura (S.ª Maria), Castelo de Paiva — 440
- Carneiro (José) — Real, Castelo de Paiva — 343
- Carneiro (P.º José Joaquim da Silva)**, presbítero secular, abade colado da igreja da Colegiada de Sant'Iago de Piães — 440
- Carpento (Domingos Fernandes) — Fermelã, Estarreja — 129
- Carregoso (António Manuel) — Ilhavo — 133; Soza, Vagos—133
- Carreira (Maria da) — Chave, Arouca — 122
- Cartaxo (André Gonçalves) — Fermelã, Estarreja — 21
- Carvalha (Maria) — Oleiros, Feira — 531; Oliveirinha, Aveiro—412; Paços de Brandão, Feira — 531
- Carvalho (Antónia Pereira de) — Aveiro — 159
- Carvalho (António Gonçalves de) — Cortegaça, Ovar — 120
- Carvalho (António de Oliveira), capitão — Cortegaça, Ovar — 120
- Carvalho (Constantino da Silva de) — Águeda — 170 e 507
- Carvalho (D. Filipa Soares de) — Feira — 446
- Carvalho (Francisco de Figueiredo e) — Águeda — 448
- Carvalho (João)**, livreiro em Lisboa — 63
- Carvalho (João Barreiros de)**, bacharel formado em Cânones e Provedor da Comarca de Esgueira, Aveiro — 51
- Carvalho (Dr. João Mendes de)**, médico em Coimbra — 141
- Carvalho (João de Moura de)**,

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- mercador em Vila Nova de Gaia — 151
- Carvalho (Dr. P.º João Pereira de)**, prior da igreja de S.^{ta} Marinha de Palmaz, Oliveira de Azeméis — 159; Aveiro — 159
- Carvalho (João dos Santos e)** — Aveiro — 205
- Carvalho (João dos Santos e), Familiar do S.^{to} Ofício — Aveiro — 277, 441 e 549
- Carvalho (João da Silva de)**, tesoureiro da Alfândega do Porto — 209
- Carvalho (José)**, escrivão do público, judicial e notas de Vila Franca de Xira — 344
- Carvalho (José de)**, mestre de obra de pedraria — 345
- Carvalho (José de)**, ourives da prata de loja aberta — 346
- Carvalho (José António de Almeida)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e tenente de infantaria do regimento da Armada Real — 300
- Carvalho (José Bernardo de)**, mercador no Porto — 321
- Carvalho (P.º José Cactano da Silva e)** prior da igreja de S. Miguel da Mameleira, Mortágua — Arrifana, Feira — 337
- Carvalho (José Dinis de)**, reparador e avaliador dos confiscados do Real Fisco da Inquisição de Coimbra — 377
- Carvalho (José Francisco)** — Oliveirinha, Aveiro — 412
- Carvalho (José Rodrigues de)**, mercador em Coimbra — 518
- Carvalho (José de Sá)**, homem de negócio no Rio de Janeiro — Paços de Brandão, Feira — 531
- Carvalho (Manuel) — Escapães, Feira — 294
- Carvalho (Manuel Francisco de) — Oliveirinha, Aveiro — 412
- Carvalho (Manuel de Pinho de) — Castelões, Vale de Cambra — 445
- Carvalho (D. Maria Pinto de) — Agueda — 564; Lamas, Agueda — 564
- Carvalho (Maria da Silva de) — Arrifana, Feira — 337
- Carvalho (Maria Valente de) — Pílhoro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 230
- Carvalho (D. Sebastiana Maria Rosa de) — Feira — 450
- Carvalho (P.º Sebastião de Almeida), comissário do S.^{to} Ofício e vigário da freg.^a de S. Julião de Cacia, Aveiro — 70
- Carvalho (Sebastião de Almeida) — Esgueira, Aveiro — 70
- Carvalho (Teresa Maria) — Vagos — 514
- Carvoa (Antónia) — Aveiro — 97
- Castelão (João Francisco) — Ventosa do Bairro, Mealhada — 101
- Castelão (Manuel Francisco) — Ventosa do Bairro, Mealhada — 101
- Castelo Branco (D. Jacinta Josefa de Magalhães) — Aveiro — 144
- Castelo Branco (José Bernardo de Miranda Brandão)** — 323
- Castilho (Carlos Fagundes de) — Vagos — 449
- Castro (D. Ana de Portugal Menezes e) — Arouca — 322
- Castro (José Joaquim Pereira de)** — monteiro-mor da vila de Vagos — 438
- Castro (Maria de) — Travassô, Agueda — 276
- Castro (Maria de Sá e) — Esmoriz, Ovar — 463
- Catana (João Rodrigues)**, mercador em Coimbra — 190
- Cebolas (João André) — Vagos — 514
- Cedrim (Antónia Joana) — Cedrim, Sever do Vouga — 494
- Cedrim (António Francisco), capitão — Cedrim, Sever do Vouga — 494; Pessegueiro, Sever do Vouga — 379
- Cedrim (António José), Familiar do S.^{to} Ofício — Cedrim, Sever do Vouga — 494
- Cedrim (José Duarte)**, morador no Recife de Pernambuco — 379
- Cernache (António de Távora de Noronha Leme), moço fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} — Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis — 560
- Cernache (Jerónimo de Távora e Noronha Leme e), moço fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} — Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis — 560
- Cerrado (Manuel dos Santos do), alferes — Aradas, Aveiro — 364
- Cerveira (Francisco) — Burgo, Arouca — 115
- Cerveira (Maria) — Burgo, Arouca

- 115; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 392
 Chagas (Francisca das) — Aveiro — 80
 Chagas (Rosa Maria das)—Aveiro — 80
 Chamorro (Gonçalo) — Real, Castelo de Paiva — 343
 Chamorro (D. Maria) — Aveiro — 323
 Chaves (Filipe de) — Aveiro — 41
Chaves (José Fernandes), mercador — Ovar — 385
 Chopa (Manuel António) — Aveiro — 150
 Cirne (Jerónimo de Alcáçova) — Aveiro — 237
 Clara (D. Francisca Maria Pereira) — Barrô, Agueda — 42
 Cobelo (João Alves do) — Cortegaça, Ovar — 293
 Coelho (Isabel) — Tamengos, Anadia — 10
 Coelho (Juliana) — Arouca — 501
 Coelho (Luísa) — Fiães, Feira — 536
 Coelho (Maria) — Aveiro — 134; Lamas, Feira — 64
 Coelho (Álvaro) — Oliveira de Azeméis — 338
 Coelho (António) — Lourosa, Feira — 45
 Coelho (António Luís Pinto), moço fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} e donatário dos Coutos de Préstimo da Marinha, Agueda — 467; Fermedo, Arouca — 467
 Coelho (Brás) — Rossas, Arouca — 67
 Coelho (Domingas) — Oliveira de Azeméis — 338
 Coelho (Domingos) — Loureiro, Oliveira de Azeméis — 351; Mozelos, Feira — 395
 Coelho (Feliciano Leitão) — Feira — 281
 Coelho (Francisco) — Lourosa, Feira — 245
Coelho (João) — 64
Coelho (João da Costa) — Rossas, Arouca — 67
 Coelho (João Pires) — Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 218
 Coelho (Joaquim) — Feira — 395; Mozelos, Feira — 395; Rio Meão, Feira — 395
Coelho (Joaquim Rodrigues), estudante — 269
Coelho (José Borges Pinto) — 325
Coelho (José Ferreira), homem de negócio em Lisboa — Feira — 395
Coelho (José de Melo Correia), fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} — 467
Coelho (José Pereira) — 490
Coelho (José de Pina) — Arouca — 501
Coelho (José Tavares de Bastos), lavrador — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 556
 Coelho (Manuel) — Aveiro — 156; Mozelos, Feira — 395
 Coelho (P.^o Manuel), prior da freg. de S. Pedro de Tamengos, Anadia — 10
 Coelho (Manuel Ferreira) — Fiães, Feira — 536
 Coelho (Dr. Martim Gonçalves), lente de Medicina da Universidade de Coimbra e vereador da mesma cidade — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 283
 Coelho (Pedro) — Lourosa, Feira — 513
 Coelho (Ventura de Bastos) — Aveiro — 369; Ovar — 369
 Coimbra (João Gomes) — Esgueira, — Aveiro — 530
 Coira (José Ferreira de) — Oliveira do Bairro — 402
 Colaço (António Neves), mercador de madeira e Familiar do S.^{to} Offício — Angeja, Albergaria-a-Velha — 387
 Conceição (Brísida José da) — Vilarinho do Bairro, Anadia — 524
 Conceição (Isabel) — Valongo, Agueda — 171
 Conceição (Leonor Borges da) — Oliveira de Azeméis — 437
 Conceição (Maria da) — Macinhata do Vouga, Agueda — 78; Ovar — 528; S. João de Loure, Albergaria-a-Velha — 74; Vale Maior, Albergaria-a-Velha — 78; Valongo, Agueda — 233
 Conceição (Maria Gomes da) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 350
 Conceição (Maria Josefa da) — Oiã, Oliveira do Bairro — 240
 Cordeira (Mariana) — Ois do Bairro, Anadia — 422
 Cordeiro (Luís) — Ois do Bairro, Anadia — 422
 Coronel (António Francisco) — Vagos — 514
 Corrales (António Miguel) — Aveiro — 172
 Corrales (João Bernardo da Rocha) — Aveiro — 172

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Corrales (P.^o João Pedro Miguéis)**, bacharel formado na Faculdade de Cânones, protonotário apostólico de S. Santidade e vigário da igreja de S. Julião de Cacia, Aveiro — 156; Aveiro — 156
- Corrales (Pedro Miguéis)**—Aveiro — 156
- Correia (Apolónia)** — Arrifana, Feira — 222; Feira — 222
- Correia (Isabel)**—Escariz, Arouca — 191
- Correia (Jerónimo)**, carpinteiro — 10
- Correia (João)** — Chave, Arouca — 320
- Correia (João Gonçalves)**—Mogofores, Anadia — 224
- Correia (João Rodrigues)**, ourives da prata em Lisboa — 191
- Correia (João de Sousa)**, alferes das Ordenanças — Mogofores, Anadia — 224
- Correia (João Tavares)** — Chave, Arouca — 274 e 547
- Correia (José)** — Codal, Vale de Cambra — 244
- Correia (José Bernardino)**, bacharel formado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra—Chave, Arouca, 320
- Correia (Luís)** — Vale Maior, Feira — 357
- Correia (Manuel)** — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 35; Sobrado, Castelo de Paiva — 35
- Correia (Manuel José)** — Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 383
- Correia (Maria)** — Arrifana, Feira — 222
- Correia (Maria das Neves)** — Oliveira de Azeméis — 445
- Correia (Mariana)**—Chave, Arouca — 320
- Correia (Martinho)** — Escariz, Arouca — 191
- Costa (Agostinho da)** — Lobão, Feira — 361
- Costa (P.^o Alberto Alvares da)**, presbítero do hábito de S. Pedro — Sanfins, Feira — 512
- Costa (Aleixo Borges da)** — Arrifana, Feira — 94
- Costa (Ana da)** — Barcouço, Mealhada — 24
- Costa (António da)**—Mouta, Anadia — 356
- Costa (António Gomes da)**, Familiar do S.^o Ofício—Burgo, Arouca — 115
- Costa (Catarina da)** — Aveiro — 150
- Costa (Dionísio da)** — Milheirós de Poiares, Feira — 512
- Costa (Domingos da)** — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 359
- Costa (Domingos Fernandes)** — Mouta, Anadia — 356
- Costa (Estêvão da)**—Feira—312; Fornos, Feira — 312; S. Felix da Marinha, Feira (actualmente do Conc. de V. N. de Gaia) — 6
- Costa (Eufémia da)** — Arouca — 7
- Costa (D. Francisca da)** — Arrifana, Feira — 94
- Costa (Francisco Alvares da)**, Familiar do S.^o Ofício — Sanfins, Feira — 512
- Costa (Gonçalo da)** — Feira — 1
- Costa (Jacinto)**, cirurgião de Hospital Real de Coimbra — 1
- Costa (Jerónimo Francisco da)**, escrivão dos contos e negócios dos Senados das Câmaras de Lisboa Ocidental e Oriental e seus termos — 14
- Costa (Jerónimo Pires da)** — 17
- Costa (Joana da)** — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 330; Feira — 311
- Costa (João da)** — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 330; Mozelos, Feira — 386; Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 330
- Costa (João da)**, cirurgião aprovado, morador em Lisboa — 66
- Costa (P.^o João de Almeida da)**, clérigo do hábito de S. Pedro, formado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra — 24
- Costa (João de Azevedo da)**, capitão — Paços de Brandão, Feira — 532; Rio Meão, Feira — 532
- Costa (P.^o João Correia da)**, reitor da igreja de S.^o Isidoro de Eixo, Aveiro — 65
- Costa (João Duarte da)**, tenente do Correio-mor — 79
- Costa (João Gomes da)**, piloto da carreira das Índias — 112
- Costa (P.^o João Gomes da)**, presbítero do hábito de S. Pedro, cónego da sé do Porto, formado nos Sagrados Cânones pela Universidade de Coimbra — 111
- Costa (João Travassos da)**—Ara-das, Aveiro — 316; S. Vicente de Pereiro, Ovar — 316
- Costa (Joaquim Inácio da)**, com

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- loja de bacalhau na Ribeira — 253
- Costa (Joaquim José da)** — 254
- Costa (José da)**, alferes de ordenanças — 355
- Costa (José da)**, mestre latoeiro — Mouta, Anadia — 356
- Costa (P.° José da)**, morador no Porto — 357
- Costa (José Alves da)**, homem de negócio na vila do Ribeirão do Carmo, Minas Gerais — Corte-gaça, Ovar — 293
- Costa (José Bernardo da)** — Oliveira de Azeméis — 55
- Costa (José Fernandes da)** — 386
- Costa (José Ferreira da)**, mercador na Rua Nova, Lisboa — 396
- Costa (José Francisco da)** — Arouca — 420; Burgo, Arouca — 420
- Costa (José Pereira da)**, homem de negócio em Lisboa — 491
- Costa (José da Silva)**, ex-capitão de navios e então com loja de correio em Lisboa — 540
- Costa (Josefa da)** — Sobrado, Castelo de Paiva — 35
- Costa (Lourenço da)** — Vagos — 514
- Costa (Manuel da)** — Oleiros, Feira — 531; Silva Escura, Sever do Vouga — 363; Vagos — 514
- Costa (P.° Manuel Francisco da)**, presbítero do hábito de S. Pedro — Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 262
- Costa (Manuel Gomes da)** — Várzea, Arouca — 111
- Costa (P.° Manuel Gomes da)**, — Burgo, Arouca — 115
- Costa (Maria da)** — Anta, Espinho — 345; Barcouço, Mealhada — 24; Cepelos, Vale de Cambra — 222; Milheirós de Poiares, Feira — 512; Nogueira da Regedoura, Feira — 345; Ovar — 222; Romariz, Feira — 39; Sanfins, Feira — 512; Sangalhos, Anadia — 202; Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 330
- Costa (Maria Moreira da)** — Souto, Feira — 563
- Costa (Mariana da)** — Nogueira da Regedoura, Feira — 345
- Costa (Mariana Prates da)** — Aveiro — 449; Vagos — 449
- Costa (Mónica da)** — Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis — 325
- Costa (Salvador da)** — Vagos — 413
- Costa (Sebastião da)** — Macieira da Alcoba, Águeda — 165
- Costa (Teresa da)** — Arouca — 420
- Couceiro (José Mendes)**, comissário para o Brasil — 471
- Couto (Francisco do)** — Olival, Feira (actualmente do conc.º do V. N. de Gaia) — 385
- Coutinho (Maria)** — Rocas de Vouga, Sever do Vouga — 367
- Coutinho (António de Moura)** — Esgueira, Aveiro — 318
- Coutinho (António das Neves)** — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 235
- Coutinho (Bernardo Caetano de Magalhães)**, capitão-mor de Ferreira de Aves e Familiar do S.º Ofício — Aveiro — 226 e 227
- Coutinho (D. Catarina Saraiva)** — Aveiro — 316
- Coutinho (D. Dionísia Antónia de Melo)** — Barcouço, Mealhada — 263 e 468
- Coutinho (D. Francisca)** — Sever do Vouga — 7
- Coutinho (Francisco Manuel)** — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 367
- Coutinho (Jerónimo de Magalhães)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo — Aveiro — 15
- Coutinho (Jerónimo de Magalhães)**, capitão-mor de Ferreira de Aves, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e Familiar do S.º Ofício — Aveiro — 226 e 227
- Coutinho (João Mourão)**, fidalgo da Casa de S. M.ª e cavaleiro professo do hábito de Cristo — 152
- Coutinho (José)** — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 367
- Coutinho (José Ferreira)** — 397
- Coutinho (Manuel de Sequeira)** — Esgueira, Aveiro — 318
- Coutinho (D. Margarida Tomásia)** — Vagos — 449
- Coutinho (Mateus)**, Oliveira do Bairro — 34
- Craсто (Manuel de)** — Lourosa, Feira — 249; Paços de Brandão, Feira — 249
- Craсто (Maria de)** — Lourosa, Feira — 249; Paços de Brandão, Feira — 531
- Cruz (Amaro da)** — Aguada de Cima, Águeda — 370
- Cruz (Antónia da)** — Aveiro — 93
- Cruz (Catarina da)** — Rossas, Arouca — 286

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Cruz (Domingos Fernandes da) — Ossela, Oliveira de Azeméis—229
- Cruz (Francisca da) — Aveiro — 205 e 372
- Cruz (Helena da) — Esgueira, Aveiro — 117 e 477
- Cruz (Isabel da) — Aveiro — 117 e 477
- Cruz (Soror Jacinta da), religiosa do Mosteiro de Jesus de Aveiro — 565
- Cruz (Jacinto de Matos e), bacharel formado pela Universidade de Coimbra — 4
- Cruz (Frei João da), religioso eremita de S.^{to} Agostinho da Província de Goa, mestre da Sagrada Teologia e lente de prima do Colégio de Goa — 72
- Cruz (João Ferreira da), mestre tanoeiro ao terreiro do Paço do Conde em Coimbra — 84
- Cruz (João da Fonseca da), bacharel pela Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra — Aveiro — 93
- Cruz (João Gonçalves da) — 117
- Cruz (João Rodrigues da) — Aveiro — 192
- Cruz (José da) — Luso, Mealhada — 441
- Cruz (José da), bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra — 369
- Cruz (P.^o Frei José da), religioso da Ordem dos Pregadores, apresentado em Teologia e lente de véspera no Real Convento da Batalha — 370
- Cruz (José Aires da), negociante no Rio de Janeiro — Rossas, Arouca — 286
- Cruz (José Martins da), mercador em S.^{to} António do Recife — 463
- Cruz (José Rodrigues da), ourives de ouro no Rio de Janeiro — Valongo, Águeda — 519
- Cruz (Manuel Fernandes da) — — Fornos, Feira — 271
- Cruz (B.^o Manuel Nunes da), juiz de fora de Alenquer, Familiar do S.^{to} Ofício — Aveiro — 93
- Cruz (Manuel Rodrigues da) — Valongo, Águeda — 519
- Cruz (Maria da) — Aveiro — 205, 214, 277, 441 e 549
- Cruz (Miguel da) — Aveiro — 277
- Cunha (António da) — Mogofores, Anadia — 101
- Cunha (Isabel da Fonseca da) — Vagos — 94 e 280
- Cunha (João da Fonseca da) — Arrifana, Feira — 94
- Cunha (João da Fonseca da), cavaleiro do hábito de Sant'Iago — Arrifana, Feira — 94; Vagos — 94
- Cunha (P.^o João de S. Francisco e), presbítero secular — 200
- Cunha (João Simões da) — Mogofores, Anadia — 101
- Cunha (José Inácio da), cirurgião da carreira da Índia — 432
- Cunha (Manuel da) — Salreu, Estarreja — 137
- Cunha (Maria Álvares da) — Mogofores, Anadia — 101
- Cunha (Nicolau da) — Pedorido, Castelo de Paiva — 200
- Cunha (Tomé da) — Estarreja — 137; Salreu, Estarreja — 137
- Deus (Lic.^o Gonçalo de) — Aveiro — 48
- Deus (Joana de) — Aveiro — 145
- Deus (João de) — Aveiro — 48 e 145
- Deus (João António de), cirurgião — Ilhavo — 33
- Deus (Mariana de) — Aveiro — 145
- Dias (Águeda) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 57
- Dias (Ana) — Aveiro — 214
- Dias (André) — Lourosa, Feira — 473
- Dias (André), o «Baló» — Fermelã, Estarreja — 246
- Dias (Antónia) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 387; Aveiro — 113 e 358
- Dias (António) — Aveiro — 205, 277, 441 e 549; Cucujães, Oliveira de Azeméis — 95; Mogofores, Anadia — 382; Silva Escura, Sever do Vouga — 376; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 57
- Dias (Catarina) — Santiago de Beduído, Estarreja — 89
- Dias (Domingos) — Canedo, Feira — 149; Nogueira do Cravo, Oliveira de Azeméis — 306
- Dias (Domingos) — Arcos, Anadia — 216; Mafamude, Feira (actualmente conc.^o de V. N. de Gaia) — 118; Mosteirô, Feira — 222; Salreu, Estarreja — 458; S.^{ta} Eulália, Arouca — 14 e 431; Santiago de Beduído, Estarreja — 89
- Dias (P.^o Domingos), clérigo de

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- missa — S.^{ta} Eulália, Arouca — 14 e 431
- Dias (Engrácia) — Eixo, Aveiro — 372
- Dias (Filipe) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 117 e 477; Sobrado, Castelo de Paiva — 511
- Dias (Filipe), o «Monelo» — Angeja, Albergaria-a-Velha — 477
- Dias (Francisca) — Arouca — 287; Barcouço, Mealhada — 219; Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 375; Romariz, Feira — 287
- Dias (Francisco) — Arcos, Anadia — 201; Aveiro — 145; Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 326; Tamengos, Anadia — 201
- Dias (Francisco), o «Robalo», marinho — Cacia, Aveiro — 127
- Dias (Gaspar) — Ovar — 222
- Dias (Heitor) — Oliveira de Azeméis — 166
- Dias (Helena) — Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 375
- Dias (Henrique) — Avanca, Estarreja — 89
- Dias (Lic.^o Inácio) — Arcos, Anadia — 126; Esgueira, Aveiro — 126 e 421
- Dias (Isabel) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 515; Aveiro — 192 e 554; Esgueira, Aveiro — 515; Fermelã, Estarreja — 87; Macinhata do Vouga, Agueda — 192; Travanca, Oliveira de Azeméis — 398; Ul, Oliveira de Azeméis — 398; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 57
- Dias (Joana) — Fermelã, Estarreja — 246
- Dias (João) — Santiago de Beduído, Estarreja — 89
- Dias (João), lavrador — Válega, Ovar — 63
- Dias (José)**, confeiteiro — Silva Escura, Sever do Vouga — 374
- Dias (José da Costa)**, cereeiro em Lisboa — 361
- Dias (José Francisco)** — Ilhavo — 413
- Dias (Luísa) — Aveiro — 158
- Dias (Manuel) — Albergaria-a-Velha — 267; Angeja, Albergaria-a-Velha — 246; Aveiro — 19 e 20; Barcouço, Mealhada — 219; Fermelã, Estarreja — 423; Gião, Feira — 390; Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 375; Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 375; Silva Escura, Sever do Vouga — 374; Tamengos, Anadia — 219; Vale Maior, Albergaria-a-Velha — 267
- Dias (Manuel), mestre ferreiro — Angeja, Albergaria-a-Velha — 387
- Dias (Manuel), o «Aguços» — Arouca — 146
- Dias (Manuel Francisco) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 17
- Dias (Marcos) — Oliveira de Azeméis — 313
- Dias (Maria) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 110; Arcos, Anadia — 216 e 499; Aveiro — 192; Burgo, Arouca — 115; Esgueira, Aveiro — 317 e 515; Estarreja — 184; Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis — 383; Milheirós de Poiares, Feira — 383; Mogofores, Anadia — 224; Mosteirô, Feira — 222; Oliveira de Azeméis — 47; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 113; Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 72; Santiago de Beduído, Estarreja — 89; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 383; S. Martinho da Gândara, Oliveira de Azeméis — 383; Sever do Vouga — 72; Silva Escura, Sever do Vouga — 376; Valongo, Agueda — 159
- Dias (Maria), a «Parola» — Fermelã, Estarreja — 246
- Dias (Mariana) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Dias (Marta) — Esgueira, Aveiro — 91
- Dias (Mateus) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 110; Esgueira, Aveiro — 421
- Dias (Miguel) — Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 375; Salreu, Estarreja — 131
- Dias (Pero) — Cacia, Aveiro — 127
- Dias (Tomé) — Santiago de Beduído, Estarreja — 89
- Domingues (Agueda) — Anta, Espinho — 388 e 415
- Domingues (André) — Cacia, Aveiro — 537
- Domingues (Antónia) — Valongo, Agueda — 176
- Domingues (António), lavrador — Silvalde, Espinho — 295
- Domingues (António), o «Beijo» — Macinhata do Vouga, Agueda — 78
- Domingues (Catarina) — Fermentelos, Agueda — 104

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Domingues (Clara) — Macieira de Alcoba, Agueda — 165
- Domingues (Francisco) — Paramos, Espinho — 497; S. Félix da Marinha, Feira (actualmente do conc.º de V. N. de Gaia) — 497
- Domingues (Gonçalo) — Anta, Espinho — 415
- Domingues (Isabel) — Anta, Espinho — 415
- Domingues (D. Isabel) — Palmaz, Oliveira de Azeméis — 113; Silva Escuro, Sever do Vouga — 113
- Domingues (João) — Arouca — 287; Mansores, Arouca — 287; Paradela, Sever do Vouga — 77; Ribeira de Fráguas, Albergaria-a-Velha — 113; Silva Escuro, Sever do Vouga — 113
- Domingues (João), o «Idanhas» — Anta, Espinho — 485
- Domingues (Manuel) — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 367
- Domingues (Manuel), o «Negro» — Macinhata do Vouga, Agueda — 78
- Domingues (Maria) — Albergaria-a-Velha — 197 e 298; Anta, Espinho — 415; Mafamude, Feira (actualmente do conc.º de V. N. de Gaia) — 118; Pardelhas, Murtosa — 98; Tamengos, Anadia — 201; Vagos — 514; Veiros, Estarreja — 459
- Domingues (Maria), a «Velha» — Vagos — 514
- Domingues (Miguel) — Oiã, Oliveira do Bairro — 248 e 541
- Dornas (Francisco Fernandes) — Ovar — 528
- Dornas (Manuel Fernandes) — Ovar — 253
- Duarte (Ana) — Carregosa, Oliveira de Azeméis — 394; Vila Chã, Vale de Cambra — 394
- Duarte (André) — Esgueira, Aveiro — 91
- Duarte (Catarina) — Carregosa, Oliveira de Azeméis — 394
- Duarte (Isabel) — Valongo, Agueda — 193; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Duarte (João)** — Agadão, Agueda — 78
- Duarte (João) — Castanheira do Vouga, Agueda — 78 e 378
- Duarte (João Francisco)**, mercador em Coimbra — 102
- Duarte (João Rodrigues)**, comissário do correio no Rio de Janeiro — Valongo, Agueda — 193
- Duarte (P.º José)** — Agadão, Agueda — 378
- Duarte (P.º José), notário do S.º Ofício — Agadão, Agueda — 78
- Duarte (Luzia) — Luso, Mealhada — 441
- Duarte (Manuel) — Luso, Mealhada — 441
- Duarte (Maria) — Agadão, Agueda — 78 e 378; Aveiro — 19 e 20; Castanheira do Vouga, Agueda — 78 e 378; Real, Castelo de Paiva — 343
- Duarte (Miguel) — Aveiro — 441 e 549; Esgueira, Aveiro — 205 e 277
- Duarte (Teresa) — Luso, Mealhada — 441
- Duarte (Teresa Maria) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Eça (D. Angélica de Almeida de) — Esgueira, Aveiro — 318
- Eça (Jorge Botelho de)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, juiz dos Direitos Reais e escrivão da Câmara e Almotacarias da vila de Aveiro — 280
- Eça (José Pimenta de)** — 500
- Epifânio (José)**, morador no Recife de Pernambuco — 381
- Escobar (Jácome de Barros de) — Arouca — 317
- Esperança (Manuel Fernandes da) — Aveiro — 113
- Esperança (Maria da) — Aveiro — 113
- Espírito Santo (José Tavares do)** — 557
- Espírito Santo (Maria Correia do) — Sardoura (S.ª Maria), Castelo de Paiva — 440
- Espírito Santo (Mariana Francisca do) — Milheirós de Poiares, Feira — 383; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 383
- Estêvão (António João) — Agueda — 165
- Estêvão (António José) — Agueda — 165
- Estêvão (João Pinheiro)** — Agueda — 165
- Esteves (João) — Loure, Albergaria-a-Velha — 529
- Esteves (João de Seabra)**, ourives de prata em Lisboa — 207
- Esteves (João Simões) — Oiã, Oliveira do Bairro — 104

- Esteves (José)**, boticário — Vila Nova de Monsarros, Anadia—382
- Esteves (Maria)** — Aveiro — 91; Esgueira, Aveiro — 91
- Estima (António Francisco)** — Espinhel, Águeda — 251
- Estima (Joaquim Francisco)**—Espinhel, Águeda — 251; Valongo, Águeda — 251
- Estima (Tomás Francisco)** — Espinhel, Águeda — 251
- Facaia (Ana)** — Vacariça, Mealhada — 551; Luso, Mealhada — 551
- Fanjo (António Ferreira)** — Sanfins, Feira — 401
- Faria (João da Fonseca)**, mercador na cidade da Baía—Cucujães, Oliveira de Azeméis — 95
- Faria (Dr. José Martins de)**, presbítero do hábito de S. Pedro, graduado nos Sagrados Cânones pela Universidade de Coimbra e escrivão da Câmara Eclesiástica do Bispo do Funchal—464
- Faro (António Rangel Varela de Quadros e)**—Aveiro—179; Ihavo — 172
- Feira (Conde da)** — Feira — 16
- Feira (Conde da), D. Manuel Pimentel** — Feira — 281
- Feira (8.ª Conde da), D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel, Familiar do S.º Ofício** — Feira — 281
- Feira (Condessa da)** — Feira — 12
- Feira (6.ª Condessa da), D. Joana Forjaz Pereira** — Feira — 281
- Feira (P.º Mestre Frei António da), Qualificador do S.º Ofício** — Arrifana, Feira — 337
- Félix (José Ferreira)** — Travanca, Oliveira de Azeméis — 398
- Félix (José Ferreira)** — Espinhel, Águeda — 399; Ihavo — 399
- Fernandes (Ana)**—Aveiro — 145; Bairros, Castelo de Paiva — 352; Barcouço, Mealhada — 81; Esgueira, Aveiro — 277; Feira — 248 e 436; Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 375; Vacariça, Mealhada — 57
- Fernandes (Anastácia)** — Fornos, Feira — 222
- Fernandes (André)**—Aveiro — 358; Rossas, Arouca — 234
- Fernandes (Andresa)** — Pardelhas, Murtosa — 98
- Fernandes (Antónia)**—Arcos, Anadia — 99; Esgueira, Aveiro—537; S. João da Madeira — 184; Vila Nova de Monsarros, Anadia—261
- Fernandes (António)** — Águeda — 339; Alvarenga, Arouca — 522
- Arcos, Anadia—99; Arouca—491; Aveiro — 91; Feira—1; Nogueira do Cravo, Oliveira de Azeméis—306; Roge, Vale de Cambra — 91; S.ª Eulália, Arouca — 250**
- Fernandes (Apolónia)** — Madail, Oliveira de Azeméis — 30
- Fernandes (Bárbara)**—Tamengos, Anadia — 499
- Fernandes (Bartolomeu)** — Aveiro — 175; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 383; Tamengos — Anadia — 99
- Fernandes (Belchior)**—Gião, Feira — 79; Loureiro, Oliveira de Azeméis — 220
- Fernandes (Bento), o «Galego»** — Barcouço, Mealhada — 75
- Fernandes (Briolanza)**—Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 112
- Fernandes (Catarina)** — Aveiro — 19 e 20; Burgo, Arouca — 535; Lourosa, Feira — 279; Real, Castelo de Paiva — 39; Sanguedo, Feira — 389; S.ª Eulália, Arouca — 535; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis—30; S. João de Ver, Feira — 331; Sobrado, Castelo de Paiva — 39
- Fernandes (Cristóvão)** — Ovar — 539;
- Fernandes (Custódio)** — Aradas, Aveiro — 358; Aveiro—91 e 358
- Fernandes (Domingas)** — Angeja, Albergaria-a-Velha — 199; Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 168; Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 502
- Fernandes (Domingos)** — Cortegaça, Ovar — 508; Esgueira, Aveiro — 91; Gião, Feira — 390; Ossela, Oliveira de Azeméis — 229; Ovar — 213 e 496; Rossas, Arouca — 443; Sanguedo, Feira — 389; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 262; Ul, Oliveira de Azeméis — 398
- Fernandes (Domingos), o «Penacho», oleiro** — Aveiro — 526
- Fernandes (Estêvão)** — Vila Chã, Vale de Cambra — 487
- Fernandes (Eulália)**—Mouta, Anadia — 516
- Fernandes (Francisca)** — Oliveira

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- de Azeméis—342; Rossas, Arouca — 443; Tropeço, Arouca — 443
- Fernandes (Francisco)** — Burgo, Arouca—535; Casal Comba, Mealhada — 221; Fornos, Feira—337; Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 166
- Fernandes (Geraldo)** — Valongo, Águeda — 339
- Fernandes (Gonçalo)** — Branca, Albergaria-a-Velha — 22; Carregosa, Oliveira de Azeméis — 460; Fermelã, Estarreja—22; Fornos, Feira — 222
- Fernandes (Gonçalo)**, mestre azulizador — Carregosa, Oliveira de Azeméis — 340
- Fernandes (Gregório)** — Aveiro — 204; Oliveira de Azeméis — 204
- Fernandes (Isabel)** — Aguada de Cima, Águeda — 144; Anta, Espinho — 415; Arcos, Anadia — 397; Aveiro — 205; 277, 441 e 549; Avelãs de Cima, Anadia — 406; Fermelã, Estarreja — 129 e 184; Romariz, Feira — 100; S.^{ta} Eulália, Arouca — 66; S. João da Madeira — 460
- Fernandes (Jerónimo)**, o «Manco» — Ilhavo — 399
- Fernandes (Joana)** — Feira — 248; Junqueira, Vale de Cambra — 367; Ovar — 528
- Fernandes (João)**—Anta, Espinho — 425; Arouca — 51; Aveiro—145; Fervedo, Arouca — 562; Mouta, Anadia — 356; Mozelos, Feira — 386; Oliveira de Azeméis — 89; Santiago de Beduído, Estarreja — 89; Vilar de Paraiso, Feira — (actualmente do conc. de V. N. de Gaia) — 365
- Fernandes (Jorge)** — Aveiro — 19 e 20
- Fernandes (José)** — Aveiro — 306; Cedrim, Sever do Vouga — 344
- Fernandes (José)** — Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 383
- Fernandes (José Marques)**, negociante no Brasil — 460
- Fernandes (Josefa)** — S. Martinho da Gândara, Oliveira de Azeméis — 426
- Fernandes (Luís)**, alferes — Eixo, Aveiro — 185
- Fernandes (Luísa)** — Avelãs de Cima, Anadia — 527; Ilhavo — 399
- Fernandes (Manuel)** — Arada — Ovar — 447; Aveiro — 175, 205, 277, 289, 441 e 549; Burgo, Arouca — 491 e 535; Fermelã, Estarreja — 129; Gião, Feira — 390; Guisande, Feira — 154; Lourosa, Feira — 138; Maceda, Ovar—151; Madail, Oliveira de Azeméis—30; Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 108; Romariz, Feira — 154; Salreu, Estarreja — 289; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 383; S. Martinho da Gândara, Oliveira de Azeméis — 383; Vacariça, Mealhada — 121; Ventosa do Bairro, Mealhada — 393; Vila-rinho do Bairro, Anadia — 224 e 486
- Fernandes (Manuel)**, o «Baeta» — Aveiro — 358
- Fernandes (P.^o Manuel)**, sacerdote do hábito de S. Pedro, Familiar do S.^{to} officio — Aveiro — 358
- Fernandes (Marcos)** — Macinhata do Vouga, Águeda — 558; Vale Maior, Albergaria-a-Velha — 558
- Fernandes (Margarida)** — Aguada de Cima, Águeda—377; Esmoriz, Ovar — 446
- Fernandes (Maria)** — Aguada de Cima, Águeda—201 e 406; Antas, Espinho — 415; Arcos, Anadia — 99, 492 e 544; Burgo, Arouca — 535; Carregosa, Oliveira de Azeméis — 460; Cartegaça, Ovar — 151; Feira — 395; Lobão, Feira — 100; Lourosa, Feira — 249; Luso, Mealhada — 430; Maceda, Ovar — 151; Mouta, Anadia — 492, 520 e 521; Oliveira de Azeméis — 166; Oliveira do Bairro — 284; Ossela, Oliveira de Azeméis — 229; Ovar — 496 e 539; Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 375; Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha—283 Rio Meão, Feira — 83; Rossas, Arouca — 331 e 535; S. João de Ver, Feira — 331; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 544; Souto, Feira — 222; Vacariça, Mealhada — 430; Valongo, Águeda — 171; Vila Chã, Oliveira de Azeméis— 85; Vila Nova de Monsarros — 99
- Fernandes (Mariana)** — Vagos — 514
- Fernandes (Nicolau)**—Aveiro—145
- Fernandes (Páscoa)** — Oiã, Oliveira do Bairro — 59

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Fernandes (Pascoal) — Vacariça, Mealhada — 392; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 392
- Fernandes (Pedro) — Agueda — 409; Avelãs de Cima, Anadia — 406; Burgo, Arouca — 66; Eixo, Aveiro — 185; Feira — 248 e 436; Mogofores, Anadia — 409; Oliveirinha, Aveiro — 141; Valongo, Agueda — 285
- Fernandes (Pedro), alfaiate — Avelãs de Cima, Anadia — 406
- Fernandes (Pedro), lavrador — Real, Castelo de Paiva — 39
- Fernandes (Sebastião) — Aveiro — 91; Esgueira, Aveiro — 91; Valongo, Agueda — 177 e 202
- Fernandes (Senhorinha) — Aveiro — 159; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis—159
- Fernandes (Simão)—Aveiro—192; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 421; Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 222
- Fernandes (Simão), carpinteiro — Luso, Mealhada — 430
- Fernandes (Susana) — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 562
- Fernandes (Teresa) — Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 383
- Fernandes (Violante) — Real, Castelo de Paiva — 39
- Fernandes (Vitória) — Arões, Vale de Cambra — 367; Junqueira, Vale de Cambra — 367
- Ferra (Ana) — Aveiro — 205; Esgueira, Aveiro — 205
- Ferraz (Ana) — Aveiro — 441; Esgueira — 441 e 549
- Ferraz (Brites de Gois) — Lamas do Vouga — Agueda — 233
- Ferraz (Filipe) — Aveiro — 97
- Ferraz (João Lopes)**, homem de negócio no Porto — 128
- Ferraz (José Barreto)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo — Aveiro — 316
- Ferraz (Maria) — Aveiro — 97
- Ferreira (Ana) — Raiva, Castelo de Paiva — 373; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391 e 392
- Ferreira (Andresa) — Mealhada — 224
- Ferreira (Antónia) — Castanheira do Vouga — 78 e 378; Espinhel, Agueda — 251
- Ferreira (António) — Espinhel, Agueda — 399; Mealhada — 224;
- Oliveira do Bairro — 402; Recardães, Agueda — 82; Travanca, Feira — 396
- Ferreira (António), ourives da prata em Coimbra — Avelãs do Caminho, Anadia — 10
- Ferreira (António Pinto) — Fiães, Feira — 266
- Ferreira (Bárbara) — Eixo, Aveiro — 362
- Ferreira (Cristóvão) — Avelãs do Caminho, Anadia — 186
- Ferreira (David Soares) — Alvarenga, Arouca — 301
- Ferreira (Diogo) — S.^{ta} Eulália, Arouca — 66
- Ferreira (Domingos)—Feira—395; Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 166; Oliveira de Azeméis — 166
- Ferreira (Domingos) Albergaria-a-Velha — 417; Carregoso, Oliveira de Azeméis—561; Cucujães, Oliveira de Azeméis — 330; Vagos — 86
- Ferreira (Esperança) — Mealhada — 160 e 492; Ovar — 160
- Ferreira (Felíciana) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391 e 392
- Ferreira (Félix) — Travanca, Oliveira de Azeméis — 398; Ul, Oliveira de Azeméis — 398
- Ferreira (Francisca da Cruz Leitão) — Aveiro — 44 e 549
- Ferreira (Francisco) — Burgo, Arouca—66; Fermentelos, Agueda — 452; Mealhada—405; Ois da Ribeira, Agueda — 452; Vacariça, Mealhada — 405
- Ferreira (Francisco Alvares), Familiar do S.^{to} Officio e sargento-mor da vila de Ovar — 26
- Ferreira (Francisco Pinto) — Louredo, Feira — 523
- Ferreira (Giralda) — Espinhel, Agueda — 399
- Ferreira (Gonçalo)—Burgo, Arouca — 66
- Ferreira (Isabel) — Espinhel, Agueda—82; Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis — 29; S. João da Madeira—29; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 392
- Ferreira (Jerónimo) — Rio Meão, Feira — 83
- Ferreira (Joana) — Espinhel, Agueda — 251 e 399; Feira — 436; Fervedo, Arouca — 215 e

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- 550; Rio Meão, Feira — 83, Valongo, Agueda — 37
- Ferreira (Joana Marques) — Albergaria-a-Velha — 417
- Ferreira (João) — Arouca — 420; Burgo, Arouca — 66; Carregosa, Oliveira de Azeméis — 320
- Ferreira (João), capitão e Familiar do S.^{to} Ofício — Vagos — 413
- Ferreira (João), lavrador — Oliveira do Bairro — 84
- Ferreira (P.^o João de Adrião)**, sacerdote do hábito de S. Pedro — Aveiro — 20
- Ferreira (João Alvares)** — 26 e 27
- Ferreira (João Alvares) — Esmoriz, Ovar — 27
- Ferreira (P.^o João Alvares da Costa)** — Vacariça, Mealhada, 25
- Ferreira (João António) — Oliveira do Bairro — 402
- Ferreira (João Pinto) — Fiães, Feira — 266
- Ferreira (João Rodrigues)**, capitão — Valongo, Agueda — 194
- Ferreira (João dos Santos) — Vila Maior — Feira — 534
- Ferreira (Joaquim Pinto)**, de Recife de Pernambuco — 266
- Ferreira (Jorge) — Raiva, Castelo de Paiva — 373
- Ferreira (Jorge de Oliveira) — Louredo, Feira — 26
- Ferreira (José)** — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391
- Ferreira (José) — Burgo, Arouca — 65; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 392
- Ferreira (José)** — lavrador — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 392
- Ferreira (José)**, livreiro em Coimbra — 393
- Ferreira (José)**, seleiro em Lisboa — 394
- Ferreira (José Afonso)** — Valongo, Agueda — 285
- Ferreira (P.^o José António Mendes)**, presbítero secular do hábito de S. Pedro e pároco colado da igreja de S. João de Pinheiro, Castro Daire — Alvarenga, Arouca — 301
- Ferreira (José Caetano)** — Cucujães Oliveira de Azeméis — 330
- Ferreira (José da Costa)**, negociante — Eixo, Aveiro — 362
- Ferreira (José Damásio)**, oficial dos Armazéns da Guiné e Índia — 373
- Ferreira (José de Santiago)**, te-
mente em Torquim, Mariana, Brasil — Guisande, Feira — 534
- Ferreira (Luísa) — Lourosa, Feira — 138
- Ferreira (Madalena) — Eixo, Aveiro — 362
- Ferreira (Manuel) — Agueda — 82; Albergaria-a-Velha — 427 e 558; Arcos, Anadia — 397; Carregosa, Oliveira de Azeméis — 394; Feira — 395; Mealhada — 405; Recardães, Agueda — 84; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 247; S. João de Ver, Feira — 395; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391 e 392
- Ferreira (Manuel), Familiar do S.^{to} Ofício — Oliveira de Azeméis — 55
- Ferreira (Manuel), o «Gordo» — Albergaria-a-Velha — 533
- Ferreira (Rev. Dr. Manuel de Oliveira), Comissário do S.^{to} Ofício e reitor da igreja de S. Miguel de Oliveira de Azeméis — 26
- Ferreira (Maria) — Avanca, Estarreja — 61; Avelãs do Caminho, Anadia — 186; Cucujães, Oliveira de Azeméis — 330; Eixo, Aveiro — 255; Espinhel, Agueda — 82; Ilhavo — 355; Ois da Ribeira, Agueda — 452; Pigeiros Feira — 13; Sangalhos, Anadia — 186; Ul, Oliveira de Azeméis — 398; Vacariça, Mealhada — 25; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 25
- Ferreira (Maria Antónia) — Esqueira, Aveiro — 22
- Ferreira (Maria Tavares) — Agueda — 93; Arcos, Anadia — 93 e 455
- Ferreira (Matias) — Fiães, Feira — 536
- Ferreira (Miguel) — Barcouço, Mealhada — 24
- Ferreira (Pascoal) — Oliveira de Azeméis — 166; Ul, Oliveira de Azeméis — 166
- Ferreira (Pedro) — Albergaria-a-Velha — 558; Arcos, Anadia — 397
- Ferreira (Petronila) — Valongo, Agueda — 409
- Ferreira (Sebastiana) — Mealhada — 356
- Ferreira (Sebastião), capitão — Oliveira do Bairro — 58
- Ferreira (Teresa) — Mealhada — 356
- Ferreira (Tomé), lavrador — Oliveira do Bairro — 84
- Figueira (Bernardo), Familiar do

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- S.^{to} Officio—Salreu, Estarreja — 220
- Figueira (Domingos)—Salreu, Estarreja — 220
- Figueira (Helena) — Avanca, Estarreja — 89; Salreu, Estarreja — 89
- Figueira (Maria) — Avanca, Estarreja — 178; Salreu, Estarreja — 178
- Figueiredo (Ascenço Gonçalves de) — Eixo, Aveiro — 372
- Figueiredo (Antónia de) — Aveiro — 413; Vagos — 413
- Figueiredo (D. Caetana Maria de) — Águeda — 170 e 507
- Figueiredo (D. Clara de Pinho e) — Vagos — 144
- Figueiredo (D. Francisca de)—Barcouço, Mealhada — 518
- Figueiredo (Dr. Francisco de), Familiar do S.^{to} officio — Barcouço, Mealhada — 518
- Figueiredo (Gabriel), ourives da prata em Aveiro — 91; Salreu, Estarreja — 91
- Figueiredo (João de) — Salreu, Estarreja — 89
- Figueiredo (João de)**, escrivão do público na vila de Estarreja—89; Santiago de Beduído, Estarreja — 89
- Figueiredo (João de)**, mercador e prebendado do Mosteiro de S.^{ta} Cruz de Coimbra — 90
- Figueiredo (Joaquina Leocádia da Veiga e) — Ilhavo — 33
- Figueiredo (José de)** — 406
- Figueiredo (José de Almeida de)** — Aveiro — 289
- Figueiredo (José Gonçalves de) — Eixo, Aveiro — 372
- Figueiredo (José das Neves de)**, pintor — 476
- Figueiredo (L.^o Julião de)**, ex-juiz de fora em Castelo Novo e Lamego — Aveiro — 565
- Figueiredo (D. Luísa Maria Pinheiro de Carvalho e) — Águeda — 448
- Figueiredo (Madalena de)—Aveiro — 142

(Continua)

bibRIA

JORGE HUGO PIRES DE LIMA

r.^o Conservador do Arq. Nac. da Torre do Tombo

UA/CC
N. ^o 957
Data 12/1/1982

NO SIGNO DOS «ESTRANGEIRADOS»

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES

NATURAL DE AVEIRO

SÓCIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE PARIS
E DA REAL SOCIEDADE DE LONDRES

(1722-1790)

(Continuado de pág. 109)

bibRIA

8 — «HOMO SARIENS» E «HOMO FABER»

O sábio só o é de verdade, quando faz adiantar a ciência que professa, com inéditas invenções, com insuspeitadas descobertas, com a correcção de erros que andavam em circulação. JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES conciliou estes dois aspectos: inventou e descobriu novos aparelhos de laboratório e reformou outros no sentido de os tornar mais expeditos. Foi menos um erudito — como quem diz um depositário e veiculador da ciência alheia — do que, principalmente, um espirito inovador.

E é isto tanto mais notável quanto é certo o Português não ter primado pelo génio inventivo. Defeito ingénito, fatalidade inelutável, ou, pelo contrário, o resultado de o Português ter tido à sua volta um somatório de circunstâncias pouco catalisadoras da sua inteligência? Quer-nos parecer que a ausência desse somatório de circunstâncias é que faz que o Português não dê a justa medida das suas possibilidades criadoras. Em Portugal, quase sempre faltaram os incentivos. O nosso jeito peculiar é desdenhar de quem tenha merecimentos. Como se fôssemos um rebanho de mediocres, não toleramos quem nos sobreleve. Não nos

cansamos de fazer salamaleques aos estrangeiros. Mas fazemos a campanha do silêncio e, por vezes, até a da calúnia, quando surgem nacionais com real talento. Somos ingratos na conservação do registo daquilo que os nossos originais compatriotas criaram. Fomos notáveis — sem sombra de favor o dizemos — na época dos Descobrimentos. «Mas ainda neste ponto (afirma SOUSA VITERBO), sendo tantos os documentos registados nos anais da geografia a atestar a nossa pasmosa actividade, foi tão grande o nosso desleixo, que não conservamos nenhum daqueles instrumentos de que os nossos nautas se serviam nas suas longas e perigosas derrotas. No entanto ficámos sabendo, pelos livros de D. João de Castro e do Dr. Pedro Nunes, que ANTÓNIO GONÇALVES, o engenheiro, era dos mais hábeis construtores de aparelhos náuticos que existiam na Europa, alguns dos quais, como o instrumento *das sombras*, eram de sua invenção. E este não é o único exemplo a citar. BARTOLOMEU VELHO, foi um dos mais insignes cosmógrafos do século XVI, mas descontente da corte portuguesa, foi ao rei de França oferecer os seus serviços, apresentando-lhe uma longa lista das suas invenções. E foi há muito pouco tempo que o aparecimento de um manuscrito nos veio revelar a extraordinária aptidão deste cosmógrafo, mencionado, sim, na *Biblioteca Lusitana*, mas de um modo tão escasso, que mal nos faria suspeitar do seu merecimento. E como este, quantos outros não terão passado ao rol do esquecimento, vítimas da nossa incúria, do desdém e quase desprezo que temos por tudo quanto é nacional, daquele *não vale a pena*, que é tão característico da nossa índole!» (1)

Sempre solícitos em registar o fragor das batalhas, a ressonância das conquistas militares, a acção dos missionários, a descrição das novas terras e gentes que descobrimos, mal nos lembrámos de memorar os valores espirituais dos que se notabilizaram por alguma originalidade no mundo das ciências experimentais.

*

* *

O Português não é menos inteligente que os outros povos. Sempre que vai ao estrangeiro, onde encontra meio propício a notabilizar-se, não deixa os seus créditos por mãos alheias.

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES — estamos em dizê-lo —, se tem ficado em Portugal, é provável que nada tivesse inventado, ou descoberto. Foi o *clima* estrangeiro que lhe catalisou, de maneira positiva, a sua *vis* criadora.

(1) SOUSA VITERBO, *Inventores portugueses*, págs. 11-12, Coimbra, 1902.

*
* *

JOÃO JACINTO caiu na Inglaterra como peixe na água. Dir-se-ia que já ali entrara com costela moral e psicológica inglesa. Ele próprio fala da «grande analogia que encontro entre o carácter desta nação e o meu». O Inglês tinha declarada simpatia pelas ciências experimentais, pelo fabrico dos instrumentos de precisão? Pois também ele. A sua natural vocação de *homo faber*, engenheiro ou engenheirante encontrava na Inglaterra o *clima* ideal para seguir de vento em popa.

*
* *

J. J. MAGALHÃES foi umas das mais vivas curiosidades intellectuais do seu tempo. Inteligência polifacetada, não o interessaram apenas as linguas clássicas, todas as ciências o interessavam, sobretudo a física e a astronomia. Mas o que particularmente o notabilizou foi o seu espirito inventivo, introduzindo, no instrumental de laboratório e de observação astronómica, melhorias de ordem funcional, que lhe deram fama europeia. Melhorou a pêndula astronómica, a balança, o barómetro, o sextante... Em toda a aparelhagem que passasse pelas suas mãos privilegiadas ele lobrigava insuficiências que mereciam correcção — no sentido da funcionalidade e do rigor científico —, e para todas congeminou as transformações necessárias, logo concretizadas, mercê do seu génio construtor.

*
* *

JOÃO JACINTO, por virtude do seu saber no dominio das ciências physico-matemáticas, e da perícia que revelara na invenção de instrumental científico, foi consultado pela fina flor dos sábios europeus, com os quais manteve assídua e substanciosa correspondência epistolar. Na Inglaterra, em Paris e, afinal, por toda a Europa culta, a sua palavra foi quase oracular. As suas viagens de Londres a Paris, e inversamente, ele as fez com a assiduidade possível. E não as teria feito mais vezes, porque a travessia do *Canal* era tormentosa. Como quer que seja, eram sempre viagens relacionadas com a sua primordial actividade de

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

homem perdido e achado no fabrico, modificação e manejo de aparelhagem de laboratório.

Algumas das suas cartas, como é natural, aludem a esse vaivém de recovagem científica entre Londres e Paris.

A propósito, escreveu RICARDO JORGE:

«Tenho aqui à mão uma carta de MAGALHÃES, datada de Londres a 1-XI-74, endereçada a DUCHENNE, secretário de TRUDAINE DE MONTIGNY — alto personagem, na sua qualidade de intendente geral de finanças, director das pontes e calçadas e membro honorário da Academia das Ciências. Estava em ablativo de viagem para Paris, mandando adiante seis caixas de livros e instrumentos (lunetas astronómicas, sextantes, cronómetros e mais ferramenta). Trazia para a Academia das Ciências as *Philosophical Transactions*, oferecidas pela Real Sociedade de Londres e dois dos novos sextantes de sua invenção, próprios para marear, assim como basta encomenda consignada a nomes mais ou menos preclaros. Cá temos o nosso Dr. SANCHES, seu predilecto amigo, inscrito com pacotes de livros e macinhos de simplices da Índia; o sábio gostava muito desta medicaria rara que gostosamente distribuía pelos seus pares em saber e curiosidade» (1).

Dá, pois, esta carta, notícia de uma das saltadas de JOÃO JACINTO a Paris. Noutra carta, se dá notícia da sua estada em Paris, em 1778, «pour revoir mes anciens amis et faire arranger sous mes yeux quelques instruments astronomiques que je leur ai envoyé de Londres et qui avaient souffert dans le transport.»

Nesse ano de 78, precisamente, JOÃO JACINTO faz uma visita a ROUSSEAU, em Ermenonville, acompanhado do médico LE BÈGUE DE PRESLE. ROUSSEAU morre nesse ano: e nesse mesmo ano morre também o príncipe CARLOS DE ARENBERG, a quem o nosso compatriota ficara devendo numerosas atenções. E foi para LUÍS D'ARENBERG, filho do seu devotado protector, cego aos 24 anos de idade, que MAGALHÃES engenhou um relógio que dava horas, quartos, minutos, dias do mês, da lua, etc.» Uma maravilha de mecânica horológica — diz RICARDO JORGE, nossa fonte destas informações (2).

(1) *A Medicina Contemporânea*, 2.ª série, pág. 6, vol. de 1910.

(2) A. SOUSA PINTO é mais minucioso. Diz do relógio: «Bate as horas, os quartos, os minutos e os segundos; repete, quando se queira, horas, quartos e minutos; dá sonoramente o dia da semana, o dia do mês, o dia da lua; tem despertador; tem marcha silenciosa; podem suprimir-se todos os sinais sonoros quando se queira; não tem paragem ou recuo da agulha dos segundos, quando se dá corda.»

Dado o engenho inventivo de MAGALHÃES e sabido como eram hábeis os relojoeiros ingleses, acredita-se que este relógio fosse, com efeito, um primor de relojoaria. (*A vida e a obra de João Jacinto de Magalhães*, págs. 22-23, Porto, 1931).

*

Em 1784, está JOÃO JACINTO, novamente, em Paris. E, desta vez, aqui estaciona dois anos completos. Razão desta demora: veio ao continente buscar lenitivo para as suas doenças — «a very obstinate complaint of violent pains on the head and eyes.»

Foram esses males que lhe retardaram a publicação actualizada da *Mineralogy*, de CRONSTEDT, que, de facto, só fez em 1788. A tal propósito, escreveu RICARDO JORGE:

«Uma nova face revela do seu labor e valor, já na derradeira fase da sua vida: a de mineralogista. Era ao tempo a bíblia da especialidade o tratado sueco de CRONSTEDT, um dos mais insignes criadores da mineralogia moderna. Traduzido em inglês, como o foi nas outras línguas cultas, esgotara-se a edição quando o *proprietor* confiou a obra para a corrigir e simplificar ao nosso MAGALHÃES, que se devotou à empresa com a proficiência honesta que lhe era já característica. Larga e escrupulosamente trabalhada e acrescentada no intuito de abranger a plenitude actual da ciência, saiu o livro em 1788, sob o título *An Essay towards a system of Mineralogy* (1), na testada da qual se reconhece que já não havia academia de cunho que o não tivesse honrado com diploma — S. Petersburgo, Berlim, Filadélfia, Bruxelas, Madrid, Lisboa, etc. Mais uma vez se desculpa de escrever em lingua estranha, ele «*a foreigner who come to England at an advanced age*» (2).

(1) Existe um exemplar na Biblioteca Nacional; pertenceu à Casa Real de S. Vicente por dádiva de MAGALHÃES — «ex munere votivo editoris». Na Biblioteca Municipal do Porto existem dois.

Na Biblioteca Municipal do Porto, além dos exemplares atrás indicados, há também, uma edição italiana, de 1799, cujo título inteirinho é o seguinte: *Saggio per formare un sistema di Mineralogia del hav. A. F. Cronstedt, tradotto dal svezese, el avriahito dinote dal signor G. Von-Engestrom, alquale vi si ha aggiunto un Trattato sull'Elaboratorio da Tasca inventato dal Sig. Cronstedt, inserviente a fare facilmente Li Saggi de' Corpi Minerali, descritto dal sudetto Sig. Von-Engestrom. Opera riveduta e di note illustrata Da E. MENDES DA COSTA. In Venezia, MDCCLXXIX.*

Mendes da Costa diz ter confrontado esta edição «con l'edizione Tedesca di Copenaghen del 1760».

(2) Sampaio Bruno estranha que João Jacinto se confesse de avançada idade aos 41, quando se passou para Inglaterra. O Prof. A. Sousa Pinto comenta: «Parece-me exagerada a estranheza de Bruno, pois se essa idade não pode considerar-se avançada, em absoluto, na vida dum homem, é-o certamente para a transplantação para um novo país». — (*A vida e a obra de João Jacinto de Magalhães*, págs. 5-6, Porto, 1931).

Os ares da nossa terra engordam... Nela — mesmo velhos — parecemos novos. Em compensação, na terra alheia, mesmo novos temo-nos por velho. Vai nisto (bem o sabemos) um certo exagero. Mas, descontando o que na afirmação haja de quixotesco, ainda fica muito para darmos razão a João Jacinto — considerando-se de *advanced age* aos 41, na Inglaterra.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Lardeiam as folhas notas de vários mineralogistas, sendo muitas as suas; entre elles mais um esquecido nome português se destaca, o de MANUEL MENDES DA COSTA, um dos instauradores da paleontologia» (1).

*

Da leitura do tratado de *Mineralogia*, diz Max. Lemos, colhem-se elementos para ampliar a lista das relações de JOÃO JACINTO: JARS (pág. 699), MATTHEW GUTHRIE (pág. 722), LATROBE (pág. 916). MAGALHÃES, à semelhança de SANCHES, enviava aos seus amigos as produções naturais que lhe chegavam às mãos. Quando o segundo dos acima mencionados lhe mandou de S. Petersburgo um pouco de ferro nativo, o naturalista português reparou-o com *my late worthy friend and celebrated Dr. Fothergill*» (2).

9 — UM POUCO DA SUA ACTIVIDADE CIENTÍFICA

A qualidade de membro da *Royal Society* de Londres, para que foi candidato em proposta assinada por JOSEPH PRIESTLEY, BENJAMIN FRANKLIN, WILLIAM JONES, JOSIAH BANKS, WILLIAM HUNTER e MATHIEU MATY, abriu a JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES outras Academias Europeias de Ciências — em Bruxelas, Madrid, Berlin, S. Petersburgo, e também Lisboa, como era natural, e ainda das Sociedades filosóficas de Filadélfia, de Harlém e Manchester.

O aveirense ilustre honrou a sua qualidade de membro da *Royal Society*. A sua competência, a partir de então, no campo da invenção e fabrico de instrumentos de precisão foi solicitada «por governos, instituições científicas e amadores da observação e da experimentação». Tudo isso é atestado pela copiosa correspondência que foi publicada na *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, conforme já o dissemos. Para aí remetemos o leitor curioso dos créditos de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES.

Não foi criador de ciência, no sentido original. Foi, porém, precioso auxiliar da criação científica com o seu instrumental

(1) *A Medicina Contemporânea*, 2.^a série, vol. XIII, pág. 12.

Este Manuel Mendes da Costa, a maior autoridade em matéria de paleontologia, já havia feito a revisão do livro na edição anterior, de 1770.

O prefácio do tradutor — *The translator's preface* — termina com um rectângulo impresso, ali colado, que diz: N. B. *The notes signed D. C. were made by Mr. Emanuel Mendes Da Costa, who revised the language of the preceding English Edition, printed in 1770.*

(2) Cfr. M. LEMOS, *op. cit.*, pág. 263.

de laboratório, um inventado por ele, outro simplesmente aperfeiçoado. Foi um admirável precursor do rigor laboratorial da investigação científica de nossos dias.

*
* *
*

Por intermédio de Luis Pinto de Sousa, dirigiu, em 26 de Novembro de 1786, uma carta à Academia das Ciências de Lisboa, no sentido de ser observado, no território ultramarino português, sito na região equatorial, o cometa primeiramente notado por Pedro Apiano e previsto para 1789. Transcrevemos, a seguir, a referida carta:

«Ex.^{mo} Sr. — O caderno q. tenho a honra de remeter com estas regras a V. Ex.^a me foi entregado na ultima assemblea da Socied.^e Real, pelo Astronomo Real o D.^{or} Maskelyne, afim de ser remetido á Acad.^a Real das Sciencias de Lisboa, p.^a q. exercite o seo zelo na cultura da Astronomia, tomando e applicando os meios proporcionados p.^a q. o phenomeno de q. trata este papel não escape de ser observado nos paizes meridionaes dos dominios de Portugal. Este Phenomeno he a reaparição do Cometa observado por Apiano em 1532, q. Halley julgou ser o mesmo aparecido em 1661, e ê agora se espera em 1789. Deve começar a aparecer nas Provincias perto da equinocial da p. do sul: & se com effeito for descuberto no dito anno, servirá de confirmação completa do sistema do movimento periodico destes astros singulares; pois ainda não ha outra prova positiva desta Theoria, mais do que o cometa do anno de 1759, q. o mesmo Halley predisse, julgando ser o mesmo q. tinha aparecido em 1682, 1607, & 1531.

Sirva-se pois V. Ex.^a de remeter este Caderno ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da Acad.^a das Sciencias de Lisboa, p.^a q. se digne encarregar os Astronomos & Curiosos Portugueses, q. se acharem no Brazil, ou nos outros sitios Austrais, pouco distantes do Equador, tanto na Africa como nas Indias Ocidentais de Portugal, afim de q. se apliquem a descobrir este phenomeno de tanta importancia p.^a a Astronomia, e q. se communicuem á Socied.^e Real de Londres os sucessos das suas observaçoens, p.^a q. estes Estrangeiros veção q. os nossos Portugueses se achão já com os olhos abertos para a cultura das Sciencias e das Artes uteis, q. tão longo tempo tem estado como sepultadas no seo esquecimento.

Fico m.^{to} p.^a servir a V. Ex.^a com a mais fiel vontade & sou com a mais reverente consideração. — S.^r Luiz Pinto de Sousa

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Coutinho. — De V. Ex.^a — Servo mais Venerador & obrigado —
Londres 26 de Nov.^{bro} 1786.

João Hyacintho de Magalhães (1).

Longe da Pátria, JOÃO JACINTO sabia servi-la.

*
* *
*

Para ajuizarmos da alta consideração em que JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES era tido, bastaria ler algumas das numerosas cartas que lhe foram dirigidas por correspondentes ilustres no mundo da investigação científica europeia. Todas essas cartas — em inglês, em francês, em italiano, em português — dão bem ideia da solicitude com que o consultavam.

Todas elas constituem prova irrefragável da alta consideração em que os seus autores tinham JOÃO JACINTO, como perito em instrumentos científicos, de uso laboratorial, ou relativos à observação astronómica. Foi uma autoridade, consultada quase oracularmente (releve-se-nos o exagero da expressão).

São do Prof. JOAQUIM DE CARVALHO, na citada *Revista*, e a propósito, as considerações seguintes:

«A nota característica de todas estas cartas é a informação científica. As expansões afectivas são sotopostas ao interesse científico: os amigos e conhecidos de MAGALHÃES dirigem-se-lhe para lhe transmitirem informes ou solicitarem diligências e MAGALHÃES, espontâneamente ou de officio, constitui-se em informador do que considera merecedor de ser conhecido pelo valor científico ou pela utilidade prática, que, aliás, tinha por estreitamente conexas, senão inseparáveis. Não faltam, adiante, nas cartas que publicamos, os testemunhos comprovativos desta actividade benemérita; e no que toca às suas relações com a Academia das Ciências de Lisboa, da qual foi eleito sócio correspondente em 1780, é bem expressivo o facto de MAGALHÃES se haver oferecido como informador científico, porque «tendo a honra de ser solicitado frequentemente por membros de várias Sociedades Literárias da Europa para a comunicação do que ocorre à minha notícia de que seja útil ao progresso das Ciências e Artes, não quisera ter o desgosto de suspeitar que um tal zelo se acha dormente na minha

(1) *Academia das Ciências de Lisboa, Boletim da Classe de Letras*, vol. XIV, págs. 687-688, Coimbra, 1922.

Pátria» — como o afirma em carta a Correia da Serra, de 30 de Abril de 1781.

Vamos transcrever a carta, na qual este agradece ao Duque de Lafões, José Correia da Serra, a sua eleição para sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Reza assim:

«Snr. José Corrêa da Serra. — Quasi na vespera da minha partida para Paris, onde me acho ha mais de dois mezes, recebi a carta com que V. M. me honrou de 30 de Novembro passado, participando-me a noticia da honra distinctissima que a Academia Real das Sciencias dessa Côrte se dignou fazer-me, nomeando-me seu correspondente. O justo conhecimento da minha insufficiencia produziu todo o seu effeito de confundir-me: & me obrigaria a esperar todo este tempo para recobrar animo e poder expressar com menos embaraço o meu agradecimento. Porém ajustou-se a esta causa a repetição da moléstia importuna que padeço de dores violentas nos olhos & cabeça, há quasi dois annos, as quaes já depois que cheguei a esta terra me tem obrigado a observar por muito tempo uma abstinencia severa de ler & escrever: & sujeitar-me a varios remedios paliativos; pois quase tenho perdido as esperanças de encontrar com algum que seja completamente effectivo.

Nesta situação não me fica outro recurso, senão implorar a humanidade do Corpo Illustre dessa Academia, e a do seu Presidente Augusto, para que se dignem interpretar benignamente estas mal articuladas e tardias expressões da minha gratidão pela honra que me fizeram; & aceitar como obras effectivas da obrigação em que me constitue esta mesma honra, os vivos desejos que me assistem de mostrar em toda a occasião, que a sei estimar tanto mais quanto menos a mereço.

Se V. M. julgar que as noticias inclusas podem interessar o gosto dessa Régia Academia, peço-lhe que lhas communique da minha parte, como indício da minha boa vontade de concorrer, com toda a actividade dos meus fracos talentos, para a sua formação sobre os objectos que occupam os sábios Estrangeiros destas partes do Norte, por onde a Providencia parece ordenar que eu empregue estes últimos restos de vida: & esteja V. M. na certeza de que enquanto ella me durar, não cessarei de ser com a mais respeitosa consideração.

Dos Dignissimos Presidente e Secretario dessa Illustre Academia. De cada hum de seus membros em particular, & não menor de V. M. — Paris, 30 de Abril 1781. — Servo mais reverente e obrigado.

João Hyacintho de Magalhães

MARQUES GOMES, que reproduz a carta anterior no estudo por ele consagrado a JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES, em cinco

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

artigos do semanário aveirense *Campeão das Províncias*, de 1923, transcreve ainda esta outra:

«Snr. Joze Correa da Serra. — Depois q. recebi a prim.^a carta de V. M. em data de 30 de Nov.^{bro} de 1780, não tive a minima noticia dos professos e occupaçoens da Nova Acad.^a das Sciencias nessa terra, a q. me interesse com o duplicado titulo de Portuguez, e de gosar a honra de ser membro seó: nem tão pouco me chegarão á mão os seos Estatutos, e outros papeis de que V. M. me falava na mesma Carta, o que supponho ter sido cauzado por algũa fatalid.^e q. não me he conhecida. Rogo pois a V. M. queira remeter-me os d.^{os} papeis, juntam.^{te} com o avizo do nome e assistencia de Academico, q. foi nomeado p.^a a minha Correspondencia em caso, q. a Academia tenha adoptado o plano da de Paris: pois achando-me já restabelecido da terrível enferm.^e q. padeci perto de 4 anos com dores violentas dos olhos e cabeça, quizera servir de algum modo a mesma Academia, e tendo a honra de ser solicitado frequentem.^{te} por membros de varias Societ.^{es} Literarias da Europa p.^a a comunicação do q. ocorre a minha noticia q. seja util ao progresso das Sciencias e Artes, não quizera ter o desgosto de suspeitar q. hum tal zelo se acha dormente na minha Patria.

Fico m.^{to} p.^a Servir V. M. com a mais fiel vontade, e Sou com a mais distincta consideração — De V. M. — Servo m.^{to} Ven.^{or} e af.^o — Londres 21 de Março de 1784 at 12 Nevil Court. Feter Lane.

João Hyacintho de Magalhães.

P. S. Quando V. M. me fizer a honra de escrever me será m.^{to} a proposito remeter-me as suas Cartas por via do official maior da Secretaria de Estado Manuel de Figueiredo ou por via de João Philipe da Fonseca, Official da Secretaria d'Estado da Marinha».

Vê-se, pois, que o desejo de JOÃO JACINTO era ser mais do que simples membro teórico da Academia Portuguesa.

*

[Por termos falado em José Francisco Correia da Serra, daremos aqui, entre parêntesis uma pequena nota a seu respeito.

Nasceu em Serpa, a 6-VI-1750. Em 1756 partiu com seus pais para a Itália. Foi educado em Roma. Ai recebeu as ordens de presbítero e o grau de doutor em Direito canónico. Em 1777, regressou a Portugal, e passou a viver no próprio palácio do Grilo, pertença do duque de Lafões, de quem era amicíssimo.

Era sócio das principais Academias europeias, e foi Secretário perpétuo da de Lisboa.

Por duas vezes foi obrigado a emigrar. Da segunda vez, esteve, primeiro, em Londres, depois em Paris, e daqui partiu (em 1813) para os Estados Unidos, onde vivem, de princípio, como particular, e, mais tarde (nomeação de 31-I-1816), como ministro de Portugal. Em Agosto de 1821, regressou a Lisboa, sendo novamente investido no lugar de Secretário da Academia. Naturalista celebre, distinguiu-se, sobretudo, na Botânica ⁽¹⁾.

Das outras cartas de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES escreveu o Prof. ALEXANDRE SOUSA PINTO, da Universidade do Porto:

«Mostram que ele estava relacionado, entre muitos outros e além de [Ribeiro] Sanches, com LE BÊGUE DE PRESLE, médico amigo de Rousseau, o marquês de Girardin, em cuja casa de Ermenonville conheceu Rousseau nos últimos dias da vida deste, Bezout, para quem mandava instrumentos de física e astronomia, Bailly e Rochon astrónomos, o Padre Sigorgne, um dos mestres de Turgot; Volta, o físico de Pavia, o grande Lavoisier, Banks, o botânico, que foi uma figura notável da Ciência inglesa do século XVIII, Ingenhouz, químico e naturalista holandês, Kirwan mineralogista, Naizne físico, Boulton e Watt, associados para a exploração da máquina a vapor, Priestley e muitos mais» ⁽²⁾.

Não há que duvidar: JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES foi uma fonte a correr permanentemente para quantos recorreram à sua consumada perícia de homem que se tratava por tudo com todo o instrumental de laboratório e com as múltiplas actividades científicas inerentes a esse instrumental.

*

* *

JOÃO JACINTO entra na estirpe dos grandes físicos do séc. XVIII, e foi um admirável precursor do avanço que essa ciência viria a ter nos nossos dias. A quantificação — sem a qual não há ciência rigorosa: *il n'y a science que du mesurable* — ele a praticou, nas suas numerosas experiências. A perfeita observação e a meticulosa experimentação ele as praticou com os escrúpulos exigidos pela austera metodologia científica.

Foi entusiasta da pesquisa científica e possuiu, como poucos, o dom de comunicar entusiasmo, nesse sector da sua particular simpatia. Se hoje vivesse, seria, certamente, dadas as suas qualidades inventivas, o director de uma grande empresa de ins-

(1) *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, pág. 182.

(2) *A vida e a obra de João Jacinto de Magalhães*, págs. 25-26, Porto, 1931.

trumentos de precisão. Seria outro EDISON. Como este, também ele teve o génio das invenções. E só não foi mais longe, porque viveu no séc. XVIII, o século incipiente nas ciências de laboratório.

*

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES teve as melhores relações com o célebre químico inglês PRIESTLEY, Este refere-se-lhe sempre com as palavras mais amáveis. Na sua obra *Experiments and observations relating to various Branches of natural Philosophy*, etc. — diz o Prof. A. SOUSA PINTO — «refere-se, com frequência, aos valiosos serviços que por MAGALHÃES lhe foram prestados, auxiliando-o nas suas investigações experimentais, na preparação do ar deflogisticado (oxigénio), no estudo das propriedades do ácido marinho (ácido clorídrico), do poder antiséptico do ar nitroso e na acção deste gás sobre o ar atmosférico, em cujo estudo, diz o nosso compatriota, teria empregado métodos seus, muito engenhosos e simples.

Estas palavras, na pena de Priestley, são o melhor elogio desta pequena obra de MAGALHÃES». Que obra? Vamos transcrever o título que é longo:

Description of a Glass apparatus for making mineral waters like those of Pyrmont, Spa, Seltzer, etc., in a few minutes and with a very little expence; together with the description of some new eudiometers or Instruments for ascertaining the Wholesomeness of Respirable Air; and the method of using these Instruments: in a letter to the Rev. Dr. Priestley, LL. D. F. R. S. by J. H. de Magellan F. R. S. London, Printed for W. Parker No 69, Fleet Street, etc. MDCCXXVII. 8.º VIII + 47 págs. com uma página de gravuras.

Esta obra teve três edições em inglês, e foi traduzida para alemão por G. WENZEL, em Dresde, no ano de 1780.

«Tanto o aparelho de vidro para a gaseificação da água, como o estudo da salubridade do ar pelos eudiómetros eram inicialmente descobertas de Priestley, aparecidas em 1772. Eram ambas de molde a interessar MAGALHÃES, sempre inclinado ao estudo de tudo que pudesse concorrer para o bem-estar da humanidade.»

E A. Sousa Pinto que isto diz, acrescenta: «Quanto ao primeiro, MAGALHÃES propôs modificações de forma e posição que permitem a incorporação mais rápida do gás carbónico na água e aumenta o número de receitas para a produção artificial de diferentes águas minerais» (1).

(1) *A vida e a obra de João Jacinto de Magalhães*, pág. 12, Porto, 1931.

* * *

Quanto ao estudo da salubridade do ar, muitos experimentadores se ocuparam do tema: logo que foi conhecido o trabalho de Priestley, FONTANA na Itália, construía um eudiómetro. MAGALHÃES, na Inglaterra, outro. T. CAVALLO criticou o eudiómetro de MAGALHÃES, optando pelo de Fontana. MAGALHÃES respondeu-lhe na terceira edição da obra já indicada — edição de 1783:

The third Edition, Revised, Corrected and Enlarged by the Author, with one examination of the Strictures of Mr. T. Cavallo, F. R. S. upon these Eudiometers, London, Printed by the Author, 8.º VIII + 80 págs.

Magalhães — diz A. Sousa Pinto — mostra que a crítica de Cavallo é parcial, e estranha com ironia que o crítico, tendo dedicado meia página do seu livro ao eudiómetro de Priestley e outro tanto ao de Landriani, gaste doze páginas com o seu para no fim assegurar que ele não presta, quando para tal conclusão bastariam duas ou três linhas, «a menos que tenha sido por necessidade de avolumar o seu livro».

bib* * * RIA

A crítica de CAVALLO não convenceu o nosso P.º Teodoro de Almeida que, nas suas *Cartas físico-matemáticas* (1799), diz, na pág. 184:

«Do eudiómetro, isto é, instrumento para medir o grau de salubridade que tem o ar comum. Como este ponto da saúde interessa muito o género humano, não vos quero o que se tem descoberto para conhecermos quanto seja saudável este ou aquele ar em que respiramos, isto é, modo prático para conhecer o grau de afinidade que tem com o ar nitroso: e eu prefiro um instrumento que em Londres imaginou e fez um nosso Português Jacinto Jacques de Magalhães [nome errado] que na República literária fez lá sua figura» (1).

* * *

JOÃO JACINTO era homem modesto. Por forma nenhuma se quis dar ares de que fosse o autor do *Ensaio concernente a um sistema de mineralogia*. Completou-o até onde lhe foi possível,

(1) Em A. SOUSA PINTO, *op. cit.*, pág. 13.

e não se esqueceu de pedir a quem lhe corrigisse o texto inglês das suas notas, porquanto, tendo chegado tarde à Inglaterra, não dominava o inglês como dominaria a língua que mamou com o leite materno.

São do prefácio do Editor — *The Editor's preface* — as palavras seguintes, rematadas com lugar e data: London, 1788:

«I am persuaded, that such as are acquainted with the improved state of Mineralogy, will approve of the method I have adopted, in preference to the numerous and often contradictory notes which would otherwise have been required to settle the several matters in their proper order. To arrange the most important foot in an advantageous manner, has been the only aim of my labour, imperfect it may be. I have not been actuated by the vanity of pretending to be the Author of a System, nor to instruct the most accomplished Mineralogists of our age. I have used none of the artifices of book-makers. I have, without hesitation, availed myself of every help I could procure; but I have been equally ready and careful to name all my authorities, as well for the obvious advantage of authenticity, as that I might not insidiously derive fame from the labours of others. Those who are as ignorant of the subject as I formerly be may, I flatter myself, receive great advantage from this performance, by saving the labour and time I was obliged to bestow in acquiring an acquaintance with modern discoveries. I have done whatever lay in my power to render it complete, notwithstanding the variety and multiplicity of my other avocations, which did not allow sufficient time to reconsider and revise my manuscript before it went to the press. I am not, however, neglected to employ a proper person to correct the language, which otherwise would have been scarcely proper for the public eye, as I am myself a foreigner, who come to England at an advanced age».

* * *

Em matéria de invenções, JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES nunca pretendeu lesar outros inventores, fazendo-lhes desleal concorrência. E assim se explica que, tendo engendrado em matéria de lunetas astronómicas, uma invenção superior à de Dollond, óptico célebre de Londres, e entendendo que poderia causar-lhe prejuízo, ofereceu-se (diz Ricardo Jorge) para o embolsar de cem guinéus, que tanto tinha custado ao oculista a patente do seu instrumento, «pourqu'il sache que je ne publie point cette invention dans la vue de faire tort à qui que soit» (1).

(1) *A Medicina Contemporânea*, 1910, 2.ª série, vol. XIII, pág. 13.

*
* *

O desinteresse monetário de JOÃO JACINTO foi quase proverbial. Actualizou, como noutra lugar dizemos, a *Mineralogia* do sueco Cronstedt. Pois não o fez por amor do dinheiro, não senhores, mas por amor da ciência e do público que a utilizaria. Ao realizar esse trabalho — tanto mais custoso quanto é certo andar então já bastante doente —, não se importou «with hopes either of a pecuniary or even honorary nature». Repetimos: só teve em vista bem servir — e nunca, por nunca!, «servir-se». Os interesses da colectividade constituíam para ele um imperativo. A eles se devotou.

Sim, JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES foi o desinteresse em pessoa. Possuído pelo amor da ciência, não teve no seu programa enriquecer. O *quantum satis* lhe veio da solicitude com que sempre atendeu os trabalhos de que o encarregavam. A Academia das Ciências de S. Petersburgo, em 1783, concedeu-lhe a pensão anual de 200 rublos. Justificação dessa generosidade: é que o nosso compatriota não era académico meramente teórico — mas, antes e sempre, solícito em bem servir os interesses culturais da Academia. Esse mérito lhe reconheceram, e a razoável nível lho compensaram.

BIBLIOTECA

Também, em 1783, o Governo português lhe passou a pagar uma pensão, que se tornaria efectiva depois do falecimento do seu amigo Ribeiro Sanches ⁽¹⁾.

O ministro português Luis Pinto, em Londres, diz, no seu officio de 18 de Dezembro de 1782: «Logo que recebi as ordens de V. Ex.^a apresentei a João Hyacintho de Magalhães a cópia do Decreto com que Sua Magestade se dignou premial-o, por um effeito de Sua Real Grandeza; e o mesmo Magalhães me entregou para V. Ex.^a a carta inclusa dos seus agradecimentos» ⁽²⁾.

*
* *

Desde que JOÃO JACINTO começou a receber a pensão do Governo Português — diz Max. Lemos —, frequentes vezes foi encarregado da aquisição de instrumentos para a Casa Pia de

(1) Cfr. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, pág. 181.

(2) Officio de LUÍS PINTO DE SOUSA COUTINHO, de 11-III-1783. Cfr. MAXIMIANO LEMOS, *Estudos de História da Medicina Peninsular*, págs. 259-260, Porto, 1916.

Lisboa, para o Observatório da mesma cidade, para o serviço da marinha, para uma Comissão de limites do Rio Negro, e para o próprio príncipe real D. José, que era doutrinado em matemática pelo Dr. FRANZINI ⁽¹⁾.

*
* *

Sousa Viterbo — o infatigável e seriíssimo investigador — possuía uma preciosa coleção de dez cartas todas em francês, do próprio punho de J. J. de MAGALHÃES, datadas de Londres, desde 17 de Julho de 1778 a 21 de Maio de 1779, dirigidas a uma personalidade eminente na história de França, «Mr. Furgot, ancien controleur général».

Ressalta desses documentos preciosos que J. J. de MAGALHÃES era homem no segredo de todo o movimento científico europeu, tendo as melhores relações intelectuais (e, até, por vezes, afectivas) com os mais eminentes sábios da Europa. Quem pretendesse encontrar, em Londres, pessoa idónea para lhe tratar de assuntos científicos, aquisição ou modificação de instrumentos de laboratório e de observação astronómica — aparelhos, enfim, fisico-matemáticos, — bates-se-lhe à porta, e seria atendido, de certo com a remuneração respectiva.

Das cartas que pertenceram a Sousa Viterbo, transcreve este alguns passos do artigo *João Jacinto de Magalhães*, publicado no *Diário de Notícias*, de Lisboa, 25 de Janeiro de 1910, pág. 7. É, por exemplo, da carta de 17 de Julho de 1778, este passo, relativo à morte do famoso JEAN-JACQUES ROUSSEAU:

«Les gazetes annoncent ici la mort du pauvre Rousseau. Je l'avois laissé en bonne santé, selon que j'ai pu voir, le 23 du mois dernier à Hermenonville. Du moins il y est mort en paix, dans les bras de ses amis et Monseigneur votre Archeveque bigt [*sic*], &... n'aura rien à demeler sur la sepulture de son cadavre. Oh que la race humaine est méprisable...! puis qu'elle produit des individus tels qu'on place audessus des autres...!»

*

Diz Sousa Viterbo que, além dessas cartas, possuía um pequeno papel avulso de J. J. de MAGALHÃES, que comprou a um livreiro parisiense, por intermédio de um catálogo onde o

⁽¹⁾ Offícios de Luís Pinto, de 10 de Abril de 1783. Cfr. MAXIMIANO LEMOS, *op. cit.*, pág. 260.

vira mencionado, e desse pequeno papel consta uma declaração do aveirense ilustre na qual se compromete a não quebrar o sigilo sobre as experiências que vira fazer ao conde de Milly da Academia das Ciências, sobre a ductilidade da platina, sua separação do ferro, etc. Essa declaração, diz SOUSA VITERBO, subscrita em Paris, a 29 de Março de 1781, é do teor seguinte:

«Je soussigné reconnois avoir vu chez Mr. Le Comte de Milly de l'Académie Royale des Sciences de Paris tous les procedés qu'il a employé pour rendre la Platine ductile, la separer de son fer, et la mettre en état d'être employée dans l'orfevrie, & dans les arts (en commençant d'après la solution de la platine, que Mr. Le Comte avoit preparée, mais dont il me communique les circonstances): & je m'engage de ne rien publier par la voie de l'imprimerie sans faire mention de lui et de ce qu'il me communiquera la dessus. Fait à Paris le 20 Mars 1781. — Jean Hyacinte de Magellan.»

10 — COMO SERIA RECEBIDO JOÃO JACINTO,
SE VIESSE REGER CADEIRA NA UNIVERSIDADE?

Em 1770 (carta de 23 de Dezembro), foi criada a Junta de Providência Literária, para estudar as causas de decadência da Universidade, e propor os respectivos remédios. Oito meses depois apresentava o seu relatório — *Compêndio histórico da Universidade de Coimbra*. Encarregada de redigir novos Estatutos para a Universidade, a Junta inspirou-se, sobretudo, em sugestões de Ribeiro Sanches. Os Estatutos foram apresentados em 1772.

A Faculdade das Artes, que decaíra extraordinariamente, foi substituída pelas Faculdades de Matemática e Filosofia, as quais, por decreto de 19 de Abril de 1911, se transformariam na actual Faculdade de Ciências.

O Marquês de Pombal esteve em Coimbra (de 22 de Setembro a 22 de Outubro de 1772), para, ele próprio, investido de poderes majestáticos, dar execução à reforma universitária. No edifício do Colégio dos Jesuítas foram instaladas as Faculdades de Medicina e Filosofia. O Laboratório de Física foi instalado em parte do antigo dormitório do Colégio, e o de Química passou a funcionar no refeitório e anexos.

A 24 de Outubro já o Marquês estava em Lisboa. A 10 de Novembro, por carta de lei, ordenava-se que os estudos matemáticos, até aí professados no Colégio dos Nobres, só pudessem fazer-se em Coimbra. A 1 de Dezembro seguinte, o Marquês diri-

gia ao presidente da Real Mesa Censória — o Bispo de Beja, Fr. Manuel do Cenáculo — o officio seguinte:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — El-rei meu Senhor pela Lei que será remetida à Real Mesa Censória mandou abolir no Real Colégio de Nobres todos os estudos matemáticos e transportá-los com todos os seus professores, máquinas e instrumentos de astronomia e física experimental para a Universidade de Coimbra. E tendo o mesmo Senhor encarregado os profs. Miguel António Ciera e João Antonio Dalla-Bella de fazer encaixotar com o devido resguardo tudo o que se acha no Gabinete de Física e mais casas do dito Colégio pertencente às referidas Faculdades: É S. M. servido que a referida Mesa ordene ao reitor do mesmo Colégio que mande fazer entrega de tudo o acima declarado aos sobreditos professores e aos mestres e serventes que os ajudarem.»

O Colégio dos Nobres viria a ser extinto por decreto de 4-I-1838, e mandado entregar o edificio, com todas as suas pertenças, à Escola Politécnica (decreto de 12-I-1838).

O referido Colégio foi, no seu tempo, um estabelecimento à imagem e semelhança da *École Royale Militaire de Paris*.

Na carta de 27 de Novembro de 1772, comunicava o Marquês ao Reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, que, «para reger o dito Gabinete e explicar a referida física experimental nos chegou agora oportunamente o excelente professor Dalla-Bella, o qual dentro em poucos dias partirá para Coimbra com o artifice que até agora foi encarregado da conservação das máquinas do nosso Gabinete, para aí as colocar e estabelecer o modo de serem bem conservadas.»

A regência da Química (juntamente com a História Natural) foi confiada a DOMINGOS VANDELLI. Este e DALLA-BELLA tinham sido chamados, da Universidade de Pádua, para o Colégio de Nobres.

* * *

A reforma pombalina da Universidade ocorreu no período em que JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES vivia na Inglaterra. Foi ele um notável nome nas ciências fisico-químicas. A propósito, diremos como foi instalado o primeiro laboratório de Física e de Química, na Universidade de Coimbra, onde JOÃO JACINTO ficaria à maravilha, na regência dessas cadeiras, que foram confiadas, não ao «estrangeirado», mas aos dois estrangeiros, de origem italiana, que já atrás mencionámos: DALLA-BELLA e VANDELLI.

O Prof. JOÃO ANTÓNIO DALLA-BELLA, foi incorporado na Faculdade de Filosofia, por provisão de 2-III-1773, depois de ter servido seis anos no Colégio dos Nobres (1). Viria a ser jubilado por carta régia de 7-I-1790, retirando-se para Pádua, onde morreu pelos anos de 1818 a 1820, diz H. Teix. Bastos. Pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa.

DALLA-BELLA, nos seus *Fisices Elementa*, publicados em 1799, para uso dos seus alunos em Coimbra, ao fazer citações relativas às definições de calores específicos e temperaturas, serve-se do *Essai sur la nouvelle théorie du feu, et de la chaleur des corps: avec la description des nouveaux thermomètres*, editado em 1780, em Londres, da autoria de J. J. DE MAGALHÃES (2).

VANDELLI foi nomeado em 11 de Setembro de 1772, tendo sido doutorado em Filosofia, pelo próprio Marquês, durante a estada deste em Coimbra. Ocorreu o doutoramento em 9 de Outubro. Três dias depois era doutorado em Medicina. Veio a ser jubilado em 24-I-1791.

Em Junho de 1784 (25 e 27), os alunos de Química, sob a direcção de VANDELLI, construíram um aerostato, que encheram de ar quente, e fizeram subir, assistindo à experiência do dia 27 o reitor com toda a Universidade e grande multidão.

VANDELLI teve de emigrar em 1810, como suspeito de partidário dos Franceses, residindo na Inglaterra durante cinco anos. Regressou entretanto a Lisboa, e aqui veio a morrer a 27-VI-1816.

BIBLIOTECARIA

Atenção, agora, às informações do Prof. H. TEIXEIRA BASTOS:

«É interessante a colecção de cartas de Vandelli, publicadas no *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. XII. Numa delas, com data de 10-I-1780, dirigida ao visconde de Barbacena, Luís António Furtado de Mendonça, o 1.º doutor em Filosofia depois da reforma pombalina, e o 1.º secretário da Academia das Ciências, refere-se VANDELLI irónicamente ao tempo perdido na Universidade com velharias; o que mostra que a reforma de Pombal não tinha rapidamente criado, como era de prever, um novo espírito universitário.

(1) O Real Colégio dos Nobres foi criado por sugestão de Ribeiro Sanches (carta de lei de 7-III-1761), sendo instalado no edifício que pertencera aos Jesuítas, expulsos de Portugal em 1759 (decreto de 3 de Setembro). Esse edifício destinado pelos Jesuítas ao noviciado, ficava no Alto da Cotovia, onde depois se veio a instalar a Faculdade de Ciências de Lisboa. (*Rev. da Univ. de Coimbra*, vol. XI, pág. 182).

(2) A informação é-nos dada pelo Prof. A. SOUSA PINTO, em *A Vida e a Obra de João Jacinto de Magalhães*, Porto, 1931, pág. 17. O opúsculo citado é o texto de uma conferência feita pelo autor, na Sociedade de Química e Física (Núcleo do Porto), em Junho de 1931.

São estas as suas palavras: «Nesta Universidade não temos outras notícias literárias que antiguidades, mas não são gregas nem romanas, questões muito interessantes de *assentos*, de *conezias* e outras semelhantes, todas conducentes a promover as ciências e o bem público. Eu estou fatigado e nauseado de tais litígios [...] De isso se pode coligir qual a utilidade a Nação pode esperar da Universidade e ao contrário quanto grande benefício fará a toda a Nação a nova Academia (fundada em 1797), na qual nem assentos, nem antiguidades, nem conezias, bispados, becas, nem colégios nem intrigas de Faculdades devem fazer perder inútilmente o tempo aos académicos, dos quais o único fim deve ser a glória e patriotismo, nome em verdade ainda pouco conhecido» (1).

* * *

JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES foi nome de extraordinária ressonância científica, na Europa do seu tempo. Não faria bem o Marquês de Pombal em chamar esse «estrangeirado» para reger ciências físico-químicas em Coimbra?

Quem sabe! Talvez tivesse pensado nisso.

Imaginemos, porém, que vinha para Coimbra. O facto de ser um «estrangeirado» não causaria engulhos aos professores que estavam regendo em Coimbra?

Damos como possível que lhe acontecesse, a ele, o que aconteceu a BROTERO, — também um «estrangeirado» —, mal recebido no claustro universitário.

O caso broteriano merece demorada referência:

A nossa hostilidade ao «estrangeirado» — como quem diz ao Português que se preparou, a fundo, lá fora, e depois vem fazer sombra aos ignorantes, cá dentro — é largamente conhecida. Supõem os Portugueses ignorantes que a boa portugalidade está em defender a ignorância de cá, só porque é nossa, e atacar o saber lá de fora, só porque é estrangeiro.

A propósito, vamos transcrever uma pungentíssima carta do Doutor FÉLIX DE AVELAR BROTERO, lamentando-se da hostilidade que lhe moveram os Lentes de Coimbra, na altura em que ele, por decreto de 24 de Janeiro de 1791 e carta régia de 5 de Fevereiro do mesmo ano, foi incorporado na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, e nomeado Lente da cadeira de Botânica e Agricultura, que acabava de ser criada pelo Governo de D. Maria I (2).

(1) *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, págs. 189-190.

(2) Prof. ABÍLIO FERNANDES, no começo do artigo *Desavenças e desditas de Brotero*, publicado no vol. XIV da *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1945.

Seu sobrinho, o Beneficiado José de Avelar Brotero, que lhe recebeu as confidências, escreveu:

«Em quanto porem este sabio se entregava com todo o zelo, de que era capaz, á cultura da sciencia, ao aproveitamento dos discipulos, e á expectação do publico imparcial, alguns membros da Universidade, preocupados de huma baixa inveja, suscitarão-lhe desgostos, e inquietação por meio de cartas anonimas, intriga surda, e até inectivas insolentes, a que elle teria cedido se não fosse de hum espirito nobre, e sustentado pela prudencia e firmeza do Principal Castro [*D. Francisco Rafael de Castro*], digno Reitor da Universidade naquella epoca; e pela compensação, e conforto que encontrou na amizade e honradez de Simão de Cordes, e outros sabios Professores.

Triunfou por fim a verdade e a justiça, e o especial e distinto merecimento do Dr. BROTERO foi reconhecido até mesmo pelos adversários» (1).

LINK e HOFFMANSEGG — continuamos a citar Abílio Fernandes (o seu a seu dono!) — fazem também referência ao ambiente hostil que envolvia BROTERO em Coimbra, dizendo: «Pour cultiver la science, il a fait un séjour de huit ans à Paris; il n'a pas été élevé à Coimbra, et c'est pour cette raison que ses collègues lui causent mille désagrémens; il est miné par le chagrin et la melancholie» (2).

BALTAZAR OSÓRIO alude igualmente ás inimizadas de alguns colegas de Brotero: «...foi em Portugal que veio encontrar o maior número dos seus inimigos, agruras mais insuportáveis do que as que se lhe depararam no seu desconfortado exílio. Foram os seus colegas na Universidade de Coimbra, os competidores e émulos os que mais o agravaram» (3).

A carta que, a seguir, vamos transcrever consta do arquivo do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, e é dirigida a Luís de Saldanha e Oliveira, D. Prior de Guimarães e irmão do Morgado de Oliveira, futuro Conde de Rio Maior. Reza assim:

«Coimbra 4 de Julho de 1791

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Luiz de Saldanha Oliveira.

As minhas pezadas mortificações são a causa de não ter dado resposta ha mais tempo ás honrosas cartas de V. Ex.^{cia} mais dignas na verdade de hum menos fraco amigo. Depois q̃ entrei nesta

(1) Citada Revista, pág. 52.

(2) *Voyage en Portugal, fait depuis 1797 jusqu'en 1799, traduit de l'allemand*, Paris, 1808, tomo 1, pág. 392.

(3) *Algumas notas acerca da vida e obra do Dr. F. de Avelar Brotero, Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. v, 1918, pág. 78.

nova carreira publica não tenho hum só dia gozado saude perfeita. Diversos desgostos no principio tendo-me tirado o sono em razão da minha invencivel sensibilidade, e querendo apezar disso continuar na estudiosa vida costumada, cahi doente. Foraõ ávante as vigílias, accresceraõ novos desgostos, novas inquietações; enfraqueceo-se-me a cabeça e a alma por consequente, e me vi enfim obrigado a buscar no retiro de hum valle perto desta Cidade os meyo de poder corroborar-me. Aqui vivo ha mais de hum mes com pouca interrupção nas vigílias, de quando em quando assaltado de dores de cabeça e ouvidos, e de diferentes indisposições espasmódicas. Algumas pequenas jornadas que tenho feito, não me tem causado alivio algum. Ha dias em q̄ estou quasi surdo, e em tal tortura de espirito, que chego a aborrecer-me athe da minha propria existencia, e posso assegurar a V. Ex. que estes pouco mezes de habitação em Coimbra me tem parecido os mais dilatados annos de martyrio. O Dr. Pinto, medico habil q̄ me assiste, caracteriza com razão esta minha molestia de hypochondria, e depois de ter tentado em mim alguns medicamentos me fez ultim.^{te} reconhecer q̄ as suas visitas eram mais de Amigo Consolador, do q̄ como Medico. As suas receitas presentes são as mezmas que as benevolas de V. Exc. e as do bom Amigo Doutor Pontes, a q.^m fico m.^{to} agradecido. Eu conheço m.^{to} bem q̄ o unico modo de restabelecer-me he cuidar logo em tornar-me ao meu antigo modo de vida, isto he, ás viagens mistas com meditações de gabinete; mas estou perplexo na deliberação, porq̄ levando comigo a lembrança de tornar a vir p.^a a Faculdade tal como ella está, de nada me serviraõ as viagens p.^a recobrar a minha saude. A practica me mostrou q̄ na minha Faculd.^e ha muito má Constituição. A nossa Universid.^e foy optimam.^{te} reformada, q.^{to} às doutrinas e critica com q̄ nella se ensina, mas os Lentes e Estudantes estaõ m.^{to} onerados. Quizemos distinguirmos de todas as Nações da Europa, e cahimos em hum extremo vicioso. Daqui resultará sempre q̄ os Lentes das mais Universidades teraõ tempo para ensinar, inventar e escrever, e nós somente p.^a ensinar tardamente pelo q̄ elles ensinaõ. Porventura os Inglezes. Francezes, Italianos, Allemães, Hespanhois &c. saõ todos ignorantes no seu methodo de estudos, e so nós somos sabios? Que provas lhes damos nos de q̄ o nosso methodo he o melhor? Que produção tem sahido de seis Faculdades, q̄ ensinaõ ha tantos annos? Qual he o motivo porq̄ se diz na nova Encyclopedia e em todo o Norte da Europa q̄ os Hespanhois sabem mais em Geographia, Historia Natural &c. do q̄ os Portugueses? Eu penso q̄ não ha outra maior razão do q̄ por la chegarem os seus bons escritos, e não os nossos. Mas procede isto de q̄ a Natureza he nossa madrastra? Não certamente, mas sim porq̄ a violentamos com as nossas vaidosas formalidades e más constituições. Desculpe-me V. Exc. de desafogar assim; eu estou bem persuadido q̄ o Principe Augusto e sabio Ministro q̄ reformaraõ a nossa Uni-

versid.^e, introduzindo nella o facho das mais brilhantes e solidas doutrinas, merecem receber perenes bençoês da Nação; mas permittame V. Exc. de dizer-lhe, q̄ estou egualm.^{te} persuadido, q̄ elles foraõ enganados pelos q̄ lhes indicaraõ os Estatutos, de ensinar Sciencias a homens, como pezadam.^{te} se ensinaõ estudos menores a minimos. Todas as Universid.^{es} Europeas reconhecem a utilidade desta destinação: ellas sabem m.^{to} bem que quem quiz estudar sempre estudou, e q̄ q.^m quiz ser inerte sempre o foy; que huma Constituição rigorosa não dá talentos, e q̄ os engenhos agudos, mediocres, e tardos seraõ sempre os mesmos, a pezar de todos os grossos volumes dos nossos Estatutos.

Talvez dirão la a V. Exc. o q̄ dizem aqui de mim alguns dos meus honrados Collegas (principalm.^{te} o q̄ foy forçado de abjurar a rabecca, de q̄ vivia), isto he, q̄ eu estou delirante, e q̄ fallo assim porq̄ sou puramente hum pobre botanico incapaz de mais nada, e m.^{tos} outros insultos, de q̄ sou desgraçadamente o alvo, por ter aceitado este saudavel lugar. Mas hum Botanico, q̄ vio m.^{tas} Universidades, q̄ estudou com gd.^{es} homens ainda alguma coiza mais, e q̄ conversou com sabios de diferentes Naçoês, ainda q̄ possa delirar, se nisto delira, o seu delirio sera o da razaõ e o da experiencia.

Serviria com m.^{to} gosto a esta nacional Universid.^e, se vira nella, ou ao menos na minha Faculd.^e, huma Constituição semelhante á q̄ tem as Universidades de Inglaterra e de França; mas como a minha voz he m.^{to} fraca p.^a poder ser ouvida, e ainda q̄ fosse assaz forte seria suffocada pela algazarra das preoccupaçõs, cuidarei com brevidade em dar a minha dimissão. Não quero de todo render por dentro por querer endireitar esta grossa curva ferrea, nem quero que me succeda hum grande mal por dezejar fazer hum pequeno bem. Como não accitei o emprego com ambição de fumos nem de oiro, pouco me custará tornar ao pó da vida privada athe ser arrojado aondo o permitir a minha cançada fortuna.

Esta he a minha ultima deliberação, q̄ sincero deponho no seio da sua estimavel Amizade. A grande bondade do Ex.^{mo} Sr. Castro p.^a comigo tem-me athe agora feito hesitar: mas como me vejo sem esperanças de saude, e coneço hoje a minha Faculdade não por enigma (como q.^{do} p.^a ella vim) mas sim por propria experiencia, não hesitarei m.^{to} tempo.

A maior pt.^e dos meus bons Collegas gritaõ de q̄ a Universidade não precisava cá de mim; mas entretanto gritaõ taõbem os Medicos de q̄ elles não conhecem as plantas medicinaes, nem ainda m.^{tas} daquellas q̄ estaõ quotidianam.^{te} pizando aos pés. Para bem da Medicina e das Artes dei já o plano de distribuir o Jardim e cuidarei de deixar o Catalogo das plantas proprias á sua classificação, antes de dar a minha dimissão. Mas o da rabecca e seus partidistas seraõ porventura capazes de pôr em execução este Catalogo ou qualquer outro? Alguns dizem q̄ sim, persuadi-

dos de q̃ os da minha Faculdade sabem tudo, e athe chegam a conjecturar q̃ o meu grande Lente Substituto sabe taõbem hum pouco de Botanica. S. Mag.^{de} determinará o q̃ for servida, e fará m.^{to} bem de lhes mandar entregar este trabalho, se quizer q̃ se comaõ em Coimbra Acelgas por Alfices. Ah perdoe-me V. Exc.! Agora faço reflexão de q̃ insensivelm.^{te} tenho cahido em prolixidade; he a condiçaõ de hum melancholico, q̃ ha tres dias apenas tera dado meya duzia de palavras. Ora basta; peço-lhe queira ter a bond.^e de me recomendar a Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr Morgado e Morgada, e de me considerar sempre, como

De V. Ex.^{cia}
Rever.^{te} Captivo o mais obrigado

Felix Avellar Brotero » (1)

*

O «estrangeirado» BROTERO — doze anos viveu em França, de 1778 a 1790, dos 33 anos aos 45, — não foi bem recebido pelos professores de Coimbra. Tinham-no por um intruso, tanto mais que não era doutorado por Coimbra. O grau de Doutor foi-lhe dado «em atenção ao seu grande merecimento», a 13 de Março de 1791. A 17 faz a sua primeira lição. Em 1804, publicaria a sua *Flora Lusitanica*. Em 1810 foi provisoriamente nomeado para dirigir o Real Museu e o Jardim Botânico da Ajuda. Em 1811, jubila-se na Universidade. Os anos que vão até 1828 — o ano da sua morte — são preenchidos principalmente na elaboração da *Phytographia Lusitaniae*, sua principal obra, no dizer dos especialistas. Em 1788, estando ainda em Paris, publicava o *Compêndio de Botanica ou Noçoens Elementares desta Sciencia, segundo os melhores Escretores modernos, expostas na lingua Portuguesa*. Esse livro seria adoptado como livro de texto na Universidade: «Nas minhas prelecções de botanica usei sempre de um compendio em lingua nacional, o qual continha a historia da sciencia, a terminologia, e tudo o que ha de mais interessante na philosophia botanica de Linneu, como toda a Faculdade conhecia, e em razão disso o exm.^o Principal Castro [O Reitor da Universidade] tinha permitido e aprovado o seu uso...»

Esse compêndio era precisamente o editado em Paris.

O Prof. Abílio Fernandes, nosso principal informador, diz que BROTERO, para elaborar a *Flora Lusitanica* e a *Phytographia Lusitaniae* e tornar mais completa a escola metódica do Jardim

(1) Na citada *Revista da Faculdade de Ciências*, págs. 57-60. A mesma *Revista* traz o facsimile da carta.

Botânico, necessitou de percorrer Portugal, com o objectivo de estudar as plantas nas suas condições naturais, recolher sementes e obter exemplares de herbário. As suas excursões eram, em regra efectuadas nas férias, mas algumas vezes o Governo o dispensou de assistir aos exames para que pudesse efectuar viagens mais longas.

As suas viagens abundaram em peripécias dramáticas. Nessas andanças por serras e charnecas, não lhe faltaram agressões e assaltos, quedas e doenças.

Augusto Botelho da Costa Veiga, antigo Director da Biblioteca Nacional, e que, em 1944, deu, na Universidade de Coimbra uma conferência sobre a vida de BROTERO, informa-nos que as viagens do sábio foram feitas sem qualquer subsidio do Estado. Apenas por elas recebeu, em 1801, o hábito de Avis, e, em 1802, o de Cristo.

II — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não faremos, aqui, qualquer espécie de síntese. Seja o leitor a fazê-la, se acaso tomou interesse pela vida movimentada e eficiente (à escala ecuménica e nacional) de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES. As nossas considerações finais são para dizer que J. JACINTO foi o homem do rigor científico, nada deixando ao sabor do improvisado. E daí se colhe a lição que a todos nós deve aproveitar.

Importa, com efeito, que o Português seja o homem que timbre em tudo fazer a preceito, sem pressas, com método, com espírito crítico alerta, disciplinadamente. Até aqui, em demasiados casos, o Português tem sido o homem do improvisado, do pouco mais ou menos, do entusiasmo efémero, da indisciplina, do método atirado às ortigas, da falta de persistência, — tudo um rosário de defeitos, que realmente urge trocar por outras tantas qualidades que o promovam.

Outra lição que se colhe da vida de JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES é que os Portugueses não se devem fechar no isolacionismo, sem, com isto, querermos dizer que desdenhem, sistemáticamente, de tudo que é nacional. A boa norma será esta: nem xenomania, nem xenofobia agudas, mas o meio-termo: atenção às boas peculiaridades nacionais, mas que não fechem os olhos ao que de bom e de prospectivo se faz no estrangeiro.

Entendemos que vale a pena cotejar o que, na nossa pátria, se faz, com o que se faz lá fora — nos países vanguardistas —, para daí tirarmos estímulo de progresso. O isolacionismo é factor de marasmo e, até, de retrocesso. As pátrias, como os indivíduos, precisam de hetero-emulação, que é esse o processo de não caírem no ridículo narcisismo, ou na umbilicomania.

Viajando pelos países cimeiros — e aí se demorando — JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES não precisou de renegar a pátria: tirou,

da lição estrangeira, proveito e exemplo para, quanto possível, sintonizar a sua terra com as terras progressivas. No caso de JOÃO JACINTO, importa sublinhar que, mercê do seu excepcional talento de *homo sapiens* e de *homo faber*, foi, ele próprio, um mestre proficuamente escutado no estrangeiro. Sempre o Português, lá fora, enquadrado em ambientes criadores, deu boa conta das suas óptimas qualidades de inteligência. Só na madraceira nacional, ele esmorece, não chegando a dar a justa medida do seu valor.

A fuga ao isolacionismo, os vestígios de sério estudo lá fora, levam o Português a cair em si, reconhecendo que não lhe assistia razão para se considerar o melhor do mundo e... arredores. Indo ao estrangeiro, demorando-se aqui, tal como fez JOÃO JACINTO, cura-se das injustificadas presunções que, até ali, nutriu. (Aliás, valha a verdade, o nosso biografado nunca alimentou, em si próprio, presunções dessa natureza. Antes saiu de Portugal muito convencido de que, só em países de cumiada na cultura e na civilização, poderia dar satisfação integral aos seus anseios de mais e melhor).

O que prejudica os países pequenos não é a lufada que vem dos países adiantados, mas o excesso de impertinente presunção à sombra dos seus campanários. JOÃO JACINTO fugiu às limitadas perspectivas que a sua terra lhe dava. Muito intencionalmente se quis «estrangeirar», persuadido (e acertava) de que, dessa maneira, melhor serviria a humanidade e o seu país. Aveirense de origem, João Jacinto foi, ao mesmo tempo, um arejado cidadão do mundo.

A portugalidade, pela qual nos devemos bater, é a de nos europeizarmos na mentalidade. Isolacionismo, fictícia autossuficiência, simples erudições arqueológicas, desinteresse pela investigação de conta própria; cópia de cópia; citar, em vez de criar; memorizar «sopros de voz», em vez de ganhar experiência directa, são outras tantas mazelas de que nos temos de curar, quanto antes. Não há tempo a perder, sob pena de ficarmos na retaguarda dos povos.

JOÃO JACINTO exemplificou, com a sua vida, essa tal portugalidade. Notável aveirense. Português notabilíssimo. Um paradigma!

CRUZ MALPIQUE

JOSÉ SILVA

(1884-1949)

—UM NOTÁVEL, MAS QUASE DESCONHECIDO
AUTODIDACTA AVEIRENSE—

QUANDO estudante do nosso Liceu, conheci muito bem o carteiro *José Silva*, mas só a partir de 1917, radicado em Aveiro, pude seguir com atenção a tenaz e proveitosa actividade, de autodidacta desse simpático filho de Aveiro.

Sabia-se que lia muito e que as suas conversas tinham quase sempre por assunto os autores que ia conhecendo.

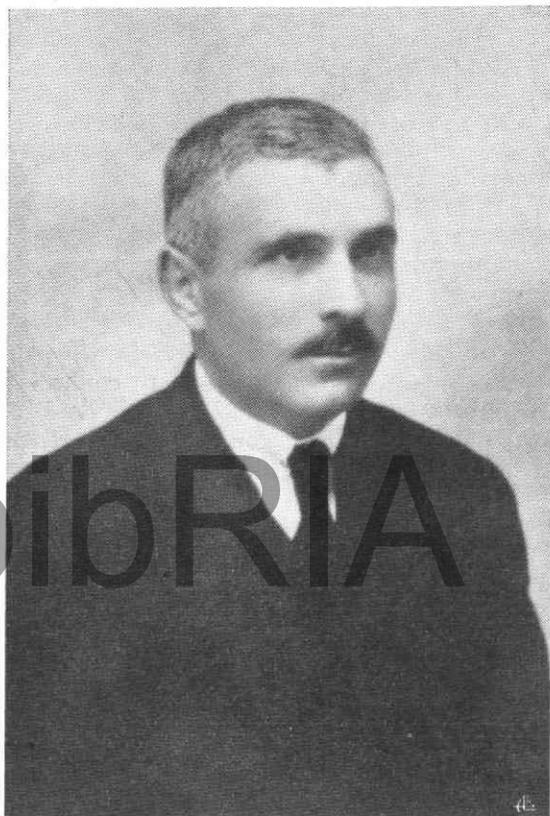
A certa altura, passou a colaborar n'«O Debate», umas vezes apondo aos curiosos artigos o seu nome, outras vezes subscrevendo-os com o anagrama de JALOVÉSSI.

Não havia sessão pública, de carácter cultural, a que ele não assistisse, em especial no Liceu, onde muitas vezes trocávamos impressões.

Assim se explica que esse meu saudoso amigo, já então «carteiro aposentado», me oferecesse, com amável dedicatória, em 10 de Outubro de 1943, um caderno, manuscrito, de «modestos escritos» seus, intitulado HORAS DE FOLGA, ao qual juntou recortes de vários artigos que publicara n'«O Debate».

Para se avaliar a cultura de JOSÉ SILVA, eis o conteúdo do caderno, com a indicação do ano da redacção de cada trabalho:

Os Livros — Artigo publicado no «Povo de Aveiro» de 1/VI/1941 — 3 páginas; *A vida dum jornal* (1930) — 1/2 página; *Eça de Queirós* (1935) — 14 págs.; *As Farpas* (1941) — 2,5 págs.; *Júlio Dinis* (1939) — 3 págs.; *Guerra Junqueiro* (1929) — 3 págs.; *Eurico*, o *Presbítero* (1940) — 2 págs.; *3 de Maio* (1940) — 2 págs.; *O «14 de Julho»* (1937) — 3 págs.; *Vitor Hugo* (1940) — 8 págs.; *Uma visita inolvidável* (1941) — 5,5 págs.; *Emilio Zola* (1940) — 3,5 págs.; *Carlos Faria* (Barão de Cadoro) (1940) — 6 págs.; *Marques Gomes* (1940) — 3 págs.; *O Amor* (1939) — 2,5 págs.; *A minha terra*



JOSÉ SILVA
1884-1949
Aveirense autodidacta

JOSÉ SILVA

(poesia) (1939) — 1/2 pág.; *A Vida* (id.) — 1/2 pág.; *Lápides de homenagem* («quadras sobre figuras notáveis») (1936) — 13 págs.: Camões, Camilo, D. Maria Amália, Herculano, Junqueiro, Antero de Quental, Júlio Dinis, Gomes Leal, Sebastião de Magalhães Lima, Soares de Passos, José Estêvão, Ramalho, Alves Mendes, Teófilo, Sórora Mariana, D. Nuno Álvares, Fialho, Garrett, Rebelo da Silva, Eça, Oliveira Martins, Heliodoro Salgado, Tomás Ribeiro, D. João da Câmara, Guilherme Braga, Pinheiro Chagas, Visconde de Castilho, Gonçalves Crespo, D. Ana de Castro Osório, Arnaldo Gama, Alberto Pimentel, Manuel Laranjeira, Júlio César Machado, Trindade Coelho, Homem Cristo, Antero de Figueiredo, João de Deus, Gervásio Lobato, João Viana, Bocage, Albino Forjaz de Sampaio, Carlos Malheiro Dias, Wenceslau de Moraes, Marcelino Mesquita, Fidelino de Figueiredo, Marques Gomes, Acácio Rosa, P.^o António Vieira, Jaime de Magalhães Lima, Soares dos Reis e António Nobre. — *Admiração Profunda* (1938), 4 quadras (1930, 1933, 1936 e 1937) — 1 pág.; *Os meus sonetos* (10) (1915 a 1936); Recortes d'«O Debate»; *In-memoriam* (Camilo) 1922; *Todos devemos ler* I — 1928; II, III e IV — 1929; *A alma portuguesa* (1.^o de Dezembro) — 1929; *João de Deus* — 1930.

Era justo, portanto, que no *Arquivo* se lhe publicassem, como homenagem, alguns trabalhos, fechando a série com a primeira parte do que ele deixou escrito para ser lido após a sua morte, que veio a ocorrer quatro anos depois — a 12 de Agosto de 1949.

Seguem-se os que escolhi.

JOSÉ TAVARES

«TODOS DEVEMOS LER

Ler um bom livro é dar um passo para a perfeição.

(Do autor)

III

O verbo ler

Ler! Como é bom!

Passo a minha vida rodeado de livros, em contacto com as maiores individualidades na literatura.

Sinto-me bem no aconchego das letras, acalentando-me ao seu carinho vivificante, enternecedor e suave que me seduz e instrui.

Que bom é viver no convívio desses nossos incomparáveis e confortadores amigos — os livros!

Os meus livros são partículas da minha alma, pedaços do meu coração, alimento do meu espírito!

Quero-lhes como o pai mais extremoso quer a seus filhos.

A minha vida está identificada neles, fazendo como que parte integrante do meu ser. Pressinto que, se me faltasse este alimento espiritual, morreria prematuramente.

São os livros que me dulcificam e refrigeram a existência; são eles que me confortam e me atenuam as agruras dos dias passados neste mundo de egoísmos, de ingratidão e hipocrisia que me revoltam a consciência de sincero e me penalizam o coração de sensibilidade.

Ah! Os livros!

Como eles são bons!

É abrindo e lendo os bons livros que o homem se faz homem e a mulher se faz mulher.

Sem eles, viveríamos nas trevas, na ignorância, no embrutecimento. É que eles encerram nas suas páginas, refulgentes de Luz e prenhes de Verdade, todos os indispensáveis ensinamentos para o género humano saber encetar essa senda escabrosa e dura que se chama vida.

Ler, ler! Morro por ler. E — quem sabe? — morrerei a ler!...

bibRIA*

Toda a vida tenho lido. Mas lido o quê? — Desde as páginas simples, amenas e bucólicas de Júlio Dinis, às majestosas, gigantescas e filosóficas de Vitor Hugo; às sentimentais, dramáticas, amorosas e irónicas de Camilo, às realistas e impressionistas de Eça de Queirós; das formidáveis da crítica de Fialho de Almeida, às encantadoras e belas de João de Deus e de Guerra Junqueiro; das tristes e lamentosas de António Nobre e revoltadas de José Duro, às educativas e moralistas de D. Maria Amália e brilhantes e fidalgas de seu marido — Gonçalves Crespo.

Desde as páginas maravilhosamente fantásticas de Júlio Verne, às requintadamente reais de Ramalho Ortigão, de Antero de Figueiredo e de Blasco Ibañez; das rigidamente austeras e sisudas de Soares de Passos, às hilariantes e cómicas de Gervásio Lobato; das altamente combativas e contundentes de Gomes Leal, às sentidamente idealistas de Antero de Quental.

Desde as genuinamente históricas de Alexandre Herculano, às moralizadoras e cristianíssimas de Leão Tolstoi; desde as grandiosamente oratórias de Alves Mendes, às sublimes e deslumbradoras de Padre António Vieira; das cheias de encanto e suavidade de Pinheiro Chagas, às finas e elegantes de Latino Coelho; das resplendentes de Verdade e Razão de Heliodoro Salgado, às

primorosas e incontestáveis de Ernesto Renan; das severas e analistas de Forjaz de Sampaio, às arqui-realistas, de Emílio Zola! Etc., etc.

Tudo isto e muito mais eu tenho lido! E, quanto mais leio, mais se me arreiga a ânsia de ler mais ainda.

A vida, para mim, circunscribe-se a quatro maneiras de a gozar:

Ler bons livros, assistir a um bom teatro, a um bom concerto musical, e fazer uma boa digressão. E basta-me possuir isto para me considerar feliz. Não digo que não goste de outros divertimentos, mas que sejam eles de elevação moral, educativos, que façam elevar o homem à perfeitabilidade, desviando-o do vício e do mal.

Mas só lendo-se e estudando-se se alcançará esta vitória.

Eis, meus amigos, o verbo que eu mais conjugo na vida — Ler!

Aveiro, Junho de 1929»

*(Publicado em «O Debate» de 15 de Agosto de 1929,
subscrito com o anagrama de JALOVÉSSI).*

«UMA VISITA INOLVIDÁVEL

Vou falar de uma grande figura da minha terra.

Eu tive a dita honrosa e delicada de se me proporcionar uma visita ao solitário da Quinta de S. Francisco, em Eixo.

Já sabem talvez a quem me refiro. É a essa alma de bondade e de ternura, a esse espírito augusto e sublime de filósofo e de sábio que neste mundo e nesta terra se chamou JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

Gozei, pois, a suprema glória, a inexcedível ventura de ser recebido por Ele, em sua casa. Foi isto em 25 de Março de 1929.

De há muito que germinava no meu peito a ardente vontade de me avistar e falar a preceito com essa grande alma cheia de nobreza e de generosidade, e de alta preponderância nas letras e na filosofia.

Assim fiz:

Meti-me com minha mulher no «Vale-do-Vouga» e zás! — direitos a Eixo, onde já nos esperava uma pessoa amiga. Depois duma pequena demora nos cumprimentos do estilo, pusemo-nos os três a caminho, em demanda da casa que tanto almejávamos, que fica ainda distante da estação daquela campesina localidade.

Parámos em frente duma casa rústica e poética daquela amena e ridente aldeia. Era ali que Jaime de Magalhães Lima habitava.

Fizemo-nos anunciar. Logo após uma pequena e natural

espera adentro já das suas portas, o Dr. Jaime Lima aparece-nos sorridente e amável, transparecendo-lhe na sua simpática e carinhosa fisionomia prenúncios do maior e mais franco acolhimento, ainda direito a nós, estendendo-nos afável e prontamente a sua mão, convidando-nos a entrar.

Assim que deparci a sua figura nobre, esbelta e elegante, emoldurada nas suas venerandas barbas brancas esvoaçando à brisa suave e fagueira que se notava naquele dia, eu, instintivamente me descobri com o mais elevado respeito, sentindo-me vivamente confundido.

Estendeu-nos a sua mão, como disse já, gesto próprio nos homens ilustres e bons como ele.

Começou por indicar-nos a sua vasta quinta, semeada de frondosos eucaliptos, os quais — nos disse — os havia, *Ele só*, plantado em 1900, tal era o seu acendrado e acurado amor às árvores, e a toda a vegetação, enfim.

A seguir, com toda a boa vontade e deferência, convidou-nos a entrarmos na sua Biblioteca.

Suprema glória para mim!

Não lhes digo nada. Eu, com este convite, senti o mais inefável dos prazeres! Ao dar ingresso naquela sala pejada de estantes carregadas de livros, que um profundo silêncio envolvia, apenas entrecortado pelo cantar melodioso do melro e de outros seres voláteis, não sei o que senti naquele momento, tal era o meu indefinível estado de espírito ao entrar naquele grandioso santuário de ideias e de Literatura. Porém, comparo esta minha sensação à que experimentei ao transpor o pórtico artístico-majestoso do monumento da Batalha, penetrando na respeitável penumbra das suas naves grandiosas, cheias de maravilha, amor pátrio e glória! Tal é o respeitoso e profundo silêncio que envolve aquele mosteiro sublime de Arte e de Beleza e o da Biblioteca do sábio e bom Dr. Jaime Lima!!

Este grande homem, ao chegarmos a sua casa, estava escrevendo, a convite, para um jornal de Ponta Delgada, um artigo sobre a prodigiosa individualidade de outro filósofo e sábio, a quem os seus grandes admiradores que com ele privavam cognominaram de Santo Antero!

— Estava, meus senhores, neste momento, a escrever qualquer coisa acerca de Antero de Quental! O que sou eu ao pé de Antero de Quental, para poder dizer algumas palavras da sua pessoa, da sua vida ou da sua obra...? — nos diz Jaime Lima com a maior despreziosidade e modéstia.

Sorrimo-nos, entreolhando-nos, cheios de admiração e ternura pela sua profunda simplicidade, ao ouvirmos esta confissão, tão espontânea e tão bela, da boca daquele que tão bem sabia como ninguém o que estava a escrever, e que tão bem conhecia a vida e personalidade desse grande idealista que foi Antero de Quental, pois que com ele havia privado nos seus belos e saudo-

sos tempos da Universidade da Lusa Atenas e também com os seus companheiros que formavam o famoso grupo de intellectuais denominado «Vencidos da Vida».

*

Uma vez na sua Biblioteca, Ele mostrou-nos, com a sua peculiar e angélica paciência, obras dos mais célebres homens de letras, entre as quais as primeiras edições que lhe foram oferecidas com a respectiva dedicatória: *A Velhice do Padre Eterno*, de Junqueiro; *Só*, de António Nobre; *Os Sonetos*, de Antero e as suas *Primaveras Românticas*, e também as suas cartas, endereçadas a Jaime Lima, e o artigo que estava preparando; etc., etc.

Ainda nos apresentou mais obras de Junqueiro, de Oliveira Martins, as cartas deste, a Ele também dirigidas.

Na sua amável e agradabilíssima palestra, tivemos a honra de nos falar de TOLSTOI, do qual nos mostrou cartas em russo que deste recebera depois da sua viagem à Rússia, em que visitou o impoluto e intemerato pensador, cristão e filósofo.

E, penetrado de religiosidade pela filosofia e pensamento tolstoiano, o Dr. Jaime Lima cita-nos as primeiras palavras de TOLSTOI, ao defrontar-se com Ele. Foram as seguintes:

— «A sua profissão? — perguntou TOLSTOI.

— Proprietário e jornalista. — E a deste homem? — acrescentou, apontando o meu intérprete. — É meu intérprete — disse-lhe eu. — Ora o que há de melhor, disse severa e duramente, é pedir esmola; ser intérprete já é melhor do que ser proprietário; mas ser proprietário é o que conheço de pior», etc.

Assim pensava TOLSTOI. — Referiu-se ainda Jaime Lima a Eça de Queirós, a Ramalho Ortigão, a Oliveira Martins, Kropotkine, e a outros homens ilustres nas letras e nas ideias, como Alexandre Herculano, Teófilo Braga, ventilando-se a grande e considerabilíssima História de Portugal do austero e preclaro solitário de Vale de Lobos, etc., etc.

Falou-nos também de seu pai, esse ilustre brasileiro-aveirense, e do seu irmão, Dr. Sebastião de Magalhães Lima, excelso paladino da Verdade e lídima figura da República Portuguesa.

Nós, enlevados com honra tão penhorante e tão atraente, ouvíamos-lo extasiados, arriscando apenas, de quando em quando, alguma receosa palavra sobre tão instrutiva e magnífica conversa, que me foi imerecidamente tributada com a mais admirável gentileza e bondade.

*

Escurecia. Fizemos as nossas respeitosas despedidas ao homem que tão lhanamente nos atendera, convidando-nos ainda para nova visita no Verão seguinte, para podermos apreciar os milha-

res de árvores e flores que a sua Quinta de S. Francisco, viçosa e extensa, apresentaria nessa ocasião.

Por acasos imprevistos, essa nossa visita não se realizou. É pena. As coisas são assim...

Saimos, agradecendo tão subida atenção de que fomos alvo, muito reconhecidos e gratos, simultâneamente confundidos, rejubilando de contentamento.

São assim os grandes homens. Fora uma tarde cheia de encanto para nós.

17-V-941»

«DR. JAIME DE MAGALHÃES LIMA

(Em homenagem na data da sua morte).

Alma nobre, alma sã, alma de Luz!
Alma cheia de pureza e de bondade;
Alma diáfana, alma que seduz,
Alma simples que envolve majestade!

Eis a do homem que ora desaparece.
Amigo do povo, apóst'lo do Bem,
Vulto excelso que uma terra engrandece,
Foi dos raros seres que o mundo tem!

Aveiro — de luto, submersa em dor,
Por ser berço desta admirável alma —
Em homens bons a outras leva a palma.

E assim, ao magno Aveirense, escritor,
Moralista e preclaro cidadão
Eu presto homenagem, do coração.

2-III-936»

«A MINHA TERRA

(Jardim à Beira-Mar)

Que linda é a minha terra!
Que encantos ela possui!
Ela é muito apreciada: —
Muita gente a ela afluí.

É terra amiga de todos,
Pois estima a quem cá vem;
É sincera e tem os dotes
Duma santa e doce mãe!

JOSE SILVA

Belezas, tem-nas milhares,
Com que a fadou a natura;
A ela não há semelhante
Em bondade e formosura.

Tem amores, lindo céu
E grande vista geral;
Tem uma ria imensa,
Cheia de montes de sal.

É maravilha sem fim;
Minha terra amada é bela,
É tal qual um jardim!

Tem canais e tem salinas,
Tem mulheres *duma cana*:
É das cidades mais finas;
É Veneza Lusitana.

18-VIII-936*

«ADMIRAÇÃO PROFUNDA

Admiro altamente todos os homens
De nobres ideais;
E aos que por Eles se sacrificam
Ainda admiro mais.
Quanto mais admiro neste mundo
Os vultos da Ideia,
Minha alma fica cheia
Dos seus fulgores espirituais!!

16-III-938*

«SESSENTA ANOS!

(Para ser lido após a minha morte)

Sinto-me morrer.

Nasci em 1884! Para quê? Para uma vida de martírio, de intenso sacrifício, de cruéis amarguras.

Não sei para que se nasce, não sei para que se vive!

Tenho vivido sempre incompreendido, desgostoso, recebendo as mais duras ingratidões! Triste vida!

Sempre, pela vida fora, encontrei maus, falsos e estúpidos (com raras excepções). Mas uma coisa, ao menos, me satisfaz: a única consolação que me resta é ter constantemente difundido as sãs doutrinas para a Liberdade e para a Instrução! — ter sido um enérgico e estrénuo paladino da Verdade, da Justiça,

da Razão e da Luz, custando-me muitas vezes isto malquerenças e inimizades de muita gente.

Fui sempre contra o obscurantismo, contra preconceitos absurdos, que existem nesta sociedade enfermiça e apática.

Sempre desassombrada e perseverantemente pugnei pela Verdade, e combatendo a *mentira* e a *hipocrisia*, pretendendo libertar o cérebro daqueles que andam acorrentados ao *mal e às trevas*, sob o domínio doutros que os trazem ludibriados com a estupidez e ignorância, para se cumularem de benefícios e regalias, em detrimento *desses pobres de espírito* que os acreditam e seguem cegamente!

Sinto-me morrer, mas morro satisfeito pelo meu dever cumprido, em ser um tenaz demolidor do *erro, do fanatismo e da intrujice* deste mundo torpe e perverso, propenso só ao mal, e repare-se, como prova destas minhas palavras, para a guerra horrorosa que se tem desencadeado desde 1939! Que mundo!

Propaguei sempre as puras e benfazejas doutrinas em prol da *liberdade e do Bem*, sempre!

Morro contente por assim ter sido, mas... muitas vezes também fui mal compreendido. Há gente que só está bem a chafurdar no *erro e na mentira*, não querendo ver de que lado está a *Razão e a Luz*.

Passsei uma vida inteira agarrado aos livros, para ser um espírito livre, para me instruir, para me libertar de preconceitos perniciosos e da superstição que ataca muita gente, infelizmente, e consegui.

Procurei sempre transmitir aos outros a ideia da libertação das peias venenosas dos pantomineiros, dos charlatães, dos cínicos, que pretendem insuflar no ânimo dos outros acreditar na peçonha de que são dotados, para os ludibriar, *para viverem à sua custa*. Creio que alguma coisa tenho conseguido. Muitos já lêem devido à minha intensa propaganda dos bons livros, a bem da liberdade.

Posso, pois, morrer. Creio ter cumprido o meu dever de cidadão livre *que sempre fui*. Adeus.

Aveiro, 21 de Abril de 1945»

TOPÓNIMOS DO DISTRITO DE AVEIRO

XXXIV

Vila Nova de Monçarros

(V. N. de Monçarros — Anadia)

Na origem existiam dois núcleos distintos que eram, segundo documento de 1064, *uillanoua* e *muzarros* ⁽¹⁾; em 1082, *uillanoua* e *mazarros* ou *muzarros* mantinham-se na mesma situação ⁽²⁾; documento de 1140 apenas menciona *Mozarros* ⁽³⁾, mas um rol de igrejas de 1259 regista já *Sanctus Michael De Villa noua* ⁽⁴⁾ que é indubitavelmente a freguesia que, em 1320-1321, se nomeia *Vilanoua de mocarros* ⁽⁵⁾; em 1514, *vylla noua de mocarros* e *Villa Noua de moçarros* ⁽⁶⁾; em 1517, *Vyla noua de mocarros* ⁽⁷⁾; em 1527,

⁽¹⁾ *Dipl. et Chartae*, pág. 277.

⁽²⁾ *Ib.*, pág. 363. Este mesmo documento foi publicado, de forma extremamente descuidada, por J. PEDRO RIBEIRO, *Dissertações cron. e crít.*, t. iv, págs. 185-187.

⁽³⁾ *Documentos Medievais Portugueses-Régios*, vol. I, pág. 220.

⁽⁴⁾ *Rol de Igrejas do rei* da gav. 19 — maço 14 — n.º 7, fl. 8-v. A identificação não oferece dúvida.

⁽⁵⁾ *Códice n. 1 do Cartório do Cabido de Coimbra*, fl. 31-v. Assim se constituiu o nome da paróquia-concelho que subsistiu até às reformas administrativas liberais. Há que notar que, como em tantos outros nomes de unidades religiosas ou administrativas, o nome desta engloba os chamados dos dois núcleos mais importantes e mais antigos, continuando *Monçarros* a ser o nome privativo de uma povoação da freguesia de V. N. de Monçarros.

Não vá supor-se que a designação da freguesia com o nome que é o actual data apenas do século XIV: um fraco documento, não-original, datado de 1288, menciona *Villa noua de Mnsarroz!!* (neste *Arquivo do D. de Aveiro*, vol. XVI, pág. 223); e o chamado *Livro das Kalendas*, numa verba de 1291, traz *Villa Nova de Moçarros (Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis*, t. II, pág. 210).

⁽⁶⁾ Neste *Arg. do D. de Aveiro*, vol. II, págs. 208 e 215 respectivamente, R. MADAHIL publica o exemplar do foral manuelino pertencente ao donatário que é muito diferente do que se encontra na Torre do Tombo e foi publicado por L. F. de CARVALHO DIAS, *Forais Manuelinos: Estremadura*, págs. 217-218. Aparece a grafia equivocada *maçorros*, ao lado de *moçarros (ib., pág. 217)*; e é o que efectivamente se lê no *Livro dos Forais Novos de Estremadura*, fl. 176.

⁽⁷⁾ Cit. *Arg. do D. de Aveiro*, vol. II, pág. 215.

Vila Nova de Moçarros⁽⁸⁾; em 1689, Villanoua de Monsarroz⁽⁹⁾; em 1708, Villa nova de Monçarros⁽¹⁰⁾; em 1721, Villa Nova de Monçarros⁽¹¹⁾; em 1747, Villa-Nova de Monsarros⁽¹²⁾; em 1768, Villa-Nova de Monsarros⁽¹³⁾; e em 1798, Villa Nova de Moncarros⁽¹⁴⁾.

A base de Moçarros < > Monçarros é evidentemente o aumentativo moçarro, formado a partir de moço com o sufixo -arro⁽¹⁵⁾; é verdade que não conseguimos documentar a existência em português de moçarro, mas algum uso terá tido como no-lo atesta suficientemente a existência em espanhol do aumentativo reforçado mozarrón⁽¹⁶⁾ e do colectivo mozarrada⁽¹⁷⁾.

*

Com a mesma origem, encontramos Moçarria ou Monçarria (Abitureiras — Santarém); a história deste topónimo é um tanto complicada, mas há que começar com ela.

Eis um elenco de formas: 1527 Moçarias⁽¹⁸⁾, 1628 mocarias⁽¹⁹⁾, 1629 mocarrias⁽²⁰⁾, 1630 mocarrias⁽²¹⁾, 1633 mocarrias⁽²²⁾, 1686 Mossaria⁽²³⁾, 1687 Porto das Mossarias e Mossaria⁽²⁴⁾, 1689

(8) *Arq. Hist. Português*, vol. VI, pág. 244.

(9) MEIRELES, *Prontuário*, pág. 395; *ib.*, Monsarros como nome da povoação.

(10) COSTA, *Corogr. Portuguesa*, vol. II, pág. 67.

(11) Neste *Arq. do D. de Aveiro*, vol. VIII, pág. 198; além desta, outras formas, uma das quais terminada em z. Em pág. 199, o nome da povoação da freguesia, Monssarros.

(12) CARDOSO, *Diccion. Geogr.*, vol. I, pág. 311.

(13) P. DIAS DE NIZA, *Portugal Sacro-Profano*, vol. II, pág. 311.

(14) FUNDAÇÃO C. GULBENKIAN, *O censo de Pina Manique*, pág. 27: *sic*.

(15) Não é de forma alguma aceitável ir buscar ao nome pessoal Muzarra, para mais má lição de Muzara, a origem deste topónimo.

(16) ACADEMIA, *Diccion.*, s. v. Não valerá a pena dissertar a respeito deste reforçamento do aumentativo. Basta lembrarmos em português *gatarrão*, *homenzarrão* e o antigo *espadarron* (W. GIESE, *Miscelânea... Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, pág. 570 e R. LAPA, glossário das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer*). Aproveite-se o ensejo para referir um exemplo toponomástico português do mesmo facto: *Poçarrão* (Mouriscas — Abrantes), ao lado de *Poçarro* (S. João de Fontoura — Resende).

(17) *Diccionario Hispánico Universal*, t. I, s. v. *mozarrada* 'pandilla de mozos', vocábulo que se informa ser da região de Salamanca.

(18) *Arq. Hist. Português*, vol. VI, pág. 262.

(19) *Registos paroquiais de Abitureiras* — Santarém: Livro M-1, fl. 19.

(20) *Ib.*, fl. 22-v., 26 e 26-v.

(21) *Ib.*, fl. 29 e 29-v.

(22) *Ib.*, fl. 52.

(23) *Registos paroquiais de Abitureiras* — Santarém: Livro B-1, fl. 6.

(24) *Ib.*, fl. 8-v. e 10.

Mossarias ⁽²⁵⁾, 1690 *Mossarias* ⁽²⁶⁾, 1692 *Mossarias* ⁽²⁷⁾, 1693 *mos-sarias* ⁽²⁸⁾, 1708 *Mossarrias* ⁽²⁹⁾, 1709 *Mossarrias* ⁽³⁰⁾, *Porto das Mossarrias* ⁽³¹⁾ e *Mossarria* ⁽³²⁾, 1710 *Mossarrias* ⁽³³⁾ e *Mossarrias* ⁽³⁴⁾, 1711 *Mossarrias* ⁽³⁵⁾, 1712 *Mossarrias* ⁽³⁶⁾, 1748 *Monsarrias* ⁽³⁷⁾, 1758 *Monçarria* ⁽³⁸⁾, 1876 *Moçarria* ⁽³⁹⁾, 1889 *Moçarria* ⁽⁴⁰⁾, 1906 *Moçarria* ⁽⁴¹⁾, 1967 *Moçarria* ⁽⁴²⁾ e 1970 *Monçarria* ⁽⁴³⁾.

Não valerá a pena chamar a atenção para as grafias de *c* equivalente a *ç* ou para as grafias com *ss*, muito frequentes a partir do fim do século XVII e que só atestam afinal a confusão de *ç* e *s* na história do português ⁽⁴⁴⁾; na documentação manuscrita de séculos XVI a XVIII, é também correntíssimo encontrar-se *r* por *rr*; da nasalação da vogal da sílaba inicial devida à influência da bilabial nasal que lhe está contígua, seria redundância falar ⁽⁴⁵⁾. A maior dificuldade está em explicar a diversidade de formas, ora em singular, ora em plural: parece crível supor a existência de diversos núcleos, dois pelo menos... *Moçarria* e *Porto da Moçarria*.

Quanto a *Moçarria*, parece evidente que se trata de um derivado de *moçarro* com o sufixo *-ia*, formação análoga à que se observa em *Fanadia*, *Galeguia* e *Rechaldia* que assentam nos nomes pessoais ou alcunhas *Fanado*, *Galego* e *Richalde*: as terras ou casais dos *moçarros* ⁽⁴⁶⁾.

bibRIA

⁽²⁵⁾ *Ib.*, fl. 19-v.

⁽²⁶⁾ *Ib.*, fl. 27-v.

⁽²⁷⁾ *Ib.*, fl. 38-v.

⁽²⁸⁾ *Ib.*, fl. 46.

⁽²⁹⁾ *Registos paroquiais de Abitureiras* — Santarém: Livro B-1 (2.º cad.), fls. 33 e 35.

⁽³⁰⁾ *Ib.*, fl. 39

⁽³¹⁾ *Ib.*, fl. 41-v.

⁽³²⁾ *Ib.*, fl. 44.

⁽³³⁾ *Ib.*, fl. 47-v.

⁽³⁴⁾ *Ib.*, fl. 48-v.

⁽³⁵⁾ *Ib.*, fl. 53-v. e 57.

⁽³⁶⁾ *Ib.*, fl. 66-v.

⁽³⁷⁾ *Registos paroquiais de Abitureiras* — Santarém: Livro B-4, fl. 2-v. e 11-v.

⁽³⁸⁾ *Dicionário Geográfico Manuscrito*, vol. 1.º, pág. 86.

⁽³⁹⁾ BAPTISTA, *Corogr. Mod. ... de Portugal*, vol. 4.º, pág. 243.

⁽⁴⁰⁾ F. A. DE MATOS, *Dicion. Corogr. de Portugal*.

⁽⁴¹⁾ F. C. DE AZEVEDO, *Novo Dicion. Corogr. ...* (4.ª ed.).

⁽⁴²⁾ SERVIÇO CARTOGRÁFICO DO EXÉRCITO, *Reportório toponímico de Portugal*, vol. II.

⁽⁴³⁾ *Anuário Comercial* (ed. de 1970).

⁽⁴⁴⁾ Para mais precisões, v. LEITE DE VASCONCELOS, *Esquisse*, págs. 114-116.

⁽⁴⁵⁾ Aliás, se em *Monçarros* a nasalação se fixou firmemente, no topónimo das *Abitureiras* há alguma oscilação quanto a esse aspecto.

⁽⁴⁶⁾ J. DA SILVEIRA, *Rev. Lusit.*, vol. 24.º, pág. 212; este e outros tipos de topónimos formados mediante sufixação de nomes pessoais são característicos das regiões estremenhas e ribatejanas.

Belazaima

(Belazaima — Águeda)

A existência das duas povoações, chamadas hoje *Belazaima-a-Velha* e *Belazaima-a-Nova* ou *Belazaima do Chão*, é já antiga e atesta-se suficientemente, como o leitor atento notará: 1220 *Villam de balsamia et de alia Balsamia* ⁽¹⁾, 1485 *ballasayma* ⁽²⁾, 1527 *Balsaima* ⁽³⁾, 1570 *balasaima* ⁽⁴⁾, 1689 *Balazayma* ⁽⁵⁾, 1708 *Balazaima* e *Balazaima a velha* ⁽⁶⁾, 1721 *Belazaima a velha* e *Belazaima* ⁽⁶⁾, 1747 *Ballazaima* ⁽⁸⁾, 1751 *Belazaima a Nova* ou *do Chão* ⁽⁹⁾ e *Belazaima a Velha* e *Belazaima a Nova* ⁽¹⁰⁾, 1758 *Belazayma* ⁽¹¹⁾ e *Belazeyma* ⁽¹²⁾, 1767 *Belazaima* ⁽¹³⁾ e 1798 *Belazaima* ⁽¹⁴⁾.

Co-originário deste é um outro topónimo que não pertence ao nosso distrito: *Belazeima* (S. João do Monte — Tondela): 1258 *Balsamia* ⁽¹⁵⁾, 1527 *vall sayma* ⁽¹⁶⁾, 1689 *balazeyma* ⁽¹⁷⁾ e 1751 *Balazaima* ou *Belazaima* ⁽¹⁸⁾.

(1) Neste *Arq. do Distr. de Aveiro*, vol. II, pág. 289 ou *Milenário de Aveiro: Colecção de Documentos Históricas*, vol. I, pág. 64.

(2) *Milenário de Aveiro: Colect. cit.*, pág. 236 ou DOMINGOS MAURICIO, *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*, vol. II, pág. 594.

(3) *Arq. Hist. Português*, vol. VI, pág. 278.

(4) ROCHA MADAIL, *Livro da Fazenda... da Universidade de Coimbra*, pág. 142 (*balasaima a velha*) e pág. 151 (*Balasaima a Velha* e, com indicação de à margem, *balasaima*).

(5) MEIRELES, *Prontuário*, pág. 337.

(6) COSTA, *Corogr. Port.*, vol. II, pág. 140.

(7) ROCHA MADAIL, *Arq. do Distr. de Aveiro*, vol. VIII, pág. 201 e 202.

(8) CARDOSO, *Dicion. Geogr.*, vol. I, pág. 389.

(9) CARDOSO, *Dic. Geogr.*, vol. II, pág. 134.

(10) *Id.*, *ib.*, vol. II, pág. 135.

(11) *Dicionário Geogr. Manuscrito*, vol. 6.º, págs. 589, 591 e 592.

(12) *Ib.*, vol. 6.º, pág. 589: *Belazeyma de cham* e *Belazeyma avelha*.

(13) P. DIAS DE NIZA, *Portugal Sacro-Profano*, vol. I, pág. 90.

(14) FUND. C. GULBENKIAN, *O Censo de Pina Manique*, pág. 58.

(15) *Inquisitiones*, pág. 915.

(16) *Cadastró*, pág. 158.

(17) MEIRELES, *Prontuário*, pág. 438.

(18) CARDOSO, *Dic. Geogr.*, vol. II, pág. 17. Como o Couto de S. João do Monte pertencia a Santa Cruz de Coimbra, é natural que se identifique com este topónimo a forma *balsamha* do séc. XIII (*Livro das Kalendas*, vol. II, pág. 43), pois haveria naturalmente comunicação de pessoas entre S. João do Monte e Coimbra. Não pode, todavia, excluir-se terminantemente a sua identificação com o exemplar de Águeda. As lições do citado *Livro das Kalendas* são variadas, adoptando nós aquela a que não foi possível sobrepor um til ou traço alongado sobre *am*. AMADEU FERRAZ DE CARVALHO, em *O Instituto*, vol. 106.º, págs. 101-102, estudou este topónimo, sem atingir uma solução aceitável.

TOPÓNIMOS DO DISTRITO DE AVEIRO

Como as formas mais antigas dos dois espécimes mostram com clareza, a base é o antropónimo latino *Balsamius* ⁽¹⁹⁾: (*villa*) *Balsamia*, formação perfeitamente paralela a (*villa*) *Socia* que originou *Soza* ⁽²⁰⁾ ou (*villa*) *Annia* que originou *Anha* ⁽²¹⁾.

É de frisar que, embora um tanto complexa, a história dos dois espécimes correu muito próxima, devendo notar-se que o espécime do distrito de Aveiro tanto soa *Belazaima* como *Balazaima* e que algumas formas do século XVIII têm o ditongo *ei* na sílaba tónica ⁽²²⁾.

XXXVI

Vacariça

(Vacariça — Mealhada)

Nome local antiquíssimo. Documento de 974 refere já o *ribulo uakariza* ⁽¹⁾. Seguidamente, não já um curso de água, mas um local povoado documenta-se com grande frequência: 1002 *uaccariza* ⁽²⁾, 1005 *uaccariza* ⁽³⁾, 1006 *uaccariza* ⁽⁴⁾, 1016 *uaccaricia* ⁽⁵⁾, 1018 *uaccariza* ⁽⁶⁾, 1018-1021 *uacariza* ⁽⁷⁾, 1040 *uaccarize* e *uaccariza* ⁽⁸⁾, 1043 *uaccarica* ⁽⁹⁾, 1045 *uaccariza* ⁽¹⁰⁾, 1053 *uacca-*

⁽¹⁹⁾ *Thesaurus totius latinitatis*, vol. II, col. 1709. PERIN, *Onomasticon totius latinitatis*, vol. I, pág. 243, apenas cita *Balsamus*.

⁽²⁰⁾ JOAQUIM DA SILVEIRA, neste *Arq. do D. de Aveiro*, vol. x, págs. 164-167.

⁽²¹⁾ *Rev. Port. de Filologia*, vol. xv, pág. 14.

⁽²²⁾ Parece que deste estudo poderia tirar-se a conclusão de ordem prática segundo a qual a correcta ortografia dos dois nomes deveria ter *s* e não *z*. Como, porém, a tradição, segundo as normas vigentes, pesa em considerações atinentes à ortografia e como essa tradição não se interrompe no emprego do *z* a partir do século XVII, não haverá inconveniente em manter as formas ortográficas correntes (*Belazaima*, etc.).

⁽¹⁾ *Dipl. et Chartae*, pág. 71. Acerca do notável mosteiro que floresceu no local. v. A. S. de SOUSA BAPTISTA, *Mosteiro da Vacariça* (neste *Arq. do D. de Aveiro*, 1954, vol. xx, págs. 59-66) e J. MATTOSO, *Le Monachisme ibérique et Cluny*. Lovaina, 1968, págs. 331-332 e *passim*.

⁽²⁾ *Dipl. et Chartae*, pág. 116.

⁽³⁾ *Ib.*, pág. 119.

⁽⁴⁾ *Ib.*, pág. 120.

⁽⁵⁾ *Ib.*, pág. 141. Na mesma pág., a forma grãficamente flectida,

uacarize.

⁽⁶⁾ *Ib.*, pág. 145.

⁽⁷⁾ *Ib.*, pág. 137. O documento é publicado com a data duvidosa de 1013, mas SOUSA BAPTISTA (cit. artigo, *Arq. do D. de Aveiro*, vol. xx, pág. 63) coloca-o de 1018 a 1021.

⁽⁸⁾ *Dipl. et Chartae*, pág. 189. Com variantes.

⁽⁹⁾ *Ib.*, pág. 200.

⁽¹⁰⁾ *Ib.*, págs. 209 e 210.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

rice⁽¹¹⁾, 1055 uaccariza⁽¹²⁾, 1091 uaccariza⁽¹³⁾, 1094 vacarize⁽¹⁴⁾, 1140 Vaccaricia⁽¹⁵⁾, 1259 Vacariza⁽¹⁶⁾, 1320-1321 Vacariça⁽¹⁷⁾, 1514 Vacariça⁽¹⁸⁾, 1527 Vaçariça⁽¹⁹⁾, 1689 Vacarissa⁽²⁰⁾, 1708 Vacariça⁽²¹⁾, 1751 Vacarissa⁽²²⁾ e Vacarice⁽²³⁾, 1768 Vacarissa⁽²⁴⁾ e 1798 Vacariça⁽²⁵⁾.

Fora do distrito, existem dois espécimes: *Vacariça* (Lanhelas — Caminha) e *Vacariça* (Refóios do Lima — Ponte de Lima). No país vizinho, abundam nomes locais co-originários: *Bacariza*, *Vacarisas*, *Vacariza*, *Vacarizas*, *Vacarizuela*⁽²⁶⁾. Em França, notam-se *Vacheresse*, *Vacheresses*... e *Lavaqueresse*⁽²⁷⁾.

*

É evidente que o étimo destes topónimos é o vocábulo latino-vulgar *vaccaricia*, forma substantivada do adjectivo *vaccaricius*, que se derivou de *vacca* com o sufixo *-aricius* (combinação de *-arius* e *-icius*)⁽²⁸⁾.

A palavra aparece no célebre *capitulare de villis* (ano 800 ou algo antes) num passo que tem sido citado muitas vezes⁽²⁹⁾: «in unaquaque villa nostra habeant iudices vaccaritias, porcaritias, berbicaritias, capraritias, hircaritias quantum plus potuerint et nullatenus sine hoc esse debent»⁽³⁰⁾; mas há abonações

(11) *Ib.*, pág. 235; forma flectida graficamente.

(12) *Ib.*, pág. 239.

(13) *Ib.*, pág. 452.

(14) *Ib.*, pág. 484; forma flectida graficamente que, com uma variante, se lê nos dois apógrafos que subsistem do original.

(15) *Documentos Medievais Portugueses-Régios*, vol. I, pág. 220.

(16) *Rol de Igrejas do rei da gav. 1* — Maço 14 — n.º 7, fl. 10.

(17) *Códice n.º 1 do Cartório do Cabido de Coimbra*, fl. 32.

(18) Neste *Arq. do D. de Aveiro*, vol. x, pág. 221 ou C. DIAS, *Foais Manuelinos — Estremadura*, págs. 183 e 185. Tendo recorrido, na Torre do Tombo, ao *Livro de Foais Novos de Estremadura*, notámos, em fl. 149-v., *Vacarica* (com *c* e não *ç*, como R. MADAIL e C. DIAS puseram sempre, sem atentar nesta excepção).

(19) *Arq. Hist. Português*, vol. VI, pág. 244.

(20) MEIRELES, *Prontuário*, pág. 396.

(21) COSTA, *Corogr. Port.*, vol. II, pág. 67.

(22) CARDOSO, *Dicion. Geogr.*, vol. II, pág. 466.

(23) *Id.*, vol. II, pág. 441.

(24) P. DIAS DE NIZA, *Portugal Sacro-Profano*, vol. II, pág. 264.

(25) FUNDAÇÃO C. GULBENKIAN, *O Censo de Pina Manique*, pág. 27.

(26) INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, *Diccion. Corogr.*, ts. I e IV,

s. vv.

(27) DUCLOS, *Dict. général des villes ... de la France* (Paris — Limoges, 1851), s. vv. e DAUZAT & ROSTAING, *Dictionnaire étymologique des noms de lieux de la France*, Paris, 1963, s. v. *Vachères*.

(28) GRANDGENT, *Introducción al Latin Vulgar*, § 39, pág. 51

(29) Entre outros, A. LONGNON, *Les noms de lieu de la France* (Paris, 1920-1929), pág. 157.

(30) A. BORETIUS, *Capitularia regum francorum*. Hannover, 1883, vol. I, pág. 85.

TOPÓNIMOS DO DISTRITO DE AVEIRO

mais antigas da palavra, tanto nas *leges Alamannorum* (início do séc. VIII) ⁽³¹⁾, como no *factus Alamannorum* (início do séc. VII) ⁽³²⁾.

Parece claro que *vaccaritia* era não só o 'estábulo para vacas ou bois', como também o 'grupo ou rebanho de vacas ou bois'; é positivo que significou o 'grupo de 12 vacas ou mais com o seu touro' ⁽³³⁾, e à arribana construída para seu abrigo ou, em mais amplo sentido, à granja da sua criação veio naturalmente a aplicar-se o mesmo nome ⁽³⁴⁾.

*

Este topónimo *Vacariça* faz-nos evocar *Porcariça*, ou *Pocariça*, e ... *cavalarica*; por outro lado, lemos acima alguns vocábulos de baixa latinidade do mesmo tipo formativo; parece, pois, natural que juntemos agora aqueles topónimos cuja existência notámos e que se aparentam semântica e morfológicamente.

Porcariça (diversos espécimes) e *Porcariças* — A forma legítima ou vernácula e que nos aparece mesmo em dicionários corográficos publicados já no nosso século é esta ⁽³⁵⁾; como, porém, o bairrismo, entre nós, contende com a toponímia, *Porcariça* (freg. do conc. de Cantanhede) passou, por força de um decreto, a ser designada por *Pocariça* ⁽³⁶⁾.

A *Porcariza* de 1220 ⁽³⁷⁾ corresponde hoje *Porcariça* (Creixomil — Guimarães): limitemo-nos a este exemplo com história sucinta ⁽³⁸⁾.

(31) C. LEHMANN, *Leges nationum germanicarum* tomi v, Pars I: *Leges Alamannorum* (Hannover, 1883), pág. 135: «Si quis in vaccaritia legitima, ubi sunt 12 vaccas vel amplius, taurum ex ea involaverit, ...».

(32) Id., *ib.*, pág. 27: «de vacaricia», com as variantes doutros códices «vaccas» e «de vaccis».

(33) Touro este que, entre os Alamanos, ninguém poderia roubar, sob pena de pesada multa: v. supra n. (31).

(34) DUCANGE, *Glossarium* e J. F. NIERMEYER, *Mediae latinitatis lexicon minus*.

(35) FRANCISCO CARDOSO DE AZEVEDO, *Novo dicionário corográfico de Portugal* (4.^a ed.), 1906.

(36) Deve dizer-se que, já anteriormente e por virtude da tendência dissimilatória, o nome da localidade aparece às vezes escrito *Pocariça*. Alguns investigadores prestaram já atenção a este topónimo: J. J. NUNES, *A fauna na toponímia portuguesa*, pág. 20, J. LEITE DE VASCONCELOS, *Opúsculos*, vol. III, págs. 436-437 e JOAQUIM DA SILVEIRA, *Rev. Lusitana*, vol. XXXV, pág. 96. Baste-nos recordar *porcaritias* do *capitulare de villis*, e *porcaritia domum* (onde aparece com o primitivo valor de adjetivo) que se encontra nas *leges Alamannorum* (pág. 141 da obra citada na n. (31)).

(37) *Inquisitiones*, pág. 84.

(38) É claro que a substituição oficial da *Porcariça* (de Cantanhede) por *Pocariça* deu a pauta e o escrever-se *Pocariça*, em vez de *Porcariça*,

*

Obelhariça (Fiães — Melgaço) ⁽³⁹⁾, *Obelleriza* ou *Obellariza* (Orense — Junquera de Espadañedo — J. de E.) ⁽⁴⁰⁾ e *Ovellariza* (Oviedo — Villanueva de Oscos — Santa Eufemia) — Estes topónimos, como é de ver, correspondem quanto ao sentido àquele *berbicularitas* do documento carolíngio que acima lembrámos ⁽⁴¹⁾.

*

Monte da Cavalhariça ou *Monte de Cavalhariças* ⁽⁴²⁾, *Cabaleriza* (la Coruña — Cee — Toba) ⁽⁴³⁾ e *Cabelleriza* (la Coruña — Lousame — Fruime) — O apelativo documenta-se em 1263: *caualaricia* ⁽⁴⁴⁾.

tende a generalizar-se, ajudado demais pela tendência dissimilatória. Assim, no tomo I do *X Recenseamento Geral da População* ainda se regista *Porcariça*, mas uma só vez e para remeter para *Pocariça*... O *Reportório topográfico de Portugal*, publicado em 1967 pelo Serviço Cartográfico do Exército, é menos radical: ao lado de *Pocariça* e *Picariça*, regista *Porcariça* e *Porcariças*, bem como uma curiosa forma (com dissimilação de *r* — *r* em *r* — *l*) *Porcaliças* (vértice geodésico na freg. de Silva do conc. de Miranda do Douro). Outra forma igualmente curiosa, *Porcaliza*, regista o cit. *Reportório*: não é portuguesa e foi incluída na lista por lapso devido a encontrar-se não longe da fronteira (folha n.º 52 da carta de 1/25.000).

⁽³⁹⁾ *Reconhecimento dos baldios do continente*, Parte I, pág. 50.

⁽⁴⁰⁾ Na freguesia da cabeça do município: MADOZ, *Diccionario e Diccionario Corográfico* do Instituto Nacional de Estadística, respectivamente. A primeira forma é mais corrente; aliás, *ovelleriza* ou *obelleriza* foi a que em documento com data de 1622, notámos no *Tumbo del monasterio cisterciense de Santa Maria de Oya* (fl. 43-v. e fl. 46-r. e v. do códice n.º 38 do Archivo Histórico Nacional de Madrid).

⁽⁴¹⁾ O lat. *vervex*, ou derivados, está bem representado no oriente e centro de Península (G. DE DIEGO, *Diccion. etimol.*, págs. 1046-1047); um vestígio que poderá notar-se no galego (ID, *ib.*, pág. 1047, n.º 7130), pode ser devido à mera expansão dum vocábulo alheio ao galego, mas adaptado ao vernáculo na parte final: *barquiño*, a substituir *barquino*.

⁽⁴²⁾ HERCULANO, *Cartas de Vale de Lobos*, vol. I, pág. 123 e vol. II, pág. 182 respectivamente. Era o nome de uma propriedade que HERCULANO tomou de renda. Dizer-se, em português, *cavalhariça* por *cavalariça* já se tem notado e a mesma como castelhanização se observa noutros derivados de *cavalo* (v., por exemplo, FIGUEIREDO, *Diccionario*).

⁽⁴³⁾ MADOZ, *Dicc.*, vol. V, pág. 11 e vol. XIV, pág. 767, regista *Cabaleriza*; as outras fontes que tivemos à mão, incluindo a folha n.º 11 do *Mapa Militar Itinerario de España*, trazem *Cabaleriza*.

⁽⁴⁴⁾ *Arq. Hist. Português*, vol. IV, págs. 380; pág. 381, *canalariciam*. No documento, que é do *Livro de D. João de Portel*, a palavra aparece com o sentido hoje corrente de 'estábulo de cavalos': *domos et caualariciam et appotecam*, ou seja, *casas, cavalariça e adegas*.

*

Cabreiriças ⁽⁴⁵⁾ e uma forma toponímica galega de 1622, *cabrariza* ⁽⁴⁶⁾ — Estes topónimos correspondem a *capraritias* que encontramos naquele capitular mais de uma vez alegado neste estudo ⁽⁴⁷⁾.

Que *capraritias* tenha hoje como correspondente em português *Cabreiriças* ⁽⁴⁸⁾, não deve surpreender-nos: produziu-se a atracção paronímica da palavra *cabreiro* ⁽⁴⁹⁾.

XXXVII

Grada

(Vila Nova de Monçarros — Anadia
e Barcouço — Mealhada)

Povoações distintas, mas pertencentes a freguesias e concelhos diferentes; essa particularidade da sua história vem já de longe. Mas, se notarmos que os seus termos são colindantes, não constitui violência para o entendimento a conclusão de que desde cedo, a partir de um núcleo primitivo, se criou uma outra povoação-filial com o mesmo nome; também não é de excluir que *ab initio*, num mesmo acto de ocupação de terras, os povoadores tenham disposto as habitações em dois núcleos bem distintos sim,

⁽⁴⁵⁾ *Reportório toponímico de Portugal*. A folha n.º 162 da carta de 1/25.000 do Serviço Cartográfico do Exército regista com efeito este nome a designar um vértice geodésico, uma horta e uma ribeira, com situação entre Almofala e Mata de Lobos.

⁽⁴⁶⁾ Em fl. 43-v. do já citado códice n.º 38 do Archivo Histórico Nacional de Madrid (acima, n. (40)).

⁽⁴⁷⁾ A propósito de *Vacariça*, *Porcariça* e *Obelhariça*. Afinal só se não encontram vestígios toponímicos de *hircaritias* que DUCANGE, *Glossarium*, regista sob a forma *hircoritia* 'estábulo de bodes'; mas a edição do capitular que consultámos e que é a mais recente (v. acima n. (30)) traz *hircaritias*.

Como é hábito nosso, demos maior atenção à toponímia do ocidente peninsular. Além disso, ficará para outra oportunidade desenvolver e documentar mais abundantemente a história dos topónimos *Porcariça* e *Porcariças*.

⁽⁴⁸⁾ Assim como *Cabreriza* e outros em domínio de castelhano. Só a forma galega do século XVII, *cabrariza*, manteve o seu vocalismo mais próximo do étimo.

⁽⁴⁹⁾ A mesma como que substituição dum primeiro sufixo mais raro por outro mais corrente aparece em *Urgeiriça*, outrora *Orjariça* (J. DA SILVEIRA, em JOSÉ PINTO LOUREIRO, *Concelho de Nelas*, 2.ª ed., págs. 307-308) e talvez noutros casos.

mas com igual nome — o que, porém, em face da documentação parece neste caso menos aceitável.

O nome da povoação do concelho de Anadia historiar-se-á: 1514 *grada* (1), 1689 *Grada* (2) e 1721 *Grada* (3).

Para a povoação do concelho da Mealhada, que também é conhecida por *Grada de Barcouço*, poderemos arquivar: 1319 *Granada in termino de Barcouso* (4), 1320 *Granata prope aldeolam de Barcouso* (5), 1323 *Granata* (6), 1367 *grãada* (7), 1708 *Grada* (8), 1747 *Grade* (9) e 1758 *Grada* (10).

As formas antigas de *Grada* de Barcouço mostram suficientemente que os dois topónimos bairradinos resultaram afinal da transferência para o nosso território do topónimo *Granata* <> *Granada* do sul da península (11). Foram evidentemente gentes vin-

(1) Neste *Arg. do D. de Aveiro*, vol. II, pág. 208. C. DIAS, *Forais Manuelinos: Estremadura*, pág. 217, traz *giada* (*sic*). Sobre este documento e seu teor, vid. n. (6) do estudo XXXIV.

(2) MEIRELES, *Prontuário*, pág. 395.

(3) *Informações paroquiais do distrito de Aveiro* (neste Arquivo, vol. VIII, pág. 199).

(4) *Liber Anniversarium Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis (Livro das Kalendas)*, vol. II, pág. 75.

(5) *Ib.*, vol. II, pág. 135.

(6) *Ib.*, vol. II, pág. 189. Outras abonações deste registo que não vêm acompanhadas de indicação da era revestem sempre a forma *Granata* (*Ib.*, vol. I, págs. 67, 156 e 234 e vol. II, pág. 238), sendo *Ganata* (*Ib.*, vol. I, pág. 63) um lapso evidente do próprio códice ou da edição impressa. As abonações de págs. 67, 156 e 234 do vol. I e de pág. 238 do vol. II respeitam ao aniversário de um *Fernandus Petri* que é a mesma pessoa a que diz respeito a abonação datada de pág. 135 do vol. II: daqui se colige que o ano a atribuir a essas abonações é 1320 e que se trata inegavelmente da povoação de Barcouço. As abonações de pág. 63 do vol. I e de pág. 189 do vol. II encontram-se no aniversário respeitante a um *Alfonsus Petri* e, como a segunda abonação tem a data de 1323, é lícito atribuir a mesma data à primeira. Razoável se nos afigura considerar que também neste caso se trata da povoação de Barcouço, pois *Fernandus* e *Alfonsus*, dado que ostentam idêntico patronímico, eram muito presumivelmente irmãos.

(7) ROCHA MADAHIL, *Livro Verde da Universidade de Coimbra*, pág. 68; MOREIRA DE SÁ, *Chartularium Universitatis Portucalensis*, vol. I, pág. 282, dá a lição *granada* para o mesmo documento; noutra documento de 1368 (*Ib.*, pág. 275) vem *Graada*.

(8) COSTA, *Covogr. Portuguesa*, vol. II, pág. 54.

(9) CARDOSO, *Dicion. Geogr.*, vol. I, pág. 462; *sic*.

(10) *Dicionário Geográfico manuscrito*, vol. 1.º, pág. 299.

(11) Esta cidade hoje espanhola foi outrora, por motivos de vária ordem, um centro relativamente mais notório do que hoje, e é curioso verificar que, entre nós, o seu nome sofreu as mesmas alterações que verificámos nos topónimos do distrito: nos *Livros de Linhagens, Granada e Grada (Scriptores*, pág. 150), em F. LOPES, *Graada (Crónica de D. Pedro I*, ed. de Damião Peres, pág. 109 e *passim* e *Crónica de D. João I — II Parte*, ed. Entwistle-Cintra, págs. 421 e 439), em Pina, *Graada e Grada (Crónica de D. João II*, ed. de Martins de Carvalho, págs. 24, 35 e 70 e pág. 23), no primeiro quartel do século XVI, *Grada (Arg. Hist. Port.*, vol. II, pág. 393 e ss.).

das daquela grande cidade, ou do seu aro, que imigraram para terras, reconquistadas havia pouco para a cristandade e que deram ao decerto pobre conjunto dos seus habitáculos o nome da terra donde partiram (12).

*

Esta transferência de nomes locais do seu *ubi* inicial para regiões às vezes longínquas é fenómeno evidentíssimo. Quer o expatriado recordar a terra mãe e ao sítio onde assentou casal dá naturalmente o nome daquela: assim se explica que no Brasil encontremos nomes portugueses como *Santarém*, *Óbidos* e tantíssimos mais. Por motivos semelhantes, vamos encontrar topónimos de Espanha nos países do chamado mundo hispânico, topónimos de Inglaterra na América do Norte e Austrália, topónimos de Itália na América do Norte, etc., etc. (13).

Com o nome desta insignificante povoação nossa, verificou-se o mesmo processo, mas naturalmente em época mais remota. E não é caso isolado, pois história análoga têm, além de outros, os topónimos seguintes:

Córdova (Paus — Resende) — Não carece de grandes explicações a história deste topónimo que podemos fazer ascender ao século XII (14). É evidente a conexão com o nome da cidade de *Córdoba* que foi capital da Espanha muçulmana.

Malga (Cernache dos Alhos — Coimbra) — As formas antigas são: 1112 *Malaga* (15), 1281 *Malega* (16), 1375 *Malaga* (17), 1527 *Malega* (18) e 1758 *Malgua* (19). Impõe-se intuitivamente a conclu-

(12) Esta deslocação de pessoas que viviam em terras de mouros para terras de cristãos é facto sobejamente demonstrado e geralmente aceite: vid. o que, à roda do assunto, condensámos na nossa *Contribuição topo-antroponímica para o estudo do povoamento do noroeste peninsular*, págs. 97-111.

(13) Há naturalmente que ressaltar certos nomes de imposição oficial e outros de inspiração ou motivação literária, que também existem. E, como é de calcular, este assunto dos nomes europeus que se têm difundido por África, Américas e outras partes do mundo, tem sido já versado em diversos trabalhos.

(14) *Colecção de livros inéditos de história portuguesa*, vol. IV, pág. 595. A história deste topónimo e doutros muito chegados, fizemo-la em *Contribuição topo-antroponímica* cit., págs. 36-37.

(15) *Documentos med. port.*, vol. III, pág. 336.

(16) *Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis (Livro das Kalendas)*, vol. I, pág. 140.

(17) *Índice cronológico dos pergaminhos e forais... da câmara... de Coimbra* (2.^a ed., Coimbra, 1875), pág. 16.

(18) *Arq. Hist. Português*, vol. VI, pág. 244.

(19) *Dicionário Geográfico Manuscrito*, vol. XXXIV, págs. 962 e 964.

são de que ao lugar onde se instalou um modesto núcleo de povoadores foi dado o nome de *Málaga*, outro grande centro urbano do *Ándalus*.

Sevilha (Tábua — Tábua) — 1527 *savilha* ⁽²⁰⁾ e 1708 *Sevilha* ⁽²¹⁾.

XXXVIII

Vila Chã Sarrã

Antiga designação da freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis que hoje é conhecida por *Vila Chã de S. Roque, S. Pedro de Vila Chã, S. Roque de Vila Chã* e, mais brevemente, *S. Roque* ou *Vila Chã*.

Tanto quanto averiguámos, o qualificativo viveu até princípios do século XVI: 1136 *Villa Plana Sarriana* ⁽¹⁾, 1220 *Villa Plana Sarana* ⁽²⁾, 1259 *villa plana sarrana* ⁽³⁾, 1294 *villa chaan sarrana* ⁽⁴⁾, 1320-1321 *Villa plana sayrraa* ⁽⁵⁾, 1514 *Villa chãa serãa* ⁽⁶⁾ e 1527 *Vila Chaam* ⁽⁷⁾.

⁽²⁰⁾ *Cadastró*, pág. 195. Cfr. *Contribuição topo-antroponímica* cit.

⁽²¹⁾ COSTA, *Corogr. Portuguesa*, vol. II, pág. 204. É confronte-se cit. *Contribuição topo-antroponímica*; ao presente topónimo aludimos em pág. 99.

⁽¹⁾ R. DURAND, *Le cartulaire baio-ferrado du monastère de Grijó*, Paris, 1971, pág. 39.

⁽²⁾ Neste *Arq. do Distrito de Aveiro*, vol. II, pág. 73.

⁽³⁾ *Rel de Igrejas do rei da Gaveta* 19.^a — Maço 14.^o — n.^o 7, fl. 2-v.

⁽⁴⁾ *Censual do Cabido da Sé do Porto*, pág. 302.

⁽⁵⁾ *Códice n.^o 1 do Cartório do Cabido de Coimbra*, fl. 2-v.

⁽⁶⁾ Neste *Arq. do Distrito de Aveiro*, vol. V, pág. 16 e pág. 168: ROCHA MADAHIL publicou o exemplar do foral manuelino que se encontra arquivado na câmara da Vila da Feira; CARVALHO DIAS *Forais Manuelinos: Estremadura*, pág. 236, põe *Villa Chãa Serãa* (de acordo com o texto da Torre do Tombo).

⁽⁷⁾ *Arq. Hist. Português*, vol. VI, pág. 276.

As oscilações que se notam hoje no nome da freguesia vêm já de longe. Como agora nos interessa esclarecer o qualificativo que até determinada época acompanhava a primeira parte do nome (*Vila Chã*), não incluímos no elenco outras formas que só documentam a variabilidade da designação e que relegamos para esta nota: reinado de D. Afonso III *Villa Plana*, 1288-1290 *San Pedro de Villa Chaam*, 1689 *S. Roque*, 1708 *São Pedro de Villa Chãa*, 1751 *S. Pedro de Villa-Chãa*, 1768 *Villa-Chã* e 1798 *S. Roque* (respectivamente MIGUEL DE OLIVEIRA, *Inquirições de D. Afonso III na Terra de Santa Maria*, pág. 21; *Arquivo Hist. de Portugal*, vol. II, pág. 117; MEIRELES, *Prontuário*, pág. 382; COSTA, *Corogr. Port.*, vol. II, pág. 167; CARDOSO, *Diccion. Geogr.*, vol. II, pág. 716; P. DIAS DE NIZA, *Portugal Sacro-Profano*, vol. II, pág. 299; FUNDAÇÃO C. GULBENKIAN, *O censo de Pina Manique*, pág. 65).

Com este temos de associar *Seirrãos* (Beça — Boticas): 1258 *Sarrianos* e *Sarraos* (8), 1530-1531 *Syrraos* (9), 1689 *Seiraons* (10), 1706 *Seirraons* (11) e *Seirraões* (12) e 1758 *Ceirroens* (13).

É também possível que *Seirrão* (Abiul — Pombal) (14) tenha origem idêntica. Mas certamente formação paralela a *Seirrãos* é a de quatro topónimos galegos da província de Orense: *Sarreaus* (15).

*

É claro que as formas antigas (*Villa Plana*) *Sarriana* ou *Sarrianos* se ligam a *Sárria*, velho nome de uma circunscrição territorial no interior da Galiza: os indivíduos de lá naturais eram simplesmente chamados *Sarrianos* e de bom grado abandonariam a sua pobre região montanhosa em demanda de terras mais prometedoras.

Na onomástica pessoal portuguesa encontra-se: 1160 *Petrus Sarrianus* (16) e 1258 *Johannes Sarrianus* (17); e uma forma patronímica em 1055, *Egas Sarrianiz* (18).

*

Mostrámos no anterior estudo (XXXVII) que topónimos portugueses como *Córdova*, *Grada*, *Malga* e *Sevilha* indiciam com evidência a vinda para o que é hoje território nosso de povoa-

(8) Livro IX de Inquirições de D. Afonso III, fl. 44.

(9) Arq. Hist. Português, vol. VII, pág. 272: sic.

(10) MEIRELES, *Prontuário*, pág. 198.

(11) COSTA, *Corogr. Portuguesa*, vol. I, pág. 511.

(12) *Id., ib.*, vol. I, pág. 513.

(13) *Dicionário Geográfico Manuscrito*, vol. 7.º, pág. 781.

(14) É, com efeito, muito recente a forma mais antiga que conhecemos: 1751 *Ceirrao* (CARDOSO, *Dic. Geográfico*, vol. II, pág. 596).

(15) Com efeito, *Sarreaus* de Orense — Bande está representado, num documento do *Tumbo de Celanova* do ano de 962, pela forma *Sarrianos* (E. SAEZ, *Notas al episcopologio minduniense del siglo X*, na revista *Hispania*, 1946, vol. VI, pág. 73).

(16) *Arquivo Hist. de Portugal*, vol. IV, págs. 344.

(17) *Inquisitiones*, pág. 308; *ib.*, pág. 434, menciona-se uma *erdade de Sarriano*.

É de presumir que sejam formas de evolução mais avançada do mesmo gentílico *Sarranus* e *Sarrano* (documento do século XIII, em PEDRO DE AZEVEDO, *Os Reguengos da Estremadura na I dinastia*, na *Miscelânea... Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, págs. 614 e 615) e outros das Inquirições de 1220 (v. CORTESÃO, *Onomástico Medieval*, s. v. *Sarranus*, etc.).

(18) *Dipl. et Chartae*, pág. 240.

Dispensa explicações longas a passagem de *Sarrianos* a *Seirrãos* e *Sarreaus* (metétese e outros factos correntes, e desnasalação típica do galego) e de *Sarriana* a *Sarrã* (queda da semi-vogal, etc.).

dores provenientes de *Córdoba*, *Granada*, *Málaga* e *Sevilha* — ou regiões respectivas. E há muitos outros, alguns de contextura morfológica diversa, mas atestando suficientemente factos da mesma ordem ⁽¹⁹⁾.

Ora os topónimos galegos *Sarreaus*, o topónimo barrosão *Seir-rãos* e o antigo *Vila Chã Sarrã* do nosso distrito testemunham igualmente da deslocação de povoadores, embora levada a efeito em sentido oposto: ao passo que nos casos de *Córdoba*, *Grada*, *Malga* e *Sevilha* o movimento das pessoas teve *grosso modo* o sentido sul-norte, no caso dos nossos topónimos de agora, verifica-se que a deslocação de povoadores teve *grosso modo* o sentido norte-sul.

XXXIX

Talhadas

(Talhadas — Sever do Vouga)

Para historiar o topónimo bastará o seguinte: 1527 *Pedras Talhadas* ⁽¹⁾, 1689 *Pedras Talhadas* ⁽²⁾, 1708 *Talhadas* ⁽³⁾, 1751 *Talhadas* ⁽⁴⁾, 1768 *Talhadas* ⁽⁵⁾ e 1798 *as Talhadas* ⁽⁶⁾.

Como acertadamente já se afirmou, «as Talhadas receberam o nome daqueles dois monólitos gigantes pelo meio dos quais passa a estrada actual e passou outrora a romana» ⁽⁷⁾.

Como se vê, o nome simplificou-se com a omissão do substantivo inicial. Análoga simplificação terá ocorrido com *Talhada* (Panchorra — Resende) ⁽⁸⁾ e *Talhada* (Torres do Mondego — Coim-

⁽¹⁹⁾ Releve-se-nos citarmos, mais uma vez, a nossa *Contribuição topo-antropontmica...*, págs. 97-111.

⁽¹⁾ *Arquivo Hist. Português*, vol. VI, pág. 278.

⁽²⁾ MEIRELES, *Prontuário*, pág. 337.

⁽³⁾ COSTA, *Corografia Port.*, vol. II, pág. 141.

⁽⁴⁾ CARDOSO, *Diccion. Geográfico*, vol. II, pág. 696.

⁽⁵⁾ P. DIAS DE NIZA, *Portugal Sacro-Profano*, vol. II, pág. 240.

⁽⁶⁾ FUND. C. GULBENKIAN, *A população de Portugal em 1798. O censo de Pina Manique*, Paris, 1970, págs. 58.

⁽⁷⁾ A. S. DE SOUSA BAPTISTA, neste *Arq. do Distrito de Aveiro*, 1950, vol. XVI, pág. 281.

⁽⁸⁾ 1258 *Taliada*, 1513, *A talhada*, 1527, *a talhada* e 1689 *Talhada* (respectivamente: *Inquisitiones*, pág. 989; CARVALHO DIAS, *Fovais Manuelinos: Trás-os-Montes*, pág. 41; *Cadastró*, pág. 145; MEIRELES, *Prontuário*, pág. 605).

bra⁽⁹⁾; já *Pedra Talhada* (Calvelhe — Bragança)⁽¹⁰⁾ mantém a sua forma completa⁽¹¹⁾.

Entenda-se que, nos dois exemplares de *Talhada* acima mencionados, a palavra que se abandonou pode muito bem não ter sido *Pedra*, mas sim outra análoga como *laje* ou equivalente: nas inquirições de D. Dinis de 1284 por exemplo, encontramos, a indicar determinado local, a expressão *lagêa talada*⁽¹²⁾.

*

É de incluir aqui a *Porta da Talhada* da cerca de Óbidos⁽¹³⁾. É verdade que esta aparece designada, em começos do século XVIII, por *a (porta) do Telhal*⁽¹⁴⁾, mas trata-se de lapso, pois em 1758 surge, mais em conformidade com a realidade, *A porta Talhada*⁽¹⁵⁾. E uma observação do local torna evidentíssima a explicação do nome: para se inscrever a porta naquele sítio do pano da muralha, necessário foi *talhar* grande fragão ali existente, ficando a porta em parte encastrada neste.

*

Estes topónimos *Talhada*, *Pedra Talhada* e os outros a que acima demos alguma atenção, fazer acudir ao espírito mais uns quantos. Por exemplo, *Escorregadia* (Vascoveiro — Pinhel e Fataúncos — Vouzela), que, cremos, facilmente se explicará, entendendo nós que é também um topónimo simplificado, isto é, um topónimo em cuja constituição se terá omitido o substantivo que *Escorregadia* qualificava; com tanto menor esforço admitiremos tal presunção, se soubermos da existência do topónimo *Outeiro da Lage Escorregadia* (Mundão — Viseu)⁽¹⁶⁾. Igualmente, *Escor-*

(9) *Reconhecimento dos baldios do Continente*, vol. II — Parte 1, pág. 890.

(10) *Boletim de Minas*, 1965, vol. II, pág. 78.

(11) É claro que designações como estas, que dão ideia de algo escarpado ou talhado abruptamente, não são privativas do português: em Espanha temos, por exemplo, *Piedra Taiada* (doc. de 1302 do *Cartulario de Santo Toribio de Liébana*, pág. 251) e *Montallado*, ou seja, *Mont' Tallado* (doc. de 1592 da *Colección Diplomática da Galicia Histórica*, pág. 476).

(12) *Livro II das Inquirições de D. Afonso III*, fl. 21.

(13) *Guia de Portugal*, vol. II, pág. 589 e *História de Portugal* (ed. de Barcelos), vol. III, pág. 257, onde se vê uma fotografia da *Porta da Talhada*, boa mas pouco impressiva quanto aos pormenores que aqui nos interessam.

(14) 1712: COSTA, *Corografia Portuguesa*, vol. III, pág. 87.

(15) *Dicionário Geográfico Manuscrito*, vol. 26.º, pág. 6.

(16) *Reconhecimento dos Baldios do Continente*, vol. II — Parte II, pág. 246.

regadoura (Torno — Lousada e Campo — Santo Tirso) terá explicação paralela: se já em 1258 encontramos topónimos como *Escorregadoira* ⁽¹⁷⁾ ou *Escoregadoira* ⁽¹⁷⁾, também pela mesma data nos surgem *Petra escorregadoira* ⁽¹⁹⁾ e *Petram Escorigatoriam* ⁽²⁰⁾.

XL

Do Salgado de Aveiro

Alguma coisa já tem sido apurada no tocante à nomenclatura local do chamado Salgado de Aveiro ⁽¹⁾, mas resta ainda muito que fazer.

Há uma circunstância que sobremaneira dificulta a investigação acerca de, por exemplo, nomes de marinhas: é que, sendo estas objecto de propriedade particular, os seus nomes são, naturalmente por diversas razões compreensíveis, mais frágeis do que os das povoações, tendendo a ser substituídos, ou porque tenham as marinhas passado de mão, ou por qualquer outro motivo. Apesar de tudo, a investigação nas fontes documentais levará a uma ou outra conclusão.

1 — Começemos pela hoje chamada *Ilha do Poço*. Num mapa de 1759 chama-se-lhe *I. do Mestre do Campo* ⁽²⁾; noutro mapa um pouco posterior, de 1778, já se lhe dá o nome de *Ilha do Poço* ⁽³⁾. Como é evidente, daquele nome de *Ilha do Mestre do Campo* podemos tirar a conclusão de que a ilha tenha estado algum tempo na posse de pessoa que tinha posto elevado na milícia ⁽⁴⁾.

2 — *Romanos* — Nome de duas marinhas contíguas, pertencentes ao Grupo do Mar; como em documento de 1704 se refere

⁽¹⁷⁾ *Inquisitiones*, pág. 331.

⁽¹⁸⁾ *Ib.*, pág. 593.

⁽¹⁹⁾ *Ib.*, pág. 434.

⁽²⁰⁾ *Ib.*, pág. 504.

⁽¹⁾ J. DA SILVEIRA, neste *Arquivo* (1944), vol. x, págs. 163-164; também nós neste *Arquivo* (1960), vol. xxvi, págs. 196-198, *Ib.* (1967), vol. xxxiii, págs. 52-56, *Boletim de Filologia* (1963), t. xxi, págs. 109-110 e *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. xv, pág. 21.

⁽²⁾ É o n.º 314 (*Planta da Ria de Aveiro*) do *Catálogo de Cartas Antigas da Mapoteca do Instituto Geográfico e Cadastral* de H. GABRIEL MENDES (n.º 22 dos *Cadernos Técnicos e de Informação* do I. G. e Cadastral).

⁽³⁾ É o n.º 309 (... *Mapa topográfico da Barra da cidade de Aveiro*) do mesmo catálogo. Parece-nos evidente que a *Ilha do Poço* deste mapa corresponde à *Ilha do Poço* e à *Ilha da Tranqueira* dos nossos dias.

⁽⁴⁾ Muito conhecidas em espanhol as designações de *maestre de campo* e *maestre de campo general* (*Diccionario de la ACADEMIA ESPAÑOLA*, s. v. *maestre*). De *Mestres de Campo* nas forças armadas portuguesas, faz menção, por exemplo, D. LUIS DE MENESES *História de Portugal Restaurado*, Lisboa, 1679, t. 1, págs. 469 e 473...

TOPÓNIMOS DO DISTRITO DE AVEIRO

a *Marinha de Luís Marques Romano* ⁽⁵⁾ e se nos informa de que tal marinha *está na boca ... do esteiro da Robala, chamada ... das Carualhas* ⁽⁶⁾, torna-se evidente a identificação das marinhas actuais com a marinha antiga ⁽⁷⁾ e a razão do nome ⁽⁸⁾.

3 — *Gaiivota* (marinha do Grupo de S. Roque ou de Esgueira) — Documento de 1280 fala-nos de uma *marina de gaiiotos* ⁽⁹⁾; parece não haver muito que hesitar em identificar este topónimo do século XIII com o actual ⁽¹⁰⁾; o que na sua história verificámos é aquele acidente que já temos notado em outros nomes de marinhas, como a *Jorgeana* que era a *marinha de Jorge Annes* ⁽¹¹⁾ ou a *Ramalha* que foi pertença de um *Ramalho* ⁽¹²⁾.

Cachinha (marinha do Grupo de S. Roque ou de Esgueira) — No já alegado documento de 1280, menciona-se a *marina de cachino* ⁽¹³⁾. É naturalmente a *marinha do Cachinho* veio a designar-se, mediante o processo que já temos lembrado, por a *Cachinha* ⁽¹⁴⁾.

⁽⁵⁾ *Tombo do reconhecimento das marinhas*, fl. 827 (n.º 27 do *Inventário da Casa de Aveiro*, agora no Arquivo da Universidade de Coimbra).

⁽⁶⁾ *Ib.*, fl. 837. Não podem subsistir dúvidas, pois é evidente que ao que hoje se chama *Esteiro dos Romanos* se chamou, no documento que alegamos, *esteiro da Robala*; efectivamente as marinhas *Romanos* estão na boca do esteiro e com uma face para o chamado *Canal da Cidade*.

⁽⁷⁾ Igualmente é evidente que uma primitiva marinha, conhecida pelo apelido do seu proprietário, *Romano*, foi partilhada em duas — e daí o plural *Romanos*. Ou então porque a marinha (ou marinhas) eram da família dos *Romanos*... tudo isto é muito claro, mas quem não conheça a região queira consultar o mapa do Salgado de Aveiro que antecede pág. I do vol. IV do *Inquérito à Indústria do Sal* (Salgado de Aveiro), publicado pela Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, em 1956.

⁽⁸⁾ DOMINGOS MAURICIO G. DOS SANTOS, *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*, Lisboa, 1963, vol. I, págs. 301 e 309, refere pessoas que em Aveiro viviam do século XVII e tinham estes mesmos apelidos, *Marques Romano*.

⁽⁹⁾ ROCHA MADAHIL, *Colectânea de Documentos Históricos: Milenário de Aveiro*, I, pág. 83.

⁽¹⁰⁾ É de considerar que por aquela época lavar-se-iam marinhas perto do burgo. As marinhas mencionadas no documento que é possível identificar com segurança (*iunqueiro* e *cachino*, hoje *Junqueira* e *Cachinha*) estão justamente incluídas também no grupo de S. Roque ou de Esgueira (Vejam-se as considerações que juntamos no final destas notas).

⁽¹¹⁾ *Boletim de Filologia* de Lisboa, t. XXI, pág. 109.

⁽¹²⁾ J. DA SILVEIRA, neste *Arquivo*, vol. X, págs. 163-164.

É assim claro que a *marinha dos Gaiivotos* veio a ser posteriormente, como hoje, a *Gaiivota*. Que nomes de animais em geral (e, entre eles, portanto, os nomes de aves) tomem muitas vezes valor antroponímico, não há que dizer: LEITE DE VASCONCELOS, *Antroponímia Portuguesa*, págs. 216-235 e *passim*.

⁽¹³⁾ ROCHA MADAHIL, *Colectânea* cit., pág. 283. Quanto às razões que nos levam a pôr a *marina de cachino* em relação com a *Cachinha de Esgueira*, vide acima n. (10).

⁽¹⁴⁾ cfr. a nota anterior sobre a *Gaiivota*.

Existiram os nomes pessoais *Cachinho* e *Cacho* ⁽¹⁵⁾ e noutras partes se fixaram na toponímia ⁽¹⁶⁾.

Alfaiata (Grupo do Sul) — Sabemos que em 1507 a *marinha dos Arneyros* foi doada ao Convento de Jesus, o qual posteriormente a aforou a *João Luis Alfayate* ⁽¹⁷⁾; se fosse possível identificar de forma indubitável aquela antiga *marinha dos Arneyros* com a actual *Alfaiata*, a questão da origem deste nome estava resolvida com segurança.

Assim temos que limitar-nos a enquadrar a *Alfaiata* num grupo em que incluiríamos a *Carapuceira* (Grupo de S. Roque), a *Tanoeira* (uma no Grupo de S. Roque e duas no Grupo do Norte) e outras: assim como a *Ramalha* foi uma marinha propriedade de um *Ramalho*, também a *Alfaiata* foi propriedade de um *alfaiate*, a *Carapuceira* de um *carapuceiro* e a *Tanoeira* de um *tanoeiro*.

Há uma observação de ordem geral a fazer a respeito do que pode afigurar-se a muitos que nos lerem como menos natural, a saber: o facto de um *alfaiate*, um *carapuceiro* ⁽¹⁸⁾ ou um *tanoeiro* ⁽¹⁹⁾ terem posses bastantes para investirem em marinhas... É preciso não esquecer que, na organização corporativa do velho regime os mestres de ofícios desfrutavam de determinados privilégios que, acompanhados de ductilidade administrativa e de sorte, lhes davam ensejo bastas vezes a alçapremar-se a situações de folgança económica. Daí, nada deverá surpreender-nos que tenham adquirido ou tomado de aforamento propriedades da mais variada natureza, entre as quais marinhas.

⁽¹⁵⁾ CORTESÃO, *Onomástico Medieval*, s. v. *Cachius* (ou seja, *Cachinus* ou *Cachius*) e *Cacho*.

⁽¹⁶⁾ AMÉRICO COSTA, *Dicion. Corogr.*, vol. IV, pág. 175, regista os seguintes topónimos: *Quinta do Cachinho*, *Cacho* (2), *Casal do Cacho* e *Cachos*.

Além desta, existem outras marinhas com o mesmo nome: *Cachinha Grande* e *Cachinha da Promaceira* que, como a de Esgueira e por atracção paronímica, se escrevem às vezes *Caixinha* (Vejam-se as considerações que juntamos no final destas notas).

⁽¹⁷⁾ D. M. GOMES DOS SANTOS, *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*, vol. II, pág. 724 e pág. 502 — n. 186 (aqui manda ver, no Arquivo da Universidade de Coimbra, *Convento de Jesus de Aveiro* — Pergaminhos — Gaveta 5 — n.º 111 = n.º 125 encarnado). Os elementos que do documento se coligem são insuficientes para assentar numa identificação rigorosa.

⁽¹⁸⁾ Entre a população antiga era hábito geralmente respeitado andar com a cabeça coberta, o que originava ampla clientela para os *carapuceiros*, os quais se agrupavam em corporações com regimento próprio (v., por exemplo, VERGILIO CORREIA, *Livro dos Regimêtos dos Officiaes mecanicos...* Coimbra, 1926, pág. XI).

⁽¹⁹⁾ Também os *tanoeiros* tinham o seu regimento próprio: cfr. págs. 126-138 da obra citada na nota anterior. É verdade que o mencionado *Livro* respeita à cidade de Lisboa, mas é evidente que vai aqui a título de exemplo, já que a organização social não oferecia, neste particular, variantes de monta.

*

Do exame dos mapas antigos e da outra documentação que subsiste, parece ser lícita a conclusão de que, embora haja marinhas muito antigas as quais mantêm os nomes que tinham, por exemplo, no século XV, o seu número era inferior ao actual, ou porque o salgado não estava explorado tão intensivamente como mais tarde, ou porque, com o decorrer do tempo, algumas das marinhas foram partilhadas; é de presumir que estas duas ordens de factos tenham contribuído para que o total das marinhas aumentasse.

De alguma maneira confirma esta ideia a designação de *Marinhas Velhas* que um mapa de 1778⁽²⁰⁾ aplica às marinhas que ficavam perto de Esgueira e de Aveiro: na zona do salgado ao pé das povoações se encontravam naturalmente as marinhas mais antigas, as *marinhas velhas*⁽²¹⁾.

Assim, a *Gaivota* e a *Cachinha* (ambas do Grupo de S. Roque ou de Esgueira) são de toda a evidência marinhas antigas ou *marinhas velhas*, como lhes chama o mapa: a sua existência está averiguada no século XIII. Haverá que admitir que essas duas marinhas não teriam então o mesmo aspecto e a mesma área que têm hoje: terão sido porventura alguma vez partilhadas, as suas confrontações alguma vez se terão alterado... O salgado, com o seu dédalo de cales, esteiros e folsas, nada tem de rígido.

Outro aspecto: os topónimos repercutem. Assim, se temos a *Gaivota*, temos a *Ilha da Gaivota*; ao lado da *Cachinha* de S. Roque, temos a *Cachinha Grande* e a *Cachinha da Promaceira*; e a par com a *Tanoeira* de S. Roque, conhecemos as *Tanoeiras* do Grupo do Norte⁽²²⁾.

Repare-se que o nome de uma marinha antiga (*Gaivota*, *Cachinha* e *Tanoeira* encontram-se justamente no Grupo de S. Roque, de *marinhas velhas*) vamos encontrá-lo reproduzido numa *ilha* ou em marinhas mais distantes, ou seja, mais novas. Haverá enlace ou correlação entre umas e outras? Afigura-se-nos que quem vivia de explorar o salgado, por necessidade, por tradição familiar, etc., via-se nas circunstâncias de arredondar o seu património e quem já desfrutava a *Cachinha* por exemplo, teria meios de construir outra marinha a que daria o mesmo nome. Mas isto é problemático e só a investigação poderá fazer acreditar a sugestão.

⁽²⁰⁾ É o mapa mencionado acima n. (3).

⁽²¹⁾ Isto é por demais evidente. Claro que não há possibilidade de confusão com o que na estrutura normal da marinha da região de Aveiro se chama *marinha nova* e *marinha velha*: a *marinha nova*, construída à custa de uma área que foi roubar-se ao mandamento, deve ter sido uma inovação destinada a aumentar a produção salineira; em que época se terá generalizado essa alteração na configuração da marinha é o que resta saber.

⁽²²⁾ Estas duas marinhas devem ter resultado de qualquer partilha: inicialmente seria só uma *Tanoeira*.

ADITAMENTOS E CORRECÇÕES

Limitaremos ao mínimo estas notas.

Mamarrosa (este *Arquivo*, vol. xxxii, pág. 37) — Além da forma medieval citada, tomámos posteriormente conhecimento de outra que se identifica com o topónimo de hoje e que igualmente abona o étimo: *mamoa rasa* (documento de 1020, em *Dipl. et Chartae*, pág. 152).

Sol Posto (este *Arquivo*, pág. 44 do mesmo vol. xxxii) — Talvez algum dos espécimes deste topónimo tenha origem em nome pessoal, como no texto procurámos mostrar. Mas a verdade é que o *sol posto* é frequentemente utilizado para fazer a divisão das águas de rega (M. BRAGANÇA, *Como se divide uma água*, em *Douro Litoral*, Porto, 1947, II série, t. VIII, págs. 11-12); e tal prática é antiga (fl. 69-v, do *Tombo da Mesa Abacial de Paço de Sousa*, Évora, 1594). Parece, pois, mais razoável entender-se que, em geral, a designação tópica ... *do Sol Posto* tenha sido devida ao facto de tal ou qual casal ou quinta tomar para si as águas de rega ao *sol posto*.

bibRIA

PEDRO CUNHA SERRA

O DISTRITO DE AVEIRO NAS HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

(Continuado de pág. 164)

ÍNDICES

a) ANTROPONÍMICO

(PELO ÚLTIMO APELIDO)

LETRA J

biblioteca

- Figueiredo (D. Maria Jacinta de) — Barcouço, Mealhada — 518
Figueiredo (Maria Rosa de)—Eixo, Aveiro — 372
Figueiredo (Mateus de) — Salreu, Estarreja — 89 e 91
Figueiredo (Nicolau Baptista de) — Valongo, Águeda — 44
Figueiredo (Sebastião de)—Vacariça, Mealhada — 551
Figueiredo (D. Teresa Bernarda Albina de) — Aveiro — 142
Fonseca (Agostinho da) — Avelãs de Caminho, Anadia — 492; Avelãs de Cima, Anadia — 492
Fonseca (Antónia da) — Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis — 182, 183
Fonseca (António da) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 95
Fonseca (D. Catarina da)—Aveiro — 256
Fonseca (Francisca da) — Macinhata do Vouga, Águeda — 504
Fonseca (Isabel da)—Palmaz, Oliveira de Azeméis — 219
Fonseca (Jacinto Ribeiro da) — 8
Fonseca (Joana da)—Arouca, 238; Feira — 238
Fonseca (João da)—Silva Escura, Sever do Vouga — 363
Fonseca (João Ribeiro da), homem de negócio — 182
Fonseca (José Pinto da), ouvides de ouro no Porto — 506
Fonseca (Leonor da) — Cacia, Aveiro — 142; Santiago de Beuido, Estarreja — 142
Fonseca (Luís da) — Castanheira do Vouga — Águeda — 339
Fonseca (Luísa da)—Cacia, Aveiro — 142
Fonseca (Manuel Ribeiro da)—Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 8
Fonseca (Maria da) — Arcos, Anadia — 492; Avelãs do Caminho, Anadia — 492; Feira—140, Ovar—140; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 482
Fonseca (D. Maria Temudo da)—Aveiro — 93

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Fonseca (Mariana da) — Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis—182; Silva Escura, Sever do Vouga — 276
- Fonseca (Miguel da), lavrador — Salreu, Estarreja — 96
- Fonseca (Rosa Maria da) — Feira — 238
- Fonseca (Tomás da Cunha da) — Vagos — 280
- Fonte (Domingos Francisco da)—Tamengos, Anadia — 99
- Fontes (João Alves)**, homem de negócio em Minas Gerais no Morro da Passagem, Ribeirão do Carmo — 28
- Fortuosa (Ana)—Cartigoça, Ovar — 283
- Fortuoso (João)—Cortegaça, Ovar — 293; Guetim, Espinho — 293
- Frade (João Luís), capitão — Valongo, Agueda — 194
- Fragosa (Ana Maria)—Arcos, Anadia — 126
- Fragoso (António) — Ovar — 385
- Fragoso (Domingos João)—Arcos, Anadia — 126; Mogofores, Anadia — 126 e 421
- Fragoso (Manuel Resende) — Avanca, Estarreja — 60
- Fragoso (P.º João de Resende)**, abade da igreja de S.ª Maria de Mós, Braga — Avanca, Estarreja — 173
- Fragoso (P.º João de Resende), abade da Mós, Braga, e comissário do S.º Ofício — Avanca, Estarreja — 239
- Fragoso (Manuel) — Aveiro — 413
- Fragoso (Manuel João) — Mogofores, Anadia — 421
- Fragoso (Manuel Valente)—Ovar — 385
- Fragoso (Miguel) — Ilhavo — 33
- Fraião (Lic.º P.º António de Oliveira), presbítero do hábito de S. Pedro e reitor da igreja de S.ª Marinha de Avanca, Estarreja — 124
- Fraião (Manuel André)—Ovar 124
- Franca (Francisca) — Vagos — 438
- Franca (Francisca Ferreira)—Lourosa, Feira — 249
- Franca (Joaquim Ferreira)**, homem de negócio na Baía — Lourosa, Feira — 249
- França (D. Ana Maria da)—Barrô, Agueda — 42
- França (Domingas da) — Vagos — 514
- Francês (Cláudio Monteiro), Familiar do S.º ofício — Aveiro — 316
- Francisca (Agueda) — Paradela, Sever do Vouga — 77
- Francisca (Ana) — Ancas, Anadia — 190; Mogofores, Anadia—382; Oliveira do Bairro—190; S. Lourenço do Bairro, Anadia—409, 435 e 486; S. Miguel do Mato, Arouca — 403; Vacariça, Mealhada — 57; Vila Nova de Monzarros, Anadia — 17 e 57
- Francisca (Andresa)—Mafamude, Feira (actualmente do conc. de V. N. de Gaia) — 118
- Francisca (Ângela) — Sangalhos, Anadia — 186
- Francisca (Antónia)—Canelas, Estarreja — 21; Feira — 45; Fermelã, Estarreja — 21 e 22; Pigeiros, Feira—154; Valongo, Agueda — 519
- Francisca (Catarina) — Aveiro — 441 e 549; Cesar, Oliveira de Azeméis — 336; Esgueira, Aveiro — 205 e 277
- Francisca (Dalila) — Aveiro — 48
- Francisca (Dória) — Aveiro — 145
- Francisca (Domingas)—Barcouço, Mealhada—219; Guisande, Feira — 154; Monteiro, Feira—222; Oliveira do Bairro — 208; Pigeiros, Feira — 154; S. Miguel do Mato, Arouca — 69; Travanca, Feira — 222
- Francisca (Domingas), a «Camachina»—Barcouço, Mealhada — 518
- Francisca (Helena) — Amoreira da Gândara, Anadia — 544
- Francisca (Inácia) — Arcos, Anadia — 216
- Francisca (Isabel) — Ilhavo — 33; Lobão, Feira — 297; Mealhada — 224; Oliveira do Bairro — 58
- Francisca (Maria) — Anadia—216; Arcos, Anadia—186 e 203; Aveiro — 358; Avelãs do Caminho, Anadia — 186; Avelãs de Cima, Anadia — 409; Cacia, Aveiro — 127; Casal Comba, Mealhada — 551; Cedrim, Sever do Vouga — 494; Cortegaça, Ovar — 120; Fermelã, Estarreja — 21 e 22; Fiães, Feira — 100; Gião, Feira — 136; Guizande, Feira — 154; Ilhavo—133; Lamas, Feira—100; Lobão, Feira — 100; Lourosa, Feira — 100; Luso, Mealhada—551; Macinhata

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- de Seixa, Oliveira de Azeméis — 21; Milheirós de Poiães, Feira — 383; Mogofores, Anadia — 409; Mozelos, Feira — 395 e 474; Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 104; Oliveira do Bairro — 104, 208 e 402; Ovar — 206; Pampilhosa do Botão, Mealhada — 116; Paradelá, Sever do Vouga — 494; Paramos, Espinho — 497; Pessegueiro, Sever do Vouga — 379; Salreu, Estarreja — 91 e 458; Sangalhos, Anadia — 203; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 409; S. Martinho da Gândara, Oliveira de Azeméis — 426; Silva Escura, Sever do Vouga — 376; Soza, Vagos — 133; Talhadas, Sever do Vouga — 452; Tamenços, Anadia — 201; Troviscal, Oliveira do Bairro — 538; Vagos — 514; Valongo, Águeda — 37 e 409
- Francisca (Maria), mercadora em Coimbra — Ancas, Anadia — 190
- Francisca (Maria), a «Agostinha» — Pampilhosa do Botão, Mealhada — 116
- Francisca (Maria), a «Cifas» — Cortegaça, Ovar — 508
- Francisca (Paula) — Salreu, Estarreja — 91; Soza — Vagos — 525
- Francisca (Rosa) — Vagos — 514
- Francisca (Sebastiana) — Aveiro 205, 277, 441 e 549; Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 218
- Francisco (Agostinho) — Arcos, Anadia — 216
- Francisco (Alexandre) — Anta, Espinho — 415
- Francisco (António) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 330; Ihavo — 413; Lobão, Feira — 100; Milheirós de Poiães, Feira — 383; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 30; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 409; S. Martinho da Gândara, Oliveira de Azeméis — 426; Valongo, Águeda — 37 e 519; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391 e 392
- Francisco (António), o «Draga» — Aveiro — 289; Feira — 289
- Francisco (Bartolomeu) — Vila Maior, Feira — 136
- Francisco (Bernardo) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 57
- Francisco (Brás) — Lobão, Feira — 228
- Francisco (Custódio) — Soza, Vagos — 172
- Francisco (Domingos) — Anta, Espinho — 388 e 415; Aveiro — 97
- Francisco (Domingos), o «Sobreiro» — Águeda — 307
- Francisco (Filipe) — Tropeço, Arouca — 103
- Francisco (Frutuoso) — Sever do Vouga — 4
- Francisco (Inocência) — Oiã, Oliveira do Bairro — 240
- Francisco (Isabel) — Vila Maior, Feira — 534
- Francisco (João)** — Arcos, Anadia — 99; Aveiro — 98
- Francisco (João) — Arcos, Anadia — 99; Eixo, Aveiro — 429; Escariz, Arouca — 191 e 562; Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 112
- Francisco (José) — Albergaria-a-Velha — 417; Maceda, Ovar — 416
- Francisco (José)** — S. Lourenço do Bairro, Anadia — 409
- Francisco (José)**, mercador em Coimbra — 411
- Francisco (José)**, amorador no Porto — 410
- Francisco (Manuel) — Arcos, Anadia — 216; Chave, Arouca — 371; Cucujães, Oliveira de Azeméis — 330; Eixo, Aveiro — 429; Espinhel, Águeda — 399; Maceda, Ovar — 416; Oiã, Oliveira do Bairro — 240; S. João de Ver, Feira — 414; S. Jorge, Feira — 414; Talhadas, Sever do Vouga — 452
- Francisco (Manuel), o «Largo» — Vagos — 514
- Francisco (Marcos) — Arrifana, Feira — 337; Fornos, Feira — 337
- Francisco (Mateus) — Águeda — 307; Cucujães, Oliveira de Azeméis — 30; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 30
- Francisco (Pedro) — Mogofores, Anadia — 467; S. João da Madeira — 432; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 467
- Francisco (Sebastião), o «Coronel» — Vagos — 514
- Francisco (Tomé), o «Marinheiro» — Esgueira, Aveiro — 117 e 477
- Franco (Joaquim da Silva)**, homem de negócio em Lisboa — Avanca, Estarreja — 273
- Franco (Manuel da Silva), Familiar do S.^o Ofício — Avanca, Estarreja — 273

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Franco (Salvador) — Vagos — 438
Freire (João), sapateiro e homem da vara do meirinho da Inquisição de Coimbra — 107
 Freire (Maria) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 258
 Freitas (Domingos de) — Feira — 418
 Freitas (Maria de) — Feira — 238
 Gabriel (Antónia) — Arouca — 501
 Gabriel (Isabel) — Águeda — 411; Valongo, Águeda — 411
 Gafanhão (Domingos Francisco) — Tamengos, Anadia — 486; Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
 Gaita (Pascoal Francisco) — Oiã, Oliveira do Bairro — 104
 Galega (Manuel António da) — Ilhavo — 33
 Galego (Pedro Manuel) — Vagos 514
 Gama (António da Silva) — Oiã, Oliveira do Bairro — 248 e 541
Gama (José da Silva), clérigo in-mi-noribus — 541
Gamboa (João Pinto) — 168
Garcia (João), lavrador — 109
Garrido (Joaquim de Melo Guedes Coutinho), fidalgo cavaleiro da Casa de S. Mag.^{de} e deão da Sé da Guarda, Doutor em Cânones na Universidade de Coimbra — 263
Garrido (José de Melo Coutinho), fidalgo da Casa Real e professo da Ordem de Cristo—Barcouço, Mealhada — 468
 Garrido (José de Melo Coutinho), fidalgo da Casa Real e Familiar do S.^{to} Offício — Barcouço, Mealhada — 263
 Garrido (Lourenço Xavier), fidalgo da Casa Real, mestre-de-campo de infantaria auxiliar, capitão-mor da vila de Penela e Familiar do S.^{to} Offício — Barcouço, Mealhada — 263 e 468
 Gaspar (Filipa) — Aveiro — 97
 Gaspar (Francisca) — Aveiro — 173
 Gaspar (Isabel) — Cedrim, Sever do Vouga — 230; Silva Escura, Sever do Vouga — 230
 Gaspar (João) — Mealhada — 160
 Gaspar (Manuel) — Vagos — 514
 Gaspar (Maria) — Aveiro — 145 e 316
 Gil (Diogo) — Avanca, Estarreja — 273; Bunheiro, Murtosa — 273
 Godinho (Apolónia) — Codal, Vale de Cambra — 181
 Godinho (Gregório da Silva) — Avanca, Estarreja — 178 e 239
Góis (João Gomes de) — Aveiro — 113; Salreu, Estarreja — 113
 Góis (João Gomes de), boticário — Aveiro — 113
 Gomes (Ana) — Mouta, Anadia — 160; Valongo, Águeda — 114; Vilarinho do Bairro, Anadia — 524
 Gomes (André), o «Novo» — Ros-sas, Arouca — 414; S. João de Ver, Feira — 414
 Gomes (Andresa) — Aveiro — 113
 Gomes (Antónia) — Avelãs do Caminho, Anadia — 131 e 421; Esgueira, Aveiro — 421; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Aze-méis — 30; Valongo, Águeda — 131
 Gomes (António) — Aveiro — 554; Cedrim, Sever do Vouga — 243; Feira — 554; Sever do Vouga — 243
 Gomes (António), presbítero — Fornos, Feira — 222
 Gomes (Bernardo) — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 112
 Gomes (Catarina) — Burgo, Arouca — 420; Fornos, Feira — 222; Mos-teiro, Feira — 222; S. João de Ver, Feira — 414
 Gomes (Domingas) — Albergaria-a-Velha — 197; Castelões, Vale de Cambra — 528; Mogofores, Anadia — 421
 Gomes (Domingos) — Arouca — 425; Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis — 182
 Gomes (Esperança) — S. João de Ver, Feira — 414
 Gomes (Estêvão) — Mogofores, Anadia — 190
 Gomes (Fernão) — Aguada de Cima, Águeda — 144
 Gomes (Francisca) — Valongo, — Águeda — 114
 Gomes (Francisco) — Aguada de Cima, Águeda — 144
 Gomes (Geraldina) — Ovar — 528
 Gomes (João) — S. Martinho da Gândara, Oliveira de Azeméis — 426; Vilarinho do Bairro, Anadia — 524
Gomes (João Baptista Ferreira), negociante no Porto — 43
Gomes (José), homem de negócio — Burgo, Arouca — 420

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Gomes (Leonor)—Mogofores, Anadia — 190
- Gomes (Luísa) — Arrifana, Feira — 222
- Gomes (Manuel) — Albergaria-a-Velha — 197; Covelo de Paivô, Arouca — 420; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 30; Vilarinho do Bairro, Anadia — 524
- Gomes (Manuel), cirurgião—Várzea, Arouca — 111
- Gomes (Manuel), o «Rico» — Ovar — 184
- Gomes (Manuel da Silva) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 254
- Gomes (Maria) — Águeda — 165; Anadia — 499; Avelãs do Caminho, Anadia — 98 e 131; Avelãs de Cima, Anadia — 98; Cedrim, Sever do Vouga — 243; Fajões, Oliveira de Azeméis — 483; Mogofores, Anadia — 382; Oliveira de Azeméis — 483; Sangalhos, Anadia — 98; Tamengos, Anadia — 499; Vacariça, Mealhada — 121; Valongo, Águeda — 131; Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
- Gomes (Mariana) — Feira — 243 e 436; Lamas, Feira — 240; Loureiro, Oliveira de Azeméis — 351; S. Martinho da Gândara, Oliveira de Azeméis — 426
- Gomes (Mécia) — Mogofores, Anadia — 190
- Gomes (Sebastiana) — S. Vicente de Pereira — Ovar — 383
- Gonçalves (Ana) — Vagos — 438; Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
- Gonçalves (André) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 174; Cacia, Aveiro — 127; Fermelã, Estarreja — 174; Luso, Mealhada — 551
- Gonçalves (Antónia) — Avelãs do Caminho, Anadia — 202; Fermedo, Arouca — 562; Maceda, Ovar — 151
- Gonçalves (António) — Aguada de Cima, Águeda — 202
- Gonçalves (Bartolomeu) — Arões, Vale de Cambra — 367
- Gonçalves (Bento), ferreiro — Valongo, Águeda — 159
- Gonçalves (Catarina) — Sanguedo, Feira — 389
- Gonçalves (Cecília) — Fornos, Feira — 337
- Gonçalves (Domingas) — Aveiro — 159; Louredo, Feira — 159
- Gonçalves (Domingos) — Arões, Vale de Cambra — 242; Barrô, Águeda — 284; Lamas, Feira — 279; Lourosa, Feira — 279; Oliveira do Bairro — 284; Travanca, Feira — 396
- Gonçalves (Fernão) — Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 108
- Gonçalves (Filipa) — Barcouço, Mealhada — 478; Casal Comba, Mealhada — 478
- Gonçalves (Francisca) — Valongo, Águeda — 37
- Gonçalves (Francisco) — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 456; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 435
- Gonçalves (Gonçalo) — Soza, Vagos — 103
- Gonçalves (Guiomar) — Aveiro — 145
- Gonçalves (Isabel) — Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
- Gonçalves (Isabel), ou Alvares — Esmoriz, Ovar — 543
- Gonçalves (João) — Arada, Ovar — 447; Aveiro — 159; Oliveira de Azeméis — 342; Pedorido, Castelo de Paiva — 475; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 159; Valongo, Águeda — 159, 177 e 202
- Gonçalves (João)**, mestre barbeiro com loja na Ribeira, juiz da bandeira de S. Jorge — Pampilhosa do Botão, Mealhada — 116
- Gonçalves (João), o «Castelhano» — Salreu, Estarreja — 268
- Gonçalves (José)**, mestre fabricante de sedas em Lisboa — 429
- Gonçalves (Manuel) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 199; Arões, Vale de Cambra — 367; Aveiro — 192; Canelas, Feira (actualmente do conc.º de V. N. de Gaia) — 118; Mafamude, Feira (actualmente do Conc. de V. N. de Gaia) — 118; Silva Escura, Sever do Vouga — 444
- Gonçalves (Margarida) — Espargo, Feira — 445
- Gonçalves (Maria) — Albergaria-a-Velha — 417; Arada, Ovar — 447; Aveiro — 19 e 20; Cortigaça, Ovar — 293; Maceda, Ovar — 447; Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 108; Rio Meão,

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Feira — 200; Sardoura (S. Martinho), Castelo de Paiva — 56; Silvade, Espinho—295; Valongo, Agueda — 177 e 202
- Gonçalves (Martim) — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha—283
- Gonçalves (Mateus) — Paramos, Espinho — 497; Serzedo, Feira (actualmente do conc. de V. N. de Gaia) — 497
- Gonçalves (Miguel) — Aveiro—205, 441 e 549
- Gonçalves (Pedro)—Aveiro — 205, 277, 441 e 549; Lourosa, Feira — 279
- Gonçalves (Pedro), lavrador — Lobão, Feira — 361; Louredo, Feira — 361
- Gonçalves (Rodrigo) — Oliveira do Bairro — 284
- Gonçalves (Sebastião) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 199
- Gonçalves (Suzana) — Aveiro—175
- Gonçalves (Tomé) — Arcos, Anadia—203; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 203
- Graça (Agueda) — Santiago de Beduído, Estarreja — 184; Ovar — 184
- Graça (Rosa Maria) — Ovar — 253
- Grifo (Manuel António) — Oliveirinha, Aveiro — 412
- Grilo (Manuel Gomes) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 25
- Guedes (João Pereira)**, bacharel formado e advogado na Mealhada — 160; Ovar — 160
- Guedes (João Pereira), Familiar do S.^{to} officio — Mealhada—492; Ovar — 492
- Guedes (José Caetano)**, capitão do terço de auxiliar da Ilha de Itaparica, termo da Baía — 331
- Guedes (P.^o José Pereira)** — Mealhada — 492
- Guedes (Manuel Pereira) — Mealhada — 492
- Guedes (Manuel Pereira), médico — Mealhada — 160; Ovar — 160
- Guerreiro (José Anastácio)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, official-maior da Mesa do Desembargo do Paço — 297
- Guimarães (António da Fonseca), cavaleiro professo da Ordem de Cristo — Soza, Vagos — 280; Vagos — 280
- Guimarães (José Monteiro)**, homem de negócio em Vila Nova de Gaia — 474
- Guimarães (José Pereira da Maia)** — 494
- Guimarães (José da Silva)**, capitão e tabelião do público em Maragogipe, Baía — 542
- Heitor (Domingas) — Loureiro, Oliveira de Azeméis — 220; UI, Oliveira de Azeméis — 166
- Heitor (João)** — Palmaz, Oliveira de Azeméis — 220
- Heitor (José) — S. João da Madeira — 461
- Heitor (Maria) — Palmaz, Oliveira de Azeméis — 220
- Henriques (Agueda) — Ois da Ribeira, Agueda — 82; Recardães, Agueda — 82
- Henriques (D. Albina Ribeiro) — Aveiro — 171; Valongo, Agueda — 171
- Henriques (Belchior) — Aveiro — 526
- Henriques (Catarina) — Silva Escura, Sever do Vouga — 363
- Henriques (Domingos) — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 556; Valongo, Agueda — 556
- Henriques (Domingos), capitão—Valongo, Agueda — 194
- Henriques (Domingos André) — Aveiro — 358; Esgueira, Aveiro — 358
- Henriques (Filipa) — Aveiro—526
- Henriques (João) — Aguada de Cima, Agueda — 377; Agueda — 82; Ois da Ribeira, Agueda—82
- Henriques (João dos Santos) — Aveiro — 381
- Henriques (Jorge) — Sever do Vouga — 374; Silva Escura, Sever do Vouga — 374
- Henriques (José da Silva)**, bacharel formado na Faculdade de Cânones e advogado nos auditórios de Coimbra — 543
- Henriques (Luís Dias), homem de negócios — Aveiro — 358
- Henriques (Madalena) — Aveiro — 306
- Henriques (Manuel) — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 456; Travanca, Oliveira de Azeméis — 398
- Henriques (Manuel), espadeiro da Ribeira — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 456
- Henriques (Manuel de Almeida) — Salreu, Estarreja — 174; Valongo, Agueda — 174

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Henriques (Maria) — Aguada de Cima, Aguada — 377; Aveiro — 306; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 219; Travanca, Oliveira de Azeméis — 398
- Henriques (Páscoa) — Roge, Vale de Cambra — 365
- Henriques (Pascoal)—Madail, Oliveira de Azeméis — 50
- Henriques (Pedro) — Agadão, Aguada — 421; Avelãs do Caminho, Anadia — 421
- Henriques (Sabino) — Aveiro — 214
- Henriques (Tomás)—Aveiro—214
- Homem (Francisco Ferreira) — Aguada — 400
- Homem (Henrique de Almeida)—Esgueira, Aveiro — 318; Recardães, Aguada — 318
- Homem (João Pinto)** — 169
- Homem (João dos Santos) — Aveiro — 259 e 381
- Homem (José Ferreira)** — 400
- Homem (P.^o José Pereira)**, vigário da igreja de S.^{to} André de Esgueira, Aveiro — 493
- Homem (José dos Santos)—Aveiro — 259
- Homem (Miguel Rodrigues) — Aguada — 93 e 455
- Igreja (Domingos Soares) — Lobão, Feira — 297
- Inácia (Rosa) — Sanfins, Feira — 512
- Jesus (Ana Maria de) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 350
- Jesus (Angélica Rosa de) — Vagos — 413
- Jesus (Antónia Teodora de) — Ilhavo — 33; Vagos — 33
- Jesus (Domingas Gomes de)—Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 30; Válega, Ovar—30
- Jesus (Domingas Teresa de)—Tamenços, Anadia — 525
- Jesus (Isabel Pereira de)—Aguada — 165
- Jesus (Josefa Maria de)—Oliveira de Azeméis — 437
- Jesus (P.^o Frei Manuel de) — S. João da Madeira — 461
- Jesus (Maria de) — Arões, Vale de Cambra — 367; Rocas de Vouga, Sever do Vouga — 367
- Jesus (Maria Ferreira de)—Recardães, Aguada — 82
- Jesus (Maria Francisca Josefa de) — Oiã, Oliveira do Bairro — 104
- Jesus (Maria Jerónima de) — Vila Nova de Monsarros, Anadia—258
- Jesus (Maria Luisa de) — Eixo, Aveiro — 185
- Jesus (Natália de) — Esgueira, Aveiro — 117 e 477
- Jesus (Natália Rodrigues de) — Real, Castelo de Paiva — 164 e 498
- Jesus (Rosa Maria de) — Aguada — 455; Aveiro — 33; Vagos — 33 e 413
- Jesus (D. Rosa Maria Tavares de) — Aguada — 93
- Jesus (Sebastiana de) — Rossas, Arouca—557; Urrô, Arouca—557
- Jesus (Teresa de) — Aveiro—117 e 477; Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 562
- João (Agostinho)—Avanca, Estarreja — 89
- João (Amaro)—Oliveira do Bairro — 201
- João (Ana) — Roge, Vale de Cambra — 91; Valongo, Aguada—285
- João (André), o «Terrível»—Cacia, Aveiro — 515; Esgueira, Aveiro — 515
- João (Andresa) — Barcouço, Mealhada — 478; Casal Comba, Mealhada — 478; Salreu, Estarreja — 458; Tamengos, Anadia — 99; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 99
- João (Antónia) — Amoreira da Gandra, Anadia — 544; Chave, Arouca — 371
- João (António) — Aveiro — 156 e 159; Belazaima, Aguada — 516; Castelões, Vale de Cambra — 40, 106 e 553; Eirol, Aveiro—130; Espargo, Feira—445; Junqueira, Vale de Cambra — 40, 106 e 553; Macinhata do Vouga, Aguada — 558; Mouta, Anadia — 516; S. Martinho da Gândara, Oliveira de Azeméis — 426; Travanca, Feira — 445
- João (António), lavrador — Vale Maior, Albergaria-a-Velha — 267
- João (Ascensa) — Oiã, Oliveira do Bairro — 240
- João (Brás) — Espiunca, Arouca — 552; Canelas, Arouca—552
- João (Catarina) — Albergaria-a-Velha—558; Castelões, Vale de Cambra — 53 e 275; Junqueira—Vale de Cambra — 53 e 275;

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Oleiros, Feira — 485; Tamengos, Anadia — 201
- João (Cezília) — Paços de Brandão, Feira — 472
- João (Custódio) — Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 502
- João (Diogo) — Barcouço, Mealhada — 478; Valongo, Agueda — 171
- João (Domingas) — Arões, Vale de Cambra — 242; Real, Castelo de Paiva — 39; Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 556; Rocas do Vouga, Sever do Vouga—367; Rossas, Arouca — 67
- João (Domingos) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 233; Arconcilhe, Feira — 304; Aveiro — 41 e 289; Cedrim, Sever do Vouga — 494; Fermelã, Estarreja — 41; Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 289; Paradela, Sever do Vouga — 494; Paramos, Espinho — 386; Pessegueiro, Sever do Vouga — 379; Real, Castelo de Paiva—164 e 498; Rossas, Arouca — 67; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 166; Ul, Oliveira de Azeméis — 166
- João (Domingos), pasteleiro e Familiar do S.^o Officio — Aveiro — 284
- João (Francisco) — Macinhata do Seixa — Oliveira de Azeméis — 339
- João (Francisco) — Arouca — 287; Avelãs de Cima, Anadia — 98; Real, Castelo de Paiva — 39; S.^{ta} Eulália, Arouca — 39; Tropeço, Arouca — 103
- João (Gaspar), taberneiro em Coimbra — Aguada de Baixo, Agueda — 145
- João (Isabel) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 117; Arcos, Anadia — 99; Avelãs de Cima, Anadia — 309; Barrô, Agueda — 284; Belazaima, Agueda — 516; Eirol, Aveiro — 130; Oliveira do Bairro — 104; Real, Castelo de Paiva — 39; Rossas, Arouca — 67; Segadães, Agueda — 130; Tamengos, Anadia — 99; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391, 392, 545 e 546 — Vilarinho do Bairro, Anadia — 524
- João (José) — Feira — 248
- João (Madalena) — Vagos — 514
- João (Manuel) — Agueda — 219; Alvarenga, Arouca — 552; Angeja, Albergaria-a-Velha — 380; Cacia, Aveiro — 142; Canelas, Arouca — 552; Feira — 248; Murtosa — 49; Paradela, Sever do Vouga — 77; Rossas, Arouca — 535; Valongo, Agueda — 13 e 176
- João (P.^o Manuel) — Oliveirinha, Aveiro — 413
- João (Manuel), o «Bagalhado» — Angeja, Albergaria-a-Velha — 76
- João (Manuel), o «Trabucão» — Feira — 436
- João (Margarida) — Bustos, Oliveira do Bairro — 538; Troviscal, Oliveira do Bairro — 538
- João (Maria) — Aveiro — 205, 277, 430, 441, 549, 554; Bunheiro, Murtosa — 536; Burgo, Arouca—420; Canelas, Arouca — 453; Casal Comba, Mealhada—478; Covelo de Paivô, Arouca — 420; Junqueira, Vale de Cambra — 374; Lamas do Vouga, Agueda — 110; Lourosa, Feira — 249; Monte, Murtosa — 49; Mozelos, Feira — 386; Paradela, Sever do Vouga — 196; Paraíso, Castelo de Paiva — 510; Real, Castelo de Paiva — 39; Requixo, Aveiro — 412; Rocas, Sever do Vouga — 195; Salreu, Estarreja — 89, 91 e 96; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 203; Silva Escura, Sever do Vouga—374; Silvade, Espinho — 386; Vagos — 514; Válega, Ovar — 523; Valongo, Agueda — 285 e 519; Ventosa do Bairro, Mealhada—101
- João (Maria), locandeira — Aveiro — 526
- João (Maria), a «Honrada» — Aveiro — 526
- João (Maria), a «Murga» — Vagos — 514
- João (Mariana) — Agueda — 314
- João (Mateus) — Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 502
- João (Miguel)—Belazaima, Agueda — 516, Oiã, Oliveira do Bairro — 240
- João (Pedro) — Agadão, Agueda — 78 e 378; Avelãs do Caminho, Anadia — 98; Avelãs de Cima, Anadia — 98; Paradela, Sever do Vouga — 196; Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 502; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391, 392, 545 e 546
- João (Pero) — Cepelos, Vale de

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Cambra—289; Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 289
- João (Simão) — Fermentelos, Agueda — 59 e 218; Nogueira da Regedoura, Feira — 345; Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 218
- João (Simão), o «Seco» — Fermentelos, Agueda — 59 e 218
- João (Tomé) — Paradela, Sever do Vouga—77; Valongo, Agueda — 131, 159, 177 e 202
- Joaquina (Teresa) — Luso, Mealhada — 441
- Jordão (José de Oliveira)** — 481
- Jorge (Ana)—Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 166; Oliveira de Azeméis — 89; Santiago de Beduído, Estarreja—89; Vila Nova de Monsarros, Anadia—23
- Jorge (Antónia) — Agueda — 249; Oliveira do Bairro — 34; Souto, Feira — 396; Travanca, Feira — 396
- Jorge (António) — Alvarenga, Arouca—470; Amoreira da Gândara, Anadia—544; Aveiro 214; Eixo, Aveiro — 22; Ilhavo—22; S. João da Madeira — 184; Troviscal, Oliveira do Bairro — 544
- Jorge (Aparício)—Pardelhas, Murtosa — 98
- Jorge (Bento) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 392
- Jorge (Catarina) — Arada, Ovar — 335; Sanguedo, Feira — 389
- Jorge (Cezília) — Lamas, Feira — 532
- Jorge (Domingas) — Feira — 1; Louredo, Feira — 1
- Jorge (Domingos)—Cucujães, Oliveira de Azeméis — 262; Ovar — 496 — Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis—262; Trofa, Agueda — 314; Tropeço, Arouca — 103
- Jorge (Domingos Ferreira)—Feira — 5
- Jorge (Francisca) — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 72
- Jorge (Isabel) — Aveiro — 18 e 214; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 262
- Jorge (Jerónimo) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 392
- Jorge (João) — Murtosa — 212; S. Miguel do Mato, Arouca—410
- Jorge (Luís)—Agueda—314; Trofa, Agueda — 109 e 314
- Jorge (Madalena) — Recardães, Agueda — 82
- Jorge (Manuel) — Burgo, Arouca — 483; Eixo, Aveiro — 537; Fajões, Oliveira de Azeméis — 483; Madail, Oliveira de Azeméis — 330; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 203; Trofa, Agueda—109 e 314; Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 330
- Jorge (Marcos) — Fornos, Feira— 222
- Jorge (Maria) — Aveiro — 19 e 20; Cacia, Aveiro — 127; Ois da Ribeira, Agueda — 1; Oliveira do Bairro — 34; Ovar — 496; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 383; Trofa, Agueda — 109 e 314
- Jorge (Natália) — Casal Comba, Mealhada — 163
- Jorge (Pedro) — Castelões, Vale de Cambra — 555; Fermelã, Estarreja — 22
- Jorge (Rafael)—Oliveira do Bairro — 208
- Jorge (Salvador)—Pardelhas, Murtosa — 98
- Jorge (Simão)—Oliveira do Bairro — 34
- José (António)—Espinhel, Agueda — 251
- José (Francisco), o «Santarém»—Pampilhosa do Botão, Mealhada — 469
- José (João) — Feira — 436
- José (João)**, soldado do regimento de artilharia do Porto aquartelado na Praça de Valença do Minho — Vacariça, Mealhada — 121
- Josefa (Maria) — Arcos, Anadia — 101; Macinhata do Vouga, Agueda — 78
- Josefa (Maria Francisca) — Oiã, Oliveira do Bairro — 104
- Juliana (D.), mulher do terceiro Duque de Aveiro — Aveiro — 125
- Lago (D. Maria Joana Jacinta Pereira do) — Canedo, Feira — 2
- Lago (Pantaleão Pereira do) — Castelões, Vale de Cambra—2; Feira — 2
- Lago (Sebastião Pereira do), cavaleiro professo da Ordem de Cristo — Canedo, Feira — 2; Feira—2
- Lameiro (João André) — Eirol, Aveiro — 130
- Leal (P.^o Jacinto José Pereira)**, sacerdote do hábito de S. Pe-

- dro, formado pela Faculdade dos Sagrados Cânones—Canedo, Feira — 2
- Leal (P.^o José Cabral da Rocha)**, presbítero de S. Pedro e prior da igreja de N.^a S.^a da Assunção de Ventosa do Bairro, Mealhada — 328
- Leal (José Rodrigues)**, homem de negócio em Lisboa — 520
- Leal (P.^o José Rodrigues)**, prior da igreja de S. Martinho de Lisboa, bacharel formado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, protonotário apostólico e juiz das causas do Tribunal da Legacia — 521
- Leão (João Ferreira de)**, homem de negócio no Rio de Janeiro — 401
- Leão (José de Pinho)**, bacharel formado, morador no Rio de Janeiro — 502
- Leão (Maria)**, ou João—Requeixo, Aveiro — 412
- Leão (Maria Ferreira)** — Sanfins, Feira — 401
- Leça (José Francisco)**, capitão do aviso «N.^a Sr.^a da Boa Esperança» — S. João de Ver, Feira — 414
- Leitão (António)**, mercador e Familiar do S.^o Offício — Aveiro — 205, 277, 441 e 549
- Leitão (Francisco)** — Aveiro—205, 277, 441 e 549
- Leitão (Francisco da Cruz)** — Aveiro — 277
- Leitão (João)** — Aveiro — 205, 277, 441 e 549
- Leitão (João de Brito)**, ouvidor do Duque de Aveiro — Aveiro — 272
- Leitão (João Miguéis)** — Aveiro — 289
- Leitão (João de Siqueira)** — 219
- Leitão (José Bento)**, homem de negócio no Recife de Pernambuco — 319
- Leitão (Luís de Brito)** — Aveiro — 272
- Leitão (Manuel Ribeiro)**, Familiar do S.^o Offício — Aveiro—15, 226 e 227; Avelãs do Caminho, Anadia — 15, 226 e 227
- Leitão (Tomé Ribeiro)** — Aveiro — 15, 226 e 227
- Leitão (Maria)** — Aveiro — 277
- Leite (André)** — Arada, Ovar—447
- Leite (Joana)**—Arada, Ovar—447
- Leite (P.^o Mestre Frei José da Avé-Maria)**, religioso da Ordem da SS. Trindade e Redenção dos Cativos, mestre e doutor na Faculdade de Teologia pela Universidade de Coimbra — 312
- Leite (Josefa)** — S. João da Madeira — 432
- Leite (Manuel)** — Fornos, Feira — 6
- Leite (Manuel da Costa)**—Fornos, Feira — 312
- Leite (Maria)** — Fornos, Feira — 6 e 312; S. João da Madeira—432
- Lemos (Antónia Marques)**—Albergaria-a-Velha — 558
- Lemos (António de Almeida)** — Agueda — 102
- Lemos (Benef. António de Almeida)** — Agueda — 481
- Lemos (Bento Ribeiro de)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo — Aveiro — 433
- Lemos (Bernardo de Carvalho e)**, senhor das vilas e Alfarela e Trofa, Agueda — 454
- Lemos (Diogo Gomes de)**, senhor da vila de Trofa, Agueda — 500
- Lemos (José Luís Pimenta de Távora e)** — 454
- Lemos (José Martins de)**, ajudante da Ordenança da cidade da Baía — 465
- Lemos (José Tavares de)** — Albergaria-a-Velha — 558
- Lemos (Xavier Francisco de Sousa e)** — Trofa, Agueda — 454
- Lencastre (D. Álvaro de)**, terceiro Duque de Aveiro — Aveiro—125
- Lencastre (D. João de)** — 125
- Lencastre (D. Jorge de)**, segundo Duque de Aveiro — Aveiro — 125
- Lencastre (D. Raimundo de)**, quarto Duque de Aveiro—Aveiro — 125
- Lider (João Gaspar)**, capitão—110
- Lima (Briolanja Maria de)**—Fermado, Arouca — 215 e 550
- Lima (P.^o João Carneiro de)**, abade da freg. de S.^{ta} Marinha de Escapães, Feira—62; Fornos, Feira — 62
- Lima (José de)**, homem de negócio em Lisboa — 449
- Lima (José Blens de)**, negociante em Pernambuco — 324
- Lima (José Caetano dos Santos)**, homem de negócio no Recife de Pernambuco — 335

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Lima (José da Cruz)**, mestre seralheiro — 371
- Lima (José da Silva Moreira e)**, formado nos Sagrados Cânones e alferes de cavalos do Regimento de Almeida — 546
- Lisboa (João Lopes da Silva)**, homem de negócio em Lisboa — 128
- Lisboa (José de Amorim)**, homem de negócio no Rio de Janeiro — 296
- Lobo (Jacinto Ribeiro)**, ourives — 9
- Lopes (Ana Antónia)** — Madail, Oliveira de Azeméis — 30
- Lopes (Antónia)** — Ovar — 155
- Lopes (António)**—Tamengos, Anadia — 499
- Lopes (António Pereira)** — Santiago de Beduído, Estarreja — 315
- Lopes (Baltasar)** — Avanca, Estarreja — 239
- Lopes (Catarina)** — Águeda — 187 e 314
- Lopes (Domingos)** — Cortegaça, Ovar — 151; Lourosa, Feira — 151
- Lopes (Francisco)** — Anadia — 160; Mealhada — 356
- Lopes (Isabel)** — Avanca, Estarreja — 239
- Lopes (João)**—Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 375; Sanguedo, Feira — 16
- Lopes (João)**, merceeiro em Aveiro — 127
- Lopes (João Pereira)** — Águeda — 249
- Lopes (José Pereira)**—Vagos—438
- Lopes (Luís Pereira)**, mestre ourives da prata e ouro — Águeda — 249
- Lopes (Manuel)** — S. Lourenço do Bairro, Anadia—163; Tamengos, Anadia — 163
- Lopes (Maria)** — Anadia — 160 e 492; Aveiro—131; Lamas, Feira — 532; Lourosa, Feira — 151; Mouta, Anadia — 160; S. João de Ver, Feira — 151
- Lopes (Mateus)** — Lamas, Feira — 100
- Loura (José Ferreira da)** — Oliveira do Bairro — 402
- Loureiro (Domingos Rodrigues)**, confeiteiro em Lisboa — Rocas do Vouga, Sever do Vouga—195
- Loureiro (João Rodrigues)**, confeiteiro na rua da Confeitaria em Lisboa — 195
- Lourença (Esperança)** — Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
- Lourenço (Jorge)**, lavrador—Real, Castelo de Paiva — 39
- Lousa (José Fernandes)**, homem de negócio em Lisboa — 387
- Lucas (António)** — Macieira de Cambra, Vale de Cambra—456
- Lucas (Isabel Fernandes)**—Vagos — 514
- Lucas (Maria)**—Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 456
- Lucena (P.^o José Pereira de Matos)**, reitor colado da igreja de S. Mamede de Vila Maior, Feira — 495
- Luís (Ana)** — Águeda — 307
- Luís (Antónia)** — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 262, 330 e 503
- Luís (Domingas)**—Cucujães, Oliveira de Azeméis — 30
- Luís (Domingos)** — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 165
- Luís (Faustina Ribeiro)**—Valongo, Águeda — 194
- Luís (Fernão)** — Valongo, Águeda — 131
- Luís (Isabel)** — Valongo, Águeda — 194
- Luís (João)** — Macieira de Alcoba, Águeda — 165
- Luís (João)**, mestre correieiro em Lisboa — 130
- Luís (João)**, o «Frade» — Valongo — Águeda — 171
- Luís (José)** — Ois da Ribeira, Águeda — 452; Talhadas, Sever do Vouga — 452
- Luís (Madalena)** — Eixo, Aveiro — 185
- Luís (Manuel)** — Castelões, Vale de Cambra — 229; Talhadas, Sever do Vouga — 452
- Luís (Maria)** — Águeda — 307; Angeja, Albergaria-a-Velha—387; Cucujães, Oliveira de Azeméis — 330
- Luís (Matias)** — Valongo, Águeda — 194
- Luna (Teresa de)**—Burgo, Arouca — 115
- Luz (Maria Gomes da)** — Aradas, Aveiro — 316; Aveiro — 316
- Macedo (Cristóvão Pinto de Almeida e)**, Familiar do S.^{to} Offício

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- e capitão-mor da vila de Espinhel, Agueda — 504
- Macedo (João Pinto de)**—Agueda — 170
- Macedo (João Pinto de), mestre de campo de auxiliares e Familiar do S.^{to} Offício—Agueda—507
- Macedo (Joaquim Ribeiro de)**, estudante com ordens menores, depois no hábito secular para servir um offício no Paço da Madeira — 268
- Macedo (José de Lemos de Nápoles e Figueiredo e)**, fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} — 448
- Macedo (José Pinto de)** — Agueda — 507
- Macedo (José Pinto Coelho Cardoso de Meneses e)**, moço fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} — 505
- Macedo (José Rodrigues de)**, ourives da prata em Lisboa — 522
- Macedo (Maria de) — Macieira de Alcoba, Agueda — 165
- Macedo (D. Maria Pinheiro de) — Agueda — 448
- Macedo (Mariana de) — Castanheira do Vouga, Agueda — 339
- Macedo (Miguel Pinto de), Familiar do S.^{to} Offício — Agueda — 107 e 507
- Macedo (Tomásia Rita de) — Macieira de Alcoba, Agueda — 165
- Machada (Maria) — Real, Castelo de Paiva — 164 e 498; Romariz, Feira — 164 e 498
- Machado (João de Faria)**, juiz dos órfãos da vila de Guimarães—80
- Machado (Joaquim Carneiro)**, capitão de mar-e-guerra das naus da Coroa de Macau — 244
- Machado (José Pereira) — Arouca — 354
- Machado (Manuel Alvares)—Real, Castelo de Paiva — 164 e 498
- Madaíl (D. Ana Joaquina de Anaia) — Aveiro — 172
- Madaíl (Catarina Maria de Anaia) — Aveiro — 172
- Madaíl (João Alves)** — Madaíl, Oliveira de Azeméis — 30; Válega, Ovar — 30
- Madaíl (José da Cruz)**, cirurgião — Aveiro — 372
- Madaíl (Manuel João) — Aveiro — 172
- Madaíl (Maria) — Castanheira do Vouga, Agueda — 300
- Madaíl (Miguel Simões) — Aradas, Aveiro — 372; Aveiro — 372
- Madaíl (Teresa Bernarda de Anaia) — Aveiro — 172
- Madalena (Maria) — Aveiro — 316
- Madeira (João Baptista) — Ferrelá, Estarreja — 423
- Magalhães (João de Oliveira)** — Feira — 153
- Magalhães (João de Oliveira) — Feira — 153
- Magalhães (João de Sousa Ribeiro da Silveira)**, capitão de cavalaria do regimento ligeiro de Bragança aquartelado na Praça de Chaves — Aveiro — 227
- Magalhães (Manuel de) — Cortegaça, Ovar — 69; Maceda, Ovar — 69
- Magalhães (Maria de Almeida de) — Valongo, Agueda — 233
- Magalhães (Maria Pinta de)—Maceda, Ovar — 416
- Maia (Antónia da) — Esgueira, Aveiro — 91
- Maia (Carlos Ribeiro da) — Familiar do S.^{to} Offício — Aveiro — 226 e 227
- Maia (Manuel Rodrigues) — Tamengos, Anadia — 525
- Maia (Margarida Rebelo da) — Aveiro — 369
- Maia (D. Maria Teresa de Jesus e) — Esgueira, Aveiro—91
- Maia (Nicolau Fernandes da), Familiar do S.^{to} Offício e capitão-mor da vila de Esgueira, Aveiro — 91
- Maia (Vitória da) — Aveiro — 369
- Malafaia (Maria da Silva) — Oliveira de Azeméis — 55
- Maltês (José da Costa)**, homem de negócio em Lisboa — 363
- Manem (José)**, capitão e homem de negócio na Baía — 457
- Manhosa (Catarina) — Arouca — 7
- Manuel (André) — Aveiro — 205, 277, 441 e 549
- Manuel (António) — Ilhavo — 133; Soza, Vagos — 133
- Manuel (Catarina) — Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 502
- Manuel (Domingas) — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 556
- Manuel (Domingos) — Ovar — 222
- Manuel (Francisca) — Silva Escura, Sever do Vouga — 374
- Manuel (Francisco) — Silva Escura, Sever do Vouga — 374

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Manuel (Frutuoso) — Guetim, Espinho — 464; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 375
- Manuel (Gonçalo) — Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 262
- Manuel (Isabel)—Cortegaça, Ovar — 293; Frossos, Albergaria-a-Velha — 194; Ilhavo — 194; Maceda, Ovar — 293; Silva Escura, Sever do Vouga — 113
- Manuel (João) — Aveiro — 145; Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 375; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 219
- Manuel (João)**, professo da Ordem de Santiago, patrão-mor da Ribeira das Naus—Ilhavo—133
- Manuel (Maria) — Aveiro — 158, 159, 289 e 358; Barcouço, Mealhada — 478; Cacia, Aveiro—537; Ilhavo—399 e 413; Louredo, Feira — 523; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 220; Paradela, Sever do Vouga — 196; Pessegueiro, Sever do Vouga — 196; Silva Escura, Sever do Vouga — 374; Souto, Feira — 222; Vale, Feira — 523
- Manuel (Olaia)—Alquerubim, Albergaria-a-Velha — 362; Eixo, Aveiro — 362
- Manuel (Pascoal) — Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 262
- Manuel (Sebastião) — Feira — 5
- Manuel (Simão) — Sanfins, Feira — 512
- Marcos (José Caetano da Mota e Silva)** — 334
- Maria (Ana) — Arcos, Anadia — 421; Aveiro — 19 e 20; Castanheira do Vouga, Agueda — 339; Mogofores, Anadia — 421
- Maria (Angélica) — Aveiro — 490
- Maria (Antónia) — Sardoura, Castelo de Paiva — 38
- Maria (Bernarda) — Aveiro — 156
- Maria (Brites) — Albergaria-a-Velha — 558; Macinhata do Vouga, Agueda — 558
- Maria (Escolástica) — Mogofores, Anadia — 346
- Maria (Francisca) — Castelões, Vale de Cambra — 106; Mogofores, Anadia — 382; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 382
- Maria (Inácia)—Oliveira de Azeméis — 55
- Maria (Isabel) — Bairros, Castelo de Paiva — 352; Macinhata do Vouga, Agueda — 78; Mealhada — 224; Mouta, Anadia — 31
- Maria (Joana)—Aguada de Cima, Agueda — 452; Agueda — 339; Mouta, Anadia — 356; Ois da Ribeira, Agueda — 452; Valongo, Agueda — 52
- Maria (P.^o Mestre Dr. Frei José de Jesus)**, lente de prima e Teologia no Colégio da SS. Trindade de Coimbra — 435
- Maria (Josefa)—Aguada de Cima, Agueda — 377; Anadia — 499; Arcos, Anadia — 101; Mogofores, Anadia — 101 e 346; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261; Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
- Maria (Leonarda) — Anta, Espinho — 388 e 415
- Maria (Lourença) — Valongo, Agueda — 114
- Maria (Luísa) — Ilhavo — 327
- Maria (D. Margarida) — Aveiro — 272
- Maria (Micaela) — Burgo, Arouca — 115
- Maria (Rosa) — Ois da Ribeira, Agueda — 452
- Marinho (António Leite) — Espargo, Feira — 445
- Marinho (João Francisco)**, homem de negócio e cônsul da nação espanhola no Porto — Tropeço, Arouca — 103
- Mariz (António de) — Arcos, Anadia — 492
- Mariz (P.^o Domingos Pinheiro), comissário do S.^o Offício e reitor da freg. de S. Miguel de Oliveira de Azeméis — 445
- Mariz (Gonçalo Pinheiro), Oliveira de Azeméis — 445
- Mariz (Joana Genoveva de) — Arcos, Anadia — 492
- Marmela (Maria João) — Vagos — 94
- Marques (Agueda) — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha—556
- Marques (Ana) — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 556
- Marques (André) — Aguada de Cima, Agueda — 201
- Marques (Andresa) — Salreu, Estarreja — 458
- Marques (Antónia) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 95
- Marques (António) — Esgueira,

- Aveiro — 537; Salreu, Estarreja — 458
- Marques (António), capitão e cavaleiro professo da Ordem de Cristo — Palmaz, Oliveira de Azeméis — 113
- Marques (Domingas) — Eixo, Aveiro — 185
- Marques (Domingos) — Aguada de Cima, Agueda — 377; Veiros, Estarreja — 310 e 459
- Marques (Filipe) — Palmaz, Oliveira de Azeméis — 113
- Marques (Gregório) — Aveiro — 150
- Marques (Jacinto) — Eixo, Aveiro — 255
- Marques (Joana) — Fornos, Feira — 62; Santiago de Beduído, Estarreja — 315
- Marques (João) — Lamas do Vouga, Agueda — 110
- Marques (P.^o João), abade da igreja de Santiago de Lourosa, Feira — 135
- Marques (Joaquim José), negociante em Paraíba — Eixo, Aveiro — 255
- Marques (José), homem de negócio — Salreu, Estarreja — 458
- Marques (José), oficial de barbeiro e sangrador — 459
- Marques (Luísa) — Eixo, Aveiro — 185 e 255
- Marques (Manuel) — Barrô, Agueda — 82; Bunheiro, Murtosa — 536; Castanheira do Vouga, Agueda — 339; Lamas do Vouga, Agueda — 110; Oliveira do Bairro — 82; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 556; Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 556; Salreu, Estarreja — 458
- Marques (P.^o Manuel) — Oliveirinha, Aveiro — 413
- Marques (Manuel Alves), Familiar do S.^o Offício — Eixo, Aveiro — 185
- Marques (Maria) — Aguada de Cima, Agueda — 370 e 377; Albergaria-a-Velha — 417; Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 556; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 437
- Marques (Mateus) — Cortegaça, Ovar — 461; S. João de Ver, Feira — 461
- Marques (Pedro) — Requeixo, Aveiro — 412; S. João da Madeira — 460
- Marques (Sebastiana) — Esgueira, Aveiro — 537
- Martinho (Domingas Dias) — Fermelã, Estarreja — 423
- Martins (Ana) — Aguada de Cima, Agueda — 406
- Martins (Antónia) — Agueda — 339
- Martins (António) — Oiã, Oliveira do Bairro — 59
- Martins (Ascença) — Palmaz, Oliveira de Azeméis — 375
- Martins (Domingas) — Carregosa, Oliveira de Azeméis — 479
- Martins (Domingos Ferreira) — Pigeiros, Feira — 13
- Martins (Lic.^o Frutuoso) — Silva Escura, Sever do Vouga — 7
- Martins (Gomes) — Agueda — 16
- Martins (Gonçalo) — Agueda — 16; Angeja, Albergaria-a-Velha — 16
- Martins (Isabel) — Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 218; Valongo, Agueda — 114
- Martins (Joana) — Oiã, Oliveira do Bairro — 240
- Martins (João) — Agueda — 339; Castelões, Vale de Cambra — 53 e 275; Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 465
- Martins (João), homem de negócio em Lisboa — 137
- Martins (João Caetano) — Oiã, Oliveira do Bairro — 59
- Martins (João Gomes) — Valongo, Agueda — 114
- Martins (João Gomes), Familiar do S.^o Offício — Valongo, Agueda — 44
- Martins (Joaquim) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Martins (Joaquim Marques) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Martins (José) — Mouta, Anadia — 261; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 375; Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 375; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Martins (Manuel) — Oliveira de Azeméis — 229; Valongo, Agueda — 114
- Martins (Manuel Henriques) — Valongo, Agueda — 13
- Martins (Margarida) — Oiã, Oliveira do Bairro — 240
- Martins (Maria) — Aveiro — 41; Esgueira, Aveiro — 22; Fermelã, Estarreja — 41; Mouta, Anadia — 356; Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 218; Valongo, Agueda — 13

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Martins (Mariana) — Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 230; Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 230
- Martins (Pascoal) — Oiã, Oliveira do Bairro — 240
- Martins (Pedro)—Aguada de Cima, Águeda — 406; Avelãs de Cima, Anadia — 261; Pigeiros, Feira — 13; Real, Castelo de Paiva — 232 e 424; Vila Nova de Monzarros — 261
- Martins (Silvestre) — Valongo, Águeda — 131
- Martins (Simão) — Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 218
- Mascarenhas (Ana Malafaia)—Oliveira de Azeméis — 55
- Mascarenhas (Belchior de Malafaia) — Arouca — 332
- Mascarenhas (Diogo de Malafaia e) — Arouca — 322
- Mascarenhas (Domingos Malafaia e) — Arouca — 322
- Mascarenhas (João Bernardo Malafaia)** — Oliveira de Azeméis — 55
- Mascarenhas (João da Cunha Frade)**, comissário do Arsenal Real do Exército — 74
- Mascarenhas (Joaquim José)**, estribeiro do Cardeal Inquisidor — 256
- Massa (José Francisco Monteiro), Familiar do S.^{to} Ofício — Anta, Espinho — 388
- Massa (José Francisco Monteiro)**, homem de negócio — Anta, Espinho — 415
- Mateus (Domingos)—Cacia, Aveiro — 537
- Mateus (Francisco) — Esgueira, — Aveiro — 408
- Mateus (Joana)—Esgueira, Aveiro — 91
- Mateus (Maria) — Águeda — 82; Cacia; Aveiro — 537; Esgueira, Aveiro — 21; Ois da Ribeira, Águeda — 82; Valongo, Águeda — 159
- Mateus (Pedro)—Avelãs de Cima, Anadia — 107
- Mateus (Tomé) — Válega, Ovar — 459; Veiros, Estarreja — 459
- Matos (António) — Pigeiros, Feira — 154; Romariz, Feira — 154
- Matos (António Marques de) — Fornos, Feira — 62
- Matos (Cristina de) — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 444;
- Silva Escura, Sever do Vouga — 444
- Matos (Francisca de) — Aveiro — 189
- Matos (Frutuoso Francisco de)—Valongo, Águeda — 542
- Matos (João de) — Fornos, Feira — 62
- Matos (João Simões de)**, — Oiã, Oliveira do Bairro — 218
- Matos (João Simões de), alferes e Familiar do S.^{to} Ofício — Oiã, Oliveira do Bairro — 59
- Matos (José Carvalho de)**, mercador em Lisboa — 348
- Matos (Manuel)—Espinhel, Águeda — 59 e 218; Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 218; Valongo, Águeda — 542
- Matos (Maria de) — Águeda—339
- Matos (Maria Duante de) — Vaca-riça, Mealhada — 121
- Matos (Salvador de) — Rio Meão, Feira — 140
- Matos (Teodósio de) — Rio Meão, Feira — 140
- Matosa (D. Maria) — Aveiro — 334
- Maurício (João Pinheiro)**, mercador em Oliveira de Azeméis — 166; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 166
- Medela (António da Silva)—Aveiro — 36
- Medela (Dr. João António da Silva)**, graduado na Faculdade de Cânones e opositor às cadeiras da Universidade de Coimbra, clérigo in-minoribus—Aveiro — 36
- Meireles (João Baptista de)**, mercador no Porto — 45
- Meireles (José Coelho de)** — 350
- Melo (Francisco Soares de), boticário — Feira — 531
- Melo (Helena Caetana de)—Feira — 531
- Melo (Isabel de) — Paradela, Sever do Vouga — 77
- Melo (Jacinta Luísa de Azevedo e) — Paços de Brandão, Feira—532
- Melo (João Fernandes de)** — 81
- Melo (João de Sousa)**, homem de negócio no Porto — 225
- Melo (José da Costa Pereira de)**—Aradas, Aveiro — 364; Aveiro — 364
- Melo (Maria de) — Paradela, Sever do Vouga — 77
- Mendanha (José de)** — 469

- Mendes (Catarina) — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 456
- Mendes (Francisco de Sousa) — Fervedo, Arouca — 349; Tropeço, Arouca — 349
- Mendes (Frutuoso) — Rio Meão, Feira — 83
- Mendes (João) — Alvarenga, Arouca — 301
- Mendes (José)**, mestre cabeleireiro em Lisboa — 470
- Mendes (Manuel) — Alvarenga, Arouca — 470
- Mendes (Manuel), lavrador — Rio Meão, Feira — 83
- Mendes (Frei Manuel da Cruz), vigário da igreja da Vera Cruz de Aveiro — 514; Vagos — 514
- Mendes (Maria) — Alvarenga, Arouca — 470; Bairros, Castelo de Paiva — 232 e 424; Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 456; Real, Castelo de Paiva — 424
- Mendes (Pascoal) — Roge, Vale de Cambra — 91
- Mendes (Pedro) — Alvarenga, Arouca — 552; Roge, Vale de Cambra — 407
- Mendonça (Maria Eufrásia de) — Ilhavo — 327
- Meneses (D. Isabel Maria Clara Pereira da Costa e) — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 341
- Meneses (D. Joaquina Maria de) — Feira — 281
- Meneses (D. Maria Madalena de Sousa e), Senhora das vilas de Alfarelos e Trofa, Agueda — 454
- Mesquita (João de Andrade e)** — 32
- Mesquita (José Caetano de)**, professor régio de Retórica em Lisboa — 333
- Miguéis (Antónia) — Aveiro — 296
- Miguéis (Catarina) — Aveiro — 289
- Miguéis (Domingos) — Aveiro — 358
- Miguéis (Francisca) — Aveiro — 97
- Miguéis (Maria) — Aveiro — 15, 93, 97, 145, 156, 226 e 227
- Miguéis (Paula) — Aveiro — 145
- Miranda (Antónia de) — Recardães, Agueda — 144
- Miranda (António de), Familiar do S.^{to} Offício — Barrô, Agueda — 143
- Miranda (Diogo Leite de) — Feira — 446
- Miranda (Gonçalo Vaz Pinto de), fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} e capitão-mor do conc. de Paiva, Familiar do S.^{to} Offício — Sobrado, Castelo de Paiva — 341
- Miranda (Joana Borges de) — Arrifana, Feira — 94
- Miranda (P.^o João Carneiro de) — Real, Castelo de Paiva — 343
- Miranda (José Carneiro de)**, boticário — Real, Castelo de Paiva — 343
- Miranda (José Pinto de)**, morador no Rio de Janeiro — 508
- Miranda (P.^o Manuel de) — Burgo, Arouca — 7
- Miranda (Martinho José Pinto da Silva), fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 341; Sobrado, Castelo de Paiva — 341
- Miranda (D. Violante Rosa de) — Real, Castelo de Paiva — 321
- Miséria (José António de Oliveira)**, estudante da Universidade de Coimbra — 302
- Moleiro (Manuel António) — Vagos — 514
- Moniz (Serafina) — S. Vicente de Pereira, Ovar — 316
- Montalegre (Domingos Gonçalves de) — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 73
- Monteira (Agueda Domingues) — Anta, Espinho — 388
- Monteira (Agueda Maria) — Anta, Espinho — 415
- Monteira (Luísa) — Arouca — 146
- Monteiro (António), sapateiro — Aveiro — 490
- Monteiro (Cláudio) — Aveiro — 145
- Monteiro (B.^o Faustino de Bastos), do Desembargo do Paço e Familiar do S.^{to} Offício — Aradas, Aveiro — 316; Aveiro — 316
- Monteiro (Gonçalo Domingues) — Anta, Espinho — 415
- Monteiro (João) — Arouca — 146
- Monteiro (João)**, cônsul e intérprete das línguas francesa e italiana — Aveiro — 145
- Monteiro (Teresa) — Aveiro — 316
- Morais (António Ribeiro de), capitão-mor — Santiago de Beduído, Estarreja — 184
- Morais (João Ribeiro de)**, capitão da Ordenanças — Santiago de Beduído, Estarreja — 184
- Morais (Lic.^o José Correia de)**, clérigo in-minoribus e médico partidista em Lamego — 354

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Morais (José da Silva)**—Amoreira da Gândara, Anadia—544; Ancas, Anadia—544
- Morais (Maria de)**—Agueda—290; Amoreira da Gândara, Anadia—544
- Morais (Miguel Ribeiro de)**—Aveiro—184; Santiago de Beuúdo, Estarreja—184
- Moreira (Francisca)**—Castelões, Vale de Cambra—40; Escariz, Arouca—562
- Moreira (Isabel)**—Vila Nova de Monsarros, Anadia—391 e 392
- Moreira (Frei João de)**, religioso capucho da Província da Soledade, morador no Convento de S.^{to} António de Aveiro—148
- Moreira (P.^c José Peixoto)**, bacharel formado em Cânones—483
- Moreira (José da Silva)**, ourives em Coimbra—Vila Nova de Monsarros, Anadia—545
- Moreira (José da Silva)**, ourives e Familiar do S.^{to} Ofício—Vila Nova de Monsarros—391, 392 e 546
- Moreira (Josefa)**—Vila Chã, Oliveira de Azeméis—383
- Moreira (Manuel)**—Escariz, Arouca—383; Milheirós de Poiares, Feira—383; Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva—292
- Moreira (Manuel Alves)**—S. João de Ver, Feira—451
- Moreira (Manuel de Sá)**—Lamas, Feira—532
- Moreira (Maria)**—Luso, Mealhada—551; Pedorido, Castelo de Paiva—475; Vila Nova de Monsarros, Anadia—391, 392, 545 e 546
- Moreira (Quitéria Maria)**—Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva—292; Sardoura (S. Martinho), Castelo de Paiva—292
- Moreira (Sebastião)**—Luso, Mealhada—551
- Moreira (Teresa)**—Escariz, Arouca—562
- Morgado (Manuel Simões)**—Fermentelos, Aguada—104
- Morilhas (José Luís Vaz)**—Aguada—455
- Morilhas (José Luís Vaz)**, Familiar do S.^{to} ofício—Aguada—93
- Morilhas (Dr. Lourenço Gonçalves Vaz)**—Aguada—93 e 455
- Mota (Ângela)**—Canedo, Feira—149
- Mota (Giraldo da)**—Aveiro—80
- Mota (José Luís)**, capitão e mercador no Porto—453
- Mota (Pedro)**—Canedo, Feira—149
- Mouco (Manuel Francisco)**—Albergaria-a-Velha—417
- Moura (Isabel de)**—Cortegaça, Ovar—151
- Moura (D. Isabel Josefa de)**—Cortegaça, Ovar—123
- Moura (João de)**—Aveiro—150
- Moura (P.^c João José de)**, formado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra e abade da igreja de S. Cristóvão de Mafamude, Vila Nova de Gaia—123
- Moura (Maria de)**—Aveiro—150
- Mourão (João Baptista Pinto)**—46
- Murgo (António Manuel)**—Vagos—514
- Negrão (António)**—Vagos—144
- Negrão (João dos Santos)**—Vagos—33 e 413
- Negrão (Manuel Miguéis)**—Aveiro—97
- Negroa (Maria dos Santos)**—Vagos—413
- Neta (Maria)**—Aveiro—150
- Neto (José dos Santos)**, homem de negócio no Porto—536
- Neto (Manuel)**—Aveiro—150
- Neves (Bernardo das)**, Familiar de S.^{to} Ofício—Vila Nova de Monsarros, Anadia—235
- Neves (Domingos)**—Angeja, Albergaria-a-Velha—387
- Neves (João Francisco das)**, Fermentelos, Aguada—104
- Neves (José Antunes da)**, advogado nos auditórios de Coimbra—309
- Neves (José Leite)**, boticário em Castelões, Vale de Cambra—445; Espargo, Feira—445
- Neves (Manuel das)**—Angeja, Albergaria-a-Velha—387
- Neves (Manuel Francisco das)**—Fermentelos, Águada—104; Oliveira do Bairro—104
- Neves (Manuel João)**, o «Verme-lho»—S. João de Loure, Albergaria-a-Velha—299
- Nogueira (Antónia)**—Fermelã,

- Estarreja — 174; Salreu, Estarreja — 174
- Nogueira (António) — Fermelã, Estarreja — 174 e 329
- Nogueira (João Domingues)**, homem de negócio na Baía—Paradela, Sever do Vouga — 77
- Nogueira (P.^o João da Silva)**, abade da igreja de S. Miguel do Mato, Arouca — 210
- Nogueira (Dr. João Xavier)**, médico em Lisboa — 238
- Nogueira (Joaquim Pedro)**—Aveiro — 264
- Nogueira (José)** — Barcouço, Mealhada — 478
- Nogueira (José Inácio da Costa)**, estudante de Filosofia — 431
- Nogueira (Pedro Fernandes)—Valongo, Águeda — 233
- Nogueira (Lic.^o Simão), secretário da Inquisição de Coimbra—Barcouço, Mealhada — 478
- Noronha (José Távora e)**—560
- Nunes (Catarina)—Macinhata do Vouga, Águeda — 558
- Nunes (Isabel) — Ilhavo — 133
- Nunes (João) — Ilhavo — 86
- Nunes (José)** — 479
- Nunes (José) — Aveiro — 270
- Nunes (José)**, mestre sapateiro — 480
- Nunes (Manuel) — Arcos, Anadia — 516; Carregosa, Oliveira de Azeméis — 308; Loure, Albergaria-a-Velha — 282; Valongo, Águeda — 28
- Nunes (Manuel), o «Borrvalho» — Ilhavo — 327
- Nunes (Maria) — Aradas, Aveiro — 554; Aveiro—530; Eixo, Aveiro — 372; Macinhata do Vouga, Águeda — 558; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 558
- Nunes (Sebastiana) — Loure, Albergaria-a-Velha — 282
- Nunes (Tomás) — Aveiro — 93
- Oliveira (Águeda)—Salreu, Estarreja — 89
- Oliveira (Ana de) — Aguada de Baixo, Águeda — 476; Ois do Bairro, Anadia — 422; Sangalhos, Anadia — 476
- Oliveira (Ana Maria de) — Esqueira, Aveiro — 317
- Oliveira (António Alves de)—Cortegaça, Ovar — 461
- Oliveira (Dr. Berardo da Fonseca de), médico de partido e Familiar do S.^o Ofício — Feira — 450
- Oliveira (Bernarda de)—Santiago de Beduído, Estarreja — 315
- Oliveira (Custódia Teresa de)—Arrifana, Feira — 434; Cortegaça, Ovar — 434
- Oliveira (Domingas de) — Avanca, Estarreja — 60; Santiago de Beduído, Estarreja — 89; Veiros, Estarreja — 60
- Oliveira (Domingos de) — S. Lourenço do Bairro, Anadia — 435
- Oliveira (Domingos Francisco de) — Cortegaça, Ovar — 434
- Oliveira (Domingos Tavares de), mestre confeitiro — Rocas, Sever do Vouga — 236, 257 e 559
- Oliveira (Francisco de) — Cesar, Oliveira de Azeméis — 43; Guisande, Feira — 154
- Oliveira (Gonçalo de) — Louredo, Feira — 26
- Oliveira (Isabel de) — Aguada de Baixo, Águeda — 476; Anta, Espinho — 461; Guetim, Espinho — 461; Oliveira do Bairro — 402; Ovar — 385; Santiago de Beduído, Estarreja — 315
- Oliveira (João José de)**, homem de negócio na Baía — Mozelos, Feira — 124
- Oliveira (João de Paiva de)—Fermado, Arouca — 215 e 550; Romariz, Feira — 215 e 550
- Oliveira (João Vicente de)**, bacharel formado em Coimbra — 236
- Oliveira (Joaquim José de)**, homem de negócio — 257
- Oliveira (José Marques de)**, homem de negócio — Cortegaça, Ovar — 461
- Oliveira (José Tavares de)**, homem de negócio em Lisboa — 559
- Oliveira (Luísa de) — Eixo, Aveiro — 226 e 227; Ilhavo — 226 e 227
- Oliveira (Manuel de) — Santiago de Beduído, Estarreja — 315
- Oliveira (Manuel António de), capitão e Familiar do S.^o Ofício — Ilhavo — 226 e 227
- Oliveira (Manuel Ribeiro de) — Aveiro — 15, 226 e 227
- Oliveira (Manuel Tavares de) — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 324
- Oliveira (Margarida Rita de) — Santiago de Beduído, Estarreja — 315
- Oliveira (Maria de) — Aveiro —

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- 41 e 369; Oliveira do Bairro—58;
Ovar—155, 369 e 496; Urró,
Arouca—302
Oliveira (D. Maria de)—Esgueira,
Aveiro—70
Oliveira (Maria Ferreira de)—Oliveira do Bairro—58
Oliveira (Miguel Fernandes de)—Oliveira do Bairro—58
Oliveira (Pedro de)—Esgueira,
Aveiro—317—Vilarinho do
Bairro, Anadia—486
Oliveira (Pedro Ribeiro de), Familiar do S.^{to} Ofício—Aveiro—226 e 227
Oliveira (Rosa de)—Escapães,
Feira—294
Oliveira (Teresa de)—Oliveira do
Bairro—58
Oliveira (Teresa Vitória de)—Cortigaça, Ovar—434
Oliveira (Tomé de)—Ovar—155
Osório (José da Fonseca), livreiro em Lisboa—407
Osório (José Gomes), mercador em Lamego—424
Outeiro (Manuel Dias do)—Eixo, Aveiro—372
Pacheca (Eufrásia)—Valongo, Águeda—114
Pacheca (Filipa)—Esgueira, Aveiro—317
Pacheca (Luísa Pais)—Aveiro—131; Salreu, Estarreja—131
Pacheco (Francisco Cardoso)—Esgueira, Aveiro—317
Pacheco (D. Joana Josefa Teles Vidal e)—Valongo, Águeda—44
Pacheco (Manuel)—Angeja, Albergaria-a-Velha—131; Aveiro—131
Pacheco (Manuel Alvares Teles), Familiar do S.^{to} Ofício—Valongo, Águeda—44
Pacheco (Matias Gomes), Familiar do S.^{to} Ofício—Valongo, Águeda—114
Pacheco (Pedro Tavares)—Aveiro—316
Padrão (Manuel da Rocha)—Vagos—514
Pais (Ângela)—Rossas, Arouca—67
Pais (Dr. Custódio)—Avanca, Estarreja—179
Pais (Isabel Dias)—Aveiro—565
Pais (João da Costa)—68
Pais (José)—Rossas, Arouca—67
Pais (José Moreira)—Pedrido, Castelo de Paiva—475
Pais (Madalena)—Tropeço, Arouca—349
Pais (Manuel)—Albergaria-a-Velha—298
Pais (Margarida)—Pedrido, Castelo de Paiva—475
Pais (Sebastião)—Casal Comba, Mealhada—478
Paiva (Agostinho de)—Pampilhosa do Botão, Mealhada—116
Paiva (Antónia)—Santiago de Beduído, Estarreja—318
Paiva (António de Resende e)—Esgueira, Aveiro—318; Santiago de Beduído, Estarreja—318
Paiva (Celestino Ferreira de)—Fermedo, Arouca—403
Paiva (Domingas)—Macieira de Cambra, Vale de Cambra—111; Várzea, Arouca—111
Paiva (Isabel Pinto de)—Águeda—170 e 507; Mogofores, Anadia—170 e 507
Paiva (Joana de)—Santiago de Beduído, Estarreja—184
Paiva (João de)—Bairros, Castelo de Paiva—506
Paiva (João Vieira de)—Paraíso, Castelo de Paiva—510
Paiva (José Barbosa)—cutileiro—Bairros, Castelo de Paiva—506
Paiva (José Ferreira de), negociante no Porto—403
Paiva (Manuel Martins)—Real, Castelo de Paiva—424
Paiva (Manuel Martins), mercador—Real, Castelo de Paiva—232
Paiva (Silvestre de), lavrador—Bairros, Castelo de Paiva—352
Palheira (Teresa Josefa)—Cedrim, Sever do Vouga—494
Panasca (Maria)—Cacia, Aveiro—515
Panasco (João da Fonseca), negociante—96
Panasco (Teotónio da Fonseca), fazendeiro—Salreu, Estarreja—96
Paraíso (António Gomes)—Vilar de Andorinho, Feira (actualmente em V. N. de Gaia)—365
Páscoa (Manuel Rodrigues)—Vila Nova de Monsarros—258
Passos (Manuel da Costa), homem de negócio—Oleiros, Feira—531

- Patarata (Domingos João) — Junqueira, Vale de Cambra — 367
- Paz (José Gomes da)**, capitão e escrivão das cargas da Alfândega — 425
- Peixoto (P.^o Manuel) — Vagos — 514
- Peracha (João Diogo da Silva)** — 76
- Peracha (José Eleodoro de Brito)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo — 380
- Pereira (Águeda) — Olival, Feira (actualmente do conc. de V. N. de Gaia) — 385; Ovar — 385
- Pereira (André Francisco) — Ovar — 496
- Pereira (António de Bastos), Familiar do S.^o Offício—Castelões, Vale de Cambra — 445
- Pereira (Bernarda Pintada) — Ovar — 206
- Pereira (Brites de Jesus)—Lamas, Feira — 532
- Pereira (Esperança da Silva) — Branca, Albergaria-a-Velha—161
- Pereira (Francisco Domingues) — Macinhata do Vouga, Águeda — 78
- Pereira (Gabriel) — Ovar — 496
- Pereira (Helena) — Ovar — 385
- Pereira (Isabel)—Canelas, Arouca — 453; Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
- Pereira (Isabel Martins)—Salreu, Estarreja — 58; Sever do Vouga — 7
- Pereira (D. Joana Forjaz), 6.^a Condessa da Feira — Feira — 281
- Pereira (João) — Ovar — 385; Paramos, Espinho — 497; Sardoura (S. Martinho), Castelo de Paiva — 260
- Pereira (João de Almeida)—Souto, Feira — 563
- Pereira (João António)**, boticário no Lourçal, Pombal — 34
- Pereira (João de Barros)**, bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Cânones da Universidade de Coimbra — 52
- Pereira (João Dias)**, mercador de retrós na Rua Nova, Lisboa—75
- Pereira (João Luís)** — 132
- Pereira (João Marques)**, homem de negócio em Lisboa — 136
- Pereira (João de Miranda)**, escrivão da fazenda da Universidade de Coimbra — 143
- Pereira (João Ribeiro da Fonseca)** — 183
- Pereira (Lic.^o João Rodrigues)**, bacharel formado pela Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra — 196
- Pereira (João da Silva)**, mestre tanoeiro em Vila Nova de Gaia — 211
- Pereira (Lic.^o Jorge Álvares)**, bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Cânones e advogado nos auditórios de Coimbra — 279
- Pereira (José)** — 485
- Pereira (José)**, administrador do donativo Real e tabelião público da vila de Cachoeira, Baía—487
- Pereira (José)**, capitão da vila de Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
- Pereira (P.^o José António da Silva)**, presbítero do hábito de S. Pedro, protonotário apostólico de S. Santidade e bacharel formado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra — Aveiro — 305
- Pereira (José Bernardo Malafaia e Castro)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e fidalgo da Casa Real — Arouca — 322
- Pereira (José da Conceição)**, morador no Porto — 352
- Pereira (José de Crasto)**, capitão e cavaleiro professo da Ordem de Cristo — 368
- Pereira (José Fernandes)**, capitão, morador na cidade da Baía — Sanguedo, Feira — 389
- Pereira (José Leite)** — 446
- Pereira (José Leite)**, homem de negócio nas minas de Cuiabá—Arada, Ovar — 447
- Pereira (José Vieira Pinto de Almeida)**, bacharel formado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra e advogado em Lisboa — 563
- Pereira (Leonor) — Espinhel, Águeda — 504; Macinhata do Vouga, Águeda — 504
- Pereira (Luís José), cirurgião — Ilhavo — 33
- Pereira (Manuel) — Avanca, Estarreja — 60; Veiros, Estarreja — 60
- Pereira (Manuel), o «Novo»—Vilarinho do Bairro, Anadia — 486

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Pereira (Manuel Antão) — Válega, Ovar — 153
- Pereira (Manuel Antão), capitão — Avanca, Estarreja — 60
- Pereira (Maria) — Madail, Oliveira de Azeméis — 437
- Pereira (Maria Fernandes) — Ovar — 496
- Pereira (Mariana) — Oliveira do Bairro — 58
- Pereira (Nuno Alvares) — Esgueira, Aveiro — 70
- Pereira (Pedro), mercador em Lisboa e Familiar do S.^{to} ofício — Ovar — 496
- Pereira (Rodrigo de Almeida) — Souto, Feira — 563
- Pereira (Silvestre) — Branca, Albergaria-a-Velha — 161
- Pereira (P.^o Simão Martins), abade da freg. de S.^{ta} Maria de Lamas, Feira — 532
- Pereira (Úrsula) — Madail, Oliveira de Azeméis — 437; Oliveira de Azeméis — 437
- Perestrelo (João Viegas)** — 237
- Perestrelo (Manuel Rodrigues) — Valongo, Águeda — 542
- Perry (João)**, de nação irlandesa — 164
- Perry (José)** — 498
- Pessoa (João Franco) — Aveiro — 189
- Pessoa (Maria) — Alvarenga, Arouca — 563; Tamengos, Anadia — 499
- Picado (Bartolomeu Afonso) — Aveiro — 565; Eixo, Aveiro — 565
- Pimenta (José Pires)**, mercador no termo da vila de Cachoeira, Baía — 511
- Pimentel (Damiana) — Santiago de Beduído, Estarreja — 530
- Pimentel (D. Fernando Forjaz Pereira), 8.^o conde da Feira, Familiar do S.^{to} ofício — Feira — 281
- Pimentel (Joana de Lima) — Aveiro — 316
- Pimentel (P.^o José Rolão)**, reitor da igreja de Santiago de Beduído, Estarreja — 530
- Pimentel (D. Manuel), Conde da Feira — Feira — 281
- Pimentel (Micaela Maria) — Aveiro — 316
- Pina (António Ferreira e) — Carregosa, Oliveira de Azeméis — 320; Chave, Arouca — 320
- Pina (Gaspar de) — Arouca — 501
- Pino (Catarina de) — Arouca — 146
- Pino (Josefa de) — Arouca — 147
- Pinheira (Catarina) — Águeda — 165
- Pinheira (Francisca) — Feira — 5
- Pinheira (Maria) — Préstimo, Águeda — 165
- Pinheiro (Domingos) — Oliveira de Azeméis — 47 e 166
- Pinheiro (Filipe Alves) — Aveiro — 80
- Pinheiro (Francisco) — Feira — 12
- Pinheiro (João Pinto) — Águeda — 170 e 507
- Pinheiro (Manuel) — Oliveira de Azeméis — 166; Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 166
- Pinheiro (Manuel da Costa) — S. João da Madeira — 182
- Pinheiro (Maria) — Águeda — 170 e 507
- Pinho (Ana Teixeira de) — Ovar — 496
- Pinho (Andresa de) — Oliveira de Azeméis — 113
- Pinho (Antónia de) — Fermelã, Estarreja — 174 e 329; Oliveira de Azeméis — 313; Salreu, Estarreja — 174 e 329
- Pinho (António de) — Águeda — 58; Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 167; Oliveira do Bairro — 58; Salreu, Estarreja — 174
- Pinho (Dr. António Gomes de) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 215 e 550; Fernedo, Arouca — 550
- Pinho (Catarina de) — Alvarenga, Arouca — 552
- Pinho (Domingos Aranha de) — Arouca — 209; Burgo, Arouca — 209
- Pinho (Domingos Henriques de) — Madail, Oliveira de Azeméis — 50
- Pinho (Francisco de) — Avanca, Estarreja — 179
- Pinho (Francisco Tavares de) — Rossas, Arouca — 7
- Pinho (Inês de) — Esgueira, Aveiro — 144; Vagos — 144
- Pinho (Inocência de) — Espargo, Feira — 445; Oliveira de Azeméis — 445
- Pinho (Isabel de) — Castelões, Vale de Cambra — 445
- Pinho (Jerónimo de) — Fajões, Oliveira de Azeméis — 483; Rossas, Arouca — 234

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Pinho (João de) — Burgo, Arouca — 420; Ovar — 140
- Pinho (João Tavares de)** — Castelões, Vale de Cambra — 229
- Pinho (Leonor de) — Castelões, Vale de Cambra — 229
- Pinho (Luísa Maria de) — Burgo, Arouca — 420
- Pinho (Manuel de) — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 503
- Pinho (Manuel de), homem de negócio no Porto — Cucujães, Oliveira de Azeméis — 262 e 503
- Pinho (Manuel Aires de) — Castelões, Vale de Cambra — 445
- Pinho (Manuel Carvalho de)—Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis — 230; Silva Escura, Sever do Vouga — 230
- Pinho (Manuel Gomes de) — Fervedo, Arouca — 215 e 550
- Pinho (Manuel Pereira de) — sargento-mor — Ovar — 496
- Pinho (Maria de)—Castelões, Vale de Cambra — 229; Madail, Oliveira de Azeméis — 50; Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 502
- Pinho (Maria Teixeira de) — Ovar — 495
- Pinho (Mariana Figueira de) — Salreu, Estarreja — 220
- Pinho (Mariana Nogueira de) — Fermelã, Estarreja — 174 e 329; Salreu, Estarreja — 174 e 329
- Pinho (Mariana Rosa de) — Oliveira do Bairro — 58
- Pinho (Miguel de) — Salreu, Estarreja — 131
- Pinho (Sebastião Pereira de)—Oliveira do Bairro — 58
- Pinho (Teresa Maria Figueira de) — Salreu, Estarreja — 220
- Pinho (D. Tomásia da Fonseca de) — Vagos — 94
- Pinta (Ana) — Branca, Albergaria-a-Velha — 161; Ovar — 206
- Pinta (Antónia) — Louredo, Feira — 509; Maceda, Ovar — 416
- Pinta (Guiomar) — Águeda — 16; Sanguedo, Feira — 16
- Pinta (Isabel) — Aveiro — 565
- Pinta (Joana) — Feira — 319 e 384
- Pinta (Maria) — Arouca — 287; Cortegaça, Ovar — 503; Real, Castelo de Paiva — 321
- Pinta (Maria de Matos) — Aveiro — 189
- Pinta (Mariana)—Cortegaça, Ovar — 508; Vacariça, Mealhada—508
- Pinta (Violante)—Sanguedo, Feira — 16
- Pinto (D. Angela Josefa de Afonseca Sousa) — Águeda — 28; Macinhata do Vouga, Águeda — 28
- Pinto (António), lavrador — Louredo, Feira — 523
- Pinto (Branca de Afonseca Sousa) — Águeda — 28; Macinhata do Vouga, Águeda — 28
- Pinto (Diogo) — Burgo, Arouca — 420
- Pinto (Eulália da Silva)—Águeda — 170 e 507
- Pinto (Francisco)—Vacariça, Mealhada — 508
- Pinto (P.º Francisco Vieira), reitor da igreja de S. Pedro de Valongo, Águeda — 563
- Pinto (Gonçalo) — Feira — 319 e 384
- Pinto (Dr. Gonçalo de Sequeira) — Alvarenga, Arouca — 563
- Pinto (Jerónimo)** — Águeda — 16
- Pinto (Jerónimo Ferreira)**, capitão embarcado — 13
- Pinto (João Ferreira)**, homem de negócio em Lisboa — 85
- Pinto (João de Oliveira)**, homem de negócio com loja de mercador em Lisboa, na trav. da Conceição Velha — Guizande, Feira — 154
- Pinto (João Pereira)**, homem de negócio em Vila Rica do Ouro Preto — Branca, Albergaria-a-Velha — 161
- Pinto (José Ferreira)**, capitão — 404
- Pinto (Maria Ferreira)—Rio Meão, Feira — 83
- Pinto (Mariana de Siqueira)—Alvarenga, Arouca — 563
- Pires (André), capitão — Sangalhos, Anadia — 186
- Pires (António) — Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 218
- Pires (Francisca) — Águeda — 187
- Pires (Isabel) — Barrô, Águeda — 284
- Pires (Manuel)—Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 367
- Pires (Mateus) — Sangalhos, Anadia — 98
- Pires (Simão) — Roge, Vale de Cambra — 217
- Pires (Vicência)—Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 367

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Pires (Violante) — Cacia, Aveiro — 127
- Portugal (P.º José Peixoto Pinto Coelho da Silva)**, abade de S.^{ta} Maria de Fermedo, Arouca—484
- Póvoa (Domingos Moreira da)— Pedorido, Castelo de Paiva—475
- Praia (Domingos André de) — Aveiro — 97
- Prezado (Manuel Jorge) — Mur-tosa — 212
- Privado (António) — Aveiro — 18
- Proença (Aurélia Botelha de) — Aveiro — 280
- Quadros (Antónia Teixeira de)— Arouca — 7
- Quadros (Jerónimo Teixeira de) — Arouca — 7
- Quadros (P.º João Caetano da Silva Rangel e)**, presbítero secular — Avanca, Estarreja — 61
- Quadros (João de Oliveira Rangel e) — Avanca, Estarreja—61
- Quadros (João Rangel Varela de)** — Aveiro — 172; Ílhavo — 172
- Quadros (Manuel de Oliveira Rangel e) — Avanca, Estarreja — 61
- Quadros (Miguel Rangel de) — Aveiro — 172
- Quaresma (Ana do Vale) — Alva-renga, Arouca — 552
- Quaresma (Angela) — Aveiro — 205, 277, 441 e 549
- Quaresma (Manuel) — Valongo, Águeda — 171
- Quaresma (Maria) — Aveiro — 358
- Queirós (Joaquim da Costa)** — 246
- Rabela (Paula) — Águeda — 174
- Ramos (Joaquim António)** — Oiã, Oliveira do Bairro — 240
- Ramos (Maria) — Aveiro — 48
- Ramos (Lic.º Tomé Pereira), Familiar do S.^{to} ofício — Ovar — 124
- Rangel (João da Silva)**, escrivão do público do conc.º de Estarreja — 212; Mur-tosa — 212
- Rangel (Luís da Gama Ribeiro), Familiar do S.^{to} Ofício — Aveiro — 226 e 227
- Rangel (Maria) — Veiros, Estarreja — 212
- Raposo (Manuel João) — S. Lourenço do Bairro, Anadia — 486
- Rato (Bento João) — Ílhavo — 33
- Rebela (Maria) — Pessegueiro, Sever do Vouga — 7
- Rebello (António) — Válega, Ovar — 12
- Rebello (António Pereira)—Válega, Ovar — 12
- Rebello (Domingos Teixeira)—Angeja, Albergaria-a-Velha — 233; Valongo, Águeda — 233
- Rebello (João)** — 173
- Rebello (João) — Aveiro — 369
- Rebello (João Teixeira)**, mercador em Lamego — 232
- Rebello (José Pereira)**, morador no Rio de Janciro — 496
- Rebello (Manuel Pereira), mercador em Lisboa e Familiar do S.^{to} ofício — Ovar — 496
- Rebello (Sebastião de Pinho) — Águeda — 152
- Rego (João Gomes do)**, homem de negócio nas Minas de Serro Frio, Vila do Príncipe — 115
- Rego (Joaquim Duarte)** — 247
- Reimão (João Pereira) — Bairros, Castelo de Paiva — 232 e 424
- Reis (Constantino Dias dos) — Canedo, Feira — 434
- Reis (Isabel dos) — Valongo, Águeda — 131
- Reis (João dos) — Canedo, Feira — 149
- Reis (João dos)**, mestre pedreiro em Lisboa — 176
- Reis (Frei João dos)**, religioso do Ordem de S. Domingos — Aveiro — 175
- Reis (João Gonçalves dos)**—Mafamude, Feira (actualmente do conc. de Vila Nova de Gaia)— 118
- Reis (João da Mota)** — Canedo, Feira — 149
- Reis (José dos)** — 512
- Reis (José da Costa)**, homem de negócio em Lisboa — 365
- Reis (José Inácio dos)**, caudatário do Bispo Inquiridor-geral — Arrifana, Feira — 434
- Reis (Manuel Ferreira dos)—Mealhada — 356
- Reis (Manuel Gonçalves dos) — Mafamude, Feira (actualmente do conc. de V. N. de Gaia)—118
- Reis (Manuel Rodrigues dos) — Souto, Feira — 222
- Reis (Maria Dias dos) — Oliveira de Azeméis — 338
- Reis (Teresa Rodrigues dos) — Souto, Feira — 222
- Reis (Ventura dos) — Valongo, Águeda — 176

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Resende (António de) — Ovar — 496
- Resende (Baltasar de) — Avanca, Estarreja — 178; Ovar — 178
- Resende (Brísida Joana Tavares de) — Avanca, Estarreja — 60
- Resende (Domingos de) — Oliveira de Azeméis — 318; Santiago de Beduído, Estarreja — 318
- Resende (Francisco Rodrigues de), capitão — Aveiro — 172
- Resende (Inocência da Silva de) — Avanca, Estarreja — 239
- Resende (Isabel de) — Avanca, Estarreja — 239
- Resende (João de) — S. João de Loure, Albergaria-a-Velha — 74
- Resende (João Pinho) — Avanca, Estarreja — 179
- Resende (Manuel de Araújo e) — Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azeméis — 230
- Resende (Maria de) — Avanca, Estarreja — 178 e 239; Esgueira, Aveiro — 318; Milheirós de Poiares, Feira — 512
- Resende (Perpétua de) — Avanca, Estarreja — 179
- Reverendo (João Gonçalves), alfaiate — Aveiro — 526
- Reverendo (Manuel João) — Aveiro — 526
- Ribeira (Ana) — Aveiro — 15, 226 e 227
- Ribeira (Francisca) — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 326
- Ribeira (Joana) — Aveiro — 554; Esgueira, Aveiro — 554; Valongo, Águeda — 171 e 194
- Ribeira (Joana), ou Joana Gabriella — Valongo, Águeda — 194
- Ribeira (Maria) — Aveiro — 554; Rossas, Arouca — 480; Vagos — 86; Valongo, Águeda — 171
- Ribeira (Maria da Silva) — Albergaria-a-Velha — 197
- Ribeiro (Alexandre Gomes) — S. Martinho da Gândara, Oliveira de Azeméis — 426
- Ribeiro (P.^o Amaro) — Aveiro — 413
- Ribeiro (André) — Vagos — 86
- Ribeiro (António Dias) — Lourosa, Feira — 249
- Ribeiro (Catarina) — Arcos, Anadia — 397
- Ribeiro (João)** — 180 e 181
- Ribeiro (João Ferreira)**, cirurgião — Vagos — 86
- Ribeiro (João Mendes)**, homem de negócio em Aveiro — 142
- Ribeiro (João Pais) — Albergaria-a-Velha — 298
- Ribeiro (P.^o João Pedro)**, presbítero secular, lente proprietário na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra com exercício na cadeira de Diplomática em Lisboa, e desembargador ordinário de agravos da Casa da Suplicação — 157
- Ribeiro (João Rodrigues)**, mestre ferrador no termo do Rio de Janeiro — Albergaria-a-Velha — 197

(*Continua*)

JORGE HUGO PIRES DE LIMA

r.^o Conservador do Arq. Nac. da Torre do Tombo

UA/CC

N.^o 957

Data 12/1/1982

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

CONCEDIDOS PELO REI D. FILIPE I
EM 1581

D. FILIPE II DE ESPANHA É PROCLAMADO REI
DE PORTUGAL PELAS CORTES DE TOMAR EM 1581

O cardeal D. Henrique, rei de Portugal, faleceu em Almeirim no dia 31 de Janeiro de 1580, sem descendência. Apareceram então vários pretendentes à coroa portuguesa, todos netos do rei D. Manuel. Entre eles estavam Dom Filipe II rei de Espanha, que era o neto mais velho e por isso pretendia ser o sucessor legal do cardeal-rei D. Henrique. Entre os restantes pretendentes sobressaía Dom António, Prior do Crato, filho natural do falecido infante D. Luís.

Afinal, a questão da sucessão ficou circunscrita a D. Filipe II e ao Prior do Crato. Mas em virtude da sua ilegitimidade, D. António não podia ser rei de Portugal. Apoiou-se então nas armas para realizar o seu desejo. Fez-se aclamar rei em Santarém a 19 de Junho de 1580 e logo se instalou, nesta qualidade, nos Paços da Ribeira em Lisboa.

*

Desejava D. Filipe ascender pacificamente ao trono de Portugal, mas em face do procedimento de D. António, recorreu também às armas para o derrotar e tomar para si a coroa portuguesa.

Filipe II mandou então invadir Portugal por um poderoso exército comandado pelo duque de Alba e no dia 25 de Agosto de 1580 as tropas espanholas derrotaram completamente o débil

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

e desordenado exército de D. António, junto à Ponte de Alcântara próximo de Lisboa. A realeza de D. António logo ali findou.

O exército de D. Filipe entrou em seguida em Lisboa, ocupou a cidade, e no dia 11 de Dezembro a Câmara de Lisboa e os mestres prestaram juramento de fidelidade a D. Filipe II, nas mãos do duque de Alba. Era já rei de facto. Agora só lhe faltava ser proclamado e jurado rei pelas cortes portuguesas que ele havia de fazer reunir em Tomar.

*

D. Filipe entrou em Portugal com a sua corte no dia 5 de Dezembro e estabeleceu a sua residência provisória no palácio real de Abrantes. Daqui convocou as cortes, isto é, os *Três Estados* do reino, para se reunirem no dia 16 de Abril de 1581 no convento da Ordem militar de Cristo, na vila de Tomar, para o jurarem rei de Portugal e nos dias seguintes os procuradores a estas cortes lhe apresentaram os capítulos em que lhe expuseram os desejos e necessidades dos seus respectivos concelhos para ele resolver acerca disto.

A vila de Aveiro, pela nobreza de muitos dos seus habitantes e pela importância económica tinha direito a fazer-se representar em cortes e por isso a elas enviou dois procuradores.

Pelos Três Estados do reino — clero, nobreza e povo —, foi então D. Filipe jurado rei de Portugal. Era agora Filipe II de Espanha e Filipe I de Portugal: Dois reinos distintos mas governados pelo mesmo soberano. Uma nova dinastia tinha começado em Portugal: a dinastia filipina.

* * *

PRIVILÉGIOS CONCEDIDOS À VILA DE AVEIRO POR D. FILIPE I, NAS CORTES DE 1581

D. Filipe II tinha prometido aos portugueses conceder-lhes benefícios e privilégios logo que assumisse o governo de Portugal. Chegara agora a ocasião de cumprir as suas promessas, porque já era rei deste país por vontade expressa da Nação portuguesa.

A vila de Aveiro enviou às cortes de Tomar de 1581, pelos seus procuradores, alguns capítulos. Em três deles fazia a D. Filipe I respectivamente os seguintes pedidos:

1.^o *Que fizesse à vila de Aveiro a mercê de a elevar à categoria de vila «notável».*

2.^o *Que confirmasse à vila de Aveiro os privilégios e liberdades que tinha por provisão dos reis passados.*

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

3.^o *Que concedesse à vila de Aveiro a mercê de as pessoas da governança dela e seus descendentes gozarem dos privilégios de infanções e de cidadãos como gozavam os cidadãos da cidade do Porto.*

D. Filipe satisfez plenamente estes pedidos da vila de Aveiro já então bastante nobre e próspera, mas em lugar dos privilégios dos cidadãos do Porto, deu-lhes os privilégios dos cidadãos de Coimbra que compreendiam os privilégios dos infanções, e outros concedidos pelo rei D. João I em 1415. E assim:

1.^o Em seu alvará de 13 de Maio de 1581 feito em Tomar por Pero da Costa, secretário da câmara real, determinou fazer notável a vila de Aveiro, e que esta se pudesse chamar e chamasse «vila notável», atendendo «a ser lugar de grande povoação e trato [...] e a ser povoada de muitos fidalgos, cavaleiros e pessoas de nobre geração e de criação dos reis destes reinos, acompanhada de outro muito povo e cercada de muros, enobrecida de igrejas, mosteiros e de muitos edifícios e casas nobres», e atendendo ainda a outras importantes razões.

2.^o Confirmou à vila de Aveiro todos os privilégios e liberdades de que então gozava, por seu alvará de 12 de Maio de 1581, feito também em Tomar pelo dito Pero da Costa.

3.^o Concedeu à vila de Aveiro os privilégios de que gozavam os cidadãos de Coimbra, por seu alvará de 12 de Maio de 1581, feito igualmente em Tomar por Pero da Costa, e nele ordenou que este alvará fosse tresladado no Livro da Câmara de Aveiro e este fosse posto no cartório dela em boa guarda».

No mesmo alvará ordenava também D. Filipe às justiças que fosse dado à Câmara de Aveiro um treslado em pública-forma destes privilégios que constavam de documentos arquivados no cartório da câmara da cidade de Coimbra.

*

OS PRIVILÉGIOS DOS CIDADÃOS DE COIMBRA

Os privilégios de que os cidadãos de Coimbra gozavam em 1581, haviam-lhes sido dados pelo rei D. Manuel em sua carta de 16 de Outubro de 1510, feita em Coimbra, e depois foram confirmados pelo rei D. João III em sua carta feita em Lisboa a 27 de Julho de 1530.

D. Filipe, por sua provisão feita em Tomar a 13 de Maio de 1581, confirmou também à cidade de Coimbra os privilégios, honras, liberdades, e provisões que os reis lhe tinham concedido.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

A câmara de Coimbra em 1530 tinha no seu cartório a carta de privilégios que lhe havia dado o rei D. Manuel em 1510, mas não tinha documentos que provassem:

- 1.º Quem eram os infanções.
- 2.º Quais eram os privilégios que o rei D. João I tinha dado aos cidadãos de Lisboa no ano de 1415.

Então, após a confirmação dos privilégios de Coimbra por D. João III em 1530, a câmara desta cidade, por intermédio de João Vaz, de Vila Franca, e cidadão de Coimbra, requereu em 1531 ao juiz do civil de Lisboa, Simão Tristão, que mandasse dar-lhe um traslado em pública forma da «sentença dos infanções» dada no Desembargo do Paço em 3 de Julho de 1486 na qual se declarava com clareza quem eram os infanções e se dava aos cidadãos de Lisboa os privilégios que os infanções tinham.

O traslado da sentença dos infanções foi feito em Lisboa a 23 de Dezembro de 1531, pelo público tabelião do judicial Baltazar Pires, que para isso utilizou um primeiro traslado feito em 1488, para Amador de Alpoim, cidadão de Lisboa.

E à câmara de Lisboa pediu um traslado da carta dos privilégios dados aos cidadãos desta cidade em 1415 pelo rei D. João I, para não pagarem certos tributos. Este traslado foi feito a 20 de Dezembro de 1531, pelo escrivão Cristóvão de Magalhães.

Os dois referidos traslados foram entregues à Câmara de Coimbra para os arquivar no seu cartório e utilizá-los sempre que fosse necessário.

* * *

A VILA DE AVEIRO REQUER AO CORREGEDOR DE COIMBRA UM TRASLADO DOS PRIVILÉGIOS DOS CIDADÃOS DE COIMBRA

Tendo o rei D. Filipe concedido à vila de Aveiro os privilégios que os reis passados tinham concedido aos cidadãos da cidade de Coimbra e que foram confirmados por este monarca em Tomar por seu alvará de 13 de Maio de 1581, e tendo ordenado neste mesmo alvará que as justiças dessem à Câmara de Aveiro um traslado desses privilégios, logo esta Câmara procurou obter um traslado em pública forma dos documentos que continham os privilégios e liberdades dos cidadãos de Coimbra, para o ter no seu cartório a fim de os aplicar aos moradores nobres de Aveiro.

E assim, o procurador da vila de Aveiro o requereu ao corregedor de Coimbra com alçada, doutor Pedro do Soveral, e este lançou na petição o seguinte despacho: — *Dê-se-lhe como pede.*

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

A Câmara de Coimbra estava, pois, autorizada a passar o traslado requerido, o qual de facto foi passado em 19 de Novembro de 1583.

*

Pedro Cabral da Costa, escrivão da Câmara de Coimbra, achou no cartório desta câmara os seguintes documentos que interessavam ao caso:

1.º O privilégio dos cidadãos da cidade de Coimbra que os reis passados concederam a esta cidade e foram confirmados pelo rei D. Filipe I.

2.º O traslado da sentença da declaração dos infanções aplicável aos cidadãos de Lisboa.

3.º O traslado de outros privilégios destes cidadãos dados por D. João I em sua carta de 1415.

Deles passou a certidão requerida pela Câmara de Aveiro.

*

O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS

I—A CARTA DE D. MANUEL DE 1510

A carta das liberdades dos cidadãos de Coimbra dada por D. Manuel em Coimbra a 16 de Agosto de 1510, dava a estes os seguintes privilégios:

a) Não serem metidos a tormentos por nenhuns malefícios que tenham feito e cometido e cometerem e fizerem daqui por diante, excepto nos casos em que os fidalgos estejam incursos nessas penas (crimes que mereçam pena de morte).

b) Não poderem ser presos por nenhuns crimes, «sòmente sobre suas menagens» assim como o são os ditos fidalgos.

c) Poderem trazer por todo o reino e senhorios armas ofensivas ou defensivas.

d) Gozarem de todas as graças, privilégios e liberdades que têm os cidadãos da cidade de Lisboa.

e) Os seus caseiros, amos, mordomos e lavradores encabeçados e casais encabeçados não serem constringidos a servir nas guerras.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

f) Não lhes serem tomadas as suas casas de moradas, adegas, cavalariças e quaisquer outros bens contra sua vontade.

g) E que nas suas casas e fora delas tenham todas as liberdades que antigamente tinham os infanções e os ricos-homens.

II — A SENTENÇA DA DECLARAÇÃO DE INFANÇÕES

Esta sentença foi dada em Lisboa por D. João II no Desembargo do Paço, em 3 de Julho de 1486, e nela este monarca, após várias investigações feitas por sua ordem, nos cartórios de conventos antigos, declarou quem eram os infanções.

Eram «os netos de reis, filhos dos infantes mores nascidos depois dos príncipes herdeiros e só a eles pertencia tal nome».

Eles costumavam possuir a *Terra de Santa Maria de Beateiros* e gozavam de muitos privilégios.

Vê-se que no reinado de D. João II já não se usava a qualificação de infanções, pois nem este mesmo rei sabia quem eram os infanções nem o que valiam.

Mas das provisões dos privilégios concedidos pelos reis passados à cidade de Lisboa constava que os cidadãos dela gozavam da liberdade de que gozavam os infanções. Por isso, o rei D. João II ordenou que desde a data da sua sentença de 3 de Julho de 1486, os cidadãos de Lisboa fossem tratados como infanções, tanto nas prisões como em outras circunstâncias. Teriam, portanto, os privilégios dos antigos infanções os cidadãos que andavam nos pelouros e na governança da cidade de Lisboa e também todos os que fossem de geração verdadeira de cidadãos e ainda seus filhos e netos e todos os que deles descendessem.

III — CARTA DE D. JOÃO I, DE 1415, CONCEDENDO PRIVILÉGIOS AOS CIDADÃOS DE LISBOA

D. João I, ainda regente do reino, concedeu aos cidadãos da cidade de Lisboa alguns privilégios que depois confirmou como rei em carta dada em Santarém a 19 de Abril do ano de 1415 (era de César 1453).

Estes privilégios consistiam na isenção para todo o sempre do pagamento dos tributos: — jugadas de pão, de vinho, de linho, de relego, salário, mordomado, anadaria, lombos, açougagem, mealharia e alcavala.

O rei D. Manuel também concedeu estes privilégios aos cidadãos de Coimbra na sua carta de 1510.

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

* * *

A CÂMARA DE AVEIRO RECEBE DA DE COIMBRA
O TRASLADO DOS PRIVILÉGIOS DESTA CIDADE

Os três documentos acima referidos, que continham os privilégios dos cidadãos de Coimbra concedidos à vila de Aveiro por D. Filipe I, foram trasladados na Câmara de Coimbra pelo escrivão Pedro Cabral da Costa, em 19 de Novembro de 1583, e os trasladados foram entregues à câmara da vila de Aveiro em cujo cartório ficaram arquivados para os devidos efeitos.

Aveiro também iria ter agora cidadãos.

*

TRASLADO DAS PROVISÕES DOS PRIVILÉGIOS
NO «LIVRO DOS REGISTOS DA CÂMARA
DA VILA DE AVEIRO» EM 1603

A carta da elevação de Aveiro à categoria de vila notável e os documentos relativos aos privilégios dos cidadãos de Coimbra agora também privilégios dos nobres de Aveiro, foram depois trasladados em 26 de Abril de 1603 no «Livro dos Registos da Câmara da Vila de Aveiro» desde fls. 1 a 8, pelo escrivão da câmara, Sebastião da Rocha Pimentel, e conferidos os novos trasladados com o tabelião Francisco Cardoso Albergaria ⁽¹⁾.

Estes importantes documentos marcam o início de uma nova era de progresso na vida administrativa e social da vila de Aveiro, e por isso os reproduzimos a seguir, com ortografia actual, do citado «Livro dos Registos».

(1) O «Livro dos Registos da Câmara da vila de Aveiro» é um *in-folio* de 320 folhas ou 640 páginas, com as dimensões de 42 centímetros de alto por 28 de largo e com o peso de cinco quilogramas.

Nele foram trasladados provisões régias e outros documentos relativos ao período de 1581 a 1792. E os trasladados foram feitos desde 26 de Abril de 1603 a 1 de Fevereiro de 1792.

Este cartulário tem o termo de encerramento no alto da fl. 320 redigido nos seguintes termos:

«Consta Este tomo da Camera desta nobre, e notavel Villa de Aveyro de trezentas e Vinte folhas, Com Esta Em que Vai Escripto Este termo, Excepto Sete folhas q̄ Leua no principio Em q̄ Vai Escripto o jndes das Couzas Em q̄ nelle Se Trata, E por todas fazem o numero de Trezentas e Vinte e sete folhas, o qual foi de novo Emcadernado; e aCresentado no anno de mil e Sete Çentos E dez.

D.os de Fig.de»

DOCUMENTOS

I

TRASLADO DE UMA PROVISÃO DEL REI NOSSO SENHOR POR QUE HOUE POR BEM DE FAZER A ESTA VILA DE AVEIRO NOTÁVEL E QUE OS MORADORES DELA GOZEM E USEM E POSSAM GOZAR E USAR DE TODAS GRAÇAS, HONRAS, PREEMINÊNCIAS E LIBERDADES DE QUE POR DIREITO E PELAS ORDENAÇÕES USANÇAS E COSTUMES E FORAIS DESTES REINOS PODEM E DEVEM GOZAR OS MORADORES DAS VILAS NOTÁVEIS DELES.

DOM FILIPE por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, daquêem e dalêem-mar em África, senhor de Guiné e da conquista, navegação, comércio de Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia, etc. Faço saber aos que esta minha carta virem que os procuradores da vila de Aveiro enviados por ela a estas cortes que ora fiz nesta vila de Tomar me apresentaram uns capitulos em que vinha um de que o traslado é o seguinte:

C *Peço mais a vila a Vossa Majestade que seja havida por uma das notáveis, pois tanto em lealdade como no serviço de Vossa Majestade se mostrou tão constante e os reis antecessores de Vossa Majestade se serviram sempre dela.*

E havendo eu respeito ao que dizem no dito capítulo a ser lugar de grande povoação e trato e havendo outrossim respeito aos muitos serviços que os moradores dela têm feito aos reis meus antecessores e aos que espero que ao diante a mim façam e a meus sucessores, a ser povoada de muitos fidalgos, cavaleiros e pessoas de nobre geração e de criação e casas nobres, digo, e de criação dos reis destes reinos, acompanhada de outro muito povo e cercada de muros, enobrecida de igrejas, mosteiros e de muitos edificios e casas nobres e por concorrerem na dita vila estas e outras qualidades por que bem merece e cabe nela a honra e preeminência que pedem e por folgar de lhe fazer mercê, tenho por bem de a fazer e faço notável e me apraz que daqui em diante se possa chamar e chame notável e que os moradores dela gozem e usem e possam gozar e usar de todas as graças, honras, preeminências e liberdades de que por direito e pelas ordenações, usanças e costumes e forais destes reinos, podem e devem gozar os moradores das vilas notáveis deles, as quais mando que lhe sejam inteiramente guardadas e por firmeza disso lhe mandei dar esta carta por mim assinada e selada do meu selo de chumbo e mando a todas as justiças, officiais e pessoas de qualquer qualidade que sejam,

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

que em tudo a cumpram e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar como nela se contém.

Pero da Costa a fez em Tomar a treze dias de Maio ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil quinhentos oitenta e um. — EL REI.

Carta para ver por ela que Vossa Majestade há por bem fazer notável a vila de Aveiro.

*

APOSTILA

Hei por bem e mando que esta carta passe pela chancelaria, sem embargo de ser passado o tempo em que por ela houvera de passar. Gaspar Maldonado a fez em Lisboa a vinte e cinco de Janeiro de noventa e um.

O CARDEAL. — *Pero Barbosa, Jerónimo Pereira.* Registada na chancelaria, Pero de Oliveira, a folhas vinte e uma. Pagou quatro mil e oitocentos reis. Gaspar Maldonado, Simão Gonçalves Preto.

bib* * *
RIA

A qual provisão eu, Sebastião da Rocha Pimentel, escrivão da Câmara desta notável vila de Aveiro, fiz trasladar da própria que está no cartório da Câmara a que me reporto e o concertei com o tabelião abaixo assinado. Em Aveiro, vinte seis de Abril de mil seiscentos e três anos e me assinei.

Sebastião da Rocha Pimentel

Conferido comigo tabelião

Francisco Cardoso Albergaria

II

TRASLADO DE UMA PROVISÃO DEL REI NOSSO SENHOR PELA QUAL HOUVE POR BEM QUE ESTA VILA DE AVEIRO POSSA USAR E USE DOS PRIVILÉGIOS E LIBERDADES QUE TEM DOS REIS PASSADOS DE QUE ESTIVER EM POSSE.

EU EL REI faço saber aos que este alvará virem que os procuradores da vila de Aveiro enviados dela para as cortes que ora

fiz nesta vila de Tomar me apresentaram uns capítulos em que vinha um de que o traslado é o seguinte:

¶ Pede a vila de Aveiro a Vossa Majestade lhe confirme os privilégios que tem dos reis passados e que lhe concederam em capítulos de cortes e todas as cartas que foram dadas em liberdade da vila.

E visto seu requerimento, havendo respeito ao que dizem no dito capítulo, hei por bem e me praz que a dita vila de Aveiro possa usar e use dos privilégios e liberdades que tem por provisão dos reis passados de que estiver em posse enquanto não estou no despacho das confirmações e não mandando em primeiro o contrário e mando às justiças, oficiais e pessoas a que este alvará for mostrado e o conhecimento dele pertencer, que enquanto não estiver no despacho das ditas confirmações lhe deixem usar dos ditos privilégios e liberdades como dito é e lhe cumpram, guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar este alvará como se nele contém e quero que valha como carta, posto que o efeito dele haja de durar mais de um ano sem embargo da Ordenação do segundo livro, título vinte, que dispõe o contrário. Pero da Costa o fez em Tomar, a doze de maio de mil e quinhentos oitenta e um. — REI.

Subscrição

Vossa Majestade há por bem que a vila de Aveiro possa gozar dos privilégios que tem por provisões dos reis passados e isto enquanto Vossa Majestade não estiver no despacho das confirmações e não mandando primeiro o contrário, e que esta valha como carta sem embargo da Ordenação do segundo livro, título vinte, em contrário.

*

APOSTILA

Hei por bem e mando que este alvará passe pela chancelaria sem embargo de ser passado o tempo em que por ela houvera de passar. Gaspar Maldonado a fez em Lisboa, a vinte e cinco dias de Janeiro de mil e quinhentos e noventa e um anos. — O CARDEAL. — *Pero Barbosa, Jerónimo Pereira.*

Registada na chancelaria Pero de Oliveira a folhas vinte e uma. Pagou trezentos e sessenta reis, em Lisboa a vinte e nove de Janeiro de mil e quinhentos e noventa e um e aos oficiais com o meio e apostila, trezentos e trinta reis. *Gaspar Maldonado, Simão Gonçalves Preto.*

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

* * *

A qual provisão eu Sebastião da Rocha Pimentel escrivão da Câmara desta notável vila de Aveiro pelo duque senhor dela fiz trasladar da própria que está no cartório da Câmara a que me reporto e este traslado concertei com o tabelião abaixo assinado. Em Aveiro, hoje vinte e seis de Abril de mil seis centos e três anos e me assinei.

Sebastião da Rocha Pimentel.

Conferido comigo tabelião

Francisco Cardoso Albergaria

III

TRASLADO DE UMA PROVISÃO DEL REI NOSSO SENHOR PELA QUAL HOUVE POR BEM FAZER MERCÊ A ESTA VILA DE AVEIRO QUE OS DA GOVERNANÇA DELA E SEUS DESCENDENTES QUE DA MESMA MANEIRA PELO TEMPO EM DIANTE FOREM DA DITA GOVERNANÇA POSSÃO GOZAR E GOZEM DOS PRIVILÉGIOS CONCEDIDOS PELOS REIS PASSADOS DESTES REINOS À CIDADE DE COIMBRA DA MANEIRA QUE OS TÊM E GOZAM OS CIDADÃOS DELA.

EU EL REI faço saber aos que este alvará virem, que os procuradores da vila de Aveiro, enviados por ela às cortes que ora fiz nesta vila de Tomar, me apresentaram uns capítulos em que vinha um de que o traslado é o seguinte:

¶ *Pede mais a Vossa Majestade que faça mercê a esta vila que os da governança dela e seus descendentes gozem dos privilégios de infanções e cidadãos como gozam os da cidade do Porto.*

E visto por mim seu requerimento, havendo respeito ao que pedem no dito capítulo, hei por bem e me praz fazer mercê à dita vila que os da governança dela e seus descendentes que da mesma maneira pelo tempo em diante forem da dita governança, possam gozar e gozem dos privilégios concedidos pelos reis passados destes reinos à cidade de Coimbra, da maneira que os tem e gozam os cidadãos dela, os quais privilégios hei por bem de conceder à dita vila de Aveiro e lhe sejam guardados inteiramente como neles se contém e para isso lhe serão dados em pública forma e mando às justiças, oficiais e pessoas a que o conhecimento disto pertencer e este alvará for mostrado, que o cumpram guardem e façam inteiramente cum-

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

prir e guardar como nele se contém, o qual se trasladará no livro da Câmara da dita vila para se saber como assim o houve por bem e este se porá no cartório dela em boa guarda, o qual quero que valha como se fosse carta feita em meu nome e por mim assinada sem embargo da ordenação do segundo livro, título vinte, que diz que as coisas que cujo efeito houver de durar mais de um ano, passem por cartas e passando por alvarás não valham. Pero da Costa o fez em Tomar a doze de Maio de mil quinhentos e oitenta e um—REI.

Subscrição

Há Vossa Majestade por bem fazer mercê à vila de Aveiro dos privilégios concedidos à cidade de Coimbra para que os da governança da dita vila e seus descendentes possam gozar deles sendo da dita governança, assim como deles gozam os cidadãos da dita cidade de Coimbra e que este valha como carta sem embargo da Ordenação do segundo livro, título vinte, em contrário.

*

APOSTILA

Hei por bem e mando que este alvará passe pela chancelaria sem embargo de ser passado o tempo em que por ela houvera de passar. Gaspar Maldonado o fez em Lisboa a vinte e cinco de Janeiro de mil quinhentos e noventa e um.—O CARDEAL.
—*Pero Barbosa, Jerónimo Pereira, Simão Gonçalves Preto.*

Pagou nove mil e seis centos reis. Em Lisboa, a vinte e nove dias de Janeiro de mil quinhentos noventa e um anos. E aos oficiais com o meio e apostila, dois mil e duzentos e vinte reis. *Gaspar Maldonado.*

Registada na chancelaria Pero de Oliveira a folhas vinte e uma.

* * *

PETIÇÃO

Diz o procurador da vila de Aveiro que Sua Majestade fez mercê à dita vila, por uma sua provisão, das liberdades e privilégios dos cidadãos desta cidade de Coimbra para os moradores nobres da dita vila de Aveiro. Pede a Vossa Mercê lhos mande dar em pública forma que façam fé para os terem na Câmara da dita vila e receberá mercê.

Despacho do corregedor

Dê-se-lhe como pede.

bib^{Soveral}***RIA**
TRASLADO DOS PRIVILÉGIOS DOS CIDADÃOS
DE COIMBRA

Em cumprimento do despacho acima escrito do doutor Pero do Soveral do desembargo del Rei nosso senhor e corregedor em esta cidade de Coimbra com alçada pelo dito senhor, certifico eu Pero Cabral da Costa escrivão da Câmara da dita cidade e público em todas as coisas a ela tocantes por El Rei nosso senhor, provi o cartório da Câmara da dita cidade no qual achei o privilégio adiante escrito e trasladado dos cidadãos da dita cidade, que os reis passados à dita cidade têm concedidos que assim ora a ela e aos ditos cidadãos estão confirmados pelo dito senhor conforme ao alvará da confirmação outrossim adiante escrito, e assim, o traslado da sentença da declaração dos infanções com os mais privilégios ao diante escritos, que me foi requerido por parte da vila de Aveiro aqui trasladasse, do que tudo o traslado tal é.

TRASLADO DA CARTA DAS LIBERDADES
DOS CIDADÃOS DE COIMBRA

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África, senhor de Guiné e da con-

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

quista, navegação, comércio de Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia, a quantos esta minha carta virem, faço saber que por parte do juiz, vereadores e homens bons da minha mui nobre e sempre leal cidade de Coimbra me foi apresentada uma carta del Rei meu senhor e pai que santa glória haja, de que o teor tal é:

DOM MANUEL por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África, senhor de Guiné e da conquistista, navegação, comércio de Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia. A todos os corregedores, ouvidores, juizes e justiça, e outros quaisquer officiais e pessoas de nossos reinos a que o conhecimento deste por qualquer guisa que seja, pertencer, e esta nossa carta ou o traslado dela em pública forma por autoridade de justiça for mostrada, fazemos saber que esguardando nós aos muitos e estremados serviços que sempre os reis passados receberam e nós isso mesmo esperamos ao adiante de receber da nossa mui leal cidade de Coimbra e cidadãos dela com muita lealdade e fieldade, e conhecendo deles o amor com que nos desejam servir e não menos do que o sempre fizeram e por elo e pelo que a nós convém fazer aos tais vassallos e por nobrecimento da dita cidade, por ser uma das principais e mais antiga de nossos reinos, e querendo-lhe fazer graça e mercê, temos por bem e queremos e nos praz privilegiarmos como logo por esta privilegiamos todos os cidadãos que ora são e ao diante forem em a dita cidade, e que daqui em diante para sempre sejam privilegiados; que eles não sejam metidos a tormentos por nenhuns malfícios que tenham feitos e cometidos e cometerem e fizerem daqui por diante, salvo nos feitos daquelas qualidades e modos em que o devem ser e são os fidalgos de nossos reinos e senhorios. E isso mesmo não possam ser presos por nenhuns crimes somente sobre suas menagens, assim como o são e devem ser os ditos fidalgos. Outrossim queremos e nos praz que possam trazer e tragam por todos nossos reinos e senhorios quais e quantas armas lhes prouver de noite e de dia assim ofensivas como defensivas posto que em algumas cidades e vilas especialmente tenhamos defeso ou defendamos que as não tragam.

Outrossim queremos e nos praz que hajam e gozem (gouvão) de todas as graças, privilégios, liberdades, que são e temos dado à nossa cidade de Lisboa, reservando que não possam andar em bestas muares porque não havemos por nosso serviço nem bem dos reinos andarem nelas.

Outrossim queremos que todos seus caseiros, amos, mordomos e lavradores encabeçados que estiverem e lavrarem suas próprias herdades e casais encabeçados e todos os outros que continuamente com eles viverem, não sejam constrangidos para haverem de servir em guerras nem em outras idas por mar nem por terra onde gente mandemos, somente com eles ditos cidadãos quando suas pessoas nos forem servir.

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

Outrossim quereamos que não pousem com eles nem lhes tomem suas casas de moradas, adegas, nem cavaleriças, nem suas bestas de sela nem de albarda, nem outra coisa nenhuma do seu, contra suas vontades e lhe catem e guardem mui inteiramente suas casas e hajam em elas e fora delas todas as liberdades que antigamente haviam os Infanções e Ricos homens e, porém, mandamos que cumpraes e guardeis e façais mui inteiramente cumprir e guardar esta nossa carta, assim e na maneira que nela se contém, sem outra dúvida nem embargo que a elo ponhais, porque nossa mercê é que lhe se ja guardada sob pena de seis mil soldos para nós, qualquer que contra elo for em parte ou em todo, os pagar; os quais mandamos ao nosso almoxarife ou recebedor de cada um lugar dessa comarca que os recade ou receba para nós de qualquer pessoa ou pessoas que lhes contra esta nossa carta forem: e mandamos ao escrivão do almoxarifado que os ponha sobre eles em receita para nós havermos deles boa arrecadação sob pena de os pagarem ambos de suas casas. Dada em a dita cidade de Coimbra a dezasseis do mês de Outubro Diogo Anrrulho a fez ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e dez. E posto que em cima diga que não possam ser presos por nenhuns crimes sé-lo-ão por aqueles casos que por direito mereçam morte e o devem ser os ditos fidalgos

E pedindo-me os sobreditos por mercê que lhes confirmasse a dita carta e visto por mim seu requerimento e querendo-lhes fazer graça e mercê, tenho por bem e lha confirmo e mando que se cumpra e guarde assim e da maneira que em ela é conteúdo.

Gregório do Amaral a fez em Lisboa, a vinte e sete dias do mês de Julho ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e trinta anos. — REI.

* * *

TRASLADO DE UMA PROVISÃO DEL REI NOSSO SENHOR
POR QUE CONFIRMOU OS PRIVILÉGIOS A ESTA CIDADE
(DE COIMBRA)

EU EL REI faço saber aos que este alvará virem, que nos capítulos particulares que os procuradores da cidade de Coimbra enviados por ela a estas cortes me apresentaram, vinha um capítulo de que o traslado é o seguinte:

¶ *Pede a Vossa Majestade lhe confirme os privilégios, honras e liberdades e provisões que os reis vossos antecessores lhe concede-*

ram e lhe conceda as mais que seus procuradores nestas cortes e fora delas lhe pedirem. E visto por mim seu requerimento, havendo respeito ao que dizem no dito capítulo, hei por bem e me praz que a dita cidade de Coimbra possa usar e use dos privilégios de que está em posse enquanto eu não estiver no despacho das confirmações e não mandando primeiro o contrário pelo que mando às justiças, officiais e pessoas a que o conhecimento disto pertencer e este alvará for mostrado, que deixem usar livremente a dita cidade dos ditos privilégios pelo dito tempo sem dúvida nem embargo algum que a isso lhe seja posto, e hei por bem que este valha como carta, posto que o efeito dele haja de durar mais de um ano sem embargo da Ordenação do segundo livro, título vinte, em contrário. Pero da Costa o fez em Tomar, a treze de Maio de mil e quinhentos e oitenta e um. — REI.

Há Vossa Majestade por bem que a cidade de Coimbra possa usar dos privilégios de que está em posse enquanto Vossa Majestade não estiver no despacho das confirmações ou não mandando primeiro, e que este valha como carta sem embargo da Ordenação em contrário. O qual alvará del Rei nosso senhor da confirmação dos privilégios está assinado pelo dito senhor Rei e tem vistas nas costas dele dos desembargadores do Paço, convém a saber: Pero Barbosa e Jerónimo Pereira.

DIARIA

TRASLADO DA SENTENÇA DE DECLARAÇÃO DOS INFANÇÕES

Saibam quantos este público instrumento dado em pública forma com o traslado do traslado de uma sentença dada em pública forma dado por mandado e autoridade de justiça virem como no ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e trinta e um anos aos vinte e dois dias do mês de Dezembro do dito ano em esta mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa nas casas da Câmara dela onde se ora fazem as audiências do cível, perante o bacharel Simão Tristão cidadão e juiz do cível em a dita cidade e seus termos etc., pareceu João Vaz, de Vila Franca, cidadão que disse ser da cidade de Coimbra e disse ao dito juiz que ele trouxera uma carta dos vereadores da dita cidade de Coimbra aos senhores vereadores desta cidade para lhe darem o traslado dos privilégios da dita cidade e porquanto em mão de Palos de Alpoim estava o traslado de uma sentença de privilégio da dita cidade, que pedia a ele juiz que mandasse um escrivão a casa do dito Palos de Alpoim e lhe mandasse dar o traslado da

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

dita sentença em pública forma para o levar à dita cidade, e visto pelo juiz seu requerimento, mandou a mim escrivão que fosse a casa do dito Palos de Alpoim e lhe desse o traslado da dita sentença como ele pedia e eu Baltazar Pires o escrevi.

Em cumprimento do qual mandado eu escrivão, aos vinte e três dias do dito mês de Dezembro da dita era de mil quinhentos e trinta e um anos, eu escrivão fui a Nossa Senhora dos Olivais à quinta do dito Palos de Alpoim que é termo da dita cidade e por ele foi dado a mim escrivão uma escritura de pergaminho dada em pública forma com o traslado de uma sentença do qual o teor de verbo ad verbo é o seguinte:

SAIBAM quantos este instrumento de crença e fé dado por autoridade de justiça com o traslado de sentença em pública forma virem, que no ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil e quatrocentos e oitenta e oito anos aos sete dias do mês de Junho, na cidade de Lisboa no paço do concelho em audiência perante o bacharel João Vaz de Alvalade, juiz dos feitos cíveis em a dita cidade e seus termos etc., pareceu AMADOR DE ALPOIM, cavaleiro fidalgo da casa del Rei nosso senhor e cidadão da dita cidade, e apresentou ao dito juiz uma sentença escrita em pergaminho e selada com um selo de cera amarela com as quinas e pendurado em uma fita de linhas azuis e brancas e disse ao dito juiz que a ele era necessário o traslado da dita sentença, que pedia a ele juiz que lho mandasse dar por um instrumento público que fizesse fé e lhe dessem crédito.

¶ E vista pelo dito juiz a dita sentença ser sã e limpa e sem respansura nem entrelinha nem vício algum que fizesse dúvida, antes de todo carecida e assinada pelo licenciado Rui da Grã segundo se afirmou e parecia digo por Afonso Martins, Fernão Afonso, Sebastião Dias, tabeliães do dito juízo, me entrepôs e deu sua autoridade a mim tabelião abaixo nomeado, para que passasse o dito instrumento ao dito AMADOR DE ALPOIM, pela maneira que por ele era pedido, da qual sentença de verbo ad verbo o teor tal é:

¶ DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África, senhor de Guiné, a vós dom Gonçalo de Castelo Branco do nosso conselho e governador da nossa justiça da Casa do Cível que está em a nossa muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa e aos desembargadores da dita casa e a todos os corregedores, juizes e justiças de nossos reinos a que esta nossa carta de sentença for mostrada e o conhecimento dela pertencer por qualquer via e maneira que seja, saúde.

Sabei que perante nós e nossa pessoa dentro em Relação na Casa da Suplicação pareceram os vereadores e juizes e procuradores que ora são em a nossa cidade de Lisboa e assim outros fidal-

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

gos e cidadãos da dita cidade e em ella moradores, e nos apresentaram uma petição por elles assinada da qual o teor é:

SENHOR— Os vereadores e juizes e procurador que ora somos em esta vossa cidade de Lisboa e todos os outros cidadãos dela nos queixamos a Vossa Alteza do governador dom Gonçalo e desembargadores da Casa do Cível como seja verdade que os reis vossos antepassados nos têm dado muitos privilégios e liberdades entre os quaes é que os cidadãos dela não sejam presos em ferros nem nas prisões do concelho os quaes Vossa Alteza nos confirmou e o dito governador e desembargadores por qualquer delicto que qualquer cidadão faça posto que seja de pequena qualidade os mandam prender e meter em ferros como a malfeitores como ora fizeram a um Pero Cardoso que sendo juiz do crime na dita cidade o mandaram prender e têm na prisão e cadeia e posto que pela dita cidade digo que pela dita cidade por nosso procurador lhes fossem mostrados os ditos privilégios pedindo que soltassem o dito Pero Cardoso sobre sua menagem segundo se contem nos ditos privilégios que os cidadãos o devem ser elle governador e desembargadores o não querem mandar soltar pedimos a Vossa Alteza que no-lo mande entregar sob uma grande pena mande ao dito governador e desembargadores que daqui por diante tenham outra maneira connosco e nos guardem o que nos ditos nossos privilégios se contem e nos não deassem pela maneira que o até aqui têm feito no que nos fará muita justiça e mercê.

A qual petição nós vimos e perante nós vos fizemos vir e assim os desembargadores da dita Casa do Cível que vos fizemos pergunta que razão tinheis a não guardar os privilégios da dita cidade que nos logo os ditos vereadores e cidadãos apresentaram, ao que nos respondestes que elles se agravavam mal e não tinham razão de se agravar de vós por quanto quando quer que algum cidadão dos que andam nos pelouros e governam a cidade fazia coisa por que merecia ser preso estes tais se prendiam sobre sua menagem e no castelo se o delicto tal era e em suas casas mas que entre estes havia homens que não eram cidadãos por geração nem merecimento nem andavam nos ditos pelouros antes serviam por outros como fazia o dito Pero Cardoso que servia na ausência de Francisco Pestana que era o verdadeiro juiz do crime por sair no pelouro e a cidade e cidadãos encarregaram ao dito Pero Cardoso que servisse o dito officio o que elles não podiam fazer e que por isso vós dito governador e desembargadores o não mandáveis soltar nem dar sobre sua menagem como vos pediam por seu delicto ser tal que merecia grande pena de justiça porquanto ferira a um Luís Gonçalves à porta da Relação de propósito. E quanto era que nos privilégios da dita cidade que se contem que os cidadãos

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

dela gosem da liberdade e honras que soíam gozar os Infanções da Terra de Santa Maria que vós governador e desembargadores mandáreis aos vereadores que ora são da dita cidade e aos que foram os anos passados que vos fizessem certo que homens foram ou são os ditos Infanções para se saber seus merecimentos e valia que tiveram ou têm se os inda aí há o que eles nunca fizeram a qual contestação bastou para vos mostrardes sem culpa. E por se não alongar longo processo e dar despesa à dita cidade, mandámos Amador de Alpoim como a cidadão antigo e que nela por vezes foi vereador que por escrituras autênticas nos fizesse certo de que qualidade e merecimento foram os Infanções que antigamente possuíam a Terra de Santa Maria que se nos privilégios da dita cidade contém a cujo requerimento mandámos passar mandados para o doutor Vasco Fernandes cronista-mor e guarda da nossa Torre do Tombo que está no castelo da dita cidade e assim para o prior de Santa Cruz de Coimbra e para os abades de Alcobça e de Grijó (?) e Santo Tirso e para as abadessas de Lorvão e Odivelas e Arouca aos quais mandamos que deixassem ver em seus cartórios todas as escrituras e privilégios e doações que o dito Amador de Alpoim ver quisesse e daquelas que lhe pedisse lhe mandasse dar o treslado com pública forma atempando-lhe para *elo* termo dentro do qual ele pareceu por ante nós e nos apresentou certos instrumentos os quais mandámos acostar à petição e privilégios da cidade e à vossa contestação e com tudo mandámos dar vista à cidade a qual por seu procurador rezoou tanto que nos foi trazido concluso o que tudo visto por nós em Relação com os do nosso conselho e desembargo:—

¶ *Acordamos que vista a petição da dita cidade e privilégios a ela dados e vossa contestação e vistos isso mesmo os instrumentos oferecidos pelo dito Amador de Alpoim em ajuda e favor da dita cidade e cidadãos dela pelo qual se mostra e prova claramente os Infanções que soíam de possuir a Terra de Santa Maria de Beiteiros serem netos de reis filhos dos infantes mores nados depois dos príncipes herdeiros e a estes sòmente pertencer o tal nome e a outras pessoas não e visto como nos ditos privilégios se contém que os ditos cidadãos da dita cidade gozem da liberdade que gozavam os ditos Infanções portanto vos mandamos que daqui por diante os hajais por tais e como Infanções netos de reis os trateis assim nas prisões como em todas as outras coisas que lhes sobrevierem e lhes guardéis em tudo e por tudo seus privilégios como se neles contém assim aos que andarem nos pelouros e governança da cidade como a todos os outros que da geração verdadeira forem de cidadãos e assim a seus filhos e netos e a todos os que deles descenderem.*

E quanto a Pero Cardoso se livre por seu direito visto como não é cidadão nem saiu por pelouro para servir o officio de juiz do crime que servia ao tempo que foi preso e portanto vos mandamos

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

que assim o cumpraes e guardeis e façais cumprir e guardar como por nós é julgado e mandado e al não façais. Dada na cidade de Lisboa aos três dias do mês de Julho. EL-REI o mandou pelo licenciado Rui da Grã do seu conselho e desembargo e juiz de seus feitos. Diogo Peixoto a fez ano de mil e quatrocentos e oitenta e seis anos.

E trasladada a dita sentença eu tabelião abaixo nomeado a concertei com a própria original a qual tornei a dar ao dito Amador de Alpoim. Testemunhas Fernando Afonso, Sebastião Dias tabeliães do dito juízo, Alvarenes porteiro do conselho e eu Tomás Lopes tabelião judicial que este instrumento escrevi e nele meu público sinal fiz que tal é.

E trasladada assim a dita sentença em pública forma como dito é, o dito João Vaz de Vila Franca pediu ao dito Juiz que lho mandasse dar em pública forma e o dito Juiz lho mandou dar e manda que este traslado valha quanto com direito pode valer digo puder valer por ser traslado do traslado. Testemunhas Jorge Fernandes e Jorge Peres tabeliães no dito juízo e eu *Baltazar Pires* público tabelião do judicial por autoridade del Rei nosso senhor em esta sua cidade de Lisboa e seus termos que este instrumento escrevi e trasladei do traslado que passei. O dito Palos de Alpoim tem essa pública forma em seu poder e o concertei com André Valente tabelião no dito juízo que a isso comigo tabelião lá foi por o dito Palos de Alpoim não querer fiar o traslado da dita sentença que passei em pública forma; tem de ninguém e aqui meu público sinal fiz que tal é—. Pagou com caminho e do tabelião que foi comigo para o concerto cento e cinquenta reis. Concertado comigo *André Valente*.

* * *

OUTROS PRIVILÉGIOS DE LISBOA DADOS A COIMBRA

1— Sejam certos os que este instrumento de traslado de privilégios dado em pública forma virem que no ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e trinta e um anos aos vinte dias do mês de Dezembro do dito ano na câmara da Vereação desta cidade de Lisboa sendo presentes João Brandão e Pero Afonso de Aguiar e o doutor Cristóvão de Faria vereadores e Vasco Serrão de Calvos procurador em presença de mim Cristóvão de Magalhães escrivão da dita câmara e público por autoridade real das escrituras que a ela pertencem se em ela hão de fazer pareceu João Vaz de Vila Franca morador e cidadão da cidade de Coimbra e apresentou aos ditos vereadores e procurador uma carta dos vereadores e oficiais da dita cidade de Coimbra na

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

qual pedem o traslado do privilégio que os cidadãos desta cidade de Lisboa têm de como são escusos de não pagarem jugadas e vista assim a dita carta pelos ditos vereadores e procurador e como nela pedem os ditos privilégios mandaram a mim dito Cristóvão de Magalhães que lhe desse o traslado deles em pública forma e logo por mim sobredito Cristóvão de Magalhães fiz prover o livro onde os ditos privilégios estão os quais de verbo a verbo são os seguintes:

O primeiro capítulo é que porquanto a cidade recebe muitas sajoarias e danos de alguns direitos que nós havemos em ela especialmente do relego jugadas de pão e do vinho mordomado anadaria açougagem salário mealharia lombos alcavala que mandamos que os ditos direitos sejam quites e os não haja aí mais pelos ditos serviços que nós estes reinos havemos recebidos outrossim em cumprimentos de grandes algos que hão despesas e grandes danos que hão recebidos por nós e por defensão deles a esto respondemos que por todas as ditas razões e cada uma delas.

Outrossim queremos digo por se tirar o mal e sajoaria que se seguia de tais coisas nós queremos e mandamos que não haja aí relego nem jugadas de pão e de vinho nem outrossim salário anadaria e açougagem mealharia lombos nem alcavala. Os quais de todo bom talante e de bom coração quitamos para sempre ao concelho por a guiza que por eles é pedido e melhor se melhor puder ser.

2 — DOM JOÃO, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves digo e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber que o concelho e homens bons da nossa mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa nos mostraram uma nossa carta do privilégio e franquezas que lhe demos sendo nós regedor e defensor destes reinos na qual se continha que considerando nós como a dita cidade era a maior e melhor de nossos reinos e aos muitos e estremados serviços que nos haviam feitos e dela entendíamos receber e por ela ser franca e os moradores dela viverem melhor e sem sajoarias e danos querendo-lhe fazer graça e mercê e galarção dos ditos serviços por nós e por todos os reis e senhores que depois de nós vierem quitáramos e demitáramos e renunciáramos todos estes direitos a fundo escritos que nós ele da dita cidade e moradores dela havíamos e de direito devíamos de haver convém a saber jugadas de pão e de vinho e de linho e de relego e salário e mordomado e anadaria e lombos e açougagem e mealharia e alcavala a dita cidade sob o melhor modo e forma que o direito devíamos e podíamos fazer e queríamos e mandávamos que daí adiante para sempre os não houvesse aí como quer que só tal foro fosse dado à dita cidade aos moradores dela e que os não

tirassem nem levassem de nenhuma pessoa em a dita cidade nem seus termos para nós nem para outra pessoa que fosse nem para nossos sucessores que depois nós viessem fazendo-se mister e doação à dita cidade dos ditos direitos e de cada um deles de nossa certa ciência e de nosso movimento preposendo certo que nos eram devidos os ditos direitos por o encargo do regimento que nos dera dos ditos reinos e se alguns direitos a tal renunciação ou doação contradissem que o não podíamos fazer por nós e por nossos sucessores que os revogamos e queríamos que não houvessem lugar e prometíamos de não ir por nós nem por nossos sucessores contra a dita renunciação e doação e se oferecemos que não valesse e se alguma pessoa tirasse ou levasse em nosso nome os ditos direitos ou de nossos sucessores ou doutra pessoa qualquer que fosse que merece porém se algum de nossos sucessores isto não quisesse manter e contra elo quisesse ir o que Deus não quisesse houvesse a maldição daquele que é verdadeiro galardoador de todo o bem e fossem perseguidos de seus inimigos e não pudessem haver acorrimento e como malditos vivos os sorvesse a terra assim como sorvera a Bitão e a Bilhão segundo tudo isto e muitas coisas digo e muitas mais coisas na dita carta de franqueza mais largamente e cumpridamente eram conteúdas e disseram-nos que porquanto disto não tinham nossa carta de confirmação que nos pediam de mercê que lha mandássemos dar e nós vendo o que diz[er] e pedir enviaram e querendo-lhes fazer graça e mercê em sembra com o infante Duarte meu filho primogénito herdeiro considerando as coisas suso ditas e aos muito grandes e estremados serviços que depois de nós em nossos reinos dela recebemos e esperamos receber havemos por bem e confirmamos-lhe outorgamos-lhe e aprovamos o dito privilégio e praz-nos e queremos que valha e tenha e seja firme e valedouro para todo sempre que nunca possa ser revogado e se além disto aqui falecer alguma cláusula de solenidade para mais firme ser nós havemos aqui por posta e repetida e expressamente nomeada e porém mandamos a todos os veadores da nossa fazenda tesoureiros almoxarifes recebedores e meirinhos e regedores e justiça e outros nossos oficiais que ora são e ao diante forem que assim lhe cumpram e guardem a dita carta e outro sim esta como em elas é conteúdo sem embargo nenhum e não vão nem consintam ir contra elas em nenhuma maneira que seja que a nossa mercê vontade e desejo é de lhe serem cumpridas e guardadas e al não façais. Dantes em Santarém dezanove dias de Abril El Rei o mandou Gonçalo Caldeira fez era de quatrocentos e cincoenta e três anos e apresentado assim o dito privilégio como dito é os ditos vereadores o mandarão dar digo lho mandarão dar. Testemunhas que foram presentes Vasco Pires de Bulhão tesoureiro da dita cidade e Pero Teixeira guarda da câmara e outros e eu sobredito Cristóvão de Magalhães o fiz escrever a meu fiel escrivão e por mim o concertei e subscrevi e assinei de meu sinal público que tal é.

PRIVILÉGIOS DA VILA DE AVEIRO

Pagou de busca ao escrivão da câmara e guarda cento e oitenta reis, de escritura cem reis, os quais privilégios e confirmação deles e mais papéis aqui atrás trasladados eu dito Pero Cabral escrivão da câmara desta cidade e público em todas as coisas a ela tocantes por El Rei nosso senhor fiz aqui traslado bem e fielmente dos próprios e do instrumento do traslado da dita sentença que veio da câmara da cidade de Lisboa para o cartório desta que ficam no dito cartório a que me reporto de que tudo passei instrumento com o teor dos ditos privilégios e papéis para a câmara da vila de Aveiro como na petição do procurador dela se requer que em princípio junta fica e por verdade aqui assinei de meu público sinal que tal é. Em Coimbra hoje dezanove de Novembro de mil e quinhentos e oitenta e três e tudo concertei com o escrivão aqui comigo assinado *Pero Cabral* o escrevi. Por mim tabelião *António Martins*.

* * *

A qual provisão e privilégios eu Sebastião da Rocha Pimentel escrivão da câmara desta notável vila de Aveiro fiz trasladar dos próprios que estão no cartório da Câmara a que me reporto e este traslado concertei com o tabelião abaixo assinado. Em Aveiro hoje vinte e seis dias do mês de Abril de mil seiscientos e três anos e me assinei

Sebastião da Rocha Pimentel

conferido comigo tabelião

Francisco Cardoso Albergaria

Aveiro, Abril de 1971

FRANCISCO FERREIRA NEVES

OS SENHORES DE FERMEDO E CABEÇAIS

*«Laudemus viros gloriosos, et parentes
nostros, in generatione sua».*

— Ecclesi caput 44 — vers. 8.

REVIVER o passado da nossa terra, evocar as figuras que souberam enobrecê-la nas melhores raízes das famílias, realidades ignoradas ou esquecidas numa terra em que nascemos—sem dúvida—é motivo de alegria e de ternura.

«O passado é uma lâmpada colocada à porta do futuro».

Há indiscutivelmente um passado como cinza morta, sem calor de lume, mas esse é como um cadáver nauseabundo—que em vida só inspirava glória, miséria, matéria e compaixão.

Agora, um passado glorioso que deve recordar o presente, como disse um filósofo francês—continua em nós como uma flor mergulhada na profundidade da distância do tempo que há-de alimentar a seiva do presente pela memória saudosa e ilustre dos nossos antepassados.

ÁLVARES PEREIRAS, PEIXOTOS E PADILHAS, PEREIRAS DA SILVA, SOARES DE ALBERGARIA, e AZEVEDOS, constituem pelo valor real dos documentos, a espinha dorsal deste despretencioso estudo histórico-genealógico, sendo nobres pelo sangue que lhes latejava nas veias, mais ainda—nobres pelo ardor prodigioso com que serviram e exaltaram a nossa querida Pátria portuguesa.

* * *

SENHORES DE FERMEDO E DA VILA DE CABEÇAIS

D. VASCO ÁLVARES PEREIRA, filho segundo de D. João Álvares Pereira, primo de D. Nuno Álvares Pereira, foi o 1.º senhor de Fermedo e da vila de Cabeçais (1), e tomou parte na conquista de Ceuta em 1415.

Como muitos julgam, não são os Pereiras de Fermedo provenientes dos condes da Feira. D. Vasco foi tio paterno de D. Rodrigo Pereira, 1.º conde da Feira e irmão de Fernão Pereira, pai do mesmo conde.

Os Pereiras residiram alguns séculos num palácio junto à igreja matriz de Fermedo. Junto do mesmo palácio havia uma capela de estilo mosárabe, que em comunicação interna por varanda se ligava ao palácio. Infelizmente também não escapou ao camartelo do bota-abixo. Os braços dos Pereiras, dos Azevedos, dos Coutinhos que nessa capela predominavam, também desapareceram para sempre.

D. Vasco Álvares Pereira, foi senhor de Fermedo, Cabeçais, vila Maior da Vila da Feira, por sua mulher D. Isabel de Miranda, filha de Martim Afonso Miranda, rico homem, primeiro senhor do morgado da Patameira e o primeiro a usar o apelido de Miranda, nome tomado da vila de Miranda do Corvo.

Este Martim, pai de D. Isabel, era um dos filhos do Bispo de Coimbra—D. Martinho Afonso Pires, que era senhor da Charneca, mais tarde arcebispo de Braga, e de uma tal D. Emília Gonçalves Miranda.

*

D. JOÃO I, durante as guerras e conquistas que teve no seu tempo, não podia deixar de recompensar os seus mais esforçados cavaleiros, no número dos quais se conta João Rodrigues Pereira — por alvará de 6 de Fevereiro de 1380. D. João I deu em dote um terço da vila de Aveiro à sua filha D. Leonor Pereira, que

(1) Actualmente povoações do concelho de Arouca.

depois el rei D. João I voltou a adquirir, dando-lhe par escambo (troca) a terra de Fermedo ⁽¹⁾.

Fermedo e Cabeçais já eram um grande senhorio no ano de 922, pois a vila de Fermedo já nesse tempo foi doada pelo rei Ordonho II de Leão, ao mosteiro de «Castrum-Mire» ou Crestuma, sendo bispo D. Gomado.

*

Filhos de D. Vasco Álvares Pereira

João Álvares Pereira, que morreu solteiro
Rui Pereira, que foi o segundo senhor de Fermedo e Vila
Maior
Gonçalo Pereira, casado com a filha de Payo de Leça
Álvaro Pereira, casado com D. Isabel Inglês
D. Mécia, mulher de Diogo Pinto, de Vila Maior, Feira; c. g.
D. Isabel de Miranda, mulher de Fernão Pinto de Melo
D. Maria Pereira, freira no convento de Santa Clara, em Vila
do Conde
D. Branca, abadessa em Rio Tinto
D. Francisca, abadessa em Vila Cova
D. Margarida de Berrêdo, freira em Rio Tinto.

bibRIA
*
Rui Pereira

RUI PEREIRA, 2.^o senhor de Fermedo e de Cabeçais, filho de Vasco Álvares Pereira, foi casado com a condessa de Madureira.

Esta condessa era filha de D. João Álvares de Madureira, comendatário do mosteiro de Grijó e irmão do bispo do Algarve — D. João Camelo. Chamava-se D. Brites Pereira ⁽²⁾.

Filhos

João Álvares Pereira, que se segue
D. Sancha Pereira

E segundo alguns genealogistas, tiveram mais:

D. Gonçalo Pereira
D. Genebra Pereira, casada com Jorge do Rego Lobo.

⁽¹⁾ *Chancelaria de D. Afonso VI*, liv. 2, fl. 337.

⁽²⁾ O autor do *Nobiliário da Barbeita* diz que Rui Pereira casara com D. Maria de Azevedo, filha de, neta de João Lopes de Azevedo, apresentando só três filhos: — João Álvares Pereira, D. Gonçalo Pereira e D. Genebra.

*

João Álvares Pereira

JOÃO ÁLVARES PEREIRA, 3.º senhor de Fermedo e da Honra de Cabeçais, casou com D. Joana de Vilhena ou Joana de Azevedo, de S. João de Rei, filha de Diogo Lopes de Azevedo.

Filhos

João Álvares Pereira que morreu menor
Rui Pereira de Azevedo, que se segue
Diogo Pereira, que foi frade
Duarte Pereira, que morreu na Índia
D. Branca da Silva, mulher de D. Henrique Henriques
D. Antónia de Vilhena, mulher de D. Fernando de Tovar,
capitão ao serviço de Castela
D. Melícia Coutinho, freira em Avanca.

*

De D. JOANA VILHENA DE AZEVEDO, casada com D. JOÃO ÁLVARES PEREIRA, descendem os Azevedos de Paradela, ou S. Miguel do Mato, Arouca; o referido casal deu origem à Casa do Buraco, do Couto de Cucujães, e à Casa de Areias, de Macieira de Cambra, e a outras.

*

Rui Pereira de Azevedo (1)

RUI PEREIRA DE AZEVEDO, 4.º senhor de Fermedo e da Honra de Cabeçais, casou com D. Margarida da Silva Freire (2), filha de Bernardo Freire e de sua segunda mulher D. Francisca da Silva.

Filhos

João Álvares Pereira que se segue
Bernardo Freire que mataram na Índia
Brás Pereira que morreu na Índia
D. Francisca Pereira, mulher de Bernardo da Veiga de Sacavém
D. Branca, freira em Monchique.

(1) D. JOÃO III, a 17 de Janeiro de 1553, nomeou em Lisboa Rui Pereira de Azevedo, para que este em Fermedo, elege-se ao seu arbítrio, Tabelião Judicial e Notificador.

(2) FELGUEIRAS GAIO, diz *Madalena em vez de Margarida*.

*

João Álvares Pereira de Azevedo

JOÃO ÁLVARES PEREIRA DE AZEVEDO, 5.º senhor de Fervedo e de Cabeçais, casou com D. Ana Freire, filha de Joaquim Brandão e de D. Isabel da Costa.

Filhos

Rui Pereira que morreu ao ir para a Índia
Manuel Pereira da Silva Azevedo, que se segue
Frei Diogo — foi para o convento da Piedade
Frei Bernardino, frade de S. Agostinho
Frei Luís dos Santos, frade de Santo Agostinho
D. Francisca de Vilhena Manuel, mulher de João Brandão, que em vida de seu marido se recolheu a S. Bento do Porto onde professou
D. Lourença, freira em Aveiro
D. Margarida, freira em Santa Clara do Porto.

bib**RIA**
*
Manuel Álvares Pereira da Silva Azevedo

Foi o 6.º senhor de Fervedo e da vila de Cabeçais.
Casou com D. Mariana de Sousa (1) filha do Dr. Sebastião Barbosa, desembargador do Paço, e de sua segunda mulher D. Briolanja de Sousa, de quem teve:

Rui Pereira, que morreu jómem
Fernão Pereira da Silva, que se segue
D. Catarina de Vilhena
D. Briolanja Pereira da Silva, comendadora.

*

Fernão Pereira da Silva

FERNÃO PEREIRA DA SILVA, 7.º senhor de Fervedo e da vila de Cabeçais por morte de seu irmão, falecido em 1679, casou duas vezes: — A primeira, com D. Maria da Silva e Noronha, filha de

(1) Da Casa do Castelo, de Fervedo.

OS SENHORES DE FERMEDO E CABEÇAIS

Belchior Pinto Pereira, senhor das casas de Bonjardim do Porto; a segunda, com D. Isabel de Abreu (1).

Filhos

- D. Mariana Francisca Pereira da Silva de Vilhena. Segue
- D. Isabel, freira em S. Bento, do Porto
- D. Doroteia, que faleceu em Cós
- D. Maria de Vilhena, mulher de João Pinto Coelho, senhor de Felgueiras para onde passou a casa de Fermedo.

*

D. Mariana Francisca Pereira da Silva de Vilhena

D. MARIANA FRANCISCA PEREIRA DA SILVA DE VILHENA, 8.^a senhora de Fermedo e de Cabeçais, casou com seu primo João Pinto Coelho, senhor de Felgueiras e Vieira do Minho, e por este casamento mais se uniram as casas de Fermedo e Cabeçais com as de Felgueiras.

João Pinto Coelho era filho de António Pinto Coelho, senhor de Felgueiras e de sua mulher D. Francisca de Ataíde.

Filhos

- António Luís Pinto Coelho. Segue
- José Pinto
- Gonçalo Pinto Coelho
- Francisco Pinto Coelho
- Lourenço Pinto Coelho
- D. Francisca Joana de Ataíde, que casou com João Pinto Coelho Pereira, seu tio, senhor do Bonjardim
- D. Joana Manuel de Vilhena, freira em S. Bento, do Porto.

*

António Luís Pinto Coelho Pereira da Silva

ANTÓNIO LUÍS PINTO COELHO PEREIRA DA SILVA (2), 9.^o senhor de Fermedo, casou duas vezes: — a primeira, com D. Ana Maria

(1) Segundo a versão de alguns nobiliaristas, Fernão Pereira da Silva casou segunda vez com D. Madalena de Ataíde, filha de António Pinto Coelho, senhor de Felgueiras, e de sua mulher D. Francisca de Ataíde.

(2) Conforme procuração passada em 1736, fez seu procurador Manuel de Azevedo Aranha, morador no lugar de Resumil, do concelho de Fermedo.

In Tombo 5.^o do Arquivo dos Senhores de Fermedo que possui o autor desta resenha.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

de Noronha, filha de D. Sancho Manuel, 1.º conde de Vila Flor; segunda vez, no ano de 1701, com sua prima D. Mariana Luísa Madalena da Silveira e Mesquita, das Casas da Teixeira, Sergude.

Filhos do primeiro matrimónio:

João Pinto Coelho Pereira da Silva. Segue
D. Mariana, freira em S. Bento do Porto.

Filhos do segundo matrimónio:

D. Antónia Maria, mulher de seu primo Luís Lázaro
Pinto Cardoso, senhor do morgado de Sant'Iago de
Mirandela, s. g.
D. Josefa Margarida Antónia da Silveira e Noronha
D. Francisca.

*

10.º senhor de Fermedo

JOÃO PINTO COELHO PEREIRA DA SILVA, 10.º senhor donatário de Fermedo e vila de Cabeçais, etc., fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo do Hábito de Cristo, casou com D. Antónia Josefa Caetana da Silveira e Noronha, e foram moradores na quinta de Simães (Felgueiras).

* * *

Do 2.º casamento de António Luís Pinto Coelho Pereira da Silva com D. Mariana Luísa Madalena, de Sergude, houve três filhas:

D. Antónia Maria, mulher de seu primo Luís Lázaro
Pinto Cardoso, senhor do morgado de São Tiago
D. Francisca, que faleceu sem tomar estado
D. Josefa Margarida Antónia da Silveira e Noronha.

*

D. JOSEFA MARGARIDA ANTÓNIA DA SILVEIRA E NORONHA casou com D. FRANCISCO JOSÉ XAVIER CARDOSO DE ALARCÃO, fidalgo da Casa Real, senhor donatário do concelho de Fermedo e Administrador de sua mulher D. Josefa Margarida, filha segunda

OS SENHORES DE FERMEDO E CABEÇAIS

de Gonçalo Peixoto da Silva, senhor do concelho de Penafiel, e de sua mulher D. Paula Maria Pereira de Alarcão.

Filhos

Gonçalo Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva, que se segue
José Peixoto da Silva Portugal, abade de Santa Maria de Fermedo.

*

GONÇALO PEIXOTO PINTO COELHO PEREIRA DA SILVA, senhor de Fermedo, Felgueiras, Vieira, etc., nasceu em Guimarães e sucedeu na casa de seus avós maternos, tendo casado em 29 de Março de 1759 com D. ANA MARIA BENEDITA PEREIRA PINTO DE VILHENA, filha herdeira de José António Pinto da Fonseca, senhor dos morgados de Calvilhe, Cedros, moço fidalgo com exercício no Paço, cavaleiro da Ordem de Cristo, etc., que depois de grandes contendas que penderam anos e anos nos tribunais, faleceu com cinquenta anos aproximadamente.

Filhos

FRANCISCO ANTÓNIO PEIXOTO PINTO COELHO PEREIRA DA SILVA, capitão-mor de Fermedo, moço fidalgo de Sua Magestade, padroeiro da igreja de Santa Maria de Fermedo e administrador perpétuo do hospital de Alfena, era casado com D. Maria do Carmo Pinto de Sousa e Melo, da Casa do Eido em Mesão Frio.

Filhos

FRANCISCO PEIXOTO PINTO COELHO PEREIRA DA SILVA, senhor de Fermedo, Vieira, Felgueiras, e das vilas de Cabeçais, Préstimo das Marinhas, dos morgados de Retiães, Calvilhe, e das Casas da Rede, etc., moço fidalgo com exercício no Paço, coronel das milícias da Vila da Feira, etc., foi baptisado a 19 de Setembro de 1790, casado com D. MARIA DA MADRE DE DEUS RITA DE HANCOURT DE SOUSA PADILHA, casada com licença régia por alvará de 11 de Junho de 1820.

Filhos

PEDRO MARIA PEIXOTO COELHO PINTO DA FONSECA PEREIRA DA SILVA, 13.º senhor de Fermedo, etc., moço fidalgo em exercício no Paço, etc., que faleceu solteiro.

D. Maria da Madre de Deus que morreu moça.

António que segue

D. Maria da Conceição

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

D. Maria Doroteia Peixoto Coelho Hancourt de Sousa Padilha, casada com João Pereira Coutinho de Sousa Pacheco, filho dos marquêses de Loydos.

*

ANTÓNIO PEIXOTO PINTO COELHO PEREIRA DA SILVA DE SOUSA PADILHA DE SEIXAS HANCOURT, senhor de toda a Casa por morte de seu irmão Pedro Maria, era moço-fidalgo com exercício no Paço, etc.

Nasceu em Lisboa, a 23 de Agosto de 1828, e faleceu no Porto, a 21 de Abril de 1902, tendo casado duas vezes: a 1.^a em 1854 com D. BERTA SOARES DE ALBERGARIA PEREIRA DE ROXAS E MENEZES, que faleceu em França em 1899; filha de José Soares de Albergaria Pereira de Lemos Roxas e Menezes, senhor das Casas da Ribeira da Rede de Travanca em Sinfães, fidalgo cavaleiro da Casa Real, cavaleiro das Ordens de São Luís de França e da Legião de Honra do mesmo país, de S. Fernando de Espanha, e da Torre e Espada de Portugal, etc., e de sua mulher D. VICENTA MARIA HENRIETTE DU TERTRE BOUGANS D'AUVERGNE, distinta poetisa, filha primogénita dos condes du Tertre, em França.

Casou 2.^a vez em 1900, no Porto, com D. Laura Rosa de Jesus, a quem deixou a terça dos seus bens, s. g.

Filhos do 1.^o matrimónio

EGAS MONIZ COELHO PINTO DA FONSECA PEREIRA DA SILVA, senhor de parte da Casa de seu pai, moço-fidalgo com exercício no Paço, nasceu em 1855, foi funcionário em África e ficou solteiro. Pedro, m. m.

D. Berta — que se segue.

*

D. BERTA PEIXOTO PINTO COELHO PADILHA SOARES DE ALBERGARIA nasceu na Régua, na Quinta do Cedro, a 8 de Dezembro de 1861, e casou em 1888 com Manuel Gonçalves Jacques Pires, proprietário na Régua, onde nasceu a 24 de Dezembro de 1869, filho de Francisco Gonçalves Gomes e D. Maria José Pires.

Filhos

Egas Moniz Peixoto Coelho Padilha Soares de Albergaria, nascido a 12 de Outubro de 1888 que faleceu solteiro.

D. Ester, que se segue.

D. Mariana Padilha Soares de Albergaria D'Auvergne du Tertre, nasceu a 28 de Junho de 1892 e casou em 1912 com Ale-

OS SENHORES DE FERMEDO E CABEÇAIS

xandre Ferreira de Carvalho que faleceu em 1933, filho de Alexandre Ferreira de Carvalho e de sua mulher D. Maria Benedita Ferreira de Carvalho.

D. Mariana vive com sua mãe na cidade do Porto.

Filhos

Álvaro Jorge de Carvalho Padilha Soares de Albergaria, n. em 1914.

D. Maria Benedita, n. em 1924.

* * *

D. ESTER PADILHA SOARES DE ALBERGARIA D'AUVERGNE DU TERTRE, nasceu a 11 de Outubro de 1890 e casou a 10 de Março de 1908, com JOHN BYWATER JONES, de nacionalidade inglesa, nascido a 5 de Setembro de 1855, filho de Lerbert Wilson Jones e de sua mulher D. Eloisa Gayoso.

Filhos

John Padilha Soares de Albergaria D'Auvergne du Tertre Jones, nascido a 23 de Abril de 1912.

George Padilha Soares de Albergaria D'Auvergne du Tertre Jones, nascido a 5 de Fevereiro de 1913.

Cabeçais (Arouca), Setembro de 1971

ALFREDO GONÇALVES DE AZEVEDO

O DISTRITO DE AVEIRO NAS HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

(Continuado de pág. 244)

ÍNDICES

a) ANTROPONÍMICO

(PELO ÚLTIMO APELIDO)

bibRIA

LETRA J

- Ribeiro (João de Seabra) — Mogofores, Anadia — 224
Ribeiro (José) — Aveiro — 346; Mogofores, Anadia — 346
Ribeiro (P.^o José Gomes), presbítero do hábito de S. Pedro, beneficiado na Colegiada de S. Pedro e seu sacristão-mor no Rio de Janeiro — 426
Ribeiro (P.^o José Inácio de Passos), clérigo de ordens sacras, professor da Ordem de Cristo, doutor na Faculdade de Leis, incorporada na dos Sagrados Cânones, pela Universidade de Coimbra, deão da Sé da Baía e Familiar do S.^o ofício — 433
Ribeiro (José de Miranda), alferes — 472
Ribeiro (Manuel) — Aveiro — 372; Préstimo, Águeda — 165
Ribeiro (Manuel de Seabra)—Mogofores, Anadia — 224
Ribeiro (Manuel de Sousa) — Aveiro — 226 e 227
Ribeiro (D. Maria Inês) — Macieira de Sarnes, Oliveira de Azeméis — 560
Ribeiro (Pedro da Cruz) — Aveiro — 372
Ribeiro (Salvador), capitão — Vagos — 413
Rifacho (João Baptista) — 47
Rijo (João da Silva), lavrador — 213
Rio (João do) — Chave, Arouca — 122
Rias (João Borges), homem de negócio nas Minas do Sabará — 56
Rios (João Francisco) — Chave, Arouca — 122
Roça (Miguel Francisco)—Oliveira do Bairro — 104
Rocha (Agostinho da)—S. Miguel do Mato, Arouca — 69
Rocha (Ana da)—Fermedo, Arouca — 410
Rocha (António da), o «Paredo» — Vagos — 514
Rocha (Baltasar da)—Vagos—514
Rocha (Damiana da) — Soza, Vagos — 172

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Rocha (Isabel da) — Vagos — 514
 Rocha (D. Joana da) — Real, Castelo de Paiva — 323
Rocha (José da) — Vagos — 514
 Rocha (P.º José António da) — Vagos — 514
Rocha (José de Freitas da), cavaleiro professo da Ordem de Cristo — 418
Rocha (José de Sousa) — Aveiro — 554
 Rocha (Manuel da), o «Grande» — Aveiro — 554
 Rocha (Maria da) — Aradas, Aveiro — 381; Aveiro — 259, 381 e 554; Vagos — 514
 Rocha (D. Maria da) — Real, Castelo de Paiva — 323
 Rocha (Salvador da) — Vagos — 514
 Rocha (Sebastião da) — Aradas, Aveiro — 554; Aveiro — 554
 Rocha (Teresa da) — Ilhavo — 172 — Soza, Vagos — 172
 Rodrigues (Ana) — Aveiro — 204; Branca, Albergaria-a-Velha — 161; Guizande, Feira — 534; Mouta, Anadia — 516; Oliveira do Bairro — 84; Pessegueiro, Sever do Vouga — 204; Tamengos, Anadia — 428; Valongo, Agueda — 233; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261, 391 e 392
 Rodrigues (Antónia) — Arcos, Anadia — 216; Aveiro — 192; Mogofores, Anadia — 467; Talhadas, Sever do Vouga — 192; Valongo, Agueda — 542
 Rodrigues (António) — Aveiro — 296; Eixo, Aveiro — 362; Mouta, Anadia — 516; Ovar — 155; Sangalhos, Anadia — 186; Vacariça, Mealhada — 57; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 17 e 57
 Rodrigues (António), o «Bucho» — Feira — 238
 Rodrigues (Bernarda) — Ovar — 155
 Rodrigues (Catarina) — Arcos, Anadia — 216; Mogofores, Anadia — 207 e 224; Vacariça, Mealhada — 508
 Rodrigues (Catarina), a «Sobrinha da Monteiro» — Monte, Anadia — 309
 Rodrigues (Diogo) — Eixo, Aveiro — 255
 Rodrigues (Domingos) — Alvarenga, Arouca — 231, 278 e 522; Anadia — 216; Aveiro — 284; Bunheiro, Murtosa — 536; Cedrim, Sever do Vouga — 243; Codal, Vale de Cambra — 347; Fervedo, Arouca — 231 e 278; Rocas, Sever do Vouga — 195; Ventosa do Bairro, Mealhada — 101
 Rodrigues (Filipe) — Tamengos, Anadia — 525
 Rodrigues (Francisca) — Agueda — 382; Arcos, Anadia — 99; Mogofores, Anadia — 382 e 467
 Rodrigues (Francisco), Mouta, Anadia — 516
 Rodrigues (Gaspar) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 23
 Rodrigues (Guiomar) — Alvarenga, Arouca — 522
 Rodrigues (Isabel) — Arcos, Anadia — 126 e 397; Macinhata do Vouga, Agueda — 78; Mogofores, Anadia — 126, 224 e 421; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 421
 Rodrigues (Joana) — Fervedo, Arouca — 231
 Rodrigues (João) — Arrifana, Feira — 222; Branca, Albergaria-a-Velha — 161; Feira — 471; Nariz, Aveiro — 269; Salreu, Estarreja — 230
Rodrigues (João) — Sangalhos, Anadia — 186
Rodrigues (João), cirurgião e sangrador em Lisboa — 187
 Rodrigues (João), o «Pequeno» — Alvarenga, Arouca — 439
Rodrigues (P.º João de Oliveira), graduado em Filosofia na Universidade de Coimbra, bacharel formado nos Sagrados Cânones e abade da igreja de S.ª Maria Madalena de Loivos da Ribeira, Baião — Ovar — 155
Rodrigues (Joaquim José) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 258
 Rodrigues (Jorge), lavrador — Bairros, Castelo de Paiva — 39; Real, Castelo de Paiva — 39
Rodrigues (José) — Mouta, Anadia — 516
 Rodrigues (José) — Valongo, Agueda — 193
 Rodrigues (José), o «Tendeiro» — Mogofores, Anadia — 382
 Rodrigues (José Francisco) — Maceda, Ovar — 416
Rodrigues (José Francisco), mercador na cidade da Baía — Maceda, Ovar — 416

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Rodrigues (Luísa) — Espinhel, Agueda — 399
- Rodrigues (Madalena) — Sangalhos, Anadia — 186
- Rodrigues (Manuel) — Alvarenga, Arouca — 343 e 453; Aveiro — 192 e 296; Barcouço, Mealhada — 478; Canelas, Arouca — 453; Casal Comba, Mealhada — 478; Mouta, Anadia — 516; 520 e 521; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 544; Souto, Feira — 466; Valongo, Agueda — 409
- Rodrigues (Manuel), o «Novo» — Valongo, Agueda — 37
- Rodrigues (Manuel), o «Velho» — Valongo, Agueda — 37
- Rodrigues (Margarida) — Mouta, Anadia — 520 e 521
- Rodrigues (Maria) — Alvarenga, Arouca — 301; Arões, Vale de Cambra — 242; Aveiro — 175 e 204; Avelãs de Cima, Anadia — 98; Canelas, Arouca — 552; Cedrim, Sever do Vouga — 243; Mogofores, Anadia — 421; Mouta, Anadia — 520 e 521; Real, Castelo de Paiva — 164 e 498; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 421; Sever do Vouga — 243; Vilariño do Bairro, Anadia — 486
- Rodrigues (Maria Josefa) — Espinhel, Agueda — 251
- Rodrigues (Mateus), o «Gandro» — Lourosa, Feira — 151
- Rodrigues (Mécia) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 23
- Rodrigues (Miguel) — Albergaria-a-Velha — 197; Cacia, Aveiro — 537
- Rodrigues (Miguel), o «Tendeiro» — Mogofores, Anadia — 382
- Rodrigues (Pedro) — Esgueira, Aveiro — 188; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391 e 392
- Rodrigues (Sebastiana) — Eixo, Aveiro — 372; S. Lourenço do Bairro, Anadia — 486
- Rodrigues (Simão) — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 72; Sever do Vouga — 72
- Rolão (Pedro André) — Aveiro — 530
- Romana (Sebastiana) — Aveiro — 32
- Romano (Francisco Marques) — Aveiro — 316
- Romano (Luís Marques) — Aveiro — 316
- Rosa (Cactana) — Mealhada — 356
- Rosa (João Rodrigues)**, cirurgião aprovado e irmão da Congregação de N.ª S.ª da Doutrina de S. Roque — 193
- Rosa (Joaquim António)**, presbítero do hábito de S. Pedro — 241
- Rosa (José Alves da Cunha)**, negociante no Porto — 294
- Rosário (Ana do) — Sardoura (S.ª Maria), Castelo de Paiva — 292
- Sá (Ana Maria Gomes de) — Arrifana, Feira — 434; Canedo, Feira — 434
- Sá (António Alves de) — Esmoriz, Ovar — 463
- Sá (Domingas de) — Raiva, Castelo de Paiva — 225
- Sá (Francisco dos Reis Rebelo de) — Arrifana, Feira — 434; Canedo, Feira — 434
- Sá (Isabel de) — Paços de Brandão, Feira — 472
- Sá (João de) — Lamas, Feira — 532; Paços de Brandão, Feira — 472 e 532; Rio Meão, Feira — 470 e 532
- Sá (João dos Santos de) — Esmoriz, Ovar — 118
- Sá (Manuel de) — Paços de Brandão, Feira — 531
- Sá (Manuel Alves de) — Esmoriz, Ovar — 463
- Sá (Maria Soares de) — Paiva, Castelo de Paiva — 225
- Sacoto (José de Freitas)**, homem de negócio em Pernambuco — 419
- Saimeiro (João Ferreira) — Espinhel, Agueda — 399
- Saimeiro (Manuel João) — Espinhel, Agueda — 82
- Salgado (Lic.º Francisco Dias) — Aveiro — 142; Esgueira, Aveiro — 142
- Salgueiral (Manuel Francisco) — Oliveirinha, Aveiro — 412
- Sampaio (João Francisco de)**, negociante no sertão de Iagoribe, vila de S.ª Cruz de Aracati, Capitania do Ceará — 105
- Sampaio (D. Luísa Joaquina de) — Aveiro — 264
- Sancho (João Rodrigues)**, ecónomo da matriz de Olivença — 199
- Sant'Ana (P.º Frei João Joaquim de)**, da Congregação de S. Jerónimo e abade do Real Mosteiro

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- de N.^o S.^a do Espinheiro de Evora — 120
- Santa Cruz (P.^o Frei José de)**, religioso professo da Ordem de S. Francisco da Província do Brasil e Presidente da mesma Ordem — 533
- Santiago (António de)**—Guizande, Feira — 534
- Santiago (António de)**, ourives da prata e dispenseiro do S.^{to} Ofício de Coimbra — Avelãs de Caminho, Anadia — 202
- Santiago (Domingos)** — Tamengos, Anadia — 201
- Santiago (João de)** — Valongo, Agueda — 202
- Santiago (João de)**, ourives da prata em Coimbra — Tamengos, Anadia — 201
- Santiago (Manuel de)** — Guizande, Feira — 534
- Santiago (Maria de)** — Avelãs do Caminho, Anadia — 201; Tamengos, Anadia — 201
- Santiago (Mateus Fernandes)**, Familiar do S.^{to} Ofício — Santiago de Ribad'Ul, Oliveira de Azeiméis — 262
- Santiago (Simão de)** — Avelãs do Caminho, Anadia — 202
- Santiago (Simão Fernandes de)** — Tamengos, Anadia — 202
- S.^{to} Agostinho (Dr. D. Jorge de)**, cônego regular da Congregação de S.^{ta} Cruz de Coimbra — 283
- S.^{to} António (Maria de)** — Vaca-riça, Mealhada — 25
- Santos (Ana dos)** — Aveiro — 205, 277, 441 e 549
- Santos (Ana Álvares dos)** — Lamas, Feira — 100; Lourosa, Feira — 100
- Santos (Antónia dos)** — Mozelos, Feira — 395
- Santos (António dos)** — Ilhavo — 364
- Santos (António dos)**, Familiar do S.^{to} Ofício — Ilhavo — 86
- Santos (António Jorge dos)** — Arada, Ovar — 335
- Santos (Ascenso dos)**—Vila Nova de Monsarros, Anadia — 258
- Santos (Constantina Ferreira dos)** Guizande, Feira — 534
- Santos (Domingos Teixeira dos)** — Rossas, Arouca — 443
- Santos (Filipe dos)** — Aveiro — 204
- Santos (Inocência de Sousa)**—Rio Meão, Feira — 489
- Santos (Jerónimo Fernandes dos)**, negociante na Baía — 12
- Santos (Joana dos)**—Aveiro — 204
- Santos (João dos)** — Vagos — 486; Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
- Santos (João dos)**, capitão de navios, morador em Parafba do Norte — S. Lourenço do Bairro, Anadia — 203
- Santos (P.^o Frei João dos)**, religioso da Real Congregação dos Agostinhos Descalços de Portugal e mestre de teologia no Convento de N.^o S.^a da Boa Hora e S.^{ta} Rita — Aveiro — 204
- Santos (P.^o João Martins dos)**, prior da igreja de S. Salvador de Ilhavo — 139
- Santos (João Monteiro dos)**, homem de negócio em Lisboa — Arouca — 146
- Santos (João Pereira dos)** — Castelhães, Vale de Cambra — 528
- Santos (Joaquim José dos)**, morador no Recife, Pernambuco—529
- Santos (Joaquim Rodrigues dos)**, mercador em Lisboa na Rua Nova dos Ferros — 270
- Santos (José dos)** — Vilarinho do Bairro, Anadia — 436
- Santos (José dos)**, mestre serratheiro — Burgo, Arouca — 535
- Santos (José Ferreira dos)** — 405
- Santos (José Francisco dos)**, lavrador — Albergaria-a-Velha — 417
- Santos (José Gomes dos)**, homem de negócio no Rio de Janeiro— 427
- Santos (José Joaquim Teixeira dos)**, morador na vila de S.^{to} Amaro, Baía — 443
- Santos (José Lopes dos)** — 450
- Santos (José Martins dos)** — 466
- Santos (José Rodrigues dos)**, ourives em Coimbra — 524
- Santos (José dos)**—Aradas, Aveiro — 364
- Santos (Luís dos)**, o «Mareante»— Aveiro — 117 e 477
- Santos (Luísa dos)** — Aradas, Aveiro — 364; Aveiro — 270
- Santos (Manuel dos)** — Aveiro — 71, 198, 205, 277, 441 e 549
- Santos (Manuel dos)**, espadeiro e mais tarde contratador dos azeites — Aveiro — 270
- Santos (Manuel Francisco dos)**— Mansores, Arouca — 265

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Santos (Manuel Gomes dos)—Rio Meão, Feira — 489
- Santos (Manuel Jorge dos)—Arada, Ovar — 335
- Santos (Margarida dos) — Aveiro — 413
- Santos (Maria dos)—Aveiro—80, 150 e 482; Fermedo, Arouca—215 e 550; Ilhavo — 33 e 86
- Santos (Maria Simões dos) — Oiã, Oliveira do Bairro — 59 e 218
- Santos (Mariana dos) — Aveiro — 372
- Santos (Mariana Simões dos) — Oiã, Oliveira do Bairro — 59
- Santos (Vitória dos) — Aveiro — 372
- S. Bernardo (P.^o Frei Joaquim de)**, religioso carmelita descalço do Convento de N.^a S.^a dos Remédios de Lisboa — 272
- S. José (Ana Bernarda de) — S. Lourenço do Bairro, Anadia — 486; Vilarinho do Bairro, Anadia — 486
- S. José (Angélica Maria de) — Burgo, Arouca — 420
- S. Tomás (P.^o Frei João de)**, religioso da Província de S.^o António de Portugal e lente de véspera de Teologia no Colégio de S.^o António da Pedreira da Universidade de Coimbra — Ovar — 206
- S. Tomás (P.^o Frei José de)**, religioso da Ordem dos Pregadores, lente de prima de Teologia no seu convento de S. Domingos do Porto — Esgueira, Aveiro — 537
- Saraiva (Francisco) — Ovar — 457
- Sarda (Maria da Esperança) — Aveiro — 333
- Seabra (Filipe) — Arcos, Anadia — 162
- Seabra (João de) — Mogofores, Anadia — 207
- Seabra (José de) — Mogofores, Anadia — 207
- Seixas (Manuel Pereira de) — Aveiro — 32
- Sequeira (António de) — Recardães, Águeda — 144
- Sequeira (Jerónimo de Miranda) — Aguada de Cima, Águeda—144
- Sequeira (João António Rebelo de)** — 35
- Sequeira (João de Miranda)** — 144
- Sequeira (Maria de) — Aguada de Cima, Águeda — 144; Recardães, Águeda — 144
- Serafins (Luísa Pereira dos), pupila do Convento da Madre de Deus de Sá — Aveiro — 159; Estarreja, Aveiro — 159
- Sereno (Manuel Francisco) — Arcos, Anadia — 99
- Serra (Pedro Marques da)—Aveiro — 150; Talhadas, Sever do Vouga — 150
- Serrado (Manuel André) — Ovar — 385
- Serrão (Des.^o Vicente Coelho), juiz de fora da vila de Aveiro—334
- Silva (Agostinho Marques da) — Cortegaça, Ovar — 273
- Silva (Agostinho de Pinho e)—Vila Chã, Oliveira de Azeméis — 502
- Silva (Ana da)—Fiães, Feira—266
- Silva (Ana Maria da) — Avanca, Estarreja — 61
- Silva (André da) — Feira — 238; Mamarrosa, Oliveira do Bairro — 538; Ovar — 206; Troviscal, Oliveira do Bairro — 538
- Silva (P.^o André da) — Bunheiro, Murtoza — 273
- Silva (Angela da) — Salreu, Estarreja — 230; Silva Escura, Sever do Vouga — 230
- Silva (Antónia da) — Covão do Lobo, Vagos — 345
- Silva (Antónia Maria da)—Feira — 531
- Silva (António da) — Cesar, Oliveira de Azeméis — 336; Cortegaça, Ovar — 211; Lobão, Feira — 228
- Silva (António de Almeida e) — Salreu, Estarreja — 329; Valongo, Águeda — 329
- Silva (António Fernandes da) — Cortegaça, Ovar—508; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 261
- Silva (António João da) — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391, 392, 545 e 546
- Silva (António Marques da)—Santiago de Beduído, Estarreja—89
- Silva (Bernarda da) — Maceda, Ovar — 254
- Silva (Branca da) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 11
- Silva (Catarina da) — Avanca, Estarreja — 273; Veiros, Estarreja — 273
- Silva (Catarina Marques da) — Cortegaça, Ovar — 461
- Silva (Domingos da) — Aveiro — 306; Espargo, Feira — 238; Feira

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- 238; Nogueira do Cravo, Oliveira de Azeméis — 366
- Silva (Domingos Rodrigues da)**, Familiar do S.^o Ofício — Cacia, Aveiro — 537; Esgueira, Aveiro — 537
- Silva (Domingos Valente da)** — Salreu, Estarreja — 89
- Silva (Engrácia da)** — Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 375
- Silva (Esperança da)** — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 57
- Silva (Francisco da)** — Oliveira de Azeméis — 55
- Silva (Isabel da)** — Avanca, Estarreja — 178; Cortegaça, Ovar — 461
- Silva (Isabel Manuel da)** — Ilhavo — 364
- Silva (Isabel Marques da)** — Cortegaça, Ovar — 69
- Silva (Jacinto Pereira da)**, ourives do ouro no Recife — 5
- Silva (João da)**, oficial maior do escritório de Fernão Gomes da Gama, escrivão da fazenda de S. Mag.^{de} e oficial do seu assento — 208
- Silva (João da)** — Feira — 471; S. Vicente de Pereira, Ovar — 283; Veiros, Estarreja — 212
- Silva (João Barbosa da)**, homem de negócio no Rio de Janeiro — 50
- Silva (João Barbosa da)**, estudante — Murtosa — 49
- Silva (Lic.^o João Brandão da)** — Oliveira do Bairro — 58
- Silva (João Brandão da)**, estudante canonista — Oliveira do Bairro — 58
- Silva (João da Costa)**, negociante em Vila Nova de Gaia — 69
- Silva (João Ferreira da)** — 87
- Silva (João Moreira da)** — Vila Nova de Monsarros, Anadia — 391, 392, 545 e 546
- Silva (João Peixoto da)** — Real, Castelo de Paiva — 323
- Silva (João Pereira da)**, empregado das Sete Casas — 162
- Silva (João Pereira da)**, licenciado pela Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra — Aveiro — 163
- Silva (João Ribeiro da)**, mercador na cidade de Aveiro — 185
- Silva (João de Sousa e)**, proprietário do officio de recoveiro da cidade do Porto — 228
- Silva (João Tavares da)**, capitão — Silva Escura, Sever do Vouga — 230
- Silva (João Tavares da)**, capitão — Silva Escura, Sever do Vouga — 276; Travassô, Agueda — 276
- Silva (João Tavares da)**, Familiar do S.^o Ofício — Silva Escura, Sever do Vouga — 220
- Silva (Joaquim de Abreu e)**, bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra — 239
- Silva (Joaquim Caetano de)**, cirurgião anatómico — Cedrim, Sever do Vouga — 243
- Silva (Joaquim Coelho da)**, estudante em Olinda, Pernambuco — 245
- Silva (Joaquim Pires da)**, homem de negócio em Lisboa — 267
- Silva (Joaquim Tavares da)**, bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Cânones — Silva Escura, Sever do Vouga — 276
- Silva (Jorge da Mota e)** — Aveiro — 334
- Silva (José da)** — Amoreira da Gândara, Anadia — 544; Lobão, Feira — 557; Soza Vagos — 525; Tamengos, Anadia — 525; Troviscal, Oliveira do Bairro — 538
- Silva (José da)** — Troviscal, Oliveira do Bairro — 538
- Silva (P.^o José da)**, abade da parochial igreja de S. Romão de Vermoim, Maia, e bacharel formado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra — Ovar — 539
- Silva (José Alves)**, homem de negócio no Rio de Janeiro — Silvade, Espinho — 295
- Silva (José António da)**, com loja de fazendas na cidade da Baía — 304
- Silva (José António da)**, homem de negócio no Recife de Pernambuco — 303
- Silva (José António da)**, impressor e mercador de livros em Coimbra — 310
- Silva (José António da)**, negociante no Recife de Pernambuco — 305
- Silva (José Borges da)**, morador no Rio de Janeiro — Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 326
- Silva (José Caetano da)**, praticante da aula do Comércio — 336
- Silva (José Dias da)**, comerciante

- Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 375
- Silva (José Dias da)**, mercador no Rio de Janeiro — Silva Escura, Sever do Vouga — 376
- Silva (José da Fonseca)**, negociante no Recife — 408
- Silva (Dr. José da Fonseca e) — Mouta, Anadia — 364
- Silva (José Gomes da)**, cirurgião aprovado em Évora — 428
- Silva (José Lopes da)**, capitão de navios — 451
- Silva (José Joaquim da)**, homem de negócio em Lisboa — 439
- Silva (José Machado da)**, administrador da renda da Rainha — 456
- Silva (José Rodrigues da)** — Tamengos, Anadia — 525
- Silva (Lopo da), alfaiate — Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 375
- Silva (Luís da), capitão — Fornos, Castelo de Paiva — 105
- Silva (Manuel da) — Avanca, Estarreja — 61 e 273; Soza, Vagos — 525
- Silva (Lic.^o Manuel da) — Fermelã, Estarreja — 21
- Silva (Manuel de Almeida da) — Salreu, Estarreja — 174; Valongo, Agueda — 174
- Silva (Manuel Alvares da) — Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 166
- Silva (Manuel de Azevedo da), capitão — Oliveira de Azeméis — 342
- Silva (Manuel Brandão da) — Salreu, Estarreja — 58
- Silva (Lic.^o Manuel Brandão da), Familiar do S.^o Offício — Oliveira do Bairro — 58
- Silva (Manuel Marques da), mestre tanoeiro — Cortegaça, Ovar — 69
- Silva (Manuel Tavares da) — Silva Escura, Sever do Vouga — 276; Travassó, Agueda — 276
- Silva (Manuel Tomás da) — Ovar — 206
- Silva (Margarida Josefa Vidal da) — Ilhavo — 86; Vagos — 86
- Silva (Maria da) — Arcos, Anadia — 216; Aveiro — 174; Cucujães, Oliveira de Azeméis — 330; Feira — 471; Fermelã, Estarreja — 21 e 184; Frossos, Albergaria-a-Velha — 194; Macinhata de Seixa, Oliveira de Azeméis — 375; Ovar — 222 e 539; Salreu, Estarreja — 174 e 230; S. Miguel do Mato, Arouca — 69; Válega, Ovar — 539
- Silva (D. Maria) — Feira — 446
- Silva (Maria Brandoa da) — Frossos, Albergaria-a-Velha — 194; Valongo, Agueda — 194
- Silva (Maria Tavares da) — Silva Escura, Sever do Vouga — 276
- Silva (Mariana da) — Murtosa — 212; Veiros, Estarreja — 212
- Silva (D. Mariana Pereira da) — Fermedo, Arouca — 505
- Silva (D. Mariana Teresa da) — Fermedo, Arouca — 215 e 550
- Silva (Marta da) — Bunheiro, Murtosa — 273; Veiros, Estarreja — 273
- Silva (Micaela da) — Rio Meão, Feira — 395
- Silva (Paula da) — Avanca, Estarreja — 194; Frossos, Albergaria-a-Velha — 194
- Silva (Paulo da) — S. João da Madeira — 461
- Silva (Sabina Vaz da) — Avanca, Estarreja — 273
- Silva (Sebastião da) — Amoreira da Gândara, Anadia — 544
- Silva (Suzana da) — Válega, Ovar — 153
- Silva (Teodósio Pinheiro da) — Oliveira de Azeméis — 437
- Silva (Tomé da) — Fornos, Castelo de Paiva — 46
- Silva (Valentim da) — Ovar — 539
- Silva (Ventura da) — Madail, Oliveira de Azeméis — 437
- Silva (Vicência da) — Feira — 153; Válega, Ovar — 153
- Silveira (André da) — Ilhavo — 291
- Silveira (D. Brites Joana Teresa da) — Aveiro — 226 e 227
- Silveira (Clara Ribeira da) — Aveiro — 15, 226 e 227
- Silveira (Isabel Maria da) — Mouta, Anadia — 520 e 521
- Silveira (João de Sousa Ribeiro da)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo — Aveiro — 226
- Silveira (João de Sousa Ribeiro da), cavaleiro professo da Ordem de Cristo e Familiar do S.^o Offício — Aveiro — 227
- Silveira (José da)** — 549
- Silveira (P.^o José Alvares da)**, sacerdote do hábito de S. Pedro — 291

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Silveira (José de Barros da)**—Esgueira, Aveiro — 317 e 318
- Silveira (José de Barros da)**, Familiar do S.^{to} Ofício — Esgueira, Aveiro — 318
- Silveira (José Joaquim da)**—441
- Silveira (Maria da)** — Aveiro — 15, 226 e 227
- Silveira (D. Maria Jerónima da)**—Aveiro — 15, 226 e 227
- Silvestre (Gaspar)** — Aveiro—145
- Simões (André)** — Arcos, Anadia — 216; Luso, Mealhada — 551
- Simões (Antónia)** — Ancas, Anadia — 544; Avelãs do Caminho, Anadia — 462; Ilhavo — 364
- Simões (António)** — Arcos, Anadia — 499; Silva Escura, Sever do Vouga — 376
- Simões (Apolónia)** — Mouta, Anadia — 516
- Simões (Bárbara)** — Vilarinho do Bairro, Anadia — 224
- Simões (Catarina)** — Requeixo, Aveiro — 412
- Simões (Domingas)** — Avelãs do Caminho, Anadia — 462; Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 72
- Simões (Domingos)** — Ancas, Anadia — 544; Oia, Oliveira do Bairro — 104
- Simões (Domingos)**, o «Manco» — Ancas, Anadia — 190
- Simões (Eulália)** — Mouta, Anadia — 516
- Simões (Filipa)** — Aveiro — 19 e 20
- Simões (Francisco)** — Roge, Vale de Cambra — 217
- Simões (Henrique)**—Aveiro — 358
- Simões (Isabel)**—Espinhel, Águeda — 59 e 218; Fermentelos, Águeda — 452; Oia, Oliveira do Bairro — 59, 218 e 240; Requeixo, Aveiro — 412
- Simões (Joana)** — Bustos, Oliveira do Bairro — 538; Troviscal, Oliveira do Bairro — 538
- Simões (João)** — Arcos, Anadia — 216
- Simões (João)** — Águeda — 314; Anadia — 499; Arcos, Anadia — 216; Requeixo, Aveiro — 412; Vila Nova de Monsarros, Anadia — 499
- Simões (José)** — Luso, Mealhada — 551
- Simões (Luís)** — Ilhavo — 355; Soza, Vagos — 355
- Simões (Luís)**, o «Pai Nana» — Aveiro — 490
- Simões (Madalena)** — Oia, Oliveira do Bairro — 248 e 541
- Simões (Manuel)** — Águeda de Cima, Águeda — 370; Bustos, Oliveira do Bairro — 538; Ilhavo — 355 e 413; Oia, Oliveira do Bairro — 240; Sever do Vouga — 376 e 419
- Simões (Maria)** — Águeda — 481; Anadia — 160; Ancas, Anadia — 544; Arcos, Anadia — 516; Aveiro — 358; Avelãs do Caminho, Anadia — 186; Fermentelos, Águeda — 104; Ilhavo — 399; Luso, Mealhada — 551; Mouta, Anadia — 516; Sangalhos, Anadia — 102 e 481
- Simões (Mariana)** — Arcos, Anadia — 499; Tamengos, Anadia — 499
- Simões (Mateus)** — Mouta, Anadia — 160
- Simões (Nazaré)** — Ilhavo — 399
- Simões (Pedro)** — Anadia — 492; Avelãs do Caminho, Anadia — 186; Barró, Águeda — 59; Mouta, Anadia — 160; Oia, Oliveira do Bairro — 59
- Siqueira (João de)**, cereeiro — Águeda — 219
- Soares (André Alves)**—Macinhata do Seixa, Oliveira de Azeméis — 338; Oliveira de Azeméis — 338
- Soares (Antónia)** — Avelãs do Caminho, Anadia — 224; S. João da Madeira—140; S. Jorge, Feira — 414
- Soares (António)**, cirurgião da Casa Real — Lobão, Feira — 297
- Soares (Domingos)** — Loureiro, Oliveira de Azeméis — 351
- Soares (Francisca)** — Alvarenga, Arouca — 552; Aveiro — 145; Oliveira de Azeméis — 437
- Soares (Francisco)** — Mogofores, Anadia — 224; Real, Castelo de Paiva — 180 e 241; Recardães, Águeda — 224
- Soares (Isabel)** — Oliveira de Azeméis — 166; Rio Meão, Feira — 140; Ul, Oliveira de Azeméis — 166
- Soares (João Coelho)** — Loureiro, Oliveira de Azeméis — 351
- Soares (João de Matos)** — Ovar — 140
- Soares (José Coelho)** — Loureiro, Oliveira de Azeméis — 351

- Soares (José da Costa)**, mercador de sobrado na cidade da Baía — 366
- Soares (Julião Ferreira)** — Valongo, Águeda — 52
- Soares (Maria)** — Codal, Vale de Cambra — 347; Loureiro, Oliveira de Azeméis — 140 e 351
- Soares (Maria)**, solteira — Fermelã, Estarreja — 184
- Soares (Maria Angélica)** — Alvarenga, Arouca — 301
- Soares (Maria Monteira)**—Aveiro — 172
- Soares (Lic.º Matias)** — Feira — 532
- Soares (Nicolau)** — Codal, Vale de Cambra — 181
- Soares (Pero)** — Codal, Vale de Cambra — 181
- Soares (Rosa Maria)** — Avelãs do Caminho, Anadia — 224; Mogofores, Anadia — 224
- Soares (Salvador de Matos)**, Familiar do S.º Ofício — Feira — 140; Ovar — 140; Rio Meão, Feira — 140
- Sobreiro (António Luís)**, ferreiro — Águeda — 307
- Soto Maior (P.º Joaquim de Távora)**, clérigo ordenado com benefício, formado nos Sagrados Cânones — 277
- Soto Maior (José Pinto de Almeida)**, sargento-mor da vila de Espinhel, Águeda — 504
- Soto Maior (Luísa Angélica Teles de Meneses)** — Sardoura (S.ª Maria), Castelo de Paiva — 341; Sobrado, Castelo de Paiva—341
- Soto Maior (D. Serafina Ana Joaquina Artiaga)**—Espinhel, Águeda — 504
- Sousa (Angela de)** — Olival, Feira (actualmente de V. N. de Gaia) — 385
- Sousa (Antónia Maria de)** — Tropeço, Arouca — 349
- Sousa (Domingas de)** — Fermelã, Estarreja — 340
- Sousa (Domingos Fernandes de)**— Familiar do S.º Ofício — Feira — 436
- Sousa (Domingos Fernandes de)**, tenente-coronel e Familiar do S.º Ofício — Feira — 248
- Sousa (Filipe de)** — Mozelos — Feira — 474
- Sousa (Francisco de)**—serralheiro — Aveiro — 430
- Sousa (Inácio)** — Aveiro — 554
- Sousa (Isabel Correia de)** — Mogofores, Anadia — 224
- Sousa (Jacinto Leal de)**, reitor da igreja paroquial de S. Pedro de Canedo, Feira — 3
- Sousa (Lic.º Jacinto Leal de)**, reitor da paroquial igreja de S. Pedro de Canedo, Feira — 2
- Sousa (Joana de)** — Rio Meão, Feira — 489
- Sousa (João de)** — 221
- Sousa (João de)** — Arrifana, Feira — 222
- Sousa (João de)** — Arrifana, Feira — 222
- Sousa (P.º João Bernardino Leite de)**, vigário sucessor da freg. de S. Cristóvão da vila de Ovar — 54
- Sousa (João Ferreira de)**, mercador na vila de Aveiro — 88
- Sousa (P.º João Monteiro de)**, vigário da igreja do Espírito Santo de Aveiro — 147
- Sousa (Joaquim Fernandes de)**, da vila do Recife, Pernambuco — 248
- Sousa (Dr. Joaquim Maurício de Pinho e)**, cavaleiro da Ordem de Cristo e opositor às cadeiras da Universidade de Coimbra — 262
- Sousa (Joaquim Rodrigues de)**, homem de negócio em S. João da Foz — 271
- Sousa (P.º Frei José de)**, religioso carmelita e prior do seu convento de Lisboa — 553
- Sousa (José Cirne de)** — 349
- Sousa (P.º Dr. José de Horta Sanches de)**, graduado na Sagrada Teologia e reitor da igreja de Freixo de Numão — 430
- Sousa (Frei José de Jesus Maria)**, pregador da Ordem de S. Francisco da Província de S.º António do Brasil — 436
- Sousa (José Nicolau Ferreira de)**, estudante — 477
- Sousa (José Pereira de)** — Paramos, Espinho — 497
- Sousa (José de Pinho e)**, homem de negócio no Porto — 503
- Sousa (José Rodrigues de)**, mercador com tenda de capela em Lisboa — 526
- Sousa (Manuel)** — Aveiro — 11 e 430
- Sousa (Manuel Pereira de)**—Paranhos, Espinho — 497

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Sousa (Maria de) — Avelãs do Caminho, Anadia — 442
- Sousa (Mariana Vareira de), recolhida no Mosteiro de Jesus—Aveiro — 169
- Sousa (Vicência de) — Mozelos, Feira — 474
- Souto (Francisco Rodrigues do)—Branca, Albergaria-a-Velha—161
- Souto (José António do)**, oficial de alfaiate — 307
- Souto (José Pio Ferreira)**, estudante cursante na Universidade de Coimbra — 510
- Souto (Manuel Domingos) — Agueda — 28
- Taborda (Jacinto Pereira)**, ceireiro em Evora — 6
- Tavares (Águeda) — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 220; Silva Escura, Sever do Vouga — 220
- Tavares (Amaro), Familiar do S.^o Ofício — Aveiro — 48
- Tavares (Antónia) — Rossas, Arouca — 286
- Tavares (Catarina) — Castelões, Vale de Cambra — 53 e 275; Chave, Arouca — 274 e 547; Rocas, Sever do Vouga — 236, 257 e 559
- Tavares (Lic.^o Cipriano Martins)—Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 220; Salreu, Estarreja — 220
- Tavares (Domingos) — Aveiro — 482; Travanca, Oliveira de Azeméis — 482
- Tavares (Domingos Jorge) — Avelãs do caminho, Anadia — 224; Mealhada — 224
- Tavares (Estêvão), lavrador — Couto de Esteves, Sever do Vouga — 236, 257 e 559—Rocas, Sever do Vouga — 236, 257 e 559
- Tavares (Francisco) — Silva Escura, Sever do Vouga — 230
- Tavares (Gaspar) — Silva Escura, Sever do Vouga — 230
- Tavares (Inácio)—Castelões, Vale de Cambra — 228
- Tavares (Jerónimo) — Rossas, Arouca — 234
- Tavares (João) — Albergaria-a-Velha — 558; Castelões, Vale de Cambra — 229; Pessegueiro, Sever do Vouga — 68; Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha—556, Vale Maior, Albergaria-a-Velha—558; Valongo, Agueda — 171
- Tavares (P.^o João Teixeira)**, abade da igreja de S. Miguel do Vale de Arouca — Urrô, Arouca—234
- Tavares (P.^o Joaquim da Silva)**—274
- Tavares (José Pedro)** — 482
- Tavares (P.^o José da Silva)**, reitor colado da igreja do Salvador de Ramalde, bacharel formado nos Sagrados Cânones — 547
- Tavares (José Soares Mendes)**—Alvarenga, Arouca — 552
- Tavares (Luís), escrivão da Câmara da vila de Cachoeira — Aveiro — 482
- Tavares (Luís Mendes) — Alvarenga, Arouca — 301
- Tavares (Luísa)—Tropeço, Arouca — 103
- Tavares (Manuel) — Alvarenga, Arouca — 552; Chave, Arouca — 274 e 547; Palmaz, Oliveira de Azeméis — 482; Urrô, Arouca — 557
- Tavares (Manuel), Familiar do S.^o Ofício — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 72
- Tavares (Dr. Manuel), Familiar do S.^o Ofício — Silva Escura, Sever do Vouga — 220
- Tavares (Manuel Soares), capitão — Alvarenga, Arouca — 552
- Tavares (Manuel Teixeira) — Arouca — 7; Burgo, Arouca — 7
- Tavares (Marcos) — Macieira de Cambra, Vale de Cambra — 274 e 547
- Tavares (Maria) — Albergaria-a-Velha — 558; Aveiro — 323; Burgo, Arouca — 7 e 234; Castelões, Vale de Cambra — 53, 229 e 275; Chave, Arouca — 320; Rossas, Arouca — 7; Silva Escura, Sever do Vouga — 230
- Tavares (D. Maria Teixeira) — Arouca — 322
- Tavares (Mariana de Pinho) — Alvarenga, Arouca — 552
- Tavares (Pedro Rodrigues) — Valongo, Agueda — 171
- Tavares (Rosa de Pinho) — Alvarenga, Arouca — 552
- Tavares (P.^o Sebastião), ex-comisário do S.^o Ofício em Arouca e prior da freg. de N.^a S.^a da Purificação de Vila Chã, Vale de Cambra — 234
- Tavares (Simão Martins)—Ribeira

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- de Frágoas, Albergaria-a-Velha—220
- Tavares (Tomé) — Rossas, Arouca — 286; Urró, Arouca — 286
- Teixeira (Antónia Rodrigues) — Feira — 12; Válega, Ovar—12
- Teixeira (António) — Rossas, Arouca — 480
- Teixeira (António), o «Ratinho» — Urró, Arouca — 480
- Teixeira (António Tavares) — Arouca — 7 e 446
- Teixeira (Bernarda Caetana de Melo) — Feira — 532; S. João de Ver, Feira — 532
- Teixeira (Diogo de Pinho) — Ovar 94 e 280; Vagos — 94 e 280
- Teixeira (Domingas) — Angeja, Albergaria-a-Velha — 233
- Teixeira (Gonçalo)—Burgo, Arouca — 7 e 234; Rossas, Arouca — 7
- Teixeira (Jacinta de Melo)—Feira — 532
- Teixeira (Jacinto de Quadros)** — Arouca — 7
- Teixeira (Dr. José dos Reis)**, graduado na Faculdade dos Sagrados Cânones, opositor às cadeiras da Universidade de Coimbra — 513
- Teixeira (Maria)—Rossas, Arouca — 128
- Teixeira (Paulo) — Rossas, Arouca — 480; Urró, Arouca — 480
- Teles (Agostinho Pacheco), Familiar do S.^{to} Offício — Valongo, Agueda — 44
- Teles (João Baptista de Figueiredo Pacheco)**, formado em Cânones, habilitado pela Mesa do Desembargo do Paço para os lugares de letras e cônego penitenciário da Sé de Viseu — Valongo, Agueda — 44
- Teles (João d'Eça) — Aveiro — 280
- Teles (José Caetano de Malafaia Mascarenhas Homem)**, sargento-mor — 332
- Temudo (João da Fonseca)** — Aveiro — 97
- Temudo (João da Fonseca), Familiar do S.^{to} Offício — 93 e 97
- Tereno (Manuel da Costa) — Esgueira, Aveiro — 366
- Tereno (Manuel Luís) — Esgueira, Aveiro — 366
- Teresa (D. Francisca) — Esgueira, Aveiro — 91
- Teresa (Maria) — Lourosa, Feira — 138
- Tomé (Diogo) — Aguada de Cima, Agueda — 300
- Tomé (Isabel) — Angeja, Albergaria-a-Velha—246; Sangalhos, Anadia — 186
- Tomé (Maria) — Real, Castelo de Paiva — 343; Vagos — 514
- Tomé (Simão) — Ribeira de Frágoas, Albergaria-a-Velha — 556
- Torres (P.^o José Joaquim de Sousa e)**, sacerdote do hábito de S. Pedro, bacharel formado pela Universidade de Coimbra e pároco da igreja de Condeixa-a-Nova — 442
- Torres (José da Silva)**, armador no Rio de Janeiro — 548
- Travassos (Manuel) — S. Vicente de Pereira, Ovar — 316
- Tristão (Isabel) — Alvarenga, Arouca — 552
- Tristão (Pedro Mendes) — Alvarenga, Arouca — 552
- Valadares (P.^o José Leandro de Sousa)**, presbítero do hábito de S. Pedro e abade da igreja de S. João Baptista da Silva Escura Sever do Vouga — 444
- Valdês (José de Sousa)**, juiz de fora na villa de Almada — 555
- Vale (P.^o Francisco Januário)**, Familiar do S.^{to} Offício e reitor da freg. de S. Miguel do Souto, Feira — 353
- Vale (José Constâncio)**, homem de negócio no Porto — 353
- Vale (José Rodrigues)**, comissário das feitorias em Belém — 527
- Valente (Ana) — Oliveira de Aze-
méis — 342
- Valente (Ana Angélica Rosa Gualberta Pereira) — Ovar — 385
- Valente (Anastácia) — Gião, Feira — 390
- Valente (Antónia) — Gião, Feira — 390
- Valente (António) — Oliveira de Aze-
méis — 313
- Valente (António Pereira) — Ovar — 385
- Valente (António Pereira), alferes e Familiar do S.^{to} Offício—Ovar —124
- Valente (Bernarda da Silva)—Salreu, Estarreja — 174; Valongo, Agueda — 174
- Valente (Domingas)—Avanca, Estarreja — 131; Salreu, Estarreja — 131

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Valente (B.^o Francisco Xavier Pereira), Familiar do S.^o Ofício — Ovar — 385
- Valente (João) — Ovar — 222
- Valente (P.^o Dr. João Caetano Pereira)**, presbítero do hábito de S. Pedro e prior da igreja de S. João do Loureiro, Oliveira de Azeméis — 60; Avanca, Estarreja — 60
- Valente (José Fernandes)**, homem de negócio na cidade da Baía—Gião, Feira — 390
- Valente (Madalena) — Ovar—385
- Valente (Maria)—Oliveira de Azeméis — 342; Ovar — 222; Santiago de Beduido, Estarreja—89
- Valente (Maria Pacheco)—Salreu, Estarreja — 131
- Valente (Teresa) — Avanca, Estarreja — 60
- Vareiro (José Rodrigues)**, capitão de mar-e-guerra — 528
- Vareiro (Manuel Rodrigues) — Ovar — 528
- Varela (António de Bastos)—Vila Chã, Vale de Cambra — 437
- Varela (Domingos do Rosário), Familiar do S.^o Ofício — Santiago de Riba d'Ul, Oliveira de Azeméis — 262
- Varela (Lic.^o João da Silva)** — Aveiro — 214
- Varela (Joaquim Ferreira)**, homem de negócio no Rio de Janeiro — 250
- Varela (Maria) — Arouca — 491; S.^o Eulália, Arouca — 250
- Varela (D. Mariana Pereira) — Aveiro — 172
- Vasconcelos (António de Arzila e) — Lamas, Agueda — 564
- Vasconcelos (D. Bernarda Margarida de Tavares Teixeira de) — Agueda — 93
- Vasconcelos (Caetano Álvares de) — Sardoura (S. Martinho), Castelo de Paiva — 292
- Vasconcelos (D. Emerenciana de) — Aradas, Aveiro — 316
- Vasconcelos (D. Joana Travassos de) — Aradas, Aveiro — 316; Aveiro — 316
- Vasconcelos (João da Costa de)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo — 70
- Vasconcelos (Jorge de Cabedo de)** — 281
- Vasconcelos (José de Almeida e)** — 290
- Vasconcelos (P.^o José Alvares de)**, pároco da freg. de Sardoura (S. Martinho), Castelo de Paiva — 292
- Vasconcelos (P.^o José Caetano Soares de)**, presbítero do hábito de S. Pedro e bacharel formado nos Sagrados Cânones pela Universidade de Coimbra—Oliveira de Azeméis — 338
- Vasconcelos (José Cardoso de Carvalho Fonseca e)**, fidalgo da Casa de S. Mag.^{do} e Cavaleiro professo da Ordem de Cristo — 341
- Vasconcelos (Frei José Xavier de)**, freire conventual da Ordem Militar de S. Bento de Aviz e prior da igreja de S. Bartolomeu de Vila Viçosa, com actos grandes na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, e colegial do Colégio das Ordens Militares — Mouta, Anadia — 564
- Vasconcelos (D. Luisa Maria Viçência de) — Lamas, Agueda — 564; Mouta, Anadia — 564
- Vasconcelos (Lic.^o Manuel Mendes de Barbuda e) — Aradas, Aveiro — 316; Aveiro — 316
- Vasconcelos (D. Maria Josefa de) — Aradas, Aveiro — 316; Aveiro — 316
- Vasconcelos (Lic.^o Pedro Soares dos Reis), Oliveira de Azeméis—338
- Vaz (Antónia) — Castelões, Vale de Cambra — 445
- Vaz (Estêvão) — Avanca, Estarreja — 239
- Vaz (Francisca) — Burgo, Arouca — 66
- Vaz (Francisco)—Tamengos, Anadia — 201
- Vaz (Isabel) — Castelões, Vale de Cambra — 445
- Vaz (Jerónima) — Carregosa, Oliveira de Azeméis — 320
- Vaz (João) — Avelãs do Caminho, Anadia — 186
- Vaz (Jorge)—Vilarinho do Bairro, Anadia — 224
- Vaz (Manuel) — Avanca, Estarreja — 273; Mouta, Anadia—516
- Vaz (Maria) — Avanca, Estarreja — 61; Burgo, Arouca — 66; Castelões, Vale de Cambra — 445
- Veiga (Ana dos Santos da)—Ílhavo — 33
- Veiga (Juliana da) — Vagos — 86

- Veirão (Manuel Dias) — Fermelã, Estarreja — 87; Veiros, Estarreja — 87
- Veirão (Manuel Martins) — Fermelã, Estarreja — 87
- Velho (João Baptista) — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 72
- Velho (José Marques) — 462
- Velho (Manuel Rolão) — Aveiro — 530; Beduído, Estarreja — 530
- Vermelho (Manuel Rodrigues) — Ovar — 528
- Vicente (Isabel)—Sever do Vouga — 419
- Vicente (José), confeiteiro em Lisboa — 561
- Vicente (Manuel) — Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 561
- Vicente (Maria) — Mouta, Anadia — 516; Rocas do Vouga, Sever do Vouga — 561
- Vicente (Maria de Pinho) — Salreu, Estarreja — 220
- Vidal (António Leite) — S. João da Madeira — 29
- Vidal (Gaspar dos Reis), Familiar do S.^o Ofício — Aveiro — 159, 177 e 202; Valongo, Águeda — 159, 177 e 202
- Vidal (Isabel) — Ilhavo — 86
- Vidal (P.^o João dos Reis), vigário da igreja de S. Miguel de Ribeiradio, Oliveira de Frades — Valongo, Águeda — 177
- Vidal (P.^o João dos Reis), vigário da igreja de S. Miguel de Ribeiradio, Oliveira de Frades — Valongo, Águeda — 202
- Vidal (Júlia Nunes)—Ilhavo—86
- Vidal (Manuel Leite) — S. João da Madeira — 29
- Vidal (Marçal)—Valongo, Águeda — 159
- Vidal (Maria) — Valongo, Águeda — 131, 159, 177 e 202
- Vidal (D. Maria da Assunção) — Águeda — 28
- Vidal (D. Maria Eugénia Pacheco Teles de Arede) — Valongo, Águeda — 44
- Vidal (Sebastiana) — Valongo, Águeda — 202
- Viegas (José Rodrigues), mercador de lã e seda em Lisboa — 529
- Vieira (Catarina)—Rossas, Arouca — 234
- Vieira (Francisca) — Alvarenga, Arouca — 301
- Vieira (Frutuoso) — Fermedo, Arouca — 562; Sardoura (S.^{ta} Maria), Castelo de Paiva — 562
- Vieira (João) — Paraíso, Castelo de Paiva — 510
- Vieira (João Alves), homem de negócio em Lisboa — 31
- Vieira (José Pinto), morador em S. João d'El Rei, Rio das Mortes, Minas Gerais — 509
- Vieira (Madalena) — S. Jorge, Feira — 368
- Vieira (Maria) — Ilhavo — 413; Oliveirinha, Aveiro — 412; Requeixo, Aveiro — 412; Soza, Vagos — 413; Tropeço, Arouca — 103
- Vigário (Maria João) — Arões, Vale de Cambra — 367
- Vilas Boas (José António de), tabelião proprietário de um dos officios do público, judicial e notas de Barcelos — 308
- Vilhena (D. Antónia de) — Aveiro — 11
- Vilhena (D. Maria de) — Aveiro — 11
- Viloques (Isabel Francisca)—Avelãs de Caminho, Anadia — 10
- Viveiros (D. Ana Maria de)—Feira — 281
- Zuzarte (João da Silveira), estudante de Coimbra — 215
- Zuzarte (José da Silveira), opositor aos lugares de letras — 550

b) TOPONÍMICO

AGUEDA

- Agadão — Duarte (João) — 78; Duarte (P.^o José) — 378; Duarte (P.^o José), notário do S.^o Ofício — 78; Duarte (Maria) — 78 e 378; Henriques (Pedro) — 421; João (Pedro) — 78 e 378.

- Aguada de Baixo—Afonso (Isabel) — 16; Barreto (Domingos João) — 476; João (Gaspar), taberneiro em Coimbra—145; Oliveira (Ana de) — 476; Oliveira (Isabel de) — 476.

Aguada de Cima—Almeida (Helena

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- de)—300; Almeida (Maria de)—300; André (Domingos)—377; Cruz (Amaro da)—370; Fernandes (Isabel)—144; Fernandes (Margarida)—377; Fernandes (Maria)—201 e 406; Gomes (Fernão)—144; Gomes (Francisco)—144; Gonçalves (António)—202; Henriques (João)—377; Henriques (Maria)—377; Maria (Joana)—452; Maria (Josefa)—377; Marques (André)—201; Marques (Domingos)—377; Henriques (Maria)—370 e 377; Martins (Ana)—406; Martins (Pedro)—406; Sequeira (Jerónimo de Miranda)—144; Sequeira (Maria de)—144; Simões (Manuel)—370; Tomé (Diogo)—300.
- Agueda**—Afonso (Isabel)—16; Almeida (D. Ana Micaela de)—28; Almeida (P.º António de)—481; Almeida (Francisco de)—290; Almeida (Isabel de)—152; Almeida (Manuel de)—290; Almeida (Manuel de), barbeiro—411; Almeida (Manuel Nunes de), capitão, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e Familiar do S.º Offício—28; Almeida (Maria Rebelo de)—152; Almeida (Pero Fernandes de)—411; Amaral (Francisco da Fonseca do)—174; Amaral (Paula Rebelo do)—174 e 329; André (Catarina)—219; Ascensão (Maria da)—28; Barbosa (Ana)—109 e 314; Barbosa (Domingos)—314; Barbosa (Dr. José), juiz da Legacia em Lisboa—314; **Barbosa (P.º José)**, prior da igreja de Cuba—314; Barbosa (P.º José), prior da freg. de Cuba e Comissário do S.º Offício—109; Barbosa (Maria)—314; Branca (Maria Barbosa)—109; Branco (Manuel Simões)—109 e 314; Brandão (Bento de Figueiredo)—28; **Brandão (João Alves de Figueiredo)**, juiz de fora em Lamego—28; **Cardoso (José)**—339; Carvalho (Constantino da Silva de)—170 e 507; Carvalho (Francisco de Figueiredo e)—448; Carvalho (D. Maria Pinto de)—564; Estêvão (António João)—165; Estêvão (António José)—165; **Estêvão (João Pinheiro)**—165; Fernandes (António)—339; Fernandes (Pedro)—409; Ferreira (Manuel)—82; Ferreira (Maria Tavares)—93; Figueiredo (D. Caetana Maria de)—170 e 507; Figueiredo (D. Luísa Maria Pinheiro de Carvalho e)—448; Francisco (Domingos), o «Sobreiro»—307; Francisco (Mateus)—307; Gabriel (Isabel)—411; Gomes (Maria)—165; Henriques (João)—82; Homem (Francisco Ferreira)—400; Homem (Manuel Rodrigues)—93 e 455; Jesus (Isabel Pereira de)—165; Jesus (D. Rosa Maria de)—455; Jesus (D. Rosa Maria Tavares de)—93; João (Manuel)—219; João (Mariana)—314; Jorge (Antónia)—249; Jorge (Luís)—314; Lopes (Catarina)—187 e 314; Lopes (João Pereira)—249; Lopes (Luís Pereira), mestre ourives de prata e ouro—249; Lemos (António de Almeida)—102; Lemos (Benef.º António de Almeida)—481; Luís (Ana)—307; Luís (Maria)—307; **Macedo (João Pinto de)**—170; Macedo (João Pinto de), mestre de campo de auxiliares e Familiar do S.º Offício—507; **Macedo (José Pinto de)**—507; Macedo (D. Maria Pinheiro de)—448; Macedo (Miguel Pinto de), Familiar do S.º Offício—170 e 507; Maria (Joana)—339; Martins (Antónia)—339; Martins (Gomes)—16; Martins (Gonçalo)—16; Martins (João)—339; Mateus (Maria)—82; Matos (Maria de)—339; Moraes (Maria de)—290; **Morilhas (José Luís Vaz)**—455; Morilhas (Dr. José Luís Vaz), Familiar do S.º Offício—93; Morilhas (Dr. Lourenço Gonçalves Vaz)—93 e 455; Paiva (Isabel Pinto de)—170 e 507; Pinheiro (Catarina)—165; Pinheiro (João Pinto)—170 e 507; Pinheiro (Maria)—170 e 507; Pinho (António de)—58; Pinta (Guiomar)—16; Pinto (D. Angela Josefa de Afonseca Sousa)—28; Pinto (Branca de Afonseca Sousa)—28; Pinto (Eulália da Silva)—170 e 507; **Pinto (Jerónimo)**—16; Pinto (Francisco)—187; Rabela (Paula)—174; Rebelo (Sebastião de Pinho)—152; Rodrigues (Francisca)—382; Simões (João)—314; Simões (Maria)—481; Siqueira (João de), cereeiro—219; Sobreiro (Antó-

- nio Luís), ferreiro — 307; Souto (Manuel Domingos) — 28; Valente (Bernarda da Silva) — 174; Vasconcelos (D. Bernarda Margarida de Tavares Teixeira de) — 93; Vidal (D. Maria da Assunção) — 28.
- Barrô* — Almeida (Florência de) — 143; Alves (António) — 284; Benevides (João Monteiro França de) — 42; Clara (D. Francisca Maria Pereira) — 42; França (D. Ana Maria da) — 42; Gonçalves (Domingos) — 284; João (Isabel) — 284; Marques (Manuel) — 82; Miranda (António de), Familiar do S.^o Ofício — 143; Pires (Isabel) — 284; Simões (Pedro) — 59.
- Belazaima* — João (António) — 516; João (Isabel) — 516; João (Miguel) — 516.
- Castanheira do Vouga* — Almeida (Helena de) — 300; Almeida (Pedro de) — 300; **Cardoso (José)** — 339; Duarte (João) — 78 e 378; Duarte (Maria) — 78 e 378; Ferreira (Antónia) — 78 e 378; Fonseca (Luís da) — 339; Macedo (Mariana de) — 339; Madail (Maria de) — 300; Maria (Ana) — 339; Marques (Manuel) — 339.
- Espinhel* — Almeida (D. Brites Pinto de) — 504; Almeida (D. Francisca Bernarda Pinto de) — 504; Almeida (Francisco Pinto de) — 504; Baptista (João) — 82; **Baptista (João Ferreira)** — 82; Estima (António Francisco) — 251; **Estima (Joaquim Francisco)** — 251; Estima (Tomás Francisco) — 251; **Félix (João Ferreira)** — 399; Ferreira (Antónia) — 251; Ferreira (António) — 399; Ferreira (Giralda) — 399; Ferreira (Isabel) — 399; Ferreira (Isabel) — 82; Ferreira (Joana) — 251 e 399; Ferreira (Maria) — 82; Francisco (Manuel) — 399; José (António) — 251; Macedo (Cristóvão Pinto de Almeida e), Familiar do S.^o Ofício e capitão-mor da vila de — — 504; Matos (Manuel de) — 59 e 218; Pereira (Leonor) — 504; Rodrigues (Luísa) — 399; Rodrigues (Maria Josefa) — 251; Saimeiro (João Ferreira) — 399; Saimeiro (Manuel João) — 82; Simões (Isabel) — 59 e 218; **Soto Maior (José Pinto de Almeida)**, sargento-mor da vila de — — 504; Soto Maior (D. Serafina Ana Joaquina Artiago) — 504.
- Fermentelos* — André (Manuel) — 452; Antónia (Maria) — 59 e 218; Domingues (Catarina) — 104; Ferreira (Francisco) — 452; João (Simão) — 59 e 218; João (Simão), o «Seco» — 59 e 218; Morgado (Manuel Simões) — 104; **Neves (João Francisco das)** — 104; Neves (Manuel Francisco das) — 104; Simões (Isabel) — 452; Simões (Maria) — 104.
- Lamas do Vouga* — Almeida (António), capitão — 233; Carvalho (D. Maria Pinto de) — 564; Ferraz (Brites de Góis) — 233; João (Maria) — 110; Marques (João) — 110; Marques (Manuel) — 110; Vasconcelos (António de Arzila e) — 564; Vasconcelos (D. Luísa Maria Viçência de) — 564.
- Maciceira de Alcobá* — Antónia (Bernarda) — 165; Costa (Sebastião da) — 165; Domingues (Clara) — 165; Luís (Domingos) — 165; Luís (João) — 165; Macedo (Maria de) — 165; Macedo (Tomásia Rita de) — 165.
- Macinhata do Vouga* — Afonso (João) — 558; Almeida (D. Brites Pinto de) — 504; Almeida (Joana de) — 235; Almeida (Simão Pinto de) — 28 e 504; Antónia (Maria) — 558; Conceição (Maria da) — 78; Dias (Isabel) — 192; Domingues (António), o «Beijo» — 78; Domingues (Manuel), o «Negro» — 78; Fernandes (Marcos) — 558; Fonseca (Francisca da) — 504; João (António) — 558; Josefa (Maria) — 78; Maria (Brites) — 558; Maria (Isabel) — 78; Nunes (Catarina) — 558; Nunes (Maria) — 558; Pereira (Francisco Domingues) — 78; Pereira (Leonor) — 504; Pinto (D. Angela Josefa de Afonseca Sousa) — 28; Pinto (Branca de Afonseca Sousa) — 28; Rodrigues (Isabel) — 78.
- Ois da Ribeira* — Baeta (Manuel Ferreira) — 452; Ferreira (Francisco) — 452; Ferreira (Maria) — 452; Henriques (Águeda) — 82; Henriques (João) — 82; Jorge (Maria) — 1; **Luís (José)** — 452; Maria (Joana) — 452; Maria (Rosa) — 452; Mateus (Maria) — 82.
- Préstimo* — Alarcão (Francisco José

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Xavier Cardoso de), fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} e donatário do Conc.^o de Fervedo e — 467; André (Maria) — 117 e 477; André (Miguel) — 117 e 477; Bastos (Manuel de Sousa) — 117 e 477, Coelho (António Luís Pinto), moço fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} e donatário dos Coutos de Fervedo e — 467; Pinheira (Maria) — 165; Ribeiro (Manuel) — 165.
- Recardães** — **Baptista (João Ferreira)** — 82; Ferreira (António) — 82; Ferreira (Manuel) — 82; Henriques (Agueda) — 82; Homem (Henrique de Almeida) — 318; Jesus (Maria Ferreira de) — 82; Jorge (Madalena) — 82; Miranda (Antónia de) — 144; Sequeira (António de) — 144; Sequeira (Maria de) — 144; Soares (Francisco) — 224.
- Segadães** — António (Simão) — 303 e 305; João (Isabel) — 130.
- Travassô** — Castro (Maria de) — 276; Silva (João Tavares da), capitão — 276; Silva (Manuel Tavares da) — 276.
- Troja** — Branca (Catarina Barbosa) — 109; Branca (Maria Barbosa) — 109; Jorge (Domingos) — 314; Jorge (Luís) — 109 e 314; Jorge (Manuel) — 109 e 314; Jorge (Maria) — 109 e 314; Lemos (Bernardo de Carvalho e), Senhor das vilas de Alfarela e — 454; Lemos (Diogo Gomes de), Senhor da vila de — 500; Lemos (Xavier Francisco de Sousa e) — 454; Meneses (D. Maria Madalena de Sousa e), Senhora das vilas de Alfarela e — 454.
- Valongo** — Afonso (Manuel) — 285; Afonso (Sebastião) — 114; Almeida (Gabriel Luís de) — 131; Almeida (Isabel de) — 159, 171 e 543; Almeida (Jerónima de) — 131; Almeida (Joana de) — 171 e 233; **Almeida (João Luís de)** — 131; **Almeida (B.^o João Quaresma de)**, juiz de fora da vila de Aveiro — 171; **Almeida (João Teixeira Rebelo de)** — 233; Almeida (Manuel de) — 119; Almeida (P.^o Manuel de), cônego da Sé de Leiria — 52; Almeida (Manuel Nunes de), capitão, cavaleiro professor da Ordem de Cristo e Familiar do S.^o Ofício — 28; Almenda (Marcela Soares de) — 52; Almeida (Maria de) — 28, 37, 52 e 519; Almeida (Maria de Magalhães de) — 233; Almeida (Paula de) — 194; Anes (Amaro) — 194; Arede (Francisca Gomes de) — 114; Arede (Manuel de) — 114; Arede (Pedro de) — 233; Arede (Sebastião de) — 233; Baptista (João) — 171; Conceição (Isabel da) — 171; Conceição (Maria da) — 233; **Cruz (José Rodrigues da)**, ourives de ouro no Rio de Janeiro — 519; Cruz (Manuel Rodrigues da) — 519; Dias (Maria) — 159; Domingues (Antónia) — 176; Duarte (Isabel) — 193; **Duarte (João Rodrigues)**, comissário do correio no Rio de Janeiro — 193; **Estima (Joaquina Francisco)** — 251; Fernandes (Geraldão) — 339; Fernandes (Maria) — 171; Fernandes (Pedro) — 285; Fernandes (Sebastião) — 177 e 202; Ferreira (Joana) — 37; **Ferreira (João Rodrigues)**, capitão — 194; **Ferreira (José Afonso)** — 285; Ferreira (Petronila) — 409; Figueiredo (Nicolau Baptista de) — 44; Frade (João Luís), capitão — 194; Francisca (Antónia) — 519; Francisca (Maria) — 37 e 409; Francisco (António) — 37 e 519; Gabriel (Isabel) — 411; Gomes (Ana) — 114; Gomes (Antónia) — 131; Gomes (Francisca) — 114; Gomes (Maria) — 131; Gonçalves (Bento), ferreiro — 159; Gonçalves (Francisca) — 37; Gonçalves (João) — 159, 177 e 202; Gonçalves (Maria) — 177 e 202; Henriques (D. Albina Ribeiro) — 171; Henriques (Domingos) — 556; Henriques (Domingos), capitão — 194; Henriques (Manuel de Almeida) — 174; João (Ana) — 285; João (Diogo) — 171; João (Manuel) — 13 e 176; João (Maria) — 285 e 519; João (Tomé) — 131, 159, 177 e 202; Luís (Faustina Ribeiro) — 194; Luís (Fernão) — 131; Luís (Isabel) — 194; Luís (João), o «Frade» — 171; Luís (Matias) — 194; Magalhães (Maria de Almeida de) — 233; Maria (Joana) — 52; Maria (Lourença) — 114; Martins (Isabel) — 114; **Martins (João Gomes)** — 114; Martins (Manuel) — 114; Martins (Manuel Henriques) — 13; Martins (Maria) — 13; Mar-

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

tins (Silvestre) — 131; Mateus (Maria) — 159; Matos (Frutuoso Francisco de) — 542; Matos (Manuel de) — 542; Nogueira (Pedro Fernandes) — 233; Nunes (Manuel) — 28; Pacheca (Eufrazia) — 114; Pacheco (D. Joana Josefa Teles Vidal e) — 44; Pacheco (Manuel Alvares Teles), Familiar do S.^o Officio — 44; Pacheco (Matias Gomes), Familiar do S.^o Officio — 114; Perestrelo (Manuel Rodrigues) — 542; Pinto (P.^o Francisco Vieira), reitor da igreja de S. Pedro de — 563; Quaresma (Manuel) — 171; Rebelo (Domingos Teixeira) — 233; Reis (Isabel dos) — 131; Reis (Ventura dos) — 176; Ribeira (Joana) — 171 e 194; Ribeira (Joana), ou Joana Gabriela — 194; Ribeira (Maria) — 171; Rodrigues (Ana) — 233; Rodrigues (Antónia) — 542; Rodrigues (José) — 193; Rodrigues (Manuel) — 409; Rodrigues (Manuel), o «Novo» — 37; Rodrigues (Manuel), o «Velho» — 37; **Santiago (João de)** — 202; Silva (António de Almeida e) — 329; Silva (Manuel de Almeida da) — 174; Silva (Maria Branca da) — 194; Soares (Julião Ferreira) — 52; Tavares (João) — 171; Tavares (Pedro Rodrigues) — 171; Teles (Agostinho Pacheco), Familiar do S.^o Officio — 44; **Teles (João Baptista de Figueiredo Pacheco)**, formado em Cânones, habilitado pela Mesa do Desembargo do Paço para os lugares de letras, cônego penitenciário da Sé de Viseu — 44; Vidal (Gaspar dos Reis), Familiar do S.^o Officio — 159 e 202; **Vidal (P.^o João dos Reis)**, vigário da igreja de S. Miguel de Ribeiradio, Oliveira de Frades — 177; Vidal (P.^o João Rodrigues), vigário da freg. de S. Miguel de Ribeiradio, Oliveira de Frades — 202; Vidal (Marçal) — 159; Vidal (Maria) — 131, 159, 177 e 202; Vidal (D. Maria Eufrazia Pacheco Teles de Arede) — 44; Vidal (Sebastiana) — 202.

ALBERGARIA-A-VELHA

Albergaria-a-Velha — André (João) — 197; Dias (Manuel) — 267; Domingues (Maria) — 197 e 298; Ferreira (Domingos) — 417; Fer-

reira (Joana Marques) — 417; Ferreira (Manuel) — 427 e 558; Ferreira (Manuel), o «Gordo» — 533; Ferreira (Pedro) — 558; Francisco (José) — 417; Gomes (Domingos) — 197; Gomes (Manuel) — 197; Gonçalves (Maria) — 417; João (Catarina) — 558; Lemos (Antónia Marques de) — 558; **Lemos (José Tavares de)** — 558; Maria (Brites) — 558; Marques (Maria) — 417; Mouco (Manuel Francisco) — 417; Pais (Manuel) — 298; Ribeira (Maria da Silva) — 197; Ribeiro (João Pais) — 298; **Ribeiro (João Rodrigues)**, mestre ferrador no termo do Rio de Janeiro — 197; Rodrigues (Miguel) — 197; **Santos (José Francisco dos)**, lavrador — 417; Tavares (João) — 558, Tavares (Maria) — 558.

Alquerubim — Manuel (Olaia) — 362. *Angeja* — André (Domingas) — 387; Bizarra (Maria Dias) — 110; Colaço (António Neves), mercador de madeira e Familiar do S.^o Officio — 387; Dias (Antónia) — 387; Dias (Filipe) — 117 e 477; Dias (Filipe), o «Monelo» — 477; Dias (Isabel) — 515; Dias (Manuel) — 246; Dias (Manuel), mestre ferreiro — 387; Dias (Maria) — 110; Dias (Mateus) — 110; Fernandes (Domingas) — 199; Gonçalves (André) — 174; Gonçalves (Manuel) — 199; Gonçalves (Sebastião) — 199; João (Domingos) — 233; João (Isabel) — 117; João (Manuel) — 380; João (Manuel), o «Bagalhado» — 76; Luís (Maria) — 387; Martins (Gonçalo) — 16; Neves (Domingos) — 387; Neves (Manuel das) — 387; Pacheco (Manuel) — 131; Rebelo (Domingos Teixeira) — 233; Silva (Branca da) — 11; Teixeira (Domingas) — 233; Tomé (Isabel) — 246. *Branca* — Fernandes (Gonçalo) — 22; Pereira (Esperança da Silva) — 161; Pereira (Silvestre) — 161; Pinta (Ana) — 161; **Pinto (João Pereira)**, homem de negócio em Vila Rica do Ouro Preto — 161; Rodrigues (Ana) — 161; Rodrigues (João) — 161; Souto (Francisco Rodrigues do) — 161.

Frossos — Barreto (João Nunes) — 194; Brandão (António), capitão — 194; Manuel (Isabel) — 194;

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Silva (Maria)—194; Silva (Maria Brandoa da)—194; Silva (Paula da)—194.
- Ribeira de Frágoas* — André (Catarina) — 556; Bastos (Ana de) — 556; Bastos (Manuel de) — 556; **Coelho (José Tavares de Bastos)**, lavrador — 556; Coelho (Dr. Martim Gonçalves), lente de Medicina da Universidade de Coimbra e vereador da mesma cidade — 283; Domingues (João) — 113; Fernandes (Maria) — 283; Gonçalves (Martim) — 283; Henriques (Domingos) — 556; João (Domingos) — 556; Manuel (Domingos) — 556; Marques (Agueda) — 556; Marques (Ana) — 556; Marques (Manuel) — 556; Marques (Maria) — 556; Martins (Mariana) — 230; Tavares (Agueda) — 220; Tavares (Lic.º Cipriano Martins) — 220; Tavares (João) — 556; Tavares (Simão Martins) — 220; Tomé (Simão) — 556.
- S. João de Loure* — André (Maria) — 282; Antónia (Maria) — 299; Bairrão (João Fernandes) — 74; Baptista (João) — 299; Conceição (Maria da) — 74; Esteves (João) — 529; Neves (Manuel João), o «Vermelho» — 299; Nunes (Manuel) — 282; Nunes (Sebastiana) — 282; Resende (João de) — 74.
- Vale Maior* — Antónia (Isabel) — 267; Conceição (Maria da) — 78; Dias (Manuel) — 267; Fernandes (Marcos) — 558; João (António), lavrador — 267; Tavares (João) — 558.
- ANADIA**
- Amoreira da Gândara* — Antónia (Maria) — 34; Francisca (Helena) — 544; João (Antónia) — 544; Jorge (António) — 544; **Morais (José da Silva)** — 544; **Morais (Maria de)** — 544; Silva (José da) — 544; Silva (Sebastião da) — 544.
- Anadia* — Afonso (Manuel Francisco) — 499; Almeida (Antónia Maria da) — 492; Francisca (Maria) — 216; Gomes (Ana) — 160; Gomes (Maria) — 499; Lopes (Francisco) — 160; Lopes (Maria) — 160 e 492; Maria (Josefa) — 499; Rodrigues (Domingos) — 216; Simões (João) — 499; Simões (Maria) — 160; Simões (Pedro) — 492.
- Ancas* — Alvares (Pedro Simões) — 544; Ferreira (Maria Tavares) — 93 e 455; Francisca (Ana) — 190; Francisca (Maria), mercadora em Coimbra — 190; **Morais (José da Silva)** — 544; Simões (Antónia) — 544; Simões (Domingos) — 544; Simões (Domingos), o «Manco» — 190; Simões (Maria) — 544.
- Arcos* — Almeida (Antónia) — 126; Almeida (D. Joana Teresa de) — 126; **Almeida (Lic.º José Gomes de)** — 421; Almeida (Lic.º José Gomes de), Familiar do S.º Offício — 126; Alvares (Francisco) — 397; Alvares (Manuel) — 101; Antónia (Ana) — 216; Dias (Domingos) — 216; Dias (Francisco) — 201; Dias (Lic.º Inácio) — 126; Dias (Maria) — 216 e 499; Fernandes (Antónia) — 99; Fernandes (António) — 99; Fernandes (Isabel) — 397; Fernandes (Maria) — 99, 492 e 544; Fernandes (Maria) — 544; Ferreira (Manuel) — 397; Ferreira (Pedro) — 397; Fonseca (Maria da) — 492; Fragoço (Domingos João) — 126; Francisca (Inácia) — 216; Francisca (Maria) — 186 e 203; Francisco (Agostinho) — 216; **Francisco (João)** — 99; Francisco (João) — 99; Francisco (Manuel) — 216; Gonçalves (Tomé) — 203; João (Isabel) — 99; Josefa (Maria) — 101; Maria (Ana) — 421; Maria (Josefa) — 101; Mariz (António de) — 492; Mariz (Joana Genoveva de) — 492; Nunes (Manuel) — 516; Ribeiro (Catarina) — 397; Rodrigues (Antónia) — 216; Rodrigues (Catarina) — 216; Rodrigues (Francisca) — 99; Rodrigues (Isabel) — 126 e 397; Seabra (Filipe) — 162; Sereno (Manuel Francisco) — 99; Silva (Maria da) — 216; Simões (André) — 216; Simões (António) — 499; **Simões (João)** — 216; Simões (João) — 216; Simões (Maria) — 516; Simões (Mariana) — 499.
- Avelãs do Caminho* — Almeida (Ana de) — 492; Almeida (Antónia) — 421; Alvares (Manuel) — 131; André (Domingos) — 462; Antónia (Maria) — 202; Ferreira (António), ourives da prata em Coim-

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- bra — 10; Ferreira (Cristóvão) — 186; Ferreira (Maria) — 186; Fonseca (Agostinho da) — 492; Fonseca (Maria da) — 492; Francisca (Maria) — 186; Gomes (Antónia) — 131; Gomes (Maria) — 98 e 131; Gonçalves (Antónia) — 202; Henriques (Pedro) — 421; João (Pedro) — 98; Leitão (Manuel Ribeiro), Familiar do S.^o Ofício — 15, 22o e 227; Santiago (António de), ourives da prata e dispenseiro do S.^o Ofício de Coimbra — 202; Santiago (Maria) — 201; Santiago (Simão de) — 202; Simões (Antónia) — 462; Simões (Domingas) — 462; Simões (Maria) — 186; Simões (Pedro) — 186; Soares (Antónia) — 224; Soares (Rosa Maria) — 224; Sousa (Maria de) — 442; Tavares (Domingos Jorge) — 224; Vaz (João) — 186; Vilaques (Isabel Francisca) — 10.
- Avelãs de Cima* — Fernandes (Isabel) — 406; Fernandes (Luísa) — 527; Fernandes (Pedro) — 406; Fernandes (Pedro), alfaiate — 406; Fonseca (Agostinho da) — 492; Francisca (Maria) — 409; Gomes (Maria) — 98; João (Francisco) — 98; João (Isabel) — 309; João (Pedro) — 98; Martins (Pedro) — 261; Mateus (Pedro) — 107; Rodrigues (Maria) — 98.
- Mogofores* — Antónia (Isabel) — 101; Barreto (D. Vicência Maria de Oliveira) — 467; Correia (João Gonçalves) — 224; **Correia (João de Sousa)**, alferes das Ordenanças — 224; Cunha (António da) — 101; Cunha (João Simões da) — 101; Cunha (Maria Alvares da) — 101; Dias (António) — 382; Dias (Maria) — 224; Fernandes (Pedro) — 409; Fragosa (Ana Maria) — 126; Fragoso (Domingos João) — 126 e 421; Fragoso (Manuel João) — 421; Francisca (Ana) — 382; Francisca (Maria) — 409; Francisco (Pedro) — 467; Gomes (Domingas) — 421; Gomes (Estêvão) — 190; Gomes (Leonor) — 190; Gomes (Maria) — 382; Gomes (Mécia) — 190; Maria (Ana) — 421; Maria (Ecolástica) — 346; Maria (Francisca) — 382; Maria (Josefa) — 101 e 246; Paiva (Isabel Pinto de) — 170 e 507; Ribeiro (João de Seabra) — 224; Ribeiro (José) — 346; Ribeiro (Manuel de Seabra) — 224; Rodrigues (Antónia) — 467; Rodrigues (Catarina) — 207 e 224; Rodrigues (Francisca) — 382 e 467; Rodrigues (Isabel) — 126, 224 e 421; Rodrigues (José), o «Tendeiro» — 382; Rodrigues (Maria) — 421; Rodrigues (Miguel), o «Tendeiro» — 382; Seabra (João de) — 207; Seabra (José de) — 207; Soares (Francisco) — 224; Soares (Rosa Maria) — 224; Sousa (Isabel Correia de) — 224.
- Mouta* — Almeida (Antónia Maria de) — 160; Alvares (Pedro) — 516; Antónia (Maria) — 356 e 516; Costa (António da) — 356; Costa (Domingos Fernandes da) — 356; **Costa (José da)**, mestre latocero — 356; Fernandes (Eulália) — 516; Fernandes (João) — 356; Fernandes (Maria) — 492, 520 e 521; João (António) — 516; Lopes (Maria) — 160; Maria (Isabel) — 31; Maria (Joana) — 356; Martins (José) — 261; Martins (Maria) — 356; Rodrigues (Ana) — 516; Rodrigues (António) — 516; Rodrigues (Catarina), a «Sobrinha da Monteiro» — 309; Rodrigues (Francisco) — 516; **Rodrigues (José)** — 516; Rodrigues (Manuel) — 516, 520 e 521; Rodrigues (Margarida) — 520 e 521; Rodrigues (Maria) — 520 e 521; Silva (Dr. José da Fonseca e) — 564; Silveira (Isabel Maria da) — 520 e 521; Simões (Apolónia) — 516; Simões (Eulália) — 516; Simões (Maria) — 516; Simões (Mateus) — 160; Simões (Pedro) — 160; **Vasconcelos (Frei José Xavier de)**, freire conventual da Ordem Militar de S. Bento de Avis e prior da igreja de S. Bartolomeu de Vila Viçosa, com actos grandes na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, colegial do Colégio das Ordens Militares — 564; Vasconcelos (D. Luísa Maria Vicência de) — 564; Vaz (Manuel) — 516; Vicente (Maria) — 516.
- Óis do Bairro* — **Almeida (José Gomes de)**, mercador em Coimbra — 422; Cordeiro (Mariana) — 422; Cordeiro (Luís) — 422; Oliveira (Ana de) — 422.
- Sangalhos* — Afonso (Isabel) — 98;

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Almeida (P.^o António de) — 102; Almeida (Luís de) — 9; André (Manuel), capitão — 186; António (Domingos) — 409; Birrete (Domingos João) — 476; Costa (Maria da) — 202; Ferreira (Maria) — 186; Francisca (Ângela) — 186; Francisca (Maria) — 203; Gomes (Maria) — 98; Oliveira (Ana de) — 476; Pires (André), capitão — 186; Pires (Mateus) — 98; Rodrigues (António) — 185; **Rodrigues (João)** — 186; Rodrigues (Madelena) — 186; Simões (Maria) — 102 e 481; Tomé (Isabel) — 186.
- S. *Lourenço do Bairro* — Adrião (Manuel Fernandes) — 486; Alfaiate (Manuel João) — 486; Alvares (Pedro Simões) — 544; Antónia (Ana) — 163; Antónia (Maria) — 486; António (Domingos) — 409; Fernandes (Maria) — 544; Fernandes (Simão) — 421; Francisca (Ana) — 409, 453 e 486; Francisca (Maria) — 409; Francisco (António) — 409; **Francisco (José)** — 409; Francisco (Pedro) — 467; Gonçalves (Francisco) — 435; Gonçalves (Tomé) — 203; João (Maria) — 203; Jorge (Manuel) — 203; Lopes (Manuel) — 163; Oliveira (Domingos de) — 435; Raposo (Manuel João) — 486; Rodrigues (Isabel) — 421; Rodrigues (Manuel) — 544; Rodrigues (Maria) — 421; Rodrigues (Sebastiana) — 486; **Santos (João dos)**, capitão de navios, morador em Paraíba do Norte — 203; S. José (Ana Bernarda de) — 486.
- Tamengos* — Afonso (Manuel Francisco) — 499; Amaral (Lourenço do) — 10; André (Domingos) — 462; Antónia (Maria) — 99; Barros (António Pessoa de), capitão — 499; **Barros (Lic.^o José Pessoa de)** — 499; Coelho (Isabel) — 10; Coelho (P.^o Manuel), prior da freg. de S. Pedro de — 10; Dias (Francisco) — 201; Dias (Manuel) — 219; Domingues (Maria) — 201; Fernandes (Bárbara) — 499; Fernandes (Bartolomeu) — 99; Fonte (Domingos Francisco da) — 99; Francisca (Maria) — 201; Gafanhão (Domingos Francisco) — 486; Gomes (Maria) — 499; Jesus (Domingas Teresa de) — 525; João (Andreza) — 99; João (Catarina) — 201; João (Isabel) — 99; Lopes (António) — 499; Lopes (Manuel) — 163; Maia (Manuel Rodrigues) — 525; Pessoa (Maria) — 499; Rodrigues (Ana) — 428; Rodrigues (Filipa) — 525; Santiago (Domingos) — 201; **Santiago (João de)**, ourives da prata em Coimbra — 201; Santiago (Maria) — 201, Santiago (Simão Fernandes de) — 202; Silva (José da) — 525; **Silva (José Rodrigues da)** — 525; Simões (Marijana) — 499; Vaz (Francisco) — 201.
- Vila Nova de Monsarros* — Alvares (António) — 261; Alvares (Josefa Maria) — 261; Alvares (Miguel) — 261; Baptista (Luís Rodrigues) — 258; Baptista (Maria) — 258; Botelho (P.^o António), prior da freg. de S. Miguel de — 57;
- Caldeira (P.^o João de Sousa)**, prior da igreja de S. Miguel de — 233; Cerveira (Maria) — 392; Coutinho (António das Neves) — 235; Dias (Águeda) — 57; Dias (António) — 57; Dias (Isabel) — 57; Dias (Manuel Francisco) — 17; Dias (Mariana) — 261; Duarte (Isabel) — 261; Duarte (Teresa Maria) — 261; **Esteves (José)**, boticário — 382; Fernandes (Antónia) — 261; Fernandes (Maria) — 90 e 99; Fernandes (Pascoal) — 392; Ferreira (Ana) — 391 e 392; Ferreira (Feliciano) — 391 e 392; Ferreira (Isabel) — 392; **Ferreira (José)** — 391; Ferreira (José) — 392; **Ferreira (José)**, lavrador — 392; Ferreira (Manuel) — 391 e 392; Ferreira (Maria) — 25; Francisca (Ana) — 17 e 57; Francisco (António) — 391 e 392; Francisco (Bernardo) — 57; Freire (Maria) — 258; Grilo (Manuel Gomes) — 25; Jesus (Maria Jerónima de) — 258; João (Andreza) — 99; João (Isabel) — 391, 392, 545 e 546; João (Pedro) — 391, 392, 545 e 546; Jorge (Ana) — 23; Jorge (Bento) — 392; Jorge (Jerónimo) — 392; Maria (Francisca) — 382; Maria (Josefa) — 261; Martins (Joaquim) — 261; **Martins (Joaquim Marques)** — 261; Martins (José) — 261; Martins (Pedro) — 261; **Moreira (José da Silva)**, ourives em Coimbra — 545; Moreira (José da Silva), ourives em Coimbra e Familiar do S.^o Ofício — 546; Moreira (José da Silva),

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Familiar do S.^o Offício—391 e 392; Moreira (Isabel)—391 e 392; Moreira (Maria)—391, 392, 545 e 546; Neves (Bernardo das), Familiar do S.^o Offício—235; Páscoa (Manuel Rodrigues)—258; Rodrigues (Ana)—261, 391 e 392; Rodrigues (António)—17 e 57; Rodrigues (Gaspar)—23; **Rodrigues (Joaquim José)**—258; Rodrigues (Mécia)—23; Rodrigues (Pedro)—391 e 392; Santos (Ascenso dos)—258; Silva (António Fernandes da)—261; Silva (António João da)—391, 392, 545 e 546; Silva (Esperança da)—57; Silva (João da)—391, 392, 545 e 546; Simões (João)—499.
- Vilarinho do Bairro*—Conceição (Brizida José da)—524; Fernandes (Manuel)—224 e 486; Gafanhão (Domingos Francisco)—486; Gomes (Ana)—524; Gomes (João)—524; Gomes (Manuel)—524; Gomes (Maria)—486; Gonçalves (Ana)—486; João (Isabel)—524; Lonrença (Esperança)—486; Maria (Josefa)—486; Oliveira (Pedro)—486; Pereira (Isabel)—486; **Pereira (José)**, capitão da vila de —486; Pereira (Manuel), o «Novo»—486; Rodrigues (Maria)—486; Santos (João dos)—486; Santos (José dos)—486; S. José (Ana Bernarda de)—486; Simões (Bárbara)—224; Vaz (Jorge)—224.
- AROUCA**
Alvarenga—Fernandes (António)—522; Ferreira (Davide Soares)—301; **Ferreira (P.^e José António Mendes)**, presbítero secular do hábito de S. Pedro e pároco colado da igreja de S. João do Pinheiro, Castro Daire—301; João (Manuel)—552; Jorge (António)—470; Mendes (João)—301; Mendes (Manuel)—470; Mendes (Maria)—470; Mendes (Pedro)—552; Pessoa (Maria)—563; Pinho (Catarina de)—552; Pinto (Dr. Gonçalo de Sequeira)—563; Pinto (Mariana de Sequeira)—563; Quaresma (Ana do Vale)—552; Rodrigues (Domingos)—231, 278 e 522; Rodrigues (Guiomar)—522; Rodrigues (João), o «Pequeno»—439; Rodrigues (Manuel)—348 e 453; Rodrigues (Maria)—301; Soares (Francisca)—552; Soares (Maria (Angélica))—301; **Tavares (José Soares Mendes)**—552; Tavares (Luís Mendes)—301; Tavares (Manuel)—552; Tavares (Manuel Soares), capitão—552; Tavares (Marciana de Pinho)—552; Tavares (Rosa de Pinho)—552; Tristão (Isabel)—552; Tristão (Pedro Mendes)—552; Vieira (Francisca)—301.
- Arouca*—Abreu (Maria de Azevedo de)—317; Almeida (Joana de)—288; Almeida (João de)—146; Almeida (Mafalda de)—287; Aparício (Gaspar)—501; Azeredo (Helena de)—501; Azevedo (Gregório de Barros de)—317; Azevedo (Maria de)—7; Barbosa (Joana)—209; Barbosa (Maria Moreira)—317; Berredo (D. Inácia de)—446; **Brandão (José de Almeida)**, cirurgião anatómico aprovado—287; Bulhão (Joana da Silveira)—317; Bulhão (Nicola da Silveira)—317; Cabral (Domingos)—287; Castro (D. Ana de Portugal Meneses e)—322; Coelho (Juliana)—501; **Coelho (José de Pina)**—501; Costa (Eufémia da)—7; Costa (José Francisco da)—420; Costa (Teresa da)—420; Dias (Francisca)—287; Dias (Manuel), o «Aguços»—146; Domingues (João)—287; Escobar (Jácome de Barros de)—317; Fernandes (António)—491; Fernandes (João)—51; Ferreira (João)—420; Fonseca (Joana da)—238; Gabriel (Antónia)—501; Gomes (Domingos)—425; João (Francisco)—287; Machado (José Pereira)—354; Manhosa (Catarina)—7; Mascarenhas (Belchior de Malafaia)—332; Mascarenhas (Diogo Malafaia e)—322; Mascarenhas (Domingos Malafaia e)—322; Monteiro (Luísa)—146; Monteiro (João)—146; **Pereira (José Bernardo de Malafaia de Castro)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e fidalgo da Casa Real—322; Pina (Gaspar de)—501; Pinho (Domingos Aranha de)—209; Pino (Catarina de)—146; Pino (Josefa de)—146; Pinta (Maria)—287; Quadros (António Teixeira de)—7; Quadros (Jerónimo Teixeira de)—7;

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- Santos (João Monteiro dos)**, homem de negócio em Lisboa — 146; **Tavares (Manuel Teixeira)** — 7; **Tavares (D. Maria Teixeira)** — 322; **Teixeira (António Tavares)** — 7 e 446; **Teixeira (Jacinta de Quadros)** — 7; **Varela (Maria)** — 491.
- Burgo** — Almeida (Antónia de) — 288; Almeida (Belchior de) — 288; Almeida (Joana de) — 288; Almeida (João de) — 288; Almeida (Maria de) — 288; **Aranha (Brites Barbosa)** — 128; **Arouca (Manuel Gomes)**, homem de negócio e Familiar do S.^o Ofício — 420; **Barbosa (Joana)** — 209; **Brandão (Domingos)** — 288; **Brandão (P.^e José de Almeida)**, vigário da igreja de S.^o Sacramento da vila de Alcobaca — 288; **Burgos (Manuel Ferreira)** — 250; **Cerveira (Francisco)** — 115; **Cerveira (Maria)** — 115; **Costa (António Gomes da)**, Familiar do S.^o Ofício — 115; **Costa (José Francisco da)** — 420; **Costa (P.^e Manuel Gomes da)** — 115; **Dias (Maria)** — 115; **Fernandes (Catarina)** — 535; **Fernandes (Francisco)** — 535; **Fernandes (Manuel)** — 491 e 535; **Fernandes (Maria)** — 535; **Fernandes (Pedro)** — 66; **Ferreira (Francisco)** — 66; **Ferreira (Gonçalo)** — 66; **Ferreira (João)** — 66; **Ferreira (José)** — 66; **Gomes (Catarina)** — 420; **Gomes (José)**, homem de negócio — 420; **João (Maria)** — 420; **Jorge (Manuel)** — 483; **Luna (Teresa de)** — 115; **Maria (Micaela)** — 115; **Miranda (P.^e Manuel)** — 7; **Pinho (Domingos Aranha de)** — 209; **Pinho (João de)** — 420; **Pinto (Diogo)** — 420; **Santos (José dos)**, mestre serralheiro — 535; **S. José (Angélica Maria de)** — 420; **Tavares (Manuel Teixeira)** — 7; **Tavares (Maria)** — 7 e 234; **Teixeira (Gonçalo)** — 7 e 234; **Vaz (Francisca)** — 66; **Vaz (Maria)** — 66.
- Canelas** — João (Brás) — 552; João (Manuel) — 552; João (Maria) — 453; **Pereira (Isabel)** — 453; **Rodrigues (Manuel)** — 453; **Rodrigues (Maria)** — 552.
- Chave** — Carreira (Maria da) — 122; **Correia (João)** — 320; **Correia (João Tavares)** — 274 e 547; **Correia (José Bernardino)**, bacharel formado na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra — 320; **Correia (Mariana)** — 320; **Francisco (Manuel)** — 371; **João (Antónia)** — 371; **Pina (António Ferreira e)** — 320; **Rio (João do)** — 122; **Rios (João Francisco)** — 122; **Tavares (Catarina)** — 274 e 547; **Tavares (Manuel)** — 274 e 547; **Tavares (Maria)** — 320.
- Covelo de Pavo** — **Gomes (Manuel)** — 420; **João (Maria)** — 420.
- Escariz** — **Correia (Isabel)** — 191; **Correia (Martinho)** — 191; **Moreira (Francisca)** — 562; **Francisco (João)** — 191 e 552; **Moreira (Manuel)** — 383; **Moreira (Teresa)** — 562.
- Espiunca** — João (Brás) — 552.
- Fermedo** — **Alarcão (Francisco José Xavier Cardoso de)**, fidalgo da Casa de S. Mag.^o e donatário do conc.^o de Préstimo da Marinha e — 467; **Coelho (António Luís Pinto)**, moço fidalgo da Casa de S. Mag.^o e donatário dos Coutos de Préstimo da Marinha e — 467; **Fernandes (João)** — 562; **Ferreira (Joana)** — 215 e 550; **Gonçalves (Antónia)** — 562; **Lima Briolanta Maria de)** — 215 e 550; **Mendes (Francisco de Sousa)** — 349; **Oliveira (João de Paiva de)** — 215 e 550; **Paiva (Celestino Ferreira de)** — 403; **Portugal (P.^e José Peixoto Pinto Coelho da Silva)**, abade de S.^o Maria de — 484; **Pinho (Dr. António Gomes de)** — 550; **Pinho (Manuel Gomes de)** — 215 e 550; **Rocha (Ana da)** — 410; **Rodrigues (Domingos)** — 231 e 278; **Rodrigues (Joana)** — 231; **Santos (Maria dos)** — 215 e 550; **Silva (D. Mariana Pereira da)** — 550; **Silva (D. Mariana Teresa da)** — 215 e 550; **Vieira (Frotooso)** — 562.
- Mansores** — Almeida (António de) — 132; **Domingues (João)** — 287; **Santos (Manuel Francisco dos)** — 265.
- Rossas** — Aires (Jerónima) — 286; **Arouca (João)** — 286; **Arouca (João Tavares)** — 286; **Brandão (Domingos)** — 360; **Coelho (Brás)** — 67; **Coelho (João da Costa)** — 67; **Cruz (Catarina da)** — 286; **Cruz (José Aires da)**, negociante no Rio de Janeiro — 286; **Fernandes (André)** — 234; **Fernandes (Domingos)** — 443; **Fernandes (Fran-**

cisca) — 443; Fernandes (Maria) — 331 e 535; Gomes (André), o «Novo» — 414; Jesus (Sebastiana de) — 557; João (Domingos) — 67; João (Isabel) — 67; João (Manuel) — 535; Pais (Ángela) — 67; Pais (José) — 67; Pinho (Francisco Tavares de) — 7; Pinho (Jerónima) — 234; Ribeira (Maria) — 480; Santos (Domingos Teixeira dos) — 443; Tavares (Antónia) — 286; Tavares (Jerónimo) — 234; Tavares (Maria) — 7; Tavares (Tomé) — 286; Teixeira (António) — 480; Teixeira (Gonçalo) — 7; Teixeira (Maria) — 128; Teixeira (Paulo) — 480; Vieira (Catarina) — 234.

S.^{ta} *Eulália* — Antónia (Isabel) — 14 e 431; Dias (Domingos) — 14 e 431; Dias (P.^o Domingos), clérigo de missa — 14 e 431; Fernandes (António) — 250; Fernandes (Catarina) — 535; Fernandes (Isabel) — 66; Ferreira (Diogo) — 66; João (Francisco) — 39; Varela (Maria) — 250.

S. *Miguel do Mato* — Francisca (Ana) — 403; Francisca (Domingas) — 69; Jorge (João) — 410; **Nogueira (P.^o João da Silva)**, abade da igreja de — 210; Rocha (Agostinho da) — 69; Silva (Maria da) — 69.

Tropeço — Bernardes (Maria) — 103; Fernandes (Francisca) — 443; Francisco (Filipe) — 103; João (Francisco) — 103; Jorge (Domingos) — 103; **Marinho (João Francisco)**, homem de negócio e cônsul da nação espanhola no Porto — 103; Mendes (Francisco de Sousa) — 349; Pais (Madalena) — 349; Sousa (Antónia Maria de) — 349; Tavares (Luísa) — 103; Vieira (Maria) — 103.

Urrô — Jesus (Sebastiana de) — 557; Oliveira (Maria) — 302; **Tavares (P.^o João Teixeira)**, abade da igreja de S. Miguel de Vale de Arouca, — 234; Tavares (Manuel) — 557; Tavares (Tomé) — 286; Teixeira (António), o «Ratinho» — 480; Teixeira (Paulo) — 480.

Várzea — Costa (Manuel Gomes da) — 111; Gomes (Manuel), cirurgião — 111; Paiva (Domingas de) — 111.

AVEIRO

Aradas — Alpendre (Manuel da Rocha do) — 554; Cerrado (Manuel dos Santos do) — 364; Costa (João Travassos da) — 316; Fernandes (Custódio) — 358; Luz (Maria Gomes da) — 316; Madail (Miguel Simões) — 372; **Melo (José da Costa Pereira de)** — 364; Monteiro (B.^o Faustino de Bastos), do Desembargo do Paço e Familiar do S.^o Ofício — 316; Nunes (Maria) — 554; Rocha (Maria da) — 381; Rocha (Sebastião da) — 554; Santos (Josefa dos) — 364; Santos (Luísa dos) — 364; Vasconcelos (D. Emerenciana de) — 316; Vasconcelos (D. Joana Travassos de) — 316; Vasconcelos (Lic.^o Manuel Mendes de Barbuda e) — 316; Vasconcelos (D. Maria Josefa de) — 316.

Aveiro — **Adrião (João)** — 19; Adrião (João), Familiar do S.^o Ofício — 20; Afonseca (Heitor de Carvalho de), cavaleiro professo da Ordem de Santiago — 142; Afonseca (Maria de Oliveira de) — 226 e 227; Afonso (André) — 19 e 20; Albergaria (Egas Cardoso) — 175; Albergaria (Francisco Cardoso de) — 18; **Albergaria (Jerónimo Sociro de)** — 18; Albergaria (Manuel Soares de) — 323; Almeida (Ana de) — 91; Almeida (Antónia de) — 48; Almeida (Domingas de) — 48; Almeida (Joana de) — 280; Almeida (João de) — 91; **Almeida (João Barbosa de)** — 48; **Almeida (João de Figueiredo e)**, bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Cânones — 91; **Almeida (B.^o João Quaresma de)**, juiz de fora da vila de — 171; **Almeida (José da Costa de)**, ajudante da Armada Real — 358; Almeida (Manuel da Cunha de), Familiar do S.^o Ofício — 48; Almeida (Maria de) — 289; Almeida (Maria da Esperança de) — 36; Alvares (João) — 25; André (Ana) — 554; André (Antónia) — 150 e 358; André (António) — 97; André (Isabel) — 98, 205, 277, 441 e 549; André (Manuel) — 113 e 159; André (Manuel), o «Pirre» — 150; André (Maria) — 156; André (Martim) — 289; André (Rocha) — 19 e 20; Antónia (Isabel) — 19 e 20; Antónia (Lourença) — 289; Antónia (Luzia) —

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

91; Antónia (Maria) — 289; António (Silvestre)—554; Anunciação (Frei Manuel da), religioso professor da Real Congregação dos Agostinhos Descalços de Portugal, executor de Teologia nos Colégios do S.^{ta} Rita de Lisboa e Coimbra, graduado bacharel na Universidade de Evora e definidor-geral da mesma Congregação e Qualificador do S.^{to} Ofício—204; Assunção (Catarina Angélica da) — 490; Ataueiro (Manuel João) — 204; Aveiro (2.^o Duque de), D. Jorge de Lencastre — 125; Aveiro (3.^o Duque de), D. Alvaro de Lencastre — 125; Aveiro (4.^o Duque de), D. Raimundo de Lencastre — 125; Azevedo (João de) — 554; Azevedo (Mariana de) — 554; Barbosa (D. Josefa Maria de Figueiredo) — 142; Barbosa (Manuel Fernandes) — 48; Bastos (Ana Joaquina de) — 369; Bastos (Lic.^{do} António de) — 316; Bastos (Domingos de) — 316; Bastos (Geraldo de) — 482; Bastos (P.^o José de Santiago e Oliveira Coelho de) — 369; Branco (João Rodrigues) — 189; Branco (Luís Rodrigues) — 189; Brandão (Luís Manuel Ribeiro), Familiar do S.^{to} Ofício — 226 e 227; Cação (Baltasar Dias) — 158; Cação (João Pereira), ourives — 158; Cação (Manuel Dias) — 158; Campo (Frei José de Figueiró do), religioso da Província da Soledade, leitor de Teologia no Convento de S.^{to} António de — 92; Cardoso (Francisca) — 18; Cardoso (Maria) — 175; Cardoso (Maria da Silveira) — 226 e 227; Cardoso (Mécia Nunes) — 18; Cardoso (António) — 18; Carvalho (Antónia Pereira de) — 159; Carvalho (Dr. P.^o João Pereira de), prior da igreja de S.^{ta} Marinha de Palmaz, Oliveira de Azeméis — 159; Carvalho (João dos Santos e) — 205; Carvalho (João dos Santos e), Familiar do S.^{to} Ofício — 277, 441 e 549; Carvoa (Antónia) — 97; Castelo Branco (D. Jacinta Josefa de Magalhães) — 144; Chagas (Francisca das) — 80; Chagas (Rosa Maria das) — 80; Chamma (D. Maria) — 323; Chaves (Filipe de) — 41; Chopa (Manuel António) — 150; Cirne (Jerónimo

de Alcáçova) — 237; Coelho (Maria) — 134; Coelho (Manuel) — 156; Coelho (Ventura de Bastos) — 369; Corrales (António Miguel) — 172; Corrales (João Bernardo da Rocha) — 172; Corrales (P.^o João Pedro Miguéis), bacharel formado na Faculdade de Cânones, protonotário apostólico de S. Santidade e vigário da igreja de S. Julião de Cacia — 156; Corrales (Pedro Miguéis) — 156; Costa (Catarina da) — 150; Costa (Mariana Pratas da) — 449; Coutinho (Bernardo Caetano de Magalhães), capitão-mor de Ferreira de Aves e Familiar do S.^{to} Ofício — 225 e 227; Coutinho (D. Catarina Saraiva) — 316; Coutinho (Jerónimo de Magalhães), cavaleiro, professor da Ordem de Cristo — 15; Coutinho (Jerónimo de Magalhães), capitão-mor de Ferreira de Aves, cavaleiro professor da Ordem de Cristo e Familiar do S.^{to} Ofício — 226 e 227; Cruz (Antónia da) — 93; Cruz (Francisca da) — 205 e 372; Cruz (Isabel da) — 117 e 477; Cruz (Soror Jacinta da), religiosa do Mosteiro de Jesus de — 565; Cruz (João da Fonseca da), bacharel pela Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra — 93; Cruz (João Rodrigues da) — 192; Cruz (B.^{el} Manuel Nunes da), juiz de fora de Alenquer e Familiar do S.^{to} Ofício — 93; Cruz (Maria da) 205, 214, 277, 441 e 549; Cruz (Miguel da) — 277; Deus (Lic.^{do} Gonçalo de) — 48; Deus (Joana de) — 145; Deus (João de) — 48 e 145; Deus (Mariana de) — 145; Dias (Ana) — 214; Dias (Antónia) — 113 e 358; Dias (António) — 205, 277, 441 e 549; Dias (Francisco) — 145; Dias (Isabel) — 192 e 554; Dias (Luísa) — 158; Dias (Manuel) — 19 e 20; Dias (Maria) — 192; Duarte (Maria) — 19 e 20; Duarte (Miguel) — 441 e 549; Eça (Jorge Botelho de), cavaleiro professor da Ordem de Cristo, juiz dos Direitos Reais e escrivão da Câmara e Almotacaria da vila de — 280; Esperança (Manuel Fernandes da) — 113; Esperança (Maria da) — 113; Esteves (Maria) — 91; Faro (António Rangel Varela de Quadros e) — 172; Fer-

nandes (Ana) — 145; Fernandes (André) — 358; Fernandes (António) — 91; Fernandes (Bartolomeu) — 175; Fernandes (Catarina) — 19 e 20; Fernandes (Custódio) — 91 e 358; Fernandes (Domingos), o «Penacho», oleiro — 526; Fernandes (Gregório) — 204; Fernandes (Isabel) — 206, 277, 441 e 549; Fernandes (João) — 145; Fernandes (Jorge) — 19 e 20; Fernandes (José) — 306; Fernandes (Manuel) — 175, 205, 277, 289, 441 e 549; Fernandes (P.^o Manuel), sacerdote do hábito de S. Pedro, Familiar do S.^o Ofício — 358; Fernandes (Manuel), c «Baeta» — 358; Fernandes (Nicolau) — 145; Fernandes (Sebastião) — 91; Fernandes (Senhorinha) — 159; Fernandes (Simão) — 192; Ferra (Ana) — 205; Ferraz (Ana) — 441; Ferraz (Filipa) — 97; **Ferraz (José Barreto)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo — 316; Ferraz (Maria) — 97; Ferreira (Francisca da Cruz Leitão) — 441 e 549; **Ferreira (P.^o João de Adrião)**, sacerdote do hábito de S. Pedro — 20; Figueiredo (Antónia de) — 413; Figueiredo (Gabriel de) ourives de prata em — 91; **Figueiredo (José de Almeida de)** — 289; **Figueiredo (Lic.^o Julião de)**, ex-juiz de fora de Castelo Novo e Lamego — 565; Figueiredo (Madalena de) — 142; Figueiredo (D. Teresa Bernarda Albina de) — 142; Fonseca (D. Catarina da) — 256; Fonseca (D. Maria Temuda da) — 93; Fragoso (Manuel) — 413; Francês (Cláudio Monteiro), Familiar do S.^o Ofício — 316; Francisca (Catarina) — 441 e 549; Francisca (Dalila) — 48; Francisca (Dária) — 145; Francisca (Maria) — 358; Francisca (Sebastiana) — 205, 277, 441 e 549; Francisco (António), o «Drago» — 289; Francisco (Domingos) — 97; **Francisco (João)** — 98; Gaspar (Filipa) — 97; Gaspar (Francisca) — 173; Gaspar (Maria) — 145 e 316; **Góis (João Gomes de)** — 113; Góis (João Gomes de), boticário — 113; Gomes (Andreza) — 113; Gomes (António) — 554; Gonçalves (Domingas) — 159; Gonçalves (Guimar) — 145; Gonçalves (João) — 159; Gonçalves (Manuel) — 192; Gonçalves (Maria) — 19 e 20; Gonçalves (Miguel) — 205, 441 e 549; Gonçalves (Pedro) — 205, 277, 441 e 549; Gonçalves (Suzana) — 175; Henriques (D. Albina Ribeira) — 171; Henriques (Belchior) — 526; Henriques (Domingos André) — 358; Henriques (Filipa) — 526; Henriques (João dos Santos) — 381; Henriques (Luís Dias), homem de negócio — 358; Henriques (Madalena) — 306; Henriques (Maria) — 306; Henriques (Sabina) — 214; Henriques (Tomás) — 214; Homem (João dos Santos) — 259 e 381; Homem (José dos Santos) — 259; Jesus (Rosa Maria de) — 33; Jesus (Teresa de) — 117 e 477; João (António) — 156 e 159; João (Domingos) — 41 e 289; João (Domingos), pasteleiro e Familiar do S.^o Ofício — 284; João (Maria) — 205, 277, 430, 441, 549 e 554; João (Maria), locandeira — 526; João (Maria), a «Honrada» — 526; Jorge (António) — 214; Jorge (Isabel) — 18 e 214; Jorge (Maria) — 19 e 20; Juliana (D.), mulher do 3.^o Duque de Aveiro — 125; Leitão (António), mercador e Familiar do S.^o Ofício — 205, 277, 441 e 549; Leitão (Francisco) — 205, 277, 441 e 549; Leitão (Francisco da Cruz) — 277; Leitão (João) — 205, 277, 441 e 549; Leitão (João de Brito), ouvidor do Duque de Aveiro — 272; Leitão (João Miguéis) — 289; Leitão (Luís de Brito) — 272; Leitão (Manuel Ribeiro), Familiar do S.^o Ofício — 15, 226 e 227; Leitão (Maria) — 277; Leitão (Tomé Ribeiro) — 15, 226 e 227; Lemos (Bento Ribeiro de), cavaleiro professo da Ordem de Cristo — 433; Lencastre (D. Alvaro de), 3.^o Duque de Aveiro — 125; Lencastre (D. Jorge de), 2.^o Duque de Aveiro — 125; Lencastre (D. Raimundo de), 4.^o Duque de Aveiro — 125; Lopes (João), merceiro em — 127; Lopes (Maria) — 131; Luz (Maria. Gomes da) — 316; Madail (D. Ana Joaquina de Anhaia) — 172; Madail (Catarina Maria de Anhaia) — 172; **Madail (José da Cruz)**, cirurgião — 372; Madail (Manuel João) — 172; Madail

(Miguel Simões) — 372; Madail (Teresa Bernarda de Anhaia) — 172; Madalena (Maria) — 316; **Magalhães (João de Sousa Ribeiro da Silveira)**, capitão de cavalaria do regimento ligeiro de Bragança aquartelado na Praça de Chaves — 277; Maia (Carlos Ribeiro da), Familiar do S.^o Offício — 226 e 227; Maia (Margarida Rebelo de) — 369; Maia (Vitória da) — 369; Manuel (André) — 205, 277, 441 e 549; Manuel (João) — 145; Manuel (Maria) — 158, 159, 289 e 358; Maria (Ana) — 19 e 20; Maria (Angélica) — 490; Maria (Bernarda) — 156; Maria (D. Margarida) — 272; Marques (Gregório) — 150; Martins (Maria) — 41; Matos (Francisca de) — 189; Matosa (D. Maria) — 334; Medela (António da Silva) — 36; **Melo (José da Costa Pereira de)** — 364; Mendes (Frei Manuel da), vigário da igreja da Vera Cruz de — 514; Miguéis (Antónia) — 296; Miguéis (Catarina) — 289; Miguéis (Domingos) — 358; Miguéis (Francisca) — 97; Miguéis (Maria) — 15, 93, 97, 145, 156, 226 e 227; Miguéis (Paulo) — 145; Monteiro (António), sapateiro — 490; Monteiro (Cláudio) — 145; Monteiro (B.^o Faustino de Bastos), do Desembargo do Paço e Familiar do S.^o Offício — 316; **Monteiro (João)**, cônsul e intérprete das línguas francesa e italiana — 145; Monteiro (Teresa) — 316; Morais (Miguel Ribeiro de) — 184; **Moreira (Frei João de)**, religioso capucho da Província da Soledade, morador no Convento de S.^o António de — 148; Mota (Geraldo da) — 80; **Moura (João de)** — 150; Moura (Maria de) — 150; Negrão (Manuel Miguéis) — 97; Neta (Maria) — 150; Neto (Manuel) — 150; **Nogueira (Joaquim Pedro)** — 264; Nunes (José) — 270; Nunes (Maria) — 530; Nunes (Maria) — 530; Nunes (Tomás) — 93; Oliveira (Manuel Ribeiro de) — 15, 226 e 227; Oliveira (Maria de) — 41 e 369; Oliveira (Pedro Ribeiro de), Familiar do S.^o Offício — 226 e 227; Pacheca (Luísa Pais) — 131; Pacheco (Manuel) — 131; Pacheco (Pedro Tavares) — 316; Pais (Isa-

bel Dias) — 565; **Pereira (P.^o José António da Silva)**, presbítero do hábito de S. Pedro, Protonotário Apostólico de S. Santidade e bacharel formado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra — 306; Pessoa (João Franco) — 189; Picado (Bartolomeu Afonso) — 565; Pimentel (Joana de Luna) — 316; Pimentel (Micaela Maria) — 316; Pimheiro (Filipe Alves) — 80; Pinta (Isabel) — 565; Pinta (Maria de Matos) — 189; Praia (Domingos André da) — 97; Privado (António) — 18; Proença (Aurélia Botelha de) — 280; **Quadros (João Rangel Vilela de)** — 172; Quadros (Miguel Rangel de) — 172; Quaresma (Angela) — 205, 277, 441 e 549; Quaresma (Maria) — 358; Ramos (Maria) — 48; Rangel (Luís da Gama Ribeiro), Familiar do S.^o Offício — 226 e 227; Rebelo (João) — 369; **Reis (Frei João dos)**, religioso da Ordem de S. Domingos — 175; Resende (Francisco Rodrigues de), capitão — 172; Reverendo (João Gonçalves), alfaiate — 526; Reverendo (Manuel João) — 526; Ribeira (Ana) — 15, 226 e 227; Ribeira (Joana) — 554; Ribeira (Maria) — 554; Ribeiro (P.^o Amaro) — 413; **Ribeiro (João Mendes)**, homem de negócio em — 142; Ribeiro (José) — 346; Ribeiro (Manuel) — 372; Ribeiro (Manuel de Sousa) — 226 e 227; Ribeiro (Pedro da Cruz) — 372; **Rocha (José de Sousa)** — 554; Rocha (Manuel da), o «Grande» — 554; Rocha (Maria da) — 259, 381 e 554; Rocha (Sebastião da) — 554; Rodrigues (Ana) — 204; Rodrigues (Antónia) — 192; Rodrigues (António) — 296; Rodrigues (Domingos) — 284; Rodrigues (Manuel) — 192 e 296; Rodrigues (Maria) — 175 e 204; Rolão (Pedro André) — 530; Romana (Sebastiana) — 32; Romano (Francisco Marques) — 316; Romano (Luís Marques) — 316; Salgado (Lic.^o Francisco Dias) — 142; Sampaio (D. Luísa Joaquina de) — 364; Santos (Ana dos) — 205, 277, 441 e 549; Santos (Filipe) — 204; Santos (Joana dos) — 204; **Santos (P.^o João dos)**, religioso da Real

- Congregação dos Agostinhos Descalços de Portugal e mestre de Teologia no Convento de N.^a Sr.^a da Boa Hora e S.^o Rita—204; Santos (Luís dos), o «Mareante»—117 e 477; Santos (Luísa dos)—270; Santos (Manuel dos)—71, 198, 205, 277, 441 e 549; Santos (Manuel dos), espadeiro e mais tarde contratador dos azeites—270; Santos (Margarida dos)—413; Santos (Maria dos)—80, 150 e 482; Santos (Maria dos)—372; Santos (Vitória dos)—372; Sarda (Maria da Esperança)—333; Seixas (Manuel Pereira de)—32; Serafins (Luísa Pereira dos), pupila do Convento da Madre de Deus de Sá, Esgueira, Aveiro—159; Serra (Pedro Marques da)—150; Serrão (Des.^o Vicente Coelho), juiz de fora na vila de—334; Silva (Domingos da)—306; **Silva (João Pereira da)**, licenciado pela Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra—163; **Silva (João Ribeiro da)**, mercador na cidade de—185; Silva (Jorge da Mota e)—334; Silva (Maria da)—174; Silveira (D. Brites Joana Teresa da)—226 e 227; Silveira (Clara Ribeiro da)—15, 262 e 227; **Silveira (João de Sousa Ribeiro da)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo—226; Silveira (João de Sousa Ribeiro da), cavaleiro professo da Ordem de Cristo e Familiar do S.^o Ofício—227; Silveira (Maria da)—15, 226 e 227; Silveira (D. Maria Jerónima da)—15, 226 e 227; Silvestre (Gaspar)—145; Simões (Filipa)—19 e 20; Simões (Henrique)—358; Simões (Luís), o «Paí Naná»—490; Simões (Maria)—358; Soares (Francisca)—145; Soares (Maria Monteiro)—172; Sousa (Francisco de), serralheiro—430; Sousa (Inácio)—554; **Sousa (João Ferreira de)**, mercador na vila de—88; **Sousa (P.^e João Monteiro de)**, vigário da igreja do Espírito Santo de—147; Sousa (Manuel de)—11 e 430; Sousa (D. Mariana Vazreira de), recolhida no Mosteiro de Jesus de—169; Tavares (Amaro), Familiar do S.^o Ofício—48; Tavares (Domingos)—482; Teles (João d'Eça)—280; **Temudo (João da Fonseca)**—97; Temudo (João da Fonseca)—97; Temudo (João da Fonseca), Familiar do S.^o Ofício—93; Tavares (Luís), escrivão da Câmara da vila de Cachoeira—482; Tavares (Maria)—323; Vasconcelos (D. Joana Travassos de)—316; Vasconcelos (Lic.^o Manuel Mendes de Barbuda e)—316; Vasconcelos (D. Maria Josefa de)—316; Varela (D. Mariana Pereira)—172; Velho (Manuel Rolão)—530; Vidal (Gaspar dos Reis)—177; Vidal (Gaspar dos Reis), Familiar do S.^o Ofício—159 e 202; Vilhena (D. Antónia de)—11; Vilhena (D. Maria de)—11.
- Cacia**—Antão (João), o «Cerra Olhos»—515; Antão (Manuel)—515; André (Maria)—127 e 537; Carvalho (P.^e Sebastião de Almeida), Comissário do S.^o Ofício e vigário da freg. de S. Julião de—70; **Corrales (P.^e João Pedro Miguéis)**, bacharel formado na Faculdade de Cânones, Protonotário Apostólico de S. Santidade e vigário da igreja de S. Julião de—156; Dias (Francisco), o «Robalo», marinho—127; Dias (Pero)—127; Domingues (André)—537; Fonseca (Leonor da)—142; Fonseca (Luísa da)—142; Francisca (Maria)—127; Gonçalves (André)—127; João (André), o «Terrível»—515; João (Manuel)—142; Jorge (Maria)—127; Manuel (Maria)—537; Mateus (Domingos)—537; Mateus (Maria)—537; Pannasca (Maria)—515; Pires (Violante)—127; Rodrigues (Miguel)—537; Silva (Domingos Rodrigues da), Familiar do S.^o Ofício—537.
- Eirol**—João (António)—130; João (Isabel)—130; Sameiro (João André)—130.
- Eixo**—Afonso (Maria)—22; Alves (Domingos)—185; André (Isabel)—429; André (Maria)—413 e 537; Antónia (Maria)—413; António (Manuel)—413; Antunes (Francisco)—21 e 22; Camelo (António da Costa)—362; Campos (P.^e António Fernandes de), vigário de Fermelã—22; Car-

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

neiro (Geraldo da Costa) — 362; **Costa (P.^o João Correia da)**, reitor da igreja de S.^o Isidoro de — 65; Dias (Engrácia) — 372; Fernandes (Luís), alferes — 185; Fernandes (Pedro) — 185; Ferreira (Bárbara) — 362; **Ferreira (José da Costa)**, negociante — 362; Ferreira (Madalena) — 362; Ferreira (Maria) — 255; Figueiredo (Ascenso Gonçalves de) — 372; Figueiredo (José Gonçalves de) — 372; Figueiredo (Maria Rosa de) — 372; Francisco (João) — 429; Francisco (Manuel) — 429; Jesus (Maria Luísa de) — 185; Jorge (António) — 22; Jorge (Manuel) — 537; Luís (Madalena) — 185; Manuel (Olaia) — 362; Marques (Domingas) — 185; Marques (Jacinto) — 255; **Marques (Joaquim José)**, negociante em Paraíba — 255; Marques (Luísa) — 185 e 255; Marques (Manuel Alves), Familiar do S.^o Ofício — 185; Nunes (Maria) — 372; Oliveira (Luísa de) — 226 e 227; Outeiro (Manuel Dias do) — 372; Picado (Bartolomeu Afonso) — 565; Rodrigues (António) — 362; Rodrigues (Diogo) — 255; Rodrigues (Sebastiana) — 372.

Esgueira — Almeida (Antónia) — 126; Almeida (Beatriz de) — 188; Almeida (D. Francisca da Silveira d'Eça e) — 318; **Almeida (João Rodrigues de)**, escrivão proprietário da Alfândega da vila de Castelo Branco — 188; **Almeida (Lic.^o José Gomes de)** — 421; André (Catarina) — 366; André (Maria) — 91, 358, 421 e 537; André (Mateus) — 22; André (Miguel) — 358; **Antão (José da Rocha)**, homem de negócio na vila do Corgo do Rio das Mortes — 515; Antão (Manuel) — 515; Antunes (Francisco) — 21 e 22; Antunes (Helena) — 21 e 22; Athá (João Dias), capitão — 91; Athá (Manuel João) — 91; Azevedo (Gregório de Barros de) — 317; Azevedo (Maria de Barros de) — 318; Bastos (Manuel de Sousa) — 117 e 477; Botelha (Violante) — 318; Bulhão (Joana da Silveira) — 317; Cardoso (Helena) — 317 e 318; Cardoso (Francisco) — 317; Careto (André Fernandes) — 537; **Carvalho (João**

Barreiros de), bacharel formado em Cânones e Provedor da com.^o de — 51; Carvalho (Sebastião de Almeida) — 70; Coimbra (João Gomes) — 530; Coutinho (António de Moura) — 518; Coutinho (Manuel de Sequeira) — 518; Cruz (Helena de) — 117 e 477; Dias (Lic.^o Inácio) — 126 e 421; Dias (Isabel) — 515; Dias (Maria) — 317 e 515; Dias (Marta) — 91; Dias (Mateus) — 421; Duarte (André) — 91; Duarte (Miguel) — 205 e 277; Eça (D. Angélica de Almeida d') — 318; Esteves (Maria) — 91; Fernandes (Ana) — 277; Fernandes (Antónia) — 537; Fernandes (Domingos) — 91; Fernandes (Sebastião) — 91; Ferra (Ana) — 205; Ferraz (Ana) — 441 e 549; Ferreira (Maria Antónia) — 22; Francisca (Catarina) — 205 e 277; Francisco (Tomé), o «*Rinheiro*» — 117 e 477; Gomes (Antónia) — 421; Henriques (Domingos André) — 358; Homem (Henrique de Almeida) — 318; **Homem (P.^o José Pereira)**, vigário da igreja de S.^o André de — 493; Jesus (Nafália de) — 111 e 477; João (André), o «*Terrível*» — 515; Maia (Antónia da) — 91; Maia (D. Maria Teresa de Jesus) — 91; Maia (Nicolau Fernandes da), Familiar do S.^o Ofício e capitão-mor da vila de — 91; Marques (António) — 537; Marques (Sebastiana) — 537; Martins (Maria) — 22; Mateus (Francisco) — 408; Mateus (Joana) — 91; Mateus (Maria) — 21; Oliveira (Ana Maria de) — 317; Oliveira (D. Maria de) — 70; Oliveira (Pedro de) — 317; Pacheco (Filipa) — 317; Pacheco (Francisco Cardoso) — 317; Paiva (António de Resende e) — 318; Pereira (Nuno Álvares) — 70; Pinho (Inês de) — 144; Resende (Maria de) — 318; Ribeiro (Joana) — 554; Rodrigues (Pedro) — 188; Salgado (Lic.^o Francisco Dias) — 142; **S. Tomás (P.^o Frei José de)**, religioso da Ordem dos Pregadores, lente de prima de Teologia no seu Convento de S. Domingos do Porto — 537; Serafins (Luísa Pereira dos), pupila do Convento da Madre de Deus de Sá, — 159; Silva (Domingos

- (Rodrigues da), Familiar do S.^o Officio—537; **Silveira (José de Barros da)**—317 e 318; Silveira (José de Barros da), Familiar do S.^o Officio—318; Tereno (Manuel da Costa)—366; Tereno (Manuel Luís)—366; Teresa (D. Francisca)—91.
- Nariz* — Rodrigues (João) — 269.
- Oliveirinha* — António (P.^o Luís) — 413; **Carvalho (José Francisco)** — 412; Carvalho (Manuel Francisco) — 412; Carvalho (Maria) — 412; Fernandes (Pedro) — 141; Grifo (Manuel António) — 412; João (P.^o Manuel) — 413; Marques (P.^o Manuel) — 413; Salgueiral (Manuel Francisco) — 412; Vieira (Maria) — 412.
- Requeixo* — João (Maria) — 412; Leão (Maria), ou João — 412; Marques (Pedro) — 412; Simões (Catarina) — 412; Simões (Isabel) — 412; Simões (João) — 412; Vieira (Maria) — 412.
- CASTELO DE PAIVA**
- Bairros* — Barbosa (Catarina) — 506; Fernandes (Ana) — 352; Maria (Isabel) — 352; Mendes (Maria) — 232 e 424; Paiva (João de) — 506; Paiva (José Barbosa), cutileiro — 506; Paiva (Silvestre de), lavrador — 232 e 424; Rodrigues (Jorge), lavrador — 39.
- Castelo de Paiva* — Barbosa (Francisco Soares), torneiro — 180.
- Fornos* — Silva (Luís da), capitão — 105; Silva (Tomé da) — 46.
- Paraíso* — João (Maria) — 510; Paiva (João Vieira de) — 510; Vieira (João) — 510.
- Pedorido* — Araújo (P.^o Manuel Nogueira de), reitor da freg. de S.^o Eulália de — 56; Cunha (Nicolau da) — 200; Gonçalves (João) — 475; Moreira (Maria) — 475; **Pais (José Moreira)** — 475; Pais (Margarida) — 475; Póvoa (Domingos Moreira da) — 475.
- Raiva* — Alves (Maria) — 375; Ferreira (Ana) — 373; Ferreira (Jorge) — 373; Sá (Domingas de), solteira — 225; Sá (Maria Soares de) — 225.
- Real* — Aires (Isabel) — 343; Alvares (Francisco) — 517; Alvares (Gonçalo) — 164 e 498; Alvares (João) — 39; António (Fernando), dos Montenegros — 321; **Azevedo (João de)**, lavrador — 39; Azevedo (Maria de) — 39; Barbosa (António Alvares) — 157; Barbosa (Maria) — 241; Carneiro (José) — 343; Chamorro (Gonçalo) — 343; Duarte (Maria) — 343; Fernandes (Catarina) — 39; Fernandes (Pedro), lavrador — 39; Fernandes (Violante) — 39; Jesus (Natália Rodrigues de) — 164 e 498; João (Domingas) — 39; João (Francisco) — 39; João (Isabel) — 39; João (Maria) — 39; Lourenço (Jorge), lavrador — 39; Machado (Maria) — 164 e 498; Machado (Manuel Alvares) — 164 e 498; Martins (Pedro) — 232 e 424; Mendes (Maria) — 424; Miranda (P.^o João Carneiro de) — 343; **Miranda (José Carneiro de)**, boticário — 434; Miranda (D. Violante Rosa de) — 321; Paiva (Manuel Martins) — 424; Paiva (Manuel Martins), mercador — 232; Pinto (Maria) — 321; Rocha (D. Joana da) — 323; Rocha (D. Maria da) — 323; Rodrigues (Jorge), lavrador — 39; Rodrigues (Maria) — 164 e 498; Silva (João Peixoto da) — 323; Soares (Francisco) — 180 e 211; Tomé (Maria) — 343.
- Sardoura (S.^o Maria)* — Alves (Maria) — 373; António (Fernando), dos Montenegros — 321; Araújo (Luís Correia de) — 38; Araújo (P.^o Manuel Nogueira de), reitor da freg. de S.^o Eulália de Pedorido — 56; **Azevedo (José Vieira de)**, homem de negócio — 562; Azevedo (Manuel) — 562; Barbosa (João Soares), cirurgião — 225; Borges (Jerónima) — 326; Carneiro (António da Silva) — 440; Carneiro (Henrique da Silva), proprietário do officio do Crime — 440; Dias (Francisco) — 326; Espírito Santo (Maria Correia do) — 440; Fernandes (Suzana) — 562; Jesus (Teresa de) — 562; Maria (Antónia) — 38; Meneses (D. Isabel Maria Clara Pereira da Costa e) — 341; Miranda (Martinho José Pinto da Silva), fidalgo da Casa de S. Mag.^o — 341; Montalegre (Domingos Gonçalves de) — 73; Moreira (Manuel) — 292; Moreira (Quitéria) — 292; Ribeira (Fran-

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- cisca)—726; Rosário (Ana do)—292; **Silva (José Borges da)**, mercador no Rio de Janeiro—326; Soto Maior (Luísa Angélica Teles de Meneses)—341; Vieira (Frutuoso)—562.
- Sardoura (S. Martinho)**—Alvares (João)—292; Carneira (Maria Mendes)—292; Carneiro (António da Silva)—440; Gonçalves (Maria)—56; Moreira (Quitéria Maria)—292; Pereira (João)—260; Vasconcelos (Caetano Alvares de)—292; **Vasconcelos (P.º José Alvares de)**, pároco da freg. de — 292.
- Sobrado**—Aguiar (Ana Ferreira de)—35; Alvares (João)—292; Baldaia (D. Lourença Clara da Silva e)—341; Barbosa (António)—35; Barbosa (Francisco Soares), tanoeiro—241; Barbosa (P.º Francisco Soares), abade da freg.ª de S.ª Maria de—241; Barbosa (João Soares), cirurgião—225; Barbosa (João Soares), cirurgião—225; Barbosa (Maria)—180 e 241; Barbosa (Paulo da Costa)—35; Correia (Manuel)—35; Costa (Jorge)—35; Dias (Filipe)—511; Fernandes (Catarina)—39; Miranda (Gonçalo Vaz Pinto de), fidalgo da Casa de S. Mag.ª e Capitão-mor de Paiva, Familiar do S.º Ofício—341; Miranda (Martinho José Pinto da Silva), fidalgo da Casa de S. Mag.ª—341; Soto Maior (Luísa Angélica Teles de Meneses), 341.
- ESPINHO**
- Anta**—Alves (Manuel), o «Estudante»—451; António (Domingos)—388; António (Domingos), o «Carreira»—415; Costa (Maria da)—345; Domingues (Agueda)—388 e 415; Domingues (Gonçalo)—415; Domingues (Isabel)—415; Domingues (João), o «Idanhas»—485; Domingues (Maria)—415; Fernandes (Isabel)—415; Fernandes (Maria)—415; Francisco (Alexandre)—415; Francisco (Domingos)—388 e 415; Maria (Leonarda)—388 e 415; **Massa (José Francisco Monteiro)**, homem de negócio—415; Massa (José Francisco Monteiro), Familiar do S.º Ofício—388; Monteiro (Agueda Domingues)—388; Monteiro (Agueda Maria)—415; Monteiro (Gonçalo Domingues)—415; Oliveira (Isabel de)—461.
- Guetim**—Frutuoso (João)—293; Manuel (Frutuoso)—454; Oliveira (Isabel de)—461.
- Paramos**—Antónia (Catarina)—497; Domingues (Francisco)—497; Francisca (Maria)—497; Gonçalves (Mateus)—397; João (Domingos)—368; Pereira (João)—497; **Sousa (José Pereira de)**—497; Sousa (Manuel Pereira de)—497.
- Silvalde**—Alves (Domingos), lavrador—295; Alves (Maria)—295; Domingues (António), lavrador—295; Gonçalves (Maria)—295; João (Maria)—386; **Silva (José Alves da)**, homem de negócio no Rio de Janeiro—295.
- ESTARREJA**
- Avanca**—Abreu (Ana Joaquina de Sá)—179; **Abreu (João de Resende Valente de)**—179; Antão (Domingos)—89; Bernarda (Jerónima)—179; Dias (Henrique)—89; Ferreira (Maria)—61; Figueira (Helena)—89; Figueira (Maria)—178; **Fragoso (P.º João de Resende)**, abade da igreja de S.ª Maria de Mós, Braga—178; Fragoso (P.º João de Resende), abade de Mós, Braga, e Comissário do S.º Ofício—239; Fragoso (Manuel Resende)—60; Fraião (Lic.ª P.º António de Oliveira), presbítero do hábito de S.ª Marinha de — 124; **Franco (Joaquim da Silva)**, homem de negócio em Lisboa—273; Franco (Manuel da Silva), Familiar do S.º Ofício—273; Gil (Diogo)—273; Godinho (Gregório da Silva)—178 e 239; João (Agostinho)—89; Lopes (Baltasar)—239; Lopes (Isabel)—239; Oliveira (Domingas de)—60; Pais (Dr. Custódio)—179; Pereira (Manuel)—60; Pereira (Manuel Antão), capitão—60; Pinho (Francisco de)—176; **Quadros (P.º João Caetano da Silva Rangel e)**, presbítero secular—61; Quadros (João de Oliveira Rangel e)—61; Quadros (Manuel de Oliveira Rangel e)—61; Resende (Baltasar

- de) — 178; Resende (Brízida Joana Tavares de) — 60; Resende (Inocência da Silva de) — 239; Resende (Isabel de) — 239; Resende (João Pinho) — 179; Resende (Maria de) — 178 e 239; Resende (Perpétua de) — 179; Silva (Ana Maria da) — 61; Silva (Catarina da) — 273; Silva (Isabel da) — 178; Silva (Manuel da) — 61 e 273; Silva (Paula da) — 194; Silva (Sabina Vaz da) — 273; Valente (Domingas) — 131; **Valente (P.^o Dr. João Caetano Pereira)**, presbítero do hábito de S. Pedro e prior da igreja de S. João de Loureiro — 60; Valente (Teresa) — 60; Vaz (Estêvão) — 239; Vaz (Manuel) — 273; Vaz (Maria) — 61.
- Canelas* — Francisca (Antónia) — 21.
- Estarreja* — Cunha (Tomé da) — 137; Dias (Maria) — 184; **Figueiredo (João de)**, escrivão do público na vila de — — 89; **Rangel (João da Silva)**, escrivão do público do conc.^o de — — 212.
- Fermelã* — **Almeida (João de)** — 21 e 22; Almeida (João de) — 21; Almeida (João de), o «Velho» — 21 e 22; Almeida (Manuel de) — 21 e 184; Almeida (Lic.^o Manuel da Silva de), Familiar do S.^o Ofício — 184; Almeida (Maria de) — 22; Almeida (Maria da Silva de) — 184; André (Mateus) — 423; Antão (João), o «Cerra Olhos» — 515; António (Manuel) — 184; Antunes (Helena) — 21 e 22; Campos (P.^o António Fernandes de), vigário de — — 22; Cangão (Alvaro Dias) — 423; Carpente (Domingos Fernandes) — 129; Cartaxo (André Gonçalves) — 21; Dias (André), o «Baló» — 246; Dias (Isabel) — 87; Dias (Joana) — 246; Dias (Manuel) — 423; Dias (Maria), «Parola» — 246; Fernandes (Gonçalo) — 22; Fernandes (Isabel) — 129 e 184; Fernandes (Manuel) — 129; Francisca (Antónia) — 21 e 22; Francisca (Maria) — 21 e 22; Gonçalves (André) — 174; João (Domingos) — 41; Jorge (Pedro) — 22; Madeira (João Baptista) — 423; Martinho (Domingas Dias do) — 423; Martins (Maria) — 41; Nogueira (Antónia) — 174; Nogueira (António) — 174 e 329; Pinho (Antónia de) — 174 e 329; Pinho (Mariana Nogueira de) — 174 e 329; Silva (Maria da) — 21 e 184; Silva (Lic.^o Manuel da) — 21; Soares (Maria), solteira — 184; Sousa (Domingas de) — 340; Veirão (Manuel Dias) — 87; Veirão (Manuel Martins) — 87.
- Salreu* — **Almeida (João Rebelo de)** — 174; Almeida (João Rebelo de), Familiar do S.^o Ofício — 220 e 329; **Almeida (José Caetano de)** — 329; Amaral (Paula Rebelo do) — 174 e 329; Anes (Pedro) — 91; Bastos (Maria de) — 137; Cunha (Manuel da) — 137; Cunha (Tomé da) — 137; Dias (Domingos) — 458; Dias (Miguel) — 131; Fernandes (Manuel) — 289; Figueira (Bernardo), Familiar do S.^o Ofício — 220; Figueira (Domingos) — 220; Figueira (Helena) — 89; Figueira (Maria) — 178; Figueiredo (Gabriel de), ourivres da prata em Aveiro — 91; Figueiredo (João de) — 89; Figueiredo (Mateus de) — 89 e 91; Fonseca (Miguel da), lavrador — 96; Francisca (Maria) — 91 e 458; Francisca (Paula) — 91; Góis (**João Gomes de**) — 113; Gonçalves (João), o «Castelhanos» — 268; Henriques (Manuel de Almeida) — 174; João (Andreza) — 458; João (Maria) — 89, 90 e 96; Marques (Andreza) — 458; Marques (António) — 458; **Marques (José)**, homem de negócio — 458; Marques (Manuel) — 458; Nogueira (Antónia) — 174; Oliveira (Águeda) — 89; Pacheca (Luísa Pais) — 131; Panasco (Teotónio da Fonseca) — 96; Pereira (Isabel Martins) — 58; Pinho (Antónia de) — 174 e 329; Pinho (António de) — 174; Pinho (Mariana Figueira de) — 220; Pinho (Mariana Nogueira de) — 174 e 329; Pinho (Miguel de) — 131; Pinho (Teresa Maria Figueira de) — 220; Rodrigues (João) — 230; Silva (Ángela da) — 230; Silva (António de Almeida e) — 329; Silva (Domingos Valente da) — 89; Silva (Manuel de Almeida da) — 174; Silva (Manuel Brandão da) — 58; Silva (Maria da) — 174 e 230; Tavares (Lic.^o Cipriano Martins) — 220; Valente (Bernarda da Silva) — 174; Valente

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- (Domingas) — 131; Valente (Maria Pacheco) — 131; Vicente (Maria de Pinho) — 220.
- Santiago de Beduido* — André (Maria) — 89; Azevedo (Francisco Lopes de) — 315; Dias (Catarina) — 89; Dias (Domingos) — 89; Dias (João) — 89; Dias (Maria) — 89; Dias (Tomé) — 89; Fernandes (João) — 89; **Figueiredo (João de)**, escrivão do público na vila de Estarreja — 89; Fonseca (Leonor da) — 142; Graça (Agueda da) — 184; Jorge (Ana) — 89; Lopes (António Pereira) — 315; Marques (Joana) — 315; Morais (António Ribeiro de), capitão-mor — 184; **Morais (João Ribeiro de)**, capitão de ordenanças — 184; Morais (Miguel Ribeiro de) — 184; Oliveira (Bernarda de) — 315; Oliveira (Domingas de) — 89; Oliveira (Isabel de) — 315; Oliveira (Manuel de) — 315; Oliveira (Margarida Rita de) — 315; Paiva (Antónia) — 318; Paiva (António de Resende e) — 318; Paiva (Joana de) — 184; Pimentel (Damiana) — 530; **Pimentel (P. José Rolas)**, reitor da igreja de — 530; Resende (Domingos de) — 318; Silva (António Marques da) — 89; Valente (Maria) — 89; Velho (Manuel Rolão) — 530.
- Veiros* — Antão (Domingas) — 212; Domingues (Maria) — 459; Marques (Domingos) — 310 e 459; Martins (Tomé) — 459; Oliveira (Domingas de) — 60; Pereira (Manuel) — 60; Rangel (Maria) — 212; Silva (Catarina da) — 273; Silva (João da) — 212; Silva (Mariana da) — 212; Silva (Marta da) — 273; Veirão (Manuel Dias) — 87.
- FEIRA**
- Argoncilhe* — João (Domingos) — 304.
- Arrifana de S.^{ta} Maria* — **Carvalho (P.^e José Caetano da Silva)**, prior da igreja de S. Miguel da Marmeleira, Mortágua — 337; Carvalho (Maria da Silva de) — 337; Correia (Apolónia) — 222; Correia (Maria) — 222; Costa (Aleixo Borges da) — 94; Costa (D. Francisca da) — 94; **Cunha (João da Fonseca da)** — 94; Cunha (João da Fonseca da), cavaleiro do hábito de Santiago — 94; Feira (P.^e Mestre Frei António da), Qualificador do S.^{to} Ofício — 337; Francisco (Marcos) — 337; Gomes (Luísa) — 222; Miranda (Joana Borges de) — 94; Oliveira (Custódia Teresa de) — 434; **Reis (José Inácio dos)**, caudatário do Bispo Inquisidor-geral — 434; Rodrigues (João) — 222; Sá (Ana Maria Gomes de) — 434; Sá (Francisco dos Reis Rebelo de) — 434; **Sousa (João de)** — 222; Sousa (João de) — 222.
- Canedo* — Antónia (Catarina) — 26; Antónia (Maria) — 149; António Domingos, o «Quatro-reis» — 149; Dias (Domingas) — 149; Lago (D. Maria Joana Jacinta Pereira do) — 2; Lago (Sebastião Pereira do), cavaleiro professo da Ordem de Cristo — 2; **Leal (P.^e Jacinto José Pereira)**, sacerdote do hábito de S. Pedro, formado pela Faculdade dos Sagrados Cânones — 2; Mota (Ângela da) — 149; Mota (Pedro da) — 149; Reis (Constantino Dias dos) — 434; Reis (João dos) — 149; **Reis (João da Mota)** — 149; Sá (Ana Maria Gomes de) — 434; Sá (Francisco dos Reis Rebelo de) — 434; **Sousa (Jacinto Leal de)**, reitor da igreja paroquial de S. Pedro de — 3; Sousa (Lic.^{do} Jacinto Leal de), reitor da paroquial da igreja de S. Pedro de — 2.
- Canelas* (actualmente do conc.^o de Vila de Gaia) — Gonçalves (Manuel) — 118.
- Escapães* — Azevedo (Teodora Joaquina de) — 294; Carvalho (Manuel) — 294; **Lima (P.^e João Carneiro de)**, abade da freg.^a de S. Martinho de — 62; Oliveira (Rosa de) — 294.
- Espargo* — Gonçalves (Margarida) — 445; João (António) — 445; Marinho (António Leite) — 445; **Neves (José Leite)**, boticário em Castelões, Vale de Cambra — 445; Pinho (Inocência de) — 445; Silva (Domingos da) — 238.
- Feira* — Almeida (D. Maria Coutinho de) — 281; Alves (Domingas) — 319 e 384; Berredo (Manuel Pereira de), cavaleiro professo da Ordem de Cristo e Familiar do S.^{to} Ofício — 446; Cabral (Francisco de Almeida), cirur-

gião—238; Cabral (Lic.^{do} Gaspar Leite), cavaleiro professor da Ordem de Cristo—446; Carvalho (D. Filipa Soares de)—446; Carvalho (D. Sebastiana Maria Rosa de)—450; Coelho (Feliciano Leitão)—281; Coelho (Joaquim)—395; **Coelho (José Ferreira)**, homem de negócio em Lisboa—395; Correia (Apolónia)—222; Costa (Estêvão da)—312; Costa (Gonçalo da)—1; Costa (Joana da)—311; Feira (Conde da)—16; Feira (Conde da), D. Manuel Pimentel—281; Feira (8.^o Conde da), D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel), Familiar do S.^o Offício—281; Feira (Condessa da)—12; Feira (6.^a Condessa da), D. Joana Forjaz Pereira)—281; Fernandes (Ana)—248 e 436; Fernandes (António)—1; Fernandes (Joana)—248; Fernandes (Maria)—395; Fernandes (Pedro)—248 e 436; Ferreira (Domingas)—395; Ferreira (Joana)—436; Ferreira (Manuel)—395; Fonseca (Joana da)—238; Fonseca (Maria da)—140; Fonseca (Rosa Maria da)—238; Francisca (Antónia)—45; Francisco (António), o «Drago»—289; Freitas (Domingos de)—418; Freitas (Maria de)—238; Gomes (António)—554; Gomes (Mariana)—248 e 436; João (José)—248; João (Manuel)—248; João (Manuel), o «Trabucão»—436; Jorge (Domingas)—1; Jorge (Domingos Ferreira)—5; José (João)—436; Lago (Pantaleão Pereira do)—2; Lago (Sebastião Pereira do), cavaleiro professor da Ordem de Cristo—2; **Magalhães (João de Oliveira)**—153; Magalhães (João de Oliveira)—153; Manuel (Sebastião)—5; Melo (Francisco Soares de), boticário—531; Melo (Helena Caetano de)—531; Meneses (D. Joaquina Maria de)—281; Miranda (Diogo Leite de)—446; Oliveira (Dr. Berardo da Fonseca), médico do partido na vila da— e Familiar do S.^o Offício—450; Pereira (D. Joana Forjaz), 6.^a Condessa da Feira—281; Pimentel (D. Fernando Forjaz Pereira), 8.^o Conde da Feira, Familiar do S.^o Offício

—281; Pimentel (D. Manuel), Conde da Feira—281; Pinheira (Francisca)—5; Pinheiro (Francisca)—12; Pinta (Joana)—319 e 384; Pinto (Gonçalo)—319 e 384; Rodrigues (António), o «Bucho»—238; Rodrigues (João)—471; Silva (André da)—238; Silva (Antónia Maria da)—531; Silva (Domingos da)—238; Silva (João da)—471; Silva (Maria da)—471; Silva (Maria da)—471; Silva (D. Maria da)—446; Silva (Vicência da)—153; Soares (Lic.^{do} Matias)—532; Soares (Salvador de Matos), Familiar do S.^o Offício—140; Sousa (Domingos Fernandes de), Familiar do S.^o Offício—436; Sousa (Domingos Fernandes de), tenente-coronel e Familiar do S.^o Offício—248; Teixeira (Antónia Rodrigues)—12; Teixeira (Bernarda Caetana de Melo)—532; Teixeira (Jacinta de Melo)—532; Viveiros (D. Ana Maria de)—281.

Fiães—Alves (João)—531; André (Maria)—266; Coelho (Luísa)—536; Coelho (Manuel Ferreira)—536; Ferreira (António Pinto)—266; Ferreira (João Pinto)—266; Ferreira (Matias)—536; Francisca (Maria)—100; Silva (Ana da)—266.

Fornos—Carneira (Maria)—62; Costa (Estêvão da)—312; Cruz (Manuel Fernandes da)—271; Fernandes (Anastácia)—222; Fernandes (Francisco)—337; Fernandes (Gonçalo)—222; Francisco (Marcos)—337; Gomes (António), presbítero—222; Gomes (Catarina)—222; Gonçalves (Cecília)—337; Jorge (Marcos)—222; Leite (Manuel)—6; Leite (Manuel da Costa)—312; Leite (Maria)—6 e 312; **Lima (P.^o João Carneiro de)**, abade da freg.^a de S. Martinho de Escapães—62; Marques (Joana)—62; Matos (António Marques de)—62; Matos (João de)—62.

Gião—André (Agueda)—390; Dias (Manuel)—390; Fernandes (Belchior)—79; Fernandes (Domingos)—390; Fernandes (Manuel)—390; Francisca (Maria)—136; Valente (Anastácia)—390; Valente (Antónia)—390; **Valente**

- (José Fernandes), homem de negócio na cidade da Baía—390.
- Guizande*—Fernandes (Manuel)—154; **Ferreira (José Santiago)**, tenente em Torquim, Mariana—534; Farncisca (Domingas)—154; Farncisca (Maria)—154; Oliveira (Farncisco de)—154; **Pinto (João de Oliveira)**, homem de negócio com loja de mercador na trav. da Conceição Velha de Lisboa—154; Rodrigues (Ana)—534; Santiago (António de)—534; Santiago (Manuel de)—534; Santos (Constantino Ferreira dos)—534.
- Lamas*—Alvares (Domingos)—100; **Brandão (José de Sá Pereira)**—532; Coelho (Maria)—64; Francisca (Maria)—100; Gomes (Mariana)—248; Gonçalves (Domingos)—279; Jorge (Cezília)—532; Lopes (Maria)—532; Lopes (Mateus)—100; Moreira (Manuel de Sá)—532; Pereira (Brites de Jesus)—532; Pereira (P.^o Simão Martins), abade da freg.^a de S.^{ta} Maria de—532; Sá (João de)—532; Santos (Ana Alvares dos)—100.
- Lobão*—Alves (Margarida)—361; André (Maria)—228; Costa (Agostinho da)—361; Fernandes (Maria)—100; Francisca (Isabel)—297; Francisca (Maria)—100; Francisco (António)—100; Francisco (Brás)—228; Gonçalves (Pedro), lavrador—361; Igreja (Domingos Soares da)—297; Silva (José da)—557; Soares (António), cirurgião da Casa Real—297; Silva (António da)—228.
- Louredo*—André (Manuel)—159; Antónia (Catarina)—26; Ferreira (Francisco Pinto)—523; Ferreira (Jorge de Oliveira)—26; Gonçalves (Domingas)—159; Gonçalves (Pedro), lavrador—361; Jorge (Domingas)—1; Manuel (Maria)—523; Oliveira (Gonçalo de)—26; Pinta (Antónia)—509; Pinto (António), lavrador—523.
- Lourosa*—Cardoso (António)—100; **Cardoso (João Francisco)**—100; Cardoso (Manuel)—100; Coelho (António)—45; Coelho (Francisco)—245; Coelho (Pedro)—513; Crasto (Manuel de)—249; Crasto (Maria de)—249; Dias (André)—473; Fernandes (Catarina)—279; Fernandes (Manuel)—138; Fernandes (Maria)—249; Ferreira (Luísa)—138; Franca (Francisco Ferreira)—249; **Franca (Joaquim Ferreira)**, homem de negócio na Baía—249; Francisca (Maria)—100; Gonçalves (Domingos)—279; Gonçalves (Pedro)—279; João (Maria)—249; **Marques (P.^o João)**, abade da igreja de Sant'Iago de—135; Ribeiro (António Dias)—249; Santos (Ana Alvares dos)—100; Teresa (Maria)—138.
- Mafamude* (actualmente do conc. de V. N. de Gaia)—Antónia (Isabel)—118; Dias (Domingos)—118; Domingues (Maria)—118; Francisca (Andreza)—118; Gonçalves (Manuel)—118; **Reis (João Gonçalves dos)**—118; Reis (Manuel Gonçalves dos)—118.
- Milheirós de Poiares*—Alvares (Cipriano)—383; Alvares (Maria)—383; Cação (Baltasar Dias)—158; Costa (Dionísio da)—512; Costa (Maria da)—512; Dias (Maria)—383; Espírito Santo (Mariana Francisca do)—383; Francisca (Maria)—383; Francisco (António)—383; Moreira (Manuel)—383; Resende (Maria de)—512.
- Mozelos*—Anjos (Catarina dos)—352; Coelho (Domingos)—395; Coelho (Joaquim)—395; Coelho (Manuel)—395; Costa (João da)—386; Fernandes (João)—386; Francisca (Maria)—395 e 474; João (Maria)—386; **Oliveira (João José de)**, homem de negócio na Baía—124; Santos (Antónia dos)—395; Sousa (Filipe de)—474; Sousa (Vicência de)—474.
- Mosteirô*—Dias (Domingos)—222; Dias (Maria)—222; Francisca (Domingas)—222; Gomes (Catarina)—222.
- Nogueira da Regedoura*—Costa (Maria da)—345; Costa (Mariana da)—345; João (Simão)—345.
- Oleiros*—Alves (João)—531; Antónia (Catarina)—531; Azevedo (Teresa Soares de)—252; Azevedo (Vicência da Costa)—252; Barros (António da Costa)—252; Carvalha (Maria)—531; Costa (Manuel da)—531; João (Cata-

- rina) — 485; Passos (Manuel da Costa), homem de negócio — 531.
- Olival* (actualmente do conc. de V. N. de Gaia) — Couto (Francisco do) — 385; Pereira (Águeda) — 385; Sousa (Ângela de) — 385.
- Paços de Brandão* — Aguiar (Eusébio de Azevedo e) — 532; Aguiar (Leonarda de) — 532; **Brandão** (José de Sá Pereira) — 532; **Carvalho** (José de Sá), homem de negócio no Rio de Janeiro — 531; Carvalha (Maria) — 531; Costa (João de Azevedo da), capitão — 532; Crasto (Manuel de) — 249; Crasto (Maria) — 531; João (Cezília) — 472; Melo (Jacinta Luísa de Azevedo e) — 532; Sá (Isabel de) — 472; Sá (João de) — 472 e 531; Sá (Manuel de) — 531.
- Pigeiros* — Ferreira (Maria) — 13; Francisca (Antónia) — 154; Martins (Domingas) — 154; Martins (Domingos Ferreira) — 13; Martins (Pedro) — 13; Matos (António de) — 154.
- Rio Meão* — Almeida (Beatriz de) — 140; **Campos** ■ **João Ferreira da**, mercador em Coimbra — 83; Coelho (Joaquim) — 395; Costa (João de Azevedo da), capitão — 532; Fernandes (Maria) — 83; Ferreira (Jerónimo) — 83; Ferreira (Joana) — 83; Gonçalves (Maria) — 200; Matos (Salvador de) — 140; Matos (Teodósio de) — 140; Mendes (Frutuoso) — 83; Mendes (Manuel), lavrador — 83; Pinto (Maria Ferreira) — 83; Sá (João de) — 472 e 532; Santos (Inocência de Sousa) — 489; Santos (Manuel Gomes dos) — 489; Silva (Micaela da) — 395; Soares (Isabel) — 140; Soares (Salvador de Matos), Familiar do S.^o Ofício — 140; Sousa (Joana de) — 489.
- Romariz* — Alvares (Domingos) — 100; Alvares (João) — 39 e 100; Costa (Maria da) — 39; Dias (Francisca) — 287; Fernandes (Isabel) — 100; Fernandes (Manuel) — 154; Machada (Maria) — 164 e 498; Matos (António de) — 154; Oliveira (João de Paiva de) — 215 e 550.
- Ranfins* — Alvares (Maria) — 512; Alvares (Simão) — 512; Costa (P.^o Alberto Alvares da), presbítero do hábito de S. Pedro — 512; Costa (Francisco Alvares da), Familiar do S.^o Ofício — 512; Costa (Maria da) — 512; Fanjo (António Ferreira) — 401; Inácia (Rosa) — 512; Leão (Maria Ferreira) — 401; Manuel (Simão) — 512.
- Sanguedo* — António (Domingos) — 389; Fernandes (Catarina) — 389; Fernandes (Domingos) — 389; Gonçalves (Catarina) — 389; Jorge (Catarina) — 389; Lopes (João) — 16; **Pereira** (José Fernandes), capitão, morador na cidade da Baía — 389; Pinta (Guiomar) — 16; Pinta (Violante) — 16.
- S. Félix da Marinha* (actualmente do conc. de V. N. de Gaia) — Costa (Estêvão) — 6; Domingues (Francisco) — 497.
- S. João de Ver* — Aguiar (Eusébio de Azevedo e) — 532; Alves (António) — 331; Fernandes (Catarina) — 331; Fernandes (Maria) — 331; Ferreira (Manuel) — 395; Francisco (Manuel) — 414; Gomes (André), o «Novo» — 414; Gomes (Catarina) — 414; Gomes (Esperança) — 414; Leça (José Francisco), capitão do aviso «N.^o Sr. da Esperança» — 414; Marques (Mateus) — 461; Moreira (Manuel Alvares) — 451; Teixeira (Bernarda Caetano de Melo) — 532.
- S. Jorge* — Alves (Domingas) — 319 e 384; Francisco (Manuel) — 414; Soares (Antónia) — 414; Vieira (Madalena) — 368.
- Serzedo* (actualmente do conc. de V. N. de Gaia) — Gonçalves (Mateus) — 497.
- Souto* — Costa (Maria Moreira da) — 563; Fernandes (Maria) — 222; Jorge (Antónia) — 396; Manuel (Maria) — 222; Pereira (João de Almeida) — 563; Pereira (Rodrigo de Almeida) — 563; Reis (Manuel Rodrigues dos) — 222; Reis (Teresa Rodrigues dos) — 222; Rodrigues (Manuel) — 466; Vale (P.^o Francisco Januário), reitor da freg.^o de S. Miguel do —, Familiar do S.^o Ofício — 352.
- Travanca* — Ferreira (António) — 396; Francisca (Domingas) — 222; Gonçalves (Domingos) — 396; João (António) — 445; Jorge (Antónia) — 396.

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

Vale — Manuel (Maria) — 523.
Vila Maior — Correia (Luísa) — 357; Ferreira (João dos Santos) — 534; Francisco (Bartolomeu) — 136; Francisco (Isabel) — 534; Lucena (P.^o José Pereira de Matos), reitor colado da igreja de S. Manuel de — 495.
Vilar de Andorinho (actualmente do conc.^o de V. N. de Gaia) — André (Margarida) — 365; Pa-raíso (António Gomes) — 365.
Vilar do Paraíso (actualmente do conc.^o de V. N. de Gaia) — Fer-nandes (João) — 365.

ILHAVO

Ilhavo — Afonseca (Maria de Oli-veira da) — 226 e 227; André (Domingos) — 226 e 227; André (P.^o Inácio) — 413; André (João) — 86; Antónia (Maria) — 133; António (Manuel) — 133; António (Silvestre) — 554; Branco (Maria Francisca) — 33; Calão (Manuel Simões) — 399; Calão (Teodoro Simões) — 399; Carregoso (António Manuel) — 133; **Deus (João António de)**, cirurgião — 33; **Dias (José Francisco)** — 413; Faro (António Rangel Varela de Quadros e) — 172; **Felix (José Ferreira)** — 399; Fernandes (Jerónimo), o «Manco» — 399; Fernandes (Luísa) — 359; Ferreira (Maria) — 355; Figueiredo (Joaquina Leocádia da Veiga e) — 33; Fragozo (Miguel) — 33; Francisca (Isabel) — 33; Francisca (Maria) — 133; Francisco (António) — 413; Galega (Manuel António da) — 33; Jesus (Antónia Teodora de) — 33; Jorge (António) — 22; Manuel (António) — 133; Manuel (Isabel) — 194; **Manuel (João)**, professo da Ordem de Santiago, patrão-mor da Ribeira da Naus — 133; Manuel (Maria) — 399 e 413; Maria (Luísa) — 327; Mendonça (Maria Eufrázia de) — 327; Nunes (Isabel) — 133; Nunes (João) — 86; Nunes (Manuel), o «Borra-lho» — 327; Oliveira (Luísa de) — 226 e 227; Oliveira (Manuel António de), capitão e Familiar do S.^o Ofício — 226 e 227; Pereira (Luís José), cirurgião — 33; **Quadros (João Rangel Varela de)** — 172; Rato (Bento João) — 33; Rocha (Teresa da) — 172; Santos

(António dos) — 164; Santos (António dos) — 364; Santos (António dos), Familiar do S.^o Ofício — 86; **Santos (P.^o João Martins dos)**, prior da igreja de S. Sebastião de — 139; Santos (Maria dos) — 33 e 86; Silva (Isabel Manuel da) — 364; Silva (Margarida Josefa Vidal da) — 86; Silveira (André da) — 291; Simões (Antónia) — 364; Simões (Luís) — 355; Simões (Manuel) — 355 e 413; Simões (Maria) — 399; Simões (Nazaré) — 399; Veiga (Ana dos Santos da) — 33; Vidal (Júlia Nunes) — 86; Vieira (Maria) — 413.

MEALHADA

Barcouço — Anes (Branca) — 478; Bacelar (Dr. António de Sampaio) — 518; Costa (Ana da) — 24; Costa (Maria da) — 24; Coutinho (D. Dionísia Antónia de Melo) — 263 e 468; Dias (Francisca) — 219; Dias (Manuel) — 219; Fernandes (Ana) — 81; Fernandes (Bento), o «Galego» — 75; Ferreira (Miguel) — 24; Figueiredo (D. Francisca de) — 518; Figueiredo (Dr. Francisco de), Familiar do S.^o Ofício — 518; Figueiredo (D. Maria Jacinta de) — 518; Francisca (Domingas) — 219; Francisca (Domingas), a «Camachina» — 518; **Garrido (José de Melo Coutinho)**, fidalgo da Casa Real e professo da Ordem de Cristo — 468; Garrido (José de Melo Coutinho), fidalgo da Casa Real e Familiar do S.^o Ofício — 263; Garrido (Lourenço Xavier), fidalgo da Casa Real, mestre de campo de infantaria auxiliar, capitão-mor da vila de Penela e Familiar do S.^o Ofício — 263 e 468; Gonçalves (Filipa) — 478; João (Andreza) — 478; João (Diogo) — 478; Manuel (Maria) — 478; **Nogueira (José)** — 478; Nogueira (Lic.^o Simão), secretário da Inquisição de Coimbra — 478; Rodrigues (Manuel) — 478.
Casal Comba — Anes (Branca) — 478; Anes (Pedro) — 478; António (Manuel), o «Velho» — 116; Fernandes (Francisca) — 221; Francisca (Maria) — 551; Gonçalves (Filipa) — 478; João (Andreza) — 478; João (Maria) — 478; Jorge (Natália) — 163; Pais (Se-

- bastião)—478; Rodrigues (Manuel)—478.
- Luso*—André (Manuel)—551; Cruz (José da)—441; Duarte (Luzia)—441; Duarte (Manuel)—441; Duarte (Teresa)—441; Facaia (Ana)—551; Fernandes (Maria)—430; Fernandes (Simão), carpinteiro—430; Francisco (Maria)—551; Gonçalves (André)—551; Joaquina (Teresa)—441; Moreira (Maria)—551; Moreira (Sebastião)—551; Simões (André)—551; **Simões (José)**—551; Simões (Maria)—551.
- Mealhada*—Almeida (Antónia Maria de)—492; André (Maria)—160; Antónia (Isabel)—160 e 405; Borralho (Francisco Ferreira)—160; Ferreira (Andreza)—224; Ferreira (António)—224; Ferreira (Esperança)—160 e 492; Ferreira (Francisco)—405; Ferreira (Manuel)—405; Ferreira (Manuel)—405; Ferreira (Sebastiana)—356; Ferreira (Teresa)—356; Francisca (Isabel)—224; Gaspar (João)—160; **Guedes (João Pereira)**, bacharel formado e advogado na —160; Guedes (João Pereira), Familiar do S.^o Ofício—492; **Guedes (P.^o José Pereira)**—492; Guedes (Manuel Pereira)—492; Guedes (Manuel Pereira), médico em Ovar—160; Lopes (Francisco)—356; Maria (Isabel)—224; Reis (Manuel Ferreira dos)—356; Rosa (Caetana)—356; Tavares (Domingos Jorge)—224.
- Pampilhosa do Bôto*—Antónia (Maria)—116; Antónia (Manuel), o «Novo»—116; António (Manuel), o «Velho»—116; Francisca (Maria)—116; Francisca (Maria), a «Agostinha»—116; **Gonçalves (João)**, mestre barbeiro com loja na Ribeira e juiz da bandeira de S. Jorge—116; José (Francisco), o «Santarem»—469; Paiva (Agostinho de)—116
- Vacariça*—Alvares (João)—25; Antónia (Isabel)—405; Bastos (Teresa de)—57; **Botelho (Lic.^o João)**, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e médico do partido em Vila do Conde—57; Botelho (João Gomes)—121; Boto (João)—57; Facaia (Ana)—551; Fernandes (Ana)—57; Fernandes (Manuel)—121; Fernandes (Maria)—430; Fernandes (Pascoal)—392; Ferreira (Francisco)—405; **Ferreira (P.^o João Alvares da Costa)**—25; Ferreira (Maria)—25; Figueiredo (Sebastião de)—551; Francisca (Ana)—57; Gomes (Maria)—121; **José (João)**, soldado do regimento de artilharia do Porto aquartelado na Praça de Valença do Minho—121; Matos (Maria Duarte de)—121; Pinta (Mariana)—508; Pinto (Francisco)—508; Rodrigues (António)—57; Rodrigues (Catarina)—508; S.^o António (Maria de)—25.
- Ventosa do Bairro*—Almeida (Antónia Francisca de)—101; **Almeida (João Francisco Castelão Rodrigues de)**, boticário aprovado—101; Almeida (Maria Rodrigues de)—101; Castelão (João Francisco)—101; Castelão (Manuel Francisco)—101; Fernandes (Manuel)—393; João (Maria)—101; **Leal (P.^o José Cabral da Rocha)**, presbítero de S. Pedro e prior da igreja de N.^o S.^o da Assunção de —328; Rodrigues (Domingos)—101.

MURTOSA

- Bunheiro*—André (Isabel)—212; André (Maria)—49 e 212; André (Pedro)—212; Barbosa (Domingas André)—49; Gil (Diogo)—273; João (Maria)—536; Marques (Manuel)—536; Rodrigues (Domingos)—536; Silva (P.^o André da)—273; Silva (Marta da)—273.
- Monte*—Amador (João)—49; João (Maria)—49.
- Murtosa*—Afonso (Catarina)—98; Afonso (Domingos)—98; Amador (Maria)—212; André (Catarina)—49; André (Isabel)—98 e 212; André (Maria)—212; Antão (Domingas)—212; Antão (João)—212; Domingues (Maria)—98; Fernandes (Andreza)—98; João (Manuel)—49; Jorge (Aparício)—98; Jorge (João)—212; Jorge (Salvador)—98; Prezado (Manuel Jorge)—212; **Rangel (João da Silva)**, escrivão do público do conc.^o de Estarreja—212; **Silva (João Barbosa da)**,

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

- estudante — 49; Silva (Mariana da) — 212.
- OLIVEIRA DE AZEMÉIS**
Carregosa — Antunes (Manuel) — 404; Azevedo (André Ferreira de) — 404; Azevedo (Maria de) — 404; Brandão (Antónia) — 338; Duarte (Ana) — 394; Duarte (Catarina Ferreira) — 394; Fernandes (Gonçalo) — 460; Fernandes (Gonçalo), mestre azulejador — 340; Fernandes (Maria) — 460; Ferreira (Domingos) — 561; Ferreira (João) — 320; Ferreira (Manuel) — 394; Martins (Domingas) — 479; Nunes (Manuel) — 308; Pina (António Ferreira e) — 330; Vaz (Jerónima) — 320.
- Cesar* — Alves (Manuel) — 43; Azevedo (Manuel da Silva) — 336; Francisca (Catarina) — 336; Oliveira (Francisco de) — 43; Silva (António da) — 336.
- Cucujães* — Antónia (Catarina) — 330; Antónia (Francisca) — 95; Antónia (Maria) — 95; António (Domingos) — 330; António (Manuel) — 95; Bandeira (António da Silva) — 440; Conceição (Maria Gomes da) — 350; Costa (Joana da) — 330; Costa (João da) — 330; Dias (António) — 95; **Faria (João da Fonseca)**, mercador na cidade da Baía — 95; Ferreira (Domingos) — 330; **Ferreira (José Caetano)** — 330; Ferreira (Maria) — 330; Fonseca (António da) — 95; Francisco (António) — 330; Francisco (Manuel) — 330; Francisco (Mateus) — 30; Gomes (Manuel da Silva) — 254; Jesus (Ana Maria de) — 350; Jorge (Domingos) — 262; Luís (Antónia) — 262, 330 e 503; Luís (Domingas) — 30; Luís (Maria) — 330; Marques (Antónia) — 95; Pinho (Dr. António Gomes de) — 215 e 550; Pinho (Manuel de) — 503; Pinho (Manuel de), homem de negócio no Porto — 262 e 503; Silva (Maria da) — 330.
- Fajões* — Brandão (Domingos Gomes) — 206; Gomes (Maria) — 483; Jorge (Manuel) — 483; Pinho (Jerónima de) — 483.
- Loureiro* — Abreu (Manuel Pais de) — 140; Botelho (Francisco) — 140; Brandoa (Maria) — 351; Coelho (Domingos) — 351; Fernandes (Belchior) — 220; Gomes (Mariana) — 351; Heitor (Domingas) — 220; Soares (Domingos) — 351; Soares (João Coelho) — 351; **Soares (José Coelho)** — 351; Soares (Maria) — 140 e 351; **Valente (P.^o Dr. João Caetano Pereira)**, presbítero do hábito de S. Pedro e prior da igreja de S. João de — 60.
- Macieira de Sarnes* — Cernache (António de Távora de Noronha Leme), moço fidalgo da casa de S. Mag.^{de} — 560; Cernache (Jerónimo de Távora e Noronha Leme e), moço fidalgo da Casa de S. Mag.^{de} — 560; Costa (Mónica da) — 325; Dias (Maria) — 383; Ferreira (Isabel) — 29; Fonseca (Antónia da) — 182 e 183; Fonseca (Mariana da) — 182; Gomes (Domingos) — 182; Pinho (Manuel de Carvalho de) — 230; Ribeiro (D. Maria Inês) — 560.
- Macinhata de Seixa* — Dias (Francisca) — 375; Dias (Manuel) — 375; Fernandes (Ana) — 375; Fernandes (Francisco) — 166; Ferreira (Domingas) — 166; Francisca (Maria) — 21; Jorge (Ana) — 166; Lopes (João) — 375; Manuel (João) — 375; Martins (João) — 465; Silva (Engrácia da) — 375; Silva (José Dias da), comerciante — 375; Silva (Lopo da), alfaiate — 375; Silva (Manuel Alvares da) — 166; Silva (Maria da) — 375; Soares (André Alves) — 338.
- Madail* — Alvares (Ana) — 30; Alvares (Domingos) — 30; Anjos (José Soares dos) — 437; Anjos (Josefa Soares dos) — 437; André (Pedro) — 30; Fernandes (Apolónia) — 30; Fernandes (Manuel) — 30; Henriques (Pascoal) — 50; Lopes (Ana Antónia) — 30; Jorge (Manuel) — 330; **Madail (João Alves)** — 30; Pereira (Maria) — 437; Pereira (Úrsula) — 437; Pinho (Domingos Henriques de) — 50; Pinho (Maria de) — 50; Silva (Ventura da) — 437.
- Nogueira do Cravo* — Dias (Domingas) — 306; Fernandes (António) — 306; Silva (Domingos da) — 306.
- Oliveira de Azeméis* — Almeida (Domingos de) — 437; **Almeida (José Joaquim de)**, homem de negócio — 437; Anjos (João Soares dos) — 437; Anjos (José Soa-

- res dos)—437; Anjos (Josefa Soares dos)—437; Anjos (Maria dos)—166; **Azevedo (P.º José Carlos de)**, bacharel formado em Cânones na Universidade de Coimbra e abade da freg.^a de S. Pedro de S. Roque de Vila Chã—342; Azevedo (Manuel de)—342; Barbosa (Ângela)—313; Barbosa (João)—313; **Barbosa (José)**, mercador em Évora—313; Barredo (D. Maria Josefa de)—338; Brandão (Antónia)—338; Coelho (Alvaro)—338; Coelho (Domingos)—338; Conceição (Leonor Borges da)—437; Correia (Maria das Neves)—445; Costa (José Bernardo da)—55; Dias (Heitor)—166; Dias (Marcos)—313; Dias (Maria)—47; Fernandes (Francisca)—342; Fernandes (Gregório)—204; Fernandes (João)—89; Fernandes (Maria)—166; Ferreira (Domingas)—166; Ferreira (Manuel), Familiar do S.^o Offício—55; Ferreira (Rev. Dr. Manuel de Oliveira), Comissário do S.^o Offício e Reitor da igreja de S. Miguel de—26; Ferreira (Pascoal)—166; Gomes (Maria)—483; Gonçalves (João)—342; Jesus (Josefa Maria de)—437; Jorge (Ana)—89; Malafaia (Maria da Silva)—55; Maria (Inácia)—55; Mariz (P.º Domingos Pinheiro), reitor da freg.^a de S. Miguel de— e Comissário do S.^o Offício—445; Mariz (Gonçalo Pinheiro)—445; Martins (Manuel)—229; Mascarenhas (Ana Malafaia)—55; **Mascarenhas (João Bernardo Malafaia)**—55; **Maurício (João Pinheiro)**, mercador em—166; Pereira (Úrsula)—437; Pinheiro (Domingos)—47 e 166; Pinheiro (Manuel)—166; Pinho (Andreza de)—313; Pinho (Antónia de)—313; Pinho (Inocência de)—445; Reis (Maria Dias dos)—338; Resende (Domingos)—318; Silva (Francisco da)—55; Silva (Manuel de Azevedo da), capitão—342; Silva (Teodósio Pinheiro de)—437; Soares (André Alves)—338; Soares (Francisca)—437; Soares (Isabel)—166; Valente (Ana)—342; Valente (António)—313; Valente (Maria)—342; **Vasconcelos (P.º José Caetano Soares de)**, presbítero do hábito de S. Pedro e bacharel formado nos Sagrados Cânones pela Universidade de Coimbra—338; Vasconcelos (Lic.^o Pedro Soares dos Reis e)—338.
- Ossela**—Cruz (Domingos Fernandes da)—229; Fernandes (Domingos)—229; Fernandes (Maria)—229.
- Palmaz**—André (Manuel)—220; André (Pedro)—220; Caetana (Tomásia)—113; **Carvalho (Dr. P.º João Pereira de)**, prior da igreja de S.^o Marinha de—159; Dias (Maria)—113; Domingues (D. Isabel)—113; Fonseca (Isabel da)—219; Fonseca (Maria da)—482; **Heitor (João Soares)**—220; Heitor (Maria)—220; Henriques (Maria)—219; Manuel (Fruituoso)—375; Manuel (João)—219; Manuel (Maria)—220; Marques (António), capitão e cavaleiro professo da Ordem de Cristo—113; Marques (Filipe)—113; Marques (Manuel)—556; Martins (Ascensa)—375; Martins (José)—375; Nunes (Maria)—558; Tavares (Manuel)—482.
- Pinheiro da Bemposta**—Albuquerque (Manuel de Araújo de)—230; Basto (Domingos de)—168; Carvalho (Maria Valente de)—230; Dias (Helena)—375; Dias (Manuel)—375; Dias (Miguel)—375; Fernandes (Domingas)—168; Fernandes (Manuel)—108; Fernandes (Maria)—375; Fonseca (Manuel Ribeiro da)—8; Gonçalves (Fernão)—108; Gonçalves (Maria)—108; Martins (José)—375; Martins (Mariana)—230; Resende (Manuel de Araújo e)—230.
- Santiago de Riba d'Ul**—Almeida (João de)—437; André (Domingos)—166; André (Domingos)—166; Antónia (Domingas)—262; António (Domingos)—330; Antunes (Isabel)—166; Costa (P.º Manuel Francisco da), presbítero do hábito de S. Pedro—262; Dias (Maria)—383; Espírito Santo (Mariana Francisca do)—383; Fernandes (Bartolomeu)—383; Fernandes (Catarina)—30; Fernandes (Domingos)—262; **Fernandes (José)**—383; Fernandes (Manuel)—383; Fernandes

- (Senhorinha) — 159; Fernandes (Teresa) — 383; Ferreira (Manuel) — 247; Francisco (António) — 30; Francisco (Mateus) — 30; Gomes (Antónia) — 30; Gomes (Manuel) — 30; Gonçalves (João) — 159; Jesus (Domingas Gomes de) — 30; João (Domingos) — 166; Jorge (Domingos) — 262; Jorge (Isabel) — 262; Jorge (Maria) — 383; Luís (Domingos) — 30; Manuel (Gonçalo) — 262; Manuel (Pascoal) — 262; Marques (Maria) — 437; **Maurício (João Pinheiro)**, mercador em Oliveira de Azeméis — 166; Pinheiro (Manuel) — 166; Santiago (Mateus Fernandes), Familiar do S.^o Ofício — 262; Varela (Domingos do Rosário), Familiar do S.^o Ofício — 262.
- S. Martinho da Gândara* — Dias (Maria) — 383; Fernandes (Josefa) — 426; Fernandes (Manuel) — 383; Francisca (Maria) — 426; Francisco (António) — 426; Gomes (João) — 426; Gomes (Mariana) — 426; João (António) — 426; Ribeiro (Alexandre Gomes) — 426.
- Travanca* — Amaral (Francisco da Fonseca do) — 174; Dias (Isabel) — 398; **Félix (José Ferreira)** — 398; Ferreira (Félix) — 398; Henriques (Manuel) — 398; Henriques (Maria) — 398; Tavares (Domingos) — 482.
- Ul* — André (Antónia) — 150; Dias (Isabel) — 398; Fernandes (Domingos) — 398; Ferreira (Félix) — 398; Ferreira (Maria) — 398; Ferreira (Pascoal) — 166; Heitor (Domingos) — 166; João (Domingos) — 166; João (Francisca) — 339; Soares (Isabel) — 166.
- Vila Chã* — **Azevedo (P.^o José Carlos de)**, bacharel formado em Cânones na Universidade de Coimbra e abade da freg.^a de S. Pedro de S. Roque de — 342; Bastos (António de) — 85; Bastos (Simão de) — 85; Correia (Manuel José) — 383; Costa (João da) — 330; Costa (Maria da) — 330; Fernandes (Domingos) — 502; Fernandes (Maria) — 85; Fernandes (Simão) — 222; João (Custódio) — 502; João (Mateus) — 502; João (Pedro) — 502; Jorge (Manuel) — 330; Manuel (Catarina) — 502; Moreira (Josefa) — 383; Pinho (Maria de) — 502; Silva (Agostinho de Pinho e) — 502.
- OLIVEIRA DO BAIRRO**
Bustos — João (Margarida) — 538; Simões (Joana) — 538; Simões (Manuel) — 538.
Mamarrosa — Silva (André da) — 538.
Oiã — Álvares (Maria) — 240; André (Isabel) — 240; Antónia (Helena) — 82; Antónia (Maria) — 59 e 218; António (Domingos), o «Novo» — 59; António (João) — 240; António (Miguel) — 240; Coelho (João Pires) — 59 e 218; Conceição (Maria Josefa da) — 240; Domingues (Miguel) — 248 e 541; Esteves (João Simões) — 104; Francisca (Maria) — 59 e 104; Francisca (Sebastiana) — 59 e 218; Francisco (Inocência) — 240; Francisco (Manuel) — 240; Gaita (Pascoal Francisco) — 104; Gama (António da Silva) — 248 e 541; Jesus (Maria Francisca Josefa de) — 104; João (Ascensa) — 240; João (Miguel) — 240; João (Simão) — 59 e 218; Josefa (Maria Francisca) — 104; Martins (António) — 59; Martins (Isabel) — 59 e 218; Martins (Joana) — 240; **Martins (João Caetano)** — 59; Martins (Margarida) — 240; Martins (Maria) — 59 e 218; Martins (Pascoal) — 240; Martins (Simão) — 59 e 218; **Matos (João Simões de)** — 218; Matos (João Simões de), alferes e Familiar do S.^o Ofício — 59; Matos (Manuel de) — 59 e 218; Pires (António) — 59 e 218; **Ramos (João Antão)** — 240; Santos (Maria Simões dos) — 59 e 218; Santos (Mariana Simões dos) — 59; Simões (Domingos) — 104; Simões (Isabel) — 59, 218 e 240; Simões (Madalena) — 248 e 541; Simões (Manuel) — 240; Simões (Pedro) — 59.
Oliveira do Bairro — Antónia (Helena) — 82; Antónia (Isabel) — 104; Antónia (Maria) — 34; António (João), hortelão — 34; António (Manuel) — 104; Baptista (João) — 82; Coira (João Ferreira da) — 402; Coutinho (Mateus) — 34; Fernandes (Maria) — 284; Ferreira (António) — 402;

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Ferreira (João), lavrador — 84; Ferreira (João António) — 402; Ferreira (Sebastião), capitão — 58; Ferreira (Tomás), lavrador — 84; Francisca (Ana) — 190; Francisca (Domingas) — 208; Francisca (Isabel) — 58; Francisca (Maria) — 104, 208 e 402; Gonçalves (Domingos) — 284; Gonçalves (Rodrigo) — 284; João (Amaro) — 201; João (Isabel) — 104; Jorge (Antónia) — 34; Jorge (Maria) — 34; Jorge (Rafael) — 208; Jorge (Simão) — 34; **Loura (José Ferreira da)** — 402; Marques (Manuel) — 82; Neves (Manuel Francisco das) — 104; Oliveira (Isabel de) — 402; Oliviera (Maria de) — 58; Oliveira (Maria Ferreira de) — 58; Oliveira (Miguel Fernandes de) — 58; Oliveira (Teresa de) — 58; Pereira (Mariana) — 58; Pinho (António de) — 58; Pinho (Mariana Rosa de) — 58; Pinho (Sebastião Pereira de) — 58; Roça (Miguel Francisco) — 104; Rodrigues (Ana) — 84; **Silva (João Brandão da)**, estudante canonista — 58; Silva (Lic.^{do} João Brandão da) — 58; Silva (Lic.^{do} Manuel Brandão da), Familiar de S.^{to} Offício — 58.
- Troviscal** — Francisca (Maria) — 538; João (Margarida) — 538; Jorge (António) — 544; Silva (André da) — 538; **Silva (José da)** — 538; Silva (José da) — 538; Simões (Joana) — 538.
- OVAR**
- Arada** — Antónia (Domingas) — 447; Fernandes (Manuel) — 447; Gonçalves (João) — 447; Gonçalves (Maria) — 447; Jorge (Catarina) — 335; Leite (André) — 447; Leite (Joana) — 447; **Pereira (José Leite)**, homem de negócio nas minas de Cuiabá — 447; Santos (António Jorge dos) — 335; Santos (Manuel Jorge dos) — 335.
- Cortegaça** — Cancela (João Alves) — 293; Carvalho (António Gonçalves de) — 120; Carvalho (António de Oliveira), capitão — 120; Cobejo (João Alves de) — 293; **Costa (José Alves da)**, homem de negócio na vila de Ribeirão do Carmo, Minas Gerais — 293; Fernandes (Domingos) — 508; Fortuosa (Ana) — 293; Fortuoso (João) — 293; Francisca (Maria) — 120; Francisca (Maria), a «Cofas» — 508; Gonçalves (Maria) — 293; Magalhães (Manuel de) — 69; Manuel (Isabel) — 293; Marques (Mateus) — 461; Moura (D. Isabel Josefa de) — 423; Oliveira (António Alves de) — 461; Oliveira (Custódia Teresa de) — 434; Oliveira (Domingos Francisco de) — 434; **Oliveira (José Marques de)**, homem de negócio — 461; Oliveira (Teresa Vitória de) — 434; Pinta (Maria) — 508; Pinta (Mariana) — 508; Silva (Agostinho Marques da) — 273; Silva (António da) — 211; Silva (António Fernandes da) — 508; Silva (Catarina Marques da) — 461; Silva (Isabel da) — 461; Silva (Isabel Marques da) — 69; Silva (Manuel Marques da), mestre tanoeiro — 69.
- Esmoriz** — Alvares (António da Cruz) — 548; Antónia (Maria) — 27; António (Francisco) — 548; Baralha (Domingos Rodrigues) — 523; Castro (Maria de Sá e) — 463; Fernandes (Margarida) — 446; Ferreira (João Alvares) — 27; Gonçalves (Isabel), ou Alvares — 548; Sá (António Alves de) — 463; Sá (João dos Santos de) — 118; Sá (Manuel Alves de) — 163.
- Maceda** — André (Isabel) — 416; Fernandes (Maria) — 151; Francisco (José) — 416; Francisco (Manuel) — 416; Gonçalves (Maria) — 447; Magalhães (Manuel de) — 69; Magalhães (Maria Pinta de) — 416; Manuel (Isabel) — 293; Pinta (Antónia) — 416; Rodrigues (José Francisco) — 416; **Rodrigues (José Francisco)**, mercador na cidade da Baía — 416; Silva (Bernarda da) — 254.
- Ovar** — Amor de Deus (Frei António do), religioso da Província de S.^{to} António de Portugal e Qualificador do S.^{to} Offício de Coimbra — 528; André (Beatriz) — 184; André (Catarina) — 539; André (Manuel) — 155 e 539; Aranha (Beatriz) — 140 e 157; Aranha (João de Matos) — 457; Botelho (Francisco) — 140; Brandão (Domingos Gomes) — 206; Caetana (Maria Josefa) — 385; Campos

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

(Francisco Pereira de) — 385; **Chaves (José Fernandes)**, mercador — 385; Coelho (Ventura de Bastos) — 369; Conceição (Maria da) — 528; Costa (Maria da) — 222; Dias (Gaspar) — 222; Dornas (Francisco Fernandes) — 528; Dornas (Manuel Fernandes) — 253; Fernandes (Cristóvão) — 539; Fernandes (Domingos) — 213 e 496; Fernandes (Joana) — 528; Fernandes (Maria) — 496 e 539; Ferreira (Esperança) — 160; Ferreira (Francisco Alvares), Familiar do S.^o Ofício e sargento-mor da vila de — 26; Fonseca (Maria da) — 140; Fragoso (António) — 385; Fragoso (Manuel Valente) — 385; Fraião (Manuel André) — 124; Francisca (Maria) — 206; Gomes (Geralda) — 528; Gomes (Manuel), o «Rico» — 184; Graça (Águeda) — 184; Graça (Rosa Maria da) — 253; **Guedes (João Pereira)**, bacharel formado e advogado na Mealhada — 160; Guedes (João Pereira), Familiar do S.^o Ofício — 492; Guedes (Manuel Pereira), médico em — 160; Jorge (Domingos) — 496; Jorge (Maria) — 496; Lopes (Antónia) — 155; Manuel (Domingos) — 222; Oliveira (Isabel de) — 385; Oliveira (Maria de) — 155, 369 e 496; Oliveira (Tomé) — 155; Pereira (Águeda) — 385; Pereira (André Francisco) — 496; Pereira (Bernarda Pinta) — 206; Pereira (Gabriel) — 496; Pereira (Helena) — 385; Pereira (João) — 385; Pereira (Maria Fernandes) — 496; Pires (Pedro), mercador em Lisboa e Familiar do S.^o Ofício — 496; Pinho (Ana Teixeira de) — 496; Pinho (João de) — 140; Pinho (Manuel Pereira de), sargento-mor — 496; Pinho (Maria Teixeira de) — 496; Pinta (Ana) — 206; Ramos (Lic.^{do} Tomé Pereira), Familiar do S.^o Ofício — 124; Rebelo (Manuel Pereira), mercador em Lisboa e Familiar do S.^o Ofício — 496; Resende (António de) — 496; Resende (Baltasar de) — 178; Rodrigues (António) — 155; Rodrigues (Bernarda) — 155; **Rodrigues (P.^e João de Oliveira)**, graduado em Filosofia na Universidade de Coimbra, bacharel formado nos Sagrados Cânones e

abade da igreja de S.^{ta} Maria Madalena de Laivos da Ribeira, Baião — 155; **S. Tomás (P.^e Frei João de)**, religioso da Província de S.^o António de Portugal e lente de véspera de Teologia no Colégio de S.^o António da Pedreira da Universidade de Coimbra — 206; Saraiva (Francisco) — 457; Serrado (Manuel André) — 385; Silva (André da) — 206; Silva (Manuel Tomás da) — 206; **Silva (P.^e José da)**, abade da paroquial igreja de S. Romão de Vermoim, Maia, e bacharel formado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra — 539; Silva (Maria da) — 222 e 539; Silva (Valentim da) — 539; **Soares (João de Matos)** — 140; Soares (Salvador de Matos), Familiar do S.^o Ofício — 140; Teixeira (Diogo de Pinho) — 94 e 280; Valente (Ana Angélica Rosa Gualberto Pereira) — 385; Valente (António Pereira) — 385; Valente (António Pereira), alferes e Familiar do S.^o Ofício — 124; Valente (B.^e Francisco Xavier Pereira), Familiar do S.^o Ofício — 385; Valente (João) — 222; Valente (Madalena) — 385; Valente (Maria) — 222; Vareiro (Manuel Rodrigues) — 528; Vermelho (Manuel Rodrigues) — 528.

S. Vicente de Pereira — Costa (João Travassos da) — 316; Gomes (Sebastiana) — 383; Moniz (Serafina) — 316; Silva (João da) — 383; Travassos (Manuel) — 316.

Vállega — Anes (Isabel), lavradora — 63; Aveiro (João de), barqueiro da barra do moinho — 63; Dias (João) — 63; Jesus (Domingos Gomes de) — 30; João (Maria) — 523; **Madail (João Alves)** — 30; Mateus (Tomé) — 459; Pereira (Manuel Antão) — 153; Rebelo (António) — 12; Rebelo (António Pereira) — 12; Silva (Maria da) — 539; Silva (Suzana da) — 153; Silva (Vicência da) — 153; Teixeira (António Rodrigues) — 12.

S. JOÃO DA MADEIRA

S. João da Madeira — Almeida (Beatriz da) — 140; Antónia (Domingas) — 262; António (Domingos) — 461; Cardoso (João Nunes) — 140; Fernandes (Antónia) —

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- 184; Fernandes (Isabel) — 460; Ferreira (Isabel) — 29; Francisco (Pedro) — 432; Heitor (José) — 461; Jesus (P.^o Frei Manuel de) — 461; Jorge (António) — 184; Leite (Josefa) — 432; Leite (Maria) — 432; Marques (Pedro) — 460; Pinheiro (Manuel da Costa) — 182; Silva (Paulo da) — 461; Soares (Antónia) — 140; Vidal (António Leite) — 29; Vidal (Manuel Leite) — 29.
- SEVER DO VOUGA**
Cedrim — Cedrim (Antónia Joana) — 494; Cedrim (António Francisco), capitão — 494; Cedrim (António José), Familiar do S.^o Offício — 494; Fernandes (José) — 344; Francisca (Maria) — 494; Gaspar (Isabel) — 230; Gomes (António) — 243; Gomes (Maria) — 243; João (Domingos) — 494; Palheira (Teresa Josefa) — 494; Rodrigues (Domingos) — 243; Rodrigues (Maria) — 243; Silva (Joaquim Caetano da), cirurgião anatómico — 243.
- Couto de Esteves* — Tavares (Estêvão), lavrador — 236, 257 e 559.
- Paradela* — Domingues (João) — 77; Francisca (Aguêda) — 77; Francisca (Maria) — 494; João (Domingos) — 494; João (Manuel) — 77; João (Maria) — 196; João (Pedro) — 196; João (Tomé) — 77; Manuel (Maria) — 196; Melo (Isabel de) — 77; Melo (Maria de) — 77; **Nogueira (João Domingues)**, homem de negócio na Baía — 77;
- Pessegueiro* — Cardoso (Bernardo Coutinho) — 7; Cedrim (António Francisco), capitão — 379; Francisca (Maria) — 379; João (Domingos) — 379; Manuel (Maria) — 196; Rebelo (Maria) — 7; Rodrigues (Ana) — 204; Tavares (João) — 68.
- Rocas do Vouga* — André (João), o «Tangarino» — 276; André (Maria) — 276; Baptista (Domingas) — 359; Baptista (João) — 72; Basto (António de) — 561; Costa (Domingos) — 359; Coutinha (Maria) — 367; Coutinho (Francisco Manuel) — 367; **Coutinho (José)** — 367; Dias (Maria) — 72; Domingues (Manuel) — 367; Jesus (Maria de) — 367; João (Domingues) — 367; João (Maria) — 195; Jorge (Francisca) — 72; Loureiro (Domingos Rodrigues), confeitiro em Lisboa — 195; Matos (Cristina de) — 444; Oliveira (Domingos Tavares de) — 236 e 257; Oliveira (Domingos Tavares de), mestre confeitiro — 559; Pires (Manuel) — 367; Pires (Vicência) — 367; Rodrigues (Domingos) — 195; Rodrigues (Simão) — 72; Simões (Domingas) — 72; Tavares (Catarina) — 236, 257 e 559; Tavares (Estêvão), lavrador — 236, 257 e 559; Tavares (Manuel), Familiar do S.^o Offício — 72; Velho (João Baptista) — 72; Vicente (Manuel) — 561; Vicente (Maria) — 561.
- Sever do Vouga* — André (Domingos) — 419; Cardoso (Bernardo Coutinho) — 7; Coutinho (D. Francisca) — 7; Dias (Maria) — 72; Francisco (Frutuoso) — 4; Gomes (António) — 243; Henriques (Jorge) — 374; Pereira (Isabel Martins) — 7; Rodrigues (Maria) — 243; Rodrigues (Simão) — 72; Silva (Manuel Tavares da) — 276; Simões (Manuel) — 419; Vicente (Isabel) — 419.
- Silva Escuro* — Albuquerque (Mafalda Bernarda de Araújo de) — 230; André (Isabel) — 7; André (Isabel), a «Gata» — 376; Costa (Manuel da) — 363; Dias (António) — 376; **Dias (José)**, confeitiro — 374; Dias (Manuel) — 374; Dias (Maria) — 376; Domingues (D. Isabel) — 113; Domingues (João) — 113; Fonseca (João da) — 363; Fonseca (Mariana da) — 276; Francisca (Maria) — 376; Gaspar (Isabel) — 230; Gonçalves (Manuel) — 444; Henriques (Catarina) — 363; Henriques (Jorge) — 374; João (Maria) — 374; Manuel (Francisca) — 374; Manuel (Francisco) — 374; Manuel (Isabel) — 113; Manuel (Maria) — 374; Martins (Lic.^o Frutuoso) — 7; Matos (Cristina de) — 444; Pinho (Manuel de Carvalho de) — 230; Silva (Angela da) — 230; **Silva (João Tavares da)**, capitão — 230; Silva (João Tavares da), capitão — 276; Silva (João Tavares da), Familiar do S.^o Offício — 220; **Silva (Joaquim Tavares da)**, bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Cânones —

HABILITAÇÕES DO SANTO OFÍCIO

276; **Silva (José Dias da)**, mercador no Rio de Janeiro—376; **Silva (Maria Tavares da)**—276; **Simões (Antônio)**—376; **Simões (Manuel)**—376; **Tavares (Águeda)**—220; **Tavares (Francisco)**—230; **Tavares (Gaspar)**—230; **Tavares (Dr. Manuel)**, Familiar do S.^o Ofício—220; **Tavares (Maria)**—230; **Valadares (P.^e José Leandro de Sousa)**, presbítero do hábito de S. Pedro e abade da igreja de S. João Baptista da—444.

Talhadas—Francisca (Maria)—452; Francisco (Manuel)—452; **Luís (José)**—452; **Luís (Manuel)**—452; **Rodrigues (Antónia)**—192; **Serra (Pedro Marques da)**—150.

VAGOS

Covão do Lobo—Silva (Antónia da)—345.

Soza—Almeida (D. Joana de)—280; Almeida (D. Maria de)—280; **Bastos (Maria de)**—103; **Carregoso (António Manuel)**—133; **Francisca (Maria)**—133; **Francisca (Paula)**—525; **Francisco (Custódio)**—172; **Gonçalves (Gonçalo)**—103; **Guimarães (António da Fonseca)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo—280; **Manuel (António)**—133; **Rocha (Damiana da)**—172; **Rocha (Teresa da)**—172; **Silva (José da)**—525; **Silva (Manuel da)**—525; **Simões (Luís)**—355; **Vieira (Maria)**—413.

Vagos—Almeida (D. Joana de)—280; Almeida (D. Maria de)—280; **André (Martins)**—289; **Antónia (Maria)**—514; **António (Manuel)**—514; **Caiado (Manuel António)**—514; **Carvalho (Teresa Maria de)**—514; **Castilho (Carlos Fagundes de)**—449; **Castro (José Joaquim Pereira de)**, monteiro-mor da vila de—438; **Cebolas (João André)**—514; **Coronel (António Francisco)**—514; **Costa (Lourenço da)**—514; **Costa (Manuel da)**—514; **Costa (Mariana Pratas da)**—449; **Costa (Salvador da)**—413; **Coutinho (D. Margarida Tomásia)**—449; **Cunha (Isabel da Fonseca da)**—94 e 280; **Cunha (João da Fonseca da)**, cavaleiro do hábito de Santiago—94; **Domingues (Ma-**

ria)—514; **Domingues (Maria)**, a «Velha»—514; **Fernandes (Mariana)**—514; **Ferreira (Domingos)**—86; **Ferreira (João)**, capitão e Familiar do S.^o Ofício—413; **Figueiredo (Antónia de)**—413; **Figueiredo (D. Clara de Pinho e)**—144; **Fonseca (Tomás da Cunha da)**—280; **França (Domingas da)**—514; **Franca (Francisca)**—438; **Francisca (Maria)**—514; **Francisca (Rosa)**—514; **Francisco (Manuel)**, o «Largo»—514; **Francisco (Sebastião)**, o «Coronel»—514; **Franco (Salvador)**—438; **Galego (Pedro Manuel)**—514; **Gaspar (Manuel)**—514; **Gonçalves (Ana)**—438; **Guimarães (António da Fonseca)**, cavaleiro professo da Ordem de Cristo—280; **Jesus (Angélica Rosa de)**—413; **Jesus (Antónia Teodora de)**—33; **Jesus (Rosa Maria de)**—33 e 413; **João (Madalena)**—514; **João (Maria)**—514; **João (Maria)**, a «Murga»—514; **Lopes (José Pereira)**—438; **Lucas (Isabel Fernandes)**—514; **Marmela (Maria João)**—94; **Mendes (Frei Manuel da Cruz)**, vigário da igreja de Vera Cruz de Aveiro—514; **Moleiro (Manuel António)**—514; **Murgo (António Manuel)**—514; **Negrão (António)**—144; **Negrão (João dos Santos)**—33 e 413; **Negroa (Maria dos Santos)**—413; **Padrão (Manuel da Rocha)**—514; **Peixoto (P.^e Manuel)**—514; **Pinho (Inês de)**—144; **Pinho (D. Tomásia da Fonseca de)**—94; **Ribeira (Maria)**—86; **Ribeiro (André)**—86; **Ribeiro (João Ferreira)**, cirurgião—86; **Ribeiro (Salvador)**, capitão—413; **Rocha (António da)**, o «Paredo»—514; **Rocha (Baltasar da)**—514; **Rocha (Isabel da)**—514; **Rocha (José da)**—514; **Rocha (P.^e José António da)**—514; **Rocha (Maria)**—514; **Rocha (Salvador da)**—514; **Santos (João dos)**—486; **Silva (Margarida Josefa Vidal da)**—86; **Teixeira (Diogo de Pinho)**—94 e 280; **Tomé (Maria)**—514; **Veiga (Juliana da)**—86.

VALE DE CAMBRA

Arões—Afonso (João)—242; **Bastos (António de)**—242; **Bastos**

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- (**Joaquim de**) — 242; Bastos (Maria de) — 242; Fernandes (Vitória) — 367; Gonçalves (Bartolomeu) — 367; Gonçalves (Domingos) — 242; Gonçalves (Manuel) — 367; Jesus (Maria de) — 367; João (Domingas) — 242; Rodrigues (Maria) — 242; Vigário (Maria João) — 367.
- Castelões** — Aires (Sebastião) — 445; Almeida (Maria de) — 22; Basto (Francisco de) — 53 e 275; **Basto (João de)**, negociante na vila de Alagoas, Pernambuco — 53; Basto (João de), Familiar do S.^o Ofício — 275; **Basto (Joaquim Tavares de)**, negociante na vila de Alagoas — 275; Basto (Manuel de) — 53 e 275; Borges (Gonçalo de Pinho) — 488; Carvalho (Manuel de Pinho de) — 445; Gomes (Domingas) — 528; João (António) — 40, 106 e 553; João (Catarina) — 53 e 275; Jorge (Pedro) — 555; Lago (Pantaleão Pereira do) — 2; Luís (Manuel) — 229; Maria (Francisca) — 106; Martins (João) — 53 e 275; Moreira (Francisca) — 40; **Neves (José Leite)**, boticário em — 445; Pereira (António de Bastos), Familiar do S.^o Ofício — 445; Pinho (Isabel de) — 445; **Pinho (João Tavares de)**, mercador — 229; Pinho (Leonor de) — 229; Pinho (Manuel Aires de) — 445; Pinho (Maria de) — 229; Santos (João Pereira dos) — 528; Tavares (Catarina) — 53 e 275; Tavares (Inácio) — 229; Tavares (João) — 229; Tavares (Maria) — 53, 229 e 275; Vaz (Antónia) — 445; Vaz (Isabel) — 445; Vaz (Maria) — 445.
- Cepelos** — Costa (Maria da) — 222; João (Pedro) — 289.
- Codal** — Almas (André Soares das) — 347; Correia (José) — 244; Godinha (Apolónia) — 181; Rodrigues (Domingos) — 347; Soares (Maria) — 347; Soares (Nicolau) — 181; Soares (Pedro) — 181.
- Junqueira** — Fernandes (Joana) — 367; Fernandes (Vitória) — 367; João (António) — 40, 106 e 553; João (Catarina) — 53 e 275; João (Maria) — 374; Patarata (Domingos João) — 367.
- Macieira de Cambra** — André (Isabel) — 289; Bouça (João Gonçalves da) — 540; Correia (Manuel) — 35; Fernandes (Briolanja) — 112; Francisco (João) — 112; Gomes (Bernardo) — 112; Gonçalves (Francisco) — 456; Henriques (Manuel) — 456; Henriques (Manuel), espadeiro na Ribeira — 456; João (Domingos) — 289; João (Pedro) — 289; Lucas (António) — 456; Lucas (Maria) — 456; Mendes (Catarina) — 456; Mendes (Maria) — 456; Oliveira (Manuel Tavares de) — 324; Paiva (Domingas de) — 111; Pinho (António de) — 167; Tavares (Marcos) — 274 e 547.
- Roge** — Almeida (João de) — 91; André (Maria) — 217; Fernandes (António) — 91; Henriques (Pascoa) — 365; João (Ana) — 91; Mendes (Pascoal) — 91; Mendes (Pedro) — 407; Pires (Simão) — 217; Simões (Francisco) — 217.
- Vila Chã** — Bastos (Maria de) — 487; Duarte (Ana) — 394; Fernandes (Estêvão) — 487; Tavares (P.^o Sebastião), ex-comissário do S.^o Ofício em Arouca e prior da freg.^a de N.^a S.^a da Purificação de — 234; Varela (António de Bastos) — 487.

JORGE HUGO PIRES DE LIMA

1.^o Conservador do Arq. Nac. da Torre do Tombo

BIBLIOGRAFIA

O *ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO* dará sempre notícia das obras à sua Redacção enviadas quer por autores quer por editores.

De harmonia com a prática seguida pelas publicações suas congéneres, fará também algum comentário crítico aos livros de que receba dois exemplares.

-
- Alfa*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.ºs 13/14. Marília — S. P. Brasil, 1968.
- Anais*, Academia Portuguesa da História, II série, vol. 19.º Lisboa, 1970.
- Arqueólogo Português (O)*, Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia. Série III, vol. III. Lisboa, 1969.
- Autores*, Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, n.ºs 54 a 59. Lisboa.
- Aveiro e o seu Distrito* — Publicação semestral da Junta Distrital de Aveiro, n.ºs 10 e 11. Aveiro.
- Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, n.ºs 55-56. Lisboa, 1971.
- Boletim da Academia Portuguesa da História*, vol. 34.º Lisboa, 1971.
- Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, n.º 18. Matosinhos, 1971.
- Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.ºs 71/72. Lisboa, 1969.
- Boletim do Gabinete Português de Leitura*, n.ºs 20 e 21. Porto Alegre, Brasil, 1971.
- Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*. Fundação Calouste Gulbenkian, vol. x, n.º 4, de 1968, e vol. xi, n.ºs 1 a 4 de 1970. Lisboa.
- Boletim de Trabalhos Históricos*. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, vol. xxvi. Guimarães, 1966.
- Bulletin des Études Portugaises* — Institut Français au Portugal. Tomo 31. Lisboa, 1970.
- Correios e Telecomunicações*. — Serviços Culturais dos C. T. T. N.ºs 14 a 16 de 1970 e 17 a 19 de 1971. Lisboa.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- Das Artes e da História da Madeira*, revista de cultura da Sociedade de Concertos da Madeira, vol. VIII, n.º 41. Funchal, Ilha da Madeira, 1971.
- Estudos Históricos*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.º 7. Marília, S. P., Brasil. 1968.
- Mensário das Casas do Povo*, n.ºs 295 a 306. Lisboa, 1971.
- Ora & Labora*, revista litúrgica beneditina, ano XVII, n.ºs 1 a 6. Mosteiro de Singeverga, Roriz (Santo Tirso), 1971.
- Revista de Etnografia*. — Junta Distrital do Porto. Vol. XIV, tomos 1 e 2 (n.ºs 27 e 28), e vol. XV, tomo 1 (n.º 39). Porto.
- Revista da Faculdade de Ciências*, vol. XVI, 2.ª série—C, fascs. I e II. Lisboa.
- Revista de Guimarães*, Sociedade Martins Sarmento. Vol. LXXX, n.ºs 3-4 de 1970 e n.ºs 1-2 de 1971. Guimarães.
- Revista de História*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo e Sociedade de Estudos Históricos, n.ºs 84 a 86. S. Paulo, Brasil.

*

- ABÍLIO MENDES DO AMARAL — *Os pastores da Serra da Estrela — Etnografia, foro, privilégios, transumância*. Separata da revista «Beira Alta». Viseu, 1970.
- *Aulas públicas de primeiras letras no termo de Gouveia*. Separata da revista «Beira Alta». Viseu, 1971.
- *Gouveia — Pro domu Nostra*.
- *Albino Francisco de Figueiredo e Almeida, — notável figura de Lisboa do século XIX*. Separata de «Olisipo», n.º 132. Lisboa, 1971.
- *Fernão Teles de Meneses — O emparedado da Cotovia*. Separata de «Arqueologia e História», 9.ª série das publicações, volume III. Lisboa, MCMXXI.
- *Serpa Pimentel nas Letras, na Política, na Engenharia*. Separata da revista «Beira Alta». Viseu, 1981.
- FRANCISCO FERREIRA NEVES — *Livro dos Acórdos da Câmara de Aveiro de 1580. — Subsídio para o estudo da vida municipal e nacional portuguesa no século XVI*. Edição da Câmara Municipal de Aveiro. 1971.
- JOSÉ PEREIRA TAVARES — *Teatro de Amadores, II*. Edição da Junta Distrital de Aveiro. 1971.
- LUIZ DE MELLO VAZ DE SAMPAYO — *Subsídios para uma biografia de Pedro Álvares Cabral*. Separata do vol. XXIV da «Revista da Universidade de Coimbra».
- Anuário de la Biblioteca Central de Cataluña y de las Populares y Especiales de Barcelona, 1968*. Barcelona, 1969.
- Idem, 1966-1967*. Barcelona, 1968.
- Catálogo de la Producción Editorial Barcelonesa, 1962-1970*. Barcelona, 1971.

BIBLIOGRAFIA

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO — *Relatório da gerência de 1969.*

JUNTA AUTÓNOMA DO PORTO DE AVEIRO — *Relatório da gerência de 1970.*
Aveiro.

— *Boletim de Informações*, n.ºs 82 a 94. Aveiro, 1971.

*

Modos Antigos de Contestar... — por *Ercília Pinto*. Coimbra, 1971.

Num opúsculo de 28 páginas, apresenta-nos agora esta nossa amiga e colaboradora uma colecção de poesias, em que mais uma vez exemplifica, por vezes de modo notável, a sua veia jocosa e crítica. Abre com «*Diálogo entre Lisboa e Coimbra*», recitada pela autora no dia do Antigo Estudante de Coimbra, na Lapa dos Esteios, em 27-vi-1970» (26 quadras), a que se seguem 19 sonetos e mais duas poesias. As produções mais antigas são: um soneto de 1929 («*Senhora Nova-Rica*»), 1930 («*O Suicida*»), 1938 («*Cruz Alta do Buçaco*») e 1940 («*O Castelo de Leiria*»). É com os dois últimos que fecha o voluminho.

bibRIA

UA/ 22
Nº 957
Data 12 / 1 / 1982

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS AUTORES

	Págs.
AZEVEDO (Alfredo Gonçalves de)	
— <i>Os senhores de Fervedo e Cabeçais</i>	268
CASTRO (Miguel Elísio de)	
— <i>Paços do Curval. (Mais uma achega para a história da freguesia do Pinheiro da Bemposta)</i>	24
CERQUEIRA (Eduardo)	
— <i>Homens e factos de Aveiro.— Relance sobre uma prestimosa colectividade oitocentista</i>	114
COSTA (Eduardo Alberto da)	
— <i>Memórias paroquiais do séc. XVIII. — VIII — Arouca</i>	135
CRUZ MALPIQUE (Manuel da)	
— <i>João Jacinto de Magalhães, natural de Aveiro</i>	3, 85 e 165
DIRECÇÃO	
— <i>O «Clube dos Galitos», notável agremiação aveirense</i>	52
— <i>A inauguração da sede do «Clube dos Galitos»</i>	71
FERREIRA NEVES (Francisco)	
— <i>Subsídios para a história económica de Aveiro no século XVII</i>	38
— <i>Privilegios da vila de Aveiro, concedidos pelo rei D. Filipe I em 1587</i>	245
MACHADO (António de Sousa)	
— <i>Um viajante quinhentista no distrito de Aveiro</i>	110
PIRES DE LIMA (Jorge Hugo)	
— <i>O distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Officio</i> 143, 221 e	278
SARABANDO (João)	
— <i>O «Clube dos Galitos» e a sua notável acção no desporto</i>	53
SERRA (Pedro Cunha)	
— <i>Topónimos do Distrito de Aveiro</i>	201
SIMÃO (José Duarte)	
— <i>Algumas achegas para a história do «Clube dos Galitos» de Aveiro</i>	62
TAVARES (José Pereira)	
— <i>«Tricanas e Galitos em Coimbra»</i>	68
— <i>José Silva (1884-1949) — Um notável mas quase desconhecido autodidacta aveirense</i>	191
NOTAS, ARTIGOS DA REDACÇÃO, E OUTROS NÃO ASSINADOS	
— <i>Bibliografia</i>	323

FIM DO VOLUME XXXVII

*Visitai a linda cidade
de Aveiro*

Ria

BARRA — SALINAS — CANAIS
— BAIXO VOUGA — PAISAGEM
SURPREENDENTE
E ÚNICA EM PORTUGAL

Parque Municipal

LAGO — COURT DE TENNIS
— PATINAGEM —
ENCANTO E DISTRACÇÃO

Museu

PINTURA — ESCULTURA
— ARTE SACRA —
TUMULO DA PRINCESA
SANTA JOANA
(Notável obra-prima do mosaico do séc. XVIII)

Igreja de Jesus

MARAVILHAS DE TALHA
— AZULEJOS

E outros monumentos

L I V R O S

*nacionais e estrangeiros para todas as escolas
do país, encontrá-los-ão sempre na nossa casa*

Mobiliário e material escolar

*o melhor e o mais económico; peçam o catálogo
ilustrado.*

Literatura antiga e moderna

*nacional e estrangeira; peçam os catálogos
respectivos.*

Livros científicos e técnicos

*nacionais e estrangeiros; peçam os catálogos
respectivos.*

*A LIVRARIA SÁ DA COSTA é a única
que reúne todas as secções de livraria.*

Encomendas para o estrangeiro

*mantemos um serviço diário de encomendas, para
todos os países, da maior rapidez e economia.*

LIVRARIA SÁ DA COSTA, EDITORA

Rua Garrett, 100

LISBOA

Telefs. 2 2015 — 2 2016 — Teleg. «Livrosacosta»

LISBOA

VITA-SAL

Chapas PVC-Organit

PESCA DO BACALHAU

PARA BOA COZINHA
UM
SAL DE QUALIDADE

bib.RIA

VITA-SAL

O SAL QUE CONQUISTOU O PALADAR

SOCIEDADE AVEIRENSE DE HIGIENIZAÇÃO DE SAL, L.^{DA}

ESTRADA NOVA DO CANAL—AVEIRO

TELEFONE 24430

Mármore, Espelhos,

- - - Cristais - - -

PLÁSTICOS

Chapas PVC-Organit

onduladas ou lisas, opacas

ou translúcidas; leves,

inquebráveis e incombustíveis;

cores variadas e inalteráveis.

Duração infinda - -

oooooooooooo
oooooooooooo

ESTRUTURAS E COBERTURAS

oooooooooooo
oooooooooooo

Ernesto Correia dos Santos

106 — Rua Comandante Rocha e Cunha — 108

TELEFONE 23317

A V E I R O

Empresa de Pesca de Aveiro

S. A. R. L.

ESTRADA DA BARRA, 9

End. telegráf. SALGUEIROS Telefones 23111/2/3

AVEIRO



PESCA DO BACALHAU

PESCA DO ATUM

PESCA DE ARRASTO COSTEIRO

CONSERVAS DE PEIXE

bibliA

- Produtores de óleo de fígados de bacalhau,
medicinal e industrial
- Instalações de secagem e conservação de
bacalhau na Gafanha — AVEIRO
- Produtores de conservas de sardinha
e atum nas marcas

AVEIRO

RADAR E NOEL

cuja alta qualidade de fabrico lhes garantiram
um lugar de relevo nos mercados
nacional e estrangeiro

PHILIPS

AGENTES EM AVEIRO

TONELUX

AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO, 39

AVEIRO • **TELEF. 24141**

biblioteca

PHILIPS

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

TONELUX

RUA COMANDANTE ROCHA E CUNHA, 100

AVEIRO • **TELEF. 24141**

FÁBRICAS ALELUIA

MAQUINAS DE POLIR TACOS

VIBRADORES BETONEIRAS

AZULEJOS,

LOUÇAS

SANITÁRIAS,

DECORATIVAS

E DOMÉSTICAS

Reparações de máquinas e motores



Preparação de máquinas

Agente dos motores PETER, LOMARDYNE

FÁBRICA ALELUIA

FÁBRICA GERCAR

TELEFONE 22061/2/3

AVEIRO

Oficina de Serralharia

- - - Mecânica - - -

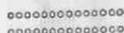


MÁQUINAS DE POLIR TACOS,
VIBRADORES, BETONEIRAS,
MONTA-CARGAS

MÁQUINAS AGRÍCOLAS E REBOQUES

MOAGENS
bibRIA

Reparações de máquinas e motores



Agente dos motores **PETTER, LOMBARDYNE**
e tractores **DAVID BROWN**

António Pereira dos Santos

Rua das Cardadeiras, 45 (Esgueira)

AVEIRO

TELEFONE 22683 P.P.C.

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

Fábrica de moagem
de cereais
e descasque de arroz

Preparação de farinhas
para alimentação de gado,
marca *Beimar*

Telefone PPC 23441

Telegramas: MOAGENS

AVEIRO

PASCOAL & FILHOS, L.^{DA}

PESCA DE BACALHAU E ARRASTO

Rua do Almirante Cândido dos Reis, 135 a 153

Telefone 24578

End. Teleg. — MARIALVA

Apartado 39

A VEIRO

Filial em Matosinhos — Rua do Conde de S. Salvador, 37

Telefone 930519

bibRIA

FROTA

Pesca do bacalhau:

Arrastão — «ANTÓNIO PASCOAL»

Navio Motor — «RAINHA SANTA»

Pesca de arrasto:

Arrastão — «DULCINHA» e Arrastão — «TIMANEL»

Oficinas Mecânicas e **Secadouro de Bacalhau**

na Gafanha — Telefone 22243

L I V R O S

*nacionais e estrangeiros para todas as escolas
do país, encontrá-los-ão sempre na nossa casa*

Mobiliário e material escolar

*o melhor e o mais económico; peçam o catálogo
ilustrado.*

Literatura antiga e moderna

*nacional e estrangeira; peçam os catálogos
respectivos.*

Livros científicos e técnicos

*nacionais e estrangeiros; peçam os catálogos
respectivos.*

*A LIVRARIA SÁ DA COSTA é a única
que reúne todas as secções de livreria.*

Encomendas para o estrangeiro

*mantemos um serviço diário de encomendas, para
todos os países, da maior rapidez e economia.*

LIVRARIA SÁ DA COSTA, EDITORA

Rua Garrett, 100

LISBOA

Telefs. 2 2015 — 2 2016 — Teleg. «Livrosacosta»

LISBOA

*Visitai a linda cidade
de Aveiro*

Ria

BARRA — SALINAS — CANAIS
— BAIXO VOUGA — PAISAGEM
SURPREENDENTE
E ÚNICA EM PORTUGAL

Parque Municipal

LAGO — COURT DE TENNIS
— PATTINAGEM
ENCANTO E DISTRAÇÃO

Museu

PINTURA — ESCULTURA
— ARTE SACRA —
TÚMULO DA PRINCESA
SANTA JOANA
(Notável obra-prima de mosaico do séc. XVIII)

Igreja de Jesus

MARAVILHAS DE TALHA
— AZULEJOS

E outros monumentos

571

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

bibRIA

N.º 146

Abril, Maio e Junho

AVEIRO

1971

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

FUNDADA EM 1935 POR ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL,
FRANCISCO FERREIRA NEVES E JOSÉ PEREIRA TAVARES

DIRECÇÃO DE

FRANCISCO FERREIRA NEVES
JOSÉ PEREIRA TAVARES
EDUARDO ALA CERQUEIRA

DIRECTOR DELEGADO

FRANCISCO FERREIRA NEVES

PROPRIEDADE DE

ALBERTO DE SOUSA MACHADO FERREIRA NEVES
FRANCISCO FERREIRA NEVES
JOSÉ PEREIRA TAVARES

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

SUMÁRIO DO PRESENTE NÚMERO

CRUZ MALPIQUE, *João Jacinto de Magalhães,
natural de Aveiro.*

ANTÓNIO DE SOUSA MACHADO, *Um viajante
quinhentista no distrito de Aveiro.*

EDUARDO CERQUEIRA, *Homens e factos de*

*Aveiro — Relance sobre uma prestimosa
colectividade oitocentista.*

EDUARDO COSTA, *Memórias paroquiais do
séc. XVIII. — VIII — Arouca.*

JORGE HUGO PIRES DE LIMA, *O distrito de
Aveiro nas habilitações do Santo Officio.*

PREÇOS:

ASSINATURA ANUAL 80\$00

NÚMERO AVULSO 25\$00

Cada número tem normalmente 80 páginas.

A doutrina dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores.

VITA-SAL

PARA BOA COZINHA

UM

SAL DE QUALIDADE

bibRIA

VITA-SAL

O SAL QUE CONQUISTOU O PALADAR

SOCIEDADE AVEIRENSE DE HIGIENIZAÇÃO DE SAL, L.^{DA}

ESTRADA NOVA DO CANAL—AVEIRO

TELEFONE 24430

Mármore, Espelhos,

- - - Cristais - - -

PLÁSTICOS

Chapas PVC-Organit

*onduladas ou lisas, opacas
ou translúcidas; leves,*

*inquebráveis e incombustíveis;
cores variadas e inalteráveis.*

- - Duração infinda - -

oooooooooooo
oooooooooooo

ESTRUTURAS E COBERTURAS

oooooooooooo
oooooooooooo

Ernesto Correia dos Santos

106 — Rua Comandante Rocha e Cunha — 108

TELEFONE 23317

A V E I R O

Empresa de Pesca de Aveiro

S. A. R. L.

ESTRADA DA BARRA, 9

End. telegráf. SALGUEIROS Telefones 23111/2/3

AVEIRO



PESCA DO BACALHAU

PESCA DO ATUM

PESCA DE ARRASTO COSTEIRO

CONSERVAS DE PEIXE



- Produtores de óleo de fígados de bacalhau, medicinal e industrial
- Instalações de secagem e conservação de bacalhau na Gafanha — AVEIRO
- Produtores de conservas de sardinha e atum nas marcas

AVEIRO
RADAR E NOEL

cuja alta qualidade de fabrico lhes garantiram
um lugar de relevo nos mercados
nacional e estrangeiro

PHILIPS

AGENTES EM AVEIRO

TONELUX

AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO, 39

AVEIRO • **TELEF. 24141**

bib**R**IA

PHILIPS

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

TONELUX

RUA COMANDANTE ROCHA E CUNHA, 100

AVEIRO • **TELEF. 24141**

FÁBRICAS ALELUIA

A Z U L E J O S ,

L O U Ç A S

S A N I T Á R I A S ,

D E C O R A T I V A S

E D O M É S T I C A S

FÁBRICA ALELUIA

FÁBRICA GERCAR

TELEFONE 22061/2/3

A V E I R O

Oficina de Serralharia

- - - Mecânica - - -



MÁQUINAS DE POLIR TACOS,
VIBRADORES, BETONEIRAS,
MONTA-CARGAS

MÁQUINAS AGRÍCOLAS E REBOQUES

MOAGENS
bibRIA

Reparações de máquinas e motores



Agente dos motores **PETTER, LOMBARDYNE**
e tractores **DAVID BROWN**

António Pereira dos Santos

Rua das Cardadeiras, 45 (Esqueira)

A V E I R O

TELEFONE 22683 P.P.C.

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

*Fábrica de moagem
de cereais
e descasque de arroz*

Preparação de farinhas
para alimentação de gado,

marca *Beimar*

Telefone PPC 23441

Telegramas: MOAGENS

AVEIRO

PASCOAL & FILHOS, L.^{DA}

PESCA DE BACALHAU E ARRASTO

Rua do Almirante Cândido dos Reis, 135 a 153

Telefone 24578

End. Teleg. — MARIALVA

Apartado 39

A V E I R O

Filial em Matosinhos — Rua do Conde de S. Salvador, 37

Telefone 930519

FROTA

Pesca do bacalhau:

Arrastão — «ANTÓNIO PASCOAL»

Navio Motor — «RAINHA SANTA»

Pesca de arrasto:

Arrastão — «DULCINHA» e Arrastão — «TIMANEL»

Oficinas Mecânicas e **Secadouro de Bacalhau**
na Gafanha — Telefone 22248

BOM-SUCESSO

BOM-SUCESSO

CASAS PRÉ-FABRICADAS
PORTAS
PARQUETE

MaDeL

— PLACAS DE AGLOMERADO DE MADEIRA E CIMENTO
— NOVO E REVOLUCIONÁRIO PRODUTO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

- PAREDES INTERIORES E EXTERIORES
- PAVIMENTOS E TECTOS
- COFRAGENS
- ISOLAMENTOS TÉRMICO E ACÚSTICO

Grande economia na construção

João Nunes da Rocha

FÁBRICA E SEDE

AVEIRO

FILIAL

LISBOA—Av. Alm. Gago Coutinho, 53 r/c Dt.

Apartado 21

Telef. 23041/2

Telef. 726218

OFICINAS GAMELAS

(ESTABELECIMENTO RECOMENDADO PELO AUTOMÓVEL

CLUB DE PORTUGAL)

REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS

Reparações mecânicas, electricidade,
carrosserías

Secções

Oficina de pintura, estação de serviço,
peças e acessórios

Serviço permanente de Pronto Socorro

AGÊNCIA DISTRITAL
DOS AUTOMÓVEIS

AUSTIN

Manuel dos Santos Gamelas, Sucs.

Avenida 5 de Outubro, 18

Telefones P P C 22031

22032

A V E I R O

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

DR. ALBERTO FERREIRA NEVES

DR. FIGUEIREDO LEITE

Médicos especialistas

bibRIA

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 49, 2.º, D.º

TELEF. 23965

AVEIRO



FÁBRICAS METALÚRGICAS



FUNDAÇÃO DE FERRO
E LIGAS NÃO FERROSAS

artigos domésticos

acessórios para condutas
adutoras

redes de distribuição de
águas e de saneamento

aparelhagem agrícola e
vinícola

acessórios para instalações
elétricas

artigos para construção civil

fundação em séries ou
peça a peça, a partir de
desenhos ou de modelos

orçamentos
laboratório privativo

AUGUSTO MARTINS PEREIRA, HERDEIROS

SEDE

ALBERGARIA A-VELHA

TELEFS. 5 22 06/7

TELEGR. ALBA

DELEGAÇÃO EM LISBOA

R. DOS CORREIROS, 40. 2.º ESQ.

TELEFS. 32 13 63/4 • LISBOA-2

TELEGR. ALBA

bibRIA

Testa & Amadores, L.^{da}

ARMAZÉM DE MERCEARIAS
POR JUNTO E A RETALHO

*Agentes bancários e depositários
da Companhia Portuguesa de Tabacos*

Telefone - 23826

Telegramas - Testa

Apartado 30



RUA DE EÇA DE QUEIROZ, 2
AVEIRO

L I V R O S

*nacionais e estrangeiros para todas as escolas
do país, encontrá-los-ão sempre na nossa casa*

Mobiliário e material escolar

*o melhor e o mais económico; peçam o catálogo
ilustrado.*

Literatura antiga e moderna

*nacional e estrangeira; peçam os catálogos
respectivos.*

Livros científicos e técnicos

*nacionais e estrangeiros; peçam os catálogos
respectivos.*

*A LIVRARIA SÁ DA COSTA é a única
que reúne todas as secções de livraria.*

Encomendas para o estrangeiro

*mantemos um serviço diário de encomendas, para
todos os países, da maior rapidez e economia.*

LIVRARIA SÁ DA COSTA, EDITORA

Rua Garrett, 100

LISBOA

Telefs. 2 2015 — 2 2016 — Teleg. «Livrosacosta»

LISBOA

*Visitai a linda cidade
de Aveiro*

Ria

BARRA — SALINAS — CANAIS
— BAIXO VOUGA — PAISA-
GEM SURPREENDENTE
E ÚNICA EM PORTUGAL

Parque Municipal

LAGO — COURT DE TENNIS
— PATINAGEM —
ENCANTO E DISTRAÇÃO

Museu

PINTURA — ESCULTURA
— ARTE SACRA —
TÚMULO DA PRINCESA
SANTA JOANA
(Notável obra-prima de mosaico do séc. XVIII)

Igreja de Jesus

MARAVILHAS DE TALHA
— AZULEJOS

E outros monumentos

ARQVIVO
DO DISTRITO DE
AVEIRO
bibRIA

N.º 147

Julho, Agosto e Setembro

AVEIRO

1971

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

FUNDADA EM 1935 POR ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADALIL,
FRANCISCO FERREIRA NEVES E JOSÉ PEREIRA TAVARES

DIRECÇÃO DE

FRANCISCO FERREIRA NEVES
JOSÉ PEREIRA TAVARES
EDUARDO ALA CERQUEIRA

DIRECTOR DELEGADO

FRANCISCO FERREIRA NEVES

PROPRIEDADE DE

ALBERTO DE SOUSA MACHADO FERREIRA NEVES
FRANCISCO FERREIRA NEVES
JOSÉ PEREIRA TAVARES

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

SUMÁRIO DO PRESENTE NÚMERO

CRUZ MALPIQUE, *João Jacinto de Magalhães, natural de Aveiro.*

JOSÉ TAVARES, *José Silva (1884-1949) — Um notável, mas quase desconhecido autodidacta aveirense.*

PEDRO CUNHA SERRA, *Topónimos do distrito de Aveiro.*

JORGE HUGO PIRES DE LIMA, *O distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Officio.*

PREÇOS:

ASSINATURA ANUAL 80\$00
NÚMERO AVULSO 25\$00

Cada número tem normalmente 80 páginas.

A doutrina dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores.

VITA-SAL

PARA BOA COZINHA
UM

SAL DE QUALIDADE
bib.RIA

VITA-SAL

O SAL QUE CONQUISTOU O PALADAR

SOCIEDADE AVEIRENSE DE HIGIENIZAÇÃO DE SAL, L.^{DA}
ESTRADA NOVA DO CANAL—AVEIRO

TELEFONE 24430

Mármore, Espelhos,
- - - Cristais - - -

PLÁSTICOS

Chapas PVC-Organit

*onduladas ou lisas, opacas
ou translúcidas; leves,
inquebráveis e incombustíveis;
cores variadas e inalteráveis.*

- - Duração infinda - -

ESTRUTURAS E COBERTURAS

Ernesto Correia dos Santos

106 — Rua Comandante Rocha e Cunha — 108

TELEFONE 23317

AVEIRO

Empresa de Pesca de Aveiro

S. A. R. L.

ESTRADA DA BARRA, 9

End. telegráf. SALGUEIROS

Telefones 23111/2/3

AVEIRO



PESCA DO BACALHAU

PESCA DO ATUM

PESCA DE ARRASTO COSTEIRO

CONSERVAS DE PEIXE



- Produtores de óleo de fígados de bacalhau, medicinal e industrial
- Instalações de secagem e conservação de bacalhau na Gafanha — AVEIRO
- Produtores de conservas de sardinha e atum nas marcas

AVEIRO
RADAR E NOEL

cuja alta qualidade de fabrico lhes garantiram
um lugar de relevo nos mercados
nacional e estrangeiro

FÁBRICAS ALELUIA

AZULEJOS,

LOUÇAS

SANITÁRIAS,

DECORATIVAS

E DOMÉSTICAS

FÁBRICA ALELUIA

FÁBRICA GERCAR

TELEFONE 22061/2/3

AVEIRO

Oficina de Serralharia

- - - Mecânica - - -

MÁQUINAS DE POLIR TACOS,
VIBRADORES, BETONEIRAS,
MONTA-CARGAS

MÁQUINAS AGRÍCOLAS E REBOQUES

bibRIA
MOAGENS

Reparações de máquinas e motores

oooooooooooo
oooooooooooo

Agente dos motores **PETTER, LOMBARDYNE**
e tractores **DAVID BROWN**

António Pereira dos Santos

Rua das Cardadeiras, 45 (Esgueira)

AVEIRO

TELEFONE 22683 P.P.C.

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

*Fábrica de moagem
de cereais
e descasque de arroz*

Preparação de farinhas
para alimentação de gado,
marca *Beimar*

Telefone PPC 23441 Telegramas: MOAGENS

AVEIRO

PASCOAL & FILHOS, L.^{DA}

PESCA DE BACALHAU E ARRASTO

Rua do Almirante Cândido dos Reis, 135 a 153

Telefone 24578

End. Teleg. — MARIALVA

Apartado 39

AVEIRO

Filial em Matosinhos — Rua do Conde de S. Salvador, 37

Telefone 930519

FROTA

Pesca do bacalhau:

Arrastão — «ANTÓNIO PASCOAL»

Navio Motor — «RAINHA SANTA»

Pesca de arrasto:

Arrastão — «DULCINHA» e *Arrastão* — «TIMANEL»

Oficinas Mecânicas e **Secadouro de Bacalhau**
na Gafanha — Telefone 22243

BOM-SUCESSO

BOM-SUCESSO

CASAS PRÉ-FABRICADAS
PORTAS
PARQUETE

MaDeL

— PLACAS DE AGLOMERADO DE MADEIRA E CIMENTO
— NOVO E REVOLUCIONÁRIO PRODUTO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

- PAREDES INTERIORES E EXTERIORES
- PAVIMENTOS E TECTOS
- COFRAGENS
- ISOLAMENTOS TÉRMICO E ACÚSTICO

Grande economia na construção

João Nunes da Rocha

FÁBRICA E SEDE

AVEIRO

FILIAL

LISBOA—Av. Alm. Gago Coutinho, 53 r/c Dt.

Apartado 21

Telef. 23041/2

Telef. 726218

OFICINAS GAMELAS

(ESTABELECIMENTO RECOMENDADO PELO AUTOMÓVEL
CLUB DE PORTUGAL)

REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS

Seções

- Reparações mecânicas, electricidade, carrosserias
- Oficina de pintura, estação de serviço, peças e acessórios
- Serviço permanente de Pronto Socorro

AGÊNCIA DISTRITAL DOS AUTOMÓVEIS

A U S T I N

Manuel dos Santos Gamelas, Sucs.

Avenida 5 de Outubro, 18

Telefones P P C (2 2 0 3 1
2 2 0 3 2

A V E I R O

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

DR. ALBERTO FERREIRA NEVES

DR. FIGUEIREDO LEITE

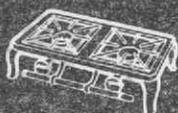
Médicos especialistas

bibRIA

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 49, 2.º, D.º

TELEF. 23965

AVEIRO



FÁBRICAS METALÚRGICAS



FUNDAÇÃO DE FERRO
E LIGAS NÃO FERROSAS

artigos domésticos

acessórios para condutas
adutoras

redes de distribuição de
águas e de saneamento

aparelhagem agrícola e
vinícola

acessórios para instalações
eléctricas

artigos para construção civil

fundação em séries ou
peça a peça, a-partir de
desenhos ou de modelos

orçamentos
laboratório privativo

AUGUSTO MARTINS PEREIRA, HERDEIROS

SEDE

ALBERGARIA-A-VELHA

TELEFS. 5 22 06/7

TELEGR. ALBA

DELEGAÇÃO EM LISBOA

R. DOS CORREIROS, 40, 2.º ESQ.

TELEFS. 3213 63/4 • LISBOA-2

TELEGR. ALBA

bibRIA

Testa & Amadores, L.^{da}

ARMAZÉM DE MERCEARIAS
POR JUNTO E A RETALHO

*Agentes bancários e depositários
da Companhia Portuguesa de Tabacos*

Telefone — 23826

Telegramas — **Testa**

Apartado 30

RUA DE EÇA DE QUEIROZ, 2
AVEIRO

L I V R O S

nacionais e estrangeiros para todas as escolas do país, encontrá-los-ão sempre na nossa casa

Mobiliário e material escolar

o melhor e o mais económico; peçam o catálogo ilustrado.

Literatura antiga e moderna

nacional e estrangeira; peçam os catálogos respectivos.

Livros científicos e técnicos

nacionais e estrangeiros; peçam os catálogos respectivos.

A LIVRARIA SÁ DA COSTA é a única que reúne todas as secções de livraria.

Encomendas para o estrangeiro

mantemos um serviço diário de encomendas, para todos os países, da maior rapidez e economia.

LIVRARIA SÁ DA COSTA, EDITORA

Rua Garrett, 100

LISBOA

Telefs. 2 2015 — 2 2016 — Teleg. «Livrosacosta»

LISBOA

*Visitai a linda cidade
de Aveiro*

Ria

BARRA — SALINAS — CANAIS
— BAIXO VOUGA — PAISAGEM
SURPREENDENTE
E ÚNICA EM PORTUGAL

Parque Municipal

LAGO — COURT DE TENNIS
— PATINAGEM —
ENCANTO E DISTRAÇÃO

Museu

PINTURA — ESCULTURA
— ARTE SACRA —
TÚMULO DA PRINCESA
SANTA JOANA
(Notável obra-prima de mosaico do séc. XVIII)

Igreja de Jesus

MARAVILHAS DE TALHA
— AZULEJOS

E outros monumentos

ARQVIVO
DO DISTRITO DE
AVEIRO

bibRIA

N.º 148

Outubro, Novembro e Dezembro

AVEIRO

1971

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

FUNDADA EM 1935 POR ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL,
FRANCISCO FERREIRA NEVES E JOSÉ PEREIRA TAVARES

DIRECÇÃO DE

FRANCISCO FERREIRA NEVES
JOSÉ PEREIRA TAVARES
EDUARDO ALA CERQUEIRA

DIRECTOR DELEGADO

FRANCISCO FERREIRA NEVES

PROPRIEDADE DE

ALBERTO DE SOUSA MACHADO FERREIRA NEVES
FRANCISCO FERREIRA NEVES
JOSÉ PEREIRA TAVARES

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

SUMÁRIO DO PRESENTE NÚMERO

FRANCISCO FERREIRA NEVES, *Privilégios da
vila de Aveiro concedidos pelo rei D. Fi-
lipe I em 1681.*

ALFREDO GONÇALVES DE AZEVEDO, *Os senho-
res de Fervedo e Cabeçais.*

JORGE HUGO PIRES DE LIMA, *O distrito de
Aveiro nas habitações do Santo Officio.*

Bibliografia.

Índice alfabético dos autores do vol. XXXVII.

PREÇOS:

ASSINATURA ANUAL 80\$00
NÚMERO AVULSO 25\$00

Cada número tem normalmente 80 páginas.
A doutrina dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores.

BOM-SUCESSO

BOM-SUCESSO

CASAS PRÉ-FABRICADAS
PORTAS
PARQUETE

MaDeL

— PLACAS DE AGLOMERADO DE MADEIRA E CIMENTO
— NOVO E REVOLUCIONÁRIO PRODUTO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

- PAREDES INTERIORES E EXTERIORES
- PAVIMENTOS E TECTOS
- COFRAGENS
- ISOLAMENTOS TÉRMICO E ACÚSTICO

Grande economia na construção

João Nunes da Rocha

FÁBRICA E SEDE

AVEIRO

Apartado 21

Telef. 23041/2

FILIAL

LISBOA—Av. Alm. Gago Coutinho, 53 r/c Dt.

Telef. 726218

OFICINAS GAMELAS

(ESTABELECIMENTO RECOMENDADO PELO AUTOMÓVEL
CLUB DE PORTUGAL)

REPARAÇÕES
DE AUTOMÓVEIS

Reparações mecânicas, electricidade,
carrosserias

Seções

Oficina de pintura, estação de serviço,
peças e acessórios

Serviço permanente de Pronto Socorro

AGÊNCIA DISTRITAL
DOS AUTOMÓVEIS
AUSTIN



Manuel dos Santos Gamelas, Sucs.

Avenida 5 de Outubro, 18

Telefones PPC { 22031
 } 22032

A V E I R O

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

DR. ALBERTO FERREIRA NEVES

DR. FIGUEIREDO LEITE

Médicos especialistas

bibRIA

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 49, 2.º, D.º

TELEF. 23965

AVEIRO



FÁBRICAS METALÚRGICAS



FUNDAÇÃO DE FERRO
E LIGAS NÃO FERROSAS

artigos domésticos

acessórios para condutas
adutoras

redes de distribuição de
águas e de saneamento

aparelhagem agrícola e
vinícola

acessórios para instalações
eléctricas

artigos para construção civil

fundição em séries ou
peça a peça, a partir de
desenhos ou de modelos

orçamentos
laboratório privativo

AUGUSTO MARTINS PEREIRA, HERDEIROS

SEDE
ALBERGARIA-A VELHA
TELEFS. 5 22 06/7
TELEGR. ALBA

DELEGAÇÃO EM LISBOA
R. DOS CORREIROS, 40. 2.º ESQ.
TELEFS. 32 13 63/4 LISBOA-2
TELEGR. ALBA

bibRIA

Testa & Amadores, L.^{da}

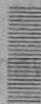
ARMAZÉM DE MERCEARIAS
POR JUNTO E A RETALHO

*Agentes bancários e depositários
da Companhia Portuguesa de Tabacos*

Telefone - 23826

Telegramas - **Testa**

Apartado 30



RUA DE EÇA DE QUEIROZ, 2
AVEIRO

VITA-SAL

PARA BOA COZINHA

UM

SAL DE QUALIDADE

bib**RIA**

VITA-SAL

O SAL QUE CONQUISTOU O PALADAR

SOCIEDADE AVEIRENSE DE HIGIENIZAÇÃO DE SAL, L.^{DA}

ESTRADA NOVA DO CANAL—AVEIRO

TELEFONE 24430

Mármore, Espelhos,

- - - Cristais - - -

PLÁSTICOS

Chapas PVC-Organit

onduladas ou lisas, opacas

ou translúcidas; leves,

inquebráveis e incombustíveis;

cores variadas e inalteráveis.

- - *Duração infinda* - -

oooooooooooo
oooooooooooo

ESTRUTURAS E COBERTURAS

oooooooooooo
oooooooooooo

Ernesto Correia dos Santos

106 — Rua Comandante Rocha e Cunha — 108

TELEFONE 23317

A V E I R O

Empresa de Pesca de Aveiro

S. A. R. L.

ESTRADA DA BARRA, 9

End. telegráf. SALGUEIROS Telefones 23111/2/3

AVEIRO



PESCA DO BACALHAU

PESCA DO ATUM

PESCA DE ARRASTO COSTEIRO

CONSERVAS DE PEIXE



- Produtores de óleo de fígados de bacalhau,
medicinal e industrial
- Instalações de secagem e conservação de
bacalhau na Gafanha — AVEIRO
- Produtores de conservas de sardinha
e atum nas marcas

AVEIRO

RADAR E NOEL

cuja alta qualidade de fabrico lhes garantiram
um lugar de relevo nos mercados
nacional e estrangeiro

PHILIPS

AGENTES EM AVEIRO

TONELUX

AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO, 39

AVEIRO • **TELEF. 24141**

bib**R**IA

PHILIPS

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

TONELUX

RUA COMANDANTE ROCHA E CUNHA, 100

AVEIRO • **TELEF. 24141**

FÁBRICAS ALELUIA

AZULEJOS,

LOUÇAS

SANITÁRIAS,

DECORATIVAS

E DOMÉSTICAS

FÁBRICA ALELUIA

FÁBRICA GERCAR

TELEFONE 22061/2/3

AVEIRO

Oficina de Serralharia

Mecânica

MÁQUINAS DE POLIR TACOS,
VIBRADORES, BETONEIRAS,
MONTA-CARGAS

MÁQUINAS AGRÍCOLAS E REBOQUES

MOAGENS
bibRIA

Reparações de máquinas e motores

oooooooooooo
oooooooooooo

Agente dos motores **PETTER, LOMBARDYNE**

e tractores **DAVID BROWN**

António Pereira dos Santos

Rua das Cardadeiras, 45 (Esqueira)

AVEIRO

TELEFONE 22683 P.P.C.

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

Fábrica de moagem
de cereais
e descasque de arroz

Preparação de farinhas
para alimentação de gado,
marca *Beimar*

Telefone PPC 23441

Telegramas: MOAGENS

AVEIRO

PASCOAL & FILHOS, L.^{DA}

PESCA DE BACALHAU E ARRASTO

Rua do Almirante Cândido dos Reis, 135 a 153

Telefone 24578

End. Teleg. — MARIALVA

Apartado 39

A V E I R O

Filial em Matosinhos — Rua do Conde de S. Salvador, 37

Telefone 930519

FROTA

Pesca do bacalhau:

Arrastão — «ANTÓNIO PASCOAL»

Navio Motor — «RAINHA SANTA»

Pesca de arrasto:

Arrastão — «DULCINHA» e *Arrastão* — «TIMANEL»

Officinas Mecânicas e **Secadouro de Bacalhau**

na Gafanha — Telefone 22243